

O Ateniense

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA «BARÃO DO RIO BRANCO»

ANO 4.

❁ S. Luiz, 12 de janeiro de 1915 ❁

NUM. 49



O Ateniense

Continuando a carreira brilhante que o conhecido orgam desta sociedade, «O Canhôto», trilhava ha três anos, sempre garbôzo, de vitoria em vitoria, surge hoje «O Ateniense», substituto esperançôzo daquele, iniciando os seus passos, contente e triunfante, na certêza de que terá o mesmo acolhimento gentil que o pôvo ledôr, a imprensa brazilica e estrangeira vinham proporcionando ao seu estimado antecessôr.

É bem crente desta acolhida, é bem convencido da bondade excelente dos inumeraveis apreciadores e amigos que êle se levanta procurando enaltecer um pouco mais o fulgôr das honrózas tradições de que nós maranhenses temos gozado como batalhadores das letras.

O motivo que nos fez efetuar a mudança do nome já bastante conceituado, todos de certo conhecem sobejamente, pois éra incrível e irrizorio que uma agremiação literaria, sob o patronato da figura mais altaneira da nossa historia patria, tivesse como orgam oficial um periodico com um nome tão mesquinho e inexpressivo como o éra «O Canhôto».

«O Ateniense», titulo sugestivo

que tomamos para nomear o nosso timoneiro constante, melhor revêla os fins para que trabalhamos e melhor exprime os nossos idéaes.

Militantes de uma Sociedade Literaria, só podemos e devemos procurar erguer o mais alto possivel o pendão gloriôzo das nossas tradições.

Não queremos dizer, porem, que as agremiações literarias têm o dom de formar sabios, não; mas seja dito tambem que, si os não formam, pelos menos, o que já é uma grande ventura, aparelham os seus membros para lutar denodadamente pelas letras, e aparelhar para as letras é enobrecer a patria.

O Maranhão, pelo talento incomparavel dos seus filhos amados e ilustres, dentre os quaes se destacam as estrelas deslumbrantes que foram João Lisbôa e Gonçalves Dias, teve um passado de glorias benditas, transbordante de triunfos, pelo que mereceu o loiro de Atenas Brasileira.

Antonio Lobo, o mestre amigo que nos guia os passos, com o tino experimental, por esta verêda sublimidade do progresso pelo estudo, com outros tantos homens do seu quilate, sustenta, abnegadamente esta centelha que ainda flameja, quazi a se apagar das nossas tradições, do nosso passado de glorias.

A mocidade de hoje, representada por nós que procuramos o estudo como lenitivo á vida, fundou varias agremiações de letras, e é belo de ver o garbo, a dedicação, o fulgôr com que cada uma délas procura honrar as nossas celebradas glorias, aumentar aquêlas reminiscencias de ontem que tanto nos confortam.

Entre estas sociedades moireja a nossa, como uma pequenina chama que se bate para tornar maior a irradiação magnifica de um sól de primavêra, que batalha incessante, com toda a vontade e amor pelo levantamento dessa gloria, envaidecida e grata pela distinção e carinho que ha dois anos vem encontrando no seio da sociedade maranhense.

A sua vida, embôra sustentada a custo, pelos sacrificios desmedidos de um grupo entuziasta de valorôzos militantes contra a opozição, tenaz e fôrte que lhe fazem os beócios do obscurantismo, ovelhas malditas e desprezíveis que, antes de procurar o seu bem estar, sentem um prazer imenso na ante-vizão fantastica de sua quêda e de sua ruina, tem sido aproveitavel e gloriôza.

A luz vence as trevas, as letras suplantam a ignorancia e estes opozicionistas, exaltados na gloria iluzoria da imaginação apodrecida, caem

“O Ateniense”

Antigo «O CANHOTO»

Literario, humorístico e noticioso

Rua 28 de Julho, n. 53 — Maranhão.

Presidente, *Hilton Fortuna*; Vice-presidente, *El-Zuila Souza*; 1.º Secretário, *Djalma Fortuna*; Tezoureiro, *Joaquim Luz*; 2.º Secretário-bibliotecario, *José Vieira*.

Assinatura anual..... 2\$000

“O Ateniense” será enviado á imprensa, mediante permuta.

Aceitam-se anuncios por preços módicos.

EXTERNATO RIO BRANCO

Séde—Rua 28 de Julho, 53

Curso primario e secundario

DIURNO, das 7 ás 11 horas.

NOTURNO, das 19 ás 22 horas.

O ensino obedece os mais modernos metodos até agora introduzidos nas escolas.—Preço modico.

redondamente e rastejam como vermes no lodaçal do desprezo, enquanto que éla passa triunfante, orgulhosa e robustecida entre os aplausos dos homens e das coizas, caminhando direita pela trilha que o destino lhe apresenta e sob o vulto benfazejo do insigne e saudôzo Barão do Rio Branco, cuja figura altaneira ilustra hoje as nossas pajinas, entre as homenajens humildes e sinceras que com todo o ardôr de brasileiros lhe tributamos, as suas esperanças mais se engrandecem.

O Trabalho tem sido a nossa divisa, o progresso é o nosso fanal.

Solidificados, sempre, havemos de lutar sem esmorecimento pelo nosso ideal, pelos credits da nossa futura agremiação que se ufana de ter o patronato do inesquecivel brasileiro e contar entre os seus socios as figuras altaneiras e majestozas da literatura:—Coelho Netto, Olavo Bilac, Teixeira de Souza e o mestre querido Antonio Lobo

«A vida é combate
Que aos tracos abate,
Que aos fortes, aos bravos
Só pode exaltar!»

Um belo exemplo

Entrou no seu terceiro ano de existencia a sociedade literaria Barão do Rio Branco.

O fato constitue exceção na regra geral da vida das nossas agremiações de letras. De ordinario, o entusiasmo, que lhes dá nascimento, muito pouco dura.

E quando a gente cuida que as vê prosperando desassombradas, já ha muito que morreram de inanição. E não só agora, como em todos os tempos, sempre foi assim. A inconstancia é predicado cardeal de todas as tentativas desse genero, empreendidas pela mocidade. São *rosas de Malherbe*, que apenas vivem o tempo preciso para perfumar o ambiente em que floreceram, e deixar perenalmente, nas almas pelo mesmo delicias, a imorredora saudade do seu perfume.

Aqui, porem, as coizas se vão passando de modo diverso.

Ha mais de dois anos, um grupo de rapazes, estudantes na sua quasi totalidade, fundou a sociedade literaria Barão do Rio Branco. E a fé, que então lhes robustecia a ação, nem de leve se arrefeceu ainda. Muito ao contrario disso, parece que cada vez mais se fortalece, á proporção que vão surjindo os efeitos praticos da sua influencia benéfica. A sociedade prospera dia a dia. Tem um organo na imprensa, cuja publicação se mantém numa regularidade absoluta. Realiza infatigavelmente as suas sessões, promove conferencias literarias, e busca, emfim, por todos os meios, afirmar a sua existencia e distender a sua esfera de influencia literaria.

Ora, eis aí, portanto, um belo exemplo a seguir, um estímulo poderoso de reação contra a regra geral acima apontada. Que as sociedades literarias podem viver muito tempo, aí o está brilhantemente demonstrando o exemplo da Rio Branco. E' mera questão de boa vontade e de trabalho. Nada mais.

Sigam-lhe todas o exemplo. Façam todas como ela. Insurjam-se contra a rotina. Trabalhem com ardor e com fé e os obstaculos, que lhes estorvam a marcha, se esborarão num momento. E todas viverão, como ela está vivendo, prosperas, felizes e desassombradas, perpetuando assim a tradição luminosa que sempre fez do Maranhão a mais literaria de todas as terras brasileiras.

São os votos que aqui lhes deixa, a todas, quem sempre vio com muito interesse e muito carinho essas nobres tentativas da mocidade, em prol do desenvolvimento das letras da sua terra. Não só pelo que elas prometem para o futuro maranhense, como também pela reminiscencia toda pessoal, que lhes trazem, dos tempos longinuos em que andou também, como os moços de agora, a fundar aqui, com os moços do seu tempo, agremiações literarias que infelizmente muito pouco viveram, mas que, nem porisso, deixarão de representar também um esforço desinteressado pela grandeza mental do Maranhão.

Antonio Lobo.

Que espera a mocidade?

Depois das convulsões de carater dito politico que agitaram, aqui e ali, o organismo da Nação, combalindo-o e esfacelando-o dolorosamente, no decurso de quadrienio governamental que acaba de extinguir-se, a esperança nacional, empobrecida pelas deziluzões, volta-se angustiosamente de todos os recantos do Paiz para a figura do novo Presidente, a observar-lhe os gestos e ponderar-lhe as palavras, como para descobrir nestas e naqueles o indicio promissor de que vamos, afinal, encontrar o desejado lenitivo ás agruras de toda a sorte que nos vêm affijindo, abateendo, exgotando, ha tanto tempo. E os primeiros atos desse homem silencioso que nos conduz agora na vida politica deixa-nos entrever alguma ainda vaga e dúbia promessa do soerguimento das forças amortecidas do povo.

Entramos, sem duvida, numa nova fase da vida nacional em a qual poderão despertar energias adormecidas e por isso mesmo fortificadas, aptas a agitar novas aspirações, cultiva-las e orientalas para a realização definitiva e eficaz dos seus deignios. E se neste periodo de tranzição, que se revela, falar nos vontade e esforço para apreender e impulsionar o que de proveitôzo houver nas novas tendencias que vierem surjindo, em vez de uteis, perigozos se nos apresentarão os processos do evoluir imponderado.

Ante essa corrente, pois, que se ha de forçosamente formar, descabido será que a mocidade toda se detenha nas cojitações, tardiamente produtivas, de exclusiva literatura, como acontece entre nós. Maior erro será, ainda, deixar se levar pelas influencias avassaladoras das esteries preocupações da mal orientada politica partidaria dos nossos dias, sem justos ideaes e são principios—que é o grande mal da nossa Patria—elemento demolidor das instituições dignas de existirem, entrave do nosso progresso, dissolvente de caracteres e abismo exgotante das nossas fontes de força e vida.

A' mocidade, portanto, cumpre, para segurança do seu proprio futuro, pôr-se denodadamente ao serviço de novas conquistas soclaes. sob a influencia positiva da prudente meditação e do trabalho proficuo.

Sujere-nos estas observações um fato novo que acaba de abalar moralmente o remendado edificio dos nossos costumes politicos: a candidatura do Dr. Aquiles Lisboa á deputação federal por este Estado, sua terra natal, sem filiação partidaria, como éle proprio o declara no manifesto, que dirige aos eleitores maranhenses, condensando em rapidas palavras, com a precizão absoluta e integral da verdade, a flagrante expressão dos seus benéficos intuitos e a inteira compreensão do dezamparo em que vivemos.

Este nobre gesto de civismo, extraordinario nos tempos que correm, é evidente sinal de que um sentimento novo de defazôgo e esperança nos invade o espirito, acenando-nos um futuro melhor.

Que dêle se aperceba a mocidade e nêle se inspire e por êle se guie, prestando-lhe, com o arrebatamento salutar, de seiva nova e estuante, todo o seu abnegado apoio, izento de interesses menos puros e pleno de confortadoras simpatias e dedicações.

Hélio.

Lágrimas de uma noiva

Enquanto naquêla noite escura e tempestuôza, apenas aclarada, de quando em quando, por ofuscantes relampagos seguidos pelo ribombar estrepitôzo dos trovões, uma chuva torrencial caía em bâtegas sobre o lajêdo, dos passeios nos vastos salôis do Conselheiro Pereira Sales uma densa multidão de cavalheiros e damas, num ciclar unizono de festa, palravam alegremente, esperando, dezensofridos, que a orquestra rompesse a primeira valsa, onde aquêles corações felizes de jovens enamorados, unidos carinhosamente num aconchego voluptuôzo, deviam exhibir as suas habilidades no voltar estonteantê da dansa.

Ali encontrava-se desde o estudante pelintra até as mais altas patentes militares: condes, barões, baronezas, viscondessas e também poétas vadios, assim como raparigas pobres, filhas de algum muzico ou pintôr de nomeada, mas sem protetôres, sem dinheiro...

Confundiam-se na mais perfeita intimidade e das etiquêtas que são peculiares ás receções dos titulares, ali não se fazia uzo.

Nos intervalos da dansa, quando a escuridão do céu tempestuôzo de há pouco já havia sido substituída pela claridade tenue de uma lua embaciada, pelos jaruns da vasta propriedade do Conselheiro, de quando em quando, passeava um gárrulo par, confundindo com a luz brilhante e densa dos focos de gazolina os seus olhares sequiozos de desejos. O imperceptível murmúrio de suas confidencias, o farfalhar das folhas e o *tic tac* das gotas de orvalho que se desprendiam dos arbustos baloiçantes, formavam como que um hino de saudação, semelhante ao trinar do passarêdo que saltita de galho em galho sobre um regato de cristalina agua que desliza sutilmente; com passos inconcientes, inebriados pelos acôrdes sonóros da orquestra lonjinqua percorriam a alamêda, onde o perfume balsamico de rozas e bugaris czava-se com o halito sadio de seus corpos robustos, e entao, entre as ramajens do carramanchão, beijos tímidos, alucinados, deliciosos... eram trocados!

Namorados infelizes, velhos saudózos da sua juventude e quarentonas desesperanças encontravam naquêle fausto, naquêla intimidada decomo que um balsemo sacrosanto para a lembrança de seus gozos passados, para a dezilusão de seus sonhos irrealizados...

Todos sentiam-se felizes; apenas Eunice, a filha do Conselheiro, deixava transparecer, no seu amortecido olhar, um constranjinmento inquietadôr: sentia a auzença do noivo, o joven Conde Roland.

Roland éra um verdadeiro fidalgo: vinte e dois anos, porte esbelto, fino trato, amante do esporte e preferido por um sem numero de moças cazadoras.

Depois do seu curso brilhante e rapido na universidade de Bruxélas, entrou a esbanjar a fortuna de seu pái, levando uma vida de aventuras e desregramentos. As bailarinas da Opera e as cartas do Clube eram preferiveis á convencia da familia, á noiva que o estremecia.

Naquela mesma noite, quando os convidados do Conselheiro saíam pelas ruas inda lamacentas, um carro, fechado e escoltado por uma força da guarda noturna, conduzia, silenciosamente, para a detenção, o joven Conde Roland, que fóra surpreendido em flagrante delito de roubo na casa bancaria de seu pái, no mesmo momento em sua noiva, a infeliz Eunice, recolhia-se, suspirando amargamente, aos seus apoentos de virjem amavel...

Vieira da Luz.

O Ano

Tombou sob o pezado fardo de infortunios e maleficios inarraveis o velho 1914, como um Judeu moderno, que, seguindo as nôrmas adotadas pelo seu fado maldito, inspirado pelo elementos máus, impôz á humanidade, figura sacrificada do «Cordeiro Pascoal», as mais cruentas especies de penares, os mais agudos sofrimentos que se podem praticar no espaço de 365 dias infernais.

Caiu como um desprezado dos homens, sem uma lagrima de saúdade, sem um gemido de compaixão.

O seu desaparecimento foi marcado pelo ribombar sinistro do canhão e pelo sópro devastador da metralha que sacrificava impiedosamente as rejiôis bellissimas da Europa onde o Trabalho perseverante tinha erguido os seus magnificos productos, deslumbrando o mundo inteiro, em vez de ser pelo cucuritar sonôro e saudôzo do galo de lejendariedade infalível.

Surjiu, depois da sua quêda nefasta, o pobre 1915 que, em vez de vir satisfeito, sorridente e afavel, como souberam aparecer seus antecendentes, trouxe a cabeça ensanguentada e doida, o ventre faminto, as garras aduncas e prontas para a luta continuada do devastamento, os olhos coalhados de sangue como um fantasma hediondo que amedronta e que persegue.

E nós, depois de termos suportado aquêle que viveu para o mal, vamos, sabe Deus com que sacrificios, aturar este cuja vida já se nos apresenta de exterminio.

Enfim, como não temos para onde apelar, esperamos que o novo blóco surto ás nossas vistas se desfolhe na iluzão de que talvez lá para mais tarde a viração seja outra e começemos então a fruir o que o futuro nos possa rezervar de bom.

O dezanimo antes de servir para o alevantamento do estado deprimente

em que nos deixou o malogrado 1914, traz o acarretamento infalível, de maiôres e mais lastimaveis infortunios.

Trabalhemos que com o trabalho, pelo minimo, poderemos sufocar por instantes, a grita colossal dos dissabôres.

Feijó.

Inspirações femininas

Aurora de luz, rumores de festas, sorrir de criança, murmúrio de cristalinas fontes, arrulo de rola, esvoacar de colibri, sonho de amor... — a poteoze sublime que povôa a mente onde não passou ainda o halito esteril da dezilusão!

O verdadeiro amor não encontra obstaculos

Era Renelde uma menina loira, mas de um loiro queimado que lhe dava um ar encantador. Seu porte era meigo e anjelial, seu olhar cativante e atraente possuía o espirito culto e investigador.

Gostava muito das flôres.

Desde a sua meninice que se acostumára a brincar no jardim; cada flôr era para si uma amiga, uma confidente sincera de suas alegrias e de suas tristezas.

Aos primeiros albores da manhã, já se achava entre as flôres a colhe-las, depois, ia sentar-se num banco, embaixo de um carramanchão, onde formava diversos ramalhietes para depôr no tumulto de seus queridos pais, que perdêra na mais tenra idade.

Depois de passar muitas horas, admirando as suas lindas flôres e de cumprir a sua tarefa quotidiana, dirigia-se ao piano, tocava algumas peças agradaveis como o sorriso que deixava escapar dos seus rózeos labios, ternos como o seu olhar. Assim passava a sua vida, que todos julgavam feliz.

Pura iluzão!

Amava um e éra destinada a outro.

Uma tia, que a havia criado, queria que se cazasse com um certo rapaz.

A pobre menina detestava-o; não tinha, porém, corajem de contrariar a tia e assim vivia com a alma envolvida na mais cruciante dôr.

—Renelde, disse a tia, Joel, neste momento, diz que pretende a tua mão, é vem pedi-la; é do teu gosto, queres?

—Não; e nunca consentirei em despoza-lo!

Estas palavras produziram na velha o efeito de um pezadêlo; ficaram todos surprezos ao ouvir aquêla resposta firme e inabalavel.

—Não posso consentir; desde a infancia que amo Elie, os nossos corações se acham unidos estreitamente com laços que jámais se poderão quebrar.

—Que estás a dizer, interveio a tia, então não sabes que Elie é pobre e não poderá dar-te a vida que Joel te promete?

—Sei, respondeu a menina, não amo a riqueza;—de que serve a ostentação, a aparente felicidade da materia, proporcionadas por um, com o coração prezo a outro?

Elie não é tão pobre, é honeato e trabalhador.

Ulalzel.

A minha bandeira

A bandeira da patria dos palmares,
a bandeira sem véu
que reflete o verdor dos nossos mares
o azul do nosso céu
e a opulencia dos intimos tezoiros
que a nossa patria no seu seio oculta,
entre as bandeiras de mais verdes loiros
como a primeiras avulta !

Quando, ao sol, ó bandeira estremecida !
a viração das selvas te desdobra
mais sonhos, mais amor, mais crença e vida
nosso peito recobra;
e desde o vale fundo á oblonga serra
uma harmonia esplendida se faz,
ó meu balsão purissimo de guerra !
ó meu balsão jaspissimo de paz !

Que da vitoria sempre e grato aroma
te embalsame do azul, em brando afago !
Que como as aguias marciaes de Roma
e as fortes catapultas de Cartago
sejas mais glorioza
ó bandeira de amor da patria amada !
mais béla que a palheta milagrosa
que o sol empresta aos raios da alvorada !
Quer envolvas um heroe prostado morto
no campo da batalha, ou alviçareira
tremas num mastro, dominando um porto,
és a mesma bandeira !
Tuas côres são canções mudas. Inteiro
nosso peito por ti palpita e canta
nos braços luminosos do Cruzeiro
que te fez glorioza e te faz santa !

O' bandeira querida
—trecho do céu que um céu de amor encerra,
que eu no topo dos sonhos trago erguida,
quer nos sorria a paz, quer seja guerra !
Envolve-me na hora derradeira
ó sagrado pendão !
De ver-te de oiro e verde assim, bandeira,
já verde e de oiro tenho o coração !

Maranhão Sobrinho.

Sofrimento

Sôfro. Curto a chorar a dôr dos meus penares
Neste mundo onde tudo é solidão que mata,
Desde a mimóza flôr que á briza se dilata
Ao sol que traz na luz a vida para os lares.

—Si canta um passarinho á tarde alegremente,
E me aproximo dêle em meu destino errante
Cessando de captar recolhe-se um instante
E espera-me passar pra modular contente,...

Si quando em meu sofrer contemplo o firmamento,
Olhando a imensidão que vai do espaço em fóra,
Tudo escurece logo e o bello azul descóra
E eu me entrego a chorar ao triste pensamento...

Si no espasmo voraz da lugubre paixão
Beijo uma fresca flôr tão linda e perfumóza
Ela perdendo o aroma esvai-se langoróza
Deixando as côres, murcha, a se rojar no chão...

—Ando na terra vil inospito de abrigo,
Mitigo a amarga sêde em lagrimas dos olhos
E sempre assim vagueio á tóa em mar de escolhos
Tristonho a mendigar o bem que não consigo...

—O meu viver penante é todo magua, enfim,
Almejo ardentemente o instante derradeiro
Para aclamar do peito este infernal brazeiro,
Porque ninguem suporta o sofrer tanto assim!..

Hilton Fortuna

Saudade

(A quelqu'une)

Senhora. Eis uma pajina sentida
De minh'alma tristonha, em flôr da idade
Onde em tudo respira uma saudade
Do teu ultimo olhar de despedida.

Ai ! como sofre est'alma enlanguecida,
Ante esses duros golpes da verdade
Que as doces iluzões de uma vaidade
Desfaz numa agonia... ó triste vida !...

Adeus ! leva meu triste pensamento,
Minha doce esperança, o afêto ardente
Que por ti concebi, forte, opulento.

E eu ficarei á minha dôr entregue,
Ao meu grande sofrer, á dôr punjente
Da saudade sem fim que me persegue.

Fran Junior.

A voz do amor

Nessa pupila rútila e molhada,
Refugio arcano e sacro da Ternura,
A ampla noite do gôzo e da loucura
Se dezenróla, quente e embalsamada.

E quando a ancióza vista desvairada
Embebo ás vezes nessa noite escura,
Dêla rompe uma voz, que, entrecortada
De soluços e canticos, murmura...

E'a voz do Amôr, que, em teu olhar falando,
Num concerto de supplicas e gritos
Conta a historia de todos os amôres;

E vêm por éla, rindo e blasfemando,
Almas serenas, corações aflitos,
Tempestade de lágrimas e flôres...

Olavo Bilac.

1º de Janeiro

Confraternização dos povos. O ano
Surje entre galas, muzicas, fulgôres,
Cada qual traça á vida novos planos,
Brilham nos corações novos ardôres.

Paz entre os homens ! no litijio insano
Da vida abracem-se os competidôres !
E o auri-verde pendão republicano
Passa, entre aclamações, envolto em flôres.

Nesta data gentil, que simboliza
A luz e o amôr,—os meus ideáes supremos,
Fico em caza, em mangas de camiza.

—Querida, esquece os—"pegas" que
E hoje que o mundo em paz confraterniza,
Num longo beijo confraternizemos...

D. Xiquete.

Traços & Troças

Obedecer a seus paes—é dever do bom filho. Com este titulo, que sabe a moral, já perdi a maioria dos meus leitores, bem conheço. Mas não importa; passemos adiante. Vou citar aos restantes um caso autentico, que é um verdadeiro exemplo de obediencia filial. E como não dezero pagar-lhes a benevolencia com maçadas, lá vá obra:

—Tendo a crize violado a neutralidade do Silveira, indo estabelecer quartel general nas suas aljibeiras: abalou este de sua terra (Portugal) e veio para o Brazil, tentar fortuna.

Acostumado, porem, á vida ociôza que lhe proporcionára meia duzia de contos de réis herdados a um tio, fôr-lhe de todo impossivel unir-se ao trabalho. Tornava-se-lhe mistér, portanto, cavar a vida de outro modo, que não pelo esforço. Mas, como conseguiu-lo, sem infringir ao 7.º mandamento? Ora, para o Silveira, rapaz de curso, não faltariam meios. E, a julgar pelos acontecimentos, não faltavam mesmo, pois numa béla tarde de agosto o nosso herói cazava-se por amor com a viuva de um seu patricio, que possuia "um modesto dote de cem contos", como éle dizia.

Dessa abençoada união houve um fruto: um rapazôla robusto, esperto, que era "a cara do pái", diziam.

Entre toda a sorte de confortos, cercado das caricias paternas, o Silveirinha chegou á idade de 12 anos.

Rezolveram, então, mandá-lo para o Rio, estudar preparatorios.

A partida foi comovente: pái, mãe e filho, enlaçados, confundiam ás suas lagrimas.

Ao deitar-lhe as bençãos da despedida, Silveira aconselhou-o:

—Cuidado! não te deixes levar por maus conselhos. Tens em teu pái um estímulo, um bom exemplo a seguir.

Em casa do Silveira havia festa. Esperava-se, nesse dia, um irmão de Mme., que devia trazer noticias do rapaz, por isso que vinha do Rio.

Trazia, de fato. Estava um homem feito, forte, mas havia muito que abandonará os estudos por cauza da filha de um enjenheiro, com a qual andava de namôro.

A indignação do Silveira foi ao auge. Podia lá ser! Pois se não havia ainda um mez que lhe mandara dinheiro para um dicionario francez!?

—Deve ser isso mesmo, homem, observou-lhe o cunhado; dizem que a moça fala francez divinamente bem. E' provavel que o rapaz esteja a aprender com éla...

—O caso não é para ironia, protestou. Então eu aqui a fazer economia, a sacrificar-me para o manter com decencia e éle a gastar ás mancheias e sem proveito!...

—Não é tal; eu o acho até muito fiavel. Pelo menos...

—?!

—E' como te digo: o futuro sôgro do rapaz, o tal enjenheiro, possui oitocentas apolices federaes, todo um quartelão de cazas na Tijaca...

—Ouves? perguntou Silveira á esposa

—Mme, então, distraidamente, ex-

clamou, tendo nas mãos uma fotografia antiga do filho:

—O! como o acho agora parecido contigo!...

C. V.

Uma candidatura simpatica

E' justamente por se ter apresentado, ao eleitorado maranhense, pedindo o seu voto espontaneo, verdadeiro e justo, e não recomendado por uma facção politica em evidencia, que nós, a mocidade, aplaudimos e acolhemos, carinholo e confiadamente, a candidatura do Dr. Aquiles Lisbôa, para um dos nossos futuros representantes na Camara Federal.

Si não fôra uma candidatura genuinamente afastada de idéas politicas, não ouzariamos, nunca, declinar a nossa opinião, visto não nos facultar este direito o nosso programa.

Sendo, porem, como o é, não poderíamos deixar de trazer o nosso insinificante, mas verdadeiro apoio.

Que o Dr. Aquiles Lisbôa é digno do espinhózo encargo, que, por amor e devotamento á sua terra, quer abraçar, e que nem todos sabem desempenhar como éle o saberá, já pelo alto gráu de intelijencia de que é dotado, já pela retidão de seu caracter nada ambiçôzo de fortuna e posição, não precisa que o reptamos: os fatos e opiniões abalizadas bem o demonstram.

Caza Bordalo

DE

Joaquim Ferreira Bordalo Sucessor

Rua Grande, 27—Maranhão

Encontram-se CALÇADOS para homens, senhoras e crianças, em todas as côres, e dos melhôres fabricantes nacionaes e estrangeiros.

Grande emporio de cabedaeas para sapateiros

Preços sem competencia, porem só a dinheiro.

Com ares de cronica

ANTIGA «A' TOA»

Desde muito tempo mantenho esta seçãozita de pequenas cronicas de atualidade, desempenhando-me, assim, da incumbencia que nosso chefe impôe a cada um de nós. Como o nosso jornal não é mais *canhóto*, e tudo quanto cheirar a *esquerdo* e com éle conviveu fizemos desaparecer por completo, tambem rezolvi mudar o titulo desta minha chusma de garatujas, que todos os numeros apresento aos leitores. Assim dôra avante lerão «Com ares de cronica» em vez de «A' tôa».

Não tem o leitor amigo notado que a verborréa cessou mais um pouquinho

nas festas literarias? Teriam sido o conselhos sabios do confrade A. B. da «Pacotilha» que apaziguaram a *falação* das festas literarias? Creio que sim.

Tenho comparado e notado que já não existe aquela chusma de discursos—mui raramente uma minucioza biografia, uma saudação aos progressos de uma colega sociedade, etc. O que é preciso agora é acabar com alguns poetas de «meia tijela» que quando se apegam ao piano julgam que os assistentes estão dispostos a aturar as «espumas de suas larvas» e esbravejam amôres por todos os lados, amôres platonicos, mal correspondidos e quando se faz lembrar, atendendo á impaciencia dos que assistem, que recite atualidade, então o pobre *kaiser* é o martir, por ser a figura da atualidade. Eu em trez festas que fui ouvi em todas, com muitos bizes, a poezia *epica* «O kaiser maldito», recitada por um novel vate que se vai tornando cada vez mais *indispensavel* ás festas de letras e... dansa.

Ha por aí quem queira solicitar do comendador Satiro Cardozo, que ora se quer apresentar á deputação local, algumas produções suas, para, juntas com as do nosso herói do parnazo maranhense, serem publicadas em um faciculo prefaciado pelo Galiza, o que certamente virá preencher uma grande lacuna na literatura hodierna.

D. F.

Fatos e Fitas

TALENTO E... BOMBA...

Atarracado no chavão apertado de uma das portas do salão, o perfeito, o indefectivel bedél chamava, um por um, compassadamente, os candidatos inscritos para o exame da ultima materia componente de tirocinio definitivo.

A cada palavra como que um ciclone terrivel perpassava entre o grupo de estudantes que fóra esperavam a «hora fatal», hirtos, gelidos, comovidos e nervozos, como se fossem sentenciados certos de sua pena por um crime monstro que jamais seria perdoado.

E á proporção da chamada, transpunham o humbral, cabeça baixa, gesto acanhado como justiciados do Santo Oficio.

A banca examinadora já lá estava grave e solenemente repimpada naquella austeridade intranzijente de julgamento, e nem siquer um sorriso animador de esperança deixava esboçar ás pobres vitimas tristes e medrozias.

O ambiente éra morno e para os estudantes pairava em todos os cantos o algoz impiedozo do dezastre que reprovava e simplifica.

De entre aquele grupo mudo e palido destacava-se uma joven rozada, com os cabelos bipartidos em bandós a que dois pompozos laços azues davam um aspecto festivo e interessante.

Farfalhando o costume de cambraia nova e dura de goma, exclusivamente preparado para aquele ato importante e sério, éla tomou assento na primeira carteira, mostrando-se indiferente na sua despreocupação calma e certeza plena do seu talento educado a custa de muito estudo.

O lente quiz iniciar os trabalhos por ela, talvez por achar o seu ar gracioso, e chamou-a.

Ela levantou-se pronta e abrindo um srecho dos «Luziadas», escolhido pela sorte das urnas, leu com uma voz firme, clara e precisa, com um tique de pedantismo e pretensão, sibilando os ss, acentuando fortemente as silabas, com uma pontuação demonstrada, dando a entender a sua habilidade.

Para os estudantes outros, aquele preludio foi a antevizão do successo de uma distinção redonda e bem merecida.

A coisa até aqui ia muito bem.

Agora, disse o examinador: queira a senhorita analizar o ponto, dividindo-o em orações e depois de classifica-las, demonstre analiticamente a oração principal.

A joven examinanda endireitou os bandos e, passando uma revista rapida nas oito linhas da estancia, desdobrou a fileira dando por páus e por pedras, dividindo «a torto e a direito».

—Qual é a principal?

—E' esta.

—Porque?

—Porque está no principio.

O lente olhou espantado para os outros mas cabeceou afirmativo.

—Adeante.

—A segunda é uma clausula adverbial de modo.

—Porque?

—Porque tem um sujeito e um predicado...

Desta vez além do espanto e da olhada houve um rizinho abafado, mal contido e mofador.

—A outra, como diz?

—Coordenada sindetica.

—Porque?

—Porque além de ter um sujeito e um verbo possui outros termos que lhe rejeim dando-lhe uma predicaçao incompleta...

Desta vez os lentes de declararam satisfeitos pelos... dislates e um formidavel zero coroou a sapiencia bestunta daquela professora...

O que eu não sei dizer é si os outros seus coalunos tiveram corajem para alguma coisa depois daquele exemplo funesto e dezanimador...

Hilpafor.

Avé Amôr!

(Para o Hilpafor)

A luz coada do quarto crescente alumina frouxamente aquele ameno retiro onde, de quando em quando, surjia o vulto de burguez pacato que a passo tardio ia respirar o ar fresco e saudavel daquelas cercanias, buscando assim conforto á sua sensaboria.

Lá muito além, passava a balastrada onde se destacavam silhuetas esparsas, reclinadas contra o peitoril, na attitude de quem entoava ao mar as suas endeixas.

Para a amplidão, miriades de cintilantes luzeiros bordavam o negro véo da noite, como prestando suas homenagens á deusa dos poetas, que deixava refletir sua pálida imajem nas aguas mansas do rio que ia desembocar, lonje, no mar.

No centro era o ajardinado do parque onde vejetavam em pleno viço touceiras de plantas mimozas e pequenas arvores que sombreavam um pouco de encontro ao refléxo dos reverbérios.

Aí era a frequencia alácre dos passeantes.

Entre as frondes dos palmares vagueava, esfuziante, o bóreas, ajitando num sussurro poético o folhame curvo e farfalhante.

O espesso tapete de relva miuda, estendido ao longo do parque, abafara o passo ligeiro de um vulto furtivo que se esgueirava entre os arbustos, interrogando ora o espaço, o mar, as estrelas e o relójo do amôr que dentro em si tiquetaqueava em febre.

E'ra uma dessas esplendorozas noites de estio em que o poeta sente a necessidade de recorrer á natureza afim de que esta lhe empreste sua harmonia, para dar mais realce á sua óde; buscar outro universo que comporte melhor suas fagueiras iluzões.

—Banha-me, querida, com a doce luz do teu bondozo olhar; lê na minha alma a expressão do meu amôr; dá-me o Sorriso, fonte perene das minhas esperanças!...

—Sinto-me transportado ás soberbas rejões de névoas, esse mundo ideal de rózeas sonhos, numa febre palpitante de amôr...

—Amas-me?!...

—Sim, amo-te... tenho a alma ferida pela mesina sêta que traspassou o teu coração...

—O!... e eu dizia que o amor só existia na imajinação dos poetas!... recebe toda a minha alma em paga de tua bondade.

—Unamo-nos na doce comunhão de um afêto ardente...

E doces suspiros evolveram-se no supremo gozo de um beijo ardente de amôr enquanto a natureza sadia e forte emprestava a sua sublimidade para festejar aquele idilio de duas almas fortes e sadias que rendiam o preto de homenagem ao seu unico deus—o Amôr....

Irbér

PROTOCOLO

Recebemos do «Antigal» do Dr. Machado, uma folhinha para parede, que agradecemos.

Vizitaram-nos «O Binoculo», de Sapucaia é «Ave Liberta», revista de ciencias ocultas do grupo Fé e Esperança desta cidade. Gratós.

Em delicados cartões cumprimentaram-nos pela entrada do ano novo: A União Militar da Guarda Nacional, o tenente coronel Augusto Olímpio de Moraes Guimarães, Secretario Geral do comando da Guarda Nacional e proprietario da grande Manufatura de fumos e cigarros Moraes, o nosso consocio Vitor P. d'Azevedo, desta cidade, e a Diretoria do Gabinete Camocinense de Leituras, de Camocim, Ceará. O Dr. Neri de Medeiros, Diretor-chefe do «O Imparcial», cumprimentou a nova Diretoria desta sociedade.

Desvanecidos agradecemos e retribuimos á todos os votos de prosperidade.

GRATIS



Peça sem demora, por carta ou bilhete postal, o "SUPPLEMENTO ILLUSTRADO" DO Mensageiro da

Fortuna, que será enviado gratis pelo correio. E' indispensavel a quem quizer saber e praticar o Hypnotismo e o Magnetismo, revelando tambem os meios para ganhar ao jogo e ser rico, saudavel e feliz em amores e em negocios.

Peça-o hoje mesmo ao Sr. Aristoteles Italia—Caixa Postal 604—Capital Federal.

Sociedade Literaria Barão do Rio Branco

Realizou-se, a 1.ª do corrente mez, a sessão de posse da diretoria eleita para este exercicio, começando ás 19 horas, com numeroza assistencia de socios e convidados.

O socio Djalma Fortuna antes de deixar o cargo de prezidente, leu sua mensajem relacionando os trabalhos efetuados na sua gestão.

Em seguida prestaram compromisso e assumiram o exercicio dos cargos de Prezidente e Vice-prezidente, respectivamente, o Sr Hilton Fortuna e a senhorita El-Zuila Souza, eleitos na sessão de 13 de dezembro.

O Prezidente, empossado, fez as seguintes nomeações: 1. secretario, Djalma Fortuna; tezureiro, Joaquim Luiz, 2. secretario bibliotecario José Carneiro Vieira, que assumiram logo os seus cargos.

Uzaram da palavra o prezidente e vice-prezidente, a senhorita Zuleida Bojéa, prezidente da Oficina João Lisboa, Raimundo Abreu e Henrique Guimarães.

Finalmente orou o confrade Antonio Lobo, que num eloquente improviso incitou os moços ao progresso.

Encerrada a sessão, o socio Djalma Fortuna, iniciou a sua palestra humoristica sobre Os Mandamentos, sendo bastante aplaudido.

—Pediram exoneração os socios efectivos José Manoel Nogueira Vinhaes e Djalma Vasconcelos.

—No proximo domingo, ás 9 horas, haverá sessão extraordinaria, esperando-se a compareancia de todos os socios.

Entalação

«João Fagundes encontrando seu colega Antonio Bertas, dormindo, enfiou-lhe pelas narinas um talo de côfo, matando-o quasi instantaneamente».

(Dos telegramas.)

Ora aqui está o que acertadamente a guria qualifica de «morrer entalado».

Havia de o pobre Antonio se estirar numa rede, sonhando com os anjos que naturalmente lhe mostravam um dos portões do ceu, aberto, estivado de pedrarias ofuscantes e atapetado de flôres perfumozas e pequeníssimas, e aparecer esse dezalmado João, que antes deveria ser Belzebuth, e sem mais esta e sem mais aquela enterrar inteiro e rapido nas cavernas nazaes do coitado, e um talo de pindóba, fino, sêco, e venenôzo!

Coração de aço, alma de chumbo, conciência de aluminium!

Tipo impenetravel que nem mesmo o remorso pode consumir.

Só a idéa dêle fazer do nariz do outro cova de enterrar talos é que eu acho mais interessante!

Neste mundo ha gente para tudo.

Não viram outro dia, já me não lembro quando, o artigo de *uma filha querida*, estampado em uma das folhas daqui reclamando contra o ato abuzivo de um rapaz que *seduziu e raptou* a sua estimada mãe, na idade de 75 anos, e reclamando solenemente contra a hipoteze de qualquer casamento?

Foi outra especie de *entalação*...

Aquela foi real e palpavelmente vizível e esta outra foi simuladamente real e... comica

São coizas da vida que vêm atrair a atenção publica ao ridiculô e escandalôzo.

Onde se ja viu uma senhora de tanta idade ser *furtada* como acontece as vezes com as senhoritas incautas?

Sô na China...

Sim, na China, porque ali é o paiz soberbo das orijinalidades, a unica *republica* que vai ter um perpetuo presidente... com direito de escolha em caso de sucessão...

Isto é tambem entalação, e entalação grossa.

A entalação mais vulgar, porem, é a que experimenta o pobre diabo ante a furia inacalmavel do feroz credor, em principios de mez, quando o dinheiro não apareceu e nem deu esperanças de aparecer nas suas tizicas e incomfortaveis algibeiras.

O entalação, eu te amaldição sem ser papa e sem ser... *kaizer*.

Hélio Facatú

Rejisto elegante

UNIÃO ESTUDANTAL

«SILVIO ROMERO»

Por essa futuroza agremiação de lêtras fomos convidados para assistir ao sarau litero-dansante que promoveu a 24 de dezembro ultimo.

De bom grado acedemos ao honroso convite, fazendo-nos representar pelos nossos consocios Hilton e Djalma Fortuna, que de lá trouxeram as mais gratas recordações.

Uzaram da palavra diversos oradores entre eles o illustre professor Antonio Lobo, dissertando sobre a candidatura do principe D. Luiz á Academia Brasileira de Letras.

a festa organizada pelo Sociedade Estudantal «Machado de Assis», a 30 do passado, constando de uma representação teatral e da anunciada conferencia humoristica pelo intellijente moço Astrolabio Caldas.

O novel conferencista foi bastante aplaudido pelo selêto auditorio. Gratos pelo convite com que nos honraram.

Essa mesma associação realizou, a 31 do dito mez, uma sessão literaria, seguida de animada *soirée* dansante. Convidado a prezidir a sessão orou o nosso confrade Djalma Fortuna, agradecendo a honra que lhe foi conferida.

OFICINA «JOÃO LISBOA»

A 2 do corrente uma comissão dessa Oficina veio convidar-nos para a *soirée blanche* ali efetuada nesse dia. A festa correu ao contento de todos.

Representaram-nos os confrades Djalma Fortuna e Joaquim Luz.

JOZÉ CARNEIRO VIEIRA

Completa mais um ano de cultivada existencia, a 15 do corrente, o intelligente e laborizo confrade Jozé Carneiro Vieira. distinto empregado do municipio e ativo 2.º secretario da nossa sociedade.

JOZÉ SIMIÃO DE ASSIS

Transcorreu, no dia 5 deste, a data natalica do nosso amigo Jozé Simião de Assis, chefe da seção de obras graficas da Imprensa Oficial.

Ao distinto funcionario apresentamos os mais sinceros emboras.

E'-nos imensamente grato cumprimentar ainda os seguintes adniversariantes:

Dia 1.º, a Exm.ª Sr.ª D. Zaira Roza Campos, espoza do abalizado professor Raimundo Campos; dia 2, a senhorita Aurelia Borralho; dia 3, a Exm.ª Sr.ª D. Marneva Beleza, o capitão Vicente Marques Ferreira e o Dr. Jozé C. Berredo Lisboa, pai do nosso consocio Manuel Lisboa; dia 4, o menino Antonio Holanda; dia 6, a Exm.ª Sr.ª D. Alzira Ericeira, filha do comandante Pires e espoza do coronel Leandro Ericeira; a 7, a simpatica senhorita Sinhazinha Carvalho, filha do nosso amigo Sebastião Carvalho; dia 11, a intelligente menina Maria Jozé Campos; dia 15, o Sr. Coronel Emiliano de Almeida Braga, funcionario da Secretaria da Justiça; dia 16, a senhorita Maria Roza Estrela, aplicada aluna do Liceu Maranhense; dia 23, o intelligente joven Raimundo Braga; dia 25, a professora normalista Naiza Silva, filha do Major João Marques da Fonseca e Silva; dia 27, o Conego João dos Santos Chaves, conhecido educador e lente de latim do Liceu Maranhense; dia 30, a Exm.ª Sr.ª D. Amelia Torres, virtuozza espoza do sr. Major Tiago Rodrigues Torres, diguo 2.º delegado de policia e no dia 31 a graciosa senhorita Laura Souza.

DJALMA FORTUNA

Acompanhando as exmas. sras. D. D. Joaquina de Vasconcelos Pires, Alzira

Pires Ericeira, Ester Fortuna Pires, que foram em vizita ao túmulo do malogrado Antonio de Vasconcelos Pires, ha pouco falecido, seguiu para o Coroatá, no dia 5 do corrente mez o nosso talentôzo confrade Djalma Fortuna, pretendendo demorar se apenas 15 dias.

Uma feliz viagem a todos são os nossos votos.

ARTISTA ESPERANÇOZO

Deu-nos o prazer de sua amavel vizita o joven dezenhista, Raimundo Porciuncula de Moraes, ha pouco chegado do vizinho Estado do Pará, onde esteve aperfeicoando o seu estudo.

O distinto moço abriu no salão do Cinema S. Luiz, uma brilhante exposição de alguns dos seus bêlos trabalhos, o que lhe tem proporcionado encomiasticas referencias.

Que continue sempre em progresso, são os nossos votos.

DR. CARLOS MARQUES

A 15 do corrente mez, o nosso prezado amigo Dr. Carlos Marques, estimado farmacutico desta Capital, terá a ventura de ver transcorrer mais um ano do seu precioso viver, tão util á sua exma. familia e tão caro á sociedade que honra com os seus meritos de alto cavalheirismo e de aprimorado muzicista.

Ao que nos consta os seus inumeros amigos promovem-lhe uma significativa manifestação de apreço que de certo estará a altura do seu merecimento.

Ao illustrado aniversariante «O Ateniense» envolve num abraço de fraternidade os mais sinceros vótos de felicidade perene, felicitando ao mesmo tempo sua prezada familia.

Gramatica dos namorados

«A mulher é um adjetivo que precisa concordar com o substantivo homem, para estar gramaticalmente na sociedade.

O namoro é um adverbio de tempo com um complemento determinativo: o casamento.

Os arrufos são orações incidentes no periodo da adoração.

Quando pensam em tornar espoza procuram logo a oração principal; o dote.

O verbo amar é de todos os verbos da lingua o mais irregular.

Ha mulheres que não sabem absolutamente conjugar-o, porque esquecem o tempo e as pessoas.

Quantas vezes um rapaz deixa de cazar, porque a mulher — preposição — pede depois complemento tranzitivo — a carruagem?

Uma solteirona bem conservada é um preterito perfeito; se for entrada em anos, é um preterito imperfeito.

Uma destas priminhas que logo aos treze anos começam a gostar de um primo, porque os pais vêm nele um bom casamento é um futuro condicional, que se torna futuro absoluto, se aparece outra mulher que saiba cativar o priminho.

Quando se faz uma declaração de amor

conjugua-se o verbo no modo indicativo do tempo presente.

Uma tração no amor é uma conjunção disjuntiva.

Quando uma mulher olha para um homem, conjugua o verbo—amar, na segunda pessoa do singular, tempo presente do modo imperativo:— Amas tu?

Quando não si pode dizer ao certo se uma mulher gosta de Pedro ou Paulo, é porque ha uma ambigüidade.

Quando se não vê namoro conhecido em uma mulher, deve dizer se: o sujeito está occulto por elipse.

Quando dois namorados esfriam é porque andam nas declamações.

Quando ele e ela conversam devagarinho (a um canto da sala), estão entre parentezis.

Póde se dizer indiferentemente: o meu amor—ou o meu complemento objetivo.

Quando ele, ainda novo, se apresenta muito ciumento, põi na oração um completo circumstancial de modo, como ha de ser quando cazar-se.

A arte de levar com socego um negocio de amor, chama-se syntaxe.

Um pai se vai tomar informações do namorado da filha, está fazendo uma — análise de oração—e busca conhecer o sujeito.

Estudar a etimologia de uma mulher é ver quais os namorados que tem tido.

Uma dessas melherações corpulentas é um superlativo de mulher, e uma creaturinha pequena e muito leve; é um — diminutivo de mulher.

Quando o pai proibe expressamente a filha que namore, Pedro ou Paulo, põi um ponto final no período; porém, ela ás vezes muda-o para simples virgula...

A criada que leva as cartinhas dela a ele é um verbo auxiliar.

Namorar duas ao mesmo tempo, é um pleonasmio.

A mulher que fala do seu namorado, póde dizer; é o seu substantivo proprio.

Os olhos ás vezes dizem amor; e a boca modifica o sentimento.

Os olhos são radical e a boca—dezenencia

As mulheres que nunca namoram, são verbos substantivos; não póde ter complemento objetivo, quando muito tem attributo.

Os homens que namoram todas as mulheres são substantivos comuns.

Aquele que namora um só é substantivo proprio.

Um coração sem amor é um verbo impessoal.

Do distinto confrade diretor d'«O Martelo» recebemos a seguinte circular que gostosamente publicamos:

O MARTELO

Temos o dever de comunicar aos prezados assinantes e leitores do nosso modesto jornalzinho «O Martelo» que se acham prontas as edições do mesmo relativas aos mezes de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro do corrente ano, porém impedidas de seguirem a seus destinos porque a Repartição dos Correios d'aqui exige agóra, para isso, a taxação de 20 reis por 50 gramas em vez

Sr. Prezidente da Sociedade Literaria BARÃO DO RIO BRANCO

RUA 28 DE JULHO 153—MARANHÃO

Remeto-vos a importacia de dois mil reis para uma assinatura anual d'O ATENIENSE, organ dessa sociedade.

Nome.....

Residencia.....

Cidade e Estado.....

Em..... de..... de 191.....

de 10 reis por 100 gramas, como pagam todos os jornaes brasileiros. Como não nos tivessemos conformado com essa decizão, foi o cazo afeto ao Sr. Diretor Geral dos Correios no Rio, de cujo *verdictum* está dependendo a expedição dos 4 numeros atrazados, o que faremos sem perda de tempo, logo que for rezolvida essa duvida.

Que nos desculpem, pois, por esse grande atrazo os nossos estimados assinantes.

«A Redção d'«O Martelo».
Maranhão,—2 12—1914.

Grize & Companhia

As sugestões que me cauzavam os ultimos momentos nefastos do infeliz 1914, completando estabonado os seus 365 dias, foram, para mim, como talvez para muitos, das mais dezoladoras e enexprimiveis amarguras.

Olhando para um lado deparei, sobre a minha branca velhusca de trabalho, um montão colossal de cartões de felicidades pelo Ano Novo que alguns dos meus bondózos amigos tiveram a fidalguia excelente de me enviar, e voltando-me para o outro lado vi, amontoadas, espantozamente as contas de meu prezado alfaiate, do meu simpatico sapateiro, do meu conversador barbeiro, do afavel açougueiro, do esforçado farmaceutico e finalmente de todos os que têm a honra de me vender generos, graciosamente fiados.

Balanceando uma coiza com outra dei o dezespero solene que nestas ocasiões traji-comica, costuma atacar a gente limpa e concencioza, e se não fosse o pedacinho da esperança que alimento, talvez que uma capsula Mauzer estaria hospedada em meu craneo e o mundo dos fantasmas teria, forçozamente, de aceitar a minha candidatura para a eternidade.

Felizmente tal não aconteceu.

Li vagarozamente os cartões todos; reli com atenção as contas e depois, fleugmaticamente, comecei a fumar um cigarrinho, lendo as noticias da guerra.

A guerra é o lenitivo para todos os males e o sabór de todos os paladares.

O artista a devóra com estudos e calculos; o poeta lhe compõe estrofes inspiradas; o romancista lhe descreve as tragedias.

Todos dela se aproveitam, e seguindo portanto as normas estabelecidas eu mandei aos meus *semprre lembrados* credóres, como presente de festas um cacho de bananas sêcas, mandando-lhes dizer pelo portador que «a guerra» me tem proibido a satisfação das minhas obrigatoriedades, tão sérias e intransferiveis.—H.

Eu quizera, Dadá, nestes meus versos
Cantar essa harmonia, esses primores,
Dessa quadra ideal, cheia de flores
Que cruzamos gentis, num sonho inersos.

Eu quizera num elo entro os cantores
Que pelo mundo afora estão dispersos
Traduzir fielmente, nestes versos,
Esses divinos sonhos multicores.

A DADA

Tudo é sublime, tudo é um paraizo
Na flor da vida... o encanto assim medito
Nalma me vem o alvor do teu sorriso.

E' que hoje passa a glorioza data
Do teu natal e aqui te felicito
Neste postal que um sonho meu retrata.

J. Ribeiro.

POSTAL

(Num dia de anos)

PARMÁZO

Mandamento

O opalino coral de vossas tranças
Lubrifica o brilhante de meu peito,
Afaga-me o nariz. E as contra-dansas
Se desfazendo vão chorar no leito.

Eu não juro por vós que sem nuanças
Apertando este amôr pratique feito;
Mas eu juro, querida, sem bonanças,
Pelo Deus que no céu muito respeito.

Eu não sei comparar o meu amôr,
Que de rôxo que é não tem mais côr.
Eu só posso dizer:—amôr pra burro!

Se amizade não é tudo que fiz
Permito que apliqueis em meu nariz
De mão fechada um formidável murro.

Dante Faria.

Um despacho

Inda me lembro como foi custôzo
Ela aceitar o meu cartão doirado,
Onde eu pedia, muito apaixonado,
Que ela me desse o seu amôr ditôzo.

Tive em resposta um cartãozinho airôzo,
Feito com geito e todo perfumado:
«—Cedo afinal, mas fique condenado
A abandonar o seu costume idôzo

De namorar sem proporção. Doquinha».
—Fiquei pasmado, mas estava aceito.
E uma semana inda este amôr não tinha,

Fui despachado, pois não tinha geito,
Outro cartão co'assinatura minba,
Pedindo o amôr de sua irmã:—«Desfeito».

Fran Junior.

Maldição

Gemendo pela dôr, e dôr acerba e forte,
Em furia insana chóra, atassalhando o peito,
Európa, ninho d'arte, assim, quazi desfeito,
No tentac'lo sanguineo e horrífico da môrte.

O campo de batalha é hoje o triste leito
Onde o soldado, exausto, em ultimo transporte,
Beija a bandeira amada e, sem raivar á sorte,
Morre sem ter de mãi um ósculo perfeito.

O sangue, em jorro infando, a macular a terra,
Ensôpa o que de bélo e grande o mundo
encerra
Deixando em dezabrigio infantes na orfandade...

—Guerra devastadôra, archóte vil de Marte,
Que exterminas infame a Luz, o Amôr e a
Arte,
Maldita sejas tu pra toda a eternidade!

Hilton Fortuna.

«O Ateniense»

Antigo «O CANHOTO»

Literario, humorístico e noticioso

Rua 28 de Julho, n. 53—Maranhão.

Presidente, *Hilton Fortuna*; Vice-presidente, *El-Zuila Souza*; 1.º Secretário, *Djalma Fortuna*; Tezoureiro, *Joaquim Luz*; 2.º Secretário-bibliotecario, *Jose Carneiro Vieira*.

Assinatura anual..... 2\$000

«O Ateniense» será enviado á imprensa, mediante permuta.

Aceitam se anuncios por preços módicos.

então o seu nome respeitavel terá o seu maior fulgor na historia.

Nós, que temos o seu nome patrocinando os nossos labores nesta agremiação de letras, depomos na sua memoria excelsa, envolvido no manto das saudades acabrunhadoras, o protesto mais fiel do nosso respeito e da nossa mais eloquente veneração.

—Descança, querido Barão, insigne Mestre dos Mestres que nós, pequenos embôra, junto a tua personalidade, sabemos admirar o fulgor da tua irradiação magnifica naquilo que ha de mais nobre—o carater!

«Que fizeste por nós, nunca se esquece
Cada labio brasileiro tem uma prece

Para te, ben, dizer;

O teu nome pedidas de como um astro,
Passando porque a Rea deixa um rastro
Exije agôr saber!
eis por 50 gr

Uma carta honroza

Do illustre conterraneo Dr. Aquiles
Lisbôa recebemos a missiva abaixo que
com muito prazer damos publicidade:

«Meus jovens patriocios.

Ao carinhoso favor de um amigo, certamente, deve o prazer de haver recebido um numero d' «O Ateniense», organ do gremio literario que constituistes para o culto civico da memoria gloriosa de Rio Branco. Mais grata me não poderia ser a surpresa. Um jornal da mocidade maranhense, vicejando maravilhosamente, n'um como xerofitismo patriotico, sobre os escombros de um Maranhão com balido, era motivo poderoso para que o recebesse n'uma reação emocional tão intensa, que me levasse até á sensação indefinida de que me nao cabia no peito o coração estuante, a bater transbordando de alegrias, que só nos podem jerar as boas novas da terra estremecida, em que se nos mergulham as profundas raizes da existencia!

Foi assim, meus jovens e queridos patriocios, que deramei extaticamente os meus olhares pelas paginas do vosso magnifico. «Ateniense». Ao conforto espirital pela manifestação do civismo maranhense, que se traduz na vossa publicação jornalística, juntou-se-me o da certeza, que esse abençoado mensageiro ainda me veio trazer, de que na deteza da nossa Helade, ameaçava de sossobro, eu vos poderei ter como espartanos a meu lado!

Eis aqui uma verdade que predissera com segurança se, antes de a estampardes no vosso jornal como decizão do nosso gremio, deste tivera noticia. Confesso, com amarga sinceridade, a triste ignorancia em que vivia da existencia na minha terra da *Sociedade Literaria Barão do Rio Branco*! Não deixa de ser isso uma prova da indiferença em que aqui se vive para com o Maranhão, verdade esta que logicamente se compreende na esfera de

outra mais jeral que é a apagada atividade politica dos Estados nortistas. No Norte só ha *partidarismo*, com partidos obedientes a chefes sem ideaes positivos. E' o grande mal. Onde não ha idéas definidas, planos claramente traçados, principios estabelecidos, não se pode orientar a opinião: sem a corrente, o movimento desta, não ha força evolutiva, que é a manifestação evidente da vida. E' por isso que os Estados nortistas hibernam no esquecimento, parecidos n'uma escravidão lamentavel.

Não me poderieis pois deixar de aceitar as idéas. Sois moços e é com a mocidade principalmente que os povos decadentes se refazem, como que concentrando nela todas as suas energias para escalar as muralhas, que limitam o progresso. Os moços, como vós, são essas unidades vitaes equilibradoras de que os corpos sociaes se socorrem com eficiencia nas crises orgânicas porque atravessam. No espirito do moço acumula-se ainda inexgotado todo o potencial que a hereditariedade patriotica lhe transfunde sob a forma encantadora da esperança. Todo moço é um crente no futuro que se ajrta no presente sob a inspiração animadora dos mais nobres ideaes.

Meus jovens patriocios: na ação em que me empenho atendendo ao nosso Maranhão, que nas suas ruinas me apontou imperioso o caminho do meu dever, estava pois escrito que me viria em auxilio infalivel o contigente de vossa opinião. Acreditei que á recebido muito carinhosamente como mais um incentivo poderoso para não desfalecer na luta em prol de nossa terra, que não pode mais viver apenas de esperanças que se não realizam já descrente como se acha de promessas enganadoras porque se não consubstanciaem n'um compromisso directo formalmente tomado com o seu povo; nossa terra, nosso Maranhão, para o qual as *bôas intenções* são paliativo que não mais produz efeito e cujo levantamento requer esforços mais

abnegados e positivos. Como seu representante federal ou não, aqui ou ali, onde quer que me possa movimentar, estarei pois com vós e mais os paladinos que se queiram devotar á causa, para rompermos a capsula enquistada da nossa Atenas queri-la, para a qual havemos de reconquistar, á golpes de esforço patriótico, o lugar de destaque que lhe cabe na federação.

E' campanha que só nos deixará de conduzir á victoria, se formos indecisos na ação e não soubermos desentranhar de nossa personalidade a precisa capacidade de resistencia. Avante, mocidade, como soldados que não levam outra divisa senão: ou a gloria, ou a morte!

Vosso patriótico admirador e grato.

Achilles Lisboa

Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1915.

Palavras Vagas

Diz-se por aí, abertamente, em alta voz, que nós maranhenses temos a supremacia no dom de imitar. O mal, na verdade, é, por nós, grandemente cultivado, não o contendo.

Estou de perfeito acôrdo com o que disse o V. . . , num interessante dialogo pela «Pacotilha,» ha pouco. O sr. Z. . . , porem, tenha santa paciencia! Naquella sua apreciação ao dialogo do V. . . esquecendo-se de que estamos em tempo de guerra, quebrou a neutralidade que mantemos com os outros Estados do nosso territorio e tambem do territorio alheio, dizendo sêr nosso, inteiramente nosso, o officio da imitação.

Que não estou na altura de dirigir *ultimatum* ao Sr. Z. . . , contando as suas afirmativas, bem o sei. O que quero, porem, é que esse fulgurante cronista se convença, mesmo sem confessar, de que exajerou um pouco os nossos costumes.

Imitamos, é bem verdade, mas aí pelo mundo afora muita gente faz outro tanto — ainda que em emprezas máis dignificantes, que não sejam cinemas, botequins, armazens de caldo de cana, sociedades literarias, etc.

Para provar o que venho afirmando, citarei, apenas, uma historia antiga, com um certo cunho de verdade, que me foi lembrada ha pouco por um velho camarada:

— Ainda no tempo da monarchia, existia em Minas um velho que tinha a mania de criar passaros. Havia na sua farta coleção um velho papagaio que só dizia, mas com perfeição, estas palavras: «Viva D. Pedro II, nosso Imperador»...

Ora, indo o imperador numa viagem de excursão a Minas, ouviu, quando o povo o aclamava delirantemente,

a franca expansão do papagaio, posto de proposito em um lugar de onde pudesse ser visto e ouvido

O coração benigno de Pedro II ficou cativo a tão grande patriotismo daquele bicharôco, e como prova de gratidão mandou ao dono alguns contos de réis. A população sabedora do cazo não trepidou; entrou a comprar papagaios a torto e a direito. Durante muito tempo os campos de Minas ficaram despoçados de papagaios!

Cinco anos depois, voltando Pedro II a Minas quasi enlouquecia com a algazarra tremenda de papagaios, por todos os recantos da cidade, a gritar dezordenadamente:

— «Viva D. Pedro II, nosso Imperador».

— Foi uma verdadeira manifestação de papagaios!...

Mas, como os patriotas agora eram muitos, só o antigo, o verdadeiro, patriota recebeu a merecida recompensa e assim mesmo por que se destacou dos outros com esta:

— «Esta vez perdi o latim, em todo cazo, porem, Viva D. Pedro II, nosso Imperador!...»

Não respondendo pela autenticidade deste fato, Sr. Z. . . ; entretanto vê-se por ele que não somos só nós que gostamos da fruta...

K. Lado.

Protocolo

AJENOR SANTOS

Passou em nosso porto, a bordo do paquete «Pará», o nosso distinto colega cujo nome encima estas linhas, nome por demais querido em nosso meio social. Ajenor foi um dos fundadores do organ da sociedade e emprega toda sua atividade em prol do seu levantamento. Acha se diplomado pela escola de radiotelegrafia do Rio e exerce suas funções a bordo daquele paquete brasileiro.

Hoje espera-lo-emos de volta do Amazonas, o que será grande alegria para sua carinhosa familia e para os que o admiram nesta tenda intellectual.

VIZITAS

Tivemos o prazer de meia hora de palestra agradável com o distinto funcionario postal em comissão a bordo do «Pará», sr. Raul de Abreu Lima.

— Tambem vizitaram nos os nossos conterraneos, irmãos em labores, os illustres confrades da officina João Lisboa o estudante Nilo Monteiro e o baritono-amador por nós tão simpatizado, José de Ribamar Pereira.

Gratos.

«O ESTUDANTE»

No dia 4 proximo passado, os amigos da sociedade Machado de Assis organizaram uma brilhante *soirée* durante que comemorou a circulação pri-

meira do organ daquela prospera associação de letras.

A's 24 horas foi distribuido «O Estudante» aos presentes, sendo recitado pelo confrade Vilela de Abreu o soneto que vinha inserto no novo coleguinha, da lavra do nosso presidente Hilton Fortuna, sendo recebido por uma salva veemente de palmas.

«PHENIX CAIXEIRAL DO CEARA»

Vizitou-nos o nosso conterraneo João Silva, auxiliar do comercio de Fortaleza e adjunto do Conselho de Honra desta prospera sociedade.

Na agradável palestra que mantivemos com este inteligente moço, salientou-nos a prosperidade da «Phenix», que é, ao contrario das nossas sociedades, uma verdadeira realidade.

A terra da luz, assim, ultrapassou, com esta necessaria agremiação, ás tradições da nossa «Atenas», que, de dia para dia, esmorece nas lides iterarias.

NATALICIOS

Fizeram anos: em 2, nosso consocio Ajenor Santos, radiotelegrafista do vapor «Pará», e o nosso amigo Jozé Bittencourt; em 3, a menina Maria Jozé Braga; em 4, a gentil e distinta senhorita Zenaide Lopes, um dos mais brilhantes ornamentos elegantes no nosso escol; em 8, a nossa apreciadora gentil Consuelo Arozo; em 10, a interessante Aldenora Fortuna, aplicada aluna do Colejio Sagrado Coração de Maria e hoje o menino travesso Jozé M. N. Vinhaes, irmão de nossas consocias Cristina e Branca Vinhaes.

Farão anos: em 17 o coronel Alfredo da Silva Fortuna, honrado Escrivão Federal neste Estado e socio benemerito da sociedade «Rio Branco», a senhorita Cotinha Bittencourt e o nosso correto amigo Palmerio Campos; em 18, a *demoiselle* Alice Bittencourt, e a 21, a inteligente Iaiá Vinhaes, filhinha dileta do Dr. Raimundo Vinhaes.

As nossas felicitações.

HILTON FORTUNA

Transcorre, a 28 do corrente, a data natalicia desse nosso talentoso confrade, sob os auspícios de cuja alta capacidade moral e intellectual se acham os destinos da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco».

Hilton Fortuna, que tem honrado as paginas d'«O Ateniense» com as suas bellas produções poeticas, é uma das esperanças da nossa querida Atenas.

Ao seu Diretor, «O Ateniense» saúda efuzivamente.

CORONEL DIAS VIEIRA

A alma maranhense foi, a 3 do corrente mez, profundamente ferida no que éla tem de mais seleta, pela morte infausta do illustrado coronel Manoel Inacio Dias Vieira, que muito trabalhou, durante sua vida laborioza, pelo levantamento progressivo da nossa terra.

Esta sociedade que muito o apreciava, em sinal de pesar, cerrou suas portas por trez dias, e na ultima sessão lançou em ata um voto do mais sincero deza-lento pela dezaparição do querido conterraneo. de f.

A' suntuosa e admissima familia e especialm. — Foi perto da... suazé Carnei... —... Da minha caza? ! prezen... ncia,

EMPRESA PREDIAL DO NORTE GRATIS

AUCTORIZADA E FISCALIZADA PELO GOVERNO FEDERAL

RUA AFFONSO PENNA N. 2 (sobrado) MARANHÃO

Pecúlios pagos até hoje **Rs. 358:505\$000**

RESULTADO—do 18.º Sorteio, da 2.ª Serie (B), a que se procedeu, hoje, no salão principal da benemerita Associação Commercial do Maranhão, proporcional a 1788 socios:

Premios de 10 isenções do pagamento das mensalidades, durante 5 mezes

- 1.º N. 1608—D. Ernestina Moreira da Silva Blanquat, residente no Rio Grande do Norte—Natal.
- 2.º N. 1695—Antonio Raymundo de Araujo, rua S. Pantaleão, 5.
- 3.º N. 1216—José Gonçalves Sobrinho, residente em Russas—Ceará.
- 4.º N. 1012—Alfredo Portella, rua da Estrella, 6.
- 5.º N. 1237—D. Maria Victoria Barbosa Ferreira, residente no Brejo.
- 6.º N. 1482—D. Isabel Villar Lopes, residente em União.
- 7.º N. 122—D. Maria Augusta de La Rivière, Quartel do 48.
- 8.º N. 560—Lucinda Gonçalves de Faria, residente no Rio de Janeiro.
- 9.º N. 49—Henrique Cabral, rua do Ribeirão.
- 10.º N. 426—Eudoxio da Costa Neves, residente em Theresina.

Casa no valor de Rs. 4:470\$000

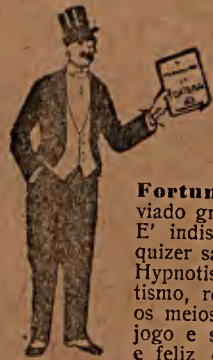
N. 1159—D. Gregoria Rosa de Oliveira, Becco Feliz, n. 19.

Maranhão, 31 de Janeiro de 1915.

Adolpho Paraiso,
Director Gerente,

Acceptam-se inscrições de socios

A Empresa não tem cobradores



Peça sem demora, por carta ou bilhete postal, o "SUPPLEMENTO ILUSTRADO" DO Mensageiro da

Fortuna, que será enviado gratis pelo correio. E' indispensavel a quem quizer saber e praticar o Hypnotismo e o Magnetismo, revelando tambem os meios para ganhar ao jogo e ser rico, saudavel e feliz em amores e em negocios.

Peça-o hoje mesmo ao Sr. **Aristoteles Italia—Caixa Postal 604—Capital Federal.**

CIGARIOS
Raios X
 OS MELHORES DO MUNDO



AS MANTEIGAS NACIONALES



De maio de 1914 até Janeiro de 1915 as entradas de MANTEIGA nacional para esta praça atingiram 1208 caixas, cabendo á

EsmERALDA

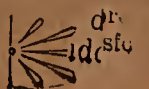
79 caixas, ou seja mais de 66% sobre importação global; as restantes 414 caixas foram vendidas por outras fabricas em numero de cinco, o que representa, em média, menos de 100 caixas para cada marca!

Compare o leitor estes algarismos—verdadeiros insophismaveis—e reflicta um pouco sobre o facto de ser a **ESMERALDA** alguma coisa mais cara que qualquer outra manteiga de fabricação nacional, e a conclusão logica a que o seu raciocinio lhe levará só poderá ser a seguinte:—mesmo mais cara,

A manteiga **ESMERALDA** é preferida

pedias deo como
ssando porque a Reça deixa i.
exije agóra, saber!
is por 50 gr.

os terços dos consumidores



O ATENIENSE

ORGAM DA SOGIEDADE LITERARIA «BARÃO DO RIO BRANCO»

ANO 4

S. Luiz, 2 de maio de 1915

NUM. 51

O Ateniense

Mau grado nosso, fomos forçados a suspender a publicação deste quinzenario devido motivos imperiozos, e por esta falta involuntaria rogamos a todos os consocios e assinantes desculpas, prometendo manter a custa de muito esforço na devida regularidade a aparição do nosso jornal.

Todos mais ou menos estão a par do que tem de suportar uma agremiação do molde da nossa, lutando com as maiores despesas, sufocando necessidades urgentes com o pouco recurso de que dispõi.

Só mesmo a alavanca poderosa e inquebrantavel da vontade é que pôde, pelo menos, alevantar o progresso através de tantos sacrificios.

A luta pela vida cada vez mais se faz sentir entre nós, desfaldando o pavilhão amarelo da miseria e carestia.

Não fôra isto e a Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco" se mantinha na risca que vem traçando desde a sua organização, sempre com garbo e exemplar progresso.

Apezar, porém, de não ter podido circular o seu periodico, a sociedade não se descurou do seu mister, tanto que têm funcionado com regularidade as aulas de francez e italiano e brevemente fará a instalação de novos cursos.

A sua biblioteca, dia a dia, se vai surtindo de novas obras. *brilhando* os membros gozam da boa *pela histor*ificando a inteliçencia. *De luz e de*

Ainda mais uma vez, *pas* pela falta que fomos *co-*me'er.

Universidade d' "O Ateniense"

Início, hoje, meritissimos leitores, está seçoazinha que tem por méta reunir os nossos bachareis, em todas as ciencias do universo, formados nesse triangulo irregular que figura nos mapas da America do Sul, espremendo o batalhão de republicas que o circundam.

Como sabemos, ha bachareis em ciencias medicas, ditos em ditas juridicas e sociaos, ditos em matematicas, ditos em ciencias o letras, farmaceuticos, dentistas, e... t... e.

Pois bem, o fim da Universidade não é conferir taes diplomas por preço módico, sim exhibir o perfil dos nossos já bachareis de verdade.

Mãos á obra:

I

Nacido aqui na velha e nossa Atenas
O bacharel em leis que vai na frente,
Tem talento e granél, é competente
E sabe bem jogar as leis terrenas.

De estatura dois dedos tem apenas,
Mas, é bem colocado—é conferente
Da Aduana d'aqui: tem um parente
Que esteve em *Canaan* limpando as penas.

Traja sempre de branco, esteve em Santos.
Tem parentes em todos os recantos
Deste nosso Brazil e, (coiza estranha!)

Sendo pequeno, e até quazi espremido,
Do conceito que faz seu apelido
Nada tem de comum, nada de *aranha*.

Irbério.

O esporte

Têm sido infrutíferas todas as tentativas da mocidade, no intuito de desenvolver o esporte no Maranhão.

Nenhuma das inúmeras sociedades esportivas aqui fundadas conseguiu o seu fim.

Um cronista da "Pacotilha" afirmou que o fato constitúe uma prova da nossa incapacidade fisica e os supersticiosos explicam-no com esta fraze cheia de convicção e dezanimo: "O Maranhão tem *caveira de burro*... é inutil insistir..." E citam até, para dar mais força ao que afirmam, o caso do *Turissá*, que, ao chegar da Europa, tomou logo o rumo da Fundição, onde hoje dorme o sono da inocência, ao lado do *Continente* e *Cururupú*! Tolice!

Mas deixemos de parte os supersticiosos e a sua crença absurda, e entremos a serio no assunto.

Discordo, tambem, da cpinião do cronista. A meu vêr, alguma perseverança, aliada á nossa boa vontade, é o suficiente para florecerem quantas sociedades esportivas se fundarem nesta Capital.

A inconstancia tornou-se, entre nós, uma enfermidade cronica; todos nos deixamos levar no entusiasmo do primeiro impeto, e recuamos, vencidos, ás primeiras manifestações de tédio.

O mal, porém, não é ainda de todo incuravel: um pouco de força de vontade basta para que nos desembarcemos dele para sempre. Mãos á obra, pois, enquanto é tempo!

O esporte, sobre ser util, necessario mesmo, é um excelente passatempo, não só para aqueles que o exercitam como tambem para os espectadores.

Atualmente, com essa medonha crize que atravessamos, quem, depois de ter passado uma tarde divertida, assistindo gratuitamente partidas de *foot ball, tennis*, etc., irá gastar os seus ricos mil réis no Palace ou S. Luiz? Ninguem!

Já se vê, pois, que o esporte tem mais uma utilidade: poupa-nos os cobres.

Não se decidirá ainda a mocidade a

cultivar seriamente o esporte, que lhe proporcionará, a um tempo, o prazer, a economia e, sobretudo, a saude?—
VASCO

Talco Maranhense

BORATADO E PERFUMADO

Anti-septico, Agradavel e Hygienico para amaciar a Cutis.

PREPARADO POR

Ferreira Junior & Comp. Succes.

Pharmacia Confança—Maranhão

Meus netinhos...

— Ha muito tempo que a comadre Rapoza andava brigada com o mestre Macaco, que era delegado da "Vila dos Irracionaes", por questões de amores. Mestre Macaco, que "não deixa passar camarão pela malha", jurou vingar-se da Rapoza, fosse lá como fosse, custasse o que custasse, e para isso dava bailes, inventava caçadas, passeios e espetaculos, sem que, entretanto, comparecesse a Rapoza, que ha muito andava escabriada.

Passados mezes, a Rapoza, com algumas economias, conseguiu preparar uma bela roça perto de uma cristalina lagôa, onde a mór parte dos habitantes ia buscar agua para seu gasto.

Certa ocazião, a Rapoza paramentou-se para fazer sua colheita, munido-se de facas, machados e quatro mulas para o carregamento do trigo. Fez a longa e espinhoza viagem, colheu todo o trigo, encheu cuidadosamente os alforjes das quatro mulas, apANHOU milho, mandiôca, legumes e outros produtos da sua estimada rocinha. Ao terminar sua pezada tarefa, sentiu uma forte vontade de beber agua. Lembrou-se da lagôa e dirijiu-se para lá com toda sua comitiva.

Ao chegar no local dezejado, encontrou o Macaco, amarrado com ligas da *cruz-vermelha*, chorando e se torcendo de dôr. Ao ver a Rapoza, que já ia recuando, o Macaco disse, com voz tremula e comovente:

—D. Rapoza, tenha compaixão desta pobre creatura, que acabou de se arranhar em um grande espinheiro.

—Que queres? Perguntou secamente a Rapoza.

—Quero um pouco d'agua.

—Onde foi este terrível espinheiro sr. Macaco?

—Foi perto da... sua caza...

—... Da minha caza?!

PARNAZO

DISTANTE

E' bom viver-se alegre e satisfeito, tendo
O doce lenitivo alacre de uma aurora;
E' sublime sentir-se alegre o peito, vendo
A' sua frente o perfil divino que se adora;

—E' bom quando distante, em terra estranha, embóra,
E te sinto tão perto, e quando estou te lendo,
Um sentido rozal de beijos logo enflóra
Presto por sobre a carta alegre que estou
vendo...

—«Sempre tua e só tua eu sou»--mandas dizer
E eu choro porque vejo uma iluzão perdida,
Que lésta se esvaio, como se esvae a vida!

Eu já não sou mais teu! Que pena o teu viver!
Desculpa o desgraçado os beijos que te deu,
Apaga-lhe o seu nome; e dize que morreu!

D. Fortuna.

Num album

Zelozo embora do primor que engraçá
Intimamente esse tezouro ameno,
Leio, senhora, o vosso olhar que passa
Dentro em minh'alma, rutilo e sereno,
A imprimir seu fulgor, a luz e a graça...

Com meu pensar prescrito esse misterio,
O airozo sonho de um viver d'esperanças,
Ridente aurora de gracios nuanças,
Rendendo um culto ao seu divino império...
E entre o penhor de meigas alianças
Invoco o sonho... as bemaventuranças,
—A luz bendita desse olhar etéreo.

Jacob Rubens.

O fim de um bravo

Nos campos de batalha, envolto em fumaçada,
Como filho valente e férte e destemido,
Um soldado suplanta as hostes aguerrido
Sem tremer ante a morte, o sangue e a
branca espada.

A bandeira flameja; e o estrepitar sentido
Do clarim de campanha ecôa pela estrada,
E o grande valoroso avança na acirrada
Luta de sangue e dôr, audaz e revivido!

De repente um obuz, infame mensajeiro
Do destino infeliz, inglório e bandoleiro
Decepa-lhe a cabeça e a morte o trans-
figura...

—Só resta do valente o corpo apodrecido,
Um pedaço de farda em trapos esquecido,
E a Patria a soluçar na sua sepultura!...

Hilton Fortuna.

O Ateniense

«ANTIGO «O CANHOTO»

Literario, humorístico e noticioso
Rua 28 de Julho, n. 53 - Maranhão

Presidente, *Hilton Fortuna*; Vice-presidente, *El-Zuila Souza*; 1.º secretario, *Djalma Fortuna*; Tezoureiro, *Joaquim Luz*; 2.º secretario bibliotecario, *Jozé Vieira*.

Assinatura anual.....2\$000

«O Ateniense» será enviado á imprensa, mediante permuta.

Aceitam-se anuncios por preços modicos.

—Sim, creio até que seu filho...

—O meu filho?! Santa Barbara!
Acuda-me! Atirando a cuia no chão lá se foi a Rapoza correndo como louca pelo mato a dentro... enquanto o Macaco tirando as ligas, escovando a fatioa e apoderando-se das mulas com toda bagajem disse: Ora, a comadre Rapoza, que aprendeu tanto tempo, não soube que toda minha doença era para inglez vér!

Até hoje, a Rapoza ainda não se encontrou com o Macaco...

O avô de vocês.

FUMEM CIGARROS **PRC**
Fabrica Castor

Decepção

Eu ainda vestia a calça curta que é o classico apanajio da infantilidade, quando um belo dia encontrei uma pequena deusa, que fez o meu minuscuro coração até então insensível, pulsar com violencia.

Contemplei-a por muito tempo, e a atentar para aquêle rostinho moreno, engrinaldado por uma nijerrima cabeleira, afigurava-se-me vér um anjo, um dos que escapam diariamente do azul, por descuido do venerando S. Pedro, muito digno porteiro do céu.

E tão enlevado fiquei que não percebi um vultozinho que de mim se apro-

ximava, e sem fazer cerimonia, nem pedir licença, frechou-me em pleno coração, e este imprudente não era outro senão o traquinas filho de Venus, o terrível Cupido.

A partir desse momento, nunca mais saíu-me do espirito, aquella encantadora imagem. Para vê-la, fiz o meu caminho obrigatorio da rua onde éla morava, e todos os dias, de manhã e pela tarde, (fóra os extraordinarios) por aí passava, somente para sentir o prazer, de vê-la furtivamente.

Mas continueinos a nossa historia.

A chamazita que começou a arder em meu coração, em breve se transformou em labaréda.

Estava completamente apaixonado. Sim! estava apaixonado, mas faltava-me a corajem preciza para dizer á virjem dos meus sonhos, o que por éla sentia. Pois se nem lhe tirava o chapéu!

Sofria com calma e rezignação as significativas e encabulantes rizadinhas dos vizinhos e as interminaveis e irritantes troças dos meus colegas, zombadores da minha tola paixão.

E parecia-me não ser correspondido, pois todas as vezes que me atrevia a volver-lhe um timido olhar, ela, ou casualmente ou de proposito, dava-me as costas por consôlo.

Eis que com o correr do tempo, a labaréda transformou-se em fogueira, não podendo mais rezistir chamei em meu auxilio quanto livro de poesia e declaração encontrei, e depois de estar bem preparado, parti para a batalha.

Era noite de S. João. As fogueiras crepitavam nas ruas, alumando-as com clarões multicôres, o céu estava marchetado de estrelas, que decerto não eram outra couza, senão os fogos tocados pelos veneraveis santos, e pelas gen'is onze mil virjens, que são os principais habitantes da côrte celeste.

De subito a lua rompendo os véus de nuvens que a retinham veio iluminar a terra, com os seus arjenteos e vaporozos raios.

Eu estava embaraçadissimo, nunca em minha vida me havia metido em empreza tão melindrosa. Ensaivava gestos, pozições; pigarreava para adocicar a voz e a fazer mil gestos, tencionava

ficar bem ensaiado, pois ia fazer a minha estréa, nesta velha e dificil comédia que se intitula, «A arte de conquistar».

Afinal chegou a hora solene, a hora da representação, e eu tinha forçosamente de apresentar-me, e para isso reuni toda a minha corajem, e entrei em cena.

Uma força irrezistível atraía-me para a janela da minha divindade. Ela estava lá com os mimosos cotovelos fincados no peitoril, e o rosto primoroso, entre as pequeninas e elegantes mãozinhas cor-de-rosa. Trajava um vestido de finissima cambraia branca, que lhe assentava ao corpo com muita graça, e tinha cabelos então prateados pelo luar, dispersos sobre esculturaes hombros, ainda mais faziam realçar a sua beieza ideal.

Ela estava em atitude cismadôra.

Cheguei-me e não sei como, balbuciei um bôa noite. Ela nem sequer se moveu, parecia absôrta; quiz dizer mais alguma couza, mas não logrei articular um som, as palavras morriam-me na garganta. Depois de decorridos alguns momentos de silencio absoluto entre nós, depois de estar mais calmo e já poder falar com segurança, quiz continuar, e para isso procurei lembrar-me do que havia decorado, nada! de tudo me tinha esquecido; tossi, escarrei, e já me dispunha a dizer tolices, quando ouvi uma voz arjentina dizer-me secamente, acompanhada de uma rizadinha de escarneo:

—Creça e apareça! E o ruido de uma janela fechada com violencia. Abaixei os olhos, e quando tornei a ergue-los, encontrei em minha frente, com o aspecto severo de uma repreensão,—a janéla fechada.

E de todos os recantos da cidade, quebrando o silencio dormente daquela esplendida noite de luar, ouvia-se o estalar dos foguetes, os estampidos das bombas o crepitar das fogueiras e um vago acorde de vozes harmoniozas. E todo aquele conjunto ruídozo e entuziasta, que de lonje trazido pela briza, chegava-me aos ouvidos, como um rizo ironico, parecia caçoár comigo.

Japi Parassú.

CAVACO

Ele passava todo retorcido na sua habitual envergadura e o magote dextro-freído da molecagem bradava:

—O Governador de Caxias!

E ele abordando um pacato português que ia azafamado cuidar dos seus interesses:

—E' assim, o Serra é um patife, tudo aquilo é meu, ele é ladrão, o Serejo sim esse é bom; tem dinheiro e me dá todos os dias um cigarro saboroso, o melhor que tenho fumado, os

Raios X

que eu hei de mandar prá os domingueiros lá do Tury-assú.

Protocolo

Recebemos pela primeira vez: "Revista Feminina", excelente facículo dedicado á mulher brasileira, que se publica em S. Paulo; «Correio de Alagoinhas», orgam do partido republicano, de Alagoinhas, da Baía; «A Barra», que se publica na Baía; «A Trombeta», jornal de distribuição gratuita, do Rio; «Gazeta da Manhã», de Itabaiana, na Paraíba; «Gazeta de Paraopeba», da vila do mesmo nome em Minas; «Folha do Povo», distinta folha cearense que já conta quatro annos de bons trabalhos á imprensa hodierna e o "Município", de Baurú, em S. Paulo.

—O Gabinete Camocinense de Leitura, do Ceará, enviou-nos, num folheto bem impresso, o relatório que o Presidente J. C. Monteiro apresentou na sessão de posse da nova diretoria daquele util e conceituado gremio de cultura intelectual.

—Tivemos o grato prazer de receber "A Resposta", orgam oficial do Centro da Boa Imprensa em Petropolis. E' um trabalho deleitante e eruditamente feito.

Muito nos alegra a Liga da Boa Imprensa nos honrar sempre com suas cultas e uteis publicações.

—Muito nos tem desvanecido a distinção que temos merecido por diversas vezes do nosso confrade "O Norte" da Barra do Corda, jornal chefiado pelo brilhante jornalista e tribuno, nosso conterraneo Frederico Figueira. "O Norte", que está colocado no 2.º lugar dentre os jornaes do Maranhão, se ocupou longamente da successão d'«O Canhoto» pel'«O Ateniense» e transcreveu a honrosa carta que o nosso consocio Aquiles Lisboa teve a bondade de nos dirijir.

—Tendo á sua frente um grupo de rapazes de nossa sociedade, apareceu entre nós o jornalzinho humorístico "O Guri", trazendo farta colaboração em proza e verso, salpicada de um humorismo inofensivo e apreciavel. Com anciedade esperamos o seu terceiro numero.

—Pela primeira vez nos chega ás mãos um jornal de literatura infantil: é "O Arrebol", que se publica mensalmente em Terezina. Muito prom-te o talento dos jovens que nele colaboram.

—Completo um ano de existencia coroada dos mais justos e significati-

lousos a nossa interessante colega "Gazetinha", que, com sua fina verve e esplendida colaboração literaria; de licia á elite de Cordeiro, no Rio.

Sociedade Literaria

Barão do Rio Branco

Foram admitidos para honorarios, Antonio Lobo e D. Luiz de Bragança, para efetivos, mademoiselle Henriette Bricotte e para colaboradores, Torquato Rios, Enock Souza, José Perdigão, Jozé Fortuna, Oscar Carvalho, Antonio Bittencourt, Raul Viana, F. Marques Figueiredo, João Palacio, Mario Valente e Jozé Vasconcellos.

—Foi eliminado, por infração do regulamento, o sr. Vitoriano Almeida.

—Para representante no estado do Ceará, foi nomeado o sr. João Lindolfo da Silva.

—Em sessão de 30 de março, o socio Djalma Fortuna apresentou um projeto creando uma bancada honoraria na sociedade; que foi aprovado sem discussão, e ficou decretado do modo seguinte:

"Art. unico Fica creada na Sociedade Literaria Barão do Rio Branco, para os seus membros efetivos, exclusivamente, uma bancada honoraria constituída por vinte nomes de maranhenses mortos, correspondentes aos vinte socios efetivos que admite o regulamento.

N. 1

§ 1.º Cada socio terá direito de escolher o seu patrono, dentre os nomes constantes no modelo junto, e em caso contrario será substituído o nome escolhido, com aprovação do Presidente.

§ 2.º Cada membro efetivo deverá, tanto quanto possível for, honrar a memoria do seu patrono, provando isto principalmente por conferencias literarias que realizará sobre os mesmos".

—Já se acham preenchidas as seguintes cadeiras: João Lisboa, Djalma Fortuna; Artur Azevedo, Jozé Vieira; Aluizio Azevedo, Joaquim Luz; Gonçalves Dias, Hilton Fortuna; Raimundo Correia, Clovis Castro; Sotero dos Reis, João Ribeiro e Euclides Faria, Jozé Perdigão.

—Já se acham funcionando com regularidade as aulas noturnas de francez e italiano, gentilmente organizadas em beneficio da sociedade para os seus associados pelos revms. Conego Dr. Alvaro Lima e Padre Francisco Xavier.

—Em sessão de 22 de abril foi apresentado pelos socios Djalma Fortuna e Enock Souza o seguinte projeto, que foi logo aprovado e transformado em decreto, para entrar em vigor de maio em diante:

Decreto n. 2

Art. 1.º Fica creado na Sociedade Literaria Barão do Rio Branco, para os seus membros (efetivos e colaboradores) um instituto anexo a mesmo, mantido pelos cofres sociais.

Art. 2.º Fica autorizado o Presidente a contratar os professores para as diversas cadeiras do instituto, de acordo com as posses da sociedade.

Art. 3.º As aulas serão facultativas, e o socio que nela se fizer inscrever ficará obrigado a concorrer com a importancia de dois mil reis (2\$000) mensaes para cada materia que cursar.

§ 1.º A quota das aulas poderá ser aumentada quando isto se fizer mister.

§ 2.º As matriculas ás diversas aulas deverão ser feitas mediante requerimento ao Presidente da sociedade.

§ 3.º Essas matriculas deverão constar em livros especiaes que ficarão a cargo do 2.º secretario.

§ 4.º O 2.º secretario deverá remeter mensalmente ao tezoireiro, para os devidos fins, o movimento que se for operando nas diferentes aulas.

Art. 4.º Logo que entre em vigor o presente projeto a mensalidade dos socios ficará reduzida para dois mil reis (2\$000) que deverão ser pagos juntamente ás quotas das aulas.

Cartas amoradas

Minha Laura.

Recebi tua perfumeuse cartinha, e como o dicionario em punho, a saboreei com garbo.

Por estares com o coração vago, eu te felicito. O coração não foi feito para estar constantemente entupido de seres humanos. Porém, como, em nome da nossa amizade, me pedes inculcar um *ele* para te divertir durante o mez mariano, e, como prometes não deixar vir o Natal te encontrar com o referido *ele*, vai aqui um, bem voluvel, com o soberbo dote de ser poeta, para cantar-te em verso:

E' ele, o que ouviu o «ciciar da briza dos amantes na estrada querida»; o poeta da «Fujida», com aquele colarinho absoleto e tempestuozo, trazendo prezos nos dentes uns bons quilos de oiro.

—Quem o queira, para agradecer algum *elojio* feito pelo coleguinha *O Guri*, que o procure no aprazível Palace, á noite, grelando pra aqui, grelando pra acolá.

No dezempenho de sua missão, a *palma* da *imorribilidade*, trabalha insanamente com a *pestana*, enquanto a sobranceira se encapela quando vê uma letra de *cabeça para baixo* envolvida com *tipos* desclassificados, que não são do seu *alfabeto*. Manda logo que a retirem, dando *provas* de que é energico e cumpridor dos seus deveres. Ele é simpatico e afavel. Bonito, não sei, é lá contigo. Que será poeta, se continuar como vai, é na certa. O que mais lhe acabrunha, minha Laura, é a «paixão voraz que lhe lubrifica os globulos»—a saudade do amiguinho que foi «auxiliar a imprensa carioca», e a pena de o saber, por uma questão de embocadura, metido pacholamente nas *mefistofelicas* fardas da *milicia* daquela terra ingrata, onde não se sabe aproveitar o talento. A outra sua tristeza, cauzadora daquelle seu andar de transportador de cadaveres, é não poder estar em convivencia frequente com o outro seu amigo, o que suprimiu o signal, ouvindo sua *sabia* proza *çaneana*.

Conquista-o e desculpa-me se não te agradou o lijeiro perfil. Saudades do teu

DANTE.

Rejisto elegante

O *Ateniense*, apesar de não haver circulado no mez ultimo, não pode deixar passar despercebidos certos acontecimentos que se deram durante aquele lapso de tempo, sem rejistar em suas modestas pajinas. Assim foram os natalícios dos seus amigos Jozé Guilherme Ribeiro, conceituado Oficial de Fazenda, pai do nosso fulgurante companheiro João Vitor Ribeiro, no dia 28 de fevereiro; o do nosso distinto consocio Torquato Rios, ativissimo auxiliar do nosso comercio, em 27; o dos nossos colegas sr. Jozé Neves e senhorita Branca Vinhaes, atualmente no Rio de Janeiro, ambos em 5 de março; ainda o natal de mais duas das nossas colegas, Otamires Santos em 30, e Doquinha Azevedo, em 6, distintos e conceituados ornamentos do Maranhão chique. E' nos grato rejistar ainda com alegria alguns natalícios de março: em 15, o da exma. sra. d. Ester Fortuna Pires, dileta filha do coronel Alfredo Fortuna e viuva do pranteado Antonio Pires; em 18, o do travesso Felipe Fortuna, que cursa a Escola Modelo; em 26, o da distinta professora de musica do Liceu Maranhense, d. Alice Serra Martins, que muito honra o majisterio do Maranhão; o da senhorita Zezé Jorje, em 27; e em 29, o da inocente Alzirinha Fortuna, irmã do nosso diretor.

—De cavolta ás alegrias de Abril, que nos veio trazer as chuvas de que tanto carecia a nossa lavoura, nos vieram tambem outras que vamos citar:

Paula Barros,

o futurozo artista brasileiro, nos convidou a assistir a exposiçào de suas telas. Como admiradores do belo, acudimos á casa onde se achava o seu conjunto artistico, representado por 37 extaziantes telas. Os salões, onde se achavam as encantadoras pinturas de Paula Barros, estavam repletos do que de mais culto e chique o Maranhão possui, o que se repetiu até o dia em que foi encerrada. Foi uma verdadeira maravilha a expressão plena do artista de alma poetica, vazada nas bellissimas telas que nos exhibiu.

Ninguém melhor do que ele apresentou aos nossos olhos a natureza morta, tão bem.

O magnifico pincel do nosso distinto patricio é expressivo e raro, podendo-se dizer que é enciclopedico: nos apresenta a natureza morta, retratos, estudos do corpo humano, copias, etc., bem acabados com real mestria.

O *Ateniense* deseja ao pintor os loiros de que é merecedor.

—No mez passado, festejaram o dia em que naceram os amigos d'O *Ateniense*: senhorita Alice Costa, estudiosa liceista, em 1.º; nosso dedicado apreciador Jozé Seabra, em 2; senhorita Atalia Nogueira, tia de nossas consocias Lilia e Cezaltina Botelho, em 3; prof. Elvira Fontenele, simpatico decoro da nossa *sua elite*, em 4; o comerciante abastado Emilio Lisboa, em 9; o travesso liceista Lauro Lima, a distinta senhorita Vicentina Goiabeira, uma das mais belas irradições do escol maranhense e a intelligente aluna do Liceu, Edite Rebelo, em

13; o integro majistrado dr. Lourenço Holanda, cuja inquebrantabilidade de carater se faz distinguir nos tempos de hoje, em 14; a liceista Brazilza Abreu, em 15; a competente prof. Elvira Assis, em 18; a senhorita Anicota Godinho, uma das raras belezas da nossa *elite*, em 22; o prof. Ozorio Anchieta, atualmente em Guimarães, a 23; a illustre senhorita Alice Lebre, de quem o nosso companheiro Dante Faria já se ocupou em um dos seus "Retratos a lapis", a 24; a exma. sra. d. Carolina N. B. de Andrade, virtuza consorte do nosso amigo Augusto Botelho, em 25; nosso conterraneo Antonio Vinhaes, atualmente na capital da republica, em 27, e em 29 os nossos amigos Jozé Holanda, o querido das meninas e o simpatico Pedro Chaves, que muito nos aprecia.

Padre Xavier

Em 7 do mez findo, passou a data natalicia do revmo. padre Francisco Xavier, uma das honras intellectuaes e moraes do clero maranhense. E' um sacerdote perfeito e intranzigente no cumprimento do seu dever sagrado de missionario de Cristo.

E' uma intelligencia esclarecida, que muito honra a Sociedade Literaria Barão do Rio Branco, como seu membro benemerito e lente de italiano do instituto anexo á mesma. Os nossos abraços.

Os nossos consocios

No mez de abril nataliciaram-se diversos dos nossos colegas de luta, dentre os quaes soubemos e felicitamos: José Maria de Jezus, competente e acatado 4.º escriturario da Alfandega, de estatura liliputiana, mas de talento gigantesco, e Luiz Machado, comerciante de nossa praça, ambos em 9.

Em 13, a senhorita Bêbé Reis, liceista intelligente, cuja beleza e elegancia se tem feito premeiar em diversos dos nossos concursos.

Professora Luiza Viana, que com reconhecido talento e rara competencia honrou os bancos do Liceu com sua passagem brilhante, em 18.

Em 19 ainda de abril, fez anos o nosso interessante e garrulo Jozé Perdigão, que com sua fina verve de dicipulo de Euclides Faria, nos delicia nos instantes de tedio. Naquele dia teve o Perdigão *avec un grand plaisir* as felicitações da *fi-gure du facon* e um quebra costelas d'O *Ateniense*.

Dr. Aquiles Lisboa

O Maranhão hospeda atualmente o muito illustre e dedicado filho Dr. Aquiles Lisboa, que veio no dezempenho espinhoso de uma comissão do Ministerio da Agricultura,

Tivemos ocazião de vizitar o digno maranhense, um dos braços mais fortes e decididos com que conta esta desprezada Atenas, para o seu levantamento. deste marasmo onde tão ingratamente lhe atiraram.

S. S. realizou ha dias no «Centro Portuguez» uma substancioza palestra acerca da industria em que viza a sua comissão. A assistencia, composta de ilustrados cu-

vintes não lhe regateou aplauzos, francos e justos.

Que o Dr. Aquiles continue sempre a trabalhar pró nossa querida terra são os desejos de todos os seus patricios e principalmente dos amigos da «Rio Branco» que o acabam de eleger membro honorario.

Oficina João Lisboa

No dia 26, debaixo de uma festa brilhante, que bem sintetizou uma estréa prometedora de um futuro rizonho, inaugurou-se a Oficina João Lisboa. Estava o teatro São Luiz pleno do que de mais culto tem o nosso escol, quando pela prof. D. Zuleide Bojéa foi aberta a brilhante sessão. Prezidiu-a nosso confrade Fran Paxeco, dando-lhe um cunho duma solenidade rara. Fizeram-se ouvir: professoras Ozita Guimarães, que recitou com enfaze o hino ao jornalista do *Timon*, da lavra do nosso confrade Alfredo de Assis; Romilda Freire, que teceu a biografia do grande maranhense; nosso consocio Djalma Fortuna, que, em nome da nossa sociedade, saudou os colegas da novel officina; Viléla de Abreu, pela. Silvio Romero; Jozé Pinheiro, o futuro tribuno maranhense; Candido Bispo; Antonio Falcão, pelo Instituto Maranhense; o talentozo confrade de Carolina, Odolfo Medeiros, que proferiu palavras de animação aos seus colegas da João Lisboa.

No principio e no fim, falou o prof. Fernandes, o velho amigo da mocidade estudiosa, na sua faina de encorajador nos moços que progridem, onde fez sentir o seu profundo e reconhecido afeto pela grandeza de sua terra, e alegria pelo triunfo alcançado pela corporação que se instalava.

De um dos camarotes, em voz entuziasta e vibrante, pelo Centro Artistico, falou Leandro Tupinambá, levantando, no final de sua apreciada alocação, um viva á memoria do burilador da *Vida do Padre Antonio Vieira*.

Encerrou a sessão Fran Paxeco, com um discurso, e convidou os presentes á uma romaria ao tumulo do homenageado, onde foi recitado novamente, pela prof. Ozita Guimarães, o hino de Alfredo de Assis.

Foi uma festa literaria brilhante e concorrida.

D.

Externato Rio Branco

SEDE RUA 28 DE JULHO, 53

Curso primario e secundario

Diurno—das 7 ás 11 horas.

Noturno—das 19 ás 22 horas.

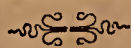
O ensino obedece os mais modernos metodos até agora idtroduzidos nas escolas.

Preço modico.

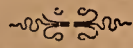
O ATENIENSE

ÓRGÃO DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANO 4



Maranhão, 27 de junho de 1915



NUM. 52

COORDENANDO

Foi ali perto da grade do lado setentrional que eu ouvira tudo.

Atarracado ao velho habito de ir escutar o marulho incerto das vagas e contemplar aquela palmeira de marmore, cuja fraude augusta recebe as lufadas da roza dos ventos, erguendo alto e para a eternidade a gloria de Caxias, eu amassava burguezmente um banco proximo.

Reunidos no mesmo ciclo discorriam os cinco da estatua sobre a evolução do século.

E disse Sotero:

—Eia! marchemos á grande luta, o mundo é vasto e o nosso bloco será a cruz vermelha deste povo famoso e intelijente.

Vêde esse exercito de seres que marcha radiante em busca do saber, em busca da grande luz.

Todo ele eu patrocino—eu falo pelas letras.

E disse Gomes de Souza:

—Bravos, colega, nós que ha mais de quarenta anos habitamos esta tenda de pedra expostos á admiração da posteridade, sob a prezidencia daquele astro rutilante (e apontou para Gonçalves Dias), não podemos encarar sem entusiasmo essa falanje animadôra que luta contra o analfabetismo.

Recebe o meu apoio—eu falo pela matemática.

E disse João Lisboa:

—Meu voto é mais uma escora de valor para essa empreza, que deve ser sempre o ideal de todas as nações.

Eu vejo na maioria desses heroes a vanguarda glorioza dos defensores da patria; são pequeninos luzeiros que tendem a se desenvolver com o auxilio das letras e das ciencias.

Seu roteiro está traçado e a minha pena será a sua divia—eu falo pelo jornalismo.

E disse Odorico Mendes:

—Avante camaradas, ergamos essa geração admiravel que traz como lema a tradição de nossa era; o Brazil é a terra da literatura.

Eu antevejo uma apoteoze excepcional a esse povo laboriozo.

E' belo se ver o entusiasmo com que eles se erguem para obter um nome digno e sustentar o valor do seu torrão natal.

Avante, a minha muza, com a permissão do nosso prezidente, os auxiliará—eu tambem fui poeta.

E Gonçalves Dias recompondo seu manito de marmore empunha a lira fala:

—Meus camaradas:

A fama que gozastes eccou alto no século que habitamos, o mundo material e a imortalidade gravaram em suas paginas d'ouro toda a vossa historia.

Todas as rejiões do infinito cantam a vossa fama num côro empolgante que essas farfalhantes palmeiras parecem re-

A benevolencia do povo brasileiro ergueu este padrão que eu habito a encarar ha quasi meio século esse monstro horrendo, o oceano terrível, mar imenso de vagas procelozas, que de fauces escancaradas, no impeto de um barbaro rujido recebeu ainda com vida o meu corpo de poeta...

—... ó soberano das muzas! disseram os quatro em côro.

—... trabalhemos juntos por essas almas que labutam pelo progresso; eles têm os olhos em nós e é sob nossa memoria que eles se fundem e se preparam para a grande obra.

O Brazil é a terra da luz; vêde aqueles vultos cujos nomes já passaram á posteridade.

Rio Branco, Machado de Assis, Castro Alves, Euclides da Cunha, Silvio Romero e outros que fazem parte do nosso conselho foram grandes no saber e seus nomes são repetidos a toda hora por milhões de bocas.

Eia, incitemos os nossos patrocinados a proseguir a mesma senda que trilhamos, nós formaremos a vanguarda desse heroico exercito.

E encerraram a sessão—**Irbério.**

Falecimento

E' dever nosso registrar, a 23, o passamento infausto da exma. ara. d. Maria Augusta Fernandes Sampaio, virtuozza consorte do nosso illustre amigo Astor Ribeiro Sampaio, laboriozo auxiliar do comercio de nossa praça.

O enterramento realizou se no mesmo dia, á tarde, sendo muito concorrido, atendendo ao alto conceito de que gozava a pranteada extinta.

A' familia Valente, especialmente ao nosso confrade Mario Valente, as nossas condolencias.

Com ares de cronica

Coroatá, a terra dos camaleões, como a cognominou o povo, é uma vila que se nos apresenta em nossas vistas á margem do Itapecurú, aprazível e pitoresca.

Tive ocasião de apreciar com garbo as belezas naturaes da sublime vilota; a gentileza dos seus habitantes, corretos a toda prova; o desenvolvimento agricola, entregue, digamos de passagem, a mãos carinhosas de moços de idéas progressivas; o desenvolvimento, em construção da terrinha de João Lisboa indo até lá tendo aos ombros uma tarefa que dezempenhei com todo o apoio e facilidade que me ofereceram os corooataenses. E quanto dezejozo fiquei de lá volver para permanecer em ferias algum tempo, e suponho esse dezejo gabavel em toda a linha!... Para que se possa fadar a vila chique de ser, muito breve, uma das cidades maranhenses

e que os seus «grandões» abandonem a tal politicajem.

A estrada de cá até Caxias, essa tartaruga que marcha para o dia da inauguração mais celeremente do que uma preguiça, por lá passa ostentando trabalhos darte que dizem prontos para receber os trilhos.

—O caminho ferreo estará pronto daqui ha dois anos—dizem os seus executores desde que me entendo...

Sobre belezas naturaes a vila nada deixa a dezejar—a natureza é prodiga e fertilissima.

O algodão, essa imensa riqueza, um dos mais possantes timoneiros do levantamento do Maranhão, lá se desenvolve rapido e belo, de qualidades diversas.

As jovens corooataenses não teem aquele arcaismo que é próprio de todo o meio pequeno.

Dentre as que me apresentaram têm trez hem chiques, dessas que deixam a gente impressionada a fazer versos, ao clarão da lua, cantando louvores e «hosannas» aos seus meritos. (Desculpem-me os seus respectivos admiradores).

Da imprensa, é desnecessario falar—todos sabem o lugar que, infelizmente, a imprensa ocupa no Maranhão.

Dizendo o pouco que aí fica cumpro plenamente a promessa que fiz a um amigo que la conheci de fazer gravar nas colunas d' «O Ateniense» as impressões que me ficaram da minha vizita a tão hospitaleira terrinha.

S. Luis

Dante Faria.

Hatos e Hitas

O genio reformador, no seu evoluir continuo de cada dia, tem passado eficazmente sobre muitas coizas que já nos não ficaram bem, mas que, para os nossos avoengos eram de maior gloria e orgulho.

Ainda existe porém muito a fazer; estão em conserva muitos pontos da vida retrospectiva que a vassoira modernamente aparelhada tem poupado por complacencia ou talvez por mero inadvertimento.

Haverá coiza que mais nos incomode as oizas do que o espivitado *balancez*, o *en avant!* que os nossos *smarts* tanto põem em evidencia nos sarás ou antes nas *soirées* que vão?...

Haverá coiza mais inexpressiva para o genio brasileiro?

Si temos a faculdade de falar o idioma que de principio nos emprestou Portugal, e que é nossa lingua materna, pra que então vamos buscar pedacinhos francezes, topicos inglezes e frases latinias? Por elegancias? Por patriotismo? Por gratidão á terra de Napoleão? Em homenagem ao berço de Shakespeare, por veneração a Virjilio.

Não creio, porque é absurdo.

PARNÁZO

PRO BELGICA (*)

(ODE)

A' JOSÉ VERÍSSIMO.

Quem não conhece a revoltante historia,
dessa invazão audaz?
Quizeram te humilhar, ganhaste a gloria
excelsa, e não mendaz!

As defensoras e fleis fronteiras,
para a perfida massa,
nada mais são que frageis, vans barreiras,
que ella derruba, e passa.

Modernos hunos, furibundos correm
à negregada acção;
na defeza da Patria, unidos morrem
o flamengo e o wallão.

De castigo exemplar se guarda a Europa,
O mundo inteiro trema,
que, para a bruta assoladora tropa,
a força é lei suprema!

A Belgica exultava de esperanças
em pacifico ardor!
Era imponente vel-a nas punjanças
de fecundo labor!

Preferiste o exterminio ao captiveiro,
ó victima innocente!
Longe de ti, é neutro o brasileiro,
mas não indifferente!

Generosa Nação! Martyr sublime!
que impavida te oppões
a felonía, a furia, ao torpe crime
dos barbaros teutões!

Emquanto a ceifadora, horrida morte
açula atroz batalha,
reage a belga, intrepida cohorte;
rompe contra a metralha!

Liège, Anvers, Louvain e outros heroicos
rebolos do teu Ser,
ao suplicio do fogo vão estoicos,
no culto do dever!

O Obuz estoura arraza e atira aos ares
monumentaes primores!
Que valem joias d'arte, seculares,
Aos féros invazores?

Graniza a bala, e recrudesce o fogo,
e ribomba o canhão;
ruem cidades que engrinaldam logo
immorredor florão!

Teu sacrificio embarga insanas vistas
da formidavel horda,
que na avides de rapidas conquistas,
sobre a França transborda!

Forte gente! Pequeno e nobre povo!
honraste a todos nós!

Tu, Belgica, insuflaste alento novo,
dos filhos aos avós!
Rio de Janeiro.—1915.

Teixeira de Souza.

(*) Devemos a honra da publicidade, em
nossas humildes colunas, da ode acima
à gentileza da oferta do seu autor, nosso
distinto consocio dr. José Eduardo Tei-
xeira de Souza.

AMOR

O mal que mais persegue a humanidade,
Que mais féro se mostra e mais temido,
De todos é o amor que assim perfido
Passa devastador sem ter piedade.

Pelos anos no tempo mais florido,
Quando nos surge o bem da mocidade,
Ele se chega a nós com falsidade
E aos açoita insolito, aguerrido.

E, sob o seu dominio, nós choramos,
As lagrimas dos olhos esgotamos
E tudo em nós transmuda-se de dor

Mas apesar da magua tão sentida,
Quezéra ter em toda minha vida.
Somente amôr, amôr, somente amôr!

Hilton Fortuna.

Palavras

Palavras de mulher leva-as o vento!
Triste de quem nas oiga e nélas creia,
Que, sendo frageis como fragil teia,
É, por vezes, quebral-as doido intento

Palavras que não vêm do pensamento
E iludem como cantos de sereia,
Palavras que se escrevem sobre a areia
E a onda chega e apaga-as num momento.

Quanta mentira em notas cristalinas
Sai da garganta muzical de um anjo
De alma traidora e de feições divinas.

No entanto em confessar me não constranjo
Que prefiro as mentiras lemeninas
A's maiores verdades de um marmanjo.

D. Xiquote.

TRISTEZA

Vinha chegando a noite lentamente,
No céu já cintilava uma estrelinha,
E o minuenseo sino da vil nha,
Dobrava a soluçar tristonhamente.

Tudo na vilazinha alva e ridente,
Tristes como os eygrestes a alma tinha,
Desde o ipé a tímida rozinha,
Desde a moçoila ao passaro dolente.

Porque a vilazita que sorriu,
Tão faceira na véspra, emud'ceu
De tristeza e de luto se cobriu?..

Pairava sobre a aldeia um negro vên,
Porque Laura da vida se partiu,
Para habitar c'os anjos lá no céu.

Japi Panassú

cabulario de Camões palavras que substituam vantajosamente tais vícios detestáveis e ridiculos? Temos. Pois bem, tomemos a iniciativa de ruir essas rabujices e façamos esforço de conseguir a completa metamorfóze de tantas incoerencias.

De hoje por diante, não digamos mais: —«schottisch» e sim «picadinho», não façamos mais uzo do «one step» e o substituíamos por «corre corre» não queiramos o «flirt» e sim o «galaanteio», não digamos *balancez, en avant!*, *au centre* e outras marcas de quadrilha que se podem reformar em «rodar», a «frente», «concentrar» e muitas outras mais.

Encontre ou não éco estas invenções, que talvez alguém tenha pensado sem se achar com corajem de expor, hei de continuar na minha propaganda de reforma aos antiquados vícios da sociedade.

Meus netinhos...

—O fundo daquela mata, atraz da caza do titio, habitava, na mais completa harmonia, a familia do Tatú, rapaz honesto e trabalhador, porém, muito feio e detestado por todas as mocinhas da vila.

A projenitora do Tatzinho, como lhe chamava, gabava-se do filho a todas as pessôas que lhe iam vizitar.

—Meu filho, dizia éla, é um rapaz bonito, meigo, delicado, trabalhador, honesto; em suma, tudo que é preciso a um rapaz para ser bom, na extensão da palavra.

Tatzinho, era empregado publico, e, todas as vezes que ia ou voltava do serviço, por casualidade, deparava com uma encantadoira Rã á janela da caza fronteirã a sua.

—Mãe, porque é que todas as vezes,

menina Rã debruçada na janela de sua caza? Perguntou o meigo Tatu á sua mãezinha.

—Talvez queira conquistar-te!

—Porem, éla não fala quando lhe tiro o chapéu!

—Dirije-te a éla, declara-te, com frases eloquentes, dize que lhe amas muito e que dezejas fazer lhe feliz.

—Bastou esse conselho da velha, para que o Tatu se entuziasmasse e rezolvesse declarar se á primeira oportunidade.

O Sapô deu uma grande festa, em seu magnifico palacio, ao fundo dum lago.

Compareceram a essa receção todos os animaes aquaticos.

A Rã tambem lá compareceu envergando um rico vestuario.

A' beira do lago estavam os outros animaes, que não possuíam a facultade de poder ali penetrar.

O Tatzinho lá estava metido em um

ramentado, pronto para se por em combate de declarações.

Meia noite.

Acabada a grande festa do Sapo, todos voltaram satisfeitos, conversando, rindo-se das aventuras passadas.

Por ultimo, veiu a Rã, melancolica, olhos cravados no chão, sempre linda, sempre atraente.

O pobre Tatu, sentiu um desfalecimento, tremeu, empalideceu, pareceu atacado dum forte nervozo.

Chegou a hora fatal . . .

Tatú dirijiu-se á Rã, e disse-lhe com voz tremula e comovente:

—Rã, tem pena desse miseravel !

—Que é ? !

—Eu amo-te ferozmente, adoro-te, vennero-te, quero-te, sê piedoza, não me mates !

—!!!!

—Aceitas o meu omor ?

Dizendo isso, o Tatú acompanhou a Rã, que cada vez mais, andava depressa.

Chegada a sua residencia, a Rã entrou, e uma forte pancada do fechar duma porta, reboou no espaço . . .

O pobre Tatuzinho, tão estimado por sua familia, o bonito, meigo, delicado, trabalhador, honesto, ficou a ver navios . . .

O avô de vocês

Rejisto elegante

Veio maio e com êle apareceram em nossos canteiros novas flôres de perfume, embriagante e de um viço aveludado, erectas ao ceu azulado e encantador, como que homenajeando a mãe dos homens, a rainha dos Anjos, a immaculada virjem Maria.

Em todos os templos catholicos da capital foram celebradas imponentes cerimoniaes marianas, segundo as recommendações feitas em pastoral pelo querido prelado maranhense, D. Francisco de Paula e Silva.

Na catedral, S. Exc. Reverendissima, com a palavra facil e burilada de frases leves e doces, occupou-se durante o mez dos 7 sacramentos.

O nosso illustre socio honorario Conego Dr. Alvaro Liva, tambem occupou a tribuna sagrada daquela catedral, sendo ouvido com atenção e respeito.

Na matriz da Conceição o seu esforçado vigario Conego Chaves, promoveu, no ultimo domingo do mez, a coroação da imajem de Maria, com cerimoniaes bellissimas que ainda perduram na lembrança de todos que lá estiveram

E assim passou se o bello mez mariano, o mez das flores e das orações.

Aniversarios :

Com intenso jubilo temos o prazer de noticiar o natalicio do nosso confrade Manoel Lisboa academico de medicina, transcorrido a 6 de maio ultimo; do nosso distinto companheiro Rubem Almeida, prezidente da União Estudantal Silvio Romero, a 9; da exma sra. d. Maria da Piedade Belchior, e da provecta educadora d. Almerinda Boza, a 16; do nosso es-

timado consocio Jozé Fortuna, inteligente liceista, a 20; do prezado amigo Emiliano Macieira, a 23; do ativo escrivão do fóro estadual, Fernando Souza, a 30, e, finalmente, da gentil mademosele Rejina Jucá, a 31 daquele mez.

A 1 do corrente, fez anos o nosso amigo João Jozé de Freitas Jorje; a 2, a inteligente senhorita Yolanda Paraizo, dileta filha do sr. Artur Paraizo; a 3, a aplicada e simpatica senhorita Bembem Pires, filha do estimado comandante Pires, e a nossa dedicada consocia Corina Caldas; a 5, o nosso colega Nestor Madureira, esforçado auxiliar dos srs. Cunha Santos & C.^a Suc.^a; a 6, o prezado amigo Jezus Norberto Gomes; a 8, a nossa inteligente companheira de agremiação Aurina Valadão, professora normalista; a 10, as nossas incansaveis apreciadoras, Jandira Nogueira e Santinha Gandra; a 11, o ativo telegrafista da Bahia, nosso confrater-raneo Alcide Costa; a 1, a innocente Maria de Lourdes Fortuna, filha do tenente-coronel Alfredo Fortuna; a 15, o nosso estimado confrade João Vitor Ribeiro; a 16, a exma. sra. d. Jana Pontes de Souza, virtuosa esposa do sr. Fernando Souza; a 18, o aplicado aluno do Externato Rio Branco, Delmiro Butelho; a 19, o Sr. João Brandão de Melo, habil tipografo da «A Tarde» a 20, a gentil e honraria Maria da Gloria de Arfeu Coêlho; a 21, Luiz Muniz, aplicado aluno do liceu; a 22, do interessante menino Jozé Campos; a 23, do inteligente confrade Jozé Monteiro; a 24, do prezado amigo João Teixeira, da Imprensa Oficial; a 26, da exm. sra. D. Joaquina Pires, digna consorte do comandante Pires. Amanhã, passa a data natalicia do abasastado capitalista Leandro Ericceira; a 29, da gentil senhorita Alice Valadão e a 30 da meiga Beatriz Moura, dileta filha do nosso estimado amigo dr. Benjamin Moura, competente conferente da nossa repartição aduaneira.

A todos o «Ateniense» apresenta os seus mais efuzivos parabens.

O dia de Camões :

Revestiu-se de imponencia a festa organizada pelo prestimozo Centro Republicano Portuguez, a 14 do corrente, em comemoração da memoria do grande épico luzitano Luiz de Camões.

Agradecemos desvanecidos o delicado convite com que nos honrou a diretoria daquele Centro e daqui lhe apresentamos efuzivos parabens pelo realce da festa.

Djalma Fortuna

A 16 de maio transcorreu a data natalicia do nosso prezado confrade Djalma Fortuna, ativo 1.^o secretario e que durante trez anos consecutivos esteve prezidindo esta agremiação com carinhoso desvelo e grande dedicação.

Por este motivo os seus companheiros promoveram lhe significativa mostra de apreço.

Ao esforçado colega enviamos, embora tardiamente, o nosso abraço de cogratulações e fraternidade.

Dr. Paulino Jucá

Nataliciou-se a 30 de maio ultimo, o laborioso conferente da allandega amazonense, Dr. Paulino Jucá, que esteve inspecionando largo tempo identica repartição do nosso.

Aos votos de felicidade que naquêl dia recebeu S. Sa. da parte dos seus amigos

distingue, reúne os seus mais sinceros protestos de estima, desejand -lhe u porvir venturozo.

Dr. Jozé Viana Vaz

Passou a 22 do corrente data natalicia do pl. claro e estimado Juiz seccional nestê Estado, Dr. Jozé Viana Vaz, que pela maneira fina de tratamento e rara cultura intelectual se impõe á estima e veneração de todos que têm a ventura de com êle privar.

«O Ateniense», que tem a honra de contal-o como um dos seus mais dedicados amigos envia-lhe as suas felicitações mais cordeais estendendo-as a sua exma. familia.

«A Tarde»

Tivemos o prazer de receber a agradável visita do confrade «A Tarde» que hontem surjiu na arena do jornalismo indijina com um programa prometedor, apresentando feição moderna e devéras atraente.

Fazemos votos para que o novo colega tenha uma longa vida, sempre colhendo fartos laureis e ajudando com a sua cooperação a obra gigantesca do soerguimento da nossa terra.

União Estudantal

Silvio Romero

Eteve á altura dos esforços dos distintos confrades da Silvio Romero, a festa letro-dansante com que comemoraram a vespera de S. João.

Tivemos ocasião de, mais uma vez, ouvir com admiração e gosto na primeira parte do programa, as frases carinhosas e eruditas do grande amigo da mocidade e seu encorajado sollicito Antonio Lobo, a estrela rutilante do Maranhão intelectual de hoje; a forma admiravelmente burilada pelo artista da palavra Domingos Barboza, que já havia muito nos não dava esse prazer indescriptivel.

De um imprévizo feliz o dr. Publico de Melo saudou a trindade intelectual, ali representada por Antonio Lobo, Domingos Barboza e Antonio Lopes.

O joven confrade Hilton Fortuna recitou com arte uma poezia de Maranhão Sebrinho.

O talentozo estudante Vilela de Abreu deu-nos a apreciar uma poezia sua intitulada «Cigarra».

Finalmente, o dicipulo perfeito de Luiz Domingues, na tribuna, Jozé Pinheiro, disse algumas palavras sobre o «Pranto» e a menina Lucrecia Kerth, recitou com real mestria trez lindos sonetos de Emilio de Menezes.

Foi encerrada a sessão e começaram as dansas, com rizados e flores numa atimósfera plena de contentamento raro para todos os convivas.

Parabem justo pelo fulgor das horas agradaveis que nos profescionou a Silvio Romero.

Hilton Fortuna

No paquete «Baia», partiu em 25 para a capital da Republica o nosso confrade Hilton Fortuna, que dirijia com estímulo e dedicação esta sociedade de letras.

Hilton, que tem em cada um de nós um admirador e amigo sincero, deixa a mais viva saudade de sua convivencia animadora de trabalhador intemerato e mantenedor da mais perfeita harmonia entre os que aqui trabalham.

Alegre nos, porem, a certeza plena de que, mesmo de lonje, não esquecerá o nosso convivio e nos dará sempre sua

coadjuvação tão apreciada pelos leitores do «O Ateniense».

Fazemos votos sinceros e amigos pelo seu breve regresso.

Voz Acadêmica

No mez findo appareceu em S. Paulo um jornal bem escrito e impresso, com o nome acima.

Nele escrevem os academicos daquela capital, e dentre eles notamos, com alegria, o nosso confrade Manoel Lisboa, que tambem cursa a academia de direito dali.

Na seção «Ruflos», o nosso antigo companheiro de lutas revela que ainda alimenta o raro gosto pelo profundo conhecimento de nossa lingua.

Vida longa ao novo coleguinha.

**Sociedade Literaria
Barão do Rio Branco**

ESTADO SOCIAL

Efetivos	
Socios.....	11
Socias.	25
	<hr/>
	36
Colaboradores.....	16
Honorarios.....	5
Benemeritos... ..	1
Representantes.....	1
	<hr/>
	59

—Por portaria n. 6, foram promovidos para efetivos os socios Enock Souza e José Perdigão.

—Por portaria n. 7, foi nomeado 2.º secretario—bibliotecario, interino, o socio efetivo Enock Souza.

NOVA DIRECTORIA

Em sessão de 30 de maio o Presidente Hilton Fortuna passou o exercicio do cargo á Vice-presidente, professora El-zuila Souza, em virtude de haver de retirar-se para a Capital Federal.

—Por portaria n. 9, a presidente em exercicio conservou nos cargos de 1.º e 2.º secretarios e tezuoreiro, respectivamente, os socios Djalma Fortuna, Enock Souza e Joaquim Luz.

CONFERENCIAS

Em 30, o socio efetivo José Perdigão realizou uma conferencia sobre «A Roça», sendo geralmante aplaudido.

AULAS

Em julho, reabrir-se-ão as aulas de francez e italiano e inaugurar-se á de a escripturação mercantil, a cargo do nosso consocio João Vitor Ribeiro. No expediente do Secretario são recebidos todos os requerimentos dos socios que se quizerem matricular nos diferentes cursos.

O Ateniense falado

Domingo, 13, foi apresentado, com geral agrado, o primeiro numero do nosso jornal falado, que de muito haviamos prometido.

Tomaram parte os socios: Hilton, Djalma, Marieta e Esveraldina Fortuna, Joaquim Luz, João Ribeiro, Enock Souza, que publicaram artigos de sua lavra, cronicas, poezias, criticas e humorismos, sendo muito ovacionados.

mero, para o qual já providenciamos no sentido de ser empregado o melhor material que nos for possivel adquirir na praça.

O meu jardim

FORGET ME NOT

(Beatriz Moura)

As auras mais fagueiras e leves como a pluma macia do arminho, passaram pelo meu pequenino jardim num delirio de festa infantil, farfalhando palmas, beijando flores e elevando ás alturas azuladas e sem fim um turbilhão de perfumes doces e embriagantes.

O sol, mais cheio de luz, derramou por sobre a terra, num beijo carinhoso e fecundante as emanações ardentes dos seus raios de oiro e brilho diamantino, dando-lhe o aspecto solene e vivo da vida movimentada e soberba.

Sob esses bafejos amigos dos raios solares e acariciamento saudozo das auras macias, no meu querido jardim, onde concentro o melhor das minhas afeições pela seleção magnifica que ele ostenta com suas formozas flores, em numero já avultado, vi brotar, não sem grande contentamento e orgulho natural, uma florinha tão meiga como a aurora e mais simpatica do que a simpatia si fosse personificada.

O bando alegre das flores que ornarn os canteiros de minha estima cercou-a de carinhos e desde logo a nova florinha foi incluída nas fileiras gentis do encanto.

A sempre-viva, junto a éla, admiravelhe a formozura e todas as suas outras companheiras, fraternalmente, prestavam-lhe saudações de eloquente amizade.

E' que a mimoza «Forget me not», a minha simpatica Beatriz, ao par dos encantos que possui pela distinção do trato e intelijencia, reúne tambem um coração tão hem formado como o dos augustos serafins das rejóis do belo onde habita o esplendor inapagavel da bondade e do carinho.

Para admirar mais de perto o encantamento da «Forget me not» me não pude furtar ao dezejo de trazel-a na lapela do «paletot».

E as outras todas aplaudiram o meu gesto e depois quando a coloquei no lugar que lhe foi destinado nos canteiros, uma coroa de anjelicas e cravos cinjiu a cabecinha loira, onde estão encerradas as mais apreciaveis qualidades de intelijencia.

«Florinhas, todas, agora»,
«Saudai a flor recém-vinda»,
«Que convosco vai formar»
«No grupo de graça infinda».

Feijo.

O MASCATE

O ceu fugia diante do furor raivozo do furacão. De um lado invizível do horizonte, subia sem cessar, com lentidão ameaçadora, uma toalha funebre, imensa,

terra mil braços, retorcidos, como si a preparasse a apertal-a, sufocal-a, amortalhal-a em suas dobras humidas e frias.

Mais alto, o sombrio véu rasgava-se uma enorme extensão. Os seus pedaços arrebatados pelos rapidos turbilhões, abandonando-se, girando, com a apparencia lamentavel das couzas mortas, passavam esfrangalhados, com um vôo pezado a pareciam ir abater-se ao longe.

Sob aquela muda e sinistra agitação, estendia-se uma planice má, dezolada, sem limites, correndo em todos os sentidos a perder de vista, sem a minima ondulação, batida pelo aguaceiro, varrida pelo temporal, selvajem, má e negra. Sob os latejos das rajadas, parecia estremecer. As pouças agitavam-se, as gotas crepitavam sobre o lodo moe, a relva estremecia e algumas arvores debruçadas aqui e ali, perfis inquietadores que a sombra occultava, sacudiam os galhos quazi nus que se entrechocavam com longos gemidos, nos quaes confundiam-se bruscas clamores de revolta.

Um homem, cujo perfil miseravel, perdia-se na planice, confundia-se com as massas esmagadoras da noite aspera, avançava peozamente no caminho encharcado, curvando-se para melhor defender-se dos assaltos nivantes das lufadas que se precipitavam sem cessar, e que faziam de si uma hola. Segurando o bastão, que se afundava na terra empapada, la ia gemendo, com a vista turva, mesio desfalecido, sem destino. O raivozo ençarnamento, de tudo que o cercava, tornavalhe a marcha fatigante. A chuva, o vento gelido, a fria e cruel tranqulidade da estrada, estendia-se, sem cessar. Vagou durante muito tempo até que exausto, colerico, sob o pezo do fardo, molhado, estendeuse no chão e lá rolando-se, definhava-se aos poucos até que soltando um gemido surdo morresse.

Hauptmann.

Caza Bordalo

—DE—

JOAQUIM FERREIRA BORDALO

SUCCESSOR

Rua Grande 27—MARANHÃO

Encontram-se CALÇADOS para homens, senhoras e crianças, em todas as cores e dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros.

Grande emporio de cabedais para sapateiros.

Apezar da guerra é a melhor caza no genero e a que vende mais barato, por ém, só

A DINHEIRO.

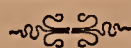
E' O CUMULO da falta de gosto quem depois das refeições deixa de saborear um elegante **Rato X**, o melhor cigarro da Atenas Brasileira.

Fumem cigarros P. R. C.

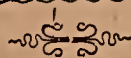
O ATENIENSE

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANO 4



Maranhão, 18 de agosto de 1915



NUM. 53

Mais um marco

Nada nos enche mais de alegria e corajem do que a tarefa fulgente de, uma vez por ano, justamente no dia de hoje, encimarmos o nosso jornal, humilde porta-vóz das nossas idéas, de um artigo onde bendizemos todos os nossos triunfos, onde espalhamos, aos quatro pontos cardeaes, a irradiação encorajadora do nosso contentamento.

Desde 1912, quando nos reunimos num só pensamento, tem sido de proveito intelectual vantajojo a nossa trajetória.

Hoje, um dezanimo, uma dezilusão; amanhã, um fasto, uma vitória.

E' certo que a nossa empreza ainda não galgou o fim que colimamos; mas com a intranzijencia e estímulo que nos teem ca-

A! não seríamos mais do que batos sem bussola, que, consequentemente, se aniquilariam na grandeza do oceano que os contem.

E é por tudo isso que, nos dias atúaes, a mocidade se congrega na mesma comunhão de idéas, porque sabe o quanto foi pobre e grande a pleiade chefiada por aquela trilojia veneravel e sacrosanta.

Com essa seiva que vivifica e encoraja, a mocidade julga ter todos os armamentos para a batalha a que se propõe. Batalha que não pode ser mais altruistica, mais dignificante, que é a de fazer reviver o nosso passado, com todas as glorias que lhe aureolaram os



fastos. Batalha para que possamos fazer dessa mocidade, sem distinguir o rico do pobre, o feliz do desprotejido da sórte, o grande do pequeno, o de epiderme negra do de epiderme branca, uma mocidade livre nas suas idéas, possuidora de todos os seus direitos. Batalha para que essa mesma mocidade, pelos melos mais nobres e dignos, passe ileza de todo o aviltamento e de todas as iniquidades que nos assoberbam nos tempos que passam.

O retrato que honra a nossa primeira pajina de hoje é o do maior brasileiro de todos os tempos, ante cuja memória curvamo-nos submissos, con-

racterizado, é patente que a vitória nos não venha lonjinqua. Cada ano que passa é um louro que nos cinje a frente. Cada sól que volteia a nossa colmeia se destende e fortifica. Cada hora que são os obreiros dessa colmeia mais se engrandecem e iluminam.

E não tivessesmos nós a encorajar-nos a memoria dos grandes maranhenses do passado, que nos irradiam, enchendo-nos de glorias e ilustrando nos o espirito, na magnificencia das pajinas que nos legaram!

Não tivessesmos nós o exemplo do estímulo perfeito como nos soube ensinar a trindade augusta que se findou nas dobras do preterito: João Lisboa, Gonçalves Dias, Odorico Mendes!

templando a figura altaneira do imortal patricio, sob cujo patronato estão os destinos de nossa associação de letras. Ilustramos a nossa modesta tenda de trabalho com o nome aureolado de Rio Branco, porque sabemos, como todo o brasileiro que o sabe ser, que a nossa gratidão pelos seus serviços á terra que lhe serviu de berço deve ser perene, imorredoura.

E enquanto as cordas debeis de nossas vozes tiverem força para vibrar, o seu nome será repetidamente cantado com todos os esplendores que lhe co-roam os meritos.

PARNAZO

A VIDA

Ao Joaquim Luz

A vida é uma quimera triste, horrenda,
Uma ilusão sem fim que nos seduz
Entre o fulgôr arjenteo de uma luz
Nas parajens irfindas de uma lenda.

A fileira dos anos nos conduz
Da mocidade á tetrica vivenda,
Onde o Genio do Mal ergueu a tenda
Da morte que no pó tudo reduz.

—No tumulto se encontra'os dezenganos
Dos passageiros tramites humanos,
De ventura, de amor, de mocidade...

—E do mundo só résta um vão, um nada,
A vizão de um viver, quazi apagada,
Uma cruz, uma loiza e uma saudade.

Pão de Assucar

Gigante colossal, monstro altaneiro,
Sentinela avançada e prepotente,
Na sua majestade arqui-excelente
Serve de orgulho ao povo brasileiro.

Apontando p'r'o alto, olhando á frente,
Exposto ao temporal forte e morteiro,
Rezistindo ao tufão negro e certo
Ele tudo domina mansamente.

Da terra luminosa e fluminense
Que á comunhão brazilica pertence
E' o atrativo majico e sem par! ..

Enche de pasmo a todo o viajante
Que o contempla, impavido e gigante,
Serenamente sempre olhando o mar!...

Explicando

(A uma ingrata)

Porque pensas, vaidóza, que fazendo
Assim como fizeste eu vou, cativo,
Na luz do teu olhar soberbo e altivo,
Pedir-te complacencias que não entendo?

Porque julgas, tambem, que eu, pobre, vivo
Louco de amor nas ancias me abatendo,
Por ver na realidade se acendendo
O teu desprezo ingrato e vingativo?...

—Não vês que eu trago nalma uma coi-
raça,
Afeita ás tentações, cega á desgraça,
Que me proteje e salva-me nas dores?!

—Esta coiraça, escuta, é a minha lira
Que canta o bello e tudo o que me inspira
E sabe recuzar falsos amores!...

Rio,

HILTON FORTUNA.

IMPOSSIVEL!

A Reis Carvalho

(No album de Belarmino Carneiro)
Não me falem de amor. Um desvario
agora,
quando somente paz meu coração im-
plora!
Grave dezilusão apóz triste desgosto!
Sorver impuro môsto,
por capitozo e fino, tonico licor?!
Não me falem de amor!

Não me falem de amor. Meu coração re-
pleto
transborda de saudozo e malogrado a-
feto,
já comportar não pode estranho senti-
mento!

Agridoce alimento,
continuo, lhe prepara e lhe fornece a
dor!...

Não me falem de amor!

Paris—1912.

T. DE SOUZA.

Comme la terre

A Morena

Vois comme tout est clair et paisible au-
jourd'hui.
Sous le ciel bas et gris, la terre est toute
blanche:
Blancs les prés et les champs, et blanc
le toit qui penche;
Sur la glèbe, un manteau s'est posé cette
nuit.

Tout est blanc, aussi loin que le regard
peut voir...
Et pourtant cette paix sereine et que
j'envie
Me trompe... Car jamais sous l'effort
de la vie,
La terre ne fut plus souffrante que ce
soir.

Les boulets des canons ont déchiré ses
flancs
Et creuzé dans son sein de profondes
blessures,
Mais elle voile à tous ses secrètes tor-
tues
Sous l'amoncellement discret des flocons
blancs.

Vois la terre ce soir!... Et souviens
—toi toujours
De l'exemple silencieux qu'elle te donne.
Souviens-toi!... Si parfois, dans ton
cœur qui frissonne,
La douleur, autre obus, fait de sanglants,
labours,

Ne daigne point chercher les compas-
sions vaines!
Comme un trésor, dérobe aux regards
ton malheur
Et revêts les tourments dont tressaille
ton cœur
D'un voile de douceur et de fierté sereines.

FRANCE-BRÉSIL.

O teu retrato

Foi uma noite fuljida e estrelada,
Que em minha mente, alegre, inda perdura,
Aquela em que passei, ó minha amada,
Contemplando tua imajem santa e pura.

O irradiar da effije ali traçada,
—Imajem toda fé, toda doçura—,
Penetrava em minh'alma, acrizolada,
Esparjindo mais luz e mais candura!...

Tinha entre as mãos tua face, que beijava,
Que cobria de preces, e onde via
Todo o conjunto que meu ser amava...

E admirava essa fotografia
Que alegremente para mim falava
E na mudez simbolica sorria.

D. FORTUNA.

Temôr

As flôres, Alinelte, estão raivozas
E eu não posso acalmar os seus furores;
Ha nos jardins e moitas perfumozas,
Odios e prantos, gritos e clamores.

E saibas já, formozas das formózas,
Que és tu a origem de tão vis rancores,
Pois é por ti que abandonando as rozas,
Estão se suicidando os beija-flores.

As rozas têm ciume... Conhecendo
Sentimentos tão vis, ando sem vida,
Ando com medo dalgum crime horrendo.

E vivo cheio d'ancias e pavores...
Cautela! pode rebentar, querida,
Uma feroz revolução de flores...

CORRÊA DE ARAUJO.

Rimas

AO AMIGO X...

Caro amigo, se num sonêto, ao meio,
Encontrares, o que é comum, um—vê-lo—,
Repara que no fim do devaneio,
Para rimar com ele vem—cabelo—.

Mas se em vez disto for—côrva do seio—,
O sonêto será mui bom e belo,
Mas é fatal, vem logo o—terno anceio—,
Pois entre os dois existe um forte élo.

E se encontrares uma—linda flor—,
Vê que é somente prá rimar c'o'—amor—,
Porem, se aparecer um tal—dezejo—,

Λ! então já se sabe, a coiza é certa,
E chave de oiro fecha a porta aberta,
Pois termina o sonêto em—forte beijo—.

J. PERDIGÃO.

O ATENIENSE

Literario, humorístico e noticioso

Rua 28 de Julho, 53—S. Luiz

Presidente, *Joaquim Luz*; Vice-presidente, *El-Zuila Souza*; 1.º secretario, *Djalma Fortuna*; Tezoureira, *Marieta Fortuna*; 2.º secretario-bibliotecario, *Enock Souza*.

Assinatura anual 2\$000
«O Ateniense» será enviado á imprensa, mediante permuta.

Mais uma data feliz

Comemoram hoje os rapazes da Rio Branco o segundo aniversario de vida da sua futuroza agremiação.

Andalhes por tal motivo em ruídozas festas a caza.

Sobram-lhe, para tamanhas expansões, os motivos.

Porque nesses dois anos de vida, conta a Rio Branco, pelos dias que decorreram, as vitorias que a pres-tijiam.

Cursos diurnos e noturnos, conferencias, sessões ordinarias e magnas, jornaes, todas as formas, em fim, da manifestação da sua vida literaria, ai estão para atestar-lhe o vigor.

E se até agora veio assim, assim proseguirá, na certa, daqui por diante.

E outra couza lhe não dezeja quem com tanto afeto e boa vontade lhe vem acompanhando e admirando os passos na vida literaria do Maranhão.

Antonio Lobo

A'S FLORINHAS DO AMIGO FELJÓ

Quando eu era pequenino, minhas queridas amiguinhas, ou melhor quando eu tinha menos idade e mais inocencia que hoje, porque pequenino sempre fui, sou e serei, minha avó contava a mim e a meus irmãozinhos, historias muito bonitas, de princezas extremamente belas e bondozas que habitavam palacios encantados, nos ermos das montanhas, nos tempos em que os animaes falavam. Estas princezas, que viviam na solidão de seus palacios rodeados de seculares arvorêdos, não tinham outro mister, dizia a vozozinha, deixando escapar-lhe dos labios entrea-

bertos um sorrizozinho de incredulidade, senão o de fazer bem.

Empregavam toda a sua existencia, beleza, graça e bondade, em consolar as crianças desprotejidias dos carinhos maternas, saciar a fome e a sede dos camponesos famintos que habitavam arredores de seus palacios, tratar desveladamente dos animaes que tanto se familiarizavam com elas e cuidar com o maximo bom gosto do cultivo das flores de seus jardins que tinham sempre uma beleza infinita, uma graça e sinjeleza incomparaveis. Todo tranzeunte ou caçador que, por acaso, ali passasse, ficaria prezo tal era o odorifico perfume que ali se respirava.

—E quem não ficará prezo ao contemplar as belezas e sentir o odor puro, embriagante, delicioso e casto de flores tão sinjelas e meigas como eram a dos jardins das princezas encantadas, e como são vocês, minhas amiguinhas?

—Ninguem decerto.

Estas historias me impressionavam tão bem, me davam uma idéa tão pura e deliciosa das venturas deste mundo, enchiam-me o coração de um bem-estar tão sublime, que eu, quase sempre, sem refastelar-me nas golozeimas da cêia, adormecia inocentemente no seu regaço morno e macio, deixando transparecer num sorrizo adormecido toda a tranquila felicidade que me ia nalma inocente.

E só despertava ao alvorecer, quando os passaros, saindo dos seus ninhos, entoaram, na sonoridade do seu canto, um hino de gloria a Deus que dava mais um dia claro, com um sol flamejante, de raios doirados, que vinha enxugar o orvalho que durante a noite fazia tiritar de frio as aves mal agasalhadas e conjelar os arbustos e as flores expostas ao tempo.

—E quanto feliz não era o meu despertar com aquêlo sol ameno que os passaros saudavam e que as arvores e as flôres bendiziam?

E passava feliz os meus dias de juventude, brincando, com os meus irmãozinhos, debaixo das frondozas arvores á beira do regato dagua cristalina que deslizava mansamente ao lado da caza paterna. O unico aborrecimento que toldava essa minha felicidade sublime, era a lentidão com que passavam as horas de sol, pois durante elas eu estava privado de ouvir as historias da vozozinha, porque, lá no seu modo de pensar, dizia ela que em quem contava ou ouvia historias durante o dia nacia rabo. E o terror dessas palavras, que hoje reconheço serem mentirozas, o terror de andar com um formidozo rabo como o macaco, o cachorro ou outro irracional, fazia com que eu esperasse, impaciente, mas rezignado o termino daqueles dias sem fim, o passar daquelas horas seculares!

Quantas maldições dos meus labios inocentes não recebeu o sol pela indolencia do seu passo? Como eu achava Deus injusto por castigar com um descomunal rabo aqueles que ouviam e contavam historias durante o dia?

Mas finalmente a paciencia, a perseverança, a obediencia venciam e eis que, chegada a noite, extaziava-me a ouvir de

minha avozinha as historias que uma geração inteira vinha contando.

E essas historias fantasticas, mentirozas, minhas amiguinhas, tem um quer que seja de sublime, de memoravel, que eu me sinto feliz em fazer-lhes essas todas apreciações, enquanto espero que m'as venham pedir os meus netinhos, para que possa continuar a obra sagrada dessas boas velhinhas, de cabeças alvas, sorrisos de santas, que foram nossas avozinhas...

JOVIRA.

Universidade

d' «O Ateniense»

I I

Apresento, leitor, muito em segredo Letrado e bom doutor visto em flagrante, Volteando, gentil, muito elegante, A praça do quartel, inda bem cedo.

Relembrando, talvez, quando estudante E aquela praça um rustico arvoredo, Sem requintes d'agora nem folguedo Para as horas do tédio revoltante.

E enquanto o ocazo cobre-se de fumo Rebusca o bom doutor um novo rumo, E a passo tardo, machucando o asfalto,

Iluminando vai sua doce lira, Roza de peras que na tarde atira A colaboração de quem ri-alto.

Irbério

Perfis Liceistas

A pedido de muitos amigos, inauguro solenemente, com as formalidades do estylo, esta seção, onde eu a tanto me ajudar o enjenho e arte, pretendo o delinear al gumas das estrêlas de mais talento simpatia e bondade que contem o quadro femenino do Liceu Maranhense.

Com uma reverencia de muito respeito, mãos á obra:

I

Ermina Costa.

A primeira figura que apresento Do grupo que se ilustra e se engrandece Nos bancos do Liceu, leitor, parece A vizão majestosa do talento.

Dos tempos da Normal, honroza, tece A corôa de glorias em rebento Que certo ganhará e ao seu contento Nas grandes distincões que bem merece.

Gorda, rozada, simples e elegante, Na formozura é mais do que triunfante E tem no estudo o esforço consagrado.

Amanhã, certamente, a professora Mostrará aos alunos, vencedora, Os loiros que colheu no seu passado.

H. Ferrári.

Inspirações femininas

A' ENEDINA SILVA

A saudade evoca uma consolação do passado, quer feliz quer cheio de amargura; éla nos alimenta nos mais invizíveis dissabôres e nos dá força para suportarmos a vida.

A QUÊM ME COMPREENDE

A auzencia do ente a quem tributamos verdadeira amizade nos faz esquecer todos os prazeres para termos o pensamento fixo na imagem da pessoa amada.

Ulaizel

—0—

A inocencia é o osculo que Deus depõ no coração das crianças.

A esperança é o balsamo que anima os dezherdados da sorte.

Altair

—0—

Uma amiga sincera é um relicario dourado onde depositamos os nossos segredos.

Amor! Palavra harmonioza que enebria e encanta os corações ternos e apaixonados.

O! quanto é belo e sublime o nosso nome pronunciado pela pessoa a quem dedicamos o nosso afeto! Assêmelha-se a um acorde melodiozo de um piano bem afinado.

Ateiram

—0—

Reconciliação

Em uma linda tarde, o sol declinava no horizonte, quazi a esvaecer, quando uma joven passeava gracilmente na margem d'uma ribeira, contemplando as flôres silvestres que aureolavam toda a margem com o seu halito de arômas.

O vento soprava rijamente os leques das viçozas palmeiras.

A joven avistou ao lonje um vulto ignoto e dirijiu-se jovialmente para ele. Mas logo reconheceu que era sua rival. Não recuou. Seguiu com toda magnanimidade.

Ao aproximar-se ela exclamou: o! que belo espectaulo apresenta aqui a natureza!

A outra conservava-se silencioza e fitava as nuvens que flutuavam no

firmamento. Nesse breve espaço de contemplação, o sino, com o seu som melancolico, acabava de denunciar a Ave-Maria. Ela tirou o barrête com que estava coberta sua linda cabecinha e dirijiu-se a sua contemporanea pedindo remissão de culpa pela ação involuntaria que cometêra, cativando injenuamente o coração do ente tão amado por aquela a quem falava.

I. Araujo

18 de agosto

Fatos como os que hoje comemora a Sociedade Literaria Barão do Rio Branco são raros e bem raros, mormente nesta época que atravessamos, na qual um dezanimo terrivel e nefasto destrói todas as enerjias de quem se sente com vontade de pelejar por um ideal nobre de fins meritorios. E comemora-lo é, para nós, humildes soldados das fileiras literarias, de maior contentamento e conforto.

Olhamos para traz, através de um passado de 3 longos anos de penozos trabalhos, e vemos a vizão primitiva do que foi a nossa agremiação, pequena candeia que bruxuleava fraquinha a custo de uma pequena párcela de mãos valentes, da qual eu me orgulho de ter feito parte, e envaidecidos vemos o aspecto que éla neste momento apresenta, solidificada e grande, exibindo na sua fecundidade progressiva frutos ideais de valor inestimavel, o que nos dá, de uma maneira valoróza, coragem e instigamento para abaixarmos a vizeira da nossa coiraça de trabalho e penetrar com mais ardor na luta pela existencia não ligando á espessura, negra dos obstaculos futuros, como nos ensinam os grandes homens de hoje, que como nós agora, tambem passaram pelos mesmos caminhos que conduzem á vitoria.

Relembrar o que de util e vantajoza tem feito a sociedade que se escuda sob o nome gloriozo de um dos mais imortaes dos brasileiros é o mesmo que recitar um poema que todos conhecem sobejamente e que quanto mais cantado fôr tanto mais imponente se torna.

Com o jubilo intenso e justo que hoje transborda nos coraçõis dos meus companheiros de bancada os quais sabem emprestar o melhor dos seus esforços á cruzada a que nos propuzemos, embóra de lonje mesmo, como si presente fôra, faço côro com êles no protesto solene de trabalhar sem esmorecer para que o nucleo forte de nos-

sa fraternidade se torne num esquadrao invencivel para honra da nossa terra querida e gloria de nós mesmos.

Rio.

Hilton Fortuna.

Postaes coloridos

Amiguinha Odete.

Hontem, revendo o meu album, encontrei o teu retrato que me oferecete como prova de sincera amizade.

Ao vel-o, dezenharam-se-me na imaginação todos aqueles nossos belos tempos de out'ora; e uma tepida lagrima, deslizando-se morozamente pela minha face, foi cair dezamparada sobre o sólo!

Quedei-me por momento em ver como tudo está mudado, até mesmo a nossa amizade!

O nosso afeto, esse, vejo fenecer pouco a pouco, qual uma arvore fanando-se lentamente á falta do rócio vivificante.

Mas, a culpa não é minha, bem o sabes, e sim tua.

Já me não procuras mais como out'ora, para confidenciarmo-nos mutuamente. Não!

Agora vives tão somente embalada nas doces iluzõis fagueiras do amor—dessa iluzão falaz!!

A! o nosso passado, a nossa infancia! recordal-os hoje seria um saudozissimo sonho de iluzõis esvaecidas!!

Ingrata, muito ingrata, te vaes tornando, Odete.

Não sejas assim; vem de quando em quando nesta seçozinha que hoje inicio, conversar com a tua amiga, a tua

Irene

Com ares de cronica

A imprensa sem escrupulos

Ha muito tempo vimos observando o quanto mentiroza é a nossa imprensa.

E' dever do jornalista, que o sabe ser, primar absolutamente pela verdade e empregar o maior rigor em prol da veracidade das noticias que faz publicas. E' raro o dia em que não se faça publicar, nos nossos jornaes, uma retificação de um, um protesto de outro, uma defeza de um outro, acuzado de qualquer delito por este ou aquele jornal.

Hoje, que o Maranhão tem a feliz dita de publicar cinco diarios, deveria-

mos caprichar na instituição de um bom serviço de reportagem. Não se pode absolutamente negar que o noticiário dos nossos jornaes é o mais falso e infundado possível.

Uma outra coiza, tão util como a reportagem, e que se descursa quazi por completo, é a escolha de correspondentes telegraficos que nos transmitam os acontecimentos com menos exajero e mais verdade.

Quem se der ao trabalho de fazer uma estatistica da mortalidade alemã, conforme os nossos periodicos, chega á conclusão de que, ha quazi um ano, não existe um só soldado em pé, no reino de Guilherme.

Lembram-se bem os leitores o que os telegramas que nos transmitem fizeram do Kronprinz?! Esteve muito mal de saúde, foi ferido numa campanha, enlouqueceu, foi internado num manicomio, submeteu-se a uma operação, onde lhe deceparam um dos pés e uma das mãos, seu pai mandou enclauzura-lo numa fortaleza, morreu, e, finalmente, tomou Argonas depois de sepultado.

Desse jaez temos tido ocasião, de apreciar muitos outros despachos sobre a conflagração européa que confirmam plenamente a sabedoria popular que diz—em tempo de guerra é mentira como terra.

Não é só do velho mundo que nos vemos essas horripilantes inverdades; dentro do Brazil tambem muitas se dão: ainda no dia 15 fez um mez que um dos nossos diarios disse, num telegrama, que a cidade do Rio estava transformada em verdadeira praça de guerra!

Em presença dessa noticia chistoza, só mesmo perguntando-se ao seu expedidor si nessa ocasião ele acordou com o ribombar dos canhóis e som da corneta; porque só pode ser um sonho ver a cidade fluminense com o aspecto dos campos europeus.

Durante a parêde, mandou-me dizer um amigo que lá está, nada houve que tivesse aspecto de praça de guerra, conforme afirmam os jornaes maranhenses.

Ora vejam os leitores. Isso além de ser uma «brincadeira» que põi em sobresalto as mãis e pais de familia que tem seus filhos estudando fóra dos seus cuidados, é uma tristeza para nós, vemos o nosso paiz, por qualquer «dá cá aquela palha», transformado em verdadeira «praça de guerra».

Nem os alemães, que por qualquer coiza se zangam, tem esse sistema de proceder.

E não são só os telegramas da Europa,

e do Rio, e, consequentemente, os jornaes da capital maranhense que tem dessas «lindezas». Nos jornaes do interior tambem registam-se noticias sem escrupulos:—«O Norte», de Barra do Corda, que, digamos a verdade, é o melhor jornal do interior do Maranhão, em sua edição de 17 do passado, «O Ateniense», com armas e bagajens, para orgam da officina João Lisboa, sociedade de letras bem conceituada em nosso meio, mas que ainda não fez publicar nenhum jornal; a «Comarca», que se publica no Codó, transferiu o nosso consocio Antonio Lobo da redação de «A Tarde» para a de «O Estado», coiza que se não pode acreditar nem mesmo como gracêjo.

Antonio Lobo dirigindo «O Estado»?!
Bateu o «record» das mentiras!

D. F.

Coordenando

Ora muito bem.

Vai p'ra aí uma pequena doze de tempo que experimentamos uma esperança mais fagueira da exumação dessa maldita *caveira de burro* que dizem afujentar todos os propozitos bem intencionados de levar-nos para diante.

Não foi sem cabimento que um camarada mais ali do sul, ao passar por este velho alpendre, teve para o Maranhão topografico sinceras palavras de piedade. Achou que ele é uma sorte de urubú, desses bem infelizes que nenhum galho os quer abrigar e por menos caiporas que sejam os que estão para baixo *cospem lhes* nas cristas.

Nada menos disso podemos avançar.

Cada governo que surge exhibe, com as formalidades do estilo, uma plataforma extraordinaria, prodiga de considerandos mais animadores que os da gestão passada, prometendo empenhar todos os seus esforços, até os cabelos das sobrançelas, contanto que sua faze seja uma realidade.

Basta isso para que os governados, as folhas; tudo, proclame por toda a parte aquelas gigantescas promessas, pintando com as mais vivas côres as reformas sonhadas e de lonjinha aproximação.

Passa-se afinal o periodo em

que se deviam realizar as animadoras promessas e vemos por um óculo todos os castelos que idealizámos e por um binóculo as abas do fraque daquele que quatro anos seguidos gozou o macio estofado da cadeira governamental.

Rara e inesperadamente nos aparece um desses homens benemeritos, cheios de vivo amôr ao interesse terreno e do proximo e que num rapido e vigoroso governo satisfazem nossas aspirações, modelando com poucas e seguras manobras esse andamento tropego das couzas: influindo com seu proteccionismo e principal incentivo tudo o que diz respeito ao bem estar do povo.

Creio mesmo que seja a influencia superior desse *espírito de asno* que nem ao menos respeita a tradição dos fortes do Maranhão.

Felizmente temos ás portas os srs. Van Erven que vêm tentar concertar esses barrancos, afujentando esse *monstro* devastador com uma meia duzia de choques elétricos.

Tambem já é tempo de apozentar esses arcaicos calhamaços do tempo do comendador Reinaldo Montóro, do fiscal Bastos.

Quarenta e tres anos de utilidade exigem uma recompensa digna de tantos solavancos.

Sabemos lá tambem se as pobres alimarias que se acabaram sob a pressão do nodôzo chicote da Ferro Carrit não nos atiravam ás costas essa praga de nunca passarmos disto?

Talvez que revestidos de uma valente couraça de *jil vicente* os srs. Van Erven consigam a extração dessa urucubaca que nos agarrou com unhas e dentes.

Experimentem e nos contem depois o resultado.

Irbério.

NOTA—Já estava composta esta matéria, e, por consequencia, bastante inconveniente á distribuição, quando a *Pacotilha furou* que a *caveira de burro* havia assomtrado os dinamicos Van Erven & Comp, não obstante a colossal energia de electricidade que trouxeram.

O Maranhão tem sorte prá... burro digo, *caveira do cujo*—IRBÉRIO.

Em Riba-Mar

O horizonte enluarado tinje se de purpura, na selva luxuriante e ridente, começam a soltar os seus maviozos e alegres trinados os multicôres e travessos passarinhos, o mar gemente espalha tristonho e ritmico, as suas vagas espumozas, sobre a alva areia da praia, nos terreiros proximos os galos cucuritam de quando em quando, emfim vem de-zabrochando uma rozea e esplendi-da manhã de verão.

O Antéro madrugára, pois tinha urjente necessidade de ir á cidade as-sinar o ponto na sua repartição, e precisando chegar cedo já áquela hora estava de pé e preparado para partir, contemplando extaziado, emquanto esperava a primeira refeição diurna, o quadro maravilhôzo que se lhe antepunha á vista, quadro subli-me da volta solene, majestozza, do re-jiro astro do dia.

Começam as lidas matutinas nas pitorescas e humildes cazinhas, o si-ninho da alva e rizonha ermida, do branco e sinjelo ninho de fé bim-balha, o malva-roza espalha no ar o seu suave e deliziôzo perfume, o só já se eleva rutilante e magnificente no firmamento, derramando prodi-gamente sobre a terra, os seus aureos e fecundos raios, e o Antéro sáe de caza apressado, pois o automovel já fonfonava chamando o, e ele não que-ria, não podia mesmo, perder a viagem, mas contra a sua vontade, logo ao sair encontra-se com um vi-zinho madrugadôr.

—Bom dia, diz ele rapidamente

—Bom dia, ó! levantou se cedo, de certo para admirar a belêza da manhã.

—Não, vou á cidade

—A! vai á cidade

—Sim, quer alguma coisa para lá?

—Lembranças! a que horas vai o senhor chegar?

—A's 8, mais ou menos. Veja o que é o evoluir, o que é o progres-so; em das horas, menos até, estou na cidade, na minha repartição, co-modamente sentado, trabalhando, emquanto antigamente só em dois dias.

—E' verdade, mas isso era no outro tempo.

—Sim no tempo disto, e o Antéro apontou com uma carêta de escar-neo, para um modesto e rustico carro de bois, que soltando prolongados ge-midos, passava vagorosamente na larga e arienta estrada.

E subiu no automovel.

—Até á volta!

—Bôa viagem!

E lá se foi o auto, envolto em uma espessa nuvem de poeira. a toda ve-locidade, em rumo da linda e pitoresca S. Luiz.

Meio dia, o sol estava piço e impie-

dozamente azorragava a terra, com seus flamejentes raios, de quando em quan-do um vento quente soprava, levan-tando uma sufocante nuvem de poeira, não se ouvia um rumor, nos ramos i-moveis das majestozas arvores, as fo-lhas espalhavam á intensa luz solar, tu-do parecia paralizado, sonolento, até o proprio relójo que compassada e pre-guiçozamente, acabara de batêr as dôze badaladas de meio dia.

Eis assoma numa volta da estrada, suerento, coberto de pó, queimado pelo sol abraçadôr, fatigado da longa viagem que fizêra a pé, o Antéro, o apaixonado admiradôr do progresso.

O automovel tinha desmantelado-se no caminho, e ele não tivára outro re-medio senão voltar para caza, e agora aborrecido, humilhado, tal como um Quixote que partindo em busca de ex-traordinarias e formidolozas aventu-ras, volta á pacata vilinha donde saíra, deziludido e com o corpo moído de pancada. Ao transpôr o lumiâr da sua branca e alegre czinha, o nosso ho-mem mandou em dezafojo de todo o seu sofrimento, —ao diabo o progresso.

Passa morozamente na estrada, em cujas margens vicêja abundantemente a adorante herva de S. João, que com seu perfume forte, intenso embalsa-mava, o ar tepido, do começo da tar-de, um humilde e tosco carro, pucha-do por pacientes e mosculozos bois, ia cantando sonoramente e aquêles termos e as vezes harmoniozos sons feriam aos ouvidos do Antéro, como a mais ironica e escarneada troça.

Maranhão, 3 de junho de 1915

Japi Parassú.

Os festejos de hoje

A comissão promotora dos festejos com que comemoramos o dia de hoje, envida todós os esforços para o maior realce do dia 18, feliz aniversario da nossa associação de letras.

Alem da presente edição, que re-comendamos a uma das melhores tipografias de S. Luiz, teremos festas á noite, devido ser hoje dia util, é não dispormos, portanto, de todo ele para folguedos. A's 20 horas terá inicio a sessão literaria, com todas as soleni-dades do estilo, onde uzarão de pala-vra: Antonio Lobo, em nome do quadro honorario da Sociedade Literaria Barão do Rio Branco; professora El-Zuila Souza, pelo quadro social femi-nino, e José Perdigão, pelos socios efetivos e colaboradores.

Terminada a sessão, reunindo o util ao agradável, começará o sarau dan-sante, para o qual distribuimos con-vites especiaes.

Durante o dia, a redação de «O Ate-niense» permanecerá á disposição de todas as pessoas que a queiram vizi-tar,

Retratos a lapis

G. C.

Para que eu pudesse descrever a effie de uma das mais belas das nossas conterraneas, seria necessario que o sol iluminasse a terra com mais esplendor e brilho, seria preciso a aparição de um dia festivo que se pudesse distinguir de todos os sóes que nos teem iluminado.

Achei hoje, o dia mais fastozo para nós do que todos os outros; hoje que a nossa alegria atinje ao auge, glorifi-cando o dia 18, cujo astro-rei, guirlan-dado de raios de rubis enebriantes, dá mais vida e esplendor á data que nos aureola e encanta. Escolhi a edição de hoje para, num côro alacre e vibrante com o coléga Feijó, o incansavel apre-ciador das crianças do «Meu Jardim», pronunciar repetidas vezes o nome so-nôro que, em duas silabas apenas, en-cerra a figura altaneira da mais encan-tadora joven que habita a rua Grande.

Quem por lá passar nas horas em que permanece na janela, cumprimentando a um e saudando a outro, com a mes-ma alegria e carinho, tem ensejo de ver seus belos olhos, duas cintilantes estrelas que extaziam e elevam; sua face alva, tendo duas rozas do carmim ma-ravilhoso e leve com que a natureza dota as raras formozuras; seus negros cabelos nunca esparsos, mas sempre dispostos em cachos de espiraes cuida-dosamente dispostas; duas filhas simetri-cas de dentes alvos e brilhantes que deixa antever entre os rubros labios, quando, com a jovialidade de uma roza, nos deslumbra com o sorriso casto das brasileiroas formozas; emfim, com seu porte elegante e rejio e sua esmera-da educação, e trato afavel, completa um dos mais perfeitos tipos de mulher que o Maranhão tem a alta honra de contar como filha e que eu me ufano de descrever palidamente o seu perfil nesta seção onde costume retratar, uma a uma, todas as senhoritas que nos ir-radiam o eșcôl com suas graças e be-lezas.

A's irmãs da nossa homenajeada de hoje, em numero de sete, igualmente formozas e delicadas, que quasi de per-to contemplam constantemente a praça que tem o nome do immortal jornalista do «Timon», os nossos mais vivos para-bens pela dita feliz de estarem ligadas, pelos laços indissoluveis da fraternida-de, a uma das mais encantadoras das filhas da Atenas brasileira.

Dante Faria

—Sabes, querida, quando sair daqui vou fundar um jornal semanal.

—Bravos! E que titulo vaes dar-lhe?

—«Diario».

—Mas o jornal não vai sair de se-mana em semana?

—Ora, tolinha. Vae sair de semana, mas durante o dia—!!

Profundamente relijiozo, ele vai ago-ra, todos os domingos, á missa na Glo-ria. Na ultima missa, confessou-se. Ao ajoelhar-se deante do padre, fez o sinal da cruz:—Padre, Espirito Santo... amen.

—E o filho? pergunta o sacerdote.

—Ainda não nasceu, respondeu Ele.

Rejisto elegante

No mez de julho, findo, o nosso jornal não circulou devido a grande afilência de serviço na tipografia onde é impresso, o que acontece repetidas vezes.

Porisso temos, embora tardiamente, de rejistar em nossas colunas alguns aniversarios que se comemoram durante aqueles trinta dias.

NATALICIOS:

No mez passado comemoraram seus aniversarios: a nossa gentil consocia, senhorita Carmen Pontes, um dos mais fulgurantes ornamentos da sociedade maranhense e a inteligente professora de francez, *mademoiselle* Henriette Bricotte, nossa consocia, atualmente em Parnaíba, em 1; o membro honorio desta associação, o brilhante jornalista e tribuno Antonio Lobo, que nesse dia recebeu significativa mostra de apreço, em 4; o venerando mestre Domingos Machado, lente catedratico de portuguez do Liceu Maranhense, em 5; a illustre colega de agremiação Cristina Vinhaes, atualmente na Capital Federal e o joven poeta e orador Raimundo Vilela de Abreu, em 7; a exma. sra. d. Marcolina Serra, avô da nossa distinta colega Carmen Pontes, em 14; a senhorita Maria Jozé Moreira, em 21; o major Tiago Torres, que, com reconhecido zêlo e competência, exerce o cargo de 2.º delegado auxiliar de segurança publica, em 25; a nossa associada Marieta Fortuna, aplicada segundaniada do Liceu, que dezempenha, no atual periodo presidencial, com brilhantismo, o cargo de Tezoureira da nossa agremiação, em 27.

COELHO NETO

No dia 24 de junho, teve o nosso consocio honorario Henrique Coelho Neto o intenso prazer de ver reunidos nos salões de seu lar bendito os seus inumeros amigos e admiradores, por motivo de comemorar naquele dia o 25.º aniversario do seu feliz consorcio.

Ao fulgurante tribuno maranhense e reputado artista da palavra, que nos tem legado as mais belas e cintilantes paginas, o nosso abraço de veneração pelo transcorrer feliz de suas bodas de prata.

—No mêz de agosto é dever nosso rejistar os seguintes aniversarios: o inteligente liceista Jozé Andrade, em 1; a exma. sra. d. Lidia Serra Pontes, competente professora de prendas femininas da companhia «Singer», nesta capital, e a exma. sra. d. Maria de Lourdes Costa Lopes da Cunha virtuozza consorte do conceituado advogado dr. Antonio Lopes da Cunha, em 2; o incansavel educador da mocidade Jozé Augusto Correia, em 3; a nossa inteligente colega Aderia Valadão Borges, que, pela lhaneza de trato, muito se tem distinguido entre as nossas consocias, em 10; a nossa simpatica apreciadora srta Landicéa Jucá, djleta filha do dr. Paulino Jucá, atualmente em Manaus, e a srta. Zulima Costa, que tem a honra de contar como um dos mais distintos membros do nosso quadro social feminino, em 12; o sr. Alberto Fortuna, acata-

do Official da Fazenda Federal, e o nosso interessante e afavel Mario Valente, que se tem imposto á admiração e estima dos que o conhecem, pela sua fina maneira de trato, em 15; o sr. Silvio Mamede de Souza, habil dozenhista da estrada de ferro de S. Luiz a Caxias, em 17.

—Hoje natalicia-se a exma. sra. d. Alzira Fortuna, virtuozza espoza do nosso benemerito consocio tenente-coronel Alfredo Fortuna, e carinhoza mãe dos colegas Hilton, Djalma, Jozé, Marieta e Esveraldina Fortuna.

—Ainda em agosto felicitamos os seguintes amigos: srta Izabel Vinhaes, gentil irmã das nossas consocias Cristina e Branca Vinhaes, em 29; a nossa admiradora illustre, a talentoza liceista Santinha Vasconcelos, em 30, e o distinto amigo Raimundo Nonato de Souza, zelozo funcionario do escritorio da Associação Comercial, em 31

A todos O «Ateniense» envia o seu abraço de gratidão e respeito.

JOZÉ VIEIRA

Em 12, de surpresa, entrou-nos pela porta o distinto colega Jozé Vieira, que havia seguido, em procura de recuperar a sua preciosa saúde, para Guimarães. Recomeça, agora, sua atividade, que já se havia feito sentir, como um dos maiores batalhadores com que o Rio Branco conta, atualmente.

Retratos a martelo

Veio ao meu estabelecimento um rapaz. Tirei-lhe o retrato e, para que os leitores cancellem um pouco a memoria, gravo aqui o «cliché».

Altura regular, cor preta, mais ou menos como a dazeitona. Tem cabelos de azeviche, encaracolados a capricho, tanto que se nos afigura um ajuntamento de pimentas do reino. A vaidade levou-o a abrir, com todas as regras da enjenharia moderna, uma estrada, na qual certamente não de passear alguns tatús. Sua cabeleira, ao todo, dá a idéa de uma alameda de palmeiras. Sua cabeça é regulada de acordo com a espessura da barriga—Pelos modos, deve morar em logar pouco seguro, pois traz continuamente ás costas uma saliência que dizem ser uma mala, embora o tamanho quazi imperceptivel não lêve a crer em tal. O andar tem-no cadenciado como o do urubú; assemelhando-o ainda mais a essa ave aquele seu fraque antidiluviano. Uza um pequeno chapéu de côco ou mole, que, a julgar pelo tamanho, é colado á cabeça com a qual diverje em tamanho. Parece ser «doutor», pois uza um anel no dedo (*naricular, em linguagem de boulevard*) o qual jamais terá um só instante de repouzo, pois vive como se fosse uma batuta de maéstro entuziasmado. Quanto ao tamanho desmesurado da barriga, diz o doutor «Japi» ser um quisto.—*Nescio!*

Agora digam por carta á redação quem é o retratado e quem tambem é o celebre doutor que, por entre aquele impermeavel que envolve o intestino, descobriu o quisto.

Hauptmann

Nota:—Receberá um romance lindo quem o conhecer.

Hauptmann

O MEU JARDIM

BONINA

(Maria Jozé Braga)

Parece que nasceu para ornar o deslumbrante altar do Coração de Jezus, no mez que lhe foi todo dedicado, a mimoza Bonina de hoje,—flôr ideal e simples, formada de simpatia e batizada por uma gôta rozada e bela de inocencia.

Decididamente, «O Meu Jardim» está de uma sorte incomparavel e magifica: hontem, brotou néle aquela mais que encantadora *Forget me not*, que tive o prazer de vos apresentar e agora, orgulhoso, deparei no canteiro que fica ao lado do Coração com esta divinal Bonina, como que a sorrir para mim naquêlo seu arzinho meigo e doce que faz as almas elevarem-se ás rejições dos sonhos ideaes e inspirações raras.

O fulgôr arjentino das manhãs doirava os seus cabelos curtos, cujas ondulações dezenhavam na sua frente, ao perpassar suave e leve da briza, arabescos incompreensíveis.

Seus olhos, ao contacto das irradiações primeiras do sol nascente, brilhavam encantadoramente, matando corações e fazendo cada vez maior o numero dos que lhe apreciam o porte rejio de criança formozza e a graça inimitavel da sua sijeleza.

Em torno dela, as outras minhas bellas flôres fizeram um corô festivo e comunicativo, celebrando o seu aparecimento e admirando-lhe os atrativos.

Eu, que dedico ás minhas boas amiguinhas o melhor das minhas afeições, porque nos instantes em que com elas privo é que me sinto mais feliz, arranjei, no mesmo canteiro, um lugar de destaque á galante Bonina, collocando-lhe entre a Anjelica formozza e a Magnolia travessa, e, cheio de entuziasmo, vibrando minha lira modesta, cantei:

*Num hino todo de graça,
O' bando lindo de flores,
Cantai a meiga Bonina
De encantos belos e cores!...*

FELJÓ

Entre virgulas

Ali, na modesta czinha da rua Ser-tanêja, habitava a *simpatica* familia Procotó, que, alem dos mil predicados extravagantes, possuia a mais gentil das perolas femininas—a Carlóta.

Carlottinha, baixa, ardente, recitava o francez, tocava maviozamente o piano e namorava *por quantas juntas tinha*.

Não havia, naquela redondeza, man-cêbo que já não tivesse conquistado, pelo menos trez vezes, a mimoza, es-perta e barulhenta Carlóta.

Mas, esse bem não durava por muito

tempo; pois, quem cazasse com a Carlotinha Procotò, levava a mais *sogra* de todas as sogras:—a velha Xandóca.

Xandóca, que mais falava do que fazia a classica renda, que é o distintivo das sogras dezocupadas, queria um *bem danado* à filhinha, que a não deixava um só instante sequer, com o seu *creuzo* ao lado.

Era um martirio a vida de Carlotinha.

Não havia um passeio, uma festa, um baile, *uma qualquer coisa* onde Carlóta fosse, que não levasse, embora contrariada, a sua mãezinha Xandóca.

E tudo isso sofria a pobre mocinha, porque seu pai passava os dias e as noites conquistando por aquelas bandas...

**

Procorio Catarratos era um empregado publico da rua Sertanêja. Seu tipo, nada mais nada menos do que um espantalho, era alto, magro, esguio, olhos grandes, cabelos loiros, nariz afilado, vermelho como um pimentão, queixo um pouquinho alongado (passando a gravata), pernas finas e compridas demaziadamente, possuindo, além de tudo, o seu mimoso pézinho que era avaliado, pelos peritos, em quarenta e nove pontos e meio.

Sua maior paixão era o *sport*, que conhecia *como as palmas de suas mãos*.

Todos os dias, ao voltar do trabalho, sobrecarregado de uns trez volumes de dicionarios, passava com uma *pose* de *banqueiro*, pela rua Sertanêja, e, a cada passo, ouvia tristemente murmurarem das janelas:—que tipinho horrozo!

Lá ia ele, sem nada responder, cabisbaixo, melancolico, e entrava, como que de um salto, em sua moradia que era a republica «Escovação».

Não sei se era por natureza ou por obedecer ao nome de seu lar, que o Procorio era o rapaz mais escovado e temido por toda *élite* feminina..

..

Foi numa festa de igreja, que o empregado publico viu e conheceu pela primeira vez a Carlotinha. Claro está, com sua respectiva mãezinha Xandóca.

O pobre Procorio sentiu pulsar a *alma de moço*, e, é escuzado dizer que ficou *roxo* de paixão pela Carlotinha Procotò.

Que fazer para conquistá-la, se a via estava no seu posto?

Um significativo olhar, um ligeiro fechar e abrir dólhos, um sorriso alacre e gracioso e umas ternas palavras, pensou ele, bastariam para possuí-la.

E assim fez, saindo-se bem na empreza que corajosamente levou aos hombros.

Com auxilio da tática que possuia, conseguiu cativar a simpatia da velha e obteve prontamente entrada na caza da familia Procotò.

Certa noite, quando, embalado pelas meigas palavras de Carlota, conversava

o Catarratos, este sentiu um forte desejo de executar o seu curso de namorado dezenfreiado.

Tudo era silencio...

... um estrondoço som de um beijo reboou no recinto, indo acordar, dum leve cochilo, a Xandóca, que vijiava atentamente a filha.

—Patife! Exclamou irada a velha sogra. Com que direito te pões desta maneira? Quem te autorizou a beijar minha filha?

—Minha senhora, respondeu calmamente o Procorio, deve saber que «barco parado não ganha frete!...»

—Dezaforado!! Pegando numa bengala, que ajudou a expulsão de Procorio, a velha tarasca exclamou furiosa:—Pois fica sabendo, canalha, que «Pedra movidiça não cria bolô», so me te daqui, que te reduz a cinzas.

**

Até hoje, a Carlotinha Procotò, a mais gentil das perolas femeninas, está na *peça*.

São servidos?

PITAGORAS.

Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco»

Estado social

EFETIVOS

Socios	14
Socias	31
	45
Colaboradores	12
Honorarios	5
Benemerito	1
Correspondente	1
	64

NOVA DIRETORIA

Em sessão de 4 de julho, foi eleito para o cargo de Presidente, que se achava vago em virtude de renuncia do socio Hilton Fortuna, o socio Joaquim Luz, que na mesma reunião prestou compromisso do cargo e nomeou para 1.º e 2.º secretarios e tezureira, respectivamente, os socios Djalma Fortuna, Enock Souza e Mariêta Fortuna, os quaes foram empossados.

—Foram admitidos: como efetivas, as senhoritas Izabel Araujo, Ermina e Maria Amelia Costa e Leonor Muniz; para colaborador, Lauro Vaz Lima.

—Por portaria n. 12, de 1.º de agosto, foram promovidos, para o quadro de efetivos, os colaboradores Jozé Fortuna, Raul Viana e Mario Valente.

—Foram eliminados: Hermes Rangel, por infracção do art. 6.º e Miguel Ribeiro, a seu pedido.

—O presidente, na sua primeira mensagem, fez um apêlo aos senhores socios, para que não se descuidem dos deveres que lhes competem, concitando-os, ao mesmo tempo, a trabalharem pelo completo soerguimento da Rio Branco, que tanto carece dos seus imprescindiveis e necessarios esforços.

Dois espocados

Hontem, ao sair do jantar, fui repentinamente atacado de uma fortissima vontade de ir ao cinema. Consultando as minhas avariadas aljibeiras e não encontrando o necessario para satisfazer a minhaestravagancia, diriji-me á caza de um colega que joga no bicho e empresta-me dinheiro nos criticos momentos.

Fui encontra-lo á frescata, no seu modesto quarto de *republica*, quaze submerso num montão de livros e jornaes, procurando com sofreguidão como que uma preciozidade.

—Eita, seu chico!—gritei lhe—deixa esse *mundo* e empresta-me cinco mil réis!...

E sem ser atendido perguntei-lhe:—que procuras, bruto?

Então êle, radiante, levantou-se com um papel verde entre as mãos tremulas e bradou:—cincoenta mil réis; estou garantido, vou ganhar cincoenta mil réis!...

—Como, onde, quando?!!!

—Em «Riba-Mar», trepando no «pau de sebo!»

F. Lado.

BILHETE

Meu caro Dante

Hoje á noite não compareceria á sessão da festa aniversaria da «Rio Branco» porque, estando de-veras desgostôdo da minha vida de *coiô*, por questôis de amores infelizes e cobres curtos, tenho rezolvido dar cabo á existencia, injerindo uma porção de carbureto e dando um tiro nos miolos, de cima de um paredão do cões da Sa-gração, ali defronte da estatua do poeta das palmeiras, de costas para o mar.

Peço não dares conhecimento desta minha rezolução, afim de que não sejam perturbados, com essa minha *desgraça*, os momentos felizes que estão reservados a ti, aos nossos camaradas, ás nossas gentis consocias e á minha ingrata «elá...»

O meu ultimo adeus, pois, camarada; não tenhas remorsos por seres o maior culpado no que vou fazer; eu te perdôo!...

JOVIRA.

O que aí fica é tudo uma grande mentira, servindo apenas para completar este pedacinho, que estava em branco, á ultima hora.

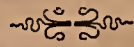
O ATENIENSE

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANO 4



Maranhão, 26 de setembro de 1915



NUM. 54

Marta

Marta foi, realmente, no verdôr dos seus anos, a mais encantadora, a mais sedutora camponêza do arredôres da cidade de X...

Inda bem não despontava o sol a banhar os campos verdejantes com os seus raios doirados; inda o passaredo se conservava nos seus ninhos aquecendo beneficemente os tenros filhos; inda o orvalho humidecia os campos a gotejar dos arbustos floridos, e o gado permanecia ainda quiêto no pateo da fazenda de seu pai e já a linda camponêza, sáia erguida até os joelhos, contundindo com o das flores, o perfume dulcíssimo e embriagante que se desprendia dos seus bastos cabelos, percorria o seu pequeno jardim e, sempre cantolando, deixava transparecer toda a felicidade da sua vida modesta e despreocupada.

Os seus olhos graudos e claros, ornados por espessas sobrancelhas, que tão bem ornavam seu rosto de um moreno rózeo, uma cintilação sublime parecia querer eclipsar o grande astro nascente que tudo ilumina.

Quando se dissipavam as últimas brumas da madrugada e os primeiros raios solares iluminavam os campos, as varzeas, todo o espaço, enfim, já a joven tinha munjido o leite, regado a horta e cuidava muito atenta, e sempre a cantolar, do primeiro alimento para o seu velho pai, paralítico e quase cego.

Marta, com toda essa dedicação, éra o unico lenitivo para os ultimos dias amargurados do capitão Sampaio, veterano ao Paraguai e vítima do descazo do governo.

Feitos os primordiaes serviços do seu labor quotidiano, sentava-se a bêla Marta no beiral da sua modesta chõu pana a costurar, fiar ou fazer rendas, até chegar a hora de cuidar do almoço para o pessoal de campo que tratava da lavoura de seu pai.

Havia na familia tambem um irmão de Marta que, muito novo ainda, partira em busca da felicidade, sem jamais

bava a felicidade deste seu passar laborioso, porém modesto e honrado.

E' que a joven camponêza vivia ainda na doce e casta inocencia de seus quinze anos, toda cuidados para seu pai, seus animaes e sua caza. Não sabia ainda o seu coração imaculado o que era o amor e outras efemeridades desta vida e, porisso, satisfazia se com aquêla vida feliz e solitaria.

Um dia, porém, quando á tarde, Marta regressava do banho, lépida e fresca, teve a agradável surprêza de abraçar o seu irmão que a deixara ainda petiza e que a encontrava agora moça e formosa. Jorje, pouco mais velho do que sua irmã, tinha a flamejar no semblante uns olhos puros de rapaz trabalhador, honesto e amavel; já lhe vinha muito loiro, a florando um pequeno buço que enfeitava gracilmente o seu resto afeminado.

Foi tão intenso, tão prolongado o amplexo dos dois jovens que Marta não tinha ainda notado a presença de um estranho. Jorje, então, apresentou ao pae e á irmã o seu companheiro Paulo Antunes, rapaz bem conformado, tipo esbelto, porte leal e vistoso, enfim um belo exemplar de rapaz bonito.

Antunes era companheiro de trabalho de Jorje de forma que existia entre os dois a mais leal camaradagem, uma amizade quase fraternal. Tendo ambos deixado a caza onde trabalhavam, Jorje fez questão de que o amigo o acompanhasse á fazenda de seu pai e depois recommencessem a atividade comercial. E Antunes aquiecendo ao convite fidalgo do amigo, não lhe veio fazer outra coiza senão despertar um sentimento até então adormecido no coração da irmã.

Viram-se e, num encontro simultaneo de olhares transbordantes de felicidade, amaram-se.

Enquanto Antunes permaneceu na fazenda, tudo parecia rejubilarse com a felicidade dos dois jovens; as flôres tinham mais perfumes; o gado espinoitava no pateo com mais alarido, a briza, tanjida mansamente dos campos de envolta com o trinado do passasêdo, era mais suave, tinha mais harmonia; o que, porém, tinham maior expansão

Todos os dias, ao romper da aurora e ao cair do crepusculo, ouvia-se, como que uma sonata lonjinqua vinda da amplidão dos campos verdejantes e enflorados, numa harmonia dulcíssima as mais prediletas cantigas da joven sertaneja. Aquelas cantigas, porém, já não eram da Marta despreocupada de outrora e sim da Marta amavel, da namorada orgulhoza e feliz.

Passaram-se dois mezes, e a felicidade dos jovens, apoiada pelo irmão e abençoada pelo pai, ia intensa. A necessidade, porém, trouxe a negra separação.

O! dia angustioso para a pobre enamorada.

Banhada numa torrente de lagrimas sentidas que lhe orvalhavam o rosto cada vez mais belo, Marta vio partir o irmão que lhe roubava o noivo trazido inconcientemente. E Marta chorou e Marta achou-se tão só, tão diferente, que ja acordava com os raios solares a doirar os campos, com o cantico dos passaros a saudar o dia, com o murmurar do gado e com o bulicio do trabalho já começado.

Uma verdadeira transformação! um verdadeiro martirio aquêle viver outrora tão feliz.

Durante dois anos foram sempre conciliadôras, constantes e cheias de esperanças e amor, as noticias recebidas do namorado.

Nesse interim, porém, proveniente de sucessivos prejuizos, o velho pai de Marta definhava-se e, numa calmoza tarde de setembro, ao receber uma carta da cidade, depois de trez mezes de silencio, antes de abril-a teve que serrar as palpebras do pobre pai que exalava, repentinamente, de uma conjeção corral, o ultimo suspiro. E, a pobre, dezalentada com essa perda preciosa, confiando todo o seu futuro nos dois queridos auzentes, foi procurar lenitivo para a sua dor na carta recebida.

Mas, ó! destino cruel! A carta era firmada por um abastado comerciante e comunicava o falecimento do irmão e do noivo, num dezastre maritimo. Não podendo a miseria suportar o peso

PARNAZO

As minhas dôres

Caminheiro tristonho, assim, da vida ingrata,
Perdido na amplidão de tanto sofrimento,
Busco esquecer, em vão, o morbido e sangrento
Passado que minh'alma em extaze arrebatava.

Quanta ilusão e dôr se torna em meu tormento
Nas horas em que o pranto os olhos me dilata!
E quanta máguia, estão punjente, quando a grata
Vizão de quem amei me vem no pensamento....

Meu peito, hontem rozal constante aberto em
flor,
Onde eu via brotar meus canticos de amor,
Vibrando na minh'alma acórdes de bondade,

Hoje é todo um dezerto, ingrato e sem conforto,
Um páramo sombrio, uma prizão, um hórto,
Onde nacez somente espinhos e saudades...

Rio *Hilton Fortuna.*

grenhados, a aldêa de X... onde nunca mais apareceu.

.....
Hoje, quem passa pela estrada que conduz á antiga e despovoada fazenda do capitão Sampaio, encontrará, na porta do cemiterio, uma mízera coberta de andrajos, cadaverica, carcomida pela tuberculose, imflorando a caridade publica. A sua voz rouquenha, as horriveis contrações de seu rosto, como um animal danado, na ultima estremeção de desespero, afujenta os tranzeantes e ninguem será capaz de reconhecer naquêla mízera desprezada por todos, sem pão, sem lar, sem abrigo para a inclemência das noites procelozas do inverno e para os dias de sol abrazador, a linda, a encantadora, a feliz Marta de outros tempos!

Vieira da Luz.

Com ares de cronica

(*) A moda

Hoje, com o brilhar irradiante do astro ignominiozo que se chama progresso da moda feminina, o 6.º mandamento deve, a bem da moralidade dos mesmos preceitos sagrados, ser expulso como incapaz de figurar junto aos outros que descaradamente acompanha como mandamento da lei de Deus.

A castidade feminil, destroçada hoje pelas creações do «Louvre», como a *impudicite* bluzas sem

Pastôra

Odéssa era pastôra. Os cordeirinhos
Dos seus rebanhos, álvos como a néve,
Carinhóza guiava p'los caminhos,
Mal os montes, doirava o sól, de léve.

Ria. Cantava como os passarinhos,
Pois pezâres na vida nunca os têve,
E ao cantar do «angelús» pelos sininhos,
Deixava o campo num passinho brêve.

Um dia, á tarde, a deuzza dos amôres
Não voltou á cabana. Chega a noite,
Enlurada replêta de esplendôres...

Sairam a procura-la... Na campina,
Morta a encontraram, amortalhada em flores,
Branca, formóza, anjélica, divina...

J. PERDIGÃO.

GUERRA !...

O mundo em furia todo se debate,
Se aniquila na chama dos lutares,
E a morte serpenteia em seus esgares
Nos campos de exterminio e de combate.

o luto e o dezalento envolvem lares
No prezago sentir que a tudo abate,
E o pavilhão tristissimo e escarlata
Num tufão de rancor macula os ares.

Onde o braço potente armou castelos,
E ensaiando o progresso estendeu élos
Para a vida de paz perpetua e langue,

O canhão devastou e a bala ingrata
Num turbilhão de colera insensata,
Consumio, derribou, fez tudo sangue!...

HILTON FORTUNA

Triste do Maranhão si consentirem
que da America do Norte venha alguma
sufrajista dizendo que é moda
a mulher exijir á força a liberdade do
voto! ..

D. F.

(*) Da conferencia humoristica «Os mandamentos»

Fatos e Fitas

Eram 15 horas de um sabado claro, e a avenida Rio Branco começava a receber de todas as suas arterias a onda de mocinhas-fiteiras que nestes dias não podem deixar de exhibir um *manteau* novo do Parc Royal ou a superioridade do creme vendido na principal casa da rua do Ouvidor.

O movimento *flâneur* tomava proporções elevadas, como em S. Luiz na época das festas de S. Benedito.

Ainda encabulado nos meus modos de caipira provinciano, saltei de um bonde na porta do Hotel Avenida e, para não ser machucado aos embates continuos da vaga humana em inquiêto fluxo e refluxo encostei-me a um poste e dali apreciei o movimento dos passeiantes.

Estava assim, sob a impressão magnifica das festas de minha terra, tão tradicionais, quando ouço uma gritaria infernal que vinha da parte baixa da avenida, como um ciclone rapido e tempestuozo.

O povo todo, ao contrario do que se dá no Maranhão, em vez de rodar nos calcenbâres e chamar as

mento e vi duas senhoritas, vermelhas ali mesmo si não fora a intervenção eficaz de dois guardas civis.

Prezas, foram transportadas ao primeiro posto policial, sempre seguidas do numerozo grupo de curiosos.

Lá chegando, o delegado interpe-lou-as sobre o acidente.

—Esta serigaita dezechabida, co-meçou uma délas, ruiva como uma polaca, julga ter o Deus na barriga e ser denza da Avenida...

—Ela é que é uma sem vergonha, disse a outra, porque...

O delegado faz soar o timpano, determinando que só poderia falar uma de cada vez.

—Sim, sr. dr., continuou a primeira, éla hoje teve a petulancia de dizer a um rapaz, que por sinal é academico de medicina meu namorado, que os meus dentes, (modestia á parte) tão lindos e esmaltados, não são meus...

Eu dão aturei semelhante afronta e si não fosse o guarda civil, franqueza como lhe tirava o olho esquerdo que é de vidro...

—Disse, e tórno a repetir, sr. delegado, que os dentes dessa serigaita não são dela, atalhou a segunda.

A esta observação a outra, cheia de nervozo, tremendo de colera, abre a bolsa e tira um maço de papeis, dizendo:

Veja, sr. delegado, aqui estão todos os recibos, na importancia de 400\$000, que provam ser minha, exclusivamente minha, a dentadura feita pelo dr. Quincas, ali na rua da Assembléa...

—O delegado deu-lhe toda a razão e mandou trancafilhar a outra pela aleivozia...

Rio.

Hilpasfor.

Serões

—Vóvó, conte-me uma historia.

No avarandado da caza grande reinava um pezado e relijiozo silencio; o Coronel com o jornal e o caximbo entre os grossos dedos, cobertos de honrozos calos, cochilava, estendido na sua confortavel «preguiçosa», quando aquélla fraze, gorgeiada por um interessante e garrulo petiz, de faces rozadas, rochunchudo e nutrido, inesperadamente veio quebrar aquélla taciturnidade.

—Vóvó, conte-me uma historia, sim?

E uma velhinha de cabecita tão alva como a plumagem nivea de uma garça real, de expressão bondozza, com um sorrizo tão meigo, tão fran-nos labios, sorrizo que deixava transparecer por completo a sua cristali-

netinho, para melhor a ouvir, sentava-se em seu colo.

—Era uma terra muito farta, muito rica, sempre ostentando, garri-da, as suas vistozas roupajens esmeraldinas adornadas de pomos dourados e mimozas florichas; os regatos de limpidas aguas, nunca interromperam as suas alacres cavatinas, por entre as alvacentas pedrinhas, no seu seio uberrimo ciozamente escondia das cubiçozas vistas uzurarias, magnificos filêles de oiro, diversos outros metaes e enormes jazidas de uma pedra inflamavel, que substituíra perfeitamente com vantajem até, a hulha; enfim era uma terra feliz.

Um ano, na terra vizinha, o sol impiedozo crestou os prados verdejantes e as seáras côr de oiro; sorveu as aguas dos seus rios; enfim adustou-a por completo, e os moradóres dessas parajens acossados pela fome, emigraram para a rica e ditoza terra. Os homens da terra feliz, homens de coração bondozo, de sentimentos nobre e altruisticos, movidos unisonamente pelo mesmo e sublime sentimento de caridade, cuidaram de socorrer e confortar os seus desgraçados irmãos e vizinhos; e para isso promoveram espetaculos, bandos precatorios, quermesses, etc; atos estes que todos aplaudiram, louvaram e bendisseram, e hoje eu ainda bendigo e louvo, pois eram para um escopo justo e nobilitante. A idéa deu excelente rezultado; rendeu bastante, e alguém de insluto perverso lembrou-se de imital-a, e começaram a aparecer espetaculos para isto, listas para aquilo, enfim todos os meios astuciózos, de, com elegancia e arte, estorquirem da magra aljibeira do proximo o ultimo inquilino, um timido e humilde tostão.

Era um verdadeiro, e terrivel flajélo; as gentis e graciosas mocinhas encarregavam-se de passar os bilhêtes aos rapazes, empregando para isso o prestijio e suas frescas belêssas, a sedução dos seus sorrisos tentadores e a sujestão dos seus olhares irresistiveis. Não havia lugar escolhido para tal perseguição, era em toda parte: nas praças, nas ruas, nas repartições publicas, nos estabelecimentos de ensino, etc., e tudo isto as vezes para encher a pança de uma meia duzia de sotainas, enquanto os miseraveis lazarus, esses degradados da sociedade, agonizavam, gemiam, roidos pela horrivel lepra, em um infecto pardieiro, abaixo de um cemitério, inferiores aos mortos, meu netinho.

—O' vovó, que gente malvada.

—Sim, meu filho, aquélla gente bondóza, de coração maleavel, sensível ás mais insignificantes dôres, acostumou-se a dar a esmola confor-

do andrajôzo mendigo, uma simples moeda de cobre; tornou-se dura, inflexivel, má; o dinheiro foi escasseando pouco a pouco, a miseria aumentava assombrozamente; enfim, o sól que queimava ainda os resequidos campos da terra vizinha, voltou e fixou o seu olho flamejante e comburentente, para a terra rica e feliz, que sempre ostentava com faceirice, a sua verde roupagem.

Era o castigo de Deus.

—Vê, meu netinho, nunca se deve abuzar da generosidade dos homens, pois assim se fazendo, eles se tornam máus e são castigados pelo maravilhôzo arquiteto do Universo.

E, novamente o silencio tornou a cair, mais pezado e mais relijiozo que dantes. O menino tinha adormecido no colo da avozinha.

E lá fóra, a lua redonda e branca como uma imaculada e candida hostia, banhava os esplendidos campos cor da esperanza, com a sua luz untuozza e latecente, luz que faz vibrar a alma entrestecida dos bardos, e acorda nos corações, as brancas e já enlanguecidas saudades.

Japi Parassú.

Perfis liceistas

II

IZABEL ARAUJO

Ei-la que passa altiva e soberana,
Calcando corações, formando amôres,
A deixar, quando passa, o sólo em flôres
No dominio da graça sempre ufana.

Seu sorrizo gracil dissipa as dôres,
Seu modesto trajar nunca se empana,
E de todo o seu ser lindo dimana
Encanto irradiador de mil fulgôres.

Seus olhares faceiros dizem tudo,
Num canto divinal sublime e mudo,
Deslumbrando sem fim seu réjio trato.

Um talento revela aqui-excelente
Com dotes naturais, a intelijente
Senhorita elegante que retrato.

H. Ferrári.

Cariocas

Quem ainda não teve a felicidade de sair barra fóra e viajar pelas costas belissimas e encantadoras da terra de Santa Cruz, não poderá, jamais, formar um juizo, embóra palido, do que é o «batizado» de bordo.

O viajante viriem isto é aquélla

nota de 10\$000, para formar o bolo batismal com que os veteranos dos mares solenizam a passagem do Cabo Frio, sob copioza taça de *champagne*.

Aquêlé que, por escovação, se quizer esquivar de semelhante despeza obrigatoria, é incontinente submetido a um exame, constante de perguntas sobre a vida na metropole brasileira.

— Onde fica, por exemplo, o Largo da Lapa?

— Onde é que se toma o bonde que vai à Tijuca e ao Pão de Açúcar?

O viajante novo embatua, fica palido e o final é que escorrega sempre os dez bagarotes para a pia batismal.

— Na sala de muzica reúnem-se todos os passageiros numa amizozza e picante troça e o *padre* passa em revista ao alinhamento de caloiros, entupindo-lhes a bôca de sal de cozinha e derramando-lhes na cabeça a *champagne* fria, onde depois vem o sêlo de um cascudo confirmar a solenidade orijinal.

— Depois do batizado, chovem os discursos engrossativos aos batizando, seguindo-se o sarau, as prendas, os recitativos e muitas outras coizas que só mesmo a presença pôde imaginar.

Rio, julho-1915. H. Feijó.

Rejisto elegante

18 de agosto

Revestiram-se de dezuzado brilho os festejos com que comemoramos o dia 18 de agosto, 2.º aniversario da fundação desta sociedade de letras.

A sessão cívica com que a festa foi iniciada decorreu com o maior brilhantismo, fazendo-se ouvir diversos oradores.

Em seguida ao terminio dessa solenidade, começaram as dansas, que permaneceram na maior animação até alta madrugada.

Presentes á sêde social, durante os festejos, estiveram diversas autoridades federaes e estaduaes, comissões das diversas associações literarias maranhenses, e outros convidados.

Lares em festa

Em setembro, nataliciam-se os seguintes amigos: a 4, o competente funcionario postal, nosso apreciador ami-

Rocha Souza, exemplar espoza do sr. Raimundo Nonato de Sousa e o nosso presado amigo Waldemiro Viana; a 7, a intelijente liceista Zelia Viana e o nosso distinto colega de agremiação Clovis Castro; a 12, a simpatica senhorita Rosa Machado, filha dileta do prof. Domingos Machado; a 13, o dr. Oscar de Barros, operozo diretor do Instituto Maranhense, que tem prestado grande soma de serviços á instrução, não só como lente do Liceu, como diretor daquele instituto, e o nosso intelijente confrade Jozé Vasconcelos, que se tem imposto á admiração dos que o conhecem pelo cavalheirismo do seu trato afavel e dotetes intellectuaes que o privilejiam; a 14, o competente e estimado prof. de francez do Liceu, nosso amigo Gilberto Costa; a 16, a distinta senhorita Cesaltina Botelho de Andrade, uma das nossas consocias, e o telegrafista José Gaiozo Neves; a 17, o ativo prezidente da Oficina João Lisbôa, José de Ribamar Pereira, que nesse dia foi alvo da mais justa prova de admiração e carinho de seus amigos, e o intelijente aluno do Externato Rio Branco, Adalberto Cutrim; a 19, a simpatica e amavel senhorita Hilda Lopes, talentoza segundaniста do Liceu, e o distinto amiguinho Lourival Lisbôa, aluno daquele estabelecimento de ensino, dos mais applicados; hontem a gentil senhorita Antoninha Maia e o interessante Alfredo, filho do nosso consocio benemerito Alfredo Fortuna; a 28, o nosso prezado admirador amigo, Augusto Botelho; a 29, o nosso confrade da «Pacotilha», Luis Viana, academico de medicina, no Rio de Janeiro, e o sr. Miguel Ribeiro, commerciante de nossa praça, e a 30, o sr. Carlos Neves, socio da conceituada firma Oliveira Neves.

A todos, «O Ateniense» envolve no mais efuzivo abraço de felicitações.

Joaquim Luz

Volveu de Caxias em 24 o nosso consocio Joaquim Luz, ativo prezidente desta associação, que havia ido áquela cidade em vizita á sua exma. familia.

No proximo dia 4.º reassumirá a

Sociedade Literaria

«Barão do Rio Branco»

ESTADO SOCIAL

Efetivos

Socios.....	13
Socias.....	37
<hr/>	
Colaboradores.....	50
Honorarios.....	10
Benemerito.....	6
Benemerito.....	1
Correspondente.....	1
<hr/>	
	68

— Em sessão de 3, o prezidente Joaquim Vieira da Luz passou o exercicio do cargo á vice prezidente, exma. professora El-Zuila Souza, em virtude de haver de retirar-se para o interior do Estado.

— Foram admitidas como efetivas, as senhoritas Vicentina e Hilda Goiabeira, Raimunda Vasconcelos e Circe, Dofar, Glance e Dorilêa Castro.

— Foram eliminados: Mario Valente, a seu pedido, e Oscar Carvalho e Antonio Lucena Bittencourt, por infração do art. 6.º do regulamento.

Sessão solene

No dia 18 de agosto, a sociedade efetuou uma sessão cívica, em comemoração ao 2.º aniversario da sua fundação, que foi bastante concorrida.

Notas policiaes

Numa das ruas do Rio de Janeiro, foi prezo um senhor que estava na igreja rezando a todos os santos e *santas* para a greve se acabar.

O mesmo senhor assim que viu em cima dum altar um ramo de *margaridas*, arrebatou-o corajozamente e saiu com ele para o Correio onde endereçou o objeto filado para um dos Estados do Norte.

A policia anda em investigações, afim de ver si se trata de um *louco* ou de um *apaixonado*...

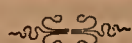
Na vilá de Cajapió, por onde andou um dos colaboradores do unico jornal falado que existe, no Maranhão, ainda existe um banco de madeira, onde, no principio do Mundo, Eva subiu para colher a maçã que tinha de engasgar Adão e fazer com que todos nós fiquemos com essa bolota debaixo do pescôço.

— O melhor «bumba meu boi» que dansou no arraial de S. José, foi o do Perdigão, porque parecia boi da *Roça* e as cantigas eram muito orijinaes: era só «entra de cabeça, entra de pé, entra de pé, entra de cabeça». De repente vem

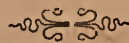
O ATENIENSE

ÓRGÃO DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANO 4



Maranhão, 10 de outubro de 1915



NUM. 55

COORDENANDO

Universidade d'O Ateniense

Viram os leitores o esplendor daquele projéto-dinamite do *maviozo*, *amavio*, *patriótico*, *financeiro* e *economico* Cincinato Braga?

O arreliado congressista quiz num rasgo de pretendida celebridade manifestar ao generoso povo que o elejeu toda sua comprovada competencia em materia de ingratiidões, arrastando ou procurando arrastar ao pélagos da flajelação centenas de funcionarios e milhares de almas.

Já me parecia ouvir o tropel da calamidade a bater-nos ás portas, levando entre outros todo o desvelo de meus trinta e um mezes de exercicio que eu teria o desprazer de ver sem mais nem menos amarrotados e incinerados na estufa brutal da vingança braguista.

Ficasse só nisso, eu afinal me consolaria com meus companheiros de infortunio e empregaria os meios que ainda me restassem para ganhar alguma coiza e expulsar o tédio da flajelação.

Mas o nosso homem taxou ainda o oprimido funcionalismo de incompetente, malandro e até mercenario.

A! este pedacinho agudo foi melindrar os brios desrespeitados de tão avultada classe, essa lejião valioza que desempenha os cargos publicos da nação.

Aquilo de certo, foi toda a essencia das apuradas lucubrações arrebanhadas no espirito quente do maior *amigo* do funcionalismo.

Se alguma parte conhece menos seu officio, não é esse o motivo para ser a classe tão rudemente desprestijiada, porque o que ali se observa aparece tambem no seio da muito nobre representação nacional, muitas e muitas vezes comentada.

Se este ou aquele empregado é menos assiduo ao expediente, não é esse o motivo para que se chame malandro todo o conjunto da classe, porque ainda na mesma representação se está cançado de ver cardumes de congressistas que se fazem representar nas sessões, sob a capa de doentes e são encontrados nos *cafés*, etc.

III

IV

Cozido ao meu labor,
Adórno o gabinete,
Recordo originaes,

Labuto com fervor,
Ostento o galhardete,
Sombreado sinais,

Mal suspendo o pincel,
Analizo o retrato,
Repassado de vez,

Que deixei no painel,
—Um quimico sensato,
Esforçado e pacato,
Sempre alegre e cortez,

Com muito esméro
afasto a tóla,
respigo traços;

lizeiro, austéro
olho a aquaréla
suprindo espaços.

Maravilhado,
aventureiro,
reparo o vulto

qualificado:
um enjenheiro
experto e ordeiro,
sereno e culto.

Irbério.

Este academico foi esculpido na 9ª edição d'«O Canhoto» pelo celebre estatuario holandéz *Pery*, passando para a atual universidade, visto estar incluzo no programa da mesma e preencher dois claros distintos.—IRB.

Apenas fazem jús á arrebatadora pé-léga do subsidio e mais nada.

Se um ou outro funcionario aceita alguma gratificação expontanea da parte, não aparece nisso a semente do ajiotismo, porque, francamente, eu não rejeitaria em tal circumstancia a demonstração da generosidade da parte.

E foi por isso que o Sr. Cincinato nos chamou de mercenarios.

E como classificará o *honesto* congressista aqueles colegas seus que a troca de moedas se arrojam da tribuna da camara a proferir substancieozos discursos para angariar simpatias?

Esses não são mercenarios?

Felizmente, para nós ele não terá mais a gloria de nos ver arrastados pelos caprichos de sua inimidade, o sr. Irineu nos libertou.

Hozanas ao sr. Irineu.

IRBÉRIO.

Fatos e Fitas

A sêca, que persegue com feridade as rejiões pobres e abandonadas de quasi todo o norte brasileiro, tem movimen-

tado bandos de almas impregnadas de caridade a promover em beneficio das vitimas infelizes da fome e da sêca os mais humanitarios meios de salvamento e de melhoras.

Bandos circulam as ruas num espectáculo triste e comovedor esmolando ao publico um pedaço de pão para aquelas milhares de bôcas secas, onde não tem corrido a doce linfa das nuvens e das fontes puras.

E no entretanto, enquanto procuram sanar este mal cancerôzo que já tem ceifado quantidade espantosa de vidas, o governo dos potentados, num gesto justamente contrario, procura *secar* as rendas precarias do funcionalismo brasileiro que trabalha, tirando-lhe, ás mais das vezes, aquele pão confortante que a caridade espôlha aos flajelados do norte, deixando *a la gordaça*, gozando os prazeres dos melhores hoteis, com os rendimentos mais invejaveis, uma sucia avantajada de fidalgotes de fraque, que uma falcatrua de eleição fez deputado ou senador para nada fazer...

E' o cumulo da disparidade.

Aos que trabalham para ganhar

O Ateniense

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

Rua 28 de Julho, 53—S. Luiz

ASSINATURA ANUAL..... 2\$000

"O Ateniense" será enviado á imprensa, mediante permuta.

vida com dignidade, dão a demissão, a pretexto de economia absurda e ridicula e aos que, realmente, esgotam as arcas do tezoiro e nada fazem que dê proveito ao paiz, a esses todas as venturas e mais aumento de rendas.

Paiz orijinal!

Daqui ha mais alguns anos é melhor o gente ser carcamano, porque pode ir para a praça engraxar as botas e vender fósfo barato...

Si não é vero...

Rio.

HILPAFOR.

Um passo á retaguarda!

N. 1

Edidit quisque, quod potest—E' a terrivel arma utilizada pelos aliados. Vendo-se impotentes, não obstante toda a sua «potencia» põem em pratica a fraze de Plutus. E é como vemos todos os dias, desde o começo da guerra. Miriades de soldados desembarcam quotidianamente nos Dardanellos, impõem silencio ás fortalezas, derrotam os turcos e nada conseguem. Ainda ha dias, 110 mil homens desembarcaram lá, e não dá ver que só farão a «fita».

Avalanches russas efetuaram a invasão na Prussia; um milhão cercou Bresláu, e cinco, pondo em execução o seu supremo vandalismo, proprio do animal de que vestem a pele, foram a Berlin e...? E' o que vemos. Milhares de antro-alemães teem sido derrotados, aprisionados, e perecem vitimados pela colera e pela dezintéria, dezertam... e ainda intundem respeito! A revolta domina Berlin, Buda-pest e Constantinopla, enquanto que na Polonia russa reina a «calma». O alemão minou todo o Mar do Norte, e repentinamente surge a Hollanda, e prova-nos o contrario.

O alemão, contra todos os direitos, e preceitos humanitarios, emprega as balas «dum-dum» e mais uma vez a

Hollanda arranca a mascara ao inglez. Então foi que entrou em cena o *edit*... cujos efeitos apreciamos todos os dias. Barbaridades, atrocidades... etc. A este respeito ouçamos um minuto E. Charley, escritor politico social inglez. Num de seus boletins escreve: «Estamos prezenciando uma das orjias de hipocrizia e mentira; que sempre costumam surgir periodicamente. O direito, (e claro é, tambem Deus) luta com debeis forças contra a violencia armada, contra a barbaria e tirania. Os aliados lançam suas fracas forças contra os hunos, ecclesiasticos fazem sermões, publicistas, comparam-nos ao anão que vence o gigante. Sempre a relação da força é em nosso desfavor, sempre dez contra um!

Por sorte, um inglez pode com 18 1/2 de alemães. As estatisticas noloprovam. Em realidade é a pequena e valente Alemanha que com sua amiga unica, a Austria, luta, com um mundo de inimigos em armas. Contra estas, combatem a Russia, Inglaterra, França, Servia, Montenegro, Japão e Italia. E cada um destes paizes lança á concha da balança todo o seu continjente diplomatico para conseguir ainda a intervenção da Bulgaria, Rumania, Grecia, Hollanda e dos Estados-Unidos. Hoje somos seis contra um e que temos feito?»

Atirado aos quatro ventos o produto de sua ira, de seu despeito. Continúa: «O inglez anda á cata de atrocidades, atrocidades belgas, atrocidades bulgaras, armenias, atrocidades no Congo, atrocidades alemãs! Bem se vê que a ignominiozidade daqueles que a cometem, é atribuida sempre áqueles que no momento nos dezagramdam. A nossa aureola é tão grande que peza sobre a nossa frente.—»

Terminando diz:

«Esquecemos que o belga foi o canalha mais cruel, mais vil da Europa, e que fomos nós que o propalamos por toda a parte, como assassinos, carrascos e antropofagos, até que todo o mundo o odiou.

Não ouviamos falar sinão em «borrachinha embebida em sangue», em «borrachinha vermelha» em «négros de mãos e cabeças decepadas», etc., etc...

E hoje? Hoje é a valente e pequena Belgica e «les braves belges»!

Hoje só se ouve falar dos heróes e martires da Belgica de que um homem de raciocinio, sente-se enojado de semelhantes exajeros! Uns outros folhetos podemos lêr; e averiguaremos que charley só diz a verdade. Podemos tambem retroceder a 1914 e irmos a Gruenwa'd; por ocasião da distribuição dos premios aos trez vencedores na corrida de cavalos. Estes premios foram entregues pelo imperador, sendo os vencedores depois, no momento em que abandonavam a tribuna, fotografados com seus premios nas mãos.

E agora aparece-nos uma revista hebdomadaria russa, transcrita para uma ingleza, que copiando fielmente a fotografia, e o texto, escreve: «Germans robbers before Warsaw» e acrescenta que os reporters, fôram tão felizes que conseguiram apanhalos no momento de abandonar Warsovia com o fruto do roubo nas mãos! Uma outra revista, «La Critica» argentina traz-nos uma fotografia de soldados e camponezes russos massacrados por soldados alemães!

E se verificarmos detidamente a gravura, concluiremos que nada mais é, do que uma reprodução de uma fotografia que indicava as atrocidades russas cometidas em 1905. E o des-caramento dos russos sobe a tal gráu, que autografos afirmam ser verdade não obstante o manto que cobre os cadaveres falar o contrario! E' o «talith» uzado pelos judeus!

Podemos mais uma vez apreciar o canalhismo do inglez; lendo o autografo de Mr. Findlay, prometendo cinco mil libras ao criado de sir Roger Casement, para que o fizesse dezaparecer sem deixar vestijios. Um cumplice de Grey, que com Jorge V. tentou um assassinato na pessoa do chefe dos irlandezes!

Tambem a carta de Casement a Grey desmascarando-o e ao governo inglez, carta que traz couzas até então secretas, esta carta não teve resposta, apezar do autor exijir!

Hauptmann.

Perfis Liceistas

III

Odila Berniz

Estrêla pequenina e que rebrilha
No primeiro degráu da educadôra
Caza que fórma a gente professôra,
Deixando a luz fulgir por onde trilha.

Trabalha para ser a vencedôra
Dos lauréis onde a fama sempre brilha,
Com distincões que cercam toda filha
Da Aenas que se torna triunfadôra.

Seu porte juvenil transborda encantos,
Seu sinjelo trajar lembra os cantos
De modestia simpatica e belêza!

Os dotes que possui já não têm par,
E conjuntos elevam-na ao altar
Como estrêla de máscula grandêza...

H. Ferrari.

Com ares de cronica

O governo brasileiro, num ato altruistico e louvavel, vai fazer instalar, numa das salas do Itamaraty, no Rio, um muzeu composto unicamente de todos os objetos de uzo diario do imortal Barão do Rio Branco, biblioteca e todos os documentos com relação á diplomacia internacional, que tanto deve ao saudoso chanceler

Naqueles papeis e mapas, que foram os mais carinhosos convivas de toda a preciosa vida publica do Barão, teem os brasileiros a mais valioza das reliquias, a prova mais iniludível do seu muito amôr ao Brazil.

Naquele conjunto de coizas preciosas, a posteridade encontrará os objetos mais insignificantes, eternizados que foram pelas mãos do grande patriôta.

E queiram os céus que os brasileiros possam encontrar no «Muzeu Rio Branco» ainda immaculadas, sem violaçõis odiôzas, as sublimes reliquias de Jozé Paranhos...

D. F.

Sport

Ocupamo-nos, na nossa cronica anterior, em censurar o dezamôr com que era então tratado, aqui, o sport, a pon-

to de não contarmos, naquela data, uma unica agremiação sportiva, nem um grupo, sequer, de rapazes, que se procurasse aletizar.

Pois bem: hoje, como um protesto feito contra a nossa censura, já assim não acontece.

O *foot ball*, nosso sport predilêto, posto que incompativel com o nosso clima, tem tomado um impulso extraordinario, ultimamente.

Quatro bem organizados *teams*, — o «Francez», o «Alemão», o «Brazil» e o «S. Luiz», — têm-se batido, em luta renhida, no *ground* do antigo «Fábril Athletic Club», em via de reorganização, segundo nos informaram.

No primeiro *match* official, realizado em 12 de setembro ultimo, em que tomaram parte o «Francez» e o «Alemão», tivemos ocasião de apreciar o valor desses dois *teams*, adversarios bem dignos um do outro, que se bateram denodadamente; tanto assim que o resultado foi um empate de 1 a 1.

—Travaram luta novamente, a 26, os *teams* «Francez» e «Alemão», para decidirem a vitória do *match* anterior.

Desta vez, os *teams* estavam incompletos. Constatamos, tambem, que as regras do jogo não foram fielmente observadas, o que atribuímos á falta de *training* e á manifesta incompetencia do *referee*.

O primeiro *half-time* correu com vizevil dezânimo de parte a parte; no segundo, a idéa de vencer como que se incutiou no animo dos jogadores, que se foram a pouco e pouco entuziasmando, até que a luta se tornou encarniçada, e dois *goals* foram trocados pelos combatentes, como um desafio mútuo.

Quando nos pareceu que a vitória se ia, enfim, decidir, o *referee* deu por terminado o *match*, sem resultado satisfatorio.—VASCO.

Protocolo

Recebemos:

—Um exemplar do relatório apresentado pelo Diretor da Biblioteca Pública, Domingos de Castro Perdigão, ao Secretario do Interior; a *Escola*, organ literario e noticioso do Instituto «S. José» de Pacoty, Ceará; *Phenix*, revista de letras e artes, que se publica em Fortaleza, Ceará; *O Norte*, de Belo Horizonte, e um exemplar do Relatório da Diretoria da sociedade Centro Cai-xeiral.

Autofotografias elétricas

I

PRETENDO ALCANÇAR LOUROS MEU EXTRAORDINARIO RIBOMBAR INTERIOR ORGANISMO. CAREÇO APENAS MEIOS POSSIVEIS OBTER SORTE.

DINAMO.

Do Centro Civico Sete de Setembro, conceituada associação lo Rio de Janeiro, recebemos um exemplar da poliantêa que essa sociedade fez publicar em honra á memoria do Barão do Rio Branco, por ocasião do seu desaparecimento.

Tambem mimizeou-nos o Centro com um faciculo do seu regulamento, gentileza que agradecemos desvanecidos.

Sociedade Literaria

«Barão do Rio Branco»

BIBLIOTECA

O socio João Vitor Ribeiro ofertou 5 obras completas; Hilton Fortuna, 4; Djalma Fortuna, 3; Antonio Lobo, 3; Jozé Vieira, 3; Clovis Castro, 1; padre Francisco Xavier, 7; Jozé Perdigão, 1; Joaquim Luz, 1.

A senhorita Zuzá Ribeiro ofertou o livro «Alma», de Coelho Neto.

Continúa a biblioteca bem frequentada nas segundas, quartas e sextas, que são os dias destinados á leitura.

ESTADO SOCIAL

Efetivos

Socios.....	13
Socias.....	37

Colaboradores.....	50
Honorarios.....	10
Benemeritos.....	6
Correspondente.....	3
	1

70

—Do dr. Achilles Lisbôa recebemos a seguinte carta:

«Meus jovens conterraneos

E'ra meu intento levar-vos pessoalmente a resposta ao officio em que vos dignastes de comunicar-me a escolha com que me quizestes distinguir de membro honorario da vossa associação.

Queria de viva voz cientificar-vos de quanto me penhorou a vossa generozidade, que tanto me moveu a gra-

tidão como o entusiasmo, pela tradução cristalina que ela se me afigurou de vosso espirito nobre e independente.

Mas, circunstancias especiaes em que me tenho encontrado no desempenho do arduo programa que me trouxe ao Maranhão, levaram-me de adiamento em adiamento até que se me apagou de toda a esperança de poder desta vez cumprir esse dever de cortezia tão grato para mim.

A mesma alma grandioza porém da mocidade de minha terra, do tezouro de graças de onde tirou para me presentear com aquela beneficencia, estou certo tirará mais o perdão para esta minha culpa, da qual todavia carinhosamente prometo redimir-me tanto que a este nosso estremecido berço de novo regresso.

No Rio muito honrarei com as vossas ordens ao patricio muito afetuoso e grato (a) *Achilles Lisboa.*)

Reportagem

—O Cazuzza já deixou aquele chapéu de feltro muito alto, já notaram? Agora é um de palhinha que o tornou diferente com outros ares, que seria?

—O Riba-mar, o baritono, já consultou ao ministro da guerra se ele com sua carinha bem escañoada poderá entrar para o colejo militar. Enquanto espera a resposta vai assistindo os exercicios da praça Deodoro.

—O Vitor Paulino ainda não conseguiu dezengulir o eixo que o traz sempre entalado; exercite moço.

—O Mariano Castro (coitado!) anda tão doente, e está vendo se consegue curar-se com aqueles ares da rua Rio Branco.

—O Clovis Castro vai pleitear o logar de *Intendente* para criar um logarzinho de jardineiro ou *hortelão* para si mesmo.

—Na cervejaria maranhense ha sempre muita concorrência; todas as noites as banquetas estão sempre cercadas de... *ninguém, nenhuns, etc.*

—Um pandego num bonde incutiu no espirito de um injenuo que essas duas letras V N que destacam as cazas vijiadas, significam o carimbo das propriedades da Viuva Nunes.

—Foi designada a botica do dr. Roberto, para fazer o plantão da quinzena passada.

—O Palmerio Campos foi contratado por S. Pedro para fazer trovão no proximo inverno.

Nelson.

Rejisto elegante

0 5 de outubro

No dia 5 o Centro Republicano Portuguez promoveu uma festa de comemoração do quinto aniversario da proclamação do rejime republicano na patria de Camões.

Realizou-se uma sessão solene, com o maior brilhantismo que sempre cercam as festas realizadas naquella distincta associação luzitana.

No começo e no fim foi cantado o hino portuguez, acompanhado ao piano, pelas alunas da Escola Modelo.

A petizada fez terminar a bela festa com dansas que se conservaram animadas, executando varios numeros de musica a pianista d. Lidia Pontes.

Muito gratos à gentileza do convite.

Aniversarios

Nataliciou-se no dia 1.ª a distincta senhorita Eulina Murta, dileta filha do telegrafista chefe da estação de S. Luiz, sr. Jozé Gomes Murta, filho; em 4, o joven Jozé Z. Vieira, funcionario da Delegacia Fiscal; em 5, a talentoza segundanista do Liceu, senhorita Genuina Costa; em 6, a prof. Roza Castro, que pelo seu talento e belas qualidades de espirito faz as honras do nosso quadro social feminino, e em 7, o nosso illustre consocio Marcos Rios, ativo empregado do Banco Hipotecario.

No proximo dia 12, passa o natalicio da senhorita Noemi Souza, professora normalista, nossa gentil consocia, irmã do nosso confrade Enoch Souza, 2.º secretario desta sociedade.

Neste mez ainda fazem anos as nossas colegas de agremiação: senhorita Ana Torres, filha exemplar do nosso amigo major Tiago Torres, delegado auxiliar de segurança publica, e a senhorita Odija Nogueira, dileta primogenita do sr. Alfredo Nogueira, gerente da Companhia Aliança.

No dia 12, faz anos o virtuozo bispo da diocézé maranhense, d. Francisco de Paula e Silva, que se tem imposto á veneração dos seus paroquianos pelas peregrinas qualidades que lhe formam o espirito; no dia 24, o joven Rafael Rios, o aluno mais aplicado do Externato Rio Branco e no dia 30, a inteligente menina Lucina Fortuna, filha do tenente coronel Alfredo Fortuna.

A todos, as nossas mais efuzivas felicitações.

Prof.^{ra} El-Zuila Souza

Foi com grande contentamento que vimos transcorrer, a 6, o aniversario natalicio da inteligente professora El-Zuila Souza, que, com inexcédível zelo e aptidão exerce, ha quazi um ano, o cargo de vice presidente desta associação de letras, impondo-se, pelos seus meritos, á distincção de todos quantos aqui trabalham. E' uma das socias que mais se teem distinguido, já pela sua colaboração frequente no «O Ateniense», já pelo raro desempenho que dá ao cargo que ocupa.

Felicitemo-la.

Noivos

Contrataram casamento os nossos distintos consocios Jozé Vasconcelos e a senhorita Cezaltina Botelho de Andrade. O primeiro com a senhorita Maria Steinn, gentil filha do abastado fazendeiro de Viana, sr. Johnson Steinn e a segunda com o nosso amigo Placido Jozé Camões, conceituado auxiliar da caza Carvalho Camões & Comp.

Os nossos votos de ridente futuro e proximo enlace.

—Sabes, querida, quando sair daqui vou fundar um jornal semanal.

—Bravos! E que titulo vaes dar-lhe?

—«Diario».

—Mas o jornal não vai sair de semana em semana?

—O'ra, tolinha. Vai sair de semana em semana, mas durante o dia.

—!!

Profundamente relijiozo, «Ele» vai agora, todos os domingos, à missa na Gloria. Na ultima missa confesou-se. Ao ajoelhar-se deante do padre, téz o sinal da cruz:

—Padre, Espírito Santo... amen.

—E o filho? pergunta o sacerdote.

—Ainda não naceu, respondeu «Ele».

Corpo transparente, Dudú, é aquele através do qual se distingue nitidamente qualquer objeto. Dê-me agora um exemplo.

—O buraco de uma fechadura!

—Perfeitamente. Outro exemplo.

—Outro buraco!

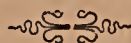
O ATENIENSE

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANO 4



Maranhão, 24 de outubro de 1915



NUM. 56

Coordenando

O domingo de hoje é consagrado á imaculada virgem dos Remedios que a tradição assinalou como a padroeira do commercio e da navegação.

Relembrando as inesqueciveis temporadas que deste João Lisboa primavam pelo esplendor e luxo, as quais conheço através da historia, sinto-me deveras contristado ao defrontrar as condições dezanimadoras em que nos achamos.

Ainda nos meus primeiros anos encontrei essa festa revestida de grande ruído, que no dizer dos velhos era apenas uma parte do que já fôra.

Era então sublime apontar-se á rua do Ouvidor demarcada pelo arco de luzes multicores para ver aquele redemoinhar alegre de gente num farfalhar macio de sêda a se confundir com as notas harmoniozas de Euterpe e o bimbalar dos bronzes que sublimavam a velha praça por onde ainda não havia passado a remodelação.

Diminuindo cada vez mais essa influencia, já viamos ha até bem poucos anos aproximar-se com frieza e indiferença a época da festa ao revéz daqueles tempos remotos em que cada pessoa fazia economias para poder estrear no largo um vestido novo e caro.

Felizmente a abnegação do venerando comendador Augusto Marques, legada por decendencia ao incansavel Dr. Carlos Marques conseguiu suster a inevitavel queda dos festejos, especialmente os internos.

E' de louvar o efeito sobremodo esplendido daquele cortejo de amadores competentemente dirigido pelo dr. Carlos onde apreciamos vozes otimamente afinadas, primorozamente

acompanhadas por mavioza orquestra da qual participam o soberbo violino de Carlos Moreira e o bem executado clarinete do prometedor Manoel Silva.

A missa de J. L. Batman e a novena de Luiz Miró, composta especialmente para a Senhora dos Remedios teve um feliz exjto.

A primeira voz vizivelmente inferior em figuras á do ano passado, não resentiu essa falta, desempenhando-a com precisão as senhoritas Mundica Souza, Bêbé Kerth e Alme-rinda Mendonça, cuja apreciação deixou ao publico justiceiro que de certo ajirá na altura merecida pelo sublime terceto, para cuja tarefa me torno incompativel.

A segunda voz que esteve assaz magnifica, deixando apreciar o notavel destaque ao lado da primeira foi confiada ás senhoritas Enedina Marques da Silva, Vitorinha Mendonça, Maria Luiza Braga e Nhazinha Ramos.

Os Srs. Alberto Reis, Salú Faria e Riba-mar Pereira, mereceram reais encomios pelo desempenho de suas tarefas que bastante agradaram.

A orquestra em geral—admiravel, sublime e grandioza.

E por esse inegalavel sucesso envio ao Dr. Carlos Marques um bouquet de sinceras felicitações.

**

Muito me apraz essa temporada que se vai finando, porque recordei essa mesma faze do ano passado, quando se celebravam os festejos de hoje e que deixaram em minh'alma traços inesqueciveis da mais rizonha época de minha juventude.

Foi precisamente nessa época que senti no peito o doce afago dessa coorte de esperanças e devaneios que acompanham o mais vivo, o mais intenso sentimento d'alma.

Impellido pelo efeito magnético suas vibrações encontrei-me frente frente com esse deus em miniatura que honra a historia mitologica a me alvejar o coração com um sorriso maravilhoso, num desferir de chispas deslumbrantes donde vi surgir a imagem radiante que hoje é todo o esplendor das minhas aspirações.

E foi ahi naquele templo sacro, á harmonia dos canticos e em meio dos turbilhões de incenso que eu abri meu coração para agazalhar o afêto dessa virgem que minh'alma habita.

Para sempre a festa dos Remedios terá seu capitulo em destaque no soberbo romance de nossos corações.
—IRBÉRIO.

Remorsos de um "conteur"

O calor estonteante daquela noite escura e sem ventilação abiazava. Não podendo suporta-lo, em caza, sai; os combustores publicos como que tambem sentindo o efeito daquela reação da atmosfera piscavam amortecidamente, como o mizero sem lar, derramando, insensivel, lagrimas de dôr pela miseria que o assola no miseravel cubiculo onde vive extremunhado, exausto, pela perseguidora miseria.

Diriji-me á praça das palmeiras, onde sempre se encontra, como que saudando o maviozo cantor dos «Timbiras», uma viração amena, deliciosamente vivificante. A praça estava dezerta; num banco, ao lado da estatua do poeta, que, estatico na sua posição, admira a imensidade da baía, seu sepulcro perpetuo, estatico tambem se conservava um vulto. Aproximando-me, reconheci-o; era o Armando. Ao saudá-lo, fiquei petrificado pela invulgar expressão de seus olhos, a gelidez de suas mãos e a sua voz vacilante; tinha todos os sintomas de um principio de alucinação.

Não sem receio fil-o sentar-se a meu lado e procurei, como amigo, distrai-lo.

—Então, meu caro Armando,

PARNAZO

POR FAVOR...

Do conto MUMIA VIVA

Li, dona, os seus versinhos e sustento,
Alegrei-me, gritei, quasi enlouqueço,
Lendo eloijos, que sel, não os mereço,
Eu quazi por um triz, dona, arreberto.

Tenho mêdo de si, do seu talento,
Da sua grande andacia não me esqueço,
Eu, dona, tenho mêdo, e lhe confesso,
Que a senhora me peça em casamento.

No seu sonêto me acha bonitinho,
Elegante, cortez, um tipo estoque,
Amavel, delicado, engraçadinho...

Não me chame essas coizas, não me toque,
Olhe, eu sou um menino inocentinho,
—O' dona, por favor, não me provoque!...

Reis Perdigão.

Eterno amor

Quando eu trilho da vida a róta tão
tristonha,
E me caustica o craneo o sól dos dis-
sabôres,
Calejando-me os pés a grilhêta medonha
Dos espinhos que brota'os páramos das
dôres;

Quando eu sinto que a mágua em meu
peito se enfronha,
A flôr da mocidade a perder seus olôres,
E não sinto o pulsar de um coração que
imponha
O sonôro bater de uma vida em fulgôres;

Vejo em tórno de mim da existencia os
arcãos!...
—Não se pôde avistar o batêl da ami-
zade
Sem o acúleo da vida enfunando-lhe os
panos!...

E dentro do meu sêr eu sinto a imen-
sidade
Desse amôr que naceu nos meus dezoito
anos,
E que não morrerá, até a eternidade!...

D. Fortuna.

NOIVOS

A' DIDICA.

(1914—18 de outubro—1915)

Vê como é belo estarmos nós juntinhos
Na doce esfêra deste amor ardente,
A modular o que noss'alma sente
Num doce idilio a permutar carinhos.

Vê que esplendor dos triunfais caminhos
Que nós trilhamos atravez da 'mente,
Nesse primor de graça resplendente,
Como um feliz casal de passarinhos.

E num batêl de rozeas esperanças
Vamos gozando as bem—aveturações
Desse ideal que nossa vida enflora,

Enquanto em nós numa canção bendita
Louco de amor um coração se ajita
No rizonho natal que comemora.

J. Ribeiro.

O Ateniense

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

Rua 28 de Julho, 53—S. Luiz

ASSINATURA ANUAL. 2\$000

"O Ateniense" será enviado á imprensa,
mediante permuta.

que tens feito, onde tens estado,
que te não tenho visto?

—Trabalho muito e tenho esta-
do sempre aqui—respondeu, dis-
traidamente, para não ficar calado.

—E a respeito de amôres?
Como...

—Não, meu amigo; peço-te que
não conversemos nesse assunto.
Recordar hoje, sob estas mesmas
palmeiras, tendo-as, e o marmore
frio do poeta, como unicos confi-
dentes, as belas impressões que
outrora aqui trocámos, passar em
revista os formozos castelos que
arquitetei na minha imaginação
transbordante de amôr e de espe-
ranças; lembrar, ainda que ligei-
ramente, esta felicidade que ante-
viá por um prisma bem diferente,
embalada pela mavioza canção da
deuza do amôr; pensar hoje na
possibilidade de um momento de

gozo infinito, como outrora, pensa-
va tocado pelo fogo crepitante de
um amôr violento e absurdo, inex-
periente e prejudicial,—seria des-
pedaçar, martirizar ainda mais, a
minha já martirizada alma. Sinto
uma opressão mortal no meu doen-
tio coração quando vejo a vizão
terrivel do meu passado de amôr;
esses momentos outrora tão deli-
ciosos tornados agora numa fonte
perene de lagrimas e soluços, truci-
dam-me a alma, acabrunham-me
a existencia.

Não conversemos nesse assunto,
meu amigo.—epilogou Armando
armando de canção e suando a
cantaros.

—Sim, não proseguirei, mas, não
fiques assim; não te entregues
tanto ao dominio de tua paixão
senão serás por ela aniquilado.

—Sim; deixarei de ser tão fraco.
—E' verdade, Armando, que tens
feito de literatice? De ha muito não
vejo aquelas tuas cronicas e contos
salpicados daquele humorismo sa-
dio, lapidados com esmero e arte,
que muito agradavame prometiam.

—Não me fales tambem nisso,
meu amigo, tenho...

E o Armando principiou a tremer,
a retorcer-se no banco, numa in-
quietação doentia e perdeu os sen-

tidos. Corri numa pressa aflitiva
ao tanque proximo, administrei-lhe
um lenço ensopado na frente e
momentos depois,—quando já vinha
a lua com a sua luz de prata bran-
queando a baía, lá ao lonje, as tor-
res da igreja e a cabeça marmorea
do poeta,—num abalo nervozo, vol-
taram-lhe os sentidos.

Ao perceber-me a seu lado, arre-
galou desmezuradamente os olhos
e quiz fugir; tinha nos olhos, inje-
tados de sangue, uma expressão
de pavôr como si se sentisse per-
seguido por uma vizão diabolica,
atormentadora.

—Então, Armando,—disse em-
bargando-lhe os passos,—que tens?
Que é isso? Que sentes?

—Os meus escritos...—balbu-
ciou numa voz cavernosa de alu-
cinado—os meus contos... Hor-
ror, meu Deus! tenho remorsos...

—Remorsos de que, Armando?
Que fizeste para sentires remor-
sos? De teus contos? porque?

—Sim, as vitimas de meus con-
tos .. os meus contos... os meus
contos...

Sou um assassino... sou um
assassino...

E num gesto brusco despren-
deu-se de mim, desferiu, treslou-
cadamente, pela praça e, deixan-

do-me perplexo, subiu a rua Rio Branco gritando desesperadamente:—sou um assassino...os meus contos...sou um assassino...os meus contos...

*
**

Na manhã seguinte quando acordei, tive a ilusão de que tudo aquilo não passava de um forte pezadelo; e ao passar para o meu labôr, encontrei, saindo do posto policial, desmesuradamente palido, com horríveis olheiras, o mizero Armando que fora recolhido à noite e que já tinha provado ser assassino apenas dos personagens dos seus trajicos contos...

VIEIRA DA LUZ.

Retratos a lapis

28

L. M.

Arredado do meu estilo habitual, busco beber inspirações nas circunvizinhanças amenas do consagrado cantor dos Timbiras á sombra quietadoura das verdejantes «palmeiras onde canta o sabiá», tomo do lapis, e ligeiro procuro esboçar o retrato da mais gentil e simpatica maranhense. Debalde, porém!

Falta-me o principal—a pericia de um bom dezenhista amestrado no assunto, para com poucos traços dar a idéa perfeita e exata da sua anjelicall fizionomia.

Mesmo assim, nada entendendo da arte, tento faze-lo.

Foi em uma das nossas cazas de instrução publica que a vi pela primeira vez e ainda a vejo agora, porque nunca mais se apagou dos meus olhos essa vizão divina.

Foi lá, nos bancos escolares, sempre honrados pela retratada de hoje, que tive a suprema ventura de conhece-la.

Naquele tempo, trajava-se de branco e, ainda hoje, é esse o seu traje predileto, sem esquecer uma larga fita colada á cabeça insinuante e alheia a tudo que em roda de si se passa.

Seus olhos, duas continhas negras, brilhantes e buliçosas, ora fita nas suas coleguinhas com inegualavel ternura, ora na minha humilde pessoa, com meiguice, ofuscando-a com a sua luz clara, mística e confortadoura.

De quando em vez, deixa transparecer nos labios, num tom vivaz e dôce, a flôr purpurina de seus

sorrizos, por entre as filas de marfim, que faz embriagar ao mais cruel dos corações humanos.

Tem a tez morena, aveludada e fina, sobresaindo sutil e provocadoura a côr estonteante do rubi.

E' baixa, alegre e donairoza.

Seu porte é esbelto, seu andar fascinador e seu modo de tratar, cativante.

Na valsa, num golpe glorioso, derrota todos os rivais. E' a deusa da dança dos nossos salões.

Habita a rua que fica paralela a do poderoso astro, que, todas as manhãs, com seus raios luminosos, saúda na sua epopéa de luz, a mais meiga e modesta segundanista do Liceu, cujo coração conserva a cativante e embriagadoura essencia do afeto.

Aovê-la, lembramo-nos do poeta:

«Todos pasmam de vêr tanta beleza
Pois, nessa deusa de eternal majia
Esmerou-se demais a natureza».

Seu nome principia pela lêtra da lealdade, e termina pelo r que é a letra final e candida do—amôr.

Eis aqui, ledôr amigo, um retrato feito assim, sem arte, corrente calamo, por um simples dilettante das lêtras patrias.

JOTAEFE.

Serões

Escuro era a noite.

Pela imensidade verdejante das campinas, entre as orvalhadas folhas, os vagalumes pareciam pequeninas esmeraldas incandescentes.

Na varanda da caza da fazenda, sob o clarão sanguineo de um fumegante candieiro de petroleo, que punha na magnifica alvura das paredes reflexos esbrazeados, todos os membros da familia e mais alguns hospedes reupidos e sentados, ouviam atentamente uma interessante anedôta, que o «coronel», entre duas fumaças aromaticas e azuladas, do seu esplendido cachimbo de espuma, contava jovialmente. Dizia êle: «Um dia, meus amigos, ao dobrar a curva de uma estrada, um bulhento e velós automôvel, encontrou-se com um langorôzo e bucolico «carro de bois» e depois de ter fonfonado bastante, o *chauffeur* gritou ao rustico condutor do carro:

—O'! amigo caboclo, retira o teu velho «regresso» do caminho e deixa passar o meu «progrêso». O caboclo pacientemente retirou, sem uma palavra siquer de protesto o seu modesto e humilde veiculo, o seu «regresso», com o chamara o arrogan-

te *chauffeur* e o auto, o «progrêso», passou célere e triunfante, deixando após si, uma espessa nuvem de poeira, enquanto o «regresso» encolhido a um canto o contemplava da sua sinjéla, humildade, sem contudo sentir siquer vislumbres de inveja, o roceiro retrou o seu carro e continuou a sua jornada, lenta, acompanhada de um som harmoniozo embora ás vezes um tanto aspero, mal porém andara uns 200 metros, ouviu uma voz que o chamava:

—Amigo! amigo! chêgue aqui, faça favor, ajude-me a sair desta dificuldade, o meu automovel quebrou e eu não posso seguir a viagem, nem tampouco leva-lo á cidade para o concertar, ajude-me por favor!...

O roceiro voltou os pacientes e musculozos bois, cujo olhar impregnado de profunda melancolia sintetizava toda a sua docilidade e resignação e meia hora depois, o auto fortemente amarrado ao carro, seguia, embora morozamente, o mesmo caminho que poucos momentos antes, cortara rapido e ovante.

Seguiam silenciozos, mas antes de chegar á cidade, o caboclo que se mantivera pensativo erguendo a cabeça e iluminando a expressão grosseira com um sarcastico sorriso, num tom de ironia rude:—E!ê! tá vendo branco, quem fala paga. agora vai o meu «regresso» puchando o seu «progrêso».

E esta historêta anedotica o «coronel» contava, entre duas fumaças aromaticas e azuladas, do seu esplendido cachimbo de espuma...

Japí Parassú.

Traços & Troças

Havia muito que duas alvas tiras de papel de linho se apresentavam, rezignadas, ao sacrificio de serem enegrecidas pelas frases tôscas que deviam sair da nossa pena emperreada, e, no entanto, nada tinhamos feito ainda como se respeitassemos aquela brancura imaculada, que nos deslumbrava.

Mas não se infira daí que nos movia a piedade naquele momento. Não; é que á crize monetaria, expulsa temporareamente pelos magros vencimentos que receberamos na vespera, sucedera a de assunto.

Senão quando um senhor de certa idade e compleição franzina nos entrou pela porta a dentro e, sem mesmo nos cumprimentar, começou:

—Como sabeis, as eleições estaduais e municipais aproximam-se. Uma chusma de candidatos foi já

imposta ao sufrágio do eleitorado maranhense, como uma afronta á sua soberania...

—Mas soberania do povo... arriscamos

—E' planta que se não adapta ao nosso clima, tem o sei; mas a culpa não é nossa: se dependesse de honras da nossa tempera (aceitamos, com submissão, o engrossamento), isto andaria direito por aqui... Mas passemos ao assunto que me trouxe á vossa caça.

Almejo um lugar de deputado, e quero que sejas por mim no vosso jornal. Se eu for eleito, vereis como isso endireita.

Adeus...

E o homenzinho mousecou-se, azafamado, deixando-me o seu cartão.

Li:

Comendador Satiro Cardozo,

Autô mérito.

C. V.

Postaes coloridos

■ ■

Irene, boa amiguinha.

O teu postal, que só agora respondendo, veio despertar, amargamente, no meu espirito, uma por uma, as passagens felizes que gozamos na quadra mais risonha da nossa juventude. Eramos bem crianças ainda e a natureza enflorada nos sorria em todas as estações

Hoje vivemos separadas pela distancia e, apesar de impolutos os laços de amizade que nos prendem, tu foste bastante fraca maculando-os com a duvida do seu decrescimento!

Não sou ingrata como dizes, Irene. Não! Sou, como sempre, a tua amiguinha; e, hoje, mais do que nunca, sinto a necessidade de estar ao teu lado.

Aqui na solidão onde vejeto, na paz, outrora bem-dita e dezeitada, dos campos, não tenho, além dos ignorantes com quem convivo, da natureza exuberante e do passarêdo inquieto, a quem confie, cheia de jubilo, os meus sonhos de esperanças, os meus momentos felizes, que aliaz são bem poucos e passageiros; não tenho ao meu alcance, como outrora, o teu coração amigo e sincero para nele de-

pozitar, como num relicario doiro, as lagrimas punjentes que derramo pelo muito que padece o meu coração.

Quando te tinha ao meu lado sempre, com os teus conselhos amigos, afastavas do meu pensamento os sentimentos do jaêz do que ora me consome, debatendo-se, enfurecidamente, dentro de meu peito.

E tú, minha amiguinha, certamente ignorando o estado atual de minh'alma, zombaste de mim com essas palavras cruciantes:—«Agora, vives tão somente embalada nas doces iluzões fagueiras do amôr—dessa iluzão falaz!!» Eu perdôo.—A! sim, o nosso passado, a nossa infancia! quanta amargura me trazem essas reminiscencias! quanta saudade sinto daquelas manhãs e tardes amenas em que zombavamos do amôr, das paixões, de tudo enfim!!

Como agora fazem comigo algumas amigas, talvez tú mesma, eu zombava de suas cantilenas chorozas quando vinham, ávidas de consôlo, procurar, para os seus amôres desventurados, o balsamo confortante e animador da minha piedade.

E eu ria desdenhozamente, na completa ignorancia da sua dôr, enquanto as miserias choravam. E hoje, como que por vingança, enquanto vencidas ou vencedoras, elas riem, os meus labios entreabrem-se num sorriso choroço de inveja e as minhas lagrimas de desventuras orvalham-me as rozas do meu rosto, prestes a fenecer...

Não chames mais ingrata e nem o sejas para a tua amiguinha.

ODETE.

Reportajem

—O Zé Vieira, a pedido, vendeu, por 1\$900, o habido de sacudir os hombros ao Arikeer, que não tem «quaze» pescoco.

—O Palmerio rezolveu falar fino no dia em que se diplomar no Liceu. Daí em diante não espantará seus alunos com áquela trovoadá que lhe sai das guélas.

—O Humberto rezolveu mudar o seu «sobrenome» de mosquito alemão para um outro que o Xixi Rayol lhe ensinou, porque fica mais adequado aos seus habitos.

—O João Vitor vai publicar um livro intitulado «Os esculptores holandeses e a guerra»...

—O Vieira (o carneiro) está se empenhando para ser transferido da Indendencia para a Garaje Maranhense.

—O Vasconcelos disse que no dia em que encontrar o francofilo autor das «Piadas... ou peiadas?» vai-lhe ás bitaculas com o seu «passo á retaguarda».

—O Luiz Muniz disse que vai deixar de pertencer ao genero neutro, para o que vai trocar a sua voz com a do Palmerio.

—O Luiz Silva vai publicar um outro livro de versos. O Zé Fortuna, que tem alguma coisa de comum com o naviozo poeta, está muito zangado. Afirma se francamente que o liceista, de tão zangado, vai deixar de ser o «avô de vocês»...

—O Andrade diz que no dia em que o H. Ferrari publicar o seu perfil no «O Ateniense» ele lhe dará uma dentada.

—O Zé e o Lourival vão todos os dias fazer visitas «afogadas» pelas plagas das «hortas».

—O Valentim pretendendo engorlar está no uzo diario de «remédios» bem caros.

—O Armádo (Betuminozo) foi contratado pelo Intendente, para servir de combustível á iluminação pública.

—O Lúico está bem acabrunhado porque quando está num «passeio» o seu «narizinho» está no outro oposto, o que o obriga a repetir constantemente: «entre les deux mon cœur balance».

—O Coutinho disse muito em segredo ao nosso reporter que ainda conserva bem amargas recordações do «garden-party». —Que pena não ser eu oficial de marinha!—lastimou-se o coitado, soluçando. Paciencia!—daqui lhe recomendamos

—O Pedro Paulo clama furiosamente contra «Ele» que lhe transmitiu a urucubaca. —Disse que até o seu coração já foi atingido.

E' devéras lamentavel a sua sorte.

—O novo devoto de «Santana», o Manuelzinho, não se cansa de contemplar nua das flôres mais mimozas do nosso jardim social, sentindo que o conforto lhe invade o coração ao sorver o doce aroma que dela se emana.

Autofotografias elétricas

II

Espero sempre reviver odílico namoro. Subline odessico uma saudade apenas.

Dinamo!

O ATENIENSE

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANO 4



Maranhão, 3 de novembro de 1915



NUM. 57

A data de hoje

Cumprimos um dever civico que se impõe a todos aqueles que prezam as letras pátrias, prestando esta sin-ela homenagem a Antonio Gonçalves Dias.

A figura excelsa do imortal cantor das selvas maranhenses se nos depára hoje mais sublime, mais grandioza, mais veneranda.

Apezar do indifferentismo da mór parte daqueles que deviam conservar imaculada a sua memoria imperecivel, ainda se encontra um punhado de esforçados cultivadores do progresso literario a homenagear-lhe o



nome gloriozo, não deixando passar no olvido a data em que o mar se abriu para tragar o vulto gigantesco daquele que lhe dedicou um dos mais belos dos seus incomparaveis trabalhos literarios.

Inteiramente dezamparados pelas outras sociedades literarias desta Capital, tivemos, felizmente, o encorajar nos, o apoio salutar do Exm. Sr. Dr. Herculano Parga, Governador do Estado, que da maneira a mais gentil acolheu a nossa idéa e nos auxiliou da forma a mais eficaz.

E ai está, brilhante, a comemoração a que nos propuzemos, não pela sinjeleza de que se reveste, mas pelo amor, pelo carinho que traduz.

Salvê Gonçalves Dias!

Um bello gesto

Mais uma vez se desempenha a Sociedade Literaria Barão do Rio Branco, da carinhoza empreitada de comemorar a passagem do 3 de Novembro.

Sozinha desta vez, porque as outras agremiações literarias aqui lhe não quizeram ou não puderam prestar o seu apoio, nem porisso se sentiu dezanizada. E com a prezente edição do *Ateniense* e mais uma sessão solene na sua séde social, assinala o transcurso da data.

Bem hajam os seus diretores nesse bello gesto com que se acabam de impor definitivamente á nossa admiração e aos nossos aplausos. Não lhes permitiram os recursos de que dispõem executar a costumada romaria á estatua do poeta. Fizeram, todavia, o que anda ao alcance da sua boa vontade e do seu exemplar amor pelas glorias do passado literario da sua terra.

E o resultado dos seus esforços é esse: não passará despercebido o dia 3 de Novembro, na capital do Maranhão.

Aqui lhes deixo, portanto, como um dos que partilhavam, ha 15 anos, da instituição dessas bellissimas romarias civicas ao marmore gloriozo da Praça dos Remedios, aqui lhes deixo toda a segurança da minha inteira solidariedade mental e civica, nas homenagens que hoje rendem á memoria do cantor imortal dos *Timbiras*.

Antonio Lobo.

A data gonçalvina



Ha quinze anos, por uma tarde rizonha de sol radiozo, iniciou a Oficina dos Novos as romagens á estatua de Antonio Gonçalves Dias.

Lidava se no constante anseio de fazer que Atenas ressurgisse das cinzas. E nenhum nome incarnava melhor, de um modo mais perfeito o bello passado literario do Maranhão que o do cantor dos *Timbiras*. Poeta, dramaturgo, etnógrafo, linguista, historiador, concretizava muitas das lúcidas facetas por que se evidenciou a sua jeração intelectualiva, á qual alguns criticos classificaram de ESCOLA MARANHENSE, em *pendant* com a ESCOLA MINEIRA, dos tempos coloniais.

Depois, no lindo monumento, preiteiam-se as figuras primaciais daquela época - Odorico Mendes, humanista e paladino da independência; Sotero dos Reis, gramático e critico; Gomes de Souza, matemático; João Lisboa, historiador e panfletário. E um *panthéon* ao ar livre, que todos os anos provoca as homenagens populares, num espontâneo e conscienciozo rasgo de civismo. Corporifica-se ali a mentalidade regionalista, no que ela teve de nobre e pacificador, de altruistico e sujestionante. E nenhuma outra, dentro do paiz, ainda se lhe sobrepõe.

Não correm os dias de hoje propícios ás lêtras brazileas. Também o não corriam nessa fazo, em que as idéas economicas e políticas se contundiam, e as pessoas de o-espírito respiravam a custo. Mas o calor da refréga destacou, pra que os pósteros os admirem, alguns homens superiores ao meio, que souberam combater e triunfar. E a ésses reuniu-os a clarividência de Henriques Leal, na cristalizadora estatua que lhes promoveu

Inspirem-se os moços em tais exemplos, pra que o dezani-
mo os não invada e vencerão.

Fran Paxeco.

O GENIO LATINO

Cada vez que passa o dia 3 de novembro, e que os meus colegas de agremiação se ajitam em prol de um movimento de glorificação ao sociólogo dos nossos primitivos incolas, eu transponho o circuito humilde e sinjelo que me envolve, para dizer algo do poeta das palmeiras.

Gonçalves Dias foi, e continúa a ser, sobretudo o bardo simpatico de todas as éras, o poeta querido de todos, pois suas creações são espalhadas em todos os tons, em todos os sentidos.

O poeta caxiense soube se fazer mestre impecavel em todos os generos. Quer encarado pelo prisma poético-biblico, sociológico, dramático, romantico, lirico-amoroso, quer pelo prisma onde se avista gravada em paginas valiozas a beleza de fórma de uma proza castiça, que glorificou o épico maranhense como perfeito purista da lingua de Camões.

Foi êle o classico, o dramaturgo que mereceu de Alexandre Herculano as mais lizonjeiras palavras de sagração aos seus meritos reconhecidos por todas as gentes; o lirico que soube burilar a imortal *Canção do exilio*; o lirista amoroso de *Ainda uma vez, adeus!*; o genio que em recompensa do enjenho com que a Natureza lhe dotou, soube melhor canta-la deslumbrante em todas as suas irradiações, como patenteiam *O mar* e *A idéa de Deus*, que tão bem soube escolher Sotero para a sua critica literaria; o cantor das nossas selvas louças e verdejantes, donde êle tanto soube tirar, com mestria rara, o rumorejar da juriti e o grito estridulante da araponga, transportando-os para os seus versos cantantes e mimózos; o poeta que não hauriu inspiração em Goethe, Shakespeare, Dante ou Victor Hugo, como os que lhe foram contemporaneos—o seu unico mestre foi a Natureza, e dela lhe naceram todas as inspirações; o vernaculista castiço, o historiadador profundo e impecavel de *O Brazil e a Oceania*; o cantor e defensor intranzijente da raça indijena; o bardo a quem o amor mais fez sofrer, dando-nos a apreciar as inspirações dos ocúleos de sua alma, que são acordes maviozos e ternos do bandolim eslalejante de um verso cadenciado e dôce; o dramaturgo de *Leonor de Mendonça*.

Não podemos dizer que possuímos tudo quanto o patricio querido nos legou. Quando voltava do Velho Mundo, trazendo-nos mais produções do seu êstro magnanimo sob outros sóes donde lhe poderiam emanar mais luzes, perderam-se consigo essas novas poezias no *Ville de Boulogne*. Muitas das que conhecemos mesmo, seriam esquecidas se não fosse a benemerencia de Henriques Leal, esse mesmo maranhense que fez com que sua terra tivesse o que João Lisboa escreveu, conlacenando o *Panteon Maranhense*.

Eu, como um dos mais fervorosos admiradores que sou do poeta, não poderia calar a minha humil penha nesta edição, que lhe é toda consagrada.

Djalma Fortuna.

O BALCÃO

(CH. BAUDELAIRE)

Fonte de evocação, amante das amantes,
Meu unico prazer, meus supremos cuidados!
Como te has de lembrar das horas delirantes,
Do conhego do lar, dos serões encantados,
Fonte de evocação, amante das amantes!

A' noite, ao crepitar do lume no fogão,
E á janela, aos clarões do poente, indefiníveis.
Que doce era o teu seio e bom teu coração!
Diziamos, a sós, coizas imperecíveis,
A' noite, ao crepitar do lume no fogão...

Nas noites estivais, de estrelas consteladas,
Era profundo o céu... Meu coração estuava...
E achegando-me a ti, rainha das adoradas,
Eu, louco, respirar-te ao sangue o olór julgava,
Nas noites estivais, de estrelas consteladas...

Como um tapume espesso a escuridão decaia...
Na treva, o meu olhar te adivinhava as pupilas.
Tinha entre as mãos teus pés adormidos, e hauria
O veneno aromal que no hálito distillas...
Como um tapume espesso a escuridão decaia...

A arte sei de evocar os dias de ventura,
E o tempo que passei nos teus braços revivo.
—Onde o languor achar da tua formozura,
Fóra do seio teu, do teu corpo lacivo?...
A arte sei de evocar os dias de ventura...

Mas beijos, e perfume, e juras desse amor
Resurjirão, assim, de um báratro defezo,
Para nós, como após o incendio do sol-pôr
Lava o mar, no arrebol, um novo sol aceso?...
O' beijos! O' perfume! O' juras desse amor!

Antonio Lopes.

NOTA—Não esquecer que o portuguez Delfim Guimarães andou aleijando esta poesia baudelairiana, na sua horripilante tradução das *Flores do Mal*.

Gonçalves Dias

Todo maranhense que se orgulhe de haver nascido nesse torrão bemdito, deve de coração de alma curvar-se neste dia, e, com a vibração eloquente do ardôr do seu peito, levantar bem alto uma homenagem respeitosa ao maior genio da nossa raça, a este que soube imprimir, em letras de oiro eternas, no pedestal sublime dos versos, os dignos sentimentos da nossa orijem, e hoje, através da eternidade, dominara triunfante das paginas mais brilhantes da nossa historia passada. Canta-lo, a êle que nos cantou, é dever dos nobres.

Venera-lo, a êle que nos amou, é imposição do nosso sangue.

Homenajear lo sempre, é o ato mais digno da nossa fraternidade.

Êle é, foi e será para todo o sempre, o sol em torno do qual giram todos os astros do firmamento ofuscante da nossa vida literaria.

Lá, no meio daquêlas palmas tristes e saudôzas, que gemem como em suspiros languês e ternos todas as vêzes que a auróra resplandece sobre a terra muito querida que soube amar, e sempre que o crepusculo desfralda o pavilhão sombrio da soledade, êle está solene e altivo, na sua mudez marmórea, a lançar para o mar ingrato e assassino que o roubou um olhar sereno como se estivesse imaginando um poema de sua vida timbrada de sofrimentos, maguas e deziluzôis.

Hontem, quando na terra, embuçado no alboroz da poezia, êle dêsteria de sua lira os canticos, os mais inspirados, celebrando o fulgôr na natureza e a belleza incomparavel da nossa terra; hoje que êle vive no mundo de além, perpetuado no marmore, uma vez que não foi dado á terra em que nasceu guardar lhe os restos mortais é preciso que todos nós, unidos, nós que formamos na coluna da mocidade, rendamos ao mestre impecavel e saudôzo poeta o preito mais significativo da nossa immensa admiração pela sua obra incomparavel, que faz honra no panteon da gloria a esta nossa terra que muito amamos.

E pois tu és o id'lo mui querido,
Jamais por nossas almas esquecido,
Tão nobre em tradições,
Aceita, gran poeta, do teu posto,
Num brado de saudade recomposto,
Os nossos corações !....

Rio.

Hilton FORTUNA.

Leito de folhas verdes

Porque tardas, Jatyr, que tanto a custo
A' voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Lá nos cimos do bosque rumoreja

Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zeloza
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flores.

Do tamarindo a flôr abriu-se, ha pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amôr, como estas preces,
No silencio da noite o bosque exhala.

Brilha a lua no céu, brilhão estrellas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo magico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida.

A flôr que desabrocha ao romper d'alva
Um só gyro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquella flôr que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejão valles ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tú vas, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive; és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca virão,
Não sentirão meus labios outros labios,
Nem outras mãos, Jatyr, que não as tuas
▲ arasoja na cinta me apertarão.

Do tamarindo a flôr jaz entre-aberta,
Já solta o bogari mais doce aroma;
Tambem meu coração, como estas flôres,
Melhor perfume ao pê da noite exhala!

Não me escutas, Jatyr! nem tardo acodes
A' voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupan! lá rompe o sol! do leito inutil
A brisa da manhã sacuda as folhas!

Gonçalves Dias

Homenajem do indio

Tupá dezencandeou a sua colera sobre seus filhos infelizes.
Já não trôa etridentemente enchendo o espaço a inubia guerreira.

Emudeceram já os sons planjentes e ritmicos do maracá sagrado; sétas emplumadas, céleres como as andorinhas ligeiras, não singram o azul, em busca da prêza infeliz; já não tremula ao vento, forte da vitoria, o cocár solene das multicôres penas de arára, imponente e majestôzo simbolo da realêza; já se não vêem os festins faustozos, em comemoração á chegada dessa deuzada noites, que envolve a naturêza com o seu soberbo manto de luz branca e suave, acordando nos corações saudades que já se iam esmaecendo; os piágas já não profetizam com autoridade; os illustres guerreiros, os combates sagrantos, barbaros, mas leaes, o kanitár gentil que sombreava a fronte das mimosas virgens tupis, tudo, tudo isto, como uma palida vizão, um sonho de oiro de poeta joven, se desfez e aniquilou, numa forte rajada de odio e ambição.

Os civilizados em nome da civilização, lavraram a essa raça de bravos esta estúpida sentença: —ou éla será aniquilada, ou será absorvida.

E pouco a pouco éla se vae desmoronando, mas a essa deruição, a esse extermínio que revolta, reziste e resalta como um gigantesco monumento de luz, a obra maravilhosa do genio, que ha de mostrar á posteridade que habitou esta terra que pizamos, terra sacrosanta porque é a da nossa idolatra patria, entre o esplendôr magnifico de uma naturêza virgem, entre frondozos e soberbos jequitibás, que se erguiam sobranceiros sintetizando-lhe a genuina altivêz, uma raça nobre, valente, forte, independente e sobretudo leal, que na de deslumbrar com os seus feitos maravilhozos, estereotipados no oiro refulgente das estrofes dos —Timbiras,—as cultas gerações vidoiras.

Bendito seja, pois, o poeta excelso que se immortalizou immortalizando, que se glorificou elevando consigo ao pinaculo da gloria, uma raça de heroes; o poeta maviôzo e sentimental da «Canção do exilio»; o poeta heroico, divino, sublime do «Tambora».

E hoje, ó genio! que se comemóra mais um ano em que foste repouzar no teu magnificante sepulcro, o unico digno de ti, aceita, ó! cantor sublime des meus antepassados, a palma branca perolada de sentidas lagrimas, da acrizolada saudade e imensa gratidão da minha raça.

Japi Parassú

(Reis Perdigão)

Exórdio do poema

“OS TYMBIRAS”

Os ritos semibarbaros dos Piagas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
D'onde, como d'um throno, enfim se abrião.
Da cruz de Christo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo americano, agora extinto,
Hei de cantar na lyra. — Evóco a sombra
Do selvagem guerreiro!... Torvo o aspectó,
Severo e quasi mudo, a lentos passos,
Csminha incerto, — o bipartido arco
Nas mãos sustenta, e dos despidos hombros
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,
Agora inuteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seus paes, embalde
Procura asylo e foge o humano trato.
Quem pudera, guerreiro, nos seus cantos
A voz dos piagas tens um só momento
Repetir: essa voz que nas montanhas
Valente retumbava, e dentro d'alma
Vos ia derramando arrojio e brios,
Melhor que taças de caum fortissimo?!
Outra vez a chapada e o bosque ouvirão
Dos filhos de Tupan a voz e os feitos
E as pocemas de morte, levantadas
Dentro do circo, onde o fatal delicto
Expia o malfadado prisioneiro,
Que enxerga a maça e sente a mussurania
Cingir-lhe os rins a ennodoar lhe o corpo:
E só de os escutar mais forte acento
Haverião de achar nos seus refohos
O monte e a selva e novamente os échos.

Como os sons do boré, são o meu cânto
Sagrado ao ruído povo americano:
Quem quer que a natureza estima e preza
E gosta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque sussurrando ao longe —
Escute me. — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de myrto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei a,
D'agrestes flores enfeitando a lyra;
Não me assentei nos cimos do Parnaço,
Nem vi correr a lymphá da Castalia.
Cantor das selvas, entre bravas mattas
Aspero tronco da palmeira escolho.
Unido a elle soltarei meu canto,
Emquanto o vento nos palmares zunir,
Rugindo os longos encontrados leques.
Nem só me escutareis fereza e mortes:
As lagrimas do orvalho por ventura
Da minha lyra distendendo as cordas,
Hão de em parte ameigar e embrandecer-as.
Talvez o lenhador quando acommette
O tronco d'alto cedro corpulento,
Vem lhe tingido o fio da segure
Do puro mel, que abelhas fabricarão,
Talvez tambem nas folhas que engrinaldo,
A acacia branca o seu candor derrame
E a flor do sassafraz se estrelle amiga.

Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias



M meados do 5.º lustre do seculo passado, no sitio Bôa-Vista, nas terras do Jatobá, a algumas dezenas de quilometros de Caxias, — a Princeza do Sertão, — nasceu o inimitavel poeta lirico brasileiro — Antonio Gonçalves Dias — o mais sublime cantor da raça americana.

Naceu pobre, viveu pobre e morreu pobre — de bens pecuniarios; legou, porém, á terra que lhe serviu de berço, além do seu nome verdadeira e incontestavelmente glorificado, o mais sublime tozoiro; enriqueceu, o quanto possivel, a lingua de Camões, já lhe conservando a beleza natural, já trabalhando na confecção de um dicionario infelizmente não concluido — da nossa verdadeira lingua — a Tupí.

Lutando sempre, desde os seus primeiros passos nos estudos, contra os fortes elementos da falta de meios para a sua subsistencia; investindo com uma tenacidade invejavel, soube transpôr todas as barreiras que se lhe antolharam até chegar ao ponto culminante de merecer, e justamente, o que foi nos seus dias, o que é no presente e o que será para todo o sempre — o sublime propugnador da poezia portugueza!

Infelizmente, com o lamentavel incidente da 3 de novembro de 1864, não nos podemos apossar de toda a riqueza que queria deixar, para gloria nossa e maior sua ainda, á terra natal, o immortal, saudozo e inesquecível filho.

Sim, perdemos uma grande parte, talvez a mais preciosa; pois, segundo se colijiu, depois de sua morte, da sua correspondencia com alguns amigos do Maranhão, trazia, inspirados nas margens serenas do Mondêgo, inumeros manuscriptos, que certamente seriam verdadeiros monumentos literarios, para aqui os fazer publicar.

Vinha o filho muito extremozoz em demanda á terra patria quando o mar traiçoeiro sorveu-o de um trago nas suas ondas azulinhas que elle outrora cantara com tanta inspiração e amor e foi tão egoista para o amigo que o decantara que nem siqueres as suas vagas impeliram para a terra os restos mortaes do grande filho. Não teve a ventura de ver realizados os seus sonhos repassados de immensa saudade pela longa ausencia das plagas onde nasceu: não teve a ventura de alongar, com a avidez com que vinha, as suas vistas pela immensidade verdejante dos nossos campos, das nossas varzeas, das nossas matas onde cantou o sabiá; não pôde compor, como certamente imaginou, novos e sublimes poemas, inspirados pela exuberancia da nossa natureza embalhada pelo aroma natural da poezia, pelo gorjeio do maviozo do sabiá, pelo cantico lonjinho extridulante e saudoso da araponga, pelo gaguejar monotono da jandaia nos ramos da oiticeia e nas frondes das palmeiras, não pôde, enfim, realizar a menor parte que fosse dos seus sonhos sublimes, e não pôde para maior angustia ainda, dos seus ultimos momentos, piazar no solo patrio!

A Gonçalves Dias, pois, é devido todo o respeito de um preito sincero.

Gonçalves Dias nunca foi esquecido porque não o pode ser. A mocidade maranhense, ainda que uma pequena facção não pode deixar de cumprir o dever que lhe dita a historia. Ao vermos no mormore perpetuo, circundado de palmeiras que elle tanto cantou, a effigie do poeta, sentimos o desejo de saber quem ele foi e recorrendo aos allarrabios da historia, não podemos reprimir o espontaneo impulso que se apodera do nosso ser e, então, jubilosos, numa homenagem sublime, prestamos o nosso culto, que sintetiza toda a gratidão de uma raça.

E eu, o mais humilde dos paladinos que trabalham nesta tenda, sem pretensão de efeitos bombasticos, reconhecendo nenhum valor destas linhas, visto não possuir a extrema utilidade aureola de luz que nos aclara o espirito, assevero na simplicidade da minha expressão a maior admiração pelo espirito culto de Antonio Gonçalves Dias, desse genio immortal que cantou e enalteceu, nos seus versos, a lingua que falamos!

Joaquim Luz.

1715 Biblioteca Publica
Rua do Egito
nesta.

O Ateniense

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA «BARÃO DO RIO BRANCO»

Anno 4.º



Maranhão, 19 de Dezembro de 1915



Num. 58

BELO EXEMPLO

Nos tempos, que correm, assinalados por um indiferentismo revoltante, raro e bem raro se torna a observação de um fato como este que a historia vai registar com um brilho inexcedivel de um menino que na iminencia de ser tragado pelas ondas vorazes, durante o naufragio da barca «Setima», na capital do paiz, só teve em mira salvar o pavilhão da nossa patria, que empunhava, pouco ligando com os meios de garantia á sua vida em perigo.

Na flôr da juventude, ante a porta aberta de um futuro prometedor, embalado nas azas da esperanza, o joven Antonio Chagas, num desprendimento unico, revestido de mascula corajem, pouco ligou a tudo isto e impavido elevou o carissimo estandarte, procurando salva-lo, dando com este feito um dos maiores exemplos de patriotismo ainda não observado em tempo algum.

Este joven heroi merece de todos os brasileiros as mais altas e significativas homenajens que ao par da medalha de ouro com que a republica lhe soube galhardoar o merito servirão de sua gloria por tanto patriotismo.

Assim é que nós, representando a mocidade maranhense, rendemos ao joven patricio o tributo eloquente da nossa admiração num estreito abraço de fraternidade.

Com ares de cronica

Quando aqui chegou pronta a estatua de Gonçalves Dias, contam-me os velhos daquêle tempo —essa estatua chique que dá vida á praça beira-mar situada no fim da rua Rio Branco — houve um fato bem interessante e que a atualidade me veio lembrar:

—o monumento gonçalvino, como sabemos, foi adquirido á custa de uma subscrição publica, tendo á frente um dos maiores maranhenses daquele tempo—Henriques Leal, o benemerito e erudito autor do *Panteon*.

O fato foi que um dos contribuintes para a ereção da estatua, morador numa das cazas no correr da igreja, entendeu, pelo motivo de haver acudido á subscrição com mais generozidade do que os outros, de exigir que Gonçalves Dias fosse colocado voltado de frente para a sua mansão, pois que lhe queria ver o rosto austero todas as vezes que á janela chegasse.

Houve grande celeuma em torno do absurdo dislate do burguez, e Henriques Leal muito lutou para convencê-lo da inutilidade do abuso que pretendia exigir.

Com efeito, nada justificava a face do poeta voltada para o lado oposto ao mar.

E' assim que êle se sente bem; é assim que o burilador de *O mar* começa uma nova vida, na immortalidade fria do marmore onde se lhe imprimiram os traços; é assim que o vemos firme no seu posto de zelador perene daquilo que lhe foi tumulo—o oceano.

E queria o velho burquez da praça dos Remedios desfazer tudo isso, por haver tirado das avarentas aljibeiras dez tostões mais que os outros!...

—E não é que em uma noite dessas eu fui sonhar que com a estatua de João Lisbôa estava acontecendo fato identico!

Parece anedota, mas eu garanto que sonhei. Sonhei que haviam graves dissensões entre os moradores da praça que tem o nome do impecavel jornalista do *Timon*, porque cada um entendia que tinha o direito de exigir que o grande maranhense fosse colocado de rosto voltado para a sua caza.

Diziam êles em fortes discussões:—a estatua pertence ao Estado, por isso tanto é minha, como do Carlos Marques, como dos Capuchinhos, como da «Pacotilha», portanto quero que seja voltada para a minha caza, porque o meu avô foi um grande amigo de João Lisbôa...

E porque sempre que se fala na colocação do bronze de Magrou, no lugar competente há essas teimas todas, é que ainda

não tivemos o prazer de vê-lo inaugurado...

Que sonho exquizado!

No dia seguinte, eu contando o que se havia passado comigo naquela noite a um coléga, êle achou muito curiozo o meu sonho, e me alvitrou uma idéa que eu até achei bem util, e que posta em pratica pode trazer a harmonia entre os moradores do ex-Largo do Carmo.

—E' que a estatua seja giratoria...

D. F.

Carissimo porte. . .

Enquanto o Juca, cabisbaixo, sem destino e «sem vintem», subia inconciente uma rua, pensando como conseguir um almoço e dinheiro para cigarros, decia a mesma rua o Luciano que, tendo almoço seguro e dinheiro na carteira, não ia menos apreensivo; aquêle sentia fome, este sentia amôr; aquêle queria quem lhe desse o que almoçar, este queria quem lhe aproximasse do seu anjo adorado. E assim seguindo, os dois abalroaram-se num choque tremendo. Uma flôr que trazia o Luciano quebrou uma das pernas e empalideceu tanto do susto, que parecia morta; os chapéus e bengalas descompunham-se por se terem machucado mutuamente na queda, enquanto os dois rapazes trocavam desculpas costumeiras.

Estavam na porta de um café; entraram; o Luciano fez uma bôa despeza em cerveja, depois passearam em automovel, almoçaram, jantaram, foram ao teatro, beberam, embriagaram-se, dormiram, acordaram, e, quando na manhã do dia seguinte, na meza do café do hotel, o Juca fitou o Luciano, aquêla cara rapada que nunca tinha visto, e certo de não se tratar de um vigarista, visto que não pudesse ser roubado sinão nos botões da roupa, assim mesmo com algum desfalque, perguntou-lhe bruscamente:

—Que proveito quer o sr. tirar de um desconhecido com quem faz tanta despeza?

O Ateniense

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

Rua 28 de Julho, 53—S. Luiz

Presidente, *Joaquim Luz*; Vice-presidente, *El-Zuila Souza*; 1.º Secretario, *Djalma Fortuna*; 2.º Secretario, *Enoch Souza*; Bibliotecario, *Henrique Caldeira*; Tezoureira, *Marieta Fortuna*.

ASSINATURA ANUAL. 2\$000
«O Ateniense» será enviado á imprensa mediante permuta.

—Eu, meu amigo, queria que você entregasse essa carta a sua vizinha do 2.º andar. . .

Jovira.

Sociedade Literaria Barão do Rio Branco
Movimento de novembro

BIBLIOTECA

O sr. Joaquim Nogueira ofertou 1 livro, os socios H. Fortuna e L. Machado, 1, e o socio J. Fortuna, 1.

ESTADO SOCIAL

Efetivos

Socios; 14
Socias. 42

56

Colaboradores. 15
Honorarios. 6
Benemeritos. 3
Correspondente. 1

81

—Foram admitidos: como efetivos as senhoritas: Maria Lira Pessôa, Alice Lebre, Edith Dias, Helena Souza, Genuina Costa e Alice Costa; para colaboradores, os srs.: Henrique Caldeira, Belarmino Borgneth, João Pereira, Valentim Andrade, Olimpico Lima, Manoel Franco e Cipriano Silva; e como benemeritos, o revmo. padre Francisco Xavier e o revmo. conego Alvaro José de Lima

ELEIÇÕES

Em 28 de novembro efetuou-se a sessão especial de eleição para presidente e vice-presidente do ano de 1916.

Sairam vitoriosos os socios Djalma Fortuna e Joaquim Luz, presidente e vice-presidente, respectivamente, que tomarão posse na sessão solene de 1.º de janeiro proximo.

—Solicitou licença para se retirar temporariamente para o interior do Estado o socio J. Fortuna.

—Por portaria n. 14, o sr. presidente promoveu para o quadro efetivo o socio colaborador Henrique Caldeira, e nomeou-o para o lugar de Bibliotecario, recentemente creado

—Em sessão de 10 de novembro, o socio J. V. Ribeiro apresentou o projeto seguinte, que foi aprovado unanimemente, e logo transformado em

DECRETO N. 3

Art. 1.º—As funções de bibliotecario da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», ficam desligadas das do 2.º

secretario e serão exercidas por um membro efetivo livremente nomeado e demittido pelo presidente.

§ Unico—As atribuições do bibliotecario serão as mesmas descritas nas alíneas 2.º e 4.º do art. 18 do Regulamento vijente.

Em 10—11—1915.

INTROITO

No album da Senhorinha
Zilda Gorra.

Um verso me pedís, um pensamento em-
bóra,

Abrindo vosso livro, escritorio de beleza,
E pois satisfazendo a tanta gentileza
Estas linhas escrevo e oferto-vos, senhóra.

—Envolta em gratidão, com toda a sinjeleza,
Tendes aquí minh'alma a vos cantar agóra
Essa canção sem par que canta a toda
hóra,
Ao bélo, ao divinal, á luz e á natureza! . . .

—O bélo e o divinal transportam-nos á
gloria,
A luz nos reconduz ás portas da victoria,
E a natureza em flôr é toda um paraizo;

Tudo nos prende á vida e a dôr é uma delicia,
Quando temos no mundo em virjinal caricia
A doce orquestração de um majico sorriso! . .

Hitton Fortuna.

Revendo

I

Li num jornal sulista o telegrama seguinte:—«PARIS, 11—O sr. *Pierre-Massé* apresentou á camara um projeto de lei para o recrutamento dos indijenas das colonias francezas. Por meio do tal recrutamento, espera o deputado por em combate 700 000 homens em 1916, na primavera».

Trajica ironia dos acontecimentos! Veremos então resucitar a escravidão terrivel, motivada pelos politicos dum paiz que orgulhosamente se tem proclamado emancipador da consciencia humana, um paiz que ha anos levantou protestos rubros de indignação contra o comer de carne humana das negreiras portuguezas. E agora pelos mesmos mares em que antigamente o perseguia, vai ele, a França, transportar carne humana para o grande açougue á sombra de seu pavilhão, por ordem de seu governo! . .

E' um horror que não será menor do que os horrores deste incendio estúpido, ateiado pela ambição, pela sede de ouro, pela inveja; a guerra, que carboniza a Europa em chama de odio, de sangue! Desta maneira a civilização recuará alguns seculos, evocando os saudosos tempos da escravidão. E será o recrutamento uma escravidão? Sim, é. O arrancar os indijenas de sua patria,

para nos campos de batalha lutarem extranhos ás gigantescas lutas das raças brancas, é uma escravatura. Não estamos nos tempos duma Grecia pagã nem duma Gallia selvajem em que sacrificavam escravos nos altares de crueis divindades, creados por uma imaginação dos povos. Permaneceremos indiferentes, vendo essa imensá massa de negros arrastada á carnificina por um governo que se julga a aorta da civilização? Recrutar soldados, mandal-os ao campo de batalha, é digno, é nobre, e os que pela patria perecem, não merecem dô, mas sim admiração. Mas sacrificar selvajens, em defeza duma patria que não é a sua, arremessando-os aos brancos, como martires sanguinarios, arrancando-os ás florestas, apenas para aumentar um exercito «que luta pela civilização» é ser assassino, é ser mais que BARBARO! E a França não sente vergonha si incorporar aos seus exercios 700.000 negros selvajens. Não sente porque ainda não a sentiu com os «voluntarios» sanegalezes. Seria um erro de funestas consequencias para a raça branca, tal recrutamento. A este propozito diz um articulista: «Si qualquer negro de Dahomey fosse para as trincheiras francezas, com seu *chair-à-canon*, poderiam dar-lhe o *Côde Noir* de Luiz XIV, e se comprehendesse as linhas desse codigo, e nelas meditasse, mostrando sua linha de marfim de dentes, diria compunjado:—um vizo ironico:—Como deveria ser felicissima a posição de escravo no seculo XVII!». E a sua posição no seculo XX!

Hauptmann.

Perfis liceistas

IV

MARIA LIRA

Ostentando o fulgôr da simpatia
Que lhe torna entre todas destacada,
Eis do Liceu parcêla delicada,
A divinal e anjélica Maria.

A's lides do talento consagrada,
Elá obtem com toda galhardia
As flores ideáis que a primazia
Lhe vem deixando á fronte alcandorada.

Curva-te, pois, leitor, á majestade
Dessa eleita do bem e da bondade
E presta-lhe o teu culto mais sincero;

Enquanto que meu éstro reverente
Canta os dons dessa aluna intelijente
Que eu distingo, admiro e considéro!

Rio.

H. Ferrári

SOLICITADAS

Algum dezocupado, destes que andam por este mundo de meu Deus, naturalmente lutando com uma fórte crize de assunto, en

viou-nos pelo correio, fazendo-nos pagar o porte apesar da *cruze* monetaria, as linhas abaixo, com as quais estamos de acôrdo por um lado e em diverjencia grossa por outro.

Publicando-as, apenas temos em vista um requinte de amabilidade para com o seu *espcado* autor, apesar de incognito:

Sr. Redator d'«O Ateniense»

Decididamente a vida maranhense está transformada da sala á cozinha, como dizem os velhos.

Em outros tempos não se viam esses movimentos de hoje, colossais e espaventozos.

Agóra, caro amigo Redator, estão em moda as sociedades literarias, patrocinadas, quazi todas, sob a capa estonteante e eletrizadora de S. Majestade Terpschore.

Já reparou V. S.?

As sociedades desse genero fundam-se ás duzias, aos centos, aos feixes, sem mais preambulos, numa progressã^o enôrme, que chega a ser calamidade cujo bacilo transmissôr os sabios ainda não tentaram escabichar.

—Uma eaza qualquer (de sobrado ou não de sobrado), um tinteiro, um caderno de papel, um livro riscado para «caixa», um presidente, dez ou cinco socios é o bastante, e pronto: mais uma, mais outra, e assim sucessivamente, vêm á luz das diversõis as tais agremiações futurozas, como um programa de encher a vista e embasbacar caipiras.

Aparece aqui—«Cooperação de letras Zé Fideles»; ali «Gremio estudatal Manoel das Selvas; acola «Sociedade Litero-dansante João das Espigas», «Sociedade litero filatetica Braz dos Cajás, Centro teatral e litero Jozé Pipoquinhas, e depois começam a chover as sessõis, conferencias «humoristicas», palestras *amorudisticas*, cada qual mais se empenhando para o brilhantismo da *modesta soirée dansanté*, chaye de oiro indispensavel ás suas reuniõis.

E' uma calamidade gigantesca, repito.

O numero poético, sr. Redator, com tais centros de literatura, torna-se espantozamente elevado ás potencias imensuraveis.

Cada uma delas conta orgulhosamente quatro ou seis dos melhores e inspirados modestos cultivadores das rimas e tributarios exaltados das belezas da fantasia.

Fazem versos em porção, em quantidade elevada, sem ligarem com a melodia, numero silabico, pontuação, assunto e mais coizas

que os vates mestres não podem deixar de exhibir em suas produções.

Rimando as linhas é o bastante, dizem.

Um lojista meu conhecido, afirmou-me haver já vendido aos tais poetazinhos uma grande quantidade de pano japonéz, para ser desmanchado em gravatas de borboleta.

Veja só isto.

Já não se póde assistir uma reunião de carater manifestativo sem ser perseguido pelas caimbras que atacam as pernas quando se está demaziadamente em pé, por cauza da quantidade excessivas de oradôres.

Pudera! Cada uma das agremiações se orgulha de destacar 10 representantes, poétas e não poétas, para tornarem seus merecimentos patentes, e, assim como 10 X 10 é igual a 100, teremos de ouvir 100 alocuções, em cima das buxas, sem cuspir e sem pestanejar, isto afóra outros extranumerarios que entuziasmados não se podem quietar no mutismo petrificante.

Si hontem, caro Redator, o Maranhão tinha fóros de Atenas brazileira, porque possuia alguns sabios homens de letras, amanhã terá com muito mais razão de ser, o cognome de «Grandissima Atenissima Maranhense; em honra e louvor dos illustros beletristas que hoje se erguem entuziastas e abnegadissimos.

Não quero dizer, senhor Redator, que isto se passa no seio da sua sociedade e no de outras que alguma coiza tem feito pelas letras, não, lonje de mim tal pensamento.

Com muita estima sou de V. S. o maior dos amigos.

Zé Patife.

Rejisto elegante

NATALICIOS

Em 17 de novembro fez anos o nosso empreendedor colega Enoch Souza, um dos fortes elementos progressistas que conta a Rio Branco no seu quadro social; em 22, o joven Olimpio Lima e em 29, a gentil senhorita Sinhá Rios, que tambem fazem parte da nossa associação.

Em 12 deste mez teve a ventura de ver seu lar repleto de amigos e colegas da Rio Branco, a nossa distinta consocia Esveraldina Fortuna, estremecida filha do tenente-coronel Alfredo Fortuna,

por motivo do seu aniversario natalicio; em 15, nataliciou-se a illustre senhorita Celina Holanda, um dos membros efefivos desta sociedade, e obediente filha do nosso amigo dr. Lourenço Holanda.

Teremos o grato prazer de ver passar, em 25. o natalicio das nossas consocias Lilia Botelho e Ermina Costa, que constituem um dos mais apreciados elementos da sociedade do Maranhão.

JOAQUIM LUZ

O dia 17 foi dos mais alegres para os que aqui trabalham, por marcar a data natalicia do nosso confrade, cujo nome encima estas linhas, que, com raro desvelo e dedicacão quaze unica, dirige, no presente semestre, os destinos desta associação literaria.

Como premio aos seus meritos pessoases e ao muito que lhe deve a cooperação que lhe obedece a direção empreendedora e ativa, foi-lhe feita uma sinjela manifestação pelos que aqui trabalham no «O Ateniense».

DESPEDIDAS

Por ter de seguir para a Bahia, para continuar seus estudos, trouxe-nos o seu abraço de despedida, o nosso simpatico confrade Jozé de Riba-mar Pereira, presidente da Oficina João Lisbõa.

Tambem trouxe-nos pessoalmente suas despedidas, por ter de seguir para a Capital Federal, acompanhada de sua irmã Cecilia, a nossa simpatica consocia, senhorita Helena Souza, que deixa no escol maranhense as mais vivas saudades, pelo largo numero de amizades que lhe cercam os meritos raros.

DIPLOMAS

No dia 5 acudimos ao convite que nos foi feito gentilmente pela turma de liceistas que terminaram o curso este ano, para assistirmos á cerimonia de sua colação de gráu.

Foi uma festa brilhante, interpretando o sentir de suas colegas a professora Dinorah Pinho, respondendo, na qualidade de paraninfo, o dr. Alfredo Assis.

No dia 30 teve lugar a entrega dos diplomas ás alunas que concluíram o curso da Escola Modelo. Orou, em nome de suas colegas, a diplomada Esveraldina Fortuna, respondendo agradecida, pelo corpo docente, a exma. professora senhorita Nêê Machado.

Gratos á gentileza do convite. NOIVOS

O nosso confrade Acrizio Figueiredo, professor em S. Vicente de Ferrer, comunicou-nos o seu

contrato de casamento com a distinta senhorita Izidia Serra, naquela vila.

Almejamos-lhes breve enlace.

CONSORCIO

No dia 11, cazou-se, nesta cidade, civil e religiosamente, a nossa constante leitora Jandira Nogueira, dileta filha do coronel Alfredo Nogueira, com o nosso distinto amigo Jezus Gomes, conceituado proprietario da farmacia «Sanitaria».

A igreja da Conceição, onde se realizou o enlace, estava inteiramente repleta de senhoras e senhoritas, levadas pela simpatia ao joven par, que quizeram admirar de perto a suntuozidade da cerimonia, que foi a mais encanadora.

Aos jovens nubentes os nossos votos de longas messes de felicidades.

BÔAS-FESTAS

A redação de «O Rubi» felicitou-nos por meio de uma amistosa cartinha, que muito nos alegrou pela honra da distinção.

Os nossos amigos Luiz Vieira, João Oliveira, Luiz Machado e Hilton Fortuna, enviaram-nos um postal contendo a sua fotografia, em grupo, tirada no Rio de Janeiro, onde se acham, uns a passeio e outros em estudos superiores,

Agradecidos, almejamos aos delicados amigos os mais sinceros votos de boas-festas e um ano novo feliz e pleno de alegrias fluminenses.

Inspirações femininas

A' Cotinha Lira

A simpatia e a bondade são os essenciais e sublimes predicados com que o Senhor aureolou o teu injenuo coração,

* * *

Assim como surge risonha a aurora, denunciando o iniciar do dia, assim de quando em vez emerge do teu semblante um terno sorriso que denuncia a tua felicidade de amanhã.

Belinha.

PROTOCOLO

Da Sociedade Literaria D. Luiz de Brito, recentemente fundada em S. Bento, recebemos, por intermedio do confrade Manoel Guimarães, um officio comunicando a organização de sua Diretoria definitiva, que ficou constituida pelos

esperançosos e empreendedores jovens: Augusto Soares, como Presidente, e Eziquiel França, Gonçalo Guimarães, Rocio Brito e Luiz Cardozo, ocupando os demais cargos da Diretoria.

Muitos louros almejamos a nova tenda inteletiva.

Recebemos pela primeira vez: «A cultura alemã», esplendida revista mensal que obdece a orientação de Karlos Weber, constituindo uma deliciosa leitura que muito nos alegra; o relatorio aprezen-tado em julho ultimo ao governo de Serjipe, pelo operoso sr. Epifanio da Fonseca Doria, diretor da Biblioteca Publica desse Estado, onde se vê o quanto é proveito colocar o governo á frente dos estabelecimentos de utilidade publica, homens trabalhadores e esforçados no cumprimento de seus deveres; a revista «Via-Lactea», otima publicação do Congresso Estudantal de Letras, de Terezina. Trazem os numeros que temos em mãos farta colaboração, bem cuidada e preciosa, cuja leitura muito nos apráz; «A Estrela», de Aracaty, onde a abnegação de Antonieta Clotilde faz sempre as honras dos muitos leitores da revista que eruditamente dirige.

O organ dos alunos do colejio S. Francisco de Paula—o «Labor» circulou desta vez em edição especial bem cuidada e apreciavel. Está como sempre digno de leitura, o distinto confrade conterraneo.

Gratos, enviaremos pontualmente o nosso «O Ateniense».

Meu filho é o titulo de um livro que nos foi ofertado pelo sr. Joaquim Nogueira e exma. espoza.

Contem êle uma serie de artigos, todos cheios de lagrimas, e uma coleção de retratos do inditozo José Nogueira, filho estremoza daquele educador, conceituado diretor do Instituto de Humanidades, do Ceará, barbaramente assassinado na noite de 28 de outubro do ano passado, naquele estado.

Gratos.

Suspiros

Eis o titulo de três faciculos, que, a gentilêza do poeta baiano Fortuna Junior aprouve nos eviar, e suspiros, na verdade, são alguns dos bēlos versos que se contêm nesses fasciculos, suspiros porém repassados de uma dôr mitigavel, de um dezalentô contristadôr, o que se tem generalizado hodierna-

mente entre os novos tanjidôres da citara de Apolo; mas ao par deste sentimentalismo enervarte, tem o poeta magnificos arroubos de patriotismo, e da sua lira, então condoreira, evolva-se um hino forte e cheio de vida, que entuziasma tanto quanto o som estridulante e animadôr dos doirados cornetins de guerra na frontaria sangrenta das batalhas, em manhãs de sól vivo e estuante.

E é, pois, sob estes dois aspéctos que podemos considerar o valôr do poeta Fortuna Junior, acrecentando que é tambem cultivadôr da satira mas não tanto quanto os outros gêneros de estilística poetica. E para que os amaveis leitôres possam avaliar se fôram justos ou não os conceitos que acima emitimos, vamos transcrever dois sonetos completamente distintos, pertencendo cada qual a uma escola:

DELIRIOS...

Poeta e errante! eu sigo involuntario
Pela estrada fatal da desventura...
Ai! vejo lonje a terra da Ventura
E perto vejo a cruz do meu calvario.

Sigo lendo o passado relicario
Pelo enorme dezerto da Amargura...
Encaro com terror a sepultura
Que ha de ocultar meu peito solitario.

Mizero e errante! eu vago tateando
De porta em porta a dela procurando,
Oh! não posso viver assim sozinho...

Pelo mundo das Máguas vou-me afôra,
Qual pobre a mendigar de tal Senhora
A moeda real do seu carinho!

Bahia, 1905.

Para o poeta Pereira Reis

Cantai, poeta!... joven incendiado
Nos transportes febris da mocidade;
Cantai vosso Futuro enflorido
Que vos sorri da Pena a potestade!

E prosegui na senda da Verdade
Com o vosso Talento esclarecido,
Mas, Templarios do Bem, da Lealdade,
Honremos o Brazil estremecido!

Marchemos como intrepidos guerreiros,
Altivos patriotas Brasileiros,
E a cruel Ignorancia derrotemos...

Prontos para a batalha encarniçada
Empunhemos a Pena,—nossa espada,
E a palma da Vitoria conquistemos!

Bahia, 15—12 1906.

O Ateniense

ORGAN DA SOCIEDADE LITERARIA «BARÃO DO RIO BRANCO»

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
RIO DO MARANHÃO

Anno 5.º



Maranhão, 1.º de janeiro de 1916



Num. 59



1 DE JANEIRO

As janeiras verdejantes vestem-se com a sua túnica de flôres.

A Natureza toda adorna-se cheia de garridice, exibindo com gaudío as suas primorozidades estonteadas; na selva cõr de esmeralda e farta de séiva, as brancas rozas silvestres pendem em mimosas cachópas, que parecem candidos flócos de néve, quando prezos, aos ramos esguios dos legendarios pinheiros do Natal; as flôres que dezabotãm no campo vicejante, disseminam no ar um perfume suáve, que ameiga e torna maleavel, flexivel, o coração mais empedernido, donde os sentimentos nobres que dignificam o homem, e o diferenciam dos outros animaes foram ha muito impiedozamente banidos, expulsos a azorrá-gue como os profanadores Vendilhões do Templo; o rei oceano, esse colõsso esverdeado que se nega a refletir o firmamento azu-

lino, soluça nas praias de areias brancas, prateadas pelo luar, ruje batendo duramente contra o baixél desgarrado do ñouta imprevidente e brame terrivel, sanhúdo, tentando golpear com os seus vagalhões azulados que se transformam em espuma alva, fragil, vaporosa, os graniticos rochêdos, que inabalaveis e altaneiros, alçam-se, levantam-se no espaço, elevando as suas grimpas alcantiladas, que o sol tinje de oiro, quando se levanta no oriente, e de sangue quando mergulha no ocázo, esse mesmo oceano indomavel e temerozo queda-se quiêto lavando mansamente as costas alvacentas e deixando, numa humildade pasmóza que as auras leves lhe emcrespem levemente a face imensa, sobre que as gaivótas lestras brincam indolentemente.

Tudo enfim ou se expande como a floresta, ou se recólhe como o oceano, respirando o perfume delicioso e ameno, que sa-

tura a atmosfêra, esperando os primeiros e tenues fios de luz da auróra, alviçareiros do ano novo, e ao findar a ultima badalada de meia noite, cujo som planjente dir-se-ia o ultimo gemido do ano que expira, uma alegria sã nos ilumina as expressões e faz pulsar com mais violencia os nossos corações; alegria de ainda vêmos o desfilar do ultimo segundo dos 365 dias felizes ou amargurados do ano que se foi; alegria de nos acharmos ainda com alento ante o começo amplo, que se nos abre á vista, da longa estrada as vezes atapetada de petalas, as vezes inçada de pedregulhos, de mais um ano, e nesse momento solene, antes de aventurarmos o primeiro passo nessa estrada, lançamos um olhar saudozo ao caminho bucolico que vimos de trilhar, recordamos a nossa jornada, e duas lagrimas rolam insensivelmente das nossas palpebras, — são perolas que sintetizam toda a infinita sau-

PARNAZO

Versos de ano

Trezentos e sessenta e cinco dias,
Sejam pra todos e pra mim também,
Plenissimos de rizados e alegrias
Na paz Augusta do sublime Bem.

Acendo ao ceu das minhas fantazias
Nas azas doiro que da lira vem,
E canto davinianas salmodias
A Deus, por que nos dê venturas cem. . .

Não sei se o fumo que enegrece o ceu,
Lançado pelas Mauser, pelos Krusp,
Seja varrido no correr deste ano !

Dezejo que regresse ao trono seu
A Paz, e que nenhum aos mais apupe,
Querendo todos o Progresso Humano !
S. Luiz-1-1-916

Santos Maia

Depois de uma partida

Hontem partiste, coração, deixando
A saudade cruel da mais sentida
Em minh'alma de dôr entristecida
Que vai ficar por mezes te esperando.

Para bem lonje foste, e lá, querida,
Os bons carinhos dos teus pais gozando,
Verás os dias céleres passando
E aproximar-se a hora da partida.

Ao passo que eu daqui do meu deserto,
Somente nos instantes de iluzôis
Oíço-te a fala e sinto-te bem perto. . .

E, atravez destes dias seculares,
No peito vou guardando mil canções,
Pra modular no dia em que chegares !

Hilton Fortuna

Que importa ?

Dos olhos teus, formózos, cismadôres,
Não me negues olhares de ternura,
E dessa tua boquita rubra e pura,
Sorrizos fujidos, tentadôres,

Esta supplica aceita, e dos amôres
Alimenta-me a flama, com doçura,
—O' vestal dos meus sonhos de ventura,—
Não deixes que sucumba ás minhas dôres

Sou pobre, não possuo um só tezoiro,
Não tenho de linhagem mil brazões,
Mas que importa tudo isto, ó anjo loiro !

Que importa te não dar sêdas, galôes,
Se te posso erijir um trono d'oiro,
Com o oiro em pó das minha iluzões ?!

Reis Perdigão

O Ateniense

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

Rua 28 de Julho, 53—S. Luiz

Presidente, *Djalma Fortuna*; Vice-pr-eziden-
te, *Joaquim Luz*; 1 Secretario, *Jozé Perdigão*;
2 Secretario, *Henrique Caldeira*; Bibliotecario,
Belarmino Borgueth; Tezoureiro, *Enock Souzae*
ASSINATURA ANUAL. 2\$000
«O Ateniense» será enviado á imprensa me-
diante permuta.

dade que nos invade a alma, ao
relembrarmos-nos do nosso pas-
sado.—Levantando porém os olhos
já fatigados de prescrutar o que
se ficou na sombra espessa do
preterito, vemos o nosso prezen-
te, e cheios de jubilo, antevemos
o nosso futuro, o ano que princi-
pia, sob a fórmula de um anjo irra-
dante de formuzura, vestido com
linda tunica de luar, ruflando as
azas rutilas, a nos sorrir com um
sorrizo transluzindo esperanças, e
não podemos sopitar no peito
uma hozana alacre e vibrante,
hozana que expontaneamente dos
nossos labios se evola:
—Salvé o Ano Novo !

E' hoje dia de festa em todos
os quatro pontos do horizonte;
tudo acordou expansivo e folga-
ção e a nossa tenda humilde tam-
bem amanheceu engalanada de
rusticos festões, pois este dia, por
si só alegre, o é duplamente
para nós, porque a direção da nos-
sa Sociedad e passa hoje das mãos
competentes da diretoria do ano fin-
do, para as não menos competen-
tes mãos da nova diretoria do ano
que começa; e assim sendo a dire-
toria que hoje toma posse, e se
compõe dos senhores Djalma For-

tuna e Joaquim Luz, p rezidentes
e vice-presidente, respectivamente
cujos retratos encimam estas li-
nhas, rapazes de lucida inteli-
gência, imperturritos batalhadôres pe-
lo engrandecimento da nossa so-
ciedade, verdadeiras esperanças
da nossa terra, meritos esses ir-
refutaveis, pois só assim se justi-
ficam as eleições para tão eleva-
dos cargos, realizando hoje uma
sessão solene, ás 7 horas, na séde
da sociedade, hão de vê-la repléta
de amigos e senhoritas gentis,
que com as suas belêzas e espi-
rito leve, hão de exornar esta
modesta festinha.

E antes de pingar o ponto final,
bondozos leitores, permiti que
vós saúda e faça votos ao onici-
ente espirito que nos dirige, para
que o novo ano, esse pequerru-
cho traquinas, esse trasgozito ir-
requieto, nos sorria amigavelmen-
te e não vos importune com os
seus modos dezabridos, peculiares
á sua juvenildade.

Noivado

(Da conferencia «O Rizo»)

E' bello e nos oferece um vasto
campo de sublime observação, o
rizo acanhado e sutil de uma jo-
vem, quando, no dia supremo, re-
cebe do seu querido Romeu o pe-
dido de sua mão de espoza, feito
aos pais.

Quazi sempre, este episodio é
infalivel:

—Vem o noivo, todo de branco,
a cabeleira repartida ao meio com
um caracól manhôzo ao lado di-

reito, e, trezandando a «Gloria de
Paris», entra muito acanhado na
sala, desconfiado pela estranheza
solene da situação. O pai, que, de
ante-mão, já sabe daquela visita
cerimonioza, o recebe com toda afa-
bilidade e então o noivo, tirando
pouco a pouco a mascara da ce-
rimonia, balbuciando cadencial-
mente as silibas como um estu-
dante ao ver pela primeira vez
a Cartilha, faz o pedido arrema-
tado por uma penoza reticencia...

—O velho, tomando ares de ma-
jistrado intranzijente, chama pela
velha para fazer a competente
consulta, de onde deve rezultar a
resposta; e depois da conferencia
minucioza que analisa especifi-
cadamente os parentes, os decen-
dentes, os haveres, os habitos, o
passado, o presente e o futuro do
pobre noivo, que se acha atarra-
cado, imovel, numa cadeira de ba-
lanço, como si estivesse entre fo-
gareiras, sob um céu de aço, gri-
tam pela moça de quem foi feito
o pedido. Ela entra no recinto
como uma artista que não
estudou bem o seu papel, com as
faces carminadas pelo rubor do
acanhamento, constranjida, cam-
baleante, e pendente dos seus la-
bios taz uma leve sombra de sor-
rizo, bello como a mais formóza
estrêla rebrilhante para o noivo,
e puro como a mais pura vibração
da alma para os pais.

—Depois das classicas interro-
gações que lhe são feitas, mais ti-
tubante ainda, balbucia entre den-
tes a sentença afirmativa de um
«Sim», e dezanda num frenezi de
rizo franco, expansivo, e, depois
desse frouxo, seu pensamento, an-
tegozante de venturas, eleva-se

a outras rejiões, e atravez desta manifestação apparece uma gôta alvinitante de lagrima e éla chora dezabaladamente.

—O noivo tambem depois do susto tremendo por que acabou de passar, como um general vencedor de uma campanha, esfrega as mãos satisfeito e ri gostosamente para deixar os olhos avermelharem-se depois, enquanto todos de caza num rizo louco de contentamento, num delirio de alegria sem par, espalham a todos os cantos, a toda a vizinhança, em todos os jornais, a bôa nova de que êles já são noivos e se vão cazar...

Hilton Fortuna.

Perfis liceista

V
Francisca Domingues

Uma flôr promissôra e bem cuidada,
Ou pérola ofuscante de belêza,
Não se pode igualar á sinjelêza
Dessa aluna, futura laureada.

E' deusa do triunfo e da purêza,
Encanta com sua fala delicada
Todo aquêle que a vir, sempre aplicada,
Acender no valôr e na grandêza.

Trabalha com talento e há de vencer
Os espinhos das flôres do saber
Conquistando sublimê galhardão.

Quando passa, elegante e majestôza,
Tudo se curva aos pés da esplendorôza
Rainha do poder e da instrução!

H Ferrarri

Com ares de cronica

Cada vez que surje um novo ano, quem quizer ser fiel aos costumes sociaes que nos cercam, tem, forçozamente, de obrir de verde, simbolizando a clarêsim, a esperança de que o que nace, lhe seja mais venturoso e rizonha.

Comigo, acontece justamente o contrario, Divirjo por completo de todos os hábitos utopistas. No pé de todos os ndam as coisas, actualmzadas, encozadas, anno que hoje se inicia, rio que havia, é a reforma ortografica, aniquilar a rival". Ele se em forma, as plagas ignazileira, em virtude do da França te lei apresentado de todo o ardilloso constituiu uma Belfica, innocissão composta dos mão corsario, nos filologos, gramaticos de Goeth, Sstas que possuiamos, do do clarim soarem os meios de tirar-cados pelo Atitutorio ortografico em Edward Grandá, ato esse da Acadaram-se. Reziso dos mais ruidozos a isolada; aco agrou-lhe o in edaz, o banc

Pode-se lá viver num paiz, onde sua lingua é escrita de um sem numeros de modos e feitios?!

As questões da grafia portugueza estão em opiniões tão diverjentes, e o antagonismo é tanto, que cada escritor, cada jornalista, cada literato, enfim, rezolveu fazer a sua ortografia, a seu bel-prazer, sem que por isso deixem de ser lidos.

De modo que se o portuguez fosse um idioma que todo o estrangeiro necessitasse de aprender, em que dificuldades não se veria o pobre professor para fazer compreender ao aluno que *hoje* está aqui com *h* porque seu fulano quere, e *ôje* está ali sem *h* porque aquele outro fulano assim uza? Por outro lado, que apuros não perseguiriam o pobre aluno para meter na cabeça pra mais de 30 regras de cada escritor portuguez?

A gramatica portugueza é uma balburdia. Quem estudou todo este autor, não sabe ainda portuguez; é preciso estudar aquele, que é mais expositivo, e mais aquele outro, que, no seu compendio, destrôe tudo quanto este diz, porque julga incoerente o dislate das suas afirmaçõis.

Da ultima reforma decretada pela Academia, nem é bom falar. E' falha, incoerente, disparatada e inimiga acerrima da e timolojia.

E' uma calamidade!

Urje terminar essa mistura de ortografias, e adotar a que agóra vamos conhecer, e que é firmada na reforma mais completa que até agora já vimos: a de Gonçalves Viana.

Bendita seja a luminoso idéa da reforma definitiva da nossa maneira de escrever!

D. F.

Sociedade Literaria Barão do Rio Branco

Do nosso distinto conterraneo dr. Eliezer Tavares, Juiz de Direito da Capital Federal, recebemos a seguinte carta, cuja publicidade muito nos honra:

«Patricios e amigos do «O Ateniense».

Recebi e agradeço o exemplar n. 57 do «O Ateniense», que dedicastes a bem celebrar, em grandes surtos de inteliencia, dignamente assim comemorando, a passagem do 3 de Novembro, que a memoria de humanos filhos dessas terra abençoadas, as do nosso querido Maranhão, jamais olvidará.

Como eu me sinto bem com o meu coração em me associár á

homenajem prestada a essa figura de brilho eterno, como um Sól que não se põe, a iluminar o firmamento das letras patrias, a maior da nossa constelação de espiritos privilegiados, Gonçalves Dias.

Como eu quizera estar convosco nessa data, e na mesma tenda de trabalho e em todas as manifestações ao poéta dos Timbiras.

Daqui, deste recanto, onde mora o meu corpo e do gabinete donde vos escrevo, pejada a meza de autos a despachar e de livros que me orientam a viagem nos mares forenses, eu vos envio, nobres maranhenses, dignos decendentes do imortal Dias, patricios e amigos, o meu aperto de mão, com as minhas vivas saudações.

Rio, 25-11-1915.

Eliezer Tavares.

CONFERENCIA

Na noite de 24, o socio Jozé Vasconcelos efetuou uma conferencia sobre a individualidade de Medeiros e Albuquerque, sendo geralmente aplaudido. Externou-se com firmeza de conceitos sobre os atos do literato patricio atinentes ao ataque feito por êle á memoria egreja e imaculada de Rio Branco e as considerações omitidas pelo jornalista sobre a guerra atual.

O conferencista analizou e defendeu, com justeza de conceitos, a sua teze, tendo o mais franco aplauzo dos ouvintes.

Rejisto elegante

NATALICIAM SE:

Hoje, a Exma. Sra. D. Zaira Rozza Campos, virtuozza espoza do professor Raimundo Campos; a 3, o Dr. Jozé Berredo Lisbôa; a 15, o Dr. Carlos Barboza Marques, proprietario da Farmacia Marques; a 23, o Snr. Terpandro Souza; a 25, a professora normalista Naiza Silva; a 27, o conego João dos Santos Chaves; a 30, a Exma. Sra. D. Amelia Torres, espoza do Major Tiago Torres, a 31, a senhora Laura Souza.

IZABEL ARAUJO

Passa, a 26 do corrente, o aniversario natalicio da joven cujo nome encima estas linhas.

Belinha Araujo, um dos mais belos ornamentos do quadro feminino da «Rio Branco», é tambem uma das principais figuras do Liceu Maranhense.

O «Ateniense» envia-lhe, por esse motivo, efuzivos saúdares.

MANOEL LISBÔA

Por telegrama particular, sabemos ter sido aprovado nas matérias que constituem o segundo ano da Academia de Direito de S. Paulo, o nosso conterraneo Manoel Lisbôa, um dos fundadores da sociedade «Barão do Rio Branco».

Aos seus proenitores os nossos sinceros parabens.

JOZÉ CARNEIRO VIEIRA

No proximo dia 15, passa o natalicio do nosso consocio Jozé Vieira.

E' motivo de justas alegrias para os que aqui trabalham, que muito lhe admiram as qualidades moraes.

Os nossos votos de inumeras felicidades pessoases.

BOAS-FESTAS

O sr. Luiz Silva enviou-nos delicado cartão de «bôas festas e bons-anos», que muito agradecemos.

—«O Rubi», interessante confrade que se publica em Camocim, endereçou-nos amistoza cartinha de felicitações de Bôas-festas e feliz Ano-novo.

—Do dr. Maximiliano Machado, autor do Antigal, um dos mais poderozos depurativos do sangue, tambem recebemos um artistico cartão de felicitações e uma folhinha de parede, para 1916.

Gratos:

SONHOS!

Já era tarde; 23 horas, nunca menos. A noite era escura e tenebroza; o vento sibilava como si quizesse destruir tudo; os relampagos, acompanhados do ensurdecedor ribombar dos trovões, encandeavam tudo, como imensos olofotes numa batalha naval.

Não podendo conciliar o sono, abrí minha secretária e tentei escrever. Como que hipnotizado, porém, senti um pezo sobrenatural nas palpebras e quedei-me numa sonolencia assustadôra.

Principiei a sonhar. Primeiro que me achava num grande estabelecimento bancario, onde empilha va-se, em grandes colunas-dinheiro em cedulas, de côres estonteantes, em prata e oiro. Havia uma atividade extraordinaria na arrumação daquêla grande riqueza e lá de cima, de uma especie de trono, uma vóz dirijia o serviço e dizia sempre: «Tudo isso é meu e será dele!» Depois passei a uma grande praça onde alas e alas

de cavalheiros e senhoras, rigorosamente vestidos, davam passagem a um riquissimo carro puchado por duas parelhas de éguas brancas. De dentro desse carro ouviu-se, como o rufar de tambôres, a mesma vóz: «Tudo é meu, todos são meus vassallos e serão dele».

Repentinamente, como que levado por azas sutís, senti-me transportar daquela atmosfera de riqueza e luxo; em vez do tilintar do oiro que me aguçava a cubiça e do perfume embriagante que exalava de tantas damas bellissimas, senti-me em plena natureza, rodeado de arvores e passaros.

Estava num grande pateo da fazenda; das copas das arvores fronzozas que o rodeavam numa bela simetria, pendiam, iluminados pelos raios de um sol claro de manhã de abril, grandes cachopas de flôres diversas. Pouco a pouco aproximou-se um tropel ensurdecedôr, uma avalanche de gado de todos os especimens, sobresaindo-se o vacum e o cavalari. Centenas de vaqueiros, num berreiro satisfeito e peculiar ao officio, reuniam o gado e, quando o campo estava coalhado, ouviam-se, como vindas do centro da terra, as mesmas misteriozas palavras: «Tudo isso é meu e será dele».

Acordei pelo ruido de uma cadeira derribada pelo meu gato *Mimi* e pelos respingos de uma goteira que me encharcavam a roupa e os papeis.

No dia seguinte, quando abri a «Pacotilha», deparei com essa, neticia, que traduziu o meu sonho:

«Faleceu, hontem, na Santa Caza o «Governadôr de Caxias», bastante conhecido da garotajem. Antes de expirar declarou ser seu herdeiro o «cabo Serra» Morreu o «Governador de Caxias»!

Jovira

REPORTAGEM

O Caldeira diz que se soubesse que um fóra doia tanto assim, ele não teria nacido.

O Belarmino garante que se alguma moça, seja de que feitio for lhe disser que o Henrique dança melhor do que êle, daí em diante deixará de dansar valsa para dansar só *one-step* afim de que não lhe pizem tanto os pés.

—O Luiz danou-se com a pequena porque lhe chamou *pedaço de homem*, quando êle garante a quem quizer, que é um homem completo.

—O Vieira ainda não conseguiu entrar para o *Diario Oficial*. Coitado.

—O João Vitor foi quem fez o couro dos canticos no couro da ermida dos Remedios, com aquele fato couro de onça, que êle tem guardado, num baú de couro para essas ocaziões *espiquitós e tifagas*, como lhe ensinou o seu professor de linguas.

—O Zé Fortuna, quando soube no Rozario que lhe haviam botado no «concurso de feiura» d'«O Estudante», ficou tão pocesso que quazi perdia a *cabecinha*.

—O Sá Vale disse que não tem mais gosto em viver, desde que o Mario, o dengozo, embarcou para o Rio.

—O Bona e o A. Galvão ficaram tão satisfeitos com a saída do Luz da prezidencia da S. L. B. R. B. e a sua sucessão pelo Djalma, que vão promover uma *soirée* no dia da posse. Dizem êles que o Joaquim e o Fortuna são pequenos, mas «dos pequenos se fazem os grandes».

—O Enock anda empenhado em conseguir um convite para o baile promovido pelo Bona, Galvão, Chaves e Corrêa Lima, oferecido ao Dante e ao Jovira, principalmente se houver lá uma *black* que danse bem. Ele compra um rodó, e não se emporta com o *aroma*. Nelson.

Gomicas

Um janota—uma gravata comprada hontem—um pouco de *gloire de Paris* no lenço e no pescoço tambem.

Uma breança, viva e intelijente, vendo-o occupar-se apenas da elegancia do lenço que do bolso do *palitot* (curto a se chama *under*) em harmonia como, assim estivo, ultimo figurino «les giras era um céule Paris», dirijesse a éleuroza de qu

—Gorem, entra ngua tranceza? he que bela es hal seu papsonolencia o ia seu sutaque as pelo a sua grafia? (respondeu, os monstranji, cujo, todo faceiro, todô do dente dos

—Bem, coiz ve sombra é pai em francez? e lá a mais fi

—Pai em fra ornte para o respondeu to o dito todo uf. Brãis pura vilcurjavioz

O menino o pais. bonito (com o grãssicas inter as nã rinas) dirije-se onio feitas, mais prezet te, indagando co adlbucia entre del

—Dr., aquele afirmativa de uitem mão no bolso, nã num frenezi da ur aspecto de quem isivo, e, deponhe d imbecilidade aguda. ensamento, at

—Tú és uma cr turas, eleva-somit ta... respondeu o c)

O Ateniense

ORGAN DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANNO 5.

Maranhão, 9 de abril de 1916

NUM. 60

COZAS...

A Europa tombou nas hiantes farras da hidra sinistra e negra, que a convulsiona nas suas garras asfixiantes; reclamando mais sangue, mais dôr, mais luto, mais miseria!

O funesto aspersorio do odio ainda não alcançou o auge da eclozão—Atravez dos tempos vem ele se enfunando lentamente, alimentado das prevenções etnicas, acamado em terra fôfa, pela intriga, pela inveja, da inferioridade de nacionalismo exaustos. Soou a hora, subita, a explozão fez-se ouvir—Ecoou um longo gemido dolorido, uma primeira vitima caiu, a Alemanha sucumbiu vitima inocente da aspide peçonhenta, do caudilho dos povos, da Inglaterra! E porque? Alemanha, nada lhe faltava no momento de sua vida, tudo nela dizia gloria, dizia honra, a sua industria, o seu commercio, a ciencia, tudo isto enchia o ar como o enche um jardim de flores balsameas. A guerra não lhe servia, a paz lhe era necessaria. Sonhos de conquista, não alimentava-os. Quem dirá ao contrario, quando nos ultimos 44 anos uma lição a França lhe era um brinquedo, a anexação da Belgica facil, o desmoroamento do fantasma europeu, um dever? Somente a mentalidade abjeta, sem um ideal, só a mentalidade subornada pela mentira. A historia é de hontem para interrogar-a. E' a epopeia dum povo glorioso, opulento que nao mentiu que desconhece a traição para seus amigos que é o lema dos aliados! O handitismo maçoni o servio embôscado na clareira do hipocritismo, buscou pretexto no vil e infame assassinato do arquiduque austriaco, dando á Inglaterra o que faltava á sua perfidia, para detonar a bomba dos odios rivalidades, e invejas, aculadas, que semeava de ha muito em torno da Alemanha.

O pirata de todos os tempos, no qual toda a vida de seu corpo representa uma ambição realizada, encontrou com sua astucia, na morte de Ferdinando, a solução do calculo frio que havia muito vinha fazendo de: "aniquilar a superior organização de sua rival". Ele soube ferir o despoita slavo nas plagas ignotas do mundo ativo, acertou a fibra sensível do coração, carcomido da Franca decadente, ele soube com todo o ardid dum bandido fino, obrair a Belgica, inocente aliada sua! Então a Alemanha compreendeu a altura do sonho do corsario, no ambiente sagrado do leito de Goeth, Schiller e Heine, o eco sagrado do clarim soou, chamando o alemão á defesa de sua vida, de seu lar ameçados pelo Atila negociador encarnado em Edward Grey milhões de homens chocaram-se. Rezistir era impossivel, ela estava isolada; acordára tarde, o neutro consagrou-lhe o indiferentismo glacial, o astuto edaz, o bandido secular de conta

do pagara os 30 dinheiros de Judas. Então a bandeira tricolor foi desfraldada, a Alemanha dezembainhou sua espada gloriosa, plantou seu pavilhão em terreno inimigo, nos alcantis das serras, repercutiu-se o brado do hino sagrado "que ás montanhas abala, que aos troncos desenterra" o grito de suprema hora "Deutschland über alles—Alemanha por tudo!"

E o exercito de Guilherme II ainda não deu a sua prova! E o corsario treme, empalidece, vê nas brumas infinitas do horizonte surgir em direção á sua cabeça, a suprema justiça, a sorte que rezervára a sua vitima, "Manel, Thecel, Phares" viu escrito em caracteres ignios. Porque não rezistiu? Seu cerebro habituado ao amedamento; de suas ações, abriu na noite tenebroza de intrigas, sua bolsa á mentalidade deploravel, o heroi do latrocínio estendeu a todos aquela bolsa em que cada moeda diz o sangue dum povo, relembra uma carnificina, rememora uma usurpação, uma violação, um roubo. O Nero hodierno, compreendendo e sentindo já as consequências de seu tenebrozo trama, viu-se ferido, urrou, rufou o tambor tetrico anunciando mais sangue, pagou soldados comprou e compra patriotismo, fixou o preço da traição; fez preço a tudo que lhe possa auxiliar, comprou os companheiros, com promessas duvidozas. fez preço a tudo que lhe valha simpatia, á infamia; á gloria!

De volta ao mundo, cercou os mares, abandonando-os sem rezultado. Quiz vencer pela fome, porque pelo heroismo não lhe é dado vencer; atacou as viceras não podendo atacar a alma; suborna conciencias não podendo deslumbrar espiritos.

Nada! Sempre em terra inimiga tremula orgulhoza a prova pratica da organização; do segredo da invencibilidade de uma nação, como disse o pavilhão alemão!

Correu ao Oriente contratou actores, atirou-os ás cenas do monstruoso drama de sua politica. Nada valeu! O monstro ruje, treme, empalidece, mente, mente que alguma coisa ha de ficar! Mas... que dirá a posteridade quando o futuro e a historia lhe apontarem horrorisados a ignominiozidade de sua alma negra?

Que sorte lhe terá reservado o destino cruel dos malditos? «Manel», «Thecel», «Phares»!

A! a! Britania! A tua sorte o teu destino misteriozo não te faz empalidecer!? As tuas ações me fazem lembrar, em paralelo ao que tu te dizes ser a frase de Heine, que a cada segundo tem uma justificação:

"Britannia, Britannia, tu te dizes rainha dos mares, e as aguas de teu reino não bastão para lavar as tuas infamias!"
"Manel", "Thecel", "Phares"!

Carnaval

(Da conferencia «O Rizo»)

O Carnaval é a época por excelencia do desprendimento do rizo nos moldes do bom disparate.

A nossa alma durante este tempo tão curto e tão veloz, vive a sorrir de contente. Aqui fo ióis em requebros de um tango diabolico, folgam em esgáres desmedidos de contentamento; ali Pierrot, entregue ás azas ligeiras e estonteantes da valsa maviôza eleva-se embriagado de perfumes nas espirais do hélo e nos labios transparece alucinado o rizo da folia passageira.

E nesta manifestação eloquente de apreço que a humana gente faz todo ano ao Momo, eterno palhaço, rei do ridiculo, passam-se os melhores dias que se pôde imaginar, sem quazi mesmo se sentir.

Assim, num pandegar sem fim, tudo é uma estridente gargalhada, todos são escravos do S. Majistade Folia que atrai, que prende, que domina, e desdenha, ri e galhofa carnavalescamente de todos.

Ainda temos viva nalma a agradavel imprssão deste tempo de loucuras que, dias atraz, fez entregarmo-nos as suas diabruras quixotescas e aberrantes, que nos fez desprender sem querer aquilo que talvez não possuamos.

E tudo porque?—Tudo pelo rizo, tudo pelo folguêdo.

Que imensa alegria ali na praça publica entre o rodopiar constante da vaga humana, em titanica tempestade de prazer, travando-se renhidos e "encarnicadas" batalhas de lingua-perfumes; em cada rosto vivamente estampadas as rugas interessantes do rizo, passando-se as horas mais doces e jamais esquecidas!...

Depois da gargalhada quazi sempre vem a lagrima, como tambem depois dela vem certa a gargalhada...

Assim é que depois da frenetica passagem deste tempo iluzorio de gargalhar falso e inconiente, aparece tristemente a lagrima da quarta-feira de cidzas, impregnando-nos o ser com um profundo abatimento de saudade e fazendo-nos voltar as vistas aos cerros do calvario onde para nos redunir se deixou sacrificar, esgotando a ultima gota de sangue, o Nazareno filho de Maria.

HAUPTMANN.

HILTON FORTUNA.

PARNAZO

O' alma, atende !

Deixa a réles materia, ó alma, eléva a vista.
Soergue-te valente aos páramos do bélo,
Faz da fraqueza força e toma do escarpelo
Trabalha sem cançar, ó alma, faz-te artista !

Por todo o teu caminho um perenal flajélo
Ha de se opor tenaz a te cortar a pista;
Mas não te importes, não, ó alma, além se
O poder da vontade e o labor a vence-lo...

—O Mundo é podridão, ingrato e deletério;
A Verdade e o Pudor já estão no cemitério
E domina por tudo o reino da baixaza...

—Não pares nunca, ó alma, acende-te li-
Que vencerás na luta e ativa e sobranceira
Atinjirás garbóza a mascula grandeza !...

HILTON FORTUNA.

S. Luiz—2—916. (Do livro "Saudades")

Trez dias ?

Trez dias? não, trez séculos, Maria,
Foram p'ra mim os dias de tristeza,
Que apartado de ti da tua beléza,
Passei cheio de tédio e nostalgia.

Dias tristonhos, négros, sem poesia,
Em que não vi a meiga sinjeléza,
Desse teu réjo, pórté de princéza,
Radiante de graça e de alegria.

Muito sotri, punjia-me a saudade,
Mas agóra outra véz junto contigo,
Faz suplico, arcanjo de bondáde.

—Faz que eu olvide o sofrimento antigo,
Faz que eu goze o céu da flicidade,
Nos teus scrizos térns que tu bendigo !...

REIS PERDIÃO.

O Monje

«O coração da infancia—eu lhe dizia—
E' manso». E' éle me disse:—«Essas estra-
Quando, novo Elizeu as percorria,
As creanças lançavam-me pedradas...»

Falei-lhe então na gloria e na alegria;
E éle—alvas barbas longas derramadas
No burél negro—o olhar somente erguia
A's cêrulas rejódis ilimitadas...

Quando eu, poreu, falei no amór, um rizo
Subito as faces do impassivel monje
Iluminou... E'ra o vislumbre incerto;

E'ra a luz de um crepusculo indeciso
Entre os claróis de um sol que já vai
E as sombras de uma noite que vem

RAIMUNDO CORREA.

RETOUR

São Luiz, 20 heures, place Gonçalves
Dias. Le clair de lune est magnifique et
les promeneurs en jouissent pleinement
en dévissant gaiment sous les palmiers
qui ennoblisent l'endroit poétique par ex-
cellence de la vieille cité.

Accoudé à la balustrade qui domine la
mer, un jeune associé de la Société B. R.
B. maranhense, jouit de l'incomparable
beauté du paysage que lui offre cette lueur
alanguie d'un clair de lune qui se reflète
dans les eaux bienes et fait comme une
route d'argent qui paraît conduire sur la
rive extrême du fleuve Bacanga. Depuis
combien de temps est-il ainsi rêveur? Il ne
saurait pas vous le dire car il n'a pas re-
gardé sa montre et le temps fuit sans qu'il
s'en aperçoive. Pourtant il est brusque-
ment réveillé par un nom prononcé là,
tout près de lui par deux jeunes gens qui
passent en conversant:

—«Quand—il sera là, dit l'un, tu veras
comme la société reprendra une nouvelle
viguer.—Oui, répond l'autre, il a une pla-
ce prépondérante au milieu de nous; il
était temps que son absence cessât.—De
qui parlez-vous? demande alors le mélanc-
colique rêveur afin de s'assurer qu'il ne
s'est pas trompé tout à l'heure lorsque le
nom a sonné à ses oreilles.—De qui?
sinon de Hilton qui revient dans quelques
jours.—Il revient?... Qui vous l'a dit? —Son
frère, il y a quelques instants à peine.—
Ah! il revient !...»

Et avec une joie contenue parce que lui
aussí partage l'opinion de ses co-associés,
il s'accoudé de nouveau sur le parapet
pendant que les deux jeunes gens conti-
nuent leur causerie et leur promenade. Et
notre solitaire considérante toujours la
magique féerie de la mer où se noie la
lune, songeant à ce retour du compagnon
d'autrefois, se remémore tout à coup des
pensées qu'il a lues, lui, mais que Hilton
va pouvoir «vivre», des «douceurs»
que Henri Lavedan peint si admirablement
dans l'une de ses plus belles pages:

«On revient... voila tout. On revient

là où on est déjà si souvent et depuis si
longtemps venu, en étant sûr, absolument
sûr que l'on reviendrait! On ajoute à be-
aucoup de passé d'hier un peu de passé de
demain, on augmente et on enrichit, avec
une délicat avarice, le trésor longuement
amassé de sa reconnaissance.

... Qu'ils sont rares cependant les
lieux où l'on peut revenir !... que sup-
perent bien le retour, qui ne le tuent pas!
C'est vite fait de les énumérer, et sans
avoir besoin de compter sur ses doigts,
car on n'en trouve jamais dix! Il y a celui
de la naissance, et celui du tombeau fa-
miliai, et ces deux-là, bien souvent n'en
font qu'un!

... Et il y a les lieux que nous avons
habité en aimant, qui raniment, se nous
les évoquons, des délices et des suffrances
auxquelles nous nous plaisons à croire
qu'ils ont participé... Ces terrains d'un
jour, ces décors d'un rapide soir et d'une
minute éternelle, d'un baiser qui dure
encore, ces charmants endroits réservés
de notre bonheur nous tentent parfois long-
temps après, de loin... et nous volons vers
la chambre vide où le paysage aujourd'hui
désert, qui furent les témoins d'un de nos
instants les plus précieux,—avec l'illusion
d'y trouver l'ombre de la personne, de
l'être adoré dont la présence en a fait
pendant quelques paroles ou pendant un
silence, et pour toute la vie, un coin de
prédilection, un enclos de félicités. Pres-
que toujours nous n'y rencontrons plus
les tendres fantômes du passé. Spectres
volages, ils ne retournent pas aux endroits
d'où ils se sont enfuis et ce n'est qu'un,
nous qu'ils réapparaissent quelquefois,
revenants du cœur...

23 heures sonnèrent au clocher de
Saint-Jean. Et dans la nuit calme et claire,
illuminée par Phébé et des myriades de
scintillantes étoiles, le promeneur solitaire
tressaillit au son de l'horloge éloigné qui
l'avait au milieu de ses souvenirs. Il reprit
à pas lents le chemin de sa maison, ne
rencontrant personne dans les rues désér-
tes à cette heure tardive et tout naturelle-
ment, sans le vouloir, sa pensée se reporta
vers son ami qui revenait et s'associa

dans son esprit à la fin de la page de
Henri Lavedan:

«J'y suis revenu, clame et confiant, sachant
bien ce que j'avais quitté, ce que je retrou-
verais... A présent, elles (les choses de la
nature) disaient: «Nous sommes toujours
là, tu vois? Nous n'avons pas bongé». Mais
c'était tout. Elles ne me disaient pas
comme je l'aurais voulu et comme je l'avais
cru un instant: «Te voia! C'est toi! Nous
t'attendions à chaque aurore à chaque
conchant... Quelle joie de te retrouver!
Reste et ne t'en va jamais!» Non tout de
moi leur était égal et ne leur avais pas
manqué. Et cependant, je sentais que
leur impassible froideur faisait leur
magnificence et leur supériorité, qu'elles
me dominaient de leur inertie et que je
m'attachais à elles de toute la force de
leur détachement. Pour bien aimer, pour
aimer plus, il faut être «celui que aime»,
tout seul, sans espérer qu'on vous le
rende».

FRANCE-BRÉSIL.

TU' ?!

Aquilo já lhe estava cheirando a deza-
fôro !...

Aquêlé dominó côr do céu, ca-
de rozeo, com uma petulante mascara
nêgra sob a qual brilhavam, lançando
olhâres provocadôres, dois olhos ainda
mais négros, não era gente com certéza,
era um demoninho e um dos mais cheios
de maldade, pois ha duas horas perseguia
sem treguas, num falsête mal disfarçado
que deixava advinhar uma vóz de timbre
sonôro, o pobre Belarmino, que coitado
já um tanto encalfado com o negocio,
procurava fugir aquêlas verdâdes que lhe
fustigaram o espirito, mais do que os
—rodós—lhe fustigaram a epiderme, va-
rando salas e arastando consigo uma mo-
renazinha faceira, como soem ser as more-
nas, com quem acabara de dansar, sem-
pre poreu perseguido pelo inexoravel
dominó, quê continuava a bradar:

—Então! deixastes a Cotinha em caza!
cin! e agóra divertes-te com outra !...

"O Ateniense"

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

RUA 28 DE JULHO, 53 — SÃO LUIZ

Presidente—Djalma Fortuna.

Vice-presidente—Joaquim Luz.

1.º Secretário—Hilton Fortuna.

2.º Secretário—Henrique Caldeira.

Bibliotecário—Belarmino Bugneth.

Tezoureiro—Enock Souza.

ASSINATURA ANUAL 2\$000

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

C mízero sem responder apressava o passo, procurando fazer-se dezentendido, mas o dominó seguindo-lhe as pegadas: —Não cõrras! não cõrras Badarlıno, espêra! olha Julia não acredites no que êle te está dizendo! é fita!

Suando o infeliz fugia para outra sala e o endemonhado seguia-lhe ao encalço:

—Não acredites minha filha! isto é um fiteiro de marca! que é da Cotinha? da tua noiva? deixaste-a em caza para ıres folgar a vontade! eim fiteiro! deixaste a pobrezinha enganada talvez a sonhar contigo! á! êla ha dê saber tudo!

Uma idéa luminóza surtiu-lhe no cerebro turbado pelo encabulamento, rapido tirou da aljibeira um—rodó,— com rapidez o assestetou contra os olhos de brilhos velutinos da terrivel inimiga, e com mais rapidez ainda um esguicho perfumado cortou o ar. Um mimozo grito de dôr ecoou na sala, duas mãozinhas enluvadas, ainda mais mimosas, cobriram com sofreguidão os olhos alcançados e o Badarlıno numa velocidade assombiante, como um delinquente ao evadir-se pelas quietas horas da noite, enfiou com o par pela porta em direção á varanda, pensando em socêgo continuar a sua declaração interrompida.

A luz forte dum candieiro de gazolina fazia realçar as côres berrantes das bandeiroas! e correntes de papel, de que estava engalanada a varanda.

Morriam os ultimos êcos de um tango vibrante e entuziasta, que fizera lantêjolar de suor as frentes dos foliões, que fatigados abanavam-se com ventarolas multicores e conversavam baixin o, quando uma voz mal disfarçada cortou o espaço:

—Então! Badarlıno, fiteiro, correste para varanda com a Julia? pensas que me cegastes?..

—O' carnaval não sejas imprudente aventurou timidamente o Badarlıno.

—Imprudente! imprudente és tú que estás seduzindo mais esta coitada, para depois fazeres o mesmo que fizeste com a Cotinha! á! mas tantas vezes vai o cantaro á fonte que...

—Não sejas impertinente, carnaval, não me injetes mais com essa Cotinha! replicou o Bedoca já irritado.

—Com essa Cotinha? á! agora não a conheces ... e uma rizada nervoza fez-lhe arfar os seios tumidos, não a conheces ó canalha!

Aquilo cheirou-lhe a dezafôro e êle como que impellido por uma móta invizível, rubro de colera, arrancou-lhe a mascara do rosto, impetuozo, cegc, brutal. Um grito forte e sonoro resouu na varanda e o Badarlıno muito palido, muito ajitado, com a mascara amarrotada entre os dedos tremulos, os olhos desmezuradamente abertos, como que ainda duvidando do que via, soltou esta interrogação exclamativa que tudo sintetizava:

—Tu?... e apoiou-se a uma cadeira para não cair...

Aquele dominó cõr de céu, enlaidado de rozêo, com uma petulante mascara negra sob a qual brilhavam, lançando olhares provocadores, dois olhos aindo mais negros, era gente e gente encantadora, era... era a Cotinha...

JAPU PARASSU'

Fatos e Fitas

Pleno Carnaval, em sublime reinado de Mõmo.

Os salõis' do baile já regorjitavam de foliões na imensa balburdia de serpentinas cruzando o espaço cheio do perfume forte e estonteante do "Muguet des bois".

A orquestra repinicava os saracoteios mácabros de um tango, e toda aquêla onda se misturava enlaçada e diabolica executando os passos mais originaes e aberrantes. Fmda a partitura a algazarra infrene re-credece.

Aqui são grupos que de mãos dadas saltam e correm pelos salõis, gargalhando treloucados; ali são rapazês sob o disfarce exótico de papelão que em voz de falsête dirigem aos conhecidos e a todos os que vão encontrando pilaerias picantes ou dezenchabidas.

Daquêle meio em festa destacou-se um sudito de Mõmo, dos mais exaltados e fieis ás leis do folia chegando-se á janêla em que eu estava, para gritar em pulmões mais altos.

O seu trajar era extravagante, repleto de recô tes, bimbalhante e leve. A mascara que lhe encobria a fórma verdadeira era caricatamente ridicula com todo aquêle apendice nazal e beigos avermelhados.

Trajava-se a Pierrot.

Como não dispenseo ocasião de uma proza fui logo tomando-lhe a palavra a m de travar conhecimento com o interessante carnavalesco.

Ele olhou-me espantado reconhecendo-me logo.

—Olá, "mon chér" Hilpafor, você também aqui no baile?

Quando veio do Rio?... Como vai a pequena? g itava êle sacudindo-me todó em esgares os mais desmedidos.

—Deixa disso Pierrot; socega esse furór porque dezejo saber quem és. Quer me parecer que és muito meu conhecido...

—Sou sim, e ando sempre lá pra suas bandas; sigo-lhe sempre as pégadas e sei de toda a sua vida...

—Dize-me então quem és, pois eu em materia de segredo sou mais que uma pedra polida...

—Nunca, caro amigo, talvez que me rezolva no fim do saráu...

—E lá se foi o Pierrot traquinas, pulando e gritando como louco, misturar-se na multidão que saracoteava uma quadrilha francêza.

Puz-me então a monologar para saber

quem poderia ser o tal mascarado que tanto conhecia os menóres detalhes da minha vida.

Não mais o perdi de vista e êle todas ás vezes que por mim passava acañiciava-me com as luvas brancas dizendo sempre: "Então, está pensando na vida?..."

Finalmente a pancadaria anuncia o "Golope final".

Os pares começameçam os pinótes com deliro e entuziasmo.

O meu Pierrot dansa como um mestre sem faltar um passo, despedindo-se valentemente de tão esplendida noitada.

Fmda a execução começa a debandada gerál a caminho de caza.

Já na porta de saída o mascarado chega-se a mim e muito misteriozo faz esta revelaçã: "Amigo, não digas nunca que eu estive aqui, porque dezejo conservar o incognito. Somente em ti confio e por isso é que vou dizer quem sou. Não te espantes eu sou a "Crize".

—Fiquei aturdido enquanto êle sumia-se, gritando e pulando, nas escuras dobras da noite por essas ruas imensas e tristes...

HILPAFOR.

Preguiça e noivado

HA certos dias que era melhor a gente ficar na cama, para não fazer asneiras. Assim dizia constantemente o Homero, primeiro empregado do escritorio do Manoel Biras—rêpetindo a fraze predileta ao patrão, quando fazia um mau negocio.

Era uma alma bõa o Biras, que era portugeuz, atarracado, sebento, rico, gastro-nomo e quazi analfabeto, qualidades suficientes para fazerem-no, tambem, um bom pedaço de animal estúpido.

Após a pratica de um negocio dezastrado, um emprestimo a caloteiro de reputação firmada, achava que era melhor não ter decido porque evitaria aquele prejuizo, não faria aquela asneira.

Homero quando, nas manhãs seguintes ás noitadas de pandegas, chegava no escritorio depois do almoço, dizia não ter vindo de manhã porque, só lhe apetezia fazer asneiras.

E a coiza passava, umas vezes com um sorriso indulgente de ignorancia, outras com uma tempestade fortissima de indiretas.

Certo dia Homero entrou no escriptorio ás 15 horas

Biras, já exasperado, interpelou-o porque entrava tão tarde.

—Porque hoje só me apetece fazer asneiras, sr. Biras.

—E já as fez, «seu» Homero?

—Já; pedi uma moça em casamento.

—E deram-lhe, «seu» Homero?

—Deram-me sim, como não! Já estou tratando do enxoval.

—E é você que a «enxovalha»?

Quantas asneiras juntas!...

JOVIRA.

Com ares de cronica

Não me dirão os leitores como a gente tem tanta certeza de que os "films" nos emocionam e no entanto gosta de apreciar-os ?!

E' o que se observa. Agora com a guerra, por exemplo, sabemos com segurança que o lembrar as cenas que pela velha Europa se desenrolam, algumas das mais selvagens, nos é imensamente triste, e no entanto não ha provinciano, por mais burguez que seja, que não acuda persurozo ao cinema quando se vai projetar uma fita de assuntos atinentes a conflagração européa.

E' uma coiza que muito nos aviva o sentimento de piedade humana. Um telegrama, no seu laconismo peculiar, por mais substanciozo que se nos apresente nunca se pode comparar com a passagem em nossas vistas das cenas naturais que as fitas nos veem trazer.

Aquilo, a selvageria sem medidas do povo alemão, aquele destruir sem treguaes, uma mãe que perde seus filhos, sem o consolo sequer de trata-los, ajudando-os a morrer, uma noiva que chora seu leite, as grandes concepções de arte desmoronadas, tudo, nos entristece, na passagem nua e crúa, em sua realidade, pelos "films" que lá são apanhados com o risco da propria vida da seu operador.

Francamente, se não fosse essa grande escola realista que se chama cinematografo, essa majistral arte que nos transporta pelas emoções da vista às mais reconditas parajens do globo, que nos ilustra na vida moderna (mas que tambem nos perverte um pouco) se não fosse ela, a monumental invenção, a guerra não nos fazia estremecer de espanto, não occuparia, talvez, o lugar importante que ocupa. E' ele que nos vem mostrar, tão bem como se lá estivéssemos, com que naturalidade um soldado comanda um pelotão que aqui prepara o canhão cuja bala irá talvez eliminar milhares de vidas a um só tempo; é ele que traz para junto de nossos olhos o ouzado aviador que se mune de material belico, e se eleva, intrepidamente aos ares, com o fim unico de matar, de aniquilar, de destruir; é ele que nos mostra o torpedo que sai e vai submergir um vapor repleto de vidas, algumas das quaes inocentes.

E assim vae o cinematografo, na sua faina, glorioza para uns e sinistra para outros, de emocionar, de ilustrar, de romper.

D. F.

Sociedade Literaria

Barão do Rio Branco

Para o quadro de colaboradores foi admitido os srs. Manoel Nunes dos Santos, Mario R. Souza e José da Silva Vieira que anteriormente haviam sido propostos.

ESTADO SOCIAL

Efetivos:

Socios	12
Socias	42
	54
Colaboradores	13
Honorarios	6

Benemeritos	3
Correspondentes	1
	77

De regresso a este Estado, tomou posse de cargo de secretario o socio Hilton Fortuna.

Em sessão de 26 de março ficou deliberado que as reuniões ordinarias serão efetuadas os 1.º domingos de cada mez, ás 14 horas.

REJISTO ELEGANTE

Desde janeiro que «O Ateniense» não vem a luz da publicidade, razão por que não se podia referir aos dias festivos que tem passado a S. L. B. R. B.

O mez de fevereiro foi todo de festas e folguedos para os seus associados: durante ele registamos com prazer os natalicios felizes dos seguintes consocios de agremiação: Ajenor Santos, a 2; Leonor Muniz, a 8; Valentim Souza, 14; Alfredo Fortuna, a 17; Torquato Rios, a 27; Hilton Fortuna, a 28. Em março: Branca Vinhais, a 5; Raul Viana, a 12; Otamires Santos, a 30. Em abril: Alice Costa, a 1; Padre Francisco Xavier, a 7; José Maria de Jezuz e Doriléa Castro, a 9; Bêbê Reis e Vicentina Goibeira, 13; Luiza Viana, a 18; José Perdigão, a 19; Alice Lebre, a 24.

Assim não deixa «O Ateniense» de cumprir o seu dever, e envolve todos os seus confrades no abraço mais sincero de suas felicitações cordiais.

HILTON FORTUNA

Volveu da Capital Federal, onde se achava, o nosso talentozo consocio cujo nome acima se lê.

Foi um acontecimento que veio encher a todos nós do mais justo contentamento pelo alto grau de admiração e estima com que é tido no seio de seus colegas e amigos.

«O Ateniense», que agora se julga, mais forte para a luta cruenta que muito o tem abatido, felicita o Hilton, e deseja que ele nunca mais se lembre de voltar ao Rio, para contentamento seu e garantia de sua existencia proficua.

AJENOR SANTOS

A bordo do «Satelite», onde exerce as funções de enregado da Estação radiotelegrafica, passou pelo nosso porto o nosso caro e distinto consocio Ajenor Santos.

Nesse dia os seus dignos pais e inumeros amigos foram busca-lo a bordo, levando-lhe o abraço amigo de saudações de boas vindas e continuação de sua viagem feliz e proveitoza, para contentamento seu e da companhia Lloyd Brasileiro, que o tem no rol dos seus mais distintos funcionarios.

DR. BENJAMIN MOURA

Acaba de ser distinguido pelo Ministerio da Fazenda com a honróza comissão de inspetor da alfandega do Ceará o illustre e estimado conferente da nossa aduana, Dr. Benjamin Moura, que irá mais uma vez pôr em destaque o seu valôr de funcionario inteligente e criteriôzo honrando a fama de que gozam os filhos do Maranhão no desempenho dos mais altos cargos que lhes são confiados.

Ao Dr. Benjamin, que nesta redação conta muitos amigos, enviamos os nossos efuzivos saudaes augurando-lhe muitos laureis e uma excelente viagem.

S.s. deverá seguir, hoje acompanhado de sua exma. familia, para aquêle Estado, pelo vapor «Ceará» e deixa no seio de nossa sociedade saudaes tão vivas que difficilmente serão apagadas.

DR. PEREIRA REGO

Deve seguir hoje para o Rio de Janeiro, o nosso extremado conterranco dr. Antonio de Castro Pereira Rego, que aqui veio trabalhar no Congresso Estadual, onde se destaca sua figura simpatica como um dos mais impeterritos trabalhadores pela grandeza da terra em que nacceu.

E' uma envergadura de carater correto e seguro, que conta imenso numero de amigos no Maranhão, é um dos unicos maranhenses capaz de trabalhar dezintressadamente pela grandeza de sua terra.

Os nossos votos de boa viagem ao distinto amigo patricio.

Tivemos o prazer de ser visitados pelo nosso amigo de Coroatá, o joven Leodegario Jansen Pereira, cuja palestra amiga gozamos por muitas vezes.

Felicidades.

Ateniense em luto

PROFESSOR FERNANDES

Faleceu nesta cidade em dias do mez ultimo o querido e provecto educador Alfredo Fernandes que era uma das grandes glorias do majisterio maranhense.

O seu deaparecimento inesperado encheu de profundo pezar a todos quantos lhe admiravam a figura altiva e justiceira de apostolo do dever, e nós que tambem bebemos os seus sabios ensinamentos nos bancos escolares ficamos com a dôr inapagavel e saudade eterna gravadas em nossa alma agradecida.

Em sessão de 26 de março, fizemos inserir na ata de nossos trabalhos, como significativa homenagem ao pranteado professor, um voto de profundo pezar e agora enviamos à mocidade ateniense sinceras condolencias por tão sensivel perda.

Vitimada por atrozes sofrimentos faleceu a veneranda sra. d. Joaquina Carolina Pessoa de Mélo, sogra do integro juiz dr. Tavares de Holanda a quem sentimentalmente sinceramente.

Sucumbiu tambem no mez ultimo o estimado funcionario da nossa Alfandega, Raimando Pereira Lima. A sua familia e demais parentes apresentamos sentidos pezames.

Faleceu no dia 6 do corrente o nosso bom e prezado amigo Raimundo Nonato de Souza, extremado espôzo da exma. sra. d. Ana Passarinho da Rocha Souza e dilêto primojenito do sr. Fernando Antonio de Souza.

«O Ateniense», apresenta a sua familia enlutada os seus mais sentidos pezares.

O Ateniense

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANNO 5:

Maranhão, 7 de maio de 1916

NUM. 61

A SEMANA

Quando as portas de Jernzalem assomou a figura radiante do Nazareno, daquelas almas puras de cristãos partiram homenagens sinjelas, repassadas de crença e amor pelo emissario de Jeovah, que vinha para remir a humanidade do cativo do inferno.

E' que naqueles coraçõis germinava a palavra de Deus, que traz aos justos o alimento espiritual e a comunhão dos bons sentimentos para a vida eterna.

O augusto Messias ia cumprir a sagrada missão confiada pelo Creador, esse misterioso problema da santa reijião de que nos dá conta a Biblia.

E assim ele passou triunfante recebendo com seus doze apóstolos as aclamações do povo que dentro em breve iria receber a salvação eterna.

Estava escrito que dentro os apóstolos um deveria entregar-o ao martirio e logo conheceram em Judas Iscariotes o emissario do crime.

Cego pela ambição vendeu sua alma a Satanaz, traíndo e entregando o divino mestre ao sacrificio.

E o que tudo isso foi nos diz a historia sagrada cujas paginas a igreja relembrou nos ultimos dias.

Mas o grande misterio ainda não estava consumado.

A flajelação do filho de Deus abria as portas do paraizo para a humanidade que devia seguir e obedecer as doutrinas pregadas na terra.

O corpo do Messias não podia ficar depositado no horto de Jozé de Arimatêa, era preciso que ele voltasse ao trono de seu Pai para dar conta de sua missão e se preparar para o julgamento final dos povos.

E assim aos primeiros raios do terceiro dia de sua morte os arcanjos da santa mansão deceram ao tumulo e removeram a pezada laje.

Jesus rasgando as trevas resucitou incólume com admiravel triunfo, deixando aos escribas e farizeus o aterro e a vergonha.

E' desse maravilhoso tema que a igreja se ocupa, cuja descrição aparece entre louvores nos anais da historia sagrada.

Estavam emfim cumpridas as profecias da escritura e consumado o sacrificio.

Quarenta dias mais tarde o Credor recebia á sua direita seu precioso filho e todo o reino dos céos rejoiitava em canticos pela ascensão do verdadeiro Deus.

IRBÉRIO

FATOS E FITAS

Por mal que teimem em dizer que o Maranhão vai se ver livre da "caveira de burro" que lhe perturba a evolução, eu não creio.

Não creio e finco o pé com esta teimozia dezaafiando livremente quem dela me quiser desvanecer.

Deixem lá que eu tenbo as minhas razões firmadas.

Nada me contrista mais do que prezençar o desmoronamento das nossas coizas constituidas e que postas em pratica por braços fortes, honestos e compenetrados de seus deveres, fariam da nossa béla cidadezinha uma das mais elegantes do norte, porque éla tem a seu abono uma feliz colocação entre as que limitam o Atlantico no continente brasileiro.

Mas a despeito de tudo, a nossa "Athenas" jaz-imersa na apatia enervante que éra motivo de protestos aos avós de nossos avós.

Ai está éla com um aspecto arcaico e sujo esperando, eternamente, a alavanca bemfazeja que lhe promete um remodelamento exemplar.

O progresso não lhe sorri e os seus filhos lhe são ingratos.

De que serve a poetica ensenação de suas praças onde pela manhã os passarinhos saúdnam a arvorada e á tarde em terna despedida ao crepusculo os sabiás saudozos modulam os cantos que enlevaram Gonçalves Dias, quando éla está acabada de desleixo, sem luz e sem calçamento, entregue completamente ás trévas medonhas do retrocesso?

—Si ao viajante que de passagem lhe faz uma vizita, ela só inspira compaixão dando-lhes vazas ás criticas, tão soézes quanto justas, a nós então filhos de seu seio, maranhenses aqui nacidos e creados, a vergonha assoberba vendo todas essas coizas sem nos ser dado o direito de reclamações!

E' triste, porem é "a nudez forte da verdade"...

—Agóra que todos esperavam a realização do mais almejado dezejo do povo—a luz e tração electricas—os horizontes escurecem e um choque de podéres, movidos pela mola de um interesse desconhecido, faz dezabar a ultima esperança que lhe sorria, embalando-lhe os sonhos como lenitivo ás suas desgraças.

Por estas e outras é que eu finco o pé e brado que a "caveira de burro" não nos deixou e nem nos abandonará enquanto não tivermos braços fortes, honestos e compenetrados dos seus deveres que tomem a peito levantar a nossa terra colocando-lhe no logar que lhe cabe na linha de estetica entre as suas irmãs do norte e do sul.

HILPAFOR

SERÓIS

Pairava no ambiente acanhado da pequena sala caíada de branco, um silencio dezanimadôr, poder-se-ia ouvir o quaze imperceptivel ruido da respiração das prezen-

tes, que se agrupavam com os olhos transluzindo curiosidade, ao redor de uma méza enfeitada de flores; as cortinas pendiam molemente das janélas, como as velinhas brancas quando não enfunadas pelas auras do rei oceano e por toda parte bandeirolas multicóres, que brincavam alegremente com briza frésca e aromatiza da manhã, laços escallates, pálmãs verdejantes e flores e mais flores...

A povoação acordára festivamente engalánada, os campos esmeraldinos de redor, dezalotoavam em flórinhas mimózas, que exalavam fragancia e alegria; no verde uniforme da floresta, os paus-d'arco em flôr punham manchas de oiro; enfim em tudo reinava um jubilo expansivo e sadio, pois quando a primeira pincelada de luz tinjio o levante, um hino forte e harmônico, de uma melodia sinjela e doce, se evolou do seio carinhoso e protetôr da selva e se espalhou no espaço, enchendo-o com o seu son de uma vibratilidade alacre.

Tudo éra rizes, tudo éra contentamento, mas, qual a razão?

E' que nesse dia inapagavel na memoria apoeada dos rudes camponios, viam éles se realizar o sonho doirado, que sonharã durante muito anos e que se não esmaecérra, rezistindo altaneiro ao desfilar destruidôr do tempo—a povoaçãozinha—éra entre entuziasticas manifestações de jubilo; elevada a categoria de vila.

E eis porque se achava toda aquéla gente reunida e silenciosa, naquéla acanhada salinha, branca como os flocos de espuma que as vezes nodoa a face plácida e azulina dos lagos; reunida para assistir á cerimonia solene da primeira sessão da camara da joven vila, silenciosa porque se iam iniciar os trabalhos.

O prezidente um roceiro idôzo, totalmente vestido com um austéro fato prêto, ostentando porém na lapéla uma margarida rubra, que resaltava berrantemente do fundo negro, com lentidão e gravidade necessarias ao ato, levantou-se. Forte e prolongada aplaude-o uma salva de palmas, e éle atonito ante aquéla manifestação a que não estava acostumado, enchuga o suor que lhe escorre da fonte com o lenço, encara o auditorio e... tosse; apanha com um movimento contrafeito um pedaço de papel, torna a olhar os presentes e... pigarréa...

O secretario, um rapazinho "viajado", de olhar fino e atilado, um tanto inteligente, temendo o escanda-lo eminente, pucha-lhe a aba do paletó e diz-lhe baixinho:

—Abra a sessão, "seu" prezidente...

Ele torna a fitar os espectaôres, e lançando depois um olhar suplice ao vice-prezidente que lhe fica fronteiro, com a bôca entre-aberta fica a espera talvez de... inspiração...

PARNAZO

Suplicas

Quando eu cansado fôr, qual sôl morrente,
Pelo ocazo da vida, assim, tristonho,
Fulminado no término de um sonho
Que me fez padecer no mundo injente;

Quando os olhos voltar para o bizonho
Passado só de trévas e inclemente,
E se extinguir a luz do meu poente
Em que saudades ternas eu desponho;

Não chôres minha perda com lamentos,
Não te enlutes na dôr dos sentimentos
Prolongando o penar demais intenso...

—Só te peço que rasgues os meus vérsos
Que testemunhos são, dos mais perversos,
Do que na vida fiz: um Nada imenso !...

HILTON FORTUNA.

VÉLAS

Descamba na amplidão o sôl. Lijeiras
Qual niveas azas céleres rufando
A procura de poizo... Deslizando,
Passam velinhas brancas, ataneiras,

No azul do mar deixando alvas esteiras
Que a face in-nensã ficam branqueando. . .
Demandam á praia lepidas brincando,
Encimadas por tremulas bandeiras.

Emfim do rei oceano as brancas flôres
A' praia abicam plenas de esplendôres
No majestôzo declinar do dia.

O jubilo os corações, todos, invade,
Pois si a véla que parte é uma saudade,
Cada véla que chega é uma alegria.

REIS PERDIGÃO

Morfetico

Eil-o que passa. A lepra a garra informe
Lhe crava, pelo flanco ensangoentado.
Se acordado ele chora, quando dorme,
E' um pranto o dormir do desgraçado.

Naquele rosto tumido e disforme,
Quantas vezes um rizo alcançado
Não passou de alegria doce, enorme
—Cintilaçõis do ar or acalentado?...

E hoje, tão doente e tão tristonho ..
Mesmo assim, quantas vezes louco sou
Lhe perpassa, na mente, vaporozo ..

—Um corpo de mulher, alvo e rozado.
Num frêmito d'amor alcançado,
E', talvez, um dos sonhos do leprozo...

NEREU BITTENCOURT.

—“Seu prezidente”, abra a sessão... diz
uma vóz timidamente ao lado, um pouco
mais forte.

Esta fraze veio tira-lo da imobilidade
grotesca em que estava, e voltando-se in-
dignado, cravou um olhar terrível no pobre
secretario que se encolhia todo, procurando
protejer-se com um livro e dezbou sobre
êle com vóz grôssa e vibrante:

—Seu secretario, não diga tolices! você
é um bolas! como é que você quer que eu
abra a sessão se não me dá a chave! o que
você quer é que eu arrombe! mas isso...

E não terminou, pois uma forte e des-
norteadôra gargalhada rompeu dos quatro
cantos da acanháda salinha, branca como
um flôco vaporôzo de espuma, que as vez-
es nodôa a face placida e azulina dos
lagos. . .

JAPÍ PARASSU.

TRAÇOS & TRUÇAS

“Hauptmann”, o germanófilo fanático
que tanto tem enaltecido nas páginas de
“O Ateniense” o seu ídolo—Guilherme II,
parece que se empenha em preparar o es-
pirito dos seus leitôres para o julgamento
final, em que comparecerá, dentro em brê-
ve, no tribunal da opinião publica de todo
o universo, vencida e prostrada pelo peso
dos remorsos, a pátria de Goethe.

Proclamou-a, na sua última crônica,
“vitima inocente da aspide peçonhenta, do
caudilho dos povos, da Inglaterra”, de
quem disse cobras e lagartos, bem capa-
zes de alterar a tradicional calma dos in-
glezes, se lhes chegassem ao conhecimen-
to.

E não parou aí. No afan de externar as
suas simpatias pelo imperio teuto, pintou
em côres bem negras os aliados, sem pou-
par nem mesmo a infeliz Servia, que ap-
dou de hipocrita e traçoira.

Vitima inocente—a Alemanha?! Como
explicá-lo, se ninguem ignora ser ela, que se

diz a pátria da ciencia, o fôco da civiliza-
ção, fatôr principal nessa carnificina hor-
rível, nesse espetáculo hediondo, de que
é teatro a Europa?

A razão, porém, ainda se lhe não escu-
receu de todo. Com uma centêlha a luzir-
lhe no espirito, fez justiça á Beljica heroi-
ca, a verdadeira vitima: não dos aliados,
que a não pôderam socorrer a tempo, des-
prevenidos pela confiança de que os trata-
dos de guerra não seriam violados pela
Alemanha; mas desta, só poderosa contra
os fracos.

Não pense Hauptmann que tem a rebatê-
lo um anglófilo (cu mêmso um aliadófilo)
aferrado, como ele, ás suas convicçõis.

Livre-nos Deus de semelhante audacia,
de tão inaudita corajem, qual a de enfren-
tar, sem armas e municõis, um “boche”
terrível, que dezaña, de lança em riste, a
poderosa Inglaterra, a quem responderia,
se lhe pedisse contas do seu arrojo:

—Ora! são “Coizas”...

Não! Aproveitamos, simplesmente, o
assunto, por demais apropriado, para ob-
jêto das nossas inocentes “troças”...—C. V.

O ENIGMA

A familia Melodia era a mais rica e mais
inteligente que existia na cidade.

Compunha-se do velho e experimentado
Rafael, da D. Engracia, sua preciôza con-
sôrte, e do Germano, pequerrucho forte e
nutrido, enlevo terno dos velhos, no al-
vorecer rizonho dos seis anos.

O Rafael vendo que seu filho já estava
na idade de entrar para um colejio, chamou
D. Engracia e contou-lhe seu dezejo, di-
zendo-lhe que quanto mais cedo cuidas-
sem do cultivo do pimpolho tanto melhor
se revelaria o seu promissôr talento. A
velha, muita satisfeita, concordou, e disse
que, no dia seguinte, iria procurar o me-
lhor professôr da cidade, pois era justo
que o seu queridinho aprendesse com o
melhor mestre.

E assim lá se foi o Germano para
bancos diciplinares.

Passados quatro anos o menino já sa-
lêr com clareza, tornando-se, pela sua
telijencia o melhor aluno do colejio, to-
do apenas o defeito de ser um tanto pe-
guigôzo.

Um dia o professôr passou-lhe um ex-
cicio que constava em procurar a signifi-
ção das palavras, mediante a respectiva
analyse, prevenindo-lhe que para isso
veria munir-se de um dicionario.

Germano que era muito preguigôzo
quiz ter o trabalho de folhear dicionari-
o limitou-se somente a perguntar a sua
os significados dos termos que não con-
cia. Entre estes estava a palavra—Enigma.
—“Mamã, que quer dizer a palavra
Enigma”?

—D. Engracia depois de coçar a cabe-
mais de dez vezes, como que para desp-
tar a sapiencia bolorenta, disse gra-
mente: Eu vou explicar-te: “Enigma, é
um adverbio de tempo, que quer dizer
sôa nacida na India. Si não quizeres
Enigma, podes chamar Indijena ou India
que vem ser tudo a mesma coiza”...

—O Germano te minou o tema muito
risfeito de se haver livrado da cacetada
dicionario.

—Pra que o trabalho de procurar liv-
quando sua mãi era autoridade na ma-
ria?...

—Chegado á aula apresentou o traba-
ao professôr.

Este ao lê-lo não pode sufocar a ga-
lhada e chamou o Germano para expli-
çõis.

—“Menino, em que dicionario achou
a significação de Enigma”?

O pequeno, depois uma longa e pes-
pausa, respondeu gaguejando: “Eu não
pelo dicionario. Quem me disse foi
pessoa que sabe mais do que êle”.

—O professôr redobrou a gargalhada
“Quem foi e ta pessoa tão ‘ilastre’?”

—Germano, mais rubro que um tomate
disse: Foi minha mãi...

—Pois diga a sua mamã, que eu
questão que êla seja minha adjunta...

"O Ateniense"

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

RUA 28 DE JULHO, 53 — SÃO LUIZ

Presidente—Djalma Fortuna.
 Vice-presidente—Joaquim Luz
 1.º Secretario—Hilton Fortuna.
 2.º Secretario—Henrique Caldeira.
 Bibliotecario—Belarmino Burgneth.
 Tezoureiro—Fnoek Souza.

ASSINATURA ANUAL 2\$000

«O Ateniense» será enviado á imprensa mediante permuta.

Quando a você, tenho a dizer que não venha mais estudar comigo, póde continuar com sua mãe que, pelos modos, é a "melhor" e mais "rutilante" cabeça da cidade...

O pequeno retirou-se muito envergonhado e não mais voltou ás aulas.

E o professor a todos contava o caso, su-se focado em rizo, e dizia que admirara muito da melhor familia da cidade ser a mais ignorante.

MARIÊTA.

DJALMA FORTUNA

Transcorre no dia 16 deste mez o aniversario natalicio do nos-o infatigavel presidente Djalma Fortuna, que com certêza ha de receber nesse dia as sinceras homenajens dos seus concidos, como prova dos seus ingaveis mêtos e da simpatia de que goza em nosso meio.

Com ares de cronica

Já o leitor desta seção deve ter notado que me tenho externado mais de uma vez sobre a sensaboria do povo nosso conteraneio, com relação a diversos assuntos

Agora, desta feita, o que me está a preoccupar é a companhia Pêres-Froes.

Aquela ardor, aquela anciedade que recebem outrora os grupos artisticos que aqui aportavam, já não existe mais. Já se não enche, a pinha, o teatro para se verem os artistas de valor, os talentozos senhores do palco.

Melhor do que os artistas que ai temos não poderemos ter para o futuro. A fama de que paulatinamente o Maranhão vai gozando, é a de uma capital decadente, onde mora uma gente que não se sabe divertir, que não transpõe os umbrais de sua porta para deliciar a retina, para gozar um momento de prazer, muito embora se lhe apresentem os mais felizes ensejos de apreciar o belo, na extensão perfeita e completa da palavra.

Pode-se lá negar que os atores que ora hospedamos sejam perfeitos artistas do palco, os maravilhozos comovedores dos mais belos dramas e os fieis interpretes das mais finas e hilariantes comédias?!

Estou certo de que todos respondem negativamente a essa pergunta. Mas então porque tem-se ai semi-cheia a nossa caza de espetaculo?

—E' a falta de gosto que predomina, a preguiça de deixar a cama com seus mornos lençois, a quasi barbaria a que nós mesmos nos temos atirado.

D. F.

DESPORTO

Ainda a nossa mocidade nao deixou o habito das imitações.

Já se vai tornando um vicio contajiozo a tal mania de imitar em nosse "meio".

Para atesta-lo temos ai, para quem quiser ver, um numero indefinido de sociedades esportivas.

Quando apareceu a primeira associação de letras de 1913, que foi formada pelos rapazes da Rio Branco, já não havia canto ou praça onde não funcionasse uma sociedade literaria. A mania da literatura "foi mal" que contajiou em todos os moços conteraneos, até nos fedelhos de aula primaria, que se intitularam da noite para o dia de literatos, poligrafos, poetas, etc.

E como toda coletividade do Maranhão, morreram em menos de um ano todas as associações de onde, diziam eles, tinha de sair a geração futura.

Para honra sua, só ficaram, porque muito trabalharam, apenas duas ou tres das agremiações de literatos modernos.

Agora está ai o esporte: no baluarte, nos remedios, na praça João Lisboa, na "Estação, em todos os bairros, emfim, de S. Luiz.

Um terreno de 2 ou 3 metros, um "referee," 4 jogadores, eis um club esportivo! Arranja-se-lhe um nome qualquer, eis a mocidade desenvolvida, robusta, ajil!

Por qu'ilquer "dá cá aquela palha" o "captain" do clube: de abril arrebeu a cabeça do seu Chiquinho, porque julgou ser uma bola de "foot-ball" e, sendo socio de um club de esporte, consigo não admitte dezaforos.

Mas, tudo se acaba, aqui. Sabemos que ao lado do dezanimo está a derrota, e no entanto dezanimamos, e em breves dias nem um só talvez se possa contar! Oxalá que assim não seja, que o esporte não siga o mesmo caminho por onde se enveredou a literatura, que ninguem mais a viu nem "á mão de Deus padre! . . ."

DANTE FARIA.

COIZAS...

Lendo uma folha de 1.º, folha esta que obedece á orientação ingleza, deparei com uma grossa asneira, ou melhor falando, uma grande traição á verdade, o que não só me indignou, como me fez ficar compadecido do autor das linhas, que outrosim me fizeram rir, como si assistindo um bom "clown".

E' que um individuo qualquer, chama sem o menor escrupulo, sem a minima reserva, Casement de:—"o traidor Roger Casement".—Tão grande sandice nos provará dois fatos que se revestem de uma certa importancia, nesta hora fatal e memoravel com que se bate o mundo.

1—Que a imprensa é uma unica cronica vergonhosa, que não viza principios, viza fins. Que não depende doutrinas, mas que resguarda interesses pecuniarios, e... particulares.

2—Que o illustre e misteriozo escrevedor, que pretende envenenar a honra e a

neutralidade incorruptiveis de Casement, é um simples parlapatão, um conciente de-jenerado. O que nos ha de provar que Casement não é o «traidor» de sua patria, tambem nos provará que o propagandista funebre e cochilador é, como disse, um parlapatão.

Quem primeiro epitetou Casement de «traidor» foi aquela celula de corrupção, que se chama «jornais londrinos»; seduzidos pelo curo do governo inglez, afixiados por George Newnes, por Pearson, e por Hamsworth(*) s quais servem como «máquinas automaticas de Grey, de Litechner, de Lloyd, de Asquith, de Balfour, de Rotschild e outros. E todos esses, senhores não só da imprensa ingleza, como da franceza e outras, são suspeitos porque são filhos de Eberlein, e como tais, lhe seguem as maximas como esta:—"O dinheiro triunfa"! E isto nos devia pôr de prevenção com esta orjia de intrigas e mentiras, que são os jornais inglezes, subvencionados pela «Reuter», sobretudo porque os expocntes da moral ingleza por sua vez têm uma dupla moral e uma dupla cara; assim é que o que é crime em «foreigner» é honra para o inglez, de sorte que, se em um tribunal quer «foreigner», expressão desdenhosa do inglez, para designar o que está "fóra do caminho", ou estrangeiro, quer britanico, tórem julgados um criminozo inglez, e um suçco, holandez, alemão, japonéz, ou africano inocente, este será condenado enquanto que o inglez, será absolvido. Exemplos que justifiquem a minha exposição os ha muitos. Lembro apenas os tenebrosos crimes da Hansing, e de "Downing Street". Lord Kitchiner com toda a sua infernal lembrança de matar já fome 30.000 boers, figura como heroe do Transwaal, enquanto que os verdadeiros herois, os inocentes massacrados nada valem! Um crime vale uma honra, uma inocencia martir um crime!—"O que faz o inglez é para beneficio da Humanidade"!—"O que não é inglez, é incivilizado"! E' o escrihilo da politica da Inglaterra. E desta sorte a infame incineração de Transwaal, o usurpamento da liberdade do Ejiço, a "destruição" dos monumentos da India, o "anual" resgate, da India "á fome" o roubo e bombardeio de Copenhague, as violações dos tratados com Navab de Oudh, com o Radjah de Satara, com o Radjah de Ihansi; a exploração de Begum, de Oudh, a carnificina dos Robillas, o saqueio de Carnatic e Arcot, a anexação de Kindidh, de Berar, a exploração do Radjah Gleyt Aing, a traição á Beljica, á Servia, etc... são epopeias cometidas para beneficio da Humanidade! E' esta a psicologia especial da patria de Shaekspeare. E tudo isto, bem se deprende do alto gráu da moral ingleza!

E' uma fôrma bem singular de egoismo que caracteriza os inglezes. Eles consideram-se o povo eleito, cuja missão unica é enriquecer pela exploração do fraco, do inocente! E enquanto existir aquela esquadra criminoza, o mundo ha de conhecer quanto lhe "é funesta a Inglaterra.

Mas pouco a pouco ele começa a compreender a sua moral e valham aos ceus a Inglaterra na hora de ajustar as contas... Porque motivo Casement é "traidor", ninguem procura saber, é bastante que o "Times" nol-o diga. Eis o mal!

Estudada a "verdade", mas a "verdade"! veremos na traição de Casement mais uma prova da dupla moral da Inglaterra. Casement condenou a guerra, como chefe dos nacionalistas irlandezes. Os seus patricios fieis aos sentimentos de seu coração segui-

(*) Hoje lord Nortkiff.

ram-no, recusando-se a tomar armas contra um inimigo arranjado por Grey, como diz Conybeare, era então consul geral na Alemanha.

Grey astuto como os fantasmas da imaginação de Doyle, convenceu seu governo da "necessidade biológica" que havia de fazer Casement desaparecer; isto porque ele começava a publicar a rezenha dos crimes da Inglaterra. Findlay, de acordo com Grey, arranjou a transferencia de Casement para Cristiania. Findlay, escreveu ao creado de Casement promovendo-lhe 5.000 libras, a gratidão do governo inglez, e passagem franca, para assassinar seu patrão; que recebe de seu fiel servente o autografo de Findlay, digno representante de S. M. Britanica na Noruega. Casement publica-o, acuzá-os, pede a Grey uma resposta, e Grey não sabendo que dizer fica desmoralizado com os seus colegas da "Doming St." A historia criminosa desses individuos, publica-a Casement.

E' condenado traidor! Eis tudo!

A honra como crime! Além disso Casement não é inglez. Como irlandez, e como a Irlanda, odeia a sanguesuga ingleza. A Irlanda indignada da tentativa de assassinato na pessoa de seu chefe, revolta-se. E' a traição! Mas se Casement não sendo inglez, sendo um espirito nobre e incorruptivel, que defende a honra de sua patria é traidor, que sel-o-ão Chamberlain, Robertson, Conan Doyle, Crawley, Conybeare, e Seeley, todos ingiezes e que condenaram a Inglaterra? E' que Casement está "fóra do caminho" não é inglez, é "foreigner", se defende a Patria é criminozo, se auxiliasse a Inglaterra, seria um heroi! Se Casement defendendo a Patria, é traidor do polipo que a asfixia, que sel-o-ão Grey, Findlay, Kitchner, Lloyd, Balfour e muitos outros que fazem dos seus suditos instrumentos para satisfazer sua sede inextinguivel do ouro?! Que será Kitchner tentando friamente matar á fome 160 milhóis de estropiados, de mulheres, e de creanças, como o fez aos boérs, para assegurar-lhes outras ignominiozidades?!

HAUPTMANN.

Um pai de familia, que morreu ha pouco tempo, deixou a seu filho, por testamento, a seguinte carta:

"Filho, a mais importante missão que um homem pode ter na terra, é encontrar uma mulher. Deixo aqui, pois, para este caso, os meus conselhos.

Não te cazes com mulher rica, porque ha de chegar por força o momento em que t'o lance á cara.

Comi mulher pobre não debes cazar, porque dois sacos vazios não se põem em pé, e não escolhas mulher bonita, se não quizeres ver em torno dela um milhão de admiradores. Não busque uma feia, porque te envergonharás de que alguém a veja em tua companhia.

A mulher de máu genio transforma a caza em um inferno, a de bom genio representa o papel de vitima resignada. Si tua no. va for alta, quererá sempre dominar-te; se for demaziado baixa, te ficará ridicula.

Não te cazes com uma mulher muito instruida, porque quererá fazer váza nas

discussões; e se for ignorante, te fará passar os mais amargos quartos de horas. A mulher muito velha não poderá nunca fazer a felicidade de um jovem. A moça tem sempre momentos inconvenientes.

Se, porem, encontrares uma mulher que não seja nem rica, nem pobre, nem bonita, nem feia, nem de máu ou bom genio, nem alta nem baixa, nem instruida nem ignorante, nem velha nem moça... não te cazes tão pouco.

(Ext.)

RACIOCIANDO...

—Temos guerra para muitos anos ainda...

—Como assim?

—O navio brasileiro "Rio Branco" foi metido a pique por um submarino alemão...

—E daí?...

—... Ora, Rio Branco foi o gênio bemdito que semeou a paz entre os povos americanos...

—Todos o disseram, depois da sua morte.

—... Lógo, esse ato dos alemães constitui um atentado á paz, o que prova que ella lhes cauza repugnancia.

—Sim... continúa!

—... E como a Alemanha é a alma da guerra, segue-se o que afirmo.

—Tens razão!

LÓJICO.

REJISTO ELEGANTE

Estamos no mez consagrado á Virjem Maria, a immaculada mãe de nosso Senhor Jezus Cristo, e consequentemente no mez de folgados espirituais e também na época mais poetica do ano, "no lapso de tempo mais encantador.

O mez cognominado das flores quando tudo é festa, perfume, inocencia, virtude. E de envolta á candidez das flores que nele brotam, vemos transcorrer os natilios felizes de nossos consócios de agremiação, que se veem cercados das distincções dos seus amigos e colegas da S. L. B. R. B., dos carinhos sacrosantos dos seus extremozos pais.

Assim é que no meio de todas as centellações do "mez das flores" vemos passar no dia 6 o aniversario da consocia Jenuina Costa; e em 20, de Jozé Fortuna; Também não foi menos agradável o do nosso opreciador e amigo Tiago Silva, em 1°.

OLHOS VERDES

Olhos verdes!...

Joaninha tem olhos verdes...

Não reflete neles a pura luz do céu, como nos olhos azuis.

Nem o fogo—e o fumo das paixões, como nos pretos.

Mas o viço do prado, a frescura e animação do bosque, a flutuação e a transparencia do mar...

Tudo está naqueles olhos verdes.

Joaninha por que tens tu os olhos verdes?

Os olhos de Joaninha são um livro imenso; escrito em caracteres moveis, enjas combinações infinitas excedem a minha compreensão.

Que querem dizer os teus olhos Joaninha?

Que lingua falam eles?

A açucena e o jasmim são brancos, a rosa vermelha, o alecrim azul...

Roxa é a violeta, e o junquillo côr de ouro.

A terra é verde: e a vista repouza-se nelas, e não se cansa na variedade infinita de seus matizes tão suaves.

O mar é verde e flutuante...

O verde é triste e alegre como a felicidade da vida.

Joaninha, Joaninha, para que tens tu os olhos verdes?

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Sociedade Literaria

"Barão do Rio Branco"

Em sessão de 16 de abril foram eliminados os socios Clovis Castro, Luiz Machado e Francisco Marques de Figueiredo.

Para o quadro feminino foram admitidas as senhoritas Francisea Domingues da Silva, Conceição de Maria Pa ga Batista, Maria, Benedicta Rodrigues e para o de colaboradores o sr Americo Mendes.

ESTADO SOCIAL

Efetivos:

Socios	15
Socias	15

60

Collaboradores	15
Honorarios	6
Benemeritos	3
Correspondente	1

85

A vinte do mez ultimo, realizou-se uma sessão civica em comemoração á passagem da data natalicia do Barão do Rio Branco, patrono desta sociedade.

O socio José Carneiro Vieira, eleito orador official, desempenhou admiravelmente sua comissão, falando longamente sobre a personalidade do grande morto, analisando os feitos brilhantes que lhe destacam na historia como a estrela mais rutila de todos os tempos.

Estiveram presentes muitos socios e representantes de varias classes sociais

4 Livros

Quem remeter 25000 receberá, pela volta do correio, os seguintes livros:

CHAVE DA FORTUNA — Regras e palpites in alveis para se ganhar na loteria e no bicho, com dicionario completo dos sonhos e vizões (numerados);

DICIONARIO DOS AMANTES — com dicionario das flores, frutos, folhas, herbas e raizes;

DICIONARIO DE NOMES — com 3000 nomes proprios;

HISTORIA DA DONZEL TEODORA.

Aceitam-se selos do correio

CASA. ZENITH

Rua Benjamin Constant, 35

SÃO PAULO

O Ateniense

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANNO 5:



Maranhão, 18 de Junho de 1916



NUM. 62

RIO BRANCO

Um dos nossos diários, "A Pacotilha", publica, em sua edição de 9, um telegrama do Rio, que nos diz haver nosso conterraneo Dunshee de Abranches, mais uma vez, defendido, com sua palavra adoravel, a immaculada memoria de José Paranhos contra as sozes e interesseiras acuzações que ouzou fazer na tribuna da camara um deputado sulista.

O vibrante orador nosso conterraneo já por duas ou mais vez levanta sua voz eloquente com o fim de defender aquele que tudo fez para o Brazil, morrendo pobre, porque trabalhou honradamente.

Piza ouzou levantar sua voz contra Rio Branco, porem foi logo incontinente aniquilado pelos impulsos patrioticos do coração brasileiro, que lhe repudiou a ação mesquinha mostrando que brasileiro nenhum que o saiba ser, pode, sem injustiça, lançar uma só palavra que não seja de veneração á memoria inapagavel do másculo chanceler amigo da paz universal e do progresso e credits do Brazil.

Hoje é um outro brasileiro que, julgando talvez o povo sensato esquecido dos beneficios que o Barão prestou ao solo brasileiro, ouza, sem a menor reflexão do seu ato, falar da gloria do chanceler de ouro, enchendo-a de improperios.

O orador, numa desmedida pugna de interesse: particulares, deixa de parte que Rio Branco não foi o representante das unidades da União, parazita e avido de riqueza e bem estar proprios; que Rio Branco não foi o venal que subiu a tribuna das camaras brasileiras em defeza de uma cauza que julgava justa, mas que era humilhante para o Brazil!

Tudo isso esquece o brasileiro ingrato, e vai continuando na sua faina de injuriador dos grandes do passado representados pela sua memoria que já não morre para o brasileiro.

Enquanto existirem brasileiros competrados dos seus sagrados deveres de defensores intranzijentes das glorias da terra em que naceram, como nosso illustre representante que enfrentou o impio patriocio, haverá quem saiba lançar na lama de sua desdita os nomes de brasileiros da estirpe do que ora nos ocupou.

RETRATOS A LAPIS

29

M. J. S.

Foi numa dessas tardes amenas do esplendoroso mez das flôres, em que, do ceu, caía negrejante e dominadora a sombra do crepusculo, que a vi assim tão bela e fascinadora.

Era a hora inicial da noite.

De quando em vez, uma briza suave e fria açoitava de leve os galhos esmeraldinos das arvores proximas e beijava receioza as flôres, cujas vestes rubicundas emprestavam tanta graça e harmonia a esse majestozo espetaculo vespertino.

Ao lonje, o sinozinho da Conceição anunciava com sua voz plunjente e doce a nota suavizadora da Ave-Maria.

Observava-se pelas ruas da bela S. Luiz um dezuzado movimento de catolicos que se dirijiam com uma satisfação beata, para o rumo da sinjela nave em que se solenizava com ardor o tradicional festejo em honra á santa daquele mez.

Levado por uma natural curiozidade, procurei enveredar-me pela rua que ia ter ao templo, pasmando-me da alacridade das jovens devotas que em grupos tambem seguiam ao meu lado por um interessante fenomeno de coincidencia!

Que providencial coincidencia! murmurei satisfeito.

Naquela promiscuidade, divizei num grupo o tipo esbelto da minha retratada de hoje, trajando uma "toiletet" simples, mas que lhe dava uma certa graça e uma primorosa garridice.

Vinha em companhia de suas amiguinhas, enchendo aquele trecho de rua com a sua voz cristalina de rouxinol.

Pelos modos, ia com certeza ao vetusto templo, levar tambem a sua prece tão devota, conduzida pela caridade bemdita de sua alma.

Surpreendido com essa brusca e inesperada aparição estuguei os passos para galgar a frente desse grupo gentil, para mais adeante ceder-lhe cortezmente o passeio em que me achava, para melhor contemplar aquele punhado de flôres que vinha embalsamando a atmosfera. E então extaziado e absorto, assisti o desfile dessas

deidades, que agora povoavam o meu espirito de sedutoras esperanças.

Os sinos da torre davam o signal da laudainha. A orquesta entoava alegremente o paroco no altar. Entrei muito reverente, não sem vontade de atender ao impulso de u na força misterioza que me fazia aproximar da minha retratada.

Era tambem um trabalho, igual ao do paroco que rezava para os santos; e minha retratada na minha opinião, tambem era outra santa. Que pecados poderia ter ela, coitadinha...

Emquanto se rezava, tomei logo do lapis e tracei paciente o que se segue:

Não é alta, nem baixa; sua estatura é regular e o seu porte elegante e atraente.

Sua tez, de um alvura encantadora, deixa transparecer um leve côr de roza, que lhe dá mais vida e encanto.

Seus labios nacarados, de um vermelho vivo, dezenha um ligeiro sorrizo de fada, deixando aparecer duas filazitas de marfim, que lhe adornam sobremodo o rosto madrigalescamente belo.

Negros cabelos, soltos em bandós, ornaram a elegante cabeça, á semelhança daquela santa, padroeira da ermida em cuja frente me achava.

Seus olhos são azues, côr do ceu, refletindo pelos cilios arqueados uma luz suave, que domina, que eletriza o espirito mais arredio das pugnas do amor.

Vive despreocupada e feliz no doce enlevo das suas fantasticas iluzões, na discuidoza atitude de quem nunca sentiu alma a dôr retalhante da saudade, nem a ponta acerada do aguilhão da desventura; vive á maneira de um travesso colibri, saltitando de galho em galho, confundindo-se com as corolas multicores das flôres, a busca do netar adocicado que o alimenta e vivifica.

Frequenta assiduamente o nosso Lyceu, onde, pelo estudo, galgou o segundo degrau de professora, gozando pela sua inigualavel delicadeza da estima de suas colegas de envolta com a distincção dos seus professores.

Será, com certeza, um dos ornamentos do grande altar do saber, cuja hostia comungará ao lado dos seus pares.

A sua modestia faz com que viva retratada dos folguedos a que a sociedade, ce remoniosamente nos impói.



DESTERRO

Já me não amas? Basta! Irei, triste, e exilado
Do meu primeiro amor para outro amor,
sozinho...
Adeus, carne cheiroza! Adeus, primeiro
ninho
Do meu delírio! Adeus, belo corpo adorado!

Em ti, como num vale, adormeci deitado,
No meu sonho de amor, em meio do cam-
minho ..

Beijo-te ainda uma vez, num u timo carinho,
Como quem vai sair da pátria desterrado...

Adeus, corpo gentil, patria do meu de-
zejo!
Berço em que se emplumou o meu pri-
meiro idílio,
Terra em que floreceu o meu primeiro
beijo!

Adeus! Esse outro amor ha-de amargár-
me tanto
Como o pão que se come entre extranhos,
no exílio,
Amassado com fêl e embebido de pranto...

OLAVO BILAC.

CREPUSCULO

Olha ali no horizonte aquela nuvem escura
Que déce, lentamente, o sol encobertando
Quanta saudade leva!...—A noite vem
[chegando...]
—Já cintila no espaço a Vesper linda e pu-
[ra.

E' triste o pôr do sôl, inda mais triste
[olhando
As dobras do passado, envoltas na amar-
[gura,
Sem termos junto a nós a divinal brandura
De um consôlo bendito as horas embalan-
[do ..

—Vam-s. Corajem! ardô! a lira sustentem-
[mos,
Um hino de respeito ao héto modulemos
Espalhando por tudo amôr e aspiraçôis!...

—Abramos nosso peito e ao menos um mo-
[mento
Deixemos deslizar o nosso pensamento
Na planície sem par de muitas iluzôis! ..

S. Luiz.

HILTON FORTUNA

CONFISSÃO

Vivôr, ô! linda flôr dos meus sonhâres,
Eu já não posso mais nesta incertêza,
De possuir ou não os teus pensares,
E o teu sorrir de esplendida belêza.

Louco, interrogo á terra, aos céus, aos
mâres,

Se tu me tens amôr, com sinjeleza,
A mim respondem: Lê nos seus olhares,
Todo meiguice e anjelica pureza.

Então eu fui audaz, em versos vim,
Aqui fazer-te injenua confissão,
E perguntar se amôr sentes por mim.

E desse teu piedôzo coração,
Devo esperar o que? um meigo-sim...
Ou por ventúra um desprezível—não?...

REIS PERDIGÃO

Teve a ventura de lhe haver servido de
berço, uma vilazita poetica á marjem di-
reita do rio Munim, que, de certo, rejubi-
la-se em receber anualmente a vizita de
sua filha tão querida, que procura levar-
lhe o nome com o seu esforço intelek-
tual.

"E quando os olhos para o céu levanta
Inundados de mistica dôçura
Nem parece mulher, parece santa!"

Habita a rua do milagrozo santo feste-
jado neste mez pelo terrivel crepitar, das
fogueiras.

Traz o nome da virgem mãe de Cristo—
é o dôçe e incomparavel nome de Maria.
"Nesse ponto, de subito, me calo,
E, sem dizer seu nome, todo mundo
Fica logo sabendo de quem falei!"

JOTA EFE.

Teatro Eletrico

PERSONAJENS

Jovino—estudante
Maria—nar orada de Jovino
Elza—amiga de Maria

CENARIOS

Uma praça pequena, vendo-se ao fundo
uma igreja com as duas janêlas do côro
abertas. Maria e Elza trepadas na janêla
da torre da igreja assestam binoculos pa-

ra o Jovino que parado na esquina ainda
não as vio.

1. CENA

Maria (com o binoculo nos olhos, para o
Jovino) Pisciu! pisciu!

Elza—Pisciu! ciu! ciu! ..

Jovino (olhando, com surpresa) Y!...
muito bonito, muito chique... (encami-
nhando-se para uma das janêlas da igreja).

2. CENA

(Maria e Elza que deceram aparecem,
ao mesmo tempo, na janêla de que o Jovi-
no se aproximou).

Jovino (tirando o chapéu) A senhorita
perdôa; mas... mas...

Elza (ironicamente) mas?...

Jovino—Mas eu não posso, e nem devo
mesmo deixar de observar á senho-
rita, em nome talvez de certo sentimen-
to...

Maria—não o percêbo...

Jovino—Melhor para a senhorita e peor
para mim que pensava...

Elza (simulando admiração) o senhor
pensava?...

Jovino (desconcertado)—sim, pensava; e
isto cauza admiração?...

Maria—(conciliadora) de modo algum...

Jovino—deixai então que eu con-
clúa, pensava que a senhorita me estivesse
compreendendo, mas, como se dá ao con-
trario:..

Maria (interrompendo) Não, o senhor
desculpa, eu o entendo, sim...

Jovino—A' isso é outro cantar, já que
me compreende, continuô: em nome desse
sentimento de que já falei e que a senhori-
ta bem conhece, eu lhe observo que, ape-
zar de achar muito chique, ou melhor,
muito excentrico esse sistema de... de...
"brinquedo"... no telhado da igreja, acho
tambem extremamente perigozo pois se
num dado momento a senhorita descuida-
se [com vóz trajica] perde o equilibrio...
volveia no espaço... [comovido] volteia no
espaço... e vem... e se... e agora eis emi-
galhado no lajêdo um anjo de beleza, um
querubim de perfeçôes e... e... a senhorita
sabe, a gente tambem tem coração e eu
seria capaz [arrebatando-se] á! eu seria
capaz de disparar...

Elza e Maria [ão mesmo tempo] O que,
meus Deus, um tiro na cabeça?!

Jovino [calmamente] enganam-se, era cá-
paz de disparar num carreirão prá caza...

JAPI PARASSU.

TEUS OLHOS

Teus olhos são tentadôres
Como iguais não posso achar
Transformam tudo em amôres
Ensinando-nos a amar

São ternos e matadôres.
Sempre lindos a brilhar,
Como sôl de mil fulgôres
Quando me estão a fitar.

ALTAIR.

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

RUA 28 DE JULHO, 53 — SÃO LUIZ

Presidente—Djalma Fortuna.
Vice-presidente—Joaquim Luz.
1.º Secretario—João V. Ribeiro.
2.º Secretario—Henrique Caldeira.
Bibliotecario—Belarmino Borgneth.
Tezoureira—Mariêta Fortuna.

ASSINATURA ANUAL 2\$000

«O Ateniense» será enviado á imprensa mediante permuta.

SAUDOZO ADEUS

Meia noite.

No sino vibrante da Catedral, soavam as doze badaladas de um dia que morre, de um ano que fenece, de um mez que se acaba. Bem dita sejáis, ó formosa e poetica noite de 31 de dezembro! Como eras bela e majestosa! Ó noite divina. Mil vezes ainda me recordei com saudades de ti. Como éras risonha, ó noite benfazeja e rutilante, onde tudo éra gozo e ventura e a vida me corria tão feliz e tão alegre, como num imenso mar de bonanças ou num incomparavel mar de rozas!... O' noite! como já vais longe e ainda me lembro da tua passagem, com uma imorredeira saudade! De ti, ó noite querida, nunca me esquecerei.

Guardo-te dentro da minha alma, como se tora algum deadema de rainha. Tudo nessa noite parecia que sorria! Tudo cantava! Tudo éra belo e formoso! Muzica e flôres em profuzão! Bendigo mil vezes a noite de 31 de dezembro! Bendigo e mil vezes repito: Bendita sejáis, ó formosa e prateada noite,

Como éra belo o viver assim como eu vivi, somente nessa noite.

O' noite!... Vivi junto, ao lado dessa encantadora joven gozando, das suas doces e animadôras frases de amor, brotadas de um coração de perolas, nascidas de uma alma tão nobre, como éra a da pessoa que eu amava mais que a propria vida; que adorava; que daria cazo fosse preciso a minha existencia de joven para salvar a dela. Mas... não eram precisos sacrificios. Ambos eramos felizes.

Eu éra tão feliz que não trocava a minha existencia pela de outrem do Universo. Ela éra ainda mais feliz do que eu; éra formosa e bela, como as moças de Judá; gracioza e meiga para mim não havia outra no mundo; o seu sorriso dominava todos por assim dizer; o seu porte

éra divino e anjelicá; o seu olhar cativante e arrebatador!... Era a virjem das virjens!

Era uma Deuza! Deuza das minhas iluzões e das minhas fantazias, de joven apaixonado! Nunca voltarás, noite, e por isso ponho ponto final dizendo: Adeus noite! Adeus! e comigo levei para o além tumulo o segredo dessa minha tão casta e tão doce amada e as saudades sempre vivas dessa noite, em que desapareceu para nunca mais voltar, o saudozo 1915.

Adeus! Adeus!...

TIMVALEN ANDRADE.

NOTAS

Um celebre funambulo coestadano descobriu o sistema aperfeiçoado de eletroburofonia, introduzindo as lampadas electricas nos calhambotes da Ferro Carril. Viva o progresso e chova arroz!

O Nestore Berdureira nunca mais beio cá p'la redação a dare um poll'gada de proza, entr'gou-se todo ao amore e é o que se bê, já save conjugare em todos os tempos, modos, pessoas, numeros e casos o bervo amare...

Está instalado provisoriamente em uma séde aerea um clube sportivo para “football” sob a denominação “Little foot-ball” assim constituido: Mr. Petrus Melo, Carlos Teixeira, M. A. Barros, Carlos Matos Pereira, Antero Matos e Augusto Reis, 1.º pujilo, dr. Lemos Vianna, Vertiniano Meireles, Julio Guimarães, João da Mata, Alvaro Caldas e Joaquim Luz 2.º e 3.º pujilos.

Por noticias que só nós sabemos, foi agraciado com o titulo de 1.º auxiliar do 2.º ajudante do 3.º substituto do 4.º suplente do 5.º conductor interino da Cruz Vermelha o nosso maravilhozo colega José Perdigão.

Está definitivamente assentada a exposição nacional de reliquias que se efetuará este ano, para isso já foram requisitados as seguintes raridades.

O dicionario do major Cabral, a electricidade da Ferro Carril, a injenuidade do Aggenor Postal, a lindeza do professor Juvenal, um quilo e quatrocentas grammas da cabelreira do Perdigão e bigode inteirinho do João Vitor e outros especimens; serão gentilmente cedidos pelo dr. Garrido o seu fraque e sua pôze; pelo Zéca Rego seu smatismo; e pelo João Teixeira sua primoroza coleção de versos.

FON-FON.

ANIVERSARIOS

No dia 3 deste mez, fez anos a nossa illustre consocia Corina Caldas, um dos mais brilhantes ornamentos do escól maranhense; em 5, o consocio de agremiação, o simpatico luzitano Nestor Madureira, que, nesse festivo dia, viu-se cercado dos seus muitos amigos, singeros admiradores de suas boas e raras qualidades de amigo corréto e leal; a 8, a competente professora Aurina Valadão, nossa intelijente e devotada consocia.

JOÃO V. RIBEIRO

Foi incontido o nosso contentamento, ao vermos transcorrer; no dia 15, a data natalicia do nosso talentozo confrade João Vitor Ribeiro, que com reconhecida dedicação dezempenha o lugar de 1.º Secretario da Sociedade Literaria Barão do Rio Branco, onde se tem distinguido já pelo seu trabalho perseverante, e já por c onstituir para “O Ateniense” um dos seus mais fortes sustentaculos.

O aniversariante, que exerce o lugar de Escriuario de nossa Alfandega, é geralmente distinguido pela sua alta competencia no dezempenho de suas funções, e é tido como um dos mais competentes funcionarios daquela repartição.

Por tudo isso, pela imensa admiração com que é distinguido na S. L. B. R. B., foi-lhe feita naquele dia uma significativa e expontanea demonstração de apreço aos seus meritos.

HENRIQUE CALDEIRA

Mais um distinto colega de sociedade natalicia-se este mez: o querido e simpatico patricio de Camões cujo nome lê-se sobre estas linhas, no dia 21.

O aniversariante exerce, com raro zelo e competencia, o cargo de 2.º Secretario da S. L. B. R. B., e no dezempenho desse cargo se tem imposto á distincção de todos quantos aqui trabalham pela maneira digna e desvelada com que encara as coisas que nos dizem respeito atinentes aos interesses sociaes. É um cavalheiro de trato afavel que pela sua lhanceza é geralmente distinguido na sociedade maranhense, mormente pelos que compõem esta agremiação, que tem o nome de Henrique Caldeira escrito na lista dos seus melhores amigos como galhardão a suas peregrinas qualidades moraes.

Será tamanho o nosso contentamento no dia 21, que ele não se poderá fujir aos nossos abraços e manifestações de simpatias.

HILTON FORTUNA

Partiu em 22 do passado para o Rio, pelo "Ceará", o nosso ilustre colega Hilton Fortuna um dos mais fortes elementos da nossa agremiação, deixando-nos, assim, privados da sua utilíssima convivência por tempo não sabido, pois vai em busca de um ar mais sadio que o nosso, onde possa expandir o seu promissor talento e cultivar sua reconhecida inteligência, aparelhando-se para as grandes lutas literárias, donde, não muito longe, virá colher os louros da vitória que justamente lhe aureolarão a fronte majestosa.

O Hilton desta vez já não vai sem itinerário, como da outra, pois, tendo sido distinguido pelo Exmo' Sr. Ministro da Justiça para exercer o lugar de escrevente juramentado da Provedoria e Resíduos, da Capital Federal,—cargo que assumiu em 2 deste mez e que, dada a sua inegável competência, virá a exercer-lo condignamente, levou dentre as melhores intenções a de cursar uma academia e publicar um livro de versos, que se intitulará "Saudades".

Não cabemos em nós de contentamento, pelo muito que temos de esperar do talento poéta, nosso companheiro de tenda, que para honra nossa e gloria da "Atenas" certamente virá formar com os grandes vultos literários desta terra que serviu de berço a João Lisboa, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Odorico Mendes, Aluizio Azevedo, Coelho Neto e muitos outros.

Joze' M. Jezuz

Por um ato da mais inteira justiça o sr. Ministro da Fazenda promoveu a 3.ª escriptorio da nossa alfandegã, o nosso estimado confrade José M. de Jezuz que com real competência e reconhecido zelo exercia ha tres anos o cargo de 4.ª escriptorio da mesma repartição.

E' um funcionario exemplar e possuidor da estima e afeição de todos quantos com ele trabalham, e sua promoção foi um fato que nos alegrou imensamente. Temos o prazer de contal-o no meio dos nossos consocios de agremiações pelo que mandamos daqui os nossos sinceros abraço de congratulações ao digno colega.

Notas telegraficas

[Retardadas por defeito da linha radiotelegrafica].

PARIS, 5—"L'Eco" diz que enquanto existir ponto de observação na torre Eiffel, os alemães não fazem seu "espíquitó" nas aguas europeas.

LONDRES, 12 agosto—O Kronprinz atij-

rou uma pedra no telhado de vidro que cobre o palacio de S. M. Jorge V, não produzindo abalos de qualquer qualidade.

—Um aviador alemão de nome desconhecido caiu de um zepelin espetado no para-raios da catedral da igreja presbiteriana.

—O Tamiza secou quando soube da projetada invazão tedesca.

—O Rei só deixará de puxar as orelhas do Kaiser, se elle as tiver cortado.

—As tropas reais seguiram a todo vapor para as fronteiras inimigas, afim de evitar que os alemães entrem na Italia, como si estivessem em caza da sogra.

REVISTA MARANHENSE

E' grande o nosso contentamento quando nos chega ás mãos a excelente coletanea literaria e artistica de confrades maranhenses que traz o titulo acima.

Os rapazes que trabalham na sua redação se teem esforçado por manter da sua publicação a linha segura e reta das melhores revistas.

E o conseguiram, porque vem sempre repleta de proza amena e verso caprichoso, formando um conjunto excelente de literatura agradável.

Gratos, auguramos muitas prosperidades futuras na sua trajetoria.

Conselhos praticos

Parece mal deitar a manteiga pela crosta do pão, porque suja as mãos e até a roupa.

Parece mal viver para comer, porque se come para viver.

Parece mal têr-se em cada rua uma namorada, porque se fica ás vezes sem poder sair de caza.

Parece mal calçar as luvas nos pés e as meias nas mãos.

E' mais razoavel o branco no preto do que o preto no branco, aquele sai facilmente e este só á benzina.

Não se deve andar sobre o mar como sobre a terra porque se corre o risco de ir ao fundo e não poder beber-lhe toda a agua.

Atenta contra a pólidez quem oferecer uma caixa de rapé a uma senhorita.

ZÉ BEDEU.

Fon-fon

"Fon-fon" é um interessante reporter que mediante o ordenado de sua boa vontade ofereceu-se a nos ajudar com toda a lealdade, prometendo não atropelar ninguém.

Terá sua seçõesinha em nosso jornal e de fôcos acezos nos dirá em suas "Notas" o que colher de bom e melhor.

Aceitamos de bom grado o seu concurso porque nesta terra onde não há ainda electricidade "Fon-fon" será rei, percorrerá todos os distritos com a velocidade maxima de 836 1/2 caximbos por segundo e então nada haveremos de ignorar.

Procurem-no na sessão competente e o encontrarão farto de noticias.

RECEBEMOS

"O Propulsor", bem redijido diario independente que se publica em S. Felix da Baia, de propriedade dos srs. Demetrio de Araujo & Filho. Traz nos numeros que temos em mãos excelentes artigos de redação com farta e escolhida colaboração e nitidas fotografias.

Recebemos tambem "O Cosmopolita", oima publicação da Capital Federal que vem sempre repleta de escolhida colaboração e apreciaveis artigos editoriais em prol dos interesses da Nação e dos habitantes da Praia Formosa e Petropolis.

Gratos, permutaremos.

Para a pitoresca vila de Cajapió, onde foi a passeio, seguiu nosso colega de agremiação Jozé Perdigão, repouzar dos labores do estudo de seis mezes consecutivos.

Fazemos votos sinceros pelo seu breve regresso, mas com uma condição: que nos traga outra conferencia interessante e bem cuidada como a ultima que nos leu quando fez excursão pelo interior do nosso estado, sem o que far-lhe-emos saltar a cabeleira espaventoza com um obuz alemão.

EXPLICAÇÕES

(aula de portuguez)

PONTO:

"Deixem-me darem começo aos trabalhos".

Periodo composto porque tem duas palavras ligadas por um traço de união.

Sujeito—"quem quer que seja"—oculto pela ação do verbo—"deixem", rejido pela particula pronominal sujeita—"me".

Predicado—"darem"—neste cazo o verbo vai para o plural para concordar com o complemento circumstantial de logar "onde", que são—"os trabalhos".

"Começo"—nome determinativo indicando a vontade de trabalhar.

PF. KELLST.

CAZA BORDALLO

Depozito dos mais elegantes e modernos calçados.

Botas polainas em todas as côres para homens e senhoras.

PREÇO MODICO

Rua Grande, 27—Maranhão



DOMINGOS MACHADO

A escola Maranhense viu com especial agrado transcórre a 5 do corrente o aniversário natalício do venerando professor Domingos Machado.

A exemplo dos tempos primitivos em que o povo de Jerusalem rendia veneração aos devotos apóstolos da palavra de Deus, esse povo vigoroso que é a flôr das esperanças da patria ren eu também homenagem ao virtuozo mestre, verdadeiro apóstolo do ensino, dando àquela data a solenidade propria das grandes datas.

A escola é como um desses grandes desertos de que nos fala a ciencia; aí milhões de almas se cruzam em busca do elemento afortunado do saber e em meio dessa travessia longa e penosa ha um idolo abençoado, um oásis sigrado a cuja sombra todos encontram a dedicacão expontanea, o superior interesse de lhes preparar a senha do luminoso caminho da gloria, e esse idolo é o professor Machado.

Nele o Maranhão tem um de seus mais admiraveis filhos, pois, cingido do vivo amor consagrado a essa numeroza familia que ele adotou vem-o todos os dias a distribuir carinhosamente o verdadeiro pão, o verdadeiro alimento intelectual ao vigozo exercito escolar.

E é daí que nasce a homenagem sincera! dessa multidão amiga que todos os anos lhe vai levar o gesto unanime de seu reconhecimento.

A S. L. B. R. B. consigna aqui tambem o tributo de sua amizade ao inclito professor Machado.

COORDENANDO

Ha quinze dias dobrámos a esquina do primeiro semestre e tomámos rezolutos o caminho que nos ha de levar ao fim do ano.

Vimos com certo dezanimo decorrer todo o mez de Junho numa exquízita frieza que até o proprio São João e o venerando administrador dos dominios celestes, passaram sem encontrar aquela grande influencia dos outros tempos.

Antigamente todos se preparavam com entusiasmo para festejar a passagem dessas duas notaveis personagens da historia sagrada e não havia rua onde faltasse uma crepitante fogueira, oriunda das crenças avoengas, em honra aos milagrosos santos.

Este ano, p rem, a cidade não se ajitou e tivemos de passar de baixo dessa mesma

escuridão a que nos habituámos, prestando assim homenagem á conhecida pasma-ceira em que anda a progresso da nossa terra.

Excedeu, entretanto o limite da expectativa a influencia do quinto poder do Estado, o pessoal da 3ª classe com referencia ao tradicional "bumba meu boi".

A estatística policial assinalou a cifra de doze "fazendeiros" que obtiveram a necessaria licença para função do "bumba" o que granjeou a tal brincadeira ser elevada á categoria de "manança".

Fôra disso tive acazião de apreciar algumas "sortes" que ainda fazem parte do "chic" dessas noites e têm algo de interessante.

Está ainda dentro dos habitos de nossa gentis patricias, deitar sortes diferentes para que os Santos mostrem de uma misterioza maneira quais serão os noivos que terão de receber com elas a benção ritual do matrimonio.

Preparam para isso um variado banquete formado de frações do café, do almoço, do jantar, da ceia, do chá e de todas as merendas que tiverem durante o dia.

Em um compartimento reservado arrumam tudo sobre uma meza, dispõem pratos, copos, talheres, cadeiras, tudo isso murmurando uma oração especial de invocação á sagrada autoridade do dia.

Isto feito cada uma se recolhe com reverencia para ao dar de meia-noite ir espreitar com fé o vulto que ha de estar assentado á meza em determinada cadeira, a peticar aquelas iguarias, com tanta disposição como se esteja em casa da sogra.

Esse vulto que ha de ser de homem ficará gravado do pensamento da contemplada e será reconhecido no primeiro encontro.

Foi uma dessas sortes que mereceu a minha troça quando me contaram que interessante vizinha tivera o minuciozo trabalho de preparar um opiparo regabofe para tal fim e ao dar de meia noite encontrou o "Veludo" a lambem as ultimas migalhas do apetitozo menú.

Pela primeira vez na vida o "Veludo" achára uma pessoa amiga do seu delicado fãro e ainda teve o gaudio de passar por um elegante rapaz que momentos antes assumira o papel de "primo" e idolo de todas as esperanças da Nhazinha. - IRBÉRIO.

PARTIDA

Dôze horas e já a campa anuncia a retirada dos que não se alistaram no rôl de passageiros.

Começam, então, as despedidas tristes, entre cortadas de soluços e votos de prosperidades.

— Quanto nos faz vibrar a sensibilidade esse instante que se não pôde esquecer!

— Dizer adeus aos pais e aos irmãos, aos amigos estimados e ás pessoas queridas, é uma canção que nos faz rociar as paipbras com o pranto ardente da saudade...

— ...Largou o vapor e o helice começa lentamente a rodopiar, deixando larga esteira de espuma branca e revólta, cujo murmurio parece tambem que nos diz adeus.

A terra vai diminuindo pela distancia. As palmeiras do sabiá, os campanarios mudos, as cupulas altivas não formam mais que uma faixa cinzenta e fujidia e dentro em pouco não distinguimos senão o limite escuro das costas lá no horizonte e que não muito tarde desaparece tambem.

— De lado a lado, só temos agora a imensidade impenetravel do oceano azulado e no alto a abóbada salene do espaço infinito, enquanto as maquinas dezandam a todo vapor deslocando 13 a 14 milhas por hora...

— Sentamo-nos pensativos no tombadilho enchugando as lagrimas frias que nos inspirou a separação e nosso pensamento lijeiro, voltando atraz, revê os recantos prediletos da terra querida que deixamos e o navio avança em sua marcha balanceada cortando as aguas profundas e varridas pelo açoit constante dos ventos fôrtes.

— E' a hora do crepusculo. O sol vermelho e arreadado pisca desferindo os ultimos raios sobre a vastidão das vagas e pouco a pouco mergulha-se no ocazo e a noite desfralda o manto escuro envolvendo tudo em tristeza.

Quanta saudade! Quanta recordação nos traz o pôr do sol, em pleno oceano, assistido apenas pelos elementos.

Elevamos a vista e nado vemos. Nosso coração confranje-se e nada nos consola. Izolamo-nos de tudo.

Em breve, suspensa na imensidão do espaço, a lua surge prateada e nitida e aos nossos olhos parece que éla canta uma melodia triste e enamorada. As estrélas circumdam-n'a como que para ouvir aquéla canção que nós tambem quizeramos entender...

— No salão, os passageiros divertem-se variadamente para amenizar as horas lentas; porem nada nos prende a atenção.

Nosso todo é prezo pela saudade infinita que não podemos descrever.

Aos nossos ouvidos ainda cantam vibra-

PARNAZO

CEGO

Pelas estradas limpas e floridas,
Sob o sol coruscante e esplendoroso,
Passa gígado um mísero inditoso
Cégo, sem lar, errando pela vida!...

Não conhece a ventura, não tem gózo,
Nunca viu o fulgor de uma luzida
Alvorada solene!—Na jazida
De uma treva constante anda moroso...

E no fim da jornada, éle, cansado,
Se aconchega na rélva do campado
Repoizando a cabeça em tenro arbusto.

--Entregue á noite escura que lhe prende
O pensamento incerto éle distende
Sonhando de mulher formoso busto!...

Rio, Junho—9 6.

HILTON FORTUNA.

DÚVIDAS

Quero te amar e temo com franqueza
Meu grande amor não ser correspondido
Pois que já tenho quase que certeza
Que teu afeto está comprometido

O teu olhar dotado de beleza
Por quem abraço a luta decidido
Não me retira a palida incerteza
Onde palpita um sonho estremeado

O dedicado e puro sentimento
Que te consagro dentro d'este peito
Nada possui de falso e finjimento

E qu'ele veio sofrego sem vicio
Dum coração impavido é perfeito
Que distancia não mede ao sacrificio

H. BRAUNA.

FELIZ NATAL

A Dídica

Quando o primeiro sopro d'alvorada
Varreu de leve o brilho das estrélas,
Inda minh'alma era levada pelas
Azas do sonho. A meiga passarada

Enchia a terra calma e enluarada
Das sublimes canções, doces sinjelas,
Que encham de amor essas manhãs tão
belas.

E ao desperta dessa feliz noitada

Um ano mais marcava o calendario
De minha vida e, entanto, tu, somente,
Comemo aste o meu aniversario!...

Dando a essa data um fulgurante ornato,
Numa expressão cheia de afeto ardente
Me ofereceste o teu gracil retrato.

S. Luiz—Junho—1916.

J. RIBEIRO.

doras e soluçantes as vózes de despedida
dos nossos amigos diletos e temos ainda
na retina o sacudir branco de muitos lenços
que nos disseram adeus.

E assim continuamos toda a viagem divi-
dindo o tempo entre a lembrança confort-
tante e a saudade sentida...

Bordo do «Ceará», 22—5—916.

HILTON.

Meus netinhos...

—Comadre Rapoza criara, com todo
mimo e cuidado, sua filha unica Rapozin-
ha, a mais elegante, a mais linda, a mais
educada de toda vila.

Não se separavam um só instante as
duas queridinhas.

—Minha filha, dizia ela, o fruto do meu
trabalho, a menina dos meus olhos, o enredo
do meu do coração, não é para qualquer bi-
gurrilhas pegar! Quem quiser moça boni-
ta, que puxe pela bolsa!

Rapozinha era, em verdade, muito lin-
da e meiga. Desde os primeiros anos de
sua proveitosa existencia, sua querida mãe
a internara em um convento, para que
vivesse lonje desta sociedade vil, perversa
e depravada.

Foi ali, naquele palacio todo fechado,
que os netinhos vêm quase a sumir-se dos
nossos olhos, que aprendeu as primeiras
lêtras e educou-se até então, a sinjela e
docil Rapozinha.

De lá não saía, senão um dia por mez,
dia tão almejado por ela, pobrezita, em
que ia passar no feliz conchego de sua
familia, gozando de uma temperatura sua-
ve, de um teto mais amigo, onde tudo

lhe sorria e nada lhe parecia mal. Era fe-
liz a meiga Rapozinha, um dia por méz e
samente um dia.

Era linda a filhinha delicada da Rapoza.

A beleza do seu rosto, a cor dos seus
labios, o brilho dos seus olhos, o timbre
de sua voz, o seu modo de tratar, o seu
porte sinjelo, o seu corpo esbelto, fazia
da encantadora camponia, a mais linda
d'entre todas as colegas.

..

E foi por isso mesmo que, em pouco
tempo, despertou logo a atenção do Mestre
Macaco, o inimigo voraz o detestador da
Rapoza.

Mestre Macaco, que habitava o predio
fronteiro ao da encantadora joven, todos
os dias, em que ela saía do desterro, lá
estava ele, solitario, com seu uniforme de
gala, servindo de estaca á janela.

Até então, o coração da Rapozinha, fe-
chado e impenetravel, começou a sentir as
primeiras manifestações do amor.

Se ele a queria bem, ela ainda mais o
amava, e não havia meio de esquecel-o um
só instante.

Como era ditozo o Macaco!

Como era feliz a Rapozinha!

Dai por deante, encetaram una nova
vida, uma vida inda mais feliz que a de
outrora

Somente, para transporem as parédes
gigantescas da vida material, um obstacu-
lo restava, opondo-se aos seus maiores
dezejos; era o consentimento da Rapoza,
para que fossem felizes eternamente.

De repente, no pequenino cerebro do
traquejado Macaco, assomou uma idéa

reparadora dos obstaculos amorozos—a
fuga.

—E como conseguir tal, se a Rapoza
não se separava um só instante de sua
joia?

Mestre Macaco, que é pau p'rá toda
obra, não tardou em formular um plano
mui facil e bom de execução. Arranjou
umas vestes de mendigo, caracterizou-se
maravilhosamente, e tomando de um cordei-
ro, sentou-se no campo e entrou a obser-
var formigas, carregando fragmentos de
pão, para a sua habitação.

Eis, que surjiu na curva do caminho,
a «individualidade» da comadre Rapoza,
que ia socegaamente ao mercado, com-
prar viveres para aquele dia tão festivo
pois, a rica Rapozinha, terminara o seu
curso e abandonara para sempre o fune-
bre convento onde vivera internada.

Vendo o Macaco, em tão critica posição,
quiz recuar, pensando tratar-se de algum
maluco, porem, como a curiosidade imper-
rou, dirijiu-se ao suposto mendigo, mui
receioza.

—Deus Nosso Senhor lhe dê bons dias!

—Bom dia! respondeu secamente o
monje.

—Inda que má lhe pergunte; que o se-
nhôr tá fazendo aí?

—Não sabe ?? (Perguntou o Macaco fin-
jindo espanto).

—Se soubesse não lhe perguntaria.

—Pois então não sabe, da promessa di-
vina? Não sabe que só se salvará, indo
para o reino do ceu, quem fizer p'assar o
cordeirinho num formigueiro?

E'isto que estou fazendo... E continuou a
sua pezada tarefa, esfregando o fucinho
do paciente animal, no formigueiro reple-
to de habitantes.

—Que me diz senhor de Deus?! Quero

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

RUA 28 DE JULHO, 53 — SÃO LUIZ

Presidente—Djalma Fortuna.
Vice-presidente—Joaquim Luz
1.º Secretario—João V. Ribeiro.
2.º Secretario—Henrique Caldeira.
Bibliotecario—Belarmino Borgneth.
Tezoureira—Mariêta Fortuna.

ASSINATURA ANUAL 2\$000

«O Ateniense» será enviado á imprensa mediante permuta.

salvar-me, quero ir ter ao ceu ! Livrae-me pelas sete chagas de Cristo !!

—Eu tenho um rebanho em caza, se vossa mercê quizer, lhe cederei este animalzito, enquanto irei buscar outro...

—... Oh ! Como é o senhor amavel, como me sinto feliz deante de tanta amabilidade !! Mas... como hei de passar este animal numa dâsa tão minuscula ?

—Passa, comadre, a'agua mole em pedra dura, tanto dá até que fura"....

Lá ficou a pobre Rapoza, cumprindo seu fadario, enquanto o Mestre Macaco, com a mais educada de toda Vila, a filha unica da Rapoza, transportados nas azas do Cupido, foram habitar no reino de fantasticas iluzôis...

O avô de vocês.

Com ares de cronica

AQUELQUE CHOSE MALHEUR É BON

Parece inacreditavel que a sinistra hecatombe em que estão submersas as nações da Europa e já de quazi todo o mundo, possa trazer alguma coisa de util e progressivo para as demais nações

Lendo o “The Christian”, de Londres, deparei com a noticia de que foi criada no King's College uma cadeira da lingua espanhola, afim de preparar no manejo desse sonoro idioma os rapazes que se dirijem ao curso do comercio internacional.

Nos Estados Unidos já existe elevado numero de estabelecimentos onde se ensina espanhol com o mesmo fim de preparar os rapazes para o comercio «yankee» com os paizes da America do Súl.

Foi, em verdade, um fato que elevou ainda mais a doce lingua de Emilio Castellar, contribuindo ainda para maior estreitamento industrial e comercial das nações americanas.

No Brazil, terra que todos governam, panela onde todos metem sua colher, temos que nós arremediar mesmo com o hespanhol. Porque absolutamente nenhum paiz civilizado ouzaria tentar em seus esta-

belecimentos publicos e particulares o ensino de uma lingua toda viciada, falada de um sem numero de formas e feitios, escrita de mil modos, como o é a que falamos. Eis a verdade. Aqui ninguem se entende, a propria lingua que uzamos ninguem conhece bem. O estrangeiro vê cinco ou seis especies de escrita em uma só palavra, e, certamente, diz que o portuguez só para quem ouve desde pequenino. O estrangeiro acrecenta ainda: aqui em nosso paiz a coiza é assim, de uma só forma, ninguem tem o direito de alterar porque a ninguem é dado fazel-o, exceto aos grandes e reconhecidos mestres, concios de sua tarefa.

E foi assim que a Hespanha teve o ensino do seu idioma ministrado na Inglaterra e nos Estados Unidos e para um fim tão lucrativo como o foi.

São coizas que não são para o nosso bico.

D. F.

ANTONIO LOBO

Ainda perdura no espirito do povo maranhense o dezastrado arranco que levou ao tumulo o brilhante jornalista, escritor emerito e fulgurante sociologo Antonio Lobo.

O seu dezaparecimento estremeceu o robusto alicerce do templo literario de nossa terra, onde ele exercia funções especiaes e superiores.

Na nancada onde ele labutava, todos os seus companheiros dominados por um sentimento unanime, rendiam um sincero preito de veneração aos seus dotes intelectuais.

Antonio Lobo empregando seu precioso tempo á cultura literaria de sua terra prestou á posteridade um valiozo cunho de sua mentalidade, que jamais deixará de receber as homenajens deste povo que felizmente sabe apreciar esses ornamentos gloriozos de um paiz culto e civilizado.

A labuta literaria era para Antonio Lobo o pão quotidiano onde ele buscava o alimento e conforto intelectual que lhe davam vigor e elemento proprio, tornando-se assim um vulto de destaque.

A fama que ele granjeou ecoou lonje, em todos os recantos do Brazil e até mesmo no estrangeiro e por isso não houve quem não tivesse palavras de tristeza ao espalhar-se a funesta noticia do dezaparecimento desse apostolo esforçado da literatura brasileira.

O fruto de seu trabalho aí está em relevo estampado nas obras que deixou e nas paginas inapagaveis dos nossos jornais onde sua pena teve sempre a primazia.

O seu derradeiro esforço jornalístico “A Tarde” proclama, pois, foi verdadeiramente heroica a atitude que ele assumiu, colhendo as redeas diretrizes de um vesperino seu, cujas paginas eram matizadas pela sua colaboração vibrante e quazi unica.

A memoria de Antonio Lobo perjurará

como eterna credora dos brios literarios do Maranhão onde sempre houve homens de reconhecido valor intelectual.

A S. L. B. R. B. envia tambem á sua memoria uma corôa de saudades pelo vacuo impreenchivel que ora se vê em seu quadro honorario.

Universidade d'“O Ateniense”

V

(Dr. N. G.)

Findas as «terias» d'Universidade Venho de novo demonstrar que vivo, Apresentando um bom facultativo Que exerce bem o officio na cidade.

E' forte, esperto, izento de vaidade E sempre traz na frente um ar festivo, Alem de seu vocabulario ativo Que não reforma nem para um abade.

Tem grande devoção com S. Vicente, E por isso socorre a muita gente, Patrocinando a causa da pobreza.

Entre os colegas d'arte esculapina Tem bem cumprido a mundial doutrina Com gestos d'alma e loiros de nobreza.

IRBÈRIO.

Henriette Bricotte

Decorreu a 1.ª do corrente o aniversario natalicio da nossa distinta consocia Henriette Bricotte.

Mlle. é natural de Bar-le-duc, distrito de França e ha quatro anos se acha no Brazil onde tem trabalhado pelo desenvolvimento de seu idioma com tanta dedicação quanto patriotismo.

Depois de passar em S. Luiz cerca de dois anos, onde gozou de geral simpatia, retirou-se para a cidade da Parnaíba onde continúa a merecer a acolhida dos nossos patricios.

A Mlle. Henriette um «bouquet» de sinceras felicitações envia a S. L. B. R. B.

EXPLICACÔIS

(aula de geografia)

Ponto: A terra, sua divizão e principais fenomenos.

Meus alunos.—A terra é o conjunto das coizas segundo as quais se anda e se corre perfeitamente em cima do mapa.

A terra se divide em quatro partes: norte, sul, oriente e poente.

Norte é a parte da terra que de maneira alguma consente que a bussola vire para outro lado.

Sul é o polo da terra onde ainda não consta ter ido gente viva.

Oriente é parte da terra onde dizem tor-

habitado tres reis; um preto, um caboclo e um branco.

Poente é a parte da terra onde o sol se esconde para não encandear a vista á luz da lua.

Os principais fenomenos da terra são: os vulcões que não podem passar sem tomar de quando em vez um purgante, o que os faz vomitar fogo e lavas; a esfinje do Ejito que ainda não achou um escultor que lhe endireitasse o rosto; a feiura do pessoal do Japão e da China, a prezunção do kaizer e a pretendida orijinalidade pedestre dos portuguezes.—PF. KELLST.

DJALMA FORTUNA

No «Brazil», que passará hoje pelo nosso porto, toma passagem para Fortaleza, o nosso talentoso companheiro de trabalho Djalma Fortuna, que, nomeado recentemente, por um ato justo do exmo. sr. dr. Diretor Geral dos Telegrafos, vae empregar sua atividade e reconhecida competencia na Estação Central, da patria de Alencar.

O Djalma, que pressurôzo embarca para a terra de Iracema, deixa um vácuo indê-level nesta caza que sempre o teve a sua direita, já como Presidente, em diversos periodos, já como Secretario noutros; e em todas as ocasiões mostrou-se sempre um batalhador infatigavel e intransijente, que a sua partida nos deixa combalidos a ponto de duvidarmos do nosso futuro.

Dos quatro esteios fortes que formaram a base principal da nossa construção—Hilton e Djalma Fortuna, Agenor Santos e Manoel Lisboa—só o «Dante» estava ainda ao nosso lado, a nos encorajar com a sua pena fértil e com a sua indomavel força de vontade para a continuação da obra por ela começada.

E nós que aqui ficamos, pobres peças secundarias da grande obra que empreendemos, muito sentimos e muitos vámos perder com a sua partida.

De lá, porem, paternizados duplamente com os do Hilton, estâmos certos, nos virão encorajamentos e auxilios bastante suficientes para levarmos a termo a nossa cruzada santa.

As belezas da terra da «Luz», dos «verdes mares bravios», auxiliadas pelas saudades que leva o nosso companheiro, dar-lhe-ão, certamente, inspirações sublimes para que ele nos ofereça inéditos alexandrinos e prozas leves, amenas e boas, em fim.

E, pois, num mixto de tristeza e contentamento que registamos a auzencia do Djalma desta caza; tristeza porque nos privâmos do seu convivio benefico e agradavel; contentamento porque sabemos que as horas que lhe sobrarem do seu trabalho, lá serão applicadas em estudos que assentarão as bases firmes da formação solida do seu espirito promissor, aumentando assim a nossa esperança de vemos, muito bre-

ve, o primeiro livro da grande serie que a sua capacidade permite produzir, assim queira aperfeçoar-se e corrigir-se dos defeitos de principiante e continuar tendo o grande amôr que agora tem pelas coizas de arte e pelo futuro literario do nossa «Atenas».

Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco»

MOVIMENTO DO MEZ DE MAIO DE 1916

Por portaria de 14 foi nomeado para o cargo de 1º secretario o socio João Vitor Ribeiro, em substituição ao sr. Hilton Fortuna que pediu exoneração do cargo por ter de se retirar para o Rio de Janeiro; pela mesma portaria foi nomeada tezoureira a socia Mariéta Fortuna em substituição ao socio Enock Souza.

MEZ DE JUNHO

Em sessão de 7, foram eliminados, a pedido, Enock Souza, José Vasconcelos, José Carneiro Vieira, Cipriano M. da Silva, Manoel R. Franco e Mario R. de Souza, e, por infração do regulamento, os srs. Vitor Azevedo, Raul Viana e Olímpio Lima.

—Foram admitidos para o quadro de colaboradores os srs. Numa Oliveira e Everjisto Cazaes.

—Por portaria daquela data foi promovido a efetivo o socio Marcos Rios.

—A 30 realizou-se uma sessão civica comemorativa do 7º dia do falecimento do socio honorario Antonio Lobo.

O socio João Vitor Ribeiro, eleito orador official, discorreu sobre a individualidade do morto, sendo bastante aplaudido.

Assistiram á sessão diversos socios e admiradores de Antonio Lobo.

ESTADO SOCIAL

Efetivos—socios	12
socias	15

colaboradores	57
honorarios	9
benemeritos	6
correspondentes	3

	78

TELEGRAMMA

NACIONAIS

Rio, 9—Todo Rio Janeiro anda carros diante bois só porque respeita minha autoridade juramentada. Penso serei promovido bisbo.—HILTON.

(Radio) Alto Mar, 9—Foi encontrado altura Cabo Frio, grande lejião cereias conduzindo imponente cabeleira. Cantavam surdina: «perdigoto..., perdy... perdigão...».—AGENOR.

Fortaleza, 9—Grandes estejos estão preparados recepção telegrafista D'jalma. Comissão promotora elejeu padre Cicero orador encarregado benzer nariz.—LINDOLFO.

ESTRANJEIROS

Pariz, 16—O generalissimo Joffre soube aqui que um membro da S. L. B. R. B. compareceu numa sessão da mesma fardado de dama da «Croix Rouge». Designada uma comissão para apurar a noticia essa desmentiu, afirmando que o Zé Verdigão apenas cinjira o emblema sem intenção malefica.

Berlim, 16—Chegou aqui ex-membro da S. L. B. R. B. José Vasconcelos, um moto plano que deslocava «uma palavra em 18 horas mais ou menos». Foi imediatamente nomeado Barão Von Boratof, sendo publicados todos os seus artigos «germanifogos» d'«O Ateniense».

NOTAS

O João Vitor (d'oclos d'aro d'ouro) recebeu convite para membro de uma associação beneficente dos bigodes alheios.

Já viram como ele vive «afabilizando» o seu?

O Zé Fortuna, o Luz, o Madureira e o Vicente deram para veterinarios, digo, veterinarianos... ultimamente se alimentam com carangueijos e filhos com intervalos de iodo e sardinha...

O Djalma tem andado surumbatico e simisfrodico por cauza de ter deixado o coração dentro de um queijo de S. Bento... coitado!... no Ceará também tem queijo e... quem sabe? ... ele não fabricará algum por lá?...

O Belarmino montou de sociedade com o Caldeira um importante monopolio de traquitandas com o fim de desenvolver o trafego dos velo-burros da Ferro Carril. O que é certo é que os eletro-burros já vão sendo substituidos por aquelles.

O Borgnéééééth á primeira vez que foi á Ponta da Areia tomou um banho de chuva com o guarda-sol aberto em plena floresta.

Coitado... veio molha'o e... «escorrido» como um pintinho.

O Caldeira («sor» Brito) todas as vezes que encabula não córa, mas puxa o touço do p'scoço.

Como é interessante o «sor» Brito!...

O ATENIENSE

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANO 5

◇ MARANHÃO, 18 de agosto de 1916 ◇

NUM. 64

18 DE AGOSTO

BATE-NOS ás portas a auspicioza data comemorativa da fundação da nossa agremiação, o que traduz mais um loiro granjeado no dezempenho ardoroso de nossa espinhoza tarefa.

São quatro anos de lutas que se passam durante os quais nenhum dezánimo obstruiu a rota anteriormente trachada o que nos dá orgulho, ao menos pelo nosso propozito de constituir uma sociedade literaria e trazel-a sempre aos hombros para o calvario da gloria.

Fracos, sim, porem, com a rezistencia forte de nossa vontade o que se não pode desmerecer, aqui estamos ainda solícitos ao trabalho, na linha de nosso elemento.

Em 1912, quando uma meia duzia de estudantes fundou *O Canhoto* ninguém poderia supor que naquêl pujilo inexperiente e fraco fecundasse mais tarde o germen da literatura, que formou o solido alicerce da Sociedade Literaria Barão do Rio Branco.

Via-se neles apenas o espirito humoristico que os comprazia, aavez de uma troça picante e inofensiva; eram pequenissimos astros que procuravam logar no firmamento do jornalismo, onde pudessem atirar os páldos raios de sua criação.

E assim se passou a primeira faze, a faze matriz do impulso que tomaram.

Em 1913, melhor orientados, ergueram segundo vôo e apareceu a actual agremiação de letras sob o patrocínio da memoria do maior dos brasileiros, o chanceler modelo que tantos loiros granjeou para si e com muito maior honra para a nossa estremecida patria.



E daquela época até hoje nada se tem a admirar senão o esforço paciente que se tem feito para suster com valor esse bloco que procura a vanguarda do campo literario.

Não obstante se acharem deslôcadas diversas juntas desse machinismo ideal a memoria do seu patrono vai misteriozamente aparelhando essas peças que ainda aí estão fortes e felizmente ainda se pode apresentar a Sociedade Literaria Barão do Rio Branco na estatística nacional.

Nas fileiras da S. L. B. R. B. ensaiou-se com brilhantismo o nosso infatigavel companheiro Hilton Fortuna, autor de primozos versos e o mais pujante colaborador d'*O Canhoto* e d'*O Ateniense*, até hoje. Ainda estão aí nos anais de nossa

vida literaria: *O meu jardim*, interessante seção dedicada ás pequeninas flores do belo sexo, *Fatos e fitas*, seção de cronicas; *Maria*, e *Rio Branco*, maravilhozas poezias de Hilton Fortuna que demonstram o subido valor de sua pena.

Depois de Hilton destacam-se Djalma Fortuna, João Victor Ribeiro e Joaquim Luz (*Bastião*) o principe do humorismo d'*O Canhoto*, que têm dado boas produções dignas de menção,

E assim muitos outros se têm notabilizado pelas colunas daquelas folhas.

Na segunda linha de patronato figuram Coelho Neto, Olavo Bilac, Teixeira de Souza, D. Luiz d'Orléans, Domingos Machado e dr. Aquiles Lisboa, vultos de reconhecido valor que constituem o quadro honorario da Rio Branco.

Podemos, portanto, com segurança, cantar hozanas á memoria de Rio Branco e nos vangloriar de que temos

cumprido fielmente o nosso dever, procurando sempre ser dignos do nome que nos patrocina.

Dominados pelas mesmas aspirações que temos alimentado até hoje esperamos crescer para figurarmos um dia na coleção bibliografica de nossa terra.

Em comemoração ao 18 de agosto se realizará hoje na séde da Rio Branco uma sessão solene na qual tomará posse do cargo de Presidente a socio João Victor Ribeiro, eleito em 30 de Julho ultimo.

PARNAZO

Nossa terra

Recitado pelo autor a 28 de julho, no Jockey-Club, por ocasião da festa comemorativa do 93º aniversário da adesão do Maranhão à Independência.

A lembrança da terra! O' quanto é bôa
E como, dentro em nós, canções entôa
A saudade vibrando!...

Foi lá que o alvorecer vimos primeiro
De uma linda manhã e que o cruzeiro
Nos saudou rebrilhando!

Foi lá, na terra amada, que sentimos
A corajem da vida e lá que ouvimos
De nossa mãe o canto;

Foi lá que, pequenitos, nós passamos
Inocentes de tudo e que estudamos
A magua, o rizo, o pranto

Nosso berço materno tem doçura;
Não se encontra prazer, maior ventura
Nem carinhos mais sãos;

Tudo lá, para nós, são rizos, flôres,
Porque somente lá temos amôres
De pai, de mãe, de irmãos!..

E sob aquêl sol sempre imponente
Que doura as palmas verdes, docemente,
Com seu beijo de luz,

Nos bancos escolares aprendemos
A batalhar no mundo onde só vemos
O encanto que seduz!

Embora percorramos o universo
E passemos no meio mais diverso
Do recanto natal,

Por ele, tão somente, o nosso peito
Palpita modulando, um terno preto
De orgulho perenal.

Bem se pode partir, viver ausente,
Muito longe de lá, indiferente
Ao nosso Maranhão;
Mas aquêl que parte da cidade
Vai deixando na barra, com saudade,
Inteiro o coração!..

Rio—julho—916.

Hilton Fortuna.

Lá e cá

Ao passo que a culta Europa,
De extermínio, numa luta,
O solo seu todo ensopa,
Exibindo força bruta;

Ao tempo que, do Senhor
Até as cazas profana,
Por toda a parte o horror,
Levando, de forma insana

Do Novo Mundo as nações,
Os povos na barbaria,
Têm nobres aspirações.

E, com sublime energia,
Evitam vis oppressões,
Vivendo, em plena Harmonia.

D. M.

Adultera

—Conheces este vulto?... E' como os assassinos
Que matam proclamando o mizero peccado...
—Como já lhe está longe a noite de noivado,
E como esqueceu ja da sã virtude os hinos!..

—As delicias do lar outrôra immaculado,
Repleto de ventura e sonhos cristalinos,
E'la trocou vicioza em modos libertinos
Pelo alcoice mais vil de despudor formado.

—Despiu-se da vergonha e fez do matrimonio
Um lodaçal imundo ao lado de um Pe-tronio
E traz gravado á fronte o estigma do mal.

—No vicio resvalando em lubrica vorajem,
Envolve-se de lama e toda a negra imajem
E',—cancro peçonhento,—um virus infernal!..

Rio—julho—916

Sorte

Vive-se um dia, e tudo nos parece
Transbordante de graça e de prazer.
A dôr não conhecemos, e a crescer
A ventura dos céus á terra deca.

Tudo em nós se levanta a reviver,
Nosso peito a cantar nunca emudece,
Porque tudo em redôr, vibrando, tõece
Essa harmonia sauta do viver!..

Emfim, o furacão, traidor da sorte
Escurece o horizonte e sem suporte
Foje toda a ventura e toda a calma ..

E assim dissipam-se os prazêres tantos,
Deixando apenas a saudade e prantos
Perenalmente vivos dentro d'alma!..

Rozas e sonhos

Entre goivos, jasmims e brancas açucenas
Naceu grande lençol de rozas muito belas
Tendo a leve corôla encarnações sinjêias
Da rózea maripôza e divinalis falenas.

E eu me puz a colher, contente, todas élas,
Tão lindas como a aurôra e frêscas é pequenas
Cujos ternos perfumes e sensações amenas
Perderam logo após murchando na lapêla. .

—Assim quando na vida os sonhos nos des-
pontam
Recolhemo-los sempre, em paternal carinho,
Dentro dos corações onde os pezâres montam.

E como a roza] murcha, os sonhos também
morrem,
Todos têm igual fim no mundo vil, daninho,
Onde tudo é iluzão e as esperanças correm ...

S. Luiz-março-1916

HILTON FORTUNA.

Campo Santo

Os anos matam e dizimam tanto
Como as inundações e como as pestes...
A alma de cada velho é um Campo Santo
Que a velhice cobriu de cruces e ciprestes
Orvalhadas de pranto.

Mas os sonhos não morrem como as flôres
Como os homens, os passaros e as fêras...
Retalhados de injurias e de dôres,
Renacem para o sol de eternas primaveras
E de eternos amôres.

A's vezes na mudez ampla e dormente,
No horrôr profundo, na profunda calma
Do Campo Santo, ouve-se um grito ardente.
E' a saudade! é a saudade! E o cemiterio
d'alma

Acorda de repente.

Uivam os ventos funerâes medonhos
Brilha o luar, as lapidas se ajitam,
E sob a rama dos chorôis tristonhos
Sonhos mortos de amor soluçam e pal-
pitam

—Cadaveres de Sonhos.

Olavo Bilac.

Saudade

A DIDICA

Tinjem-se d'oiro as portas do Ocidente
Assinalando o fenecer do dia,
E ao derradeiro olhar do Sol-poente
Sôa no campanario a Ave-Maria

Tudo esmorece e paulatinamente
A noite deca e uma paixão sombria
Faz soluçar o coração da gente
Num profundo terror de nostalgia.

E é nesse instante tético do ocazo
Que têm cantado os deuses do Parnazo,
Que o dezalento esta minh'alma invade,

Enquanto a briza a ciclar perpassa
Levando a ti numa festiva graça
Meus suspiros de amor e de saudade.

Agosto 1916.

J. Ribeiro.

A vingança

O bandido elegante entrôra pela pórtã
Da finjida amizade e adulterou-lhe o lar...
—Ante a injuria o marido enlouquece a raiivar
E a coléra espumante o peito não comporta!..

Doas balas silvando encontram-se no ar:
Tomba o marido morto em duêlo que corta
O coração, e o outro, a fugir, deixa morta
Uma vida preciosa e que devêra amar.

Um filho, inda pequeno, ante a desgraça
amãra,
Sobre o corpo do pai a vingança jurôra,
E, no tempo que vôa, a idéa não se esvá!..

... Finalmente, já meço, encontrando o buri-
dido
Faz reviver a cena e no odio incontido.
Fere o monstro, cai morto e assim vingou
seu pai!..

* * *

"O ATENIENSE"

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

Joaquim Luz—Vice-presidente, em exercicio.

João Victor Ribeiro—1.º secretario.

Marieta Fortuna—tesoureira.

Henrique Caldeira—2.º secretario.

Belarmino Borgneth—bibliotecario.

Assinatura anual 2\$000

"O Ateniense" será enviado á imprensa mediante permuta.

Mais uma data feliz

«Comemoram hoje os rapazes da Rio Branco o segundo aniversario de vida da sua futuroza agremiação».

C'est par ces mots que le maitre Antonio Lobo commençait dans l'«Ateniense» du 18 Août 1915, un article que je trouvai trop court, mais qui voulait dire à lui seul tant de choses!

Et cette année notre journal ne nous donnera rien de cette plume savante et fine qui nous intéressait tant, soit dans les livres du maitre, soit dans ses articles de «Pacotilha» et d'«A Tarde».

«Mais uma data feliz»... Certes oui, pour l'Association qui amplifie chaque jour sa vitalité pour croître au dedans et au dehors:—au dedans, par l'entente, mieux que cela, l'union, entre tous ses membres; pour les progrès réalisés et qui vont en augmentant... Au dehors, par le bon renom de la société, par l'attrait de l'«Ateniense» vraiment littéraire... Oui, c'est encore une date heureuse entre toutes et je souhaite à la «Rio Branco» de la voir se renouveler longtemps, longtemps encore, pour montrer à tous que la jeunesse maranhense est impérissable et qu'elle sait vouloir.

«Mais uma data feliz... mais aussi une date «saudosa». Et vous comprenez bien pourquoi ce mot essentiellement brésilien vient sous ma plume puisque, en commençant cet écrit, je vous ai parlé de l'illustre maranhense qui a disparu beaucoup trop tôt. S'il vivait encore, il honorerait de sa présence le cercle intime des associés de la «Rio Branco» et ce serait un bonheur pour tous. Et c'est à cause de son absence que le 18 Août cette année est «saudoso»... Et à cause de lui, laissez-moi vous citer un passage de Bossuet, passage bien approprié à la mémoire du maitre regretté:

«Trouvez bon sentement que je vous fasse ressouvenir de sa tendresse paternelle pour les pauvres du peuple;» (J'ajouterai: et tant d'autres!) «c'est le plus bel endroit de sa vie. Consolez-vous dans cette pensée et ne songez pas tellement a

la sévérité des jugements de Dieu, que vous n'ayez dans l'esprit ses grandes et infinies miséricordes. Il a dit qu'il jugerait les justices, mais il a dit aussi qu'il ferait miséricordes aux miséricordieux. Mr. le M. a été bien-faisant dans cette pensée. Vous savez les peines d'esprit et de corps qui l'ont suivi jusqu'au tombeau sans lui donner aucune relâche. Dieu à voulu que vous et ses fidèles amis eussent la consolation de voir qu'il n'était pas au nombre de ceux qui ont reçu leur récompense en ce monde».

N'est-ce pas que notre immortel Bossuet eût pu dire tout ceci en parlant du maitre et ami qui a choisi cette grande date du 24 Juin pour s'éloigner de nous? Mais l'esprit de l'illustre maranhense demeure. Il nous a laissé de belles œuvres que nous ne devons pas ignorer pour faire honneur à l'écrivain de talent qui souhaitait à la «Rio Branco» au 18 Août 1915 ce que je lui désire au 18 Août 1916: «... com tanto afeto e boa vontade lhe vem acompanhando e admirando os passos na vida literaria do Maranhão».

France—Brésil.

Com ares de crônica

Já lá vão quatro anos. Eramos quatro estudantes de Liceu, eu me lembro como se fôra hoje. Naceu dentro de nós a vontade de ser jornalistas e disse ninguem nos despersuadiu.

—Fundemos um jornal, seja de que especie ou feição fôr, dizia um dos noveis literatos.

—Façamos perfis, trocemos os conhecidos da época, façamo-nos poetas.

E foi debaixo desses pontos tão frajeis que se constituiu o programa de um jornal que já hoje tem nome, que hoje vive na realidade do progredimento hodierno. Vieram á luz da publicidade perfis babozos e até lubricos e bem atrevidos; atirou-se ao ridiculo das esquinas e rodas estudantinas os rapazes que naquele tempo faziam as delicias dos salões dos saráus mais altamente conceituados; rimaram-se versos de atrevimento insólito debaixo da capa do humorismo; elevou-se em sonetos e poezias a senhorita de olhos verdes que impressionava o grupo que se levantava rumo do ideal laboriozo do progresso da mentalidade humana.

Os dias se sucederam... Hoje um conto da carochinha, amanhã um soneto nos páramos da fantasia, e depois a proza que paulatinamente se foi aperfeiçoando castiça, seguin-

do rumo das coizas edificantes e sublimes.

Foi assim que há 4 anos se fez um jornalzinho que teve o nome de «O Canhoto», e que tendes em frente, caro leitor, com o titulo de «O Ateniense». Este nada mais é do que a colheita do fruto que aquêle semeou. Foram os inteletos que progrediram, foi a pena que procurou clarear no papel a luz turva da sapiencia, tornando essa luz o clarão meridiano da intelijencia que se ilustrou, foi a mente dos pequeninos de hontem que, procurando adeptos para seu labôr dignificante, seguiu estrada fóra, até ouvir a alacridade constante das flôres vermelhas do jardim da obediencia. Já não é mais o jornalzinho do humorismo picante e insulso dos estudantes do ginazio de 1912, é hoje «O Ateniense» um farol que promete luz brilhante, e luz para aclarar talvez as gerações vindouras!

Hoje, que me vejo lonje da terra que me viu nacer e voar com esses colégas para as lejiões lonjiquas do saber humano, hoje o dia que demarca a data sempre lembrada para nós do fincar solene e prometedor do nosso primeiro marco nessa estrada pedregosa e ingreme que todos conhecemos, não é sem chorar que eu escrevo estas linhas.

Elas constituem uma homenagem aos meus queridos confrades e amigos da Sociedade Literaria Barão do Rio Branco, para que continuem com denôdo na tarefa que começamos nos tempos saudosos da meninice, certos de que da terra de Alencar, onde me acho agora, lhes irão tudo quanto os «verdes mares bravios» me inspirarem.

D. F.

Fortaleza.

A's florinhas do amigo Feijó

Sempre gosto, minhas amiguinhas, de palestrar com vocês. Me sinto tão bem; a minha rabujice até se torna mais suportavel e o meu reumatismo mais côndecendente enquanto sinto o olfato impregnado do perfume que de voces se desprende para acordar na minha alma, todas as recordações de uma éra, todos os sonhos de venturas, toda a minha vida de mocidade, quando tudo me corria facil e despercebido!

Eu fico alegre porque as vejo alegres e felizes, mas depois as minhas lagrimas incontidas derramam-se pelas minhas barbas brancas como gotas de orvalho num montão de ruinas. Choro copiozamente, minhas amiguinhas, e choro porque tenho

saudades da minha juventude e porque tenho pena de vocês que, como eu, seguem a passo celerado para esta faze da vida que não devia existir.

Já as minhas amiguinhas não são as mesmas florinhas que outrora nos alegravam tanto; já a vaidade vae irrompendo este candido jardim de inocencia e carinho e estigmatizando nesses corações de bondade e pureza, os sentimentos da vaidade mundana, que tudo devasta e tudo revoluciona; já não são simples botões nacentes; já viram o despertar de mais de um dia; já sentiram o azorrague ardente do sol á pino e a gelidez de noites sombrias e tristonhas, martirizarem-lhes as faces assetinadas; já querem, pelo seu viço, pelo seu perfume, pelo rozeo de seus labios, pela brancura de suas faces, pelo conjunto infinito de sua beleza, receber elojios proprios, especiaes.

E assim, embaladas nessas primeiras iluzões fantasticas, nesses sonhos de crianças, vão as minhas amiguinhas se desprendendo deste formozo bouquet que ornou, com galhardia, por muito tempo, este que sempre foi amigo fiel de vocês — «O Ateniense.»

Daqui assistimos, minhas amiguinhas, eu e os meus companheiros, o dezabrochar de todas vocês no «Meu Jardim» do Feijó.

Como frajeis hastes, vergõntes mirradas adoramolas e carinhosamente fizemos que viessem os botões e que esses se tornassem flores. Vocês, minhas amiguinhas, tornaram-se formozas e conjuntamente foram o nosso enlevo e inda mesmo depois de abertas e descoradas as corolas que engalanavam a sua juventude, mesmo assim, minhas amiguinhas, nós teremos um sacrario para nele depositar uma petala de cada uma de vocês. formando assim, num ramo sêco, — que encerra todo o nosso afeto, todo o nosso carinho para as ingratas que já tão cêdo nos privam da sua graça, da sua beleza, do seu perfume, — o simbolo da verdade e do amôr.

Jovira.

POSTAS FEMININAS

O homem deve ser sincero para corresponder o amôr de uma mulher.

O amôr é como a flôr que dezabrocha pela manhã exalando um suave perfume.

O amôr só é sincero sendo espontaneo; mas sendo obrigado, nunca pode ser verdadeiro.

Assim como as flôres tornam-se viçosas ao receberem o orvalho que as humedece e vivifica, assim também nós tornamos alegres e felizes quando estamos perto da pessoa amada

Altair.

A vida é um mar de amarguras onde navegam as iluzões, a esperanza e a ingratidão, porque as vezes quanto mais amamos mais nos desprezamos.

O meu coração é o sacrario onde guardo a hostia do teu olhar.

A lagrima muitas vezes é o simbolo da dor e muitas vezes o da alegria. Em muitas occasiões choramos de alegria, e essas mesmas lagrimas são logo substituidas pelas do sofrimento.

C.

O PRIMEIRO AMOR

Carlos contava 6 a 7 anos, quando sua mãe teve a infelicidade de enviuar. Como D. Maria (assim ela se chamava) ficasse pauperrima, ele desde então começou a trabalhar, afim de sustentar sua familia de que assumira rezolutamente a chefia.

D. Maria lastimava-se bastante vendo o seu querido filhinho trabalhando como um homem, porem ele lhe dizia: «mamãe, nada receie por mim, pois o trabalho dá vida.»

Ela enchugava as lagrimas e se consolava por ver que ele vivia sempre contente.

Carlos creceu e se empregou bem, ganhando o necessario para viver, sem grande dificuldade e desde esse dia, D. Maria tornou-se satisfeita por vel-o alegre e feliz. mas, como não ha bem que sempre dure, algum tempo depois, elle tornou-se triste e abatido. D. Maria reparando nisto, chegou-se a elle e perguntou-lhe a razão dessa tristeza e abatimento e como ele nada respondesse, ela muito aflita indagou se elle havia perdido o emprego. Carlos apenas sacudio a cabeça em sinal de negação.

Estarás doente? redarguiu D. Maria, por acaso te roubaram alguma couza ou te insultaram?

Carlos se conservou sempre no mesmo silencio, meneando a cabeça.

D. Maria ficou por algum tempo imovel e pensativa; depois batendo palmas exclamou: «sim! sim! já sei perfeitamente do que se trata, tudo isto são questões de amôres não é querido filho?»

Ao ouvir estas palavras, Carlos tornou-se rubro e erguendo a cabeça disse: «Sim, querida mãe, estou convencido de que o coração de mãe não se engana, é verdade que se trata de amôr. Eu não acreditava que isso existisse, porem pela primeira vez o estou conhecendo e não escarnecerei mais dos meus amigos, quando me disserem:

«Carlos, eu estou apaixonado por F.»

Então hei de lhes dizer «tendes razão queridos amigos, o amôr brota em nossos corações, sem que possamos descobrir sua existencia, assim

como as flores embora dispendidas de suas hastes conservam o fragôr que tanto nos seduz e cativa.

M. F.

A Academia Maranhense

Com indizível contentamento registámos em nosso protocolo o soerguimento desta prestante agremiação literaria que acaba de entrar na segunda faze de sua evolução.

A julgar pelos solidos paredros que lhe deram o nome não poderíamos crêr que semelhante pujilo ficasse eternamente envolvido nas sombras do abandono, quando cada um deles constitue um fulgurante planeta do firmamento da literatura indijena.

A utilidade dessa associação manifesta-se perentoriamente por todos os principios do desenvolvimento literario do Maranhão.

Para nós especialmente ela é um valoroso incentivo para as pugnas que enfrentamos, pois o que ela fizer nos servirá de exemplo e marcharemos pelo caminho que deixar traçado.

Aos ilustres membros da Academia Maranhense os nossos votos de prosperidade.

O Vencido

A luz mortica de uma lampada de azeite, prestes a se apagar, como um mendigo num ultimo alento, alumia-va frouxamente aquêlê gabinete de miserias e destroços, onde jazia quase desfalecido, cabeça pendida para o peito largo e possante, um rapaz ainda novo, de estatura mediana, olhos grandes, barba mal cuidada e fisionomia de quem sofria uma grande dor.

Rodeavam-no quatro paredes nuas e sujas pelo tempo e pelo fumo da candeia.

Em dezordem estavam espalhados no mizero apozento um velho sofá de madeira preta, sem palha, algumas cadeiras, uma estante com livros mal arrumados, tendo em cima, numa moldura sem vidro o retrato colorido de um ancião, coronel de cavalaria.

Em frente do rapaz, que continuava imovel, uma escrivaninha cheia de papeis estava prestes a desaparecer num montão de manuscritos retirados sofregamente de um grande caixaõ de pinho.

Enquanto todo aquele destrôço permanecia na sua imobilidade in-

28 DE JULHO

quebrantavel, lá fóra, na rua, toda a população se ajitava; garôtos apregoavam jornais da noite; grupos de ambos os sexos palravam alegrementte dirijindo-se para os cinemas e teatros; velhas beatas recolhiam-se das novenas remoendo uns restos de oraçõis; os bonds passavam apinhados; os carros rodavam com estrondo; os automoveis fonfonavam e nos quarteis tocava o recolher.

Sobresaltado com umas sutis pancadinhas na porta, Roberto, saiu da imobilidade em que permanecia e levantando a cabeça disse numa voz quase soluçante:—não quero café, Maria, deixa-me só.

Uma rapariguíta ainda nova, appareceu na porta entreaberta e entregou a Roberto uma carta.

Este depois de le-la quase sem interesse, principiou a passeiar precipitadamente, pelo apozento, com lances trajicos de desespero.

E' que Roberto outrora rico e feliz levou uma vida de bohemia e não cuidou nos seus trabalhos literarios que principiados com entusiasmo ficaram incompletos. Uma novela que chegou a publicar e logo em seguida um livro de versos puzeram em destaque o seu talento e se proseguisse chegaria a ser uma gloria.

Mas, não precisava—dizia êle! Agora, porem, na faze dolorosa da vida, depois de haver sucessivamente perdido pae e mãe e ter o Banco onde depositava os seus avultados haveres falido fraudulentamente, encontrou-se á braços com a miseria.

Num rasgo de heroismo digno de louvor, para não envergonhar a memoria de seu honrado pae, não privar do costumado conforto sua innocente irmãzinha. interna de um collegio e não faltar ao compromisso que tinha com uma pobre menina que o amava verdadeiramente, Roberto quiz recommear sua carreira litteraria. Alguns romances, poemas e peças teatrais, começadas com calor outrora, se pudessem ser concluidas e publicadas lhe as segurariam, certamente, o futuro. E nessa confiança robusta, qual filho prodigo regressando ao lar abandonado, entregou-se aos estudos, pondo em ordem os seus manuscritos começados. Mas... cruel decepção! Os abalos successivos de que fóra vitima num curto lapso de tempo, deixaram-no entorpecido.

Ele que outrora tinha o cerebro a borbotar um mundo de idéas grandiozas; a sua pena que não se cansava de transmitir ao papel os mais cadentes versos e as mais sublimes paji-nas de prozas diversas; êle que tentou sempre com exito superior todos os ramos da litteratura, que discutiu sabiamente as mais intrincadas questõs de direito politico, que subiu do verso de gazeta, ao poema arrebatador, do folhetim ligeiro ao romance

de arte, da cronica corriqueira á polemica encarniçada—estava ali agora diante da sua escrivaniha num entorpecimento doentio, sem uma idéa, sem uma saída, sem poder escrever duas palavras, verdadeiramente impotente, incapaz de rimar uns réles versos.

Era dolorozo o estado apatico do cerebro ao pobre Roberto!

* *

A cidade toda adormecia; tudo era silencio; o respirar quase moribundo de Roberto tornava mais lugubre aquêlo apozento tósco.

Os primeiros sinos tocavam, os galos cocoricavam, ao lonje as fabricas chamavam o operariado e os hortelheiros e padeiros principiavam a sua faina. Roberto entreabrindo os olhos sonolentos, tendo a face descorada como um cadaver, exalou um profundo suspiro e quedou-se novamente com um gemido surdo que traduzia toda a sua dôr, toda a sua angustia pelo aniquilamento completo das suas faculdades tão superiormente ensaiadas nas suas primicias, no primeiro arranco espontaneo do seu talento.

E assim permaneceu, entre os destroços do seu primeiro esforço, até que os raios de sol flamejaram-lhe nas faces, como que sentimentando aquele joven vencido.

Vieira da Luz.

Esculpindo

Venho entalhar um grandiozo vulto
Que transluziu no céu do mundo culto,
Com sublime fulgor,
Buscando os loiros eternals da gloria,
Que traduzidos nos anais da historia
Figuram com valor.

Da *Officina dos Novos* foi artista,
Teve nome de grande jornalista
E muito labutou,
Vencendo tudo ao manejar da pena,
Como um soberbo heroi da grande arena
Onde loiros ganhou.

Estão aí para a posteridade
A proclamar essa mentalidade
Nobre dos maranhenses:
PELA RAMA, a bellissima CARTEIRA
DE UM NEURASTENICO e a obra alviçareira
NOVOS ATENIENSES.

E quando mais de vida precisava
Para o subido nome que gozava
Mais alto colocar,
Um malfadado sopro do destino
Fê-lo tombar num desvario indino
E enviuvou seu lar.

Irbério

Comemorou-se a 28 de julho ultimo o 93.º aniversario da adeção provincial á independencia nacional em 1823.

A passagem dessa data deve sempre nos dar grande satisfação, pois relembra o rasgo de altruismo e ombridade patriótica do nosso primeiro e lejítimo soberano que nos deu independencia.

D. Pedro I interpretando o grande problema nacional, encontrou a necessidade de desligar os brasileiros do governo portuguez, dando-lhes assim elemento proprio para se governarem por si.

O brado do Ypiranga, terá através de todos os seculos, notorria nacional, as sonóras vibrações de um salmo sacrosanto e de suaves acórdes.

Quando a 27 de Julho de 1823 aportou em S. Luiz a galéra *Dom Pedro I*, que conduzia Lord Cockrane, mais tarde Marquez do Maranhão, acentuaram-se nas veias maranhenses os impulsos de uma ajitação anormal e incontida.

Ignorava-se por completo a significação dessa chegada imprevista.

No dia seguinte o missionario do Imperador dava conta de sua incumbencia e fazia no Maranhão a adeção á Independencia do Brazil, que o povo acolheu com ruidozas manifestaçõis de entusiasmo e patriotismo.

Mais tarde quando o paiz entrou em novo rejimen governamental, trazendo á antiga provincia a categoria de Estado republicano, foi aproveitada essa mesma data para a publicação solene da constituição estadual, como para lembrar o feito que nos deu autonomia,

O 28 de julho, portanto, deve ter na historia local especial menção, pelos principios essencialmente celebres que elle comemora.

Revista Maranhense

Recebemos o numero 5 desta revista que alem de um substancial artigo sobre Antonio Lobo, de quem estampa o retrato, tem farta colaboração em proza e verso.

Férias Amargas

João, filho de um lavrador riquíssimo, estudava num colejio na cidade e era muito estimado e respeitado pelos seus colegas, nem só porque tinha dinheiro, como também porque sabia se impor.

Era um rapaz elegante, trajava-se muito bem e dispunha de uma inteligência raríssima.

Depois de quatro anos de estudos João foi gozar as férias em companhia de seu pae na fazenda.

Esta ficava retirada de uma outra cidadezinha, meia legua mais ou menos.

João tinha por habito ir a missa nessa cidadezinha todos os domingos e num d'elles ao entrar na igreja encontrou-se com Deolinda, a menina mais bonita d'aquelle lugar, por quem logo se apaixonou.

Terminada a missa João voltou para fazenda de seu pae, bastante triste e assim passou o resto do domingo e toda a semana.

No domingo seguinte a primeira pessoa que vio na igreja foi Deolinda, êle então se derijio a ela, cumprimentou-a muito cortezmente e depois já quaze ao terminar a missa lhe declarou o seu puro e santo amôr, que ella muito meigamente aceitou.

João já não ia só aos domingos á cidadezinha, ia todos os dias afim de gozar a santa e carinhoza companhia de sua querida Deolinda e nessa doce felicidade se iam esgotando as férias.

Terminadas estas ele partia para a cidade afim de continuar seus estudos, prometendo a Deolinda que dentro de tres anos voltaria formado em medicina e se cazaria com ella.

Tres anos depois João voltou formado e comunicou a seu pae que tinha um compromisso a cumprir e contava com seu consentimento.

O pae logo que soube do tal compromisso de seu filho tratou de lhe desviar d'essa pretensão.

João loucamente apaixonado e vendo que seu pae se opunha ao seu cazamento, prefere morrer do que faltar com sua palavra de honra para com Deolinda.

Um dia pela manhã o creado entrou no quarto de João afim de lhe servir o chá e encontrou o joven medico morto...

Deolinda tres dias depois indo collocar flôres sobre o tumulo de seu noivo infeliz, ajoelhou-se e só d'ali saiu quando lhe collocaram em um outro tumulo.

B. B.

UM POËTA

Ele éra um tipo tão orijinal que si não existisse seria preciso inventar, como dizem por aí os sabios da escriptura popular.

Seria necessario um invento qualquer que produzisse essa figurinha atrapalhóna e *snob* escandalozamente ridicula que constitua o gôzo infalivel das reuniões dansantes onde êle jatenciôzo dava sota e áz.

Quazi sempre envergava uma fatiota escovada pelo tempo mas repassada pelo alfaiate, ostentando á *la boutonnière* uma florinha branca fazendo *pendant* com a gravata manhoza de arabêscos japonezes laçada em borboleta. Quanto á cabeleira, imaginasse logo, sem explicações, éra longa e luzidia, aparada á italiana, deixando as orelhas num abafadiço medonho e o cogóte em uma nudez raspada e rubra.

Da cabeça aos pés, éra de un aspeto solene de um vate boemio que muito pouco liga ás exigencias da vida material, quando no entanto pretendia ser um refinado poéta moderno...

...Uma ovação na hora dos recitativos, lhe coroava infalivelmente o nome repetido de bôca em bôca, com um tique de galhofa velhaca e êle na sua majestade imponente e estudada, caminhava pensativo ao piano, pedia ao pianista a D. lila, lançava um olhar em torno de si, litava a luz da sala, olhava o chão e puxando a sustancia vocal alambicada dava inicio ao recitativo:

«Não me esmagam mulher os teus
sorrizos,
Eulenho mais orguiho do que pensas.
E rio-me tambem»...

E dava uma gargalhada forte e depreciativa.

«E' de balde que tentas humilhar-me.
Porque oizo pensar, vê tu que
insania.
Que eu tambem sou alguem!...»

Batendo no peito, pavoneava-se todo vitoriozo, fazendo flamejar a cabeleira, e rodande sobre os calcanhares; continuava:

«Alguem que veio ao mundo sem
familia,
Um produto do acazo...»

Por aí seguia enfiando toda a poezia, primando sempre em fazer os gestos e trejeitos que não podia dispensar.

A final, a sala fremia em bravos!, e êle, satisfeito, sorria e atirava beijos ao vento como agradecendo...

As moças trocistas o cercavam logo e cada qual éra mais prodiga nos elojics:

—Que belo talento tem o Sr...
—tizia uma.

—O Sr recita admiravelmente e tem muito espirito, replicava outra.

—Acho que si o Sr. continuar, nada terá a receiar de um Bilac ou Gonçalves Dias, atalhava terceira.

—Ele derretido e convencido, inconciente do ridículo, balbuciava: Bondade de vossas Excelencias. Eu não sei recitar... sou apenas um modesto apreciador das muzas....

—Isso é muita modestia, diziam todos em côro, com muito rizo enquanto êle sonhava um loiro que o futuro lhe tem reservado...

Hilpafor.

GONÇALVES DIAS

Passou-se o dia 10 de agosto, e nem uma palavra se disse a respeito do Dr. Antonio Gonçalves Dias, o malgrado filho de Boa Vista, no Jatobá, distrito de Caxias, deste Estado.

Foi lá naquelle retiro lonjinquo onde não chegaram os loiros da nobreza nem o sopro da abastança, que veio ao mundo no dia 10 de agosto de 1823 esse vulto que tantas penas elojiaram e tanto glorificou as pajinas da Historia Literaria do Maranhão.

Embalaram-lhe o berço as privações extremas da pobreza com que lutou até seus ultimos dias, deixando, entretanto, para a posteridade a imagem de seu talento, notadamente genial, atravez das obras que compoz.

Nô seculo que ele habitou nenhum poeta produziu versos tão bem inspirados e de tão grande destaque como os que se leem nos *Primeiros, Segundos e Ultimos cantos*, desse maviozo bardo e nenhum outro granjeou o primorozo titulo de principe dos poetas brasileiros.

E todo esse sequito de gloria que até hoje cobre o nome do dr. Gonçalves Dias, está p'ra aí atirado, quazi ao abandono, sem que ao menos sirva para ser lembrado no dia commemorativo de seu nascimento.

A Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», que vai trilhando essa estrada que tantos outros tem trilhado, proclama dentro de sua esfêra esses loiros do grande poeta e então hozanas á sua memoria.

O Maranhão no Rio

(Do nosso correspondente)

Uma festa encantadôra foi essa com que a colonia maranhense na Capital Federal, comemorou o 93º aniversario da adezão de nossa terra á independencia brasileira

Por iniciativa dos nossos caros patricios Fernando Mendes e Peireira Rego, abriram-se os vastos e elegantes salões do Jockey Club, á Avenida Rio Branco, onde congregada no mesmo sentimento de amor a velha Atenas, reuniu-se o que a colonia tem de mais selecto. Representantes federais do Senado e Camara, representantes estaduais, medicos, jornalistas, estudantes, enfim todas as parcelas sociais, confundia-se ali na cordialidade que sói prezidir as reuniões de nossa gente.

O Senador Fernando Mendes em frases eloquentes disse aos presentes o motivo da reunião e terminou erguendo um entuziastico — Viva ao Maranhão.

O nosso confrade Hilton Fortuna recitou a poesia composta para aquele dia, intitulada «Nossa Terra», que em outra seção publicamos, sendo saudado freneticamente pelos presentes.

Em seguida o sr. Onezimo Coelho, em nome da mocidade, produziu um apreciavel discurso onde poz em relevo a grata tradição de nossa patria tão grande pelos filhos illustres que produziu.

Finalmente o professor Raimundo Lopes, fez sentir a falta de um gremio onde se reunam com assiduidade os membros da colonia, dizendo que a falta de solidariedade é o mal que até então ha tolhido nossos ideais. Todos os oradores foram ovacionados.

Seguiram-se dansas, cantos por gentis mademoiselles e aos presentes foi servida lauta ceia onde reinou a melhor cordialidade possivel de imaginar.

E assim terminou a bela festa que deixou em todos uma inapagavel saudade.

Meus netinhos...

Esta botou-me sal na moleira! — exclamou furiosa a pobre Rapoza diante do lôgro, sabiamente arranjado pelo Macaco.

A pobre mãe ferida no seu amor proprio, procurou por todo logar que havia, sem que, nenhum sinal, nenhuma informação, revelasse o paradeiro dos jovens nublentes fujões.

**

Camaleão, o coronel da vila, festejava, em um bello dia de verão, as suas bodas de prata. Por toda parte, de norte a sul, de leste a oeste, foi um mensageiro es-

palhar convites para esse grande dia de prazer, pois vinte e cinco anos eram passados, sem que o cazalzinho Camaleão, sem que o arrúfo siquer. Habitava o sinjelo par, um rico palacio, com um sobêrbo pateo, onde deveria realizar-se o solene jantar.

**

Mestre Macaco e Rapozinha, viviam, despreocupados e felizes, em uma povoaçãozita lá... muito lonje, da terra que lhes serviu de berço e que assistira todo o drama de amor, em virtude do qual, achavam-se prezentemente ligados, para a eternidade.

Quando lá chegou o mensageiro, Macaco ensinava, uma turma de meninos traquinas, a pular no arco e fazer caramelas e Rapozinha amestrava, elevado numero de senhoritas, a cozer cascas d'ovos e a limpar unhas de formiga.

—Senhór professor! (bradou compenetrado, o enviado do Camaleão) as circunstancias me obrigam, no dia de hoje, dia tão sorridente para nós, os irracionais, em convidar a vossa senhoria, envolvida em sua respeitavel familia, para comparecer aos festejos comemorativos das bodas de prata do coronel Camaleão.

—E' devéras emocionante o convite que agora me fazes. Declaro-me um pouco mesquinho ante essas palavras...

—Esperando que correspondaes a distincção com que meu senhor nos presenteou, retiro-me de barriga,

**

—Agora é que foram elas, Rapozinha, como poderemos ir se tua mamã lá estará certamente? Como livrarmo-nos dela?

—Não te importes, obteremos o perdão. Prepara-te que já são horas da partida.

O experiente Macaco preparou-se, igualmente com a Rapozinha, e em breve tempo partiram num côche, para assistirem os festejos do Camaleão.

**

Chegados ao palacio, em reboliço, os jovens foram acolhidos com entuziasmo por parte dos inumeros convivas que lá se achavam, formando alas e dando vivas, entre muzicas e flôres, e foram tomar logar junto ao Tatuinho, o distinto empregado publico.

**

A Rapoza, reconhecendo o fruto do seu trabalho, a menina dos seus olhos, o enlevo do seu coração nos braços de tão peçonhenta figura de cazaca perdeu o freio e dirigindo-se a meza, em que estavam socegradamente jantando os recenhegados, travando conversa com o Tatú, assim lhe falou:

—Senhór Tatú, se eu encontrasse, em qualquer sitio o homem que roubou a minha calma, a paz do meu lar, dar-lhe-ia uma tapa, para conhecer que tambem sei vingar-me. Dito isto, virou-se para o Macaco, applicando-lhe uma formidavel pancada no rosto.

—Tú, traquejado Macaco, não sabes que «ao bom entendedor meia palavra basta»?...

Porque não te livraste da minha anunciada vingança?

O avô de vocês.

Sociedade literaria Barão do Rio Branco

Movimento de 1.º de julho a 17 de agosto

Em sessão de 13 de julho o presidente Djalma Fortuna renunciou o resto do mandato, assumindo temporariamente a presidencia da sociedade o vice presidente Joaquim Luz.

Por portaria daquela data foram nomeados para os cargos de 1.º e 2.º secretarios, tezoureira e bibliotecario os socios João Vitor Ribeiro, Henrique Caldeira, Mariêta Fortuna e Belarmico Borgneth, respetivamente.

No dia 30, procedeu-se á eleição para presidente recaindo sobre o socio João Vitor Ribeiro, a maioria da votação.

Em sessão de 6 de agosto foram admitidos para o quadro efetivo as senhoritas Raimunda Moreira de Souza e Izis de Moraes Rego e para o de colaboradores os srs. Januario Miranda e Anaxagoras Mendes de Carvalho.

Foram eliminados, a pedido, o socio João Pereira e por infração do regulamento os srs. José Bordalo e João Palacio.

ESTADO SOCIAL

Efetivos—socios	12	
socias	46	58
colaboradores	—	8
honorarios		6
benemeritos		3
correspondentss		3
		78

Rejisto Elegante

Na edição passada, alem dos muitos «gatos», em virtude de uma revizão a ultima hora, deixamos de rejistar os seguintes anniversarios: em 1.º e 7 de julho das

nossas distintíssimas consocias Carmen Pontes e Cristina Vinhaes, belos ornamentos da nossa elite e em 21 o nosso amigo Vicente Luz, irmão do nosso companheiro Joaquim Luz.

Marieta Fortuna

Em 27 do mesmo mez passou a data natalicia desta nossa distintíssima consocia, filha do coronel Alfredo da Silva Fortuna e irmã dos nossos companheiros, Hilton, Djalma, Jozé e Esveraldina Fortuna.

Aplicadíssima terceiranista da Normal, Marieta Fortuna já nos dá mostras do seu precóce talento em escritos diversos publicados no nosso jornal. Como tezureira que vem sendo em duas administrações, tem prestado relevantes serviços, á sociedade que se ufana em te-la como socia.

Os nossos parabens, pois, a autora d'«O Enigma» e «O primeiro amor».

—Em 3 deste nataliciaram-se o querido mestre e filologo Jozé Augusto Corrêa e a Exma. Sra. D. Liberata Luz, mãe do nosso companheiro Joaquim Luz; em 10 a nossa distinta consocia, professora Aderie Valadão Borjes; em 12 a senhorita Zulima Costa, tambem nossa consocia e ainda na mesma data a inocente *Elcy*. Ainda em 30 faz anos a nossa consocia Santinha Vasconcellos. Parabens a todos.

Alzira Fortuna

Alegra-nos imenso passar hoje a data aniversaria da virtuosissima consorte do nosso socio benemerito Alfredo Fortuna e mãe dos nossos companheiros Hilton, Djalma, Jozé, Marieta e Esveraldina Fortuna.

Dizer-se numa humilde noticia que são os dotes da aniversariante de hoje, é tarefa demais ardua, portanto limitamo-nos a enviar-lhe e a sua familia os nossos votos de felicidade perene.

Telegramas

(URBANOS)

FABRIL 10—E' inegavel que o foot-ball desenvolve a gordura e prepara a gente para defender o inolvidavel, o benemerito, o monumental, o piramidal, o colossal, o bravo, o invencivel, o audaz, o corajoso, o celebre, o adoravel, o temido, o forte, o grande, o infatigavel, o incomparavel, o superior, o asperrimo, o dulcissimo, o fidelis-

simo, o liberrimo, o magnificentissimo, o sacratissimo, o genial Guilherme II—*Dicopinho*.

TELEGRAFO, 11—Só ficarei alto quando Herculanhinho emagrecer e quando Coêlho engordar.

—*Ferreira*.

EBENEZER, 12—Previnam João Vitor que se continua a me cuspir quando fala, arranco-lhe os *beicinhos* com uma dentada segura—*Caldas*.

BIBLIOTECA, 12—Digam João Pereira não se envolver minha lira; si meus versos são de pé quebrado não lhe compete admirar. Algum dia serei uma pessoa de pé sentado.—*Borgneth*

REDAÇÃO, 14—Si eu tenho pose de bacharel não é da conta de ninguem. *Vicente*.

ALFANDEGA, 15—Si me removerem Maranhão, será aberta no meu peito uma «cicatriz» que nunca há de sarar—*Garrido*

PRAIA GRANDE, 16—Nada melhorei *saúde* passeios Ponta Areia A! quem me dêra puder voltar Lisboa recuperar *saúde*.—*Manezinho*

PRAIA GRANDE 16—Manezinho não lucrou Ponta Areia, mas lucrei eu como se estivera minha querida Lisboa—*Nestori*.

COMP^a A GUAS.—Todos ss uzava dei patrão colocar encanamento rua. Fiquei desfalcado até proprio nome—*Neve*.

VAPOR ALEMÃO, 18—Não posso continuar viver distante *êla*. Brevemente tiro passa-porte seguir terra de Iracema.—*Fritz*.

TEATRO ELETRICO

— *Personajens* —

Bernardino... Portuguez e quitandeiro
Luiza..... Mulher de Ansélmo

CENÁRIO

Uma sala modesta, mal mobilada, resentindo-se de uma pobreza quase extrema. Luiza, sentada em uma cadeira, remenda n'um casaco de homem.

1^a CENA

Luiza (deixando, de cozer) Esta vida já se me vae tornando insupportavel, já não posso aturar o Ansélmo... enfim a culpa é toda minha, a tôla sou eu, quem me mandou cazar?... quem me mandou abandonar a caza onde naci e me criei, a czinha dos meus paes sempre limpa, sempre branquejando entre os carnaúbaes virentes da minha vila... quem?

(Ouve-se uma palma forte)
Luiza (levantando-se para abrir a porta) quem é?...
(Voz fóra) um seu creado
Luiza-entre... faça favor.

2^a CENA

Bernardino (entrando) com licença, minha senhora, o senhor Ansélmo já cá está?...
Luiza—meu marido?
Bernard—sim, minha senhora, o senhôr Ansélmo.
Luiza—não, senhor, ainda não voltou...
Bernard—e voltará cêdo?
Luiza—creio que não (colocando uma cadeira perto de Bernard.) mas se o senhor quer esperal-o...
Bernard.—não, minha senhora, o meu negocio com o seu marido é muito simples e dele a senhora já deve ter conhecimento.
Luiza (interrompendo) desculpe, mas não sei de que se trata.
Bernard.—como? A senhora não sabe?
Luiza—não sei de coiza alguma
Bernard.— sabe, minha senhora, não queira intrujar-me.
Luiza (firme) não sei, senhor, já o disse e de mentir creio que não preciso.
Bernard — enfim como a senhora têmea em não saber e poi ser muito simples como já disse eu lh'o vou explicar: o seu marido comprou-me 200\$ de mercadorias e ainda não m'as pagou, como vê não pôde, haver coiza mais simples
Luiza—e ele prefende pagar-vos?
Bernard —com toda certeza e não se faça de tôla, pois hontem encontrando-o perguntei-lhe pelo dinheiro e ele me garantiu entregár-me hoje pedindo-me que viesse até aqui e que se não o encontrasse...
Luiza—(interrompendo) e se não o encontrasse?...
Bernard.—receberia o dinheiro das mãos da senhora.
Luiza—(surpreza) minhas mãos?... mas não o tenho.
Bernard —não procure iludir-me a senhora sabe onde deve busca-lo.
Luiza — onde?... diga-me, faça favor de dizer-me.
Bernard —ora!... enfim vá, o seu marido, disse-me que a senhora havia de tirar da burra
Luiza—(soltando uma rizada) burra!... á! á! á!... (com um acento melancolico na voz) burra! a unica que ele tem aqui...sou eu...
Bernard.— (encolerizado saindo) a senhora, devia ter me dito isto a mais tempo! já não era preciso mais (já fóra e mais calmo) enfim consóle-se que neste negocio eu tambem não deixo de ser um grande... *financieiro*.

Japi Parassú.

R. Egito
S. Lucc...

O Ateniense

ORGAN DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANO 5:

Maranhão, 7 de setembro de 1916

NUM. 65

O Brazil e a independencia

A patria brasileira vé transcorrer a-travez das paginas da historia a data comemorativa de sua emancipação.

Trezentos e vinte e dois anos vividos sob a influencia predominante da autoridade luzitana eram suficientes para que o nosso povo regularmente constituído aspirasse ter tambem a sua nacionalidade definida, um estandarte que o representasse, que todos venerassem e defendessem.

Entregue á rejeencia do rincipe D Pedro desde 22 de abril de 1821, o Brazil encontrou nessa nobre personagem da linhagem portugueza um amigo esforçado e obstinado defensor de seus direitos oprimidos.

Foi ele o emerito obreiro que levantou o pedestal e fez a independencia de nossa cara patria.

De encontro a injentes obstaculos o re-jente D. Pedro conseguiu erguer os creditos financeiros do então reino do Brazil, com habilidade inaudita, atraindo desse modo a afeição de seus subordinados já melhorados e satisfeitos.

E foi por isso que se tornou celebre na historia o dia 9 de janeiro de 1822.

O povo vizivelmente afeiçãoado a seu justissimo rejente se havia contristado com a noticia de sua próxima retirada o que de certo estremeçeria a boa marcha dos negocios do Reino.

Tendo recebido, naquela data, o apêlo nobre do povo que o admirava respondeu por intermedio do senador José Clemente Pereira que ficaria "para bem de todos e felicidade geral da nação".

Com esse ato de heroismo do nobre rejente o torrão brasileiro ensaiou o primeiro passo para a liberdade.

Em cada peito pulsava um coração forte e vigoroso donde emanava sangue ardente do patriotismo, e dentro em pouco todas as provincias aderiam os movimentos de reação para a libertação nacional.

Finalmente a 7 de setembro o vigoroso brado de "Independencia ou morte!" ecoando pelas margens do rio Ipiranga assinalou o "maioridade" da nação brasileira.

No dia 12 outubro do mesmo ano o senado proclamava solenemente o rejente D. Pedro, Imperador constitucional do Brazil, cuja coroação teve logar a 1. de dezembro.

Dai em diante cada um podia com orgulho apontar sua legitima nacionalidade, pois, o Brazil já era uma nação livre.

Em 30 de agosto de 1823, era publicado o tratado da Independencia e 29 de agosto de 1825, Portugal reconhecia oficialmente o novo estado da grande nação.

A grande obra de D. Pedro I ainda até hoje se conserva inabalavel tal a firmeza com que foi concebida e efetuada.

Nada melhor do que a liberdade de sentimentos e a boa orientação de um paiz sob administrações possantes.

Entretanto o Brazil ainda exhibe muita rudeza em seus costumes e o seu adiantamento é quazi obscuro ao lado de outros paizes inferiores na ordem geografica, cujos governos tem sabido aproveitar os elementos viaveis do engrandecimento nacional.

A riqueza do Brazil ainda se conserva inculta e inapreciada, parecendo mesmo que esse povo republicano, constitue uma camada em degenerencia, daquela que formou a columna forte ao lado do proclamador da independencia.

Cariócas

Felizmente vamos ter a nossa arte cinematografica que apenas conhecemos a-travéz das peluculas estrangeiras.

Já vem sendo notavel o certo entusiasmo por uma nova empreza em vias de organização e que infalivelmente virá ser coroado do maximo resultado.

Temos logares apraziveis de um pitoresco incomparavel; nossos artistas nacionais vivem por ai atirados porque o teatro é coiza decadente e quazi morta. O povo só acorre satisfeito para as companhias italia-

nas, francezas e portuguezas. Pois bem. Uma vez que o cinema é hoje o prazer predileto do «grand-monde» e do «petit-monde» o que sobejamente se prova pela quantidade de cazas que exploram esse comercio em todos os recantos do paiz, façamos a nossa fabrica de «films», mas de «films» brasileiros, onde se possa patentear as belezas de Santa-Cruz que os estranhos ignoram as quais são bem invejaveis.

Instalada a grande fabrica como pretendem, os nossos autores, até então apenas conhecidos nas bibliotecas, terão maior renome através das telas brancas e os atôres

nossos poderão ter esse meio de vida brilhante tal qual um Prince ou Max-Linder.

Que nos não dirá que o Frôes e a Lucia virão cauzar rivalidade a Psilander e Roleinne?!... A questão é de iniciar que talento não lhes falta.

A obra já foi posta em prova com a apresentação do mimôzo romance de Macêdo, o querido autor do sentimentalismo, «A Moreninha» que é por demais conhecido e apreciado. Este film, primeiro da "serie", é dividido em 5 extensas partes com um majistral dezempenho artistico e encenação rigorosa, e cauzou um verdadeiro delirio na temporada que fez no Cine-Palais. Extraídos os principais episodios com arte e desenroladas as cenas em Paquetá, onde o autor imaginou o romance, O «film» em todo é de encantar.

O sucesso unico dessa "première" animou os empregarios que prometem para logo "O albatroz", "O Genro de muitas sogras" e a seguir, os livros de maior destaque na biblioteca romantica e historica dos nossos escritores e dramaturgos.

Que essa iniciativa progrida e que tenhamos a nossa arte cinematografica é o que podemos dezejar.

HILPAFOR.

RAIMUNDO CORREIA

Transcorrerá no dia 16 do corrente o 5º aniversario do falecimento do primoroso poeta maranhense Raimundo Correia.

Na carreira literaria Raimundo Correia abraçou o genero da poesia lirica, chegando a ser um poeta inspirado e correto.

Produziu SINFONIAS, VERSOS E VER-SÕES e ALELUIA, livros primorosos que recomendam o seu estilo apurado.

Entre os seus otimos sonetos aparecem com especial menção "As pombas" e "Mal secreto" que valem duas obras-primas.

A Academia Brasileira de Letras o teve como membro e de certo não deixará passar despercebida aquela data e renderá á memoria de seu antigo paredio as homenajens que lhes são proprias.

A Sociedade Rio Branco consigna aqui o seu voto de pezar pela passagem dessa data que relembra a perda de um grande vulto da literatura indijena.

REVISTA MARANHENSE

Circulou o numero 6 desta prestante revista daquele grupo de môços que sente o desejo de progredir e como sempre trouxemos colaboração farta e diversa, que deleita o ledôr que sabe apreciar o principiante da mesma forma que o mestre. Saudamos os nossos confrades.

PARNAZO

DEVANEIO

Vão dois noivos ali de braço dado
Pela rua coberta de arvoredo,
Repetindo mil vezes o segredo
De suas alegrias, lado a lado.

FERNANDES COSTA.

A DIDICA

Vive minh'alma a lembrar o encanto
Daquella tarde esplendorosa e grata,
Em que ditozos, num prazer tão santo
Nós passeámos através da mata.

Como era belo esse feliz recanto
Que a natureza em seu vigor, exata,
Guardou p'ra nós, que nos amamos tanto,
Ali fazermos cordeal sonata [...]

Depois, na volta desse idílio ameno,
Contritamente aos pés do Nazareno
Fomos levar uma ardoroza prece

Para que em breve o nosso amor pudesse
Reinar ditozo, em perenal carinho
Na doce paz do suspirado ninho.

S. Luiz—agosto—1916

J. RIBEIRO.

DEVANEIANDO

Sob o palido ceu todo estrelado,
Entregue ao pensamento, alheio a vida,
Eu me sinto feliz sem ter sentida
Estação de charar amargurado.

Ergo as vistas ao alto e na incontida
Fulguração de estrélas, deslumbrado,
Contemplo no meu extaze, encantado,
A luz dos olhos teus nélas contida...

E coméço a cantar, vibrando a lira,
Tudo que tens de bello e que me inspira
Nos momentos de amôr e de bondade.

E sinto junto a mim teu coração
Nâquela sonhadôra pulsação
Que me dissipa as dôres da saudade!

S. Luiz—maio—915

HILTON FORTUNA.

OLHOS

Estes olhos gentis, castanhos e mimosos,
Ora estréla a fulgir em noite enluarada,
Olhos tristes de Ninfa, e ternos, langorosos,
São farôes que me guiam na amplidão do
[Nada]

Quando eu, triste, combalo ao pezo da
[nortada,
E a treva do horizonte infinito dos gozos
Se apresenta ante mim, atravessando a
[estrada,
Então choro o clarão dos teus olhos for-
mosos...

Olhos que falam d'alma, ouvem tanto e
[acarinham
Todas as iluzões que em meu peito se ani-
[nam,
Nâ adoração febril de um amor todo santo.

Olhos que me iluminam; e em cuja luz
[imerso
Vive tudo que existe eterno no Universo,
E tanto me comovem embebidos de
[pranto!

D. FORTUNA.

Tempo perdido ...

(HISTORIETA)

Havia numa cidade um casal de velhos sem filhos.

Para que se entretivessem, compraram um gato, um preá, um papagaio, etc.

Não lhes satisfazendo nada disto, combinaram adquirir um macaco

"Não mais teremos filhos", disseram eles; "vamos, pois, arranjar um macaco, que enrouparemos de azul, duma pequena touca encarnada e cinto verde, igual mesmo ao uniforme dum filho.

Foram ao mercado, no dia seguinte, logo de manhã, e lá compraram o macaco e o trouxeram para casa. Tudo a principio eram flores.

Pouco depois, porem, o macaco começou a fazer das suas traquinadas: quebrando louças, atirando cadeiras ao chão, pulando sobre os moveis, etc.

Um dia a sua patrão chegando da rua, procurou agradar o seu macaquinho, pôrem este logo agarrou-lhe o chapéu, estragando-lhe as fitas, plumas, renda etc.

Rezultou de tudo isto ser o macaco imediatamente vendi-o a um pelotiqueiro, e, ficar o casal de velhos lastimando a sua tolice.

Quem nos diz que este casal tão bem intencionado, não se teria dado melhor, empregando os seus afetuozos cuidados, numa creança, de tantas que, desgraçadamente, por aí, vivem sem pais, numa sociedade que ainda prefere criar irracionais?

NUMA OLIVEIRA.

Que teimozia ...

Decididamente o coronel Mesquita precisava cazar as filhas que já orçavam, com todos os descontos possíveis, pelos 28 anos. Eram gemeas e feias.

Juvencio, desgraçado amanuense da repartição chefiada pelo coronel Mesquita era miope em extremo e apesar das melhores qualidades não conseguia uma promoção a cargo mais elevado. Sabedor, pois, do interesse do coronel para cazar as suas "joias", não custou muito encontrar os meios de se apaixonar pela Laurita, que, tendo nacido por ultimo era nem só mais nova alguns minutos como mais suportavel. Teve logo entrada na caza e promoção, immediata. Pouco tempo depois almoçava aos domingos—com o chefe, fumava charuto e passeava no jardim, com a filha.

A Camelia despeit da, começou intrigando a irmã com o noivo, dizendo que elas tinham 33 anos.

Laurita meigamente sorria e dizia: "tenho 24 anos, somente!"

"Mentira, são 33, dizia Camelia! Juvencio sentindo-se enganado danou-se pois, considerava aquilo um abuzo de confiança. Então não sabiam-no miope?

Não o enganassem. E assim, muito brejeiramente conseguiu que a noiva ja um tanto receioza lhe confessasse: "tenho 33 anos, não me desprezes!"

..

Não custou muito o casamento. Houve te-tas, muitos convidados, muita alegria, flores e discursos.

..

A noite no quarto conjugal, quando Juvencio, tremulo, possuido de um mixto de contentamento e medo, num passo vacillante, numa pèr turbacão apaixonada, quiz surtir sua espoza e depositar na sua fronte ainda armada de botões de laranjeiras, o tradicional, o anciado primeiro beijo, recuou tres passos e ela, então, como uma fera bradou:—cazamo-nos sou sua mulher, mas não o considerarei meu marido antes do senhor se convencer que "só tenho 24 anos"...

K LADO.

O primeiro arrufo

Poucos instantes havia que aqueles dois olhares tímidos se tinham chocado pela primeira vez ao impulso misteriozo e forte de um sentimento insondavel.

Debuxava-se o majestozo panorama do alvorecer de um amor puro e vibrante que colorava os sonhos juvenis de duas almas candidas, cheias de mocidade e esperanças.

De envolta ao bulicio alacre da festa á harmonia esplendorosa desse animado conceito que dissipa os horrores da vida, um pequenino heroi dispunha convenientemente os encantos de um paraizo novo para aqueles seres que iam ter sua historia de amor.

E cada coração, como a inocente pirausta, se debatia nas chamas ardentes daquele amor verdadeiro; prestes a envolver-se.

Entretanto todo esse esplendor era o preambulo de um poema apenas iniciado.

Os encontros propozitais, a insistencia do olhar, os tímidos sorrisos, tudo traduzia a atracão que ia de um pensamento a outro, porem, faltava aos labios dar livre passagem ao eco que vinha d'alma, para a doce comunhão dos sentimentos.

Ambos estavam ali acorrentados, escravos dessa creança de todos os tempos, que participa do elenco mitolojico.

A cada volta que davam naquele circuito de festa os seus olhares se cruzavam e um mixto de prazer e medo invadia-lhes a alma.

Havia alguma couza intima que lhes em-

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

RUA 28 DE JULHO, 53 — SÃO LUIZ

Presidente—João V. Ribeiro.
Vice-presidente—Joaquim Luz.
1.º Secretario interino—Henrique Caldeira.
2.º Secretario interino—José Fortuna.
Bibliotecario—Belarmino Borgneth.
Tezoureira—Mariéta Fortuna.

ASSINATURA ANUAL 2\$000

“O Ateniense” será enviado á imprensa mediante permuta.

Bargava a fala sempre que se encontravam e entretanto aquele amor florescia rapidamente envolvendo-se em uma timidez sem nome.

Amavam-se verdadeiramente mas, só o pensamento se comunicava.

E assim passaram momentos de verdadeiro martirio sentindo os efeitos daquele afeto caprichoso que lhes anunciava uma grande ventura.

Decorreram-se alguns instantes durante os quais os dois apaixonados se deixaram de encontrar.

E sobre a imaginação da encantadora Laura se distendeu a primeira nuvem de contrariedade na influencia de uma contração nervosa de ciúmes.

O amor, como pequenina semente lançada naquele coração juvenil não podia germinar sem o orvalho indispensavel dessa seiva benfazeja.

E essa entidade anonima como o liame vigoroso que vai de uma a outra alma ateuava naquella encantadora joven as primeiras centelhas de um vago ciúme...

Ao voltar da praça seus olhos encontraram a figura confuza de Carlos entre um grupo de conhecidas e naquella alma pura de criança aninhou-se o arrufo inicial para dois corações que apenas se adivinhavam na aurora fuljida de um verdadeiro amor.

IRBERIO

BIDIQUINHO

(MONÓLOGO PARA SENHORITAS)

A gentil Izaura Bittencourt

O Bidiquinho é rapaz
Muito elegante e espocado;

E do quanto éle é capaz,
Si atenderem no que faz,
Filarão petrificados !...

Traja-se bem e decente,
Faz fita a mais não poder;
E aquêlê rizo pendente
Com que se diz reverente:
—E' triste, meu Deus, de vêr !...

No preparo é quasi um zêro
E seu talento é tacanho;
Quando fala,—eu não tolero !...
Porque diz, bem considêro,
Asneiras deste tamanho !...

E no entretanto apregôa
Ser literato e poeta
Cuja muza não destôa...
—Porem tipo assim á tôa
Pode ser mas é patêta !...

—Ora vejã: inda outro dia
Me veio éle tirar,
—Como tem sempre a mania,
Em caza de minha tia
Para consigo dansar... !

—“Minha Senhora... Vossencia...
Poderia... si quizesse...
Dar-me a grande complacencia
Desta “pôrca” a preferencia
Si par inda não tivesse ?...”

—Eu não me fiz de rogada
Como o meu habito é.
—Antes ficasse sentada,
Porque livrava a maçada
Do tipo maguar-me o pé !...

—“Peço perdão, senhorita,
De lhe ter pizado o calo...
...Não tive culpa... Acredita ?...
—Fiquei rubra como fita
E de raiva quasi estalo.

Ele pra ser saliente
Conversa sempre puxava;
E tanta coiza imprudente
Ele disse...—trancamente,
De rizo quasi espocava !...

—“Olhe...—Vossencia é tão linda,
Tão meiga, fresca e louçã,
Que si esta “pôrca” se finda
Eu fico, na magua infinda,
Chorando a sorte tão vã !”

—E seu amôr declarando
Numa piégas paixão
Dizia:—“Quando “varsando”
Minha alma segue voando
Nas ondas da inspiração !”

...“Parece que o céu se enfeita
Que a terra toda se encanta,
E a minha mão de uma feita
Mil rivais ao sólo deita
Com valentia que espanta.

«Eu si pudesse passava
Uma vida junto a si;

E nada mais me importava,
Seus olhos sempre cantava
Como a cabocla Cedy !...»

—Si de Dudú quando impêra
Não temesse uma esparrêla
Da urucubaca mejêra,
Ele diria que eu éra
«Como á flôr que descabêla».

—O amolador tão cacête
Perseguiu-me a noite inteira,
E aquêla vóz de falsête
Na paixão de clarinête
Só de ouvír me fez cancelira.

Na hora mais aprazada
Foi ao piano e exhibio
Uma ôde alinhavada
Na muza toda quebrada
Que até o piano se rio...

Na meza do chocolate
A' minha tia brindou,
E as babozeiras do “vate”,
Que ficou como um tomate,
Um gargalhar provocou.

Começou dizendo assim:
«Que a velha da minha tia
Era como um querubim
De arminhos e de alfenim
Cojo peito ainda batia !...»

Vejã só quanta burrêza,
Numa só noite éle disse !
E julga fazer belêza,
Pensando ter a grandeza
De poeta !...—Que tolice !

—Na rua passã éle então
Todo gamenho e elegante,
Metido num jaquetão,
Com passo de malandrão
Naquêlê ar triunfante !

E' felizardo o fiteiro.
E os colégas dizem até,
Que éle sem ter dinheiro
Vai passando prazenteiro,
Filando o bonde e o café !...

Mas não é só Bidiquinho
Quem passa uma vida assim;
Em qualquer ponto ou cantinho,
No mesmo e bom trabalhinho
Iguais a éle tem sim !

Nas praças e avenidas,
Nos cafés e mais que tais,
Nos bailes e nas corridas
Existem sem mais partidas
Muitos Bidicos iguais ! .

Avaliem nesta sala
Quantos estão num desmaio
Por lhê igualarem na escala !
—Eu que conheço tais falas
Em suas labias não caio !

HILTON FORTUNA.

Rio—agosto—916

FATOS E FITAS

Ha tempos um respeitavel amigo contou me que quando estivera internado num Seminario em Paris, um dos seus professores perguntou-lhe, depois de haverem trocado idéas sobre o nosso imenso e rico paiz, si no Brazil havia soldados...

E' que o homem fazia da formóza Terra de Santa Cruz uma aldeia ainda não cultivada, cujos habitantes conservam o uzo das plumas e extravagancias.

Hontem este cazo me foi lembrado porque estando na Avenida, a hora seleta do "grand-monde", um colega apresentou-me a um seu companheiro, genuino cariôca no aspeto e no fisico requintadamente elegante. Travamos conhecimento e como maranhense tive de dar novas dos habitos e costumes de nossa hõa terrinha.

A cada passo da palestra o joven conhecido interpelava-me com orijinaes exclamações. Falei-lhe da decantada e honróza cerimonia das nossas "Zelles" que não mostram dois dèdos acima das botinas, cheias de pano gomado e entezadas nos passos circumspetos da valsa séria.

Contei-lhe o que fazemos aos domingos enfadonhos, assistindo ás sessõs dos dois unicos cinemas e descrevi-lhe a pompa suntuóza e lendaria das nossas procissões relijiozas.

Disse-lhe que temos dois ou quatro diários de hõa leitura e que o comercio é relativamente movimentado apesar da crise que se sente em toda parte, que no Maranhão, a pequenina terra das palmeiras já se vive mais ou menos satisfeito, contando sua população cerca de 50.000 habitantes.

Sempre com um tom de curiosidade o nosso amigo perguntou, a queima roupa, si a luz electrica e os bonds são bons...

Eu embatuiquei e, para disfarçar, divinamente inspirado, mostrei-lhe um "camelot" que passava apregoando a infalivel "Pomada Vienense" para calos, e assim pulei esse ponto sem resposta.

Então lembrei-me daquêl cazo do professor, porque o nosso homem faz do Maranhão uma terra adeantada materialmente uma vez que é berço da inteletualidade brazileira. E' que êle julga serem os nossos governos a ultima palavra em progresso.

Pobre tôlo!

Mais pobre é ainda quem anda a topar esses indagadores terriveis que tudo querem escabichar.

—Que tinha êle que vêr com a nossa terra?

Êra melhor que cuidasse mais do seu smartismo deixando a nossa terra em paz no doce sono de provinciazinha pitoresca, que, aliás, já não é tão puco ou então fosse discutir a guerra...

HILPAFOR.

O 18 de agosto

Esteve deveras imponente a festividade com que a S. L. B. R. B. commemorou o quarto aniversario de sua fundação.

Pelas 20 horas, mais ou menos, achava-se o edificio da séde repleto de assistentes, socios, familias, representantes de diferentes instituições e repartições publicas, dando-se então inicio aos trabalhos.

O vice-presidente em exercicio Joaquim Luz, depois de abrir a sessão, leu o seu relatorio e designou os socios Henrique Caldeira e Belarmino Borgneth para introduzirem no recinto o socio João Vitor Ribeiro, presidente eleito, afim de tomar posse do cargo.

O ato revestiu-se de todas as formalidades regulamentares.

Em seguida o novo presidente nomeou para seus auxiliares Henrique Caldeira e José Fortuna, 1.º e 2.º secretarios, respectivamente, Marieta Fortuna, tezureira, e Belarmino Borgneth, bibliotecario, os quais foram immediatamente empossados.

Terminada a cerimonia foi aberta a sessão solene sendo convidado para prezidilla o venerando professor Domingos Machado, socio honorario.

Em seguida o novo presidente preferiu o seu discurso no qual fez salientar os deveres dos paes de associações literarias, terminando por fazer a apreciação da grande obra patriótica Barão do Rio Branco.

Fizeram-se ouvir ainda as socios Maria Lira e Esveraldina Fortuna que recitaram as belas poezias de Hilton Fortuna, «Rio Branco» e «Nossa terra».

Encerrando a sessão o presidente honorario dirijiu palavras sinceras de incitamento, sendo bastante aplaudido.

Terminou a bela festa com uma animada serata que se prolongou até ás 2 heras da madrugada.

EXPLICAÇÕES

Geometria é a ciencia complicada das linhas, que gasta muito giz.

Extensão d'um corpo é o logar que êle ocupa quando está deitado na cama.

Comprimento, largura e altura são as atitudes que o corpo, toma, quando está doente, com a barriga cheia demais e quando está espiando cinema, sem pagar.

Espessura é o estado do corpo, quando não quer compreender as coizas.

Profundidade é o mais alto grau de escocação do corpo!

Volume é o eslado do corpo quando ganha no bicho.

Superfície é a parte do corpo que cõra quando ouve repreenções.

PROF. KELLST.

Telegrammas

BAHIA, 4

Agora que estou mais, perto sonhei minha "êla" novo "êle". Peço avizar eleito vou suicidar.—AGENOR.

RIO, 4

Poeta Hilton encontrei patinando para Leme. Tentei falar francez senhorita Avenida, esta respondeu fosse mudar calça. pôis "falecido morto" dono meu fato menor que eu. Quazi enlouqueço vexame.—JUQUINHA.

S. PAULO, 4

Cumprimentando hercules teatro, ele apertou minha mão rompendo membrana ligava dèdos. Satisfeito telegrafei familia, dizendo não ser mais classe palmipedes—THE OF LISBOA.

ROZARIO, 5

Prepara-se festiva receção para o "Avô de vocês" sua chegada esta cidade realizar sonhos dourados. Propala-se que êle desta vez traz 'ao rôsto um encantador "cavagnac".—MUNIZ.

ROSARIO, 5

Corre pelas altas rodas politicas que o Visconde de Pedroza está preparando imponente discurso chegada proxima Zéfortuna. A B. de Ferro poz disposição comissão caminhõs de luxo receber hospede illustre bordo tranzatlantico.—CARNEIRO.

FORTALEZA, 6

Djalma Fortuna e Coqueiro Aranha fundaram club pigmeus desenvolvimento "flirt". Só admitem pessoal "pequeno", prometendo dentro do mais curto prazo mobilizar 2 000 es. ovados.—REPORTER.

CEZALTINA BOTELHO

No dia 16 do corrente transcorre a data natalicia desta nossa distinta consocia.

Em virtude de se achar enlutada a sua familia não poderá ter carater festivo essa data, entretanto a S. L. B. R. B. ouvia-lhe os seus sinceros parabens.

Quem é o Sertanejo

E' este o titulo da bem confeccionada brochura em 123 paginas que temos sobre a nossa meza de trabalho, gentilmente oferecida pelo sr. Newton Craveiro, Inspector da Instrução Publica de Fortaleza, seu autor. Sendo como é, um estudo sociológico, muito de aproveitavel e bem se encontrará certamente nas paginas do escritor da terra de Iracema.

Depois de lermos com atenção que requer a obra que vimõs de referir, emitiremos a nossapalida opinião de que na realidade não carece o livro de Newton Craveiro.

Gratos pela oferta.

O Ateniense

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO RIO BRANCO"

ANO 5.

Maranhão, 24 de Dezembro de 1916

NUM. 66

Laboremus

Após um longo trimestre de mórbido reboizo, durante o qual chegámos a sentir os arrepios de um dezánimo fatal, conseguimos, enfim, vencer esse estado de coizas e oferecemos hoje aos nossos queridos leitores mais uma edição d'«O Ateniense».

Filiados a esse grande exercito donde tem saído generais valorozissimos temos o sagrado dever de levar nos anais da litteratura nacional o tributo do nosso trabalho e é essa a nossa meta.

Graças ao esforço de um valiozo bloco de bons camaradas, a Sociedade Literaria Barão do Rio Branco pode ainda desempenhar o encargo que recebeu de sua propria constituição.

O exemplo que nos dão os elementos pujantes da unica agremiação litteraria de quilate superior que possui o Maranhão nos anima a retomar e terreno de nossas aspirações e repellar com o impulso do dever os assaltos do ostracismo.

O grande escritor maranhense Candido Mendes d'Almeida dizia que «trabalhar e vencer» era a sua diviza «trabalhar pela intelligencia, vencer pela vontade».

A inspiração que surge desse bellissimo texto nos faz comprehender que não devemos descurar de nossa tarefa entregando o que já fizemos á mercê do embrutecimento.

A intelligencia por mais fertil que se nos apresente nenhum valor tem se não é cultivado, tal como o diamante que para o profano não passa de rude produto da natureza a se confundir, no pó, ao passo que o lapidario, senhor de seu mistér, o eleva e valoriza.

A intelligencia, assim dezamparada, se acostuma ao indiferentismo, vicia-se, com o tempo enrija-se e afinal dezaparece.

A falta de trabalho a doece e abate os animos e para reagir torna-se preciso um grande esforço de vontade.

Com os saudaveis bafejos do Natal voltou-nos a normalidade e de novo apparelhados com aquelle mesmo ardor que prezidiu os nossos primeiros passos eis-nos fortes, reditivos desse torpor que nos dominava.

Esperamos, pois, que os leitores relevem essa falta nossa e recebam da Sociedade Literaria Barão do Rio Branco os cumprimentos de boas-festas e os votos sinceros de felicidades no decorrer do anno vindouro.

Olavo Bilac

Rejistamos, com grande prazer, a passagem do aniversario natalicio do emerito poeta nacional e no-so socio honorario, Olavo Bilac, decorrido no dia 16 do corrente.

A área limitada do nosso elemento não nos permite elevar os dons que constituem o ornamento intellectual do maviozo bardu que hoje desempenha na historia nacional a missão honroza de propagar o patriotismo.

A mocidade brasileira, recebendo a sua palavra, compreendeu o seu dever e em todo o litoral se tem visto o efeito radiante de sua obra.

Enviamos pois ao grande patricio as nossas efuzivas e sinceras felicitações.

Cariócas

A moda! Eis a principal preocupação das loucas cabecinhas cariocas!...

Hontem apareciam no «footing» envolvidas em dois metros de fazenda, como espiça apertada na casca estreita, atrapalhadas para dar em um passo ligeiro e firme...

Hoje deixam ao vento as prégas froixas de muitos metros de pano, folgadamente, e exibem uns bonspalmos de perna acima do eano das botas...

Inventaram agora as tais saias que as nossas boas avozinhas vestiam, com tufo-balão em eada lado das cadeiras e faz gosto ver as «pipirinhas» de Botafogo, naquelle picadinho hom de seu andar maneiro, calcando geitoza s asfalto e deixando por onde passam muitos «zinhos» pasmos e de olhar comprido...

E' interessante a moda!...

Tenho a idéa de que éla é assim uma especie de exercicio militar:—ôra um passo em frente, ôra outro á retaguarda!

E bom será que as senhorinhas organizem tambem o seu detalhe uma vez que nestes tempos tudo que dá idéa de cazer-na e milicia é «chico».

Poderão até aproveitar este projeto que lhes offereço sem exigir remuneração:

Ei-lo: Detalhe da moda:—

Janeiro—Costume bem frouxo e comodo; Fevereiro—Saías comodas e bluzas sem mangas;

Março—Bluzas com mangas compridas e saías apertadas;

Abril—Saías apertadas e curtas com cazo frouxo;

Maió—Vestimenta militar com botões doirados e quépi;

Julho—Uniforme da marinha com saía hem larga e curta:

Agosto—Saía entravada de pano grosso e bluzas empregada;

Setembro—Saías balóis e palitós jaqueta;

Outubro—Saías sem balóis e cazacos com mangas duplas;

Novembro—Costume identico ao de maio;

Dezembro—Até o dia 15 saías de cambracia leve e bluzas de fazenda transparente; de 16 em diante—Saía de cachimira e palitó fraque com dois botóis atraz...

—Não entendo do assunto e nem tenho pretenções a cronista elegante, mas a meu ver penso que a pratica desta distribuição éra um successo e focariam as «zelles» faceiras desta imensa sebastianopolis na tela da distincão.

Quanto aos chapéus não se pode avaliar o quanto a moda pinta com elas!... Aqui aparece um hem preto com abas largas e uma pena de galo em riste como caneta na orelha do burocrata; ali vê-se um toque verde de fita vermelha como um gira-sol trepado em cima, assim como um carrosel das festas infantis; acolá surge um quépi cosmopolita com pala alemã, cordão francez, penacho russo, lista belga, copa ingleza, «cocard» brasileiro, arabescos do Japão e assim sucessivamente.

Qualquer deles, porem, dá muita graça á cabeça que o apresenta. Só o que faz raiva e produz revolta são as tais torres, de plumas colossais que «élas» levam por malvadez ao cinema e aos theatros...

O! é um horror!...

A gente se espicha, manobra dos nados, encomoda as fronteiras e vizinhaças e sempre está o chapéu tapando a tela e sumindo os artistas no palco.

Emfim isto vai ser rezolvido. Cazo vença, como parece, a moda dos balóis, os chapéus preistoricos resurjirão. Uma touca pequenina de pano escuro virá substituir o horror dos espectadores

Atravez destas impressões de moda um cazo bem engraçado está me provocando rizo. E' que imájino aquela obesidade gorda da Mademoiseile X... metida numa saía de brim branco, com arame na bainha, como um balão cheio de gaz e... bainha!... Aquela grossura imensa e rotunda há de causar furór nas cronicas da moda quando se apresentar na tal moda de vóvó. Com certeza ela terá o tranzito garantido pela guarda civil, do contrario não terá passagem na estreiteza da Ouvidor...

Falta agora vi a moda masculina, pois a que temos é incolor e difusa.

Oxalá que não seja de calças apertadas e curtas e chapéu de chaminé...

HILPAFOR.

Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco"

Movimento de setembro a dezembro.

No período acima foi aceito para o quadro social o rs. Achilles Moura, e eliminado a pedido o socio Manoel Nunes dos Santos.

Por portaria de 30 de setembro foi promovido a efectivo o socio colaborador Numa Oliveira sendo nomeado para o cargo de 2º Secretario.

Em sessão de 22 de outubro o socio Joaquim Luz renunciou o cargo de vice-presidente sendo nomeado para o lugar de 1º Secretario.

Em sessão de 3 de dezembro procedeu-se a eleição de presidente e vice para o exercicio de 1917 obtendo maioria de votos os socios Belarmino Borgneth e Maria Lira Pessoa, respectivamente.

A sociedade conta atualmente 81 socios, sendo:

efetivos—socios	13
“ socias	48
colaboradores	10
honorarios	6
representantes	3
benemeritos	3

81

“Vida e Saude”

O nosso companheiro Joaquim Luz nos ofertou os dois primeiros numeros desta importante revista que se publica no Porto e que se dedica a propagar as vantajens do vegetarianismo.

Traz colaboração diversa sobre o rejimen natural.

E' representante desta publicação aquêlê nosso companheiro, que aceita assinaturas.

Os jornaes

Continuamos a receber com regularidade: “Resposta”, de Petropolis; “O Rubi do Ceará”; “O Norte”, de Barra do Corda; “O Amargoza-Baia”; “A Patria” de Amarante, “O Popular”, de Floriano; “Gazeta”, de Terezina; “O Jornal Batista”, do Rio; “O Zenith” de S. Paulo; “Correio do Codó”, “O Mundo Feminino”.

Gratos e continuaremos permutando, pedindo desculpas aos nossos colegas se alguma irregularidade tem havido na remessa da nossa publicação.

Registo elegante

Mais um ano completou em 25 de setembro o travesso Alfredo Fortuna, filho:

No mez de outubro transcorreram os aniversarios dos seguintes consocios: em 4 José Zoroastro Vieira, em 6 as professoras El-zuila Souza e Roza Castro; em 7 Marcos Rios; em 12 a professora Noemi Souza; em 13 a senhorita Ana Viana Torres; em 18 Hilda Goiabeira; em 21 Aldeadora Sá; em 30 Odija Nogueira e a galante Lucina Fortuna.

Em novembro registámos em 28 e 29 as senhoritas Raimunda Moreira de Souza e

Sinhá Rios (nossas distintas consocias e a 30 o simpatico Silvio Moura atualmente na Baia.

No corrente mez aniversariaram-se: a 15 a gentil consocia Celina Hollanda e a 17 a gracil senhorita Zuza Ribeiro; amanhã as nossas distintas consocias Lilia Botelho e Ermilva Costa:

BELARMINO BORGNETH

Transcorreu a 23 de novembro ultimo o aniversario natalicio deste nosso local companheiro, prezidente cleito da sociedade para o futuro exercicio.

Por esse motivo os colegas da Rio Branco lhe promoveram na redação do «Atenierse» uma sincera manifestação de apreço.

Sinceros cumprimentos ao Belarmino.

DR. BENJAMIN MOURA

No dia 25 do corrente ultimo festejou teu aniversario natalicio na capital cearense o o estimado conferente da nossa Alfandega dr. Benjamin Moura que vem exercendo com proficiencia o elevado cargo de Inspector da repartição conjenere naquela cidade.

Possuidor de reaes merecimentos o illustre chefe recebeu de seus amigos tocante manifestação de apreço sendo-lhe ofertado um valiozo anel de bacharel em direito.

Embora tardiamente enviamos as nossas sinceras felicitações.

ESVERALDINA FORTUNA

Aniversariou-se em 12 do corrente a distintissima consocia que encima estas linhas.

Esveraldina Fortuna que se acha com sua familia repoizando, fora da cidade das grandes fadigas de um ano de incessantes estudos, que lhe deram como premio um exame brilhantissimo, não poude, por esse motivo receber das inumeras pessoas de sua amizade as manifestações do grande apreço em que é tida.

Nós, que nos orgulhamos de tel-a inscrita no nosso quadro social, juntamos ás alegrias de sua distincta familia, os nossos parabens, fazendo votos pela continuação brilhante do seu preparo intelectual.

—Na mesma data aniversariou-se a innocente ELCY.

JOAQUIM LUZ

O nosso infatigavel companheiro, Joaquim Luz, o «Bastião», teve o grande prazer de comemorar o seu aniversario natalicio no dia 17 do corrente.

Afastado do borboiinho da cidade privou-nos o grande ensejo da manifestação cor-deal que sempre lhe fazemos nesta data.

Entretanto, lhe consigamos daqui os os nossos sinceros cumprimentos.

MARINHO ARANHA

No proximo dia 31 transcorrêrã a data

natalicia dô nosso illustre conterraneo, Euclydes Marinho Aradha, cavalheiro de fino caracter que entre nós exerce com zelo e aptidão o espinhozo cargo de Inspector d'Alfandega.

A sociedade literaria Barão do Rio Branco, lhe envia antecipadamente os seus cordeaes cumprimentos.

Uma entrevista

Estavamos ali atirados rudemente num banco da praça Deodoro e vimos passar do outro lado um tipo «smart» envergando uniforme azul de mesela, com vivos brancos, quepi da mesma fazenda, de pala amarela, sistema alemão.

Intrigados com esse novo talhe de soldado nos aproximamos manhosamente e conseguimos saber que era das fileiras do 47º batalhão.

Apenas nos conheceu fez a continencia no estilo moderno e nos deu a entender que era de boa indole.

Delicadamente correspondemos o cumprimento e assim relacionados indagamos:

—Então que vem a ser isso; você soldado?

—E' verdade, sou atirador...

—Como?... para ser atirador precisa essa poze toda?... que historia é essa?

—Pertengo ao Tiro Brasileiro e compar-tilho do sentimento marcial que ora domina o senso nacional.

—Muito bem, sois, então um patriota?

—Sim, mas...

—Mas o que? você com esse elemento marcial demonstra ser um valorozo brasileiro, pronto para a defeza do paiz.

—Sim mas o Tiro é só para evitar que os seus associados sejam sorteados para o serviço do exercito, é uma confederação garantida, e foi por isso que eu me alistei.

—Então de que lhe serve esse entusiasmo militar de que me falou há pouco e esta farda elegante é só para inglez ver?

—Certamente, gosto de farda e é por isso que me vêdes assim, estou no rigor da moda; quem não calça uma riuna e não põe uma farda está fora da moda...

Escurecia já. Despedimo-nos do «brizo» militar e fomos ocupar o nosso banco pensando no herdeiro do sentimento marcial que ora domina o senso nacional.

Memorandum

22 DE OUTUBRO—Transcorreu o aniversario do falecimento do grande comediografo maranhense Artur Azevedo.

3 DE NOVEMBRO — comemorou-se a data do mavioso poeta conterraneo Gonçalves Dias.

A mocidade literaria promoveu uma romaria ao monumento do gloriozo vate fazendo-se ouvir pela sociedade Rio Branco o respectivo presidente João V. Ribeiro, pela Silvio Romero a senhorita Santinha Kertk, pela Revista Maranhense, prof. José Monteiro, e pela Academia Maranhense, o rutulo jornalista Domingos Barbosa.

5 DE DEZEMBRO—Aniversario do falecimento do ex-imperador do Brazil, D. Pedro II

O Ateniense

ORGAM DA SOCIEDADE LITERARIA "BARÃO DO RIO BRANCO"

ANO 6:



Maranhão, 10 de fevereiro de 1917



NUM. 67



HOMENAJEM

da Sociedade Literaria BARÃO DO RIO BRANCO á memoria excelsa do seu patrono,
o incansavel defensor do solo patrio, pelo 1. lustro do seu passamento

Rio Branco

Hoje, mais do que nunca, o Brazil e com êle o Mundo inteiro sente uma infinita saudade do grande «chancelér de oiro» Barão do Rio Branco que durante a sua luminosa trajecto ia na vida impugneu fôrte pelos ideais de humanidade, de paz e de progresso, dando a nossa estremecida Patria a sua real grandeza dilatando lhe o territorio e fazendo estreita as nossas relações diplomaticas com as nações civilizadas.

Enquanto a fogueira da guerra, o estrepido dos canhóis, a ponta das baionetas destróem liames de fraternidade entre povos; enquanto a loucura de ambição, a falta de caratér, a politicajem imunda e baixa que se observa por todos os cantos derrocamos os «ncbres ideáis que nós sonhamos», em nossas almas, em nossos coraçõis súrje a figura altiva de Rio Branco, o brasileiro que velava pelos nossos direitos agóra vilipendiados e trabalhou pela ereção do monumento á Paz hoje atirado por terra sobre as cinzas de muitas cidades, encharcando do sangue de nossos irmãos.

Não ha quem se não lembre daquele vulto grande que no Itamaratí, decidido e enérgico, sereno e respeitado, pondo em atividade o seu talento incomparavel ao trabalho da Patria, firmava as doutrinas immaculadas de fraternidade e cada dia dava com um feito memoravel honra ao Brazil e orgulho aos brasileiros.

Apostolo intranzijente do dever, servo submisso de seu povo, êle, em cada manifestação de sua força, como estadista ou patriota, como ministro ou popular, se tornou um desses que a historia recolhe, immortaliza e não despreza jamais.

Embora, porem, haja algúem que por mero despeito tenha de qualquer maneira procurado abalar o seu prestijio e gloria, Rio Branco, como um sól majestozo, fulgura e luzirá eternamente mostrando-nos o direito, o bem e a vitoria.

Todo brasileiro o tem nalma carinhosamente animador, pois o illustre morto em vida mesmo foi consagrado como idolo da nossa admiração.

Cada ano que passa daquêle dia terrivel em que a morte nos roubou para sempre o amado mestre, é mais uma corôa de dôr que a nação depô sobre o maior tumulo da America do Sul

onde jazem os sagrados restos do invulneravel timoneiro do bem.

A mocidade que é a esperança fagueira dos nossos dias de amanhã se impôo o devêr de cultivar-lhe a memoria, e nós que pertencemos a esta geração que acompanhou entuziasmada os ultimos tempos de sua actividade, prestamos ao querido patrono do nosso gremio as nossas tristes homenagens com o pranto inesgotavel de nossa saudade.

Disse Pa-sy que «os verdadeiros patriotas são os que trabalham em estabelecer, em assegurar ás nações a independencia e a justiça á sombra benéfica da paz», e é por isso que hoje, mais do que nunca, o Brazil e com êle o Mundo inteiro sente uma infinita saudade do grande «chancelér de oiro» Barão do Rio Branco.

Com ares de cronica

Foi o espectáculo mais emocionante a que eu já assisti em toda a minha vida.

Por uma coincidência o vapor em demanda ao Norte aportava em S. Luiz sempre aos domingos, e o povo acudia curioso ao desembarque daquela lejião mizerrima de homens que imigravam, acossados pelo flajêlo.

Era mesmo muito triste. Os maranhenses de coração aberto recebiam aos seus cuiados aquelas creancinhas alvas, loiras e seminúas, e aquelas mulheres magras, cadavericas, de rôsto macilento e vestes andrajózas.

Nunca a Natureza lhes tinha sido tão severa assim. Expulsados como delituzozos, banidos como delinquentes, quando aquêla gente éra e é o exemplo do trabalho e do empreendimento!

Com que dôr acérba não lançaram seu ultimo olhar de saudade para as suas fazenda de gado nutrido do Tamboril poetico, como não choraram a salubridade de Queixeramuhim e a fertilidade pasmoza de Crateús!

A todos esses lamentos a Natureza foi surda e lançou-lhes o seu cruel anatema: fome e sede.

Com tudo aquilo, toda a fome insaciada que se traduzia na fisionomia famelica de cada um dos novos hospedes, extirpados da «terra dos verdes mares bravios», pelas suas modalidades climaticas, apesar de tudo, via-se que o cearense é um povo de corajem e uma raça impavida e forte.

A proposito da impavidez a que acabo de aludir do povo da «terra da Luz», lembrei-me, em hõa hora, de um episodio passado a bordo de um navio mercante, quando eu viajava para o Ceará.

Das figuras de bordo a que mais atraía a atenção éra a de um tipo desconhecido, que uns diz'am russo, outros alemão. Tinha um

rôsto quadrado e de maxilas pontegudas, era loiro e arrastava um castelhano quasi incompreensivel, que até o garçon custava a lhe entender quando reclamava qualquer irregularidade da meza.

A despeito do viajante ser um tipo sizudo e calado, todos nós brasileiros já gostavamos d'êle, porque quando nas refeições punham-lhe a banana maçã no prato, o alemão não olhava mais a ninguém. Estalava a lingua, revirava os olhos e dizia:

— Oh! *frrrruta gostosa a brrrazilerrra!*

Nós riamos em côro daquela excentuicidade do russo retraido, mas num rizo de agradecimento, seguido de um gesto de puro bairrismo.

Na ocasião do *moka* das duas horas, lá estava assiduo o nosso companheiro de viagem, e a muito custo lhe arrancavamos alguns vocabúlos a êsmo.

Era ainda muito cedo e já todos estavam de pé, para assistirmos, conforme tinhamos combinado de véspera, as cerrras cearenses surjirem ao lonje enevoadas, com seus recôrtes acentuados e adoraveis!

Não tinhamos ainda dez minutos de orgulhoza contemplação, quando o «alemão-russo» chegou-se ao nosso grupo, e, como quem toma a si d tarefa de cicerone, disse na sua meia lingua:

— «Oh! *Cearrrra!* O cearense é um povo ouzado e forte. (E continuou na sua conflagração de z z e de r r). Ha trez anos passados eu fui a Pariz vizitar uma fabrica de munigiões quando distingui dois homens de tipos inteiramente diferentes dos outros que ali trabalhavam. Diriji-me a êles e perguntei de onde eram.— Brasileiros, responderam. Mas de que estado?— Do Ceará, ambos retrucaram...

De outra feita, estando numa viagem de exploração na Africa, tomei aos meus serviços em Marrocos, trez homens alvos e de semblante agradável. Perguntando de onde vinham, disseram que eram do Brazil, naturacos do Ceará, e que já havia cinco anos que andavam pela barbaria, a procura de aventuras e de trabalho...

Dito isto, o viajante retirou-se do nosso grupo, deixando-nos embevecidos pelo panorama da terra cujos filhos éram tão espontaneamente proclamados, por um estrangeiro, como fortes e intrepidos!

Este ano, caro ledôr, não é o receio de não ter agua para reverdecer os campos que persegue o cearense. E' justamente o contrario; agora lhes persegue o terrôr da inundaçào, porque o Inverno, a julgar pelo seu inicio de abastancia e de excêso, será um meio diluvio... A primeira chuva deste Inverno deu 305 milímetros que, com mais acrescimo de uma cifra insignificante, perfazia o numero de milímetros de todo o Inverno passado!

Igualmente emocionado como eu assistia, no ano preterito, do Maranhão, ao desfilar desses infelizes expatriados, em demanda de trabalho nos sertões da «te-

PARNAZO

Sobre o tumulo de Rio-Branco

MARIA (*)

Aqui dorme da Patria o filho amado,
Guia melhor e gloria mais segura.
Da pobre mãe no rosto conturbado,
Em vez de rizo, a lagrima fulgura.

Genuflexa ante o corpo inanimado,
Onde uma alma habitou excelsa e pura,
Ninguem responde ao doloroso brado,
Em meio a senda solitaria e escura.

Quando seu seio generoso nume
Um filho igual procreará um dia,
Que a cubra de l.ureis imorredoiros?

Consolo algum existe ao seu que xume:
Seu coração é esta tumba fria
Que ela mosta ao respeito dos vindoiros.

Antonio Sales

Foi num dia sublime. O grande sol rendado
Inflamava o horizonte atraz dos palmeirais
Colorindo a campina, enchendo os vegetais
De um tom d'oiro fuljente e quazi averme-
[lhado]!...

Veio o ocázo tristonho. Em frondes e ra-
[mais]
Cantava a sururina e o roxiol maguado,
E esse canto de dôr saudôzo e apaixonado
O corrego-tambem gemia entre sarçais...

E veio a noite imensa, e a trêva envolveu
[tudo]
Num silencio infinito, estranhamente mudo,
E em cima bruxuleava a lua triste e fria!...

Foi assim meu amôr.—viva aurora bendita,
Hontem luz, hoje dôr;—uma angusti i infi-
[nita]—

E apenas na minh'alma uma estrela—«Ma-
[ria]»!...

(Do poemeto em preparo.)

Rio—916.

Hilton Fortuna.

(*)—Reproduzido por incorreções.

Sepulcral

De bôca escancarada, horrivel e meçonha,
A terra espera um corpo, um cadaver ge-
[lado].

Sente sêde de verme e o dezejo esfomeado
Breve está satisfeito ao regalo que sonha.

Um cortejo de luto a marchar demorado
Penetra triste, mudo, e sem que a dôr
[componha],
No fundo escuro já da caverna bizónha
O corpo depozita em flôr alcatifado.

Os filhos, em redôr, o derradeiro olhar
Atiram sobre o pái, num adeus, a chorar,
Espalhando no espaço estremeçados ais...

Éla fria, esfaimada, ao receber o morto
Parce satisfeita e o ventre num conforto
Enovela escondendo o que não volta mais!

Rio, 917

Hilton Fortuna.

ra das palmeiras onde canta o sabiá, eu
vejo agôra, do Ceará, onde me acho, o
mesmo espetaculo enternecedor.

Si partiram cadavericos, voltam esque-
leticos dos nossos sertões onde grassam
as intermitentes que lhes roubaram os filhos
tão queridos quanto a terra onde nasceram.
Lá nas plagas do Mearim e Barra do Cor-
da, onde não encontraram a salubridade
de clima que se adaptasse a sua constru-
ção, deixaram seus filhos mortos e suas
mulheres trabalhadoras!

E no seio de toda aquela miseria, caro
ledôr, matrapilhos como foram, cambale-
ando de dôr e de cansaço, o que se lê na
fizionomia de cada um deles é o prazer, a
alegria de poderem ainda vivos pizar o
solo cearense que os expulsou.

Quando nos dirijimos a cada um dos
cearenses que voltam, e perguntamos o
que viram e sofreram nas terras de Ma-
ranhão, dizem sem rebugos:

—Vimos um povo hospitaleiro e carido-
zo, mas sofremos as inclemencias de um
sólo pantanôzo que nos roubou a saúde e
os filhos queridos...

Fortaleza.

D. F.

O castigo da orgulhoza

Cecy, uma encantadôra creança, éra
o desvelo e a felicidade de um casal.
Como uma camelia que dezabrocha
em maio, foi crescendo, cercada dos
carinhos dos seus pais, que, aprezar

do esforço empregado para lhe darem
uma esmerada educação não conse-
guiram corrigir-lhe o seu maior de-
feito, e Cecy creou-se uma menina
orgulhoza.

Quando entrou para o colejio, acre-
ditava-se superior ás suas colégas,
chegando mesmo a alimentar verda-
deiro odio ás que não eram de epi-
derme branca como a sua, devido á
grande aversão que manifestava pela
côr negra.

A despeitos dos paes de Cecy pro-
curarem desvia-la d'essa rota sinuoza
por que se enverelhava, mostrando-
lhe que todos somos iguaes, éla não
queria compreender essa verdade, e
tornava-se cada vez mais orgulhoza.

Seus pretensos sentimentos de su-
perioridade eram tamanhos, que se
algun mendigo de côr branca pedira-
lhe esmolas, davall'as de bôa von-
tade; se, porem era de têt negra,
ela expulsava arrogantemente de sua
porta, anegando o pobre famelico
de que se la voltasse arrepender-se-ia.

Cecy, tendo completado os seus es-
tudos, aos 14 anos, saiu do colejio.
Suas colégas exultaram de alegria,
pois lhe votavam flagrantemente antipatia.

Com o vil sentimento de implicar
com os criados da casa, Cecy p-olos
todos para fóra, obrigando sua mãe
a tornar-se cozinheira.

Um dia, estando á janela, viu pas-

sar um rapaz elegante, simpatico,
porem muito moreno. Esse rapaz, ao
vê-la, apaixonou-se pela sua figura
airoza, e resolveu mandar-lhe uma
carta. Esses gestos passaram des-
percebidos em Cecy, que não lhes
deu a menor atençaõ.

Uma tarde, quando estava em doce
meditação, antegozando prazeres fu-
turos da sua vida de virjem, débruça-
da molemente na janelã da sua man-
são, uma creança entregou-lhe uma
carta. Perguntado de que éra, o por-
tadôr não respondeu, limitando-se a
apontar para a pessôa do remetente,
que se achava defronte.

Cecy ao vê-lo ficou tão indignada
que lhe disse:

—Não vê que não dou atençaõ a
moleques! E saiu da janela, batendo
com força o gradil, num gesto de
zeperadôr.

Dai em diante, nunca mais apare-
cou á janela, sentindo-se ofendida
no seu amôr proprio por um ato que
julgava audaz e dezairozo.

Alguns mezes depois do fato que
vimos de citar Cecy foi ao clube de
dansa em companhia da sua familia,
e logo á primeira valsa da praxe que
tocou, um rapaz de côr morena foi
tira-la para seu par. A orgulhoza, de-
pois de olha-lo fixamente, disse:

—O sr. não se atreva mais a vir
t tirar-me, entendeu?

Já a festa estava quasi a terminar e Cecy ainda não tinha dansado uma só parte, devido haver tratado com grosseiria todos quantos dela se aproximavam.

Finalmente, um mancêbo de cabelos alourados que lá estava, e a apreciava muito, foi tira-la para seu par, ao que a menina acedeu, sem dizer coisa alguma.

Quando a valsa ia em meio, o rapaz murmura entre dentes ao ouvido de Cecy:

—Senhora, dezoito possuí-la; serei correspondido?

Como não tivesse resposta, repeliu a galanteria:

—D. Cecy, se acha que fui ouzado, queira perdoar-me.

—Não, senhor, respondeu ela, emudeci afim de meditar melhor na resposta, a qual tenho o prazer de lhe dizer que é afirmativa.

Terminado que foi esse ligeiro idílio levaram o ocorrido ao conhecimento dos paes da moça, e daí em diante passaram a ser noivos os dois jovens.

Seis mezes depois efetuava-se o casamento; e qual não foi a surpeza de Cecy, quando viu que seus sogros cunhados, enfim todos os parentes do seu marido eram de côr carafuz e negra?!

Enfureceu-se, porem já era tarde, ficando assim a orgulhoza castigada.

M. F.

Vespaziano Ramos

O Maranhão teve a desventura de perder, nos últimos dias de dezembro do ano passado, um dos seus mais ilústrs filhos.

Morreu no Amazonas, Vespaziano Ramos, o poeta talentoso e meigo, sentimental e espontaneo, autor de bellissimas poezias.

Talentoso, na mais alta significação do vocabulo; meigo, sentimental e espontaneo, porque as suas produções, apesar de serem estilo simples, são de brilhante imaginação.

Publicou recentemente, na capital do Paiz, o seu majistral livro de versos a que modestamente deu o nome de «Cousa Alguma...», o qual foi recebido debaixo dos maiores encomios que porventura se possa fazer a um joven que se inicie na vida litteraria.

Nem outra attitude éra de esperar dos criticos, senão essa de lhe render elogios. Fizeram justiça e nada mais.

Sobre o seu livro sinjêlo como indica a epigrafe, escreveram, sem duvida, as penas mais abaziladas do paiz, como sejam. João Ribeiro—o grande mestre da lingua vernacula e gramatico de incontestavel valor; o principe dos jornalistas brasileiros—Medeiros e Albuquerque; Ozorio Duque Estrada, poeta de profundo saber e illustração, e tantissimos outros vultos de reconhecido valor litterario.

Todos eles em plena comunhão de idéas, em vozes, portanto, unizonas, saudaram o poeta pelo seu triumpho com a sua primeira obra, intitulada—«Cousa Alguma»

—que digamol-o, na verdade, muita coisa é.

Mas a morte sempre cruel veio arrebatarnos tão cedo, quando começava desvendar as suas inspirações, esse genial cantor do amôr.

Simplez —, dos que mais o hajam sido, era Vespaziano Ramos um coração afeito ao bem de todos, e daí o ser ele muito apreciado por todos quanto o conheciam.

Naceu o poeta em Caxias, berço de Coêlho Neto, o insigne escritor maranhense e de muitos outros homens notaveis que honram sobremodo o nosso paiz pelos seus valores intellectuaes.

O Maranhão cobre-se de luto pelo passamento desse filho que tanto o dignificava e engrandecia.

E por isso mesmo a memoria desse que tanto o estremecia ficará para sempre immortalizada no coração dos seus conterraneos.

Seja me permitido, antes de terminar estas despretenciosas linhas, como amigo que fui de Vespaziano, saudar á sua inesquecível memoria:

Eu bendigo o nome aureolado do vate que tão lonje acaba de perecer

Compartilhando da grande magua que enlutou esta terra, aprezentando pezames sentidos á familia do poeta Vespaziano.

Anaxágoras Carvalho.

Academia Maranhense

Revestiu-se, como éra de esperar, de real brilho a sessão de recepção do novo academico dr. Justo Jansen Ferreira, douto geografo e clinico insigne, a quem muito devemos quer como medico quer como educador concienzoso.

O seu discurso foi a mais perfeita peça oratoria e a ella foi posto em evidencia o gráu da sua erudição, num bello estudo geográfico, fazendo o elogio do seu patrono Candido Mendes d'Almeida.

O insigne juriconsulto sr. dr. Godofredo Viana, a quem foi confiada a incumbencia de receber o dr. Justo Jansen, produziu uma verdadeira joia litteraria, que jamais será esquecida por quantos o ouviram.

Pena é que a Academia inda não se tenha movido para nos proporcionar, de quando em vez, uns momentos tão agradaveis como o que vimos de nos referir. Com o elemento soberbo de que dispõe, poderia fazer constantes festas d'arte para nos arrancar do turpor a que estamos atirados.

Aguarde mo-nos para a recepção pelo dr. Alfredo de Assis, segundo dizem, do erudito educador e filologo José Augusto Corrêa e confiemos que a Academia não nos deixe, como a Brazileira de Letras reduzidos somente a concilios de recepções.

—E o sr. D. mingos Barboza, o Eça Maranhense, quando nos dará o prometido Lucas Sampaio?

Rejisto Elegante

Fizeram anos, em janeiro:

D. Zaira Campos, em 1.º;

D. Geneveva Beleza, Vicente M. Ferreira e Dr. José C. Berrêdo Lisboa, em 3.º; D. Inez Rodrigues e srta. Herminia Moreira, em 6.º; Nizal Prado, em 8.º; Dr. Carlos Marques, Emiliano Braga e José C. Vieira, em 15.º; Conego João Chaves, em 27.º; nossa consocia srta. Izabel Araujo, em 26.º; Marieta Domingues da Silva, em 28.º; D. Amelia Torres, em 30.º; Maria José Braga, em 3 deste; srtas. Zenaide Lopes e

Maria José Muniz, em 4.º; srtas. Consuelo Arôzo e Leonor Muniz, em 8.º; srta. Aldenôra Fortuna, hoje; nosso socio Valentim Souza, em 14.º; Letizia Bangom, em 17.º; srtas, Yayá Vinhaes e Meria Moura, em 21.º; D. Edith Souza Champoudry; em 25 e nosso illustre consocio Torquato Rios, em 27. Parabens extensos.

D. LUIZ D'ORLEANS E BRAGANÇA

Rejistámos contentissimos a passagem, em 26 de janeiro, do natalicio do nosso consocio—o principe imperial do Brazil e autor do bello livro «Sob O Cruzeiro do Sul».

Nas pajinas soberbas do capitulo que diz respeito a sua patria, o principe banido deixa transparecer que no seu coração ainda jovem e robusto, habita uma grande parcela daquêlê anôr que tinha a este Brazil querido o seu velho avô—o saudoso D. Pedro II.

A' este que ainda tem esperanças de poder vir a patria querida, mandámos os nossos sincêros parabens.

D. FRANCISCO DE PAULA E SILVA

Comemorou em 24 o seu 25.º ano de ordenação e 10.º de chefe da nossa igreja, como bispo, o impecavel apostolo que nos há deslumbrado com a sua palavra sadia e erudita, cujo nome encima estas linhas.

Juntamos ás inumeras felicitações que recebeu, tambem as nossas.

AJENOR SANTOS

Passou em 2 deste a data anniversaria deste nosso esforçado e intelligente companheiro de primeiros passos, que se acha atualmente na Baia, como habil radio-telegrafista.

Os nossos parabens ao distinto amigo.

CORONEL ALFREDO FORTUNA

No proximo dia 17 estará em festa o lar deste nosso illustre amigo e socio benemerito, pae dos nossos companheiros Hilton Djalma, Jozé, srtas. Marieta e Esveraldina Fortuna, pela passagem do seu natalicio.

Alfredo Fortuna dispensa qualquer elogio, pois todos que o conhecem sabem o quanto é cidadão e bom pae de familia.

Recebemos a vizita do «Avizo», interessante publicação de Picos-Piauí. Agradecidos permutaremos.

Ofertado pelo nosso socio honorario, Dr. Teixeira de Souza recebemos o seu recente trabalho «A grande Guerra», poemcto que se recomenda nem só pelo seu valor litterario, que dispensa qualquer elogio, como por ter sido dedicado em prol das familia dos civis belgas deportados pela barbaria alemã.

Bôas-Festas

Recebemos cumprimentos de:

Antonio E. Almeida Braga, de Fortaleza e dos nossos socios João Silva e Djalma Fortuna, da mesma cidade; «A Previdencia Agencia de Manaus»; Jozé A. Teixeira, junior, de Manaus, Hilton Fortuna, do Rio, Joaquim Luz, Belarmino Borgneth, Ribamar Fortuna, e Srta. Maria Luiza de Lemos Coêlho, filha, do Ri.

Por falta de espaço fica para o proximo numero um artigo sobre Vespaziano Ramos do nosso companheiro Joaquim Luz.

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 6.º

Maranhão, 11 de março de 1917

Num. 68

Hilton Fortuna

Passou a 28 de fevereiro ultimo o aniversario natalicio deste nosso companheiro de trabalho, um dos fundadôres da nossa tenda.

E'-nos, portanto, sobremaneira agradavel rejistar este evento e render aquí as homenajens devidas ao festejado, já pela estima que lhe votamos como companheiros de trabalho, amigos, condicipulos e como admiradores de um artista nôvo sim, mas que vem se revelando majestôzo na sua obra ainda ha bem pouco iniciada.

Hilton Fortuna depois de haver recebido algum preparo nos nossos melhores estabelecimentos de ensino, onde sempre se revelou dotado de grande saber, teve de interrompêr os seus estudos, ainda incompletos, e se entregar ao labôr pela vida árdua do homem honrado que se quere fazer. Mesmo afastado dos bancos escolares, nunca deixou de escrever e sempre com uma idéa fixa: a de fazer progresso, iniciou a sua carreira literaria com a fundação d'«O Canhôtô», em 1912. Desta epoca até agora tem trabalhado muito e já pode sêr apontado como vitoriôzo,

Quando daqui partiu para o Rio, ha bem pouco tempo, já era autôr de bêlos trabalhos como sejam *Maria e Rio Branco*.

*Salve patrono! Aceita as homenajens,
Sinjelas, sim, mas puras qual mirajens
Das nossas gratidões!
Vê como em nosso meio, humilde, embóra,
A' sombra do teu vulto, a toda hóra
Palpitam corações! ..*

e muitos outrôs versos reveladôres do valor de quem os fez.

E agora que não sente mais a atmosfera abafada do nosso meio onde a Arte é letra morta e o Artista alvo do desprezo da burguezia; agora, na super-civilização da nossa metropole, onde respira outro ar que não o nosso, a sua alma exulta de alegria e o seu pensamento riquissimo de idéas majestôzas entrou a trabalhar com uma atividade louvavel e sublime. Os seus trabalhos, publicados na imprensa local e carioca, atestam melhor que as nossas palavras.

Ainda, porem, que não houvesse esta abundancia de provas do que é o seu talento; ainda que permanecessem embevecido e parado no centro onde se encontra, teriamos para esmagar qualquer duvida este conjunto

de arte, beleza, amôr e civismo que o poeta recitou no *Jockey-Club*, em 28 de julho, por ocasião do 95.º aniversario da azeção do Maranhão à Independencia e que se chama *Nossa terra*.

*A lembrança da terra! O' quanto é bôa!
E como, dentro em nós, cançôis entôa
A saudade vibrando!...*

*.....
Nosso berço materno tem doçura;
Não se encontra prazer, maior ventura
Nem carinhos mais sãos;
Tudo lá, para nós, são rizos, flôres,
Porque somente lá temos amôres
De pai, de mãe, de irmãos!...*

*.....
...Ao nosso Maranhão;
Mas aquêle que parte da cidade
Vae deixando, na barra, com saudade,
Inteiro o coração!...*

—Que mais dezejar de um principiante que vem lutando contra fortes elementos combativos, de espiritos mesquinhos, de imbecis?

Foi com esta joia, que, intimamente, cauza inveja, a muitos mestres, que o Hilton fincou a primeira estaca da sua proxima glorificação. E daí para cá uma imensa quantidade de versos tem sido produzida para, reunidos, em um volume, constituir mais uma pedra precioza engastada no diadema da Atenas Brasileira!

Que venha o seu livro; nós o esperamos com aniedade e recebe-lo-emos com carinho e os criticos judiciosos, que tanto de bem disseram de *Coiza alguma... e Torrão Maranhense*, não poderão deixar de expedir sobre o livro de Hilton Fortuna os mesmos conceitos encomiasticos dados a Raimundo Lopes e Vespáziano Ramos.

O autor de *Gonçalves Dias*, que tem levado de vencida, numa ascendencia invejavel, todos os obstaculos; saberá assegurar o triunfo da sua estréa, pois dispôe de elementos para sêr apontado, muito breve, como um vulto nacional, honra da literatura brasileira.

Orgulhem-nos, pois, e felicitemos, alem do poeta, o Maranhão por ter ainda, dentre os novos, filhos que o orgulhem tanto!

PARNAZO

Crepuscular

No alto, da torre da pequena ermida,
Planje, trez vezes, o pequeno sino:
Uma andorinha, suave, enternecida,
Na cruz da torre está cantando um hino.

A sensitiva—a noiva estremeçada
Treme, ao beija-la o zeliro divino,
E no seio da selva adormecida
Solta a cigarra o canto vespertino.

Poiza em tudo celeste suavidade...
Umhas ovelhas balam tristemente,
Por uma estrada pitoresca e longa.

Para força maior dar á saudade,
Vae, pelos campos, dolorosamente,
O alto e vibrante canto da araponga.

Vespasiano Ramos.

Soneto

Ao despontar o albor da mocidade
Cheia de luz, de sonhos, de tormentos,
Doira-se o niveo rol dos sentimentos
Ao novo sol que os corações invade.

Curvam-se as almas ante a majestade
Do amor que enflora os grandes pensamentos,
E entre o esplendor de seus ensinamentos
Dois corações se enlaçam na amizade.

No verde mar de gratas esperanças
Brincam felizes, quais gracios creanças,
Num bergantim de roças e de goivos;

Em tudo ha rizes, flôres e venturas,
Hinos de amor, delicias das mais puras...
—Como é ditozo o respirar dos noivos!

A' Dídica

J. Ribeiro.

Enganado

Ao Zildo Maciel

Eu supunha que tu correspondias
O que trago no peito—uma paixão—
Mas hoje comprendi que fujidias,
Se te foram as provas de afeição.

Se és de gelo, mulher, porque querias
Em pedaços fazer meu coração?!
Atiro sobre ti, sobre teus dias,
A minha eterna e franca maldição!

Agora, já não sei mesmo o que diga,
Do grande odio que tanto me fustiga...
Sei que és ingrata e má, pois que, depois

De me teres prendido doidamente,
Matas o amor que voava puramente
Sobre mim, sobre ti, sobre nós dois!...

S. Luiz, 9-4-947.

Moreira Lima.

A moda

(PARA SENHORINHAS)

A' Maria de Brito

A moda é uma estação bem diferente
Dessas que marca o nosso calendario;
Não parece estação é mais diario
Que de Pariz exportam para a gente!

—E' bem tólo, bem fútil, muito vário
O sistema da moda irreverente...
—Quando é calôr, a roupa é grossa e quente,
Quando está frio, é fresco o vestuario!...

As saias cada dia vem de um jeito
Que nos dá elegancia ou põe defeito,
A's vezes nos faz garbo, outras vergonha;

Veio a saia *entravée*, *jupe-culotte*,
Já vestimos até do tal saiole
Que uma feitiço nos dava de pamonha!

—Pinta o sete co'as moças e concerta
As velhas nossas tias transformando,
E de vaidade o vicio fomentando
Passa a moda seguindo a rota incerta.

E as despezas que traz acorrentando
Nossos pobres papás?... —Islo desperta

Um grito de vingança!... —E' coiza certa
Que não contempla a crize com seu mando!

—E a mulher sempre tóla vai caindo
Como um pato, e ligeira sai vestindo
O que inventar concebe o tal Pariz!...

—Um figurino é tudo!... —Um rito amado
De bobajens embora atopetado
Todas querem saber o que êle diz.

Quanto aos chapéus não quero aqui falar
Que este assunto meus nervos apavóra;
—Si de abas largas, verdes, são agóra,
Amanhã só têm copa... —E' de espantar!

Mil chapéus já tivemos, isto afóra
Os quópis de feitiço militar;
—Toques, toucas, touquinhas pra variar,
E tudo num momento foi-se embóra.

—E' preciso uma guerra,—e bem tremenda!—
Contra a moda maldita, e que se entenda
De uma vez para sempre o nosso gôsto;

Do contrario é a mulher tornar idióta
De pensar nos chapéus, vestidos, bóta,
E com tintas pintando todo o rôsto!...

Rio, Setembro, 916.

Hilton Fortuna.

Vespaziano Ramos

As palavras aqui respigadas pela minha
pena incolor, nada dirão, na estreiteza
desta columna e no acanhado desta pajina,
que condiga com a masculina figura intelek-
tiva do poeta perfeito que foi Vespaziano
Ramos. Mas, tentemos dizer alguma coi-
za.

Vespaziano não era um intellectual apri-
morado que escrevesse o Bêlo como pro-
duto do seu majestozo preparo; não era
um vaidozo com preferenções a gloria que,
a custa de esforços titanicos, emprestas-
se uma cor ficticia aos seus versos para
surtir um resultado colimado e armar
efeito que, se assim fosse, não deixaria
de ser efemero; nunca afagou-lhe a idéa
tirar proveito do seu valor real e soberbo;
Vespaziano era tão somente o artista per-
feito que ignorava de o ser; subsistia-lhe
o preparo que não possuía tão aprimora-
do, a intelligencia exuberante e a simpli-
cidade incomparavel; as suas melhores
rimas são repassadas da maxima sinjeleza
e brotadas, em abundancia, sem o mini-
mo esforço, como as aguas cristalinas que
deslizam, sem cessar, das nacentes de pe-
dras toseas.

A morte cruél, porem, fez com que «o

raio
prim

saudozo *sabiá* fechasse o bico voando
para o verdadeiro paiz do sonho», dei-
xando um vacuo sensível no lirismo bra-
zileiro.

Para atestar a supremacia do poeta
que tanto honra seus irmãos e a mãe Pa-
tria, ai estão as 170 pajinas que, reunidas
num volume, a grandezza do poeta cha-
mou de «Cousa alguma...» Virtudes tão
elevadas como as muitas que possuía Ves-
paziano não se encontram, reunidas num
artista moderno. E daí o maior orgulho
nosso.

Entretanto esvaiu-se uma esperanza
que tinhamos: era que não estavamos sa-
tisfeitos só com o seu primeiro livro; que-
riamos outro, outro, mais outro, e muitos
outros, cada qual mais surpreendente,
mais importante, mais bêlo!

E nessa esperanza, a negra noticia do
seu desaparecimento nos encontrou ainda
com os labios entreaberto no sorriso bom
que nos saturou a alma á leitura do seu
livro sublime.

Mudamos bruscamente o ar sorridente
murmurando ainda:

Soluça alma perdida!

Soluça, como nunca soluçaste:

A dôr que sentes nunca mais sefinda!..

E realmente a nossa dôr não se findará
emquanto sentirmos a falta deste poeta
que, como nenhum outro, sabia cantar as
belezas do nosso sertão e as amarguras da
sua alma joven, desgraçadamente corroí-
da pela fatalidade de um amor infeliz.

Alma simples como as mais simples,
que votava o maior despreendimento a tu-
do que não dissesse respeito a sua lira e
a seu amor, estava disposta, não pelo su-
cêssos ruído da sua estréa, a dar-nos
novos e sublimes versos.

*Quando a tristeza d'alma se desterra?
Quanta vontade, minha mãe, ai, quanta
De ver o ceu azul de minha terra!*

*Eu queria contar-te a minha magua.
Mas a saudade, minha mãe, é tanta
Que eu sinto os olhos arrasados dagua!*

Quem assim falava áquela que nunca
deixou de reconfortar-lhe, com lagrimas
de verdadeiro amor e saudade, a alma
dilacerada pelo inoportunio, e mais adian-
te disse:

*Ha de, convulsa, soluçar, um dia,
A derradeira lagrima punjente
E o derradeiro grito de agonia!*

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Belarmino Borgnhet—Prézidente
 Maria Lira Pessôa—V. Prézidente
 Joaquim Luz—1. Secretario
 Mariéta Fortuna—Thezoureira
 José Fortuna—Bibliotecario
 Achilles Moura—2. Secretario.

Assinatura anual 1\$000

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

não podia silenciar o seu instrumento maviozo, porque a bondade de sua mãe amantíssima, as belezas do sertão inescquecível, onde passou os seus dias felizes e o amor imensuravel que lhe fazia tão desgraçado, lhes dariam sempre assunto para infundáveis monumentos artisticos. A memoria do poeta excelso que sempre admirei, como conferraneo e amante do que recende à simplicidade, esta palida mas sincera homenagem partida do fundo do meu coração que soluça.

Joaquim Luz

Retardado por falta de espaço no ultimo numero.

Cariócas

Encontrei-o hontem em plena Avenida. Fazia um calor de todos os diabos, feria o asfalto e a poeira redemoinhava. Ele suava de lenço em punho, olhos vermelhos e nariz pingando, desesperado e anciôzo de encontrar um conhecimento. Mal divizou-me na Galeria Cruzeiro, mudou repentinamente de aspecto e alegrou-se como um naufrago que vê o limite firme de um continente surgir entre a espuma revolta e desdobrada das aguas infinitas...
 —Psiu! Psiu!...
 —Olá Bibi! Com que então estás aqui?!...
 —E' verdade, caro amigo, cheguei agora mesmo no «Pará»...
 —Que vieste fazer?
 —Ora!... - que vim fazer!... Cavar a vida, meu caro, que as coizas por lá vão pretas.
 —Estás empregado?
 —Não. Trago na mala uma carta á cada *batuta*. Imagina que uma delas é do Batista compadre e amigo do Dr. Hipólito nosso representante...
 Outra é do Bemfica para seu tio Comendador Virjinato, tambem lá da Camara; a outra é de D. Eleuteria afilhada do Dr. Augusto o mais cotado dos nossos representantes; a outra é...
 —Basta, Bibi, bem vejo que trazes a

mala cheia de fagueiras iluzôis e oxalá que elas vinguem.

—Como vês não vim desarranjado...
 —Sim, estimo o teu successo em tudo.
 —O Bibi olhava nessa ocasião, escandalizado naturalmente, um grupo faceiro que em remelexos atraía olhares cupidos dos *rasés* elegantes da porta do Alvear...

Ele tinha o olhar encantado de tudo quanto via e queixava-se de uma dôr de cabeça, uma confusão que não sabia bem explicar.

—E' que não estás ainda afinado ao reboliço dessa serpente monstro que no seu bôjo esplendorozo recolhe, todos os dias, o que de melhor tem o Rio, disse-lhe eu.

Aqui é o ponto *chic* de *rendez-vous* de quem se preza.

Condes, barôis, sênadores, cruzam-se ás centenas com o povo de outras classes sem serem notados, como simples banalidades.

Esta é a terra por excellencia das futilidades efemerias.

Demos duas voltas de alto a baixo, acotovelando, empurrando as vizinhanças, e mostrei-lhe o que de notavel ia observando de passajem.

Ele achou muito chiste nos *camelots* de calicida e pomadas; riu-se a farta.

Conversamos animadamente, enquanto o calor abrazava e os poros humidos se dilatavam. Depois o Praxedés ficou triste ante aquella grandeza de movimento, como que recolhido dentro de si mesmo, a pensar talvez no provavel desmoronamento de todos os seus castelos.

E o movimento recrudescia. O calor aumentava, o asfalto refervia mais e a poeira redemoinhava intensa...
 —Que tal achas isto?

—Soberbo! - exclamou maravilhado o Bibi de olhos fitos no relôjio do «O Paiz» que gemia as 12 horas lentas...

—Bem, meu caro, adeus. Vou trabalhar. Aparece. A minha pensão é mesmo como si fosse tua.

—Obrigado.—E' verdade, deixa-me escrever uma carta para caza.

—Inda é cedo. O vapor sairá daqui depois de seis dias.

—Então um telegrama.

—Isso sim. E leve-o ao telegrafo onde ele, tremulo, rabiscou estas linhas: «*Glorinha. São Luiz. Cheguei satisfeito. Colocação certa. Abraços saudosos. Bibi.*»

E num aperto de mão despedimo-nos.

Eu fui direito ao bonde; ele ficou plantado, mudo, estonteado, na esquina, á olhar, investigador, o gigante de pernas de pau com o reclame da «Casa Rato», ouvindo o papagueamento do preto do monoculo...

Rio.

Hilpafor.

O Abandonado

Numa noite de rigorôzo inverno, um pobre infeliz sem ter sequer uma barraca para dormir, atirou-se, quazi morto de

frio, a um banco que havia debaixo de uma arvore, em uma avenida.

Momentos depois, foi o mizero desperitado pelo guarda que passava.

—Que fazes aqui a estas horas da noite?

—Senhór... pelo amôr de Deus, deixe-me; estou vendo se consigo dormir alguns momentos.

—Então não encontraste outro logar para dormir a não ser este?

—Não, meu senhór, é esta a unica caza que tenho. Esta arvore é a minha caza e este banco minha cama.

—Levanta-te; neste logar é proibido estacionar-se a estas horas.

—Senhór, como quereis que me retire, se não tenho mais para onde ir?

O guarda hezitou alguns momentos e condoendo-se da mizeria de que era vítima o enfeliz, convidou-o para morar consigo.

—Senhór, agradeço penhorado a vossa proteção, mas... um infeliz como eu não merece outra caza nem outra cama, se não estas.

—Então o que te aconteceu, para te considerares assim tão infeliz?

—Já que mostraes empenho em saler uma triste historia, vou contar-lhe a minha vida miseravel:

—Sou sozinho neste grande mundo, sem pais, sem irmãos, sem parentes, sem amigos, emfim sem ter de quem receber uma só palavra de conforto.

Ha cinco anos que vivo completamente isolado dos entes que me eram caros.

Como é natural, eu tinha a imperioza necessidade de amar alguém. E esse alguém que o meu joven coração anciôzamente procurava, supuz um dia ter encontrado, mas, para cumulo da minha infelicidade, erganei-me.

Nesse tempo de iluzôis, eu via em torno de mim um futuro doirado e coberto das maiores felicidades; hoje, porem, o vejo coberto de espinhos.

E se hoje me encontrô neste estado lastimôzo, é porque não posso, por forma alguma, olhar com indiferentismo para esta naturêza tão ingrata, que protege com excesso a uns e abandona por completo a outros.

Ah!... si eu realizasse os meus sonhos de outr'ora!

Quanto eu seria feliz meu Deus!... si por um descuido qualquer ao menos me bafejasse a sombra da providencia!

Mas... já que a providencia de mim se esquiva e sou, a todos os momentos, mais castigado, para que viver?...
 —Levanta-te, tenhas corajem, um homem possuidor de um coração como o teu, não deve morrer.

Estás ainda muito joven e podes ser um dia feliz.

—Não meu amigo, em tempo algum poderei ser feliz; quem podia fazer a minha felicidade, desprezou-me, não soube dar valor ao puro amôr que lhe votava.

Mas... ao mesmo tempo que sinto sobre os hombros o pèzo da infelicidade, sinto-me bastante confortado por morrer apaixonado pela mais bela joven que os meus tristes olhos alcançaram.

Adeus... meu bom protetôr, a minha hora é chegada; sinto partir o ultimo fio gelado do meu despêdaçado coração.

Oh! Maria Santissima, ajudae-me ao menos a morrer!...

B. B.

Os nossos assinantes

Tem sido tão carinhosa a acolhida do nosso apelo á sociedade culta desta terra, por excellencia literaria, que nos sentimos devêras desvanecidos e encorajados para uma luta mais confiante num otimo rezultado.

A maioria das pessôas a quem dirigimos cartas, pedindo assinatura para o nosso jornalzinho, já nos mandou o seu apoio expontaneo e a outra parte, certamente por descuidos e occupaçõis de maior na sua vida honrada e laborioza e ainda pela distancia de alguns, rezidentes fóra da cidade, tem retardado, mas estamos certos não nos será negado o seu concurso.

A' todos, mesmo áqueles que nos mandaram a sua recusa, que são, felizmente, muito poucos.—mandaremos sempre o nosso modesto jornalzinho, com os nossos agradecimentos.

Coordenando

Rapidos decorreram a queles tres dias que a humanidade escolheu e a tradição adotou para a comemoração desenvolta do carnaval.

Orundo das veias do paganismo esse costume universal vem atravessando um avultado roزاریo de seculos da éra cristã e todos os anos é aquele mesmo rumor endemoinhado, aquele mesmo levante de animos que, aliás, vai decaindo sensível e assustadoramente.

Entretanto ainda se pode atestar que este ano o carnaval entre nós foi bem recebido e festejado, embora mesmo as circunstancias accidentais não inspirassem o estravio franco das nossas choradas economias para a simples e excluziva contribuição aderente ao poder interino do deus Momo.

Tivemos o *córso*, a nota externa das evoluções em fóco, e ainda assim lastimei que numa cidade vencida pelas cans de trezentos e quatro anos de organização, o progresso ainda fosse visto a través das impermeaveis malhas de um misteriozo X, fora do alcance de todos os reformadores.

A idéa do *córso* não podia ser melhor e melhor teria sido exêcutada se não fossem os elementos falhos de que dispomos para semelhante empreza.

Foi contudo um grande sucessó o efeito daquele punhado de veiculos armados alegoricamente e decorados com arte e esmerado bom gosto, destacando-se o bergantin veneziano e o pagode japonez.

Igualmente mereceu a atenção geral aquele picante gesto critico do *jumento-movel* que reunia em si o humorismo e o agudo espirito do louvavel *motorneiro*.

Enfim valeu como sempre o entusiasmo forte dos bailés que este ano foi bastante elevado.

Não houvessem esses multiplos impulsos que a mocidade opera e teriamos passado uma temporada insulsa sob a mascara insipida da sensaboria.

Transpuzemos assim a tumultuoza es-tacção carnavalesca e logo após como ação reparadora da profanação dos costumes cristãos a igreja abriu suas portas para ministrar á seus filhos a cerimonia das cinzas.

Foi a alvorada quaresmal.

Na ultima semana tivemos occasiã de ouvir a palavra fluente do joven sacerdote Arias Cruz, no brilhante sermão do encontro.

Ainda novo no presbiterato, ele conta já avultadas simpatias no scio de seus irmãos que felizmente sabem valorizar o merito dos que realmente o teem.

A expectativa ancioza dos que se acotovelaram no velho adro de S. João, foi geralmente satisfeita com o dezempenho lucido do ilustrado clérigo.

Certo a igreja maranhense verá augmentado o seu tezouro de glorias com as proveitozas preleções do seu novo ministro.

Irbério.

Autofotografias elétricas

III

Bastante encantado lira abri rumo maristas implorando naco observatorio. Bairro onde reconheci gracil namorada entendo todo hoje.

Dinamo

Inspirações femininas

Esperança! Estrêla que nos guia no caminho da descrença, balsamo suavizante das nossas dôres, vizão que nos anima a proseguir na longa estrada escãbroza da vida, palavra sublime e consoladôra, enfim, unico porto de salvação para os que se acham perdidos no mar do desespero!

A hipocrizia, a inveja e a intriga, são trez amigas inseparaveis, e armas infalíveis das pessôas vis e ignorantes.

O amor é o balsamo que vivifica e anima os nossos corações, e o reflexo de luz, que ilumina e aquece as nossas almas, dando logar para que nelas penetre a alegria.

Eros.

Rejisto Elegante

ANIVERSARIARAM-SE:

Em 2 o Sr. Artur Almeida, competente administrador dos Correios; em 4 a se-

nhorita Benedita Rodrigues, nossa distinta consocia Branca Vinhais, atualmente no Rio e o Sr. Raul Viana.

ANIVERSARIAM-SE:

Em 12 a senhorita Neuza Bangoim; 17 a senhorita Ana Roza Pereira, presente-mente no Rio; em 18 o travesso Felipe Fortuna; em 20 as senhoritas Rozalia N. Ferreira e Amalia Moura, esta filha do nosso prezado amigo Dr. Benjamim Moura, criteriozo Inspetor da Alfandega de Fortaleza; em 29 a galante Alzirinha Fortuna, filha do nosso prezado socio benerito e amigo Alfrêdo Fortuna, e em 30 nossa consocia Otamires Santos, diléta irmã do nosso companheiro Ajenor Santos, e o Sr. Joaquim Teixeira, junior.

Ester Fortinna

No proximo dia 15 comemora o seu natalicio a Exma. Sra. D. Ester Fortuna Pires, virtuoza viuva de nosso saudozo amigo Antonio pe Vasconcelos Pires, filha e irmã pos nossos socios Alfrêdo, Hilton, Djalma, Jozé, Mariêta e Esveraldina Fortuna.

A' aniversariante, em testemunho do bom e expontaneo auxilio que no dá, foi conferido, hoje, o diploma de socia benemerita, o que nos orgulha sobremaneira, sendo de lamentar a tardança deste gêsto de agradecimento.

Os nossos parabens extensivos á sua distintissima familia.

Dr. Pereira Rêgo

Pelo «Pará», em 6. chegou o nosso illustre amigo Dr. Antonio de Castro Pereira Rego, que vem tomar parte nos trabalhos do Congresso Estadoal. O seu dezembarque foi concorrido.

Comprimntamo-lo.

Dez.º Cunha Machado

Tambem pelo «Pará» chegou este nosso distinto representante no Congresso Federal que vem repoizar das fadigas do seu espinhozo cargo.

O recém-chegado recebeu carinhoza manifestação popular.

Saudamo-lo.

Recebemos o n. 24, 8.º ano do jornal de propaganda da «Caixa Popular»; o relatório do Gabinete de Leitura Camociense, e o n. 12 da «Revista Maranhense» que, aiém de farta colaboração em proza e verso, insêre o retrato do Barão do Rio Branco.

Gratos.

Por falta de espaço ficam compostos para o proximo numero artigos sobre Conselheiro Lafaiete, Drs. Oswaldo Cruz, Benedicto Leite, Eliczer Tavares e Visconde do Rio Branco.

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 6.º

Maranhão, 15 de abril de 1917

Num. 69

Dr. Eliezer Tavares

E' com imensa alegria que «O Ateniense» insere hoje, como significativa homenagem dos môços que aqui trabalham, o retrato do eminente conterraneo Dr. Eliezer Tavares, cujo natalicio transcorreu á 9 de fevereiro ultimo.

Embora tardias, as nossas felicitações por tão auspicioza e grata efemeride, têm o mesmo cunho espontaneo das muitas que, certamente, recebeu o integro magistrado, enchendo-lhe o venturozo lar de uma alegria justa.

Entretanto, aproveitando a data de hoje que tem para o seu estremecido lar o mesmo e justo contentamento, vimos trazer-lhe, com a expressão sincera da nossa admiração, novos cumprimentos.

S. s. vê transcorrer o segundo aniversario de seu enlace matrimonial e grato é louvar o esplendoroso rol das ridentes venturas que engalanam o doce paraizo de suas sonhadas aspirações.

O motivo de hoje prestarmos esta homenagem humilde de forma, mas grandioza, é o contentamento que sentimos quando vemos na carreira môça da vida brilhar o nome ilustre dos nossos maiores, elevando a tradição maranhense á grande altura, onde só chegam aquêles que vencem pela vontade. E o eminente homenageado de hoje é bem uma dessas figuras, exemplo vivo da vontade herculea, da vitoria pelo estudo.

Nacido á 9 de fevereiro de 1874, aqui formou nos nossos colejos o primeiro catedal para o desenvolvimento de sua ilustração. Sedento de saber, seguiu para a cidade de Recife onde se matriculou na Faculdade Livre de Direito, saindo bacharelado em 1896, depois de um curso brilhantissimo, marchetado de muitos louros, que pela sua elevada intelijencia bem soube granjear.



O Maranhão teve então a ventura de vê-lo novamente, e por um ato merecido envergou a tóga de Juiz Municipal da Capital, cargo difficil de ser dezempenhado por um novo, ainda, imperito nas coizas da justiça pratica.

Logo de principio, revelando aptidões decididas, serviu interinamente o cargo de Juiz de Direito da 2ª Vara Cível, por motivo de impedimento do magistrado efetivo Dr. Tavares de Holanda.

Assim estava o prezado amigo e ilustre apostolo do Direito no elevado posto que sua dignidade lhe conferira, quando

politica malfazeja, que infelizmente é o mal geral do nosso querido Brazil e á qual, nós que sentimos a seiva nova estuar em nossas veias de môços, absolutamente nos não curvamos, forjou uma reforma judiciaria, determinando que o Juizado Municipal fosse exercido por verdadeiros leigos, em cujas mãos a espada da Justiça é o mesmo que um chanfalho ridiculo de depredações.

Abrutamente ferido em seus direitos, molestado pelas ingratições, ele deixou a terra natal, indo ocupar a direção da Imprensa Oficial de Manaus.

Obedecendo sempre aos impulsos da sua vocação, seguiu para a Capital Federal, no começo aureo do quadriennio Rodrigues Alves. Era Ministro da Justiça o eminente Dr. J. J. Seabra.

Naquela época o governo remodelava a bela cidade do sul, creando o serviço de hijiene para o radical saneamento da metropole.

Oswaldo Cruz, o saudozo sabio, era o chefe executivo da colossal e benemerita missão, e do judiciario o nosso eminente patricio Dr. Eliezer, que foi distinguido com o elevado cargo de Juiz dos Feitos da Saude Publica.

Isto valeu-lhe toda a vitoria.

Pondo em pratica, sob o senso abalizado de mestre, o que sua douta intelijencia lhe ditava, ele recebia os aplauzos da população satisfeita, referencias honrózas da imprensa, como agradecimento aos inestimaveis serviços que vinha prestando á cidade carióca.

Terminada essa obra que lhe cobriu de gloria, foi removido para a 3.ª Vara Criminal; em seguida para a Vara do Comercio, na qual são incontaveis os beneficios em prol de tão numeroza classe, e, atualmente, é Juiz da Provedoria e Residuos.

PARNAZO

Decálogo

Para o Rubem Almeida

Quando Moisés pregou do cume do Sinái,
Mostrando ao povo a lei no derálago escrita
Disse: «Filhos, cantando, a Verdade conscrita
Ide aos povos mostrar, e o Dever lhes ditai!»

Uma aurora de luz, desde então, infinita
O Mundo iluminou como um raio que vai
Penetrando e extinguindo o negrôr onde cái
A tréva em catadupa.—Alvorada bendita!...

Veiu o direito humano, o domínio do povo,
A lei da sã razão, do lar, no Mundo novo
E tudo era justiça, amor, palavra seria!...

Mas, hoje, o Homem vil, revoltado, quebrou
As táboas de Moisés e tudo assim ficou
Sem razão, sem justiça, exalando miséria!

Rio-917.

Hilton Fortuna.

A sésta

A' linda Agar

Dorme Georjeta no jardim gramado
Sobre rico tapete de verdura,
Da mata o sabá dezata o canto
Terno mixto de amor e de doçura.

Molemente estendida ela jazia,
No leito de jasmim e balsamina;
Sofrego o beijo na boquinha breve,
Rubicunda, mimosa e purpurina.

De improvizo da moita de açucena
Brejeiro colibri, ai postado,
Assiste, enraivecido, toda a cena;

Vôa pela amplidão, desesperado,
Dardêja e fôge... bate as azas... morre
Traspasado d'amôr, ciúme e pena.

Restituindo...

Ao Jozé Fortuna

Beije-a muitas vezes, mas um dia,
Fingar aquele amor tão criminoso.
Cheguei á conclusão de que devia...
Encontrei-a sismando e, respeitôzo,

Contei-lhe tudo o que contar podia
Um coração que, muito pressurôzo,
Espera desfazer a fantasia,
Do peito da mulher que lhe deu gôzo!

Ela, então, perguntou-me a soluçar:
—Dize, por Deus, que foi que tu tiveste?
Tão depressa mudaste de pensar?!

Respondi-lhe:—não posso mais te amar:
Venho entregar-te os beijos que me deste...
Dá-me teus lábios, deixa-m'os beijar!...

Moreira Lima.

Dr. Oscar Galvão.

As simpatias que conta distribuindo a
justiça valem-lhe uma farta messe de or-
gulho e honra para esta terra que o viu
nacer.

Em pouco tempo, pois que apenas con-
ta 43 anos, S Exa. passou pelas quatro
entrancias da carreira respeitavel, restan-
do apenas, para completar o seu desejo e
nossa satisfação entrar para a Côrte de
Apelação que será o seu acesso natural,
o que não está longe.

Atualmente são dois os maranhenses
que occupam lugar saliente na majistratu-
ra do paiz: o Dr. Viveiros de Castro na
justiça federal e o Dr. Eliezer na justiça
local do distrito.

Este fato bastaria para nos enobrecer
si a ele não se viessem juntar tantos ou-
tros que ornarn o nome illustre do preza-
do nataliciante.

A politica de bastidor e de interesses
nulos para o nosso Estado, jamais pode-
ria imaginar que perseguindo os filhos
do mesmo herço, chegassem estes ás
mais elevadas posições.

«Ha males que fazem bem». Si não fora
isso, talvez o illustre maranhense, embo-
ra conosco aqui, não estivesse assim tão
elevadamente colocado.

Olhando a situação de nossa terra, tão
pobre e tão vilipendiada pelos histriões
da politicagem, sentimos pezar que filhos
do quilate e da envergadura do Dr. Eliezer
não estejam aqui ajudando a reerguer
esta terrinha sagrada dos nossos avós,
dando-lhe uma feição de progresso e um
pouco de vida.

Quem nos dêra que assim fosse! Que
ele viesse nos auxiliar, fulgurar em nos-
so meio como brilha no Sul da nossa pa-
tria! Dar ao Maranhão a ventura de re-
cebe-lo de braços abertos cantando um hi-
no de vitoria e de satisfação.

Mas si quizer o destino ele algum dia
virá nos ajudar com a pezada cruz, e isto
seria um gaudio para a mocidade que o
respeita pelo muito que tem feito pelo
Direito e para a Justiça.

Oxalá que nossas previzões sejam reais.
Renovando nossas homenajens aqui a-
braçamos o prezado patricio almejando-
lhe uma existencia fecunda de beneficios
e de felicidades.

A' sua Exma. familia, enviamos os nos-
sos parabens com o mesmo abraço de fra-
ternidade.

Rio Branco

Completaria, a 20 deste, si não fora a
catastrofe de 10 de fevereiro de 1912, 72
anos, o nosso augusto patrono, o timo-
neiro da Paz que foi Jozé Maria da Silva
Paranhos—Barão do Rio Branco.

Hoje, mais do que nunca, nós chora-
mos e comnoseo a civilização, a sensível
perda do maior vulto diplomatico da po-
litica Americana.

Fosse o Itamarati ainda dirijido pelo
espírito sensato e grandiozo do grande
morto e não teriamos chegado ao ponto
embaraço em que estamos. Rio Branco
conduziria as questões com a Alemanha
de forma a evitar, com honra para nós, o
derramamento do sangue brasileiro.

Com uma lagrima sentida de saudade
e respeito homenajemos a memoria do
grande filho deste Brazil por ele engran-
decido.

Tiradentes

Comemora-se no dia 21 do corrente o
evento historico da execução do Alferes
Jozé Joaquim da Silva Xavier, o *Tira-
dentes*, percursor da emancipação naci-
onal.

Dotado de idéas altruisticas, como de
promover a independencia de seu paiz,
Tiradentes fitava os vastos horizontes do
patriotismo e ainda mesmo envolto na
horripilante tragedia de que foi protago-
nista, o Brazil o immortalizou, ferindo o
ultimo dia de sua existencia.

O proprio cadafalso que traduziu o pre-
mio de seu arrojado plano foi o propaga-
dor da sua temeridade e fez conduzir o
seu nome para as pajinas da historia,
fonte inexaurivel das nossas glorias pas-
sadas.

Entretanto as aspirações do grande
martir não foram atiradas ao desprezo de
seus irmãos e mais tarde elas rebrilharam
através do fulgurante rasgo de 7 de se-
tembre de 1822.

A nossa querida patria fez assim sua
entrada triunfal para o grande elenco das
nações autonomas e os nossss patricios
puderam emfim assumir os direitos de in-
dependencia.

A conspiração mineira premeditada e
chefiada por *Tiradentes* foi o alicerce
vigorozo da nossa liberdade e se poderá
afirmar que todos os passos promovidos
para a emancipação brasileira foram gui-
ados pelo espirito lucido daquele eminen-
te patricio.

A queda do rejimen monarquico foi o
ultimo degrão da nossa individualidade.
A' memoria de *Tiradentes* a nossa sin-
cera homenajem.

Fé

Ao amigo Antonio Sampaio.

—Não, não posso mais sofrer! Estala-
me a cabeça... tenho febre!

—Decidamente perdeste o juizo. Ha-
verá, querido Ivan, um homem que se
diga desgraçado, que se diga miseravel
e que não possa mais sofrer? Não não
acredito em tal.

—Mas, eu padeço neste mundo de pu-
ras e fantasticas iluzões. Não quero a vi-
da...

A vida para mim não se reveste de fe-
licidades eternas, sentimentos extraordi-
narios e venturas infinitas, com que se
reveste para os meus semelhantes...
Eles são felizes, gozam e vivem; eu sou
um desgraçado, padeço e quero morrer!

—A felicidade, Ivan, não é completa.
Os teus semelhantes que hoje gozam e se
vangloriam de sua felicidade, amanhã,
talvez, padecerão e curtirão suas maguas.
A felicidade, bandoleira que é, deixará
de imprevisto a sua porta, para ir sub-
missa e arrependida, de braços abertos,
em procura de tua pessoa...

—Amelia, ouve-me por caridade.

—Dize.

—Naci e quando estava na idade de
oiro, quando precisava de um seio mate-
rno, de um pensamento igual ao meu, de
uma creatura santa, bôa e carinhosa,

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Belarmino Borgneth—Presidente
 Maria Lira Pessôa—V. Presidente
 Joaquim Luz—1.º Secretario
 Mariêta Fortuna—Thêzourceira
 Jozê Fortuna—Bibliotecario
 2.º Secretario.—vago.

Assinatura anual 1\$000

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

que me guiasse na senda escabroza da existencia... querida Amelia!...

—Que foi?

Minha santa mãe, que haveria de ser meu tudo, morreu!...

—Deus m'a roubou...

Piquei dezamparado, triste e o corpo nû.

Creei e quando necessitava de entrar para a vida pratica, o meu tutor, o unico parente que possuia, morreu!

Tornei-me então o mais infeliz dos viventes; sou um desgraçado! Quero morrer!...

Não, Ivan, não admito lamentos, és ainda feliz porque ainda não te abandonou e contigo viverá sempre essa tua humilde anante que agora te fala!... És feliz...

—Bem sei, querida Amalia, que tu, com esse amor que abrigas na tua almazinha injenua e pura, não me desprezarás. Bem sei!

—Ivan, um balsamo suavizador de nossas almas doridas inda nos resta.

Vamos, corajem;- agarremo-nos á essa milagroza taboa de salvação, crentes em Deus, que seremos eternamente felizes...

—E qual é essa taboa de salvação de que falas?

Não a conheço!

—A fé!

J. F.

Homens ilustres

Conselheiro Lafayette—Com o desaparecimento desta grandioza personagem o Brazil perdeu um de seus mais valorozos filhos.

Afastado das lides da vida publica o seu nome não podia passar atirado ai na reclusão do esquecimento.

Em 1865 prezidindo a nossa provincia revelou vasta habilidade de um timoneiro invejavel.

Em 1870 assinou o manifesto republicano que endereçou ao povo brasileiro.

Em 1878 foi ministro da Justiça sendo depois eleito senador de imperio pela sua provincia natal.

O gabinete de 24 de maio de 1883 teve sua presidencia bem como a pasta da Fazenda.

A sua ultima investidura foi em 1889 quando foi enviado nos Estados Unidos as funcões de embaixador do Brazil.

Ai o encontrou a republica que infelizmente não soube apreciar o seu merito, desprezando-lhe os serviços.

Embora tardiamente registamos, ao Brazil, o nosso voto de pezar por esse infausto golpe que o apartou desse gloriozo filho.

Dr. Oswaldo Cruz—Ainda bem não se havia desfeito o luto pelo desaparecimento de Lafayette já a patria Brasileira chorava a perda de outro valorozo filho.

Com a morte do dr. Oswaldo Cruz desapareceu um esforçado apostolo da hygiene publica que sempre deu combate aos defraudadores da saúde.

As homenajens que tem recebido sua memoria atestam o grande valôr que lhe era essencial e a alta estima de que gozava entre o povo brasileiro.

Dr. Benedito Leite—Transcorreu, sem ao menos uma noticia da imprensa diaria, a 6 de março o oitavo aniversario do falecimento desse insigne maranhense.

Depois de um brilhante tirocinio em que vagueou de triunfo em triunfo representando o nosso torrão no Congresso nacional empunhou as rédeas do governo do Estado, cujo mandato não conseguiu terminar.

Graves transtornos de saude o afastaram de seu myster para as plagas de alem-continente donde foi arrebatado pelo dezenlace de 6 de março de 1909.

Rejistamos daqui o nosso preito de homenajem á sua memoria.

Visconde de Rio Branco—Mais um ano decorreu a 16 de março, do falecimento do gloriozo vulto da historia brasileira José Maria da Silva Paranhos, o venerando pai do nosso angusto patrono.

Como é sabido a vida publica do Visconde de Rio Branco foi uma verdadeira apoteoze em que rebrilharam os vultos dos feitos de abnegação e amor patrio.

Com a presidencia do gabinete de 7 de março de 1871 revelou seu elevado tino nos misteres administrativos e por sua unica influencia promoveu o primeiro passo para a emancipação dos oprimidos pelo pezo do cativoiro.

O gabinete de 10 de março de 1888 completou sua grande obra e extinguiu a escravidão no solo Brasileiro.

As nossas homenajens á sua memoria.

Joaquim Alfredo Fernandes—Em 14 de março fez um ano que desapareceu este propecto educador e real amigo da mocidade studioza.

O professor Fernandes, velho na idade e nos trabalhos pela vida ardua de homem que vivia honradamente, era um coração juvenil, uma alma môça, cheia de entusiasmo e amor pelo progresso das letras no meio da mocidade.

A memoria do grande amigo da mocidade, nosso preito de saudade.

Visconde de Ouro Preto—Rejistamos o 1º lustro do passamento do eminente brasileiro Dr. Afonso Celso de Assis Figueiredo, nascido em 21 de fevereiro de 1837, falecido em 14 de março de 1912.

Os seus grandes serviços estão assinalados na historia e passaram a posteridade, tal o seu vulto.

Universidade d' „O Ateniense”

VI

Mais um novo perfil a academia
 Logra trazer ao nosso «ateniense»,
 Deixando vêr um vulto maranhense
 Entre as malhas de tenue fantazia.

Ao nobre escol da honroza galeria
 Da nossa humilde tenda elle pertence:
 No grande nucleo do myster forense
 Tem conquistado grande simpatia.

Na capital do nosso territorio
 Dezempenha com brilho, assaz notorio,
 O alto e espinhozo cargo de Juiz

Da vara de Rezdidos e assim quiz
 O seu grande talento, assaz louvado,
 Gloria das tradiçõs do nosso Estado.

Iberio.

Inspirações femininas

A' alguem

Assim como a chuva derrama sobre as fôres o orvalho que ás embeleza; assim tu derramas em meu coração o orvalho do âmôr.

Patria! nome querido! E' a ela que primeiramente devemos amar! Quando ouvirmos pronunciar o maldito nome de «Guerra» devemos correr para defende-la e não fugir como fazem os covardes.

Altair.

Um preito

A civilização desvendou para a humanidade um grandiozo sequito de sentimentos tão elevados e sublimes que servir-se deles é sempre agradável áqueles que os sabem interpretar.

A influencia misterioza dessa evolução do sentimentalismo, amoldando a constituição intelectual adestrou o homem a analizar os fatos pela sua real compleição, prodigalizando-lhe o elemento do raciocinio e a admiração expontanea do merito dos seus iguais.

Embora consideravelmente distanciado desse nucleo douto que sabe cultivar os preceitos do bom senso e aplicar com retidão os seus ensinamentos me é dado cinjir o seu exemplo buscando iluminarme ao reflexo irradiante de suas obras.

Explica isso o meu reconhecimento e a admiração aos reais adornos que orlam o merito do eminente patricio Dr. Eliezer Tavares a quem a sociedade literaria «Barão do Rio Branco», que se orgulha em te-lo como socio honorario, promove simples e sincera homenajem, externando pelas colunas d' «O Ateniense» o elevado grão de culto que lhe rende.

Cabe-me a vez de izoladamente lhe prestar a minha rude homenajem revestindo de pureza o principio de sua legitima intenção.

Orientado por essa faculdade da alma que julga das coizas e de suas relações louve-me pela experiencia observada no fine escol dos merecimentos do homenajejo.

Mal me por demais honrozo referir a es-

se illustre conterraneo que sob o escudo valoroso de seu reconhecido talento promove lá fora, como todos os filhos deste recanto, o engrandecimento de seu torrão natal.

O opulento tezoiro da tradição maranhense se vai generalizando graças ao abnegado amor que é a seiva nutritiva de cada renovo dessa arvore historica.

Façamos deste torrão um firmamento ideal e notaremos nele constelações radiantes, miriades de planetas de todas as grandezas.

Dentre os ornamentos desse fulgurante empirico notaremos astros de extraordinario fulgor: são os nossos irmãos, esses que levam aos hombros o glorioso estandarte da patria maranhense.

Nesse escól se encontra o illustre majistrado Dr. Eliezer Tavares a quem os meus camaradas houveram por bem homenagear.

Embora cordealmente aliado a essa manifestação quiz destacar a minha homenagem pessoal ao eminente patricio cujos dotes individuais admiro em particular.

E pelo que ha de sublime na comemoração do dia de hoje estendo as minhas felicitações ás duas valorozas perolás que constituem a estremecida patria de seu coração esparzindo-lhe num sagrado conforto a doce harmonia das caricias maternas e as bemaventuradas delicias do paraizo conjugal.

J. Ribeiro.

Rejisto Elegante

Nataliciaram-se, em 1º a nossa distinta consocia Alice Costa; em 3 a senhorita Amelia Macieira; em 7 o nosso estimado socio benemerito padre Francisco Xavier atualmente na Italia; em 9 a gentil senhorita Dorilca Castro belo ornamento do nosso quadro social; em 13 as nossas sócias Bebê Reis e Vicentina Goiabeira; em 14 o illustre Dr. Lourenço J. T. de Holanda.

Nataliciar-se-ão amanhã o Sr. Oswaldo Pereira e nossa distinta consocia Doquinha Azevedo; em 18 a galante Herminia Caldeira e a professora normalista Luiza Viana, nossa distinta socia; em 20 a Exma. Sra. D. Ignez Perdigão, mãe do nosso companheiro Jo. zé Perdigão e em 21 nossa consocia e hor. ta Alice Lebre e o illustre Dr. Oscar Galvão, competente diretor do Liceu.

Nossos cumprimentos á todos.

Jozé Maria de Jezus

Passou a 9 o natalicio deste nosso companheiro, competente 3.º escriptuario da nossa aduana. Os nossos cumprimentos muito cordiaes.

Jozé Perdigão

Festejará o seu natal, em 19, este nosso companheiro, que outrora nos prestou bons auxilios.

Apezar das ingratições iremos abraçá-lo aqui antecipamos nossos votos em felicidades.

Sociedade Literaria

“Barão do Rio Branco”

Sessão solene

Realizou-se, com seléta e numeroza assistencia, apezar das muitas festas carnavalescas, no dia 10 de fevereiro, a sessão com que comemorámos o 1º lustro do passamento do nosso patrono.

Depois da posse solene da nova diretoria uzaram da palavra com felicidade o prezidente e a vice-prezidente Belarmino Borgneth e Srta. Maria Lira Pessoa, sendo convidado para prezidente da sessão o illustre professor Domingos Afonso Machado, nosso socio honorario.

Falaram sobre a data e o grande morto João Vitor Ribeiro, Marieta Fortuna e Joaquim Luz e o prezidente em breves palavras disse que só temos de avançar para vencer. Todos foram calorozamente applaudidos.

Serviu-se aos prezentes um copo com agua e foi distribuido, fartamente, «O Ateniense».

Movimento de janeiro até hoje:

Tomou posse, em confiança, em 1.º de janeiro, do cargo de Prezidente o socio Belarmino Borgneth que por portarias da mesma data nomeou para seus auxiliares Joaquim Luz, Marieta Fortuna, José Fortuna e Achilles Moura, 1.º secretario, tezoureira, bibliotecario e 2.º secretario, respetivamente. O socio Achilles Moura foi elevado na mesma portaria de nomeação do quadro de colaboradores para o de efetivos.

Foram propostos, e aceitos, para colaboradores em sessões de 21 de janeiro Fran Teixeira, Jozé Ribamar Pinheiro e Gonçalo Moreira Lima; de 11 de março Zildo Maciel, Gregorio Diniz, Antonio Menezes Sodré, Francisco Souza e Silva, Firmino Valente, Belino Franklin da Costa, João Kubrusly, e para benemerita a Exma. Sra. D. Estér Fortuna Pires e para honorarios, em sessão de 8 deste, os Drs. Eliezer Gerson Tavares, Godofredo Mendes Viana, Deputado João Dunshee de Abranches Moura e o illustre filologo e querido mestre José Augusto Correa.

Responderam aceitando: os Srs. João Bona, Gonçalo Moreira Lima, Gregorio Diniz, João Kubrusly, Belino Franklin da Costa, Zildo Maciel, Francisco Souza e Silva, Firmino Valente e Antonio Menezes Sodré, que tomaram posse em 1.º e 13 deste, festivamente.

O quadro social conta:

Efetivos	socias.....	46
	socios.....	14
Colaboradores.....		16
Honorarios.....		6
Benemeritos.....		4
Representantes.....		3

tendo sido aumentado em 89, e diminuido de 300 no anno de 11

Por proposta do socio Joaquim Luz foi facultada a dispensa do pagamento de mensalidade aos socios fundadores ausentes, sendo, em vista desta resolução, requerido pelo mesmo e secundado por João

Vitor Ribeiro, a readmissão do socio fundador Manoel Joaquim Fernandes Lisboa, o que foi aceito.

Foram eliminados por falta de pagamento de mensalidades Valentin Souza, Januario Miranda e Numa Oliveira.

Exonerou-se do cargo de 2.º secretario o socio Achilles Moura.

Estatutos

Em sessão de 13 foi apresentado pelos socios Joaquim Luz, João Vitor Ribeiro, Jozé, Estér Fortuna e Jozé Perdigão um projeto de reforma dos estatutos que, com pequenas emendas foi aprovado, entrando logo em vigor e mandando o Sr. Prezidente fosse a reforma definitiva impressa em folhetos.

Jornais & Revistas

«O Civismo»—Recebemos o interessante coleguinha de Terezina, que conta alem de elementos de valor firmado no seu corpo redacional, com a coadjuvação do inquieto e estudiozo Moura Tote.

«A Paz e a Guerra»—O Tiro Maranhense nos ofertou num folheto esta bela conferencia que o illustre Dr. Godofredo Viana realizou em 24 de fevereiro.

«A Palavra»—Recebemos o 1º numero deste jornalzinho desta cidade.

«O Litoral»—Chegou-nos ás mãos o 1º numero deste importante semanal que appareceu em 18 do março em Cururupú, o que registamos com especial alegria.

A todos os noveis colegas mandaremos, com os nossos votos de prosperidades e agradecimentos pela vizita, o nosso humilde «O Ateniense».

«Livro de Maria»—Sob este titulo enfeixado em um pequeno folheto, do joven estudiozo Fortuna Junior, da Baía, lemos alguns versos, que, por serem os primeiros frutos do seu estorço carecem bastante de arte e beleza de forma. Continue o poeta e procure sempre progredir que vencerá.

Dos nossos assinantes

Continuamos recebendo do povo culto a quem temos enviado o nosso modesto jornalzinho o mais lizonjeiro acolhimento, o que devêras nos desvanecer.

Pedimos ás pessoas que ainda não o fizeram a gentileza de mandarem pagar as suas assinaturas para boa regularidade do nosso serviço de expedição, o que antecipadamente agradecemos.

Destinando do produto das assinaturas 30% para os infelizes Lazaros, Assistencia á Infancia a Vítimas das Inundações, prestarão ato de elevada caridade as pessoas que nos quizerem auxiliar no nosso tentamen.

As assinaturas poderão ser pagas a os membros da Diretoria ou remetido o seu valor á Sociedade em cedula ou cheques perfeitos.

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 6.º

Maranhão, 16 de maio de 1917

Num. 70

Djalma Fortuna

Engalanam-se hoje as nossas paginas num preito de homenagem muito sincera áquele que sempre trabalhou e trabalhou intrepidamente, pela nossa cauza e que continúa, insufismavelmente, sendo um dos mais fortes elementos de que dispomos, senão o melhor.

O Djalma que já tem o seu nome de poeta bem firmado, ainda que não o seja tão expontaneo como o é seu irmão Hilton, tem, pelas colunas do nosso periodico e ultimamente pela imprensa de Fortaleza, dado mostras do quanto vale o seu enjenho de artista.

Como humorista umas vezes; como sentimentalista outras e ainda como psicologo e naturalista, sabe sempre imprimir nos seus versos um estilo magnifico e que agrada forçozamente, pela simplicidade no discredver das paizajens de suas idéas, sempre repassadas de uma verdade unica e sã.

O autor do *Injenua* é, com consciencia grandemente vantajoza, um prozador emerito e empolgante beletrista. A sua proza amena tem a expontaneidade absoluta que se torna necessaria áqueles que começam, o que em parte já não sucede nos versos que, apesar disso são como prova o alexandrino *Eterno amor*:

*Quando eu trilho da vida a róta tão tristonha,
E me caustica o craneo o sól dos dissabôres,
Catejando-me os pés a grilhêta medonha
Dos espinhos que brota os páramos das dôres;*

*Quando eu sinto que a mágua em meu peito se enfronhá,
A flôr da mocidade a perder seus olôres,
E não sinto o pulsar de um coração que imponha
O sonôro bater de uma vida em fulgôres;*

*Vejo em torno de mim da existencia os arcanos!...
—Não se pode avistar o batel da amizade
Sem o acúleo da vida enfundando-lhe os panos!...*

*E dentro do meu ser eu sinto a imensidade
Desse amor que nasceu nos meus dezoito ános,
E que não morrerá, até a eternidade!...*

Dizer-se que não é poeta quem escreve versos como os que vimos de citar, é um crime que leza todos os preceitos da verdade e da justiça.

O autôr do *Genio Latino* nas suas seções *A' tóa e Com ares de ironica*, aquéla n'«O Canhóto» e esta n'«O Ateniense» e ainda nos *Retratos a lapis* e diversas outras seções, tem deixado bem patente o brilho da sua pena realmente privilegiada e sublime.

Nós que vimos admirando de perto o quanto este esforçado companheiro trabalha para incrementar á mocidade ás letras, guiando com inexcedivel dedicacão todo aquelle que mostra desejos de escrever; nós que

somos um produto do seu esforço; nós que aqui estamos batalhando porque ainda contamos com o seu real auxilio, não podemos deixar de patentear o nosso maximo reconhecimento.

Djalma Fortuna, dotado de todos os predicados necessarios para ser um escritor não muito lonje, é tambem um orador majestozo, de uma dição facil, atraente, cativante.

Bem já podia ter publicado o seu primeiro livro de crônicas, versos, contos ou qualquer assunto que escolhesse, porque para discorrer sobre qualquer deles sobêja-lhe a competencia, numa exuberancia majestozza e sublime. Sem a boemia dos poetas que se entregam a uma vida de despreocupação e sem vontade de acendencia, o nosso Dante é, entretanto, muito discurado e as suas idéas são raramente confiadas ao papel, talvez por julgarem-no improprio para recebe-las continuamente.

«Ainda não se fez uma coiza boa na nossa colmeia que não partisse dele ou não fosse remodelada pelo seu entendimento sempre feliz para os nossos ideais».

A ação verdadeiramente grandioza e unica de Djalma no nosso meio, como Prezidente em diversas ocasiões e como membro da Diretoria em todos os periodos administrativos e a sua palavra escrita e falada sempre defendendo e incrementando a nossa cauza, seriam fatos bastante opulentos para consignar na palida homenagem que aqui lhe tributamos. Mas não podemos nos furtar ao dezejo de transcrever o fino humorismo do seu sonêto *Injenua*:

*Sob o clarão da lâmparina fria,
Conversava o Lourenço com Faustina
E junto, a avó mantendo a diciplina,
«Grelava» os dois pombinhos co'enerjia.*

*Era já tarde. O noivo co'ouzadia,
Vendo a «guarda» dormir, disse a menina:
—Abraça-me querida e co'alegria
Vibrou-lhe uma beijóca clandestina.*

.....
—Então menina, não se tem respeito?...
—Que falta de vergonha, onde se viu,
Cinjir-se a noiva com ternura ao peito?...

—Não é, voró, repare, eu com meu lenço
Estou tirando a poeira que caiu
Nos olhos do Lourenço!...

Exultemos, pois, de contentamento e asseveremos daqui que, com môços da tempera deste que hoje se aniversaria, nunca deixaremos de ser *Atenas Brazil*.

PARNAZO

Redenção

«Attendite et videte si est dolor sicut dolor meus!»

O Calvario é solurno. Entre ladrões pregado,
Cristo agoniza e geme... O olhar meigo de santo,
Perpassa pela treva e vai piedôzo, em pranto,
Contemplar a nudez do Mundo além deixado...

—O dinheiro maldito e que Judas no manto
Esconde com remorso, ao lezoiro manchado
Reluzindo retorna... O beijo reuegado
Da vilania paira em tudo, em cada canto!...

—O Povo da Judéa, inconciente em seus atos,
Compartilha no crime, acompanha Pilatos...
—E Cristo, lá na cruz, expira de agonia!...

—Ruje o vento medonho, o raio risca e estála,
A Natureza toda estremece e se ignála
Sofrendo a imensa dôr da magua de Maria!

Rio.—917

Hilton Fortuna.

D. João

Exausto de cansaço, eis que vai, cambaleando,
Do mizero bordêl a vítima iracunda;
Treme, estertora e cae numa sarjeta imunda,
De microbios minada e vermes serpenteando:

Alma pôdre onde o vício e o crime vinculando
Produzem sulco forte e chaga mais profunda;
Coração que lançou num catre, moribunda,
A vergonha, o pudôr, e em lama vae rolando!...

—Filôte d'agna imunda, espera que êle morra,
Faz desse corpo vil, que vem duma Gomorra,
Teu banquetê infernal, o teu jantar linorio...

Conduz essa alma pôdre inteira ao teu coxim,
Faz dela o teu jantar, faz dela o teu festim,
Livra o Mundo infeliz do D. João Tenorio!

Fortaleza.

Djalma Fortuna.

Separado!...

Ao autor do sonêto «Enganado», em retribuição.

Tão cêdo vais partir desta formosa Atenas!...
Entregue à desventura eu ficarei sozinho,
Das iluzões de amor vindo o morrer, serenas...
Talvez o esfacelar do nosso dôce «ninho»!

Tu vais, deixando imerso em funda magoa e penas.
Tão consternado e triste em um viver mesquinho,
Quem te devota um grande amor, e pede apenas
Que não te esqueças, não, de quem ficou sozinho...

E tu partes, ficando em lágrimas banhado,
Num desconsôlo atroz, em grande dôr prostado,
Um ser em cujo peito um puro amor se junca!

Depois... eu partirei para o sertão, chorando,
Sem me esquecer de ti, de tudo me lembrando,
Lembrando-me de amor que não se apaga nunca!...

S. Luiz, Março-1917.

Zildo Fabio Maciel.

Comparativo

Comparativo é o grau que estabelece a superioridade, a inferioridade ou a igualdade entre duas cousas. Maria é mais formosa do que Carmen; Ester é menos bonita do que Julieta; Antonieta é tão virtuosa como Judith.

Os advérbios que estabelecem um laço de comparação são: mais, menos, tão; os dois primeiros pedem a conjunção *que* ou locução *do que* e o ultimo como ou quanto. (Tão formosa como ou quanto discreta).

Em geral o comparativo é analítico, mais formosa, menos formosa, tão formosa; excepcionalmente é sintético; melhor, pior, maior, menor que valem por: mais bom, mais máu, mais grande, mais pequeno.

Mais pequeno também se usa, conquanto pareça irregular. Alguns fazem também superior e inferior comparativos de alto e baixo, mas outros repelem essa qualidade que lhes é atribuída, porque não admitem depois de si a conjunção *que* ou locução *do que*.

Nós dizemos: Pedro é melhor do que Antonio, mas não dizemos: este vinho é superior do que aquele, e sim, este vinho é superior áquele.

Nas orações comparativas de pior, melhor, maior, menor, entende-se o adjectivo no grau positivo grande, pequeno, bom, máu.

Pedro é melhor do que João (é bom), Pedro é pior do que João (é máu), Pedro é maior do que João (é grande), Pedro é menor do que João (é pequeno).

Costumam confundir as palavras comparativas com as correlativas, mas sem razão.

As clauzulas comparativas ou de grau estabelecem a comparação entre duas pessôas ou cousas.

Ex: Maria é tão formosa como Antonieta.

As palavras correlativas não estabelecem tal comparação; ha um 1.º termo, ordinariamente um advérbio, que deixa o sentido suspenso e pede uma oração que o complete, um termo de correlação, lú a menor idéa de comparação.

lida vastíssimos esses primeiros termos,

sendo que a correlação é accidental; muitas vezes ela não se dá.

Si eu digo simplesmente: tu és uma moça tão formosa! emprego o advérbio tão em sentido absoluto, mas si eu digo: tu és uma moça tão formosa que a todos destumbras, estabeleço a correlação.

Alguns exemplos de correlação: *Primeiro* amainou que desse o vento. *Antes* sejamos breves do que prolixos. *Tão* grande foi a mortandade que poucos escaparam.

A comparação é muito vasta.

Exs: *assim como* digo, *assim* farás. *Qual* te disse, *tal* aconteceu.

Canções irregularmente faz comparações não uniformes, *assim como* com *tal* e outras idênticas.

José Augusto Corrêa

Cariócas

O cronista, o elegante cronista do Sul, que se occupa da seção mundana nos jornais e revistas, é assim uma especie de maniaço inveterado pelo francéismo, mas daquêles mais pedantes e incomodativos.

Não ha quem leia nas ditas publicações a coluna das «elegancias e fatos do dia» que não sinta um arrepio, uma revolta íntima contra esses senhores cronistas da gente aprimorada ou «*du grand monde*», como êles querem.

Esquecendo-se que são brasileiros, deixam pro canto o portuguez e engrinaldam os nomes das matronas evidentes na alta roda e das senhorinhas faceiras com trêpos rebarbativos tirados do francez e que só teriam cabimento em Pariz.

A França muito nos merece, mas isto já é demais.

Quazi sempre lemos que «Madame... était toute en bleu et chapeau dernier cri», que «Mademoiselle... était la déesse du soir avec sa robe jaune et chapeau de plume blanche»...

E já vimos seções inteiramente escritas em francez, trêzandando a futilidade enojativa.

Parece que êles (os ditadores do *chic*) julgam a nossa lingua inadeguavel para descrever o porte elegante das dam

Se escrevessem que a «Senhora... estava linda com seu vestido azul e belo chapéu de setim», que «a Senhorinha... era o encanto dos encantos com aquêl porte de rainha, toda de amarêlo»... seria o maior dos maiores disparates.

Pobres tôlos!

E' preciso deixar esse habito de rabis-car francez em paiz de idioma camoneano.

Rendemos com justiça o culto devido á terra de Hugo, mas, francamente, é ridiculo fazer espirito com semelhante disparate.

Devemos agir pela nacionalização completa dos nossos costumes, que já não é sem tempo.

Em outro paiz qualquer, mesmo da Europa as elegancias são ditadas na lingua propria de cada um.

Com certeza o pariziense ha de achar graça na injenuidade infantil dos brasileiros com tais barbarismos.

Dizem que é isso que faz o *chic*, porem não me conformo e continuarei a detestar os cronistas que salpicam nas «modas» o pedantismo dos seus trêpos francezes, porque está no meu sangue. E antes que em reprezalia a estas linhas, escrevam por offensa que «Monsieur Hilpafor está completamente *detragné* ou mesmo *fou*, porque não aceita o *chic du grand monde*», deixo a caneta socegar e atiro aqui um ponto final como selo ao meu protesto

Hilpafor.

Esperança

Ao José A. de Souza

.....

E o tempo cerrou por completo. O furacão passava, com tal furor, como se quizesse deitar por terra as florestas seculares e levar consigo em fragmentos as montanhas e os caudalozos rios. O céu, de azul claro que era, transformara-se em uniforme massa acinzentada cedendo pouco a pouco ao extraordinario peso das aguas distiladas.

As travessas andorinhas não mais chilreavam nos galhos buliçozos do arvoredô; fugiam receiozas procurando abrigo na torre da igrejinha do proximo logarêjo.

Os pacientes cordeirinhos reunidos em

"O Ateniense"

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Maria Lira Pessoa—Presidente
 V. Presidente—vago
 Joaquim Luz—1.º Secretario
 Mariôta Fortuna—Thezourreira
 José Fortuna—Bibliotecario
 2.º Secretario—vago
 João Vitor Ribeiro
 Ester Fortuna Pires
 José M. Reis Perdígão

Comissão de
 revizão

Assinatura anual 1\$000

"O Ateniense" será enviado à imprensa mediante permuta.

um só corpo deitavam olhares piedozos à camponezita inocente, pedindo que os livrasse da vontade potente da mãe natura. O gado, aterrorizado, tocara em debandada, mujindo interrompidamente, tendo por unica consolação o eco da sua propria voz.

De quando em vez, aquela uniforme massa acinzentada, tão forte e poderosa que era, cedia, deixando escapar o veloz relampago com sua luz cintilante, capaz de dominar e eletrizar a propria natureza que lhe gerou.

E o trovão reboava no espaço, aterrorizando com seu cavernozo barulho centenas de creaturas incredulas.

E a chuva dezabou.

Por todo o ambiente espalhou-se rapidamente o cheiro de terra molhada.

Lá, bem distante da terra, sobre as ondas revoltas, avistava-se um pontinho negro a sumir-se no horizonte.

E aquele pontinho negro que vagava sobre as ondas impetuosas era uma embarcação.

E quem iria naquela embarcação? Intrepidos marujos? Não, naquele barquinho sem governo que estava a mercê de Deus, iam duas creancinhas, que, horas atrás brincavam despreocupadas e felizes na beirada perigozissima da praia.

E outro barquinho partiu de terra com o mesmo destino levando a seu bordo um coração despedaçado, um alma inquieta, um peito que arfava dolorido, um extremo pai, que ia, sem medir o perigo, em busca daquelas duas inocentzinhas para lançal-as nos braços carinhosos de uma mãe que fenecia de dôr.

Fez vela, mas uma forte rajada de vento a rompeu de cima e baixo. Poz a esparrela mas, o furiozo mar a repeliu incontinentemente, ficando nos braços tão possantes que a manejavam, somente um fragmento de madeira, para servir talvez, de arma suicida.

E a chuva continuava.

E a tempestade não cessava.

O pobre do velho, com os olhos injetados de sangue, exausto lutava contra a vida.

Estava às portas da morte. Deveria dezanimar, mas não dezanimou.

E' que, sobré a sua cabeça, esbranquiada pelas cans da honradez, pairava,

animando-o a ir socorrer aquelas pobrezitas inexperientes, o anjo consolador dos infelizes—A Esperança.

J. F.

Petit cinema

(Lever du rideau)

Para as horas malditas entreter,
 Numa porção de rimas sem malicia,
 Rezolvi, voluntario (sem milicia t...)
 Caricaturas rapidas fazer.

Embôra com meu traço sem pericia
 Tenho em mira somente este prazer
 De aos que lerem jornal oferecer
 Pedacinhos que cauzem-lhes delicia.

Assim, terão de quando em vez, agora,
 O Maranhão por dentro e aqui por fóra,
 Com seus moços, seus chefes, seus senhores...

E não cauze arrelia eu rogo e peço,
 Porque á irrizão ninguém nisto arremesso
 Nem tão pouco fabrico dissabôres.

I

Clarindo Sant'Iago

Rio—flm.

Quazi um douto. Dicipulo de Dante,
 Poeta orijinal prescurador,
 Muito breve terá no indicador
 Pedra verde num circulo brilhante.

A's lendas do sertão tem vivo amor.
 Tanto que fez da lira bem cantante
 Relicario sem par, e para avante
 Cada vez segue mais trabalhador.

Em namôro esculpir-lhe eu tenho mêdo...
 —O record já bateu... —Isto é segredo—
 Para que não lhe lancem maus olhares t...

Dizem que é noivo...—E' certo?—Em cada ponto
 Tem predilétas que lhe fazem tonto,
 A's dezenas, centenas, aos milhares t...

Rio.

H. Ferrári.

A ignorancia

(Leitura infantil)

Eduardo, assentado em uma poltrona, os cabelos esparsos, a roupa em dezalinho e a fizionomia alterada, empregava inauditos esforços para fazer uma poezia.

Vendo que não achava inspiração, levantava-se colerico, fumando cigarros uns após outros, dava murros na carteira e gritava como louco. Finalmente atirou com a canêta para lonje de si, rompeu o papel e desesperado exclamou: —Qual, não posso! E' melhor dar um tiro nesta idéa.

Então, tomando o paletot e o chapéu, saiu frenetico.

Sua mãe vendo-o sair em tal estado assomou á janela e chamou-o por mais de uma vez, porem, vendo que ele a nada atendia recolheu-se toda choroza dizendo a todos de caza que o seu filho estava louco.

Eduardo ia pela rua com as mãos nos bolsos num frenezi de colera, assoviando de raiva.

Ao dobrar da primeira esquina encontrou-se com seu velho amigo Mario, um rustico burguez, analfabeto, matuto, como sempre fóra. Este ao deparar com Eduardo ficou pasmo de vê-lo em tal estado e logo lhe perguntou: —Amigo o que v'ê na?

Eduardo olhou-o demoradamente e respondeu-lhe:

—Meu caro Mario, desde pela manhã que luto para fazer uma poezia e vendo que não conseguia rezolvi dar um tiro nesta idéa. Acabando de proferir taes palavras Eduardo tentou correr, porem Mario segurou-o pelo braço e disse-lhe:

—Que vais fazer Eduardo? não faças tal; tua pobre mãe seria capaz de morrer de pezar e que seria feito da minha pessoa se tal succedesse?!

Bem vês, caro amigo, que não sei lêr nem escrever e que me correspondo com a minha Laura por teu intermedio e se tal acontecesse quem me prestaria tão grande auxilio? Ninguém. Cazo deixe de escrever a Laura, ela, com certeza, esquecer-me-á. E ajoelhando-se ao pés de Eduardo, lavado em lagrimas, continuou: Peço-te meu querido amigo que não comêtas semelhante loucura, porque se puze-res fim aos teus dias eu te imitarei sem detença.

Eduardo condoído pelo estado do seu amigo Mario, meditou um instante, e tornando ao seu estado natural, disse:

—Mario que tolices estàs aí a dizer? Este replicou:

—Tolices não, pois acabas de dizer que vais dar um tiro na idéa, não queres que dezespere?

Eduardo dando uma gargalhada retrucou:

—E' verdade, meu amigo, eu disse estas palavras que tanto te emolgaram, mas não foi no sentido de pretender suicidar-me, como compreendeste e sim de afastar de mim a idéa de fazer versos, isto é, de acabar com a pretensão de ser poeta, pois não naci para vibrar a lira de Apolo.

Mario rindo-se da sua tolíce, confessou ser um tólo, um papalvo.

—Não chegues a tanto, terminou Eduardo; és apenas um ignorante, devido a convivencia do meio em que por muito tempo viveste.

M. F.

3 de Maio

Já se retarda o tema, vale-nos, entretanto, o dever do officio de pequenos jornalistas, que exercemos:

Vão para além quatrocentos e dezesete anos que da confederação historica das nações universais participo o nesso querido Brazil, o soberbo veterano das plagas meridionais do novo continente.

Afastemo-nos das opiniões contraditorias que envolvem a gloria conferida a Pedro Alvares Cabral e abordemos a constituição progressiva do nosso paiz.

Oito anos antes Christovam Colombo no arrojo de uma premeditada empreza desvendava a faixa uberrima da rejião americana e fazia realçar no elenco geografico um mundo novo, escritorio de raros encantos, até então desconhecido.

Nas entranhas desse labirinto misterioso, em rejião incerta, assentava-se indolentemente a beira do Atlantico um vasto paiz de inumeras maravilhas...

A ambição de um grande merito e validez perpetua junto aos respetivos soberanos incendiava aos navegantes e ensejo de viagens arriscadas que lhes trouxessem os loiros de uma celebridade mundial e a gloria de um almirantado.

Pedro Alvares Cabral havia deixado Lisboa e fazia rumo ás Indias, em busca de fama e riquezas.

O acazo porem, estendeu suas azas sobre a frota expedicionaria e fel-a desviar-se das calmarias temerozas das costas africanas.

O proprio acazo empunhou o leme da frota entregando-a ás correntes oceanicas que deciam ao longo do atlantico.

Vagueava Cabral a mercê do destino quando a 22 de abril (hoje 3 de maio) de 1500 ele avistou para oeste um monte que como sentinela avançada guardava o nosso litoral, foi o monte Pascoal do que nos fala a historia.

Depois de grande esforço a expedição conseguiu ancorar em uma enseada que pelas condições vantajozas que oferecia teve o nome de Porto-Seguro.

Pizando o novo sólo Cabral fez celebrar por frei Henrique de Coimbra a primeira missa e em seguida fel-o annexar ao dominio portuguez, com o nome de Vera-Cruz, hoje Brazil.

Os colonizadores foram pouco e pouco divulgando as riquezas territoriais e o Brazil foi assumindo proporções de soberania sob o protetorado luzitano, chegando enfim a constituir com elemento essencial sua individualidade nacional.

Rejistou esse evento o 7 de setembro de 1822.

Dai até hoje tem decorrido uma serie consideravel de acontecimentos relacionados ao seu desenvolvimento, salientando-se os grandes feitos de 13 de maio de 88 e 15 de novembro de 89.

Urje, entretanto, trabalhar muito para fazel-o chegar a uma das primeiras nações do universo, em toda a linha de civilização, correspondendo assim a grandeza territorial que o colocou em plano de destaque.

José Augusto Corrêa

Mais um motivo grandiozo nos impede agora de retroceder da jornada difficilima que empreendemos.

De um lado temos a memoria augusta do nosso patrono e do outro o apoio dos homens de letras da nossa terra.

Chega-nos agora, na majestade admiravel da sua simplicidade o apoio grandiozo do preclaro mestre Jozé Augusto Corrêa, apoio que ainda não tinhamos tão somente por culpa nossa.

De agora por diante teremos sempre as nossas pajinas engalanadas com os ensinamentos sublimes do grande mestre.

As suas lições de portuguez e os artigos de um estilo castiço e prenehe da mais sã moralidade, são exemplos frizantes da grandeza do seu saber e da sua alma.

Foram os seguintes os termos da carta que recebemos:

«Não sei como possa agradecer a essa Corporação a honra de me eleger seu socio honorario, tanto excede a distincção ao meu pequeno merecimento. Só a posso attribuir á generosidade dos seus socios efetivos.

Aproveito o ensejo para a todos manifestar a minha perfeita estima e muita consideração. José Augusto Corrêa.»

A liberdade

O fardo da escravidão era como um grave pezadêlo que deixava entrever nos moldes da constituição nacional patentes vestijos de uma civilização barbara, oriunda dos seculos antigos.

Os direitos pessoais eram restritos no limitado circulo da propriedade individual e somente nos abastados se podia encontrar elementos de independencia.

O escravo era um verdadeiro fantasma social, vitima de sua natural condição, convertido em produto de feira e reduzido a preço pelos seus semelhantes.

Entre as principais veias de comercio tinha lugar saliente o mercado dessas pobres creaturas cuja existencia era um prolongado martirio interpretado pelo contato normal do torno e do azorrague.

Chegou-se mesmo a apontar consideraveis fortunas constituídas exclusivamente por personajens dessa tempera que representavam rudes apolices dos haveres senhoriais, sujeitas ao tributo de rendozos juros que deveriam sair das rigorozas tarefas a que eram obrigados.

A civilização que se dizia cinjir a nossa nacionalidade era uma nodoa degradante, onde se refletiam as normas de uma regressão de costumes.

E ainda lutariamos com essa epidemia afrontoza aos nossos brios de cultura caracteristica se entre os nossos patricios não houvessem homens verdadeiramente sensatos que promoveram, o termino desse dominio hostile que humilhava a liberdade dos fracos.

O prologo dessa grande obra refuljiu na lei n. 2040 de 28 de setembro de 1871.

Prezidia então o ministerio José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco e a ele unicamente coube a gloria de tão importante evento.

O consolo começou a amenizar os sentimentos dos oprimidos e a mulher escrava poudo conceber a esperanza de mais tarde ser livre como de então eram os fructos de suas entranhas.

Inda bem não eram decorridos dezesete anos após esse rasgo injente do sentimentalismo superior, eis que o jugo do cativo era derruido pela lei aurea n. 3353 de 13 de maio de 1888.

O gabinete 10 de março de 88 fez assinalar o penultimo ministerio do regimen monarchico e ao lado do de 7 do março de 71 habilitou o Brazil a desfazer-se de um grande ultraje.

A liberdade dezacorrentada fez a sua entrada triunfal nos dominios da escravidão e baniu para sempre esse monstro vil que deturpava os preceitos da constituição civilizada do nosso povo.

Foi essa luminosa pagina de nossa historia que recordámos ha poucos dias.

Rejisto Elegante

Aniversariaram-se em 1.º Tiago Silva, senhoritas Ana Holanda e Ester Chagas; em 4 senhorita Lucila Rodrigues e em 6 nossa distinta consocia senhorita Genuina Costa,

Aniversariar-se-ão em 16 a nossa tambem consocia, a linguisca Domingues, um dos belos ornate da nossa sociedade;

senhorita Judith Chagas e Exm. Sra. D. Almerinda Roza; em 21 o illustre clinico Sr. Dr. Henrique Alves Pereira e em 26 a senhorita Aldeyde Prado.

Maria Lira

Esteve em festa no dia 10, o lar desta nossa distinta consocia pelo motivo de seu aniversario natalicio.

Cotinha Lira que inegavelmente é um dos mais belos ornamentos do nosso escol vem com zelo e proficiencia desde 13 exercendo o cargo de Prezidente do nosso gremio, revelando o quanto é grande o seu intellecto.

Jozé Fortuna

O calendario gregoriano marca em 20 o natalicio deste nosso companheiro de lutas.

O avô de vocês... é um espirito de fino humorista como demonstram os seus contos e historias num molde pouco comum que sempre conta aos seus netinhos...

Artigos sobre assuntos diversos, muitos deles de interesse geral em questões de comercio, industria e lavoura têm saído sua pena, incoberito por pseudonimo que, por ficar desconhecido patentêa a sua modestia.

De uma boemia sem rival vai o nosso heroi encarando sem canceiras esta vida material e tendo sempre vontade de fazer alguma coisa ..

Vizita

Deu-nos a honra de sua vizita o Sr. Antonio Vieira da Luz, pai de nosso companheiro Joaquim Luz, honrado lavrador do municipio de Picos.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

Sociedade Literaria

“Barão do Rio Branco”

O Sr. Numa Oliveira reabilitou-se e declarou não querer continuar como socio,

Respondeu officio aceitando o cargo de socio honorario o preclaro mestê Jozé Augusto Corrêa.

O socio Belarmino Borgneth em sessão de 6 renunciou o resto de seu mandato, assumindo o cargo de Prezidente, interinamente, o 1.º secretario Joaquim Luz, que, em 13, passou o exercicio a substituta legal senhorita Maria Lira pessôa.

Foram conservados nos cargos de 1.º secretario, tezoureiro, bibliotecario e membros da comissão de revizão os socios Joaquim Luz, senhorita Marieta Fortuna, Jozé Fortuna, João Vitor Ribeiro e D. Ester Fortuna Pires respetivamente e nomeado o socio Jozé Perdigão para completar a comissão revizora. Todos prestaram o compromisso regulamentar.

Sessão solene

Como fôra anunciado realizou-se, com regular assistencia, a comemorativa no dia 13 de maio, data aurea do extincção do barbaro cativo dos nossos irmãos negros.

O orador official João Victor Ribeiro esboçou a traços largos os precedentes e o grande feito do gabinete João Alfredo. Jozé Perdigão leu um surpreendente trabalho sobre a nossa descoberta e a nossa lingua. Ambos foram calorozamente applaudidos.

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 6.º

Maranhão, 24 de junho de 1917.

Num. 71

Antonio Lôbo

Apenas um ano que desapareceu Antonio Lôbo, o grande sol para onde converjiam, tiritantes, os sedentos de saber, e já muitos não se lembram do pesado luto que cobriu a patria maranhense no dia de hoje, em 1916. Um ano apenas; a indiferença dos homens, temeraria, dezencadeou fria e já não têm eles da sua memoria senão uma idéa muito palida, tenue como a das coizas mais vulgares.

Quer se tratando de homens, quer de coizas as mais diversas, temos que dividi-las em categorias heterojeneas, dando-lhes grâus de superioridade ou inferioridade; há, insofismavelmente a necessidade da distincão dos seres e das coizas, porque há a diverjencia irremediavel em tudo. O homem que tem ou que teve a sua linha de conduta traçada em harmonia com os mais altos preceitos ditados pela sua consciencia réta e sempre bazeado em sabios exemplos, não é um homem vulgar: á sua passagem é dever de todos saudá-lo; á sua memoria todos os louvôres, todo respeito, todas as homenagens.

O nosso homenageado de hoje, foi, em toda a linha, um homem altamente superior, um espirito apoiado em um forte alicerce, verdadeiramente indistrutível, dada a sua invulgaridade.

Em todos os terrenos encontramos limpida a trilha do grande mestre, quer se tratando do homem publico, particular, intelectual ou politico. Tivemo-l'o á frente, como chefe, de diversas repartições, especializando-se a Biblioteca Publica e o Liceu Maranhense, onde tambem era lente catedratico vitalicio; educador disciplinado e amigo de seus alunos sempre foi como o era espôzo amantissimo e pai extremôzo. Sempre com um sorrizo animador e palavras de confortante encorajamento éra recebido o tímido môço que lhe pedia a opinião de mestre para os primeiros versos sem cadencia e sem ritmo ou as enfadonhas e falhas laudas de proza insulsa. E não era somente essa a missão de Antonio Lôbo para com a mocidade: êle apontava-lhe a trilha e ensinava-lhe o meio mais facil para o cumprimento dos seus devêres para com os espiritos superiores dos nossos gloriôzos antepassados.

Como politico Antonio Lobo, sem nunca decer da sua linguagem fidalga, sustentou inumeras polemicas combativas e, pouco antes de sua morte, em «A Tarde», escreveu-a quaze toda, diariamente, analizando as falhas que notava na politica do nosso Estado, com segura orientação, inteiramente despido de paixôis.

Polemista de alto quilate, sempre venceu inumeras contendidas em todos os campos. Fede saber e com espiritos altamente desenvoltos, qualas que sempre fraquejavam diante da sua lojica antiga treita.



A sua obra esparsa pela imprensa é grandioza e béla; cronicas, conferencias, versos, teatro, tudo, enfim, produziu em abundancia e com proficiencia o seu espirito privilegiado.

Precoce foi a ação da morte que, arrancando, com garra adunca, do Maranhão o filho, da espôza o marido e da filha o pai, mutilou tambem os nossos corações e a historia da nossa literatura, que ficou falha pela incomplexidade dos seus trabalhos iniciados. Si assim não fôra, talvez já tivessemos incorporados á *Carteira de um neurastenico*, *Os Novos Atenienses* e *Pela Rama*, áquele romance que se chamaria *A cidade eterna* e mais: *Retalhos da vida* (contos), *Comentarios e opiniões* (estudos e criticas) e *Ensaio de lojica*, anunciados.

Tudo, tudo, porem, a poeira do tempo vai cobrindo apezar do constrangimento nosso e de muitos, que dezejavam possuir o coleção do mestre illustre.

Comove-nos, mas nos é grato lembrar, a cêna tocante da manifestação que lhe foi feita em «A Tarde», em 1915. Lá estavam os seus amigos, os seus camaradas, os seus alunos não menos amigos, o pessoal da officina do seu jornal, os vendedôres, os representantes do comercio, do proletariado e todas as classes enfim. Domingos Barboza, com a sua palavra de ouro, um estudante com a alma entuziasta e um representante do Centro Artistico com a verdade personificada na sinjeleza da sua rusticidade, saudaram o mestre, saudaram o amigo, saudaram o defensor, na sua propria tenda, honrada pelo seu nome de jornalista consciencioso e ainda mais pela presença do anjo sublime de meiguice e belôza—Maria Luiza—a diléta filhinha de Antonio Lôbo que, abraçando-o, deu-lhe forças para concluir o seu testemunho de agradecimento, interrompido pelas lagrimas da comoção, áqueles que lhe traziam o confortante e significativo apoio precisamente quando se via estigmatizado pelos seus adversarios terriveis. Foi a glorificação do lutador pelo direito geral, quando o apedrejamento começava.

Daqui desta tenda, de onde Antonio Lôbo nos falou muitas vezes, com carinho e encorajamento, muito interessado pelos nossos destinos e muito afeiçoado aos que aqui trabalham, deve partir sempre e sempre as mais verdadeiras homenagens, nem só porque o seu nome foi o sól de onde partiam as irradiações que iluminaram por muito tempo quaze toda uma geração, como porque a sua morte constitue o primeiro golpe fatal dentre os nossos associados.

Este claro, o primeiro aberto, permanecerá imprenchível na nossa historia e a sua cadeira vaga eternamente exornada das nossas saudades.

Honremos, pois, a sua memoria.

PARNAZO

Imutavel

De certo estranharás que nos meus versos,
Nestas quadras de amor que vou rimando,
Nunca o teu nome passe perfumando
Os meus pobres vocabulos dispersos.

E quedarás, talvez, triste, pensando
—Os negros olhos em pezar imersos—
Que os meus affetos de hoje são diversos
Desses que outrora eu te contei cantando.

E no entanto este amor, velado embora,
E' o mesmo ainda que ele foi outrora,
Da mesma forma inda meu estro anima...

Que eu occulte o teu nome nada prova,
Pois que estás toda inteira em cada trova,
E vives palpitando em cada rima...

Antonio Lobo.

Prostituta

Dos anos no verdôr a carne môça ardia.
O fogo da volupia, em clamas envolventes,
Corlára-lhe a ventura, e os traços inclementes
De franca Messalina o corpo lhe feria.

—Dissoluta na vida, ás atrações mais quentes,
Da carne prostituta e numa orja eterna,
Sem pudôr, sem critério, era uma lesma fria
No charco a se enroscar com estremeções ardentes...

—Mal occulto inda o sol, ela, na vil taberna
Da carne prostituta e numa orja eterna,
—Parazita do amor—a vendicar estava...

Acabou miseranda, e no hospital nojento,
Entre lençóis de puz, sem ter consolo e alento,
Fazia pena ver como a infeliz chorava l...

Rio—917.

Hilton Fortuna.

À's armas!

Aos môços das Linhas de Tiro

Levanta-te Brazil, ergue essa fronte altiva,
Sacôde o corpo forte, appresta-te pra guerra!
Ten coração já sangra...—a injúria não soterra
A gloria de um passado, augusta e rediviva!

No azul dos nossos céus, na flôr da nossa terra,
Flamêje o pavilhão que a honra nossa aviva!
Corra do nosso peito o sangue em caudal viva,
Mas fique em nosso nome a tradição que encerra!

Tu não podes flear de face maculada
Pelo «Poder da Força»...—A mocidade é a escada
Que te ajuda a subir, fecunda de esperança!

—Carabinas ao hombro, esbello, nobre e feito,
E' teu dever seguir na luta do Direito;
Eia, pois, meu Brazil, querida patria, avança!...

Rio—917.

Hilton Fortuna.

Com ares de cronica

E' grande a saudade que me vai nalmã
ao vêr, de lonje, o garbo e a galhardia
com que a miuha terra se levanta do
marasmo que a entorpecia. Eu quizera
assistir de perto todo o seu reerguimen-
to para não sentir tanta saudade, assim.

O Maranhão, o estado mais literario
deste Brazil colosso, atravessa agora
uma faze brilhante, digna de rejisto e
de apoio.

E' um réerguimento geral, desde todos
os ramos de saber humano, até o reer-
guimento físico de beneficio coletivo.

A Academia Maranhense, esse taber-
naculo da sapiencia e de valor intelectu-
ivo, levanta-se real e garboza e temo-la
galharda e cintilante na frase eloquente
e na pena radioza dos literatos que a for-
mam.

Todos, irmanados nos mesmos ideais,
empregam o brilho do seu talento pelo
bem da nossa justa fama de Atenas Bra-
zileira e hão de vencer, enquanto perdu-
rar a constancia.

E' belo de vêr o imenso numero de
agremiações estudantinas que já podemos
registar e não ha, no Maranhão, um só
colegial que não pertença a uma das col-
meias literarias que o empreendimento
e a constancia dos novos atenienses hou-
veram por bem de fundar.

Alôra essas tendas tão pequeninas
quanto tenros os intellectos dos collegias
maranhenses que as formam, temos tam-
bem agremiados inumeros, diletantes ex-
pontaneos dos ideais nobres, que têm a
sua officina mental, e a cujo numero te-
mos a honra nimia de pertencer.

Um dos órgãos da imprensa diaria,
«O Jornal», teve a feliz idéa de inaugu-
rar uma seção chique, onde transpare-
cem, atravez de uma graça de escol e
um humorismo atraente e delectante, a
fina *verve* e o raro gosto dos jornalistas
que a escrevem. Tais empreendimentos
têm surtido efeitos majestuosos e ao refe-
rido jornal podemos dizer que devemos
todo o fulgôr das reuniões chiques da
élite ateniense.

A sociedade compreende o quanto é
séria a pratica das boas festas
de escol e corre pressuroza ao chamado
de qual-
ver dos iniciadores de novas

O Gremio das Flôres, o Cazino e os de-
mais clubes que organizam festas dan-
çantes já passaram a ocupar o seu lugar
de utilidade e distincção.

A mocidade compreendê o quanto deve-
ser util a si e á Patria que funda a cada
dia clubs de *foot-ball*, sociedades de le-
tras e associações de Tiro.

Dentre as cazas de esportes, não pode-
mos deixar de destacar o «F. A. Club»,
que ocupa a vanguarda das associações de
desporto, ja pelo brillantismo das suas
festas e já pelo amplo distendimento que
dá aos esportes, cultivando-os de todas
as especies.

Agora, para maior curso de tanto pro-
gredimento intelectual e físico, um dos
nossos mais futuros conterrancos, traz
do Rio, com todo o carinho proprio dos
privilegiados de talento, o genial escotismo,
que logo encontra o mais franco e
decidido concurso de todo o maranhense
que dezeja o bem futuro dos seus filhos.
Foi em tão boa hora apresentada a idéa
do escotismo na terra de Sotero, que ha
todas as probabilidades para ter o maior
curso e vencer na mais dignificante apo-
teoze de exito.

Mas ainda não está completo, meus
diletos leitores, o reerguimento social do
Maranhão. As suas senhoritas precisam
tambem de outro esporte que não seja a
dança, exclusivamente. Esta é condenada
em certos cazos e por alguns esculapios.
Precizamos para as nossas gentis patricias,
de um desporto que seja autorizado
pelos preceitos da medicina sem uma
condenação siquer.

Seja portanto o passeio ao ar livre, nas
avenidas e praças, as quais ten.os o orgu-
lho de possuir as mais chiques do norte
do Brazil.

Escolhi o passeio para o primordial
esporte da gente de bom gosto, porque
todos nós reconhecemos a sua necessida-
de; não é no baile, saíndo de sua caza
para o salão suntuozo de uma *soirée*, que
a-moça respira, goza e sente as benefi-
cencias do vento entre a folhagem.

Escrevo-vos de Fortaleza, a unica ca-
pital talvez do norte que ainda conserva-
e com muita pompa, o tradicional passeio
ao ar livre e que é geralmente conhecido;
aqui é fora do estado, por «passeio pu-
blico». Pois bem, é belo de ver como

trajo e beleza na concepção das vestes
das iracemas *habituées* da Caio Prado.
Tudo é agradável e não ha rapaz chique
e moça que se diga do escol que não fre-
quente o «passeio» ás quintas e domín-
gos.

Temos aqui, na Terra da Luz, passeio
quazi todos os dias, alternadamente, em
algumas das nossas avenidas; mas, para
começar, bastaria que o fizéssemos no
nosso Maranhão apenas ás quintas e do-
mingos respectivamente, nas Praças G.
Dias e João Lisboa.

Só assim ficaria a terra gonçalvina
completa nos seus divertimentos de vida
social e passaria a ocupar outro lugar que
não ocupa até então.

Eis a idéa. Receba-a o Maranhão
chique com o mesmo carinho com que as
outras do mesmo jaez são apoiadas e co-
adjuvadas.

Pouco importa para o seu exito que
seja a idéa lançada sob os auspícios de
um jornalzinho tão humilde e sinjelo
quanto brilhante e util será a realização
do «Passeio Publico» no Maranhão.

D. F.

Fortaleza

Belos panoramas

Amanhecera... O tigre erguera-se e
sentira fome, espreguiçou-se e abriu e
sua enorme boca.

Encaminhou-se para junto de um pe-
queno riacho e agilmente trepou para
uma árvore, cujos galhos ficavam por ci-
ma da agua corrente.

Decorrido algum tempo aproxima-se
uma pobre gasela sedenta, agil e espan-
tadica, sempre com o ouvido á escuta,
para fugir ao menor perigo que a amea-
çasse.

Mas o tigre está imovel e occulto.
Ju'ga-se feliz a pobre gasela, porque
vae matar a sede na corrente pura, cris-
talina. Começa a beber. O perfido de um
culo cae sobre a sua presa, dilacera-a,
a-a.

em canta sobre um muro o passari-
legre, ele mesmo se enleva com os

João Vitor Ribeiro

Na nossa edição de hoje temos dois cultos a render: um a memoria excelsa do grande intelectual maranhense que escreveu a «Carteira de um neurastenico» e outro ao nome querido para nós do colega de lutas João Vitor Ribeiro.

O dia 15 de junho passou para nós como uma das datas consagradas nesta tenda intelectual, onde João Ribeiro dá provas exuberantes da sua capacidade intelectual em todos os ramos de saber humano.

É o nosso homenageado de hoje uma das mais promissoras esperanças da moderna geração, e todos quantos o conhecem, enxergam nele o exemplo perfeito do empreendimento, do estímulo, do caracter. Ocupa o alto cargo de funcionário de fazenda, onde, desde o dia em que pizou na repartição, atrai para a sua capacidade de empregado modelo os olhares de admiração dos seus companheiros e as manifestações de solidariedade e estima dos seus chefes.

Aqui, na «Rio Branco» que ele ajudou a fundar, e de onde é um dos seus mais fortes sustentáculos, é o nosso aniversariante um farol de ensinamentos, um batalhador audaz, um colega admirado e querido.

Podemos dizer que o nosso confrade é um dos polígrafos da geração atual, por-

que na nossa agremiação só uma qualidade o tem distinguido até hoje: é a facilidade com que escreve em todos os assuntos, desde o artigo de fundo, que historia e implanta idéas, até a cronica banal de festas elegantes.

Na poezia, temo-lo como perfeito artista, com a facilidade de rimas e beleza de expressão que lhe são peculiares, em todos os seus ramos: desde a arrojada parodia que fez dos «Luziadas», adaptando-a aos assuntos atuais da nossa sociedade, cuja trabalho já foi publicado, em parte, pelo «O Ateniense», até o verso humorístico, mas de um humorismo cintilante e proprio do nosso «Arberio».

Vem desde tempos colejais escrevendo neste jornalzinho, com diversos pseudônimos, mas sempre dando provas de seu alto valor intelectual e do seu grande preparo solido e proveitozo.

Como professor é o genial cultor da pedagogia moderna com todos os preceitos dos noveis pedagogos. Inumeros são os rapazes que tem preparado para os concursos das repartições publicas e sempre tem o João Ribeiro o sumo prazer de ver coroados os seus esforços pelo lugar de destaque que sempre é ocupado pelos seus alunos.

Em linguas é quasi um perfeito poliglota. Conhece profundamente o portuguez

e satisfatoriamente o francez, o inglez, e na sua afanoza tarefa de saber ainda mais, estuda, com afinco o alemão e o italiano, que tambem já conhece proveitozamente.

Muito poderíamos dizer desse nosso confrade, porque todos os que o conhecem sabem o quanto vale pelo seu talento e valor intelectual, cujas provas tem dado exuberantemente não só nesta folha, tão humilde quanto a sua modestia, como tambem em varios jornais desta capital, onde tem emprestado o seu apoio físico e mental.

E aqui fazemos ponto, porque conhecedores como somos da profunda modestia em que o nosso confrade procura viver, temos recio de sensibiliza-lo.

Enquanto a nossa cruzada tiver o apoio de talentos privilegiados como o de João Vitor Ribeiro, seremos fortes e haveremos de vencer muito breve.

Fazemos as nossas felicitações extensivas aos seus dignos pais e dileta noiva, que certamente não de sentir, como nós, que aqui trabalhamos, as maiores alegrias pelo dia 15 do corrente, em que veio ao mundo, para gloria da familia, honra dos amigos e orgulho da terra em que nasceu, uma das mais rutilantes capacidades da geração moderna.

bra que está faminta, apercebe-o e cautelosamente se aproxima, encontram-se olhares e começa a ação no magnetismo. E o passaro sente-se preso, quer fugir mas não pode, aproxima-se do ofidio por uma força que o domina. E o infeliz dentro de pouco tempo é devorado.

Adiante está o leão que persegue a agilizebra. A corrida torna-se vertiginosa, mas afinal a distancia, que os separa, va diminuido, até que o felino empolga a sua vitima. Com nosco já não acontece o mesmo. Temos a matança organizada, temos quem maté por nós.

Não vemos o sangue correr, nem ouvimos os gemidos, os urros, nem apercebemos dores e estertores.

Que delicadeza a nossa! Quanto vale a educação e o ser humano!

Temos os nossos pombaes os nossos galinheiros em casa e afagamos as nossas vitimas.

Os gados lá morrem longe, no matadouro.

O meu fraco espirito não compreende essa manutenção da vida de uns pela morte de outros.

Eu certamente não organisaria isto assim: obra nenhuma faria, na qual o bem de um dependesse da desgraça de outro.

Tudo isso é monstruoso, digam o que disserem os moralistas e filozofos.

Está tudo muito bem, porque pela astucia nos subtraímos de embelosar os banquetes das panteras e ursos.

Mas esta pobre rasão humana... para que a tenho? Para que penso?

E os poetas bradam:

Quantas flores na campina, como são alvas aquelas garças, que belo azul o do ceu!

José Augusto Corrêa

Coordenando

Envolvem prezentemente o espirito nacional as complicações diplomaticas a que o conflito europeu arrastou o nosso paiz.

Eramos um povo inofensivo e ordeiro, alheiado completamente ao movimento bélico, administrado sempre por homens notadamente habeis que sabiam manter inalteraveis e na maior harmonia possivel as nossas relações com o extranjeiro.

O maior descazo nacional encontrava-se na veia da defeza territorial.

Era quasi absurdo considerar-se que um paiz reputado entre os maiores do globo, de um desenvolvimento de... 8.521.392 klms quadrados e cerca de... 25.000.000 de almas dispuzesse de um exercito excecional de 18.000 homens.

Essa diverjencia simplesmente a e as m

va do nosso paiz de sos

Feriu-se a c de sos européa, da qual participara pais nações do antigo continen as mais es treitas relações

Foi isso um grave dezarranjo para a situação comercial de nossa praça e d' ai a dificuldade e a carestia de tudo.

Embora seriamente oprimidos pelos efeitos prejudiciais da guerra recolhemonos á neutralidade e somente raros brasileiros da alta camada nacional davam a conhecer a predileção individual por esta ou aquela nação helijerante.

Até então a nossa defeza era essa mesma sombra inofensiva á mercê do patriotismo de cada um.

As nossas fortificações exprimiam a imajem autonimica de sua reais funções e a previdencia era coisa completamente abstrata para os nossos cuidados.

Entretanto o despotismo teutonico se alastrava assustadoramente e ia levando a todos os lares o infortunio, a miseria, as privações e a desgraça.

Como o lobo feroz de La Fontaine era o horrendo fantasma que arrebatava impiedozamente os bons cordeirinhos que podia alcançar.

Por fim chegou até nós a devassa alle-nã e já tivemos o desprazer de ver afundarem-se nas brenhas oceanicas trez dos nossos bons navios mercantiles.

Constitue isso uma nodoa degradante, um barbaro insulto á lealdade com que até então nos conduziamos diante da luta sangrenta dos povos de alem mar.

Não podemos ver sumirem-se no abismo insondavel do oceano esses mensajeiros internacionais que mantinham parte da nossa vida e sobretudo desfraldavam o nosso querido pavilhão, o palio das nos-

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Maria Lira Pessoa—Presidente
 V. Presidente—vago
 Joaquim Luz—1.º Secretario
 Marieta Fortuna—Thezoureira
 Jozé Fortuna—Bibliotecario
 2.º Secretaric—vago
 João Vitor Ribeiro
 Ester Fortuna Pires
 Jozé M. Reis Perdigão

Comissão de
 revizão

Assinatura anual 1\$000

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

sas crenças, o escritorio do nosso amor.

Infelizmente não dispomos de elementos para levarmos a efeito a repulsa digna desse atentado hediondo do germanismo, e por enquanto nos desfizemos desse amigo infiel que só produz a ruina e a perdição dos outros povos.

Mas, a esperança é sol que jamais se deslustra, ela rebrilha fulgurante através do gesto nobre da mocidade brasileira que busca nas cazernas receber o ensino militar para defender com brio a patria de seus antepassados.

E' a prova evidente de que o brasileiro tambem sabe ser patriota.

Viva o amor da patria !

Iberio.

D. Francisco de Paula e Silva

Cada dia mais se solidifica o alicerce da nossa construção. Ha bem pouco era Jozé Augusto Corrêa quem nos mandava o seu apoio e o seu nome a nos encorajar e hoje é um dos mais lucidos espirito da igreja catolica e dos nossos homens de saber quem nós manda, de um modo que devéras confunde a nossa pequenez, o seu inteiro quão util apoio—D. Francisco de Paula e Silva.

Foi o seguinte o honroso officio que recebemos:

«Aprove a gentileza de V. Exc. cientificar-me no officio n. 43 de 10 deste, que por iniciativa do illustre socio Joaquim Luz e por deliberação unanime da Assembléa de 3 do corrente foi meu obscuro nome aceito para Socio Honorario dessa futuroza agremiação literaria.

Surprezo e desvanecido por tal honra não sei como agradecer a distincão que se me faz; e que me é tanto mais grata por me vir de uma pleiade de jovens esperançosos.

A juventude foi durante vinte anos o alvo a que consagrei as primicias de meu ministerio e desse tempo guardo ainda frescas as mais gratas recordaçõis, o que quer dizer, que não arrefeceu em mim, apesar dos anos e de outras occupaõis que derivaram minha atividade o carinho e afeição que sempre consagrei á juventude.

Não posso, pois, deixar de acolher reconhecido a distincão que me faz a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco».

Lamento só, não ter outros predicados alem da boa vontade, para cooperar com tão brilhantes socios, no caminho tão gloriozamente percorrido já, e promissôr de maiores triunfos. Esta boa vontade, fica toda ao dispôr dos amaveis consocios aos quais muito agradeço e mui particularmente a nossa distinta Presidente de quem fico devedôr da gentileza da communicacão.

† Francisco, Bispo do Maranhão

S. Luiz, 16 de junho de 1917

Ilma. Exma. Sra. D. Maria C. Lira Pessoa).

Petit cinema

II

Joaquim Luz

S. Luiz—flm.

Nervôzo, neurastenico, o mocinho
 Em Caxias nacido, certo veio
 Pra no mundo fazer papel mais cheio
 Do que junto a Mercurio agachadinho.

Apôto lhe proteje, e sem rodeio
 Cupido lhe dispensa bom carinho;
 Junto ás letras e ás artes de mansinho
 Colôca, como pôde, um forte esteio.

Dizem que muito rico ficará
 Pois a *tailleur* nenhum jamais dará
 O que damos por dez de cachemira...

—Talvez não chegue a metro, é bem baixôte,
 Quer a pize maior do mundo hôte
 E' sempre o mesmo *zinho* o bom *Jovira* l...

III

Totó Santos

Rio—flm.

Em Lisboa nasceu este talento
 Que faz progresso aqui na Engenharia;
 Quando o lapis empunha com mestria
 Caricaturas forja num momento.

Pinta o sete, o quatorze, em parceria
 Com moenhas galantes, mas o intento
 De cazar não lhe está no pensamento
 Que em S. Luiz deixou terna Maria.

Na Avenida, nos bondes, nos cinemas,
 Sempre pronto lhe encontro nas amenas
 Batalhas de sorrisos e olhadélas...

De uma feita, num *taxi*, ligeiro
 Escapulin da furia de um ilheiro
 Quando estava... Não digo;—isto é com *E'las*.

Rio.

H. Ferrári.

Rejisto Elegante

Aniversariaram-se em 3 a nossa distinta consocia senhorita Corina Caldas; em 8 a nossa tambem consocia professora normalista senhorita Aurina Valadão; em 13 o sr. Antonio Rodrigues, em 14 a galante Maria de Lourdes Fortuna; em 18 o sr. Delmiro Botelho; em 21 a senhorita Laudelina Melo.

Aniversariar-se a l...m 29 o sr. Joaquim Rodrigue...rtaleza... a gracil senhorinha Beatriz e que aindha do Dr. Benjamim Mouraa, o tradicietor da Alfandega do Ceará, geralmente

Efuzivos ptado, por «Hos.
 n. é belo de v

Nestor Madureira

Em 5 tivemos o grato contentamento de abraçar este nôsso distinto companheiro e apaixonado admirador das verdadejantes figueiras da Avenida Maranhense.

Uma lauta ceia, intervalada de brindes alegres, foi servida aos seus amigos, que foram cumulados de gentilezas do *Verdureira*.

Novamente abraçamos o nobre amigo.

Conego Dr. Alvaro Lima

Transcorreu em 10 o natalicio deste nosso illustre socio benemerito.

A's imensas provas de simpatia que naquêla data recebeu, juntamos os nossos votos pela felicidade pessoal do fiel ministro da igreja e illustre homem de saber.

Dr. Godofrêdo Viana

Pela passagem do natalicio deste nosso emerito jurisconsulto, que ocupa com inexcédível competencia o cargo de Juiz Substituto Federal, foi-lhe em 14 promovida significativa manifestação pelos seus inumeros amigos e admiradores.

Nós que, do nosso posto humilde, tambem o admiramos, pelo seu saber e pelo seu carater, consignamos os nossos parabens.

Henrique Caldeira

Em 21 mais uma vez tivemos o imenso prazer de abraçar este nosso illustre companheiro, atualmente apozentado...

Ao *Brito*, meu caro *senhór*... dezejamos muitas felicidades e... *bichos*.

Dr. Jozé Viana Vaz

Transcorreu em 22 o natalicio deste provecto majistrado, competentissimo Juiz Seccional deste Estado, que, pelas altas qualidades do seu carater justo, é tido no nosso meio social como uma das mais altas figuras.

Os nossos respeitozos cumprimentos.

Vizitas

Vizitou-nos por meio de delicado cartão a professora D. Maria da Silveira, de Itapipoca, Ceará. Agradecendo as gentilezas expedidas, retribuímos desvanecidos. Quando dispuzermos de espaço divulgaremos suas produções, bondozamente enviadas.

Esteve em nossa redação o estimavel môço Gumercindo Pedroza, da Ponte Nova. Mantivemos boa palestra com este entuziasta admirador d'«O Ateniense».

Antonio Lobo

São convidados o corpo social, os amigos do morto illustre, todas as associações e o publico em geral, para a sessão solene que se realizará hoje á 19 horas.

Falarão João Vitor Ribello e Joaquim Luz.

A's 16 horas um grupo de associados irá em romária deitar flores naturais no tumulo do mestre, falando nessa ocazião a senhorita Santinha Vasconcelos.

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 6.º

Maranhão, 5 de julho de 1917

Num. 72

Domingos Machado

A presente edição d'«O Ateniense» vem traduzir a sinjela homenagem que ao querido mestre Domingos Afonso Machado prestam os pequenos obreiros da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco».

Justifica esse gesto a passagem do aniversario natalicio desse esforçado educador que ha mais de trez decenios vem amparando com sua proficiencia majistral sucessivas gerações do nosso meio.

A mocidade, esse escudo possante onde se pouzam os olhos de nossa patria, onde reluzem as mais fortes esperanças da nossa grandeza, foi sempre o objéto principal de seus desvelos espontaneos

Desde cêdo, reunindo-se ao apostolado professoral, tomou a caridoza missão de operario do bem, iluminando com seus ensinamentos os pequenos soldados da lejião escolar.

A sua mocidade, a sua sabedoria, suas boas lições, enfim, o melhor de sua existencia foi por ele igualmente repartida entre duas linhagens distintas que ainda o tem por chefe: a familia e a classe estudantal.

Na familia, na santa constituição da sociedade, nesse templo sagrado de bemaventuranças, vemol-o na profissão benfazeja de sua doce religião a ditar sabias doutrinas, repassadas de fuljida moral e unjidas na unificação de seu puro amor paternal.

Na classe estudantal, nessa grandioza familia que ele adotou vemol-o na arquitetura do bem a distribuir a luz do saber, a estrela radiante do caminho da gloria.

Podemos francamente dizer que a sua vida inteira tem sido um pálio rutilante de bondade, onde cada vivente encontra o conforto e a luz para sua jornada no escabrozo caminho deste mundo.

A sua palavra tem para nós os encantos de um evangelho sagrado e os seus bons preceitos, as suas abalazadas opiniões formam o breviario sublime de nossas crencas.

No dezemolimento de sua espinhoza missão tem o nosso mestre apenas um o que de mais fino ha no seu enjenho educador, mostro e lição.

Ha em todos os planos da civilização elementos suficientes que permitem discriminar com precisão todas as lições que permitem de humanidade.

Naquele que seguindo as lendas d'aquele herói defende a integridade de seu paiz e seu patriotismo de

O mestre é tambem um herói, um patriota.

A sua insignia patriotica é a instrução.

Grandiozissima é a sua obra em dirijir com paternal carinho os destinos da criança moldando-lhe a inteligencia, incutindo-lhe os bons sentimentos, defendendo-a das garras do analfabetismo, preparando-a enfim para a sociedade, para a vida.

O nosso querido mestre, o bom e popular professor Machadinho, como na intimidade o chamam seus alunos, é satisfatoriamente um desses heróis, um insigne patriota que tem como loiros mais honrozos essa infinita coôrte de creaturas por ele orientadas.

O longo tirocinio de sua profissão tem sido uma continua poliantéa de maravilhosos encantos, onde em cada petala se ergue o perfil de um bravo soldado das fileiras escolares, que dele recebeu as primeiras luzes.

Como emerito artista do aperfeiçoamento intelectual da mocidade asentou a sua tenda nos amplos dominios do Liceu e ha longos anos já vem ministrando da mesma poltrona e com a mesma proficiencia dos mestres que

sucedeu sabias lições do nosso belo idioma, transmitindo assim a milhares de alunos a senha essencial para o novo horizonte das academias.

O grande e paternal desvelo com que reveste os seus ensinamentos mereceu a admiração de todos os seus discipulos que são incançaveis em patentear-lhe a sua gratidão e amizade.

Aqui na Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», estampa-se o vivo exemplo de sua obra auxiliadora, pois o temos sempre como arvore frondente a abrigar sob seus ramos esta lejião preparatoria, ávida de ensinamentos.

E, como nós, todo esse exercito de almas que buscam beber as suas lições, se deve regozijar ao decorrer esta data que assinala na historia maranhense o natal de um grande homem, uma individualidade principal no majisterio.

A classe estudantal, solcita como sempre, ha de levar ao mestre querido a expressão sincera de seu entusiasmo por ver mais uma perola rebrilhar no aureo diadema que orna a sua frente angusta.

A sociedade «Rio Branco» igualmente rende a sua sinjela homenagem ao abnegado apostolo do bem e a torna extensiva ao templo sagrado de seu lar, onde melhor se comemora a data de hoje, elevando os nossos sinceros votos pela sua duradoura felicidade.

Reiteremos, pois, as nossas felicitações.



PARNAZO

O' alguém

Se lesse nos meus olhos algum dia
O misterio fatal do meu segredo
—Este profundo amor que me enuncia
E que eu quero contar-te e tenho medo;

Se soubesses como é dilacerante
Esta paixão fremente e alucinada
Que traz minha alma á lua acorrentada,
Que me impelle p'ra ti a todo instante;

A talvez o ideal que no delirio
Das minhas longas noites de martirio
Eu sonhei tresloucado, enferecido —

Eu visse realizado na docura
No majico poema da ventura
Do meu profundo amor correspondido.

Antonio Lôbo.

Lembrando

Ela, quando falei na dôr, no sofrimento,
Que á minha alma eu impuz quando embarquei cho-
rando,
Duvidoza sorriu, como sorriu zombando
Ao lhe dizer de amor meu terno sentimento.

E' que ela não comprehende ou que, talvez, estando
Na adolescencia em flor, — fugaz desprendimento
Da vida —inda não sabe estimar o momento
De uma triste partida os olhos orvalhando...

—Não sabe. Não percebe o espasmo de saudade;
Nunca sentiu o «acerbo espirinho»... A mocidade
Empolgante lhe dá um desceidado infindo...

Entretanto, — recordo o dia em que parti —
As lagrimas dirão a magna que senti
Quando embarquei chorando e ela ficou sorrindo !.

Rio—917.

Hilton Fortuna.

Subindo o Amazonas

Sei que tu trazes, na ambula do seio,
A alma, por mim, de dôres transbordando:
Tudo isso eu sinto, mãe, tudo isso eu leio
Em cada carta que me vais mandando.

De onde foi que esta lagrima assim veio
Baillar-me os olhos como está bailando ?
—Foi do meu coração que vive cheio
De ti, que vives, sempre em mim, pensando.

Mas ha de, em breve, o instante de alegria
Chegar, e a magna, como por encanto,
Ira de fujir, dentre nós dois, no dia

Em que eu voltar, no dia em que os meus braços,
Sob a luz do sertão, que eu quero tanto,
Em cruz se abrirem para os teus abraços !

Vespasiano Ramos.

O maldizente

Conheceis certamente o homem mor-
daz.

Estamos em uma sala. Eu me coloquei
num lugar donde ouvia o que elle dizia
com acenos e autoridade. Na roda era a
voz que se elevava, a que todos presta-
vam attenção. Entra um figurão politico.
Começa o homem com as suas navalhadas
e diz: «sua para cá meu jabota com esse
ar de homem de bem, meu santarrão,
meu capacho». Quem não conhecer um ho-
mem destes dirá: «Ai vai um homem res-
peitavel». E a verdade é que esse capacho-
cio é um tartufo aperfeiçoado, habituado
a sofrer tudo, á obediencia mais passiva,
que já excede á dos jesuitas».

Entra uma familia aí vai a senhorinha
Malvina, toda requebrós e olhares meigos

Intervem a cortante lamina: Que meni-
na desfrutavel, como se pinta escandalo-
samente !

Ela tem uma duzia de namorados, mas
ainda assim duvido que pegue um mari-
do ! E' pobre, não tem um dote, que é a
luz benigna que alumia as paixões.

Chega a vez de um guapo rapaz todo
cheio de si, cada passo que dá é previ-
amente estudado, olha para todos com
um ar de desprezo.

Acode a tesoura: Com esses ares de sa-
bedoria tu enganarás aos tolos, que não
a mim, quem não te conhece que te com-
pre.

Não notam como esse sujeito diz umas
coisas sem sal e supõe que prega sabedo-
ria ?

A propósito leram já Fabio Everton ?

Pois olhem, ha muitos Fabios Evertons.

Passa uma velhinha que se diria uma
santa, ar grave, e recolhido.

Bruxa é que tu és, esclama o critico,
nem com toda tua santidade pagarás os
teus peccados, bem te conheço.

E assim proseguiu essa creatura igno-
bil para quem não ha na terra nem bel-
leza, nem virtude, nem santidade.

Todos temem esse veneno, mas todos
o respeitam, supondo que assim não se-
rão suas victimas. Mas ninguem escapa ás
suas mordeduras, que semelhautes ás tor-
rentes impetuosas tudo destroem, tudo
aniquilam, tudo afeiam e arruinam.

Com o maldizente nada ha seguro e

santo—a virtude é vicio, a honra um far-
rapo, a sabedoria um brilhante falso, a
castidade uma nojenta depravação.

E esse malvado anda entre nós, tudo
avassala e domina, todos os cercam, e
muitos o aplaudem.

José Augusto Corrêa

Cariócas

O Progresso marcha vaporosamente ao
apojeu que o destino lhe prometera.

O Rio, este recanto lindo do Brazil, que
é o foco imenso do avanço das ecizas, de
onde diverjem os tentaculos da civiliza-
ção pelo continente, tem historias bem
interessantes e que valem a pena dizer.

Depois que a «Ligth» espalhou pela ci-
dade os seus fios de luz, tração e telefo-
nia, não ha ninguem que deixe de man-
dar instalar no patamar superior da esca-
da ou na salêta o seu telefonozinho. E'
uma febre que já vai dejenando em
mania.

Antigamente, quando os aparelhos é-
rañ raros, fazia-se um sacrificio e os bi-
lhetes davam solução aos cazos de maior
urjencia.

Depois, as vendas e confeitarias tive-
ram o numero de *freguezes* acrecidos,
porque não havia uma Cotinha que não
pedisse ao «Sór Manel» para dar *duas*
palaoras ao Cazuzinha, como todo o Bili-
pedia para falar á *zinha*...

Foi uma revolução.

Hoje, em quazi todas as cazas, ouve-se
o *tlim-tlim* a todo o instante.

—Si o velho não pôde chegar ás 16,
como devia:—*zds*, telefona á *madama*.

—Si a cozinheira não trouxe o feijão
preto:—*bumba*—telefona ao vendeiro...

—Si *madama* quer uma cadeira de
frente no teatro: *pronto*: telefona á bi-
lhetaria...

Quanto ao numero das telefonadas, de
mademoiselle, nem é bom falar.

Pede ligação pra caza de seu *creuzo* e
ei-la duas horas perfilada no fono, a rir,
a palestrar, a passar *repelóis* !...

As pobres telefonistas é que ficam
abarcadas com tantas ligações e aí daque-
la que não satisfizer o pedido de um as-
sinante !...—E' rua certa.

Por volta das 14 e meia o movimento é
espantoso.

Imagine-se 5 mil e tantos telephons a
tilim tar de uma só vez nos ouvidos das
moças da Estação !...

Sabem porque essa azafama ?...

—Para saber qual foi o bicho que deu..

Emfim, o mundo marcha, e daqui a me-
zes o Rio, em vez de 5.000 e tantos tele-
fonos terá o dobro de aparelhos.

E viva a Ligth !...

Rio.

Hilpafor.

L'amour

Ha muito que o Borjes não via o Fer-
reira.

Desde a vespera do Natal, daquêle na-
tal todo branqueado de lua que tanta
saudade lhes deixára, e assim se justifi-
cam as exclamações ruidozas de amizade
solidas, que lhes escaparam ao encontra-
rem-se:

—O' Borjes !...

—Ferreira !...

—Por onde andava você, Borjes ?

—Eu ?... aqui na cidade.

—Aqui ? ! e como não o vejo ha tem-
pos ?

—Porque andas sempre muito ocupa-
do ?

—E'... é verdade, agora mesmo...

—Já sei... adivinhei...

—O que ?

—Vens de fazer mais uma conquista.

—Você é um bruto Borjes ! como sou-
be ?

—Se é a sua occupação predilêta para
não dizer...

—Diga, Borjes ?

—Única !... predilêta é mais suave.

—Tem *razão*, mas, eu lhe conto... por-
que não tomamos cada um o *corponde* ?

E de pulo o illustre, tomam lèpidos o
estribo do homem genêro b... de instalados
comodamse realtois galga amecou:

—Borrão Jnde e depois, é o amor ?

—E' ante o Ferreira ce

—Não, você sabe o que é opinião.

—A *obda* ! quer gracejar ? não é das
melhores, Borjes, quero a sua, na minha
opinião minha opinião ? ! olhe

es mas é verdadeira,

o amor é uma pinóia...

Mariêta Fortuna

A mulher moderna tem revelado nestes ultimos tempos, aptidões devéras invejáveis em todos os ramos de saber humano.

Dantes a mulher, transpondo o limiar do seu domicilio, considerava-se num verdadeiro dezérto, completamente alheia a tudo que ia pelo mundo a fora. O romance e os trabalhos domesticos, assim mesmo com um saber muito falho, éram as unicas occupaõs de uma mulher, qualquer que fosse o seu estado civil.

A evoluçãõ, porem, tem atuado consideravelmente no bello sexo, e as necessidades tanjidas mais fortemente pela guerra atual, vêm mostrando quão diferente é o papel da mulher na sociedade.

Assim é que vemos a mulher, na maxima atividade, cultivando a terra e cuidando das industrias enquanto os homens defendem a patria, os seus lares ameaçados, a soberania da humanidade, a civilizaçãõ enfim.

Mas, onde a açãõ da mulher têm se de-

zenvolvido assombrozamente, mesmo aqui pelos recantos do norte deste paiz colosso, onde o analfabetismo tem imensa supremacia, é nas lutas pelo espirito.

Vemos gentis senhoritas verdadeiras doutas, quando diplomadas pelos nossos estabelecimentos de ensino que aliáz deixam muito a dezejar.

Podemos citar com galhardia e imenso contentamento, dentre os espiritos, os mais elevados e estudiosos, a nossa distintissima consocia Mariêta Fortuna, ora Vice-Presidenta da nossa sociedade.

Desnecessario se torna enumerar aqui os seus extraordinarios dotes intellectuais, pois todos os que da sua convivencia se acercam têm logo uma impressãõ agradavel desta applicadissima quartanista da Escola Normal, de saber acurado e de imensa modestia.

Pelo motivo do seu natalicio que transcorrerá em 27 deste mez, daqui mandamos os nossos antecipados cumprimentos, extensivos a sua familia illustre.

—Pinóia! não blasfemes, Borjes!

—Blasfemar eu! ora, Ferreira, o amor é uma pinóia que termina ou na igreja ou numa esquina, ou na bençãõ nupcial, ou na bençãõ da bengala, o que observando bem são soluçõs quazi equivalentes, quazi porque ha uma diferença unica, pequena é verdade, a primeira éxije têtstemunhas e a segunda as recuza.

—O, Borjes, você não sabe o que diz, quando a gente vê uns olhos matadóres que...

Nesse ponto o Ferreira foi interrompido.

Entrava um sujeito alto, robusto, cara severa, olhar duro, barba intõnsa, perfil que lembrava o de um soberano helenico e, não sei por que estranha razãõ, acudia logo á mente de quem o encarava o de Meneláu.

Ferreira levantou-se um pouco dando passagem; o homem passou têtzo e cumprimentando seco, solene, sentou-se impenetravel ao seu lado.

Dlim!... dlim! dois solavancos violentos sacudiram o bonde fazendo-o tremer como um heribético. O veiculo entrou em movimento e Ferreira continuou á sua historia.

—Borjes, quando a gente encontra uns olhos cheios de promessas um sorriso que transluz dezêjos, Borjes, perde-se a cabeça, perde-se a cabeça, Borjes!...

—O! estás embeicãdo.

—A! meu amigo, para que negar... estou!

—E quem é essa Afrodite que te feriu tão fundamentalmente o coração?

—E... escuta, Borjes, é a mais deliciõza mulher que os meus olhos hão visto; morena como uma judia, S.iana, negros e bastos como uma circasã, uma labios carnudos volutuozos como andalúza.

—E' então um hibridismo, Ferreira?

—Qual hibridismo Borjes! é uma...

—Cosmopolita...

—E nisso é que está o seu grande merito. Mas, ó homem, onde mora a ninfa?

—Alto, inda é cedo para o sabêres... pôde ser que tu...

—Eu?! ora Ferreira não tenho mais que fazer?...

—Concordo mas se visses a minha adorãda, se contemplasses o seu rosto de querubim, aqueles olhos de santa...

—Não exajêra Ferreira!

—Digo a verdade. Si a visses, ó Borjes, você ficava louco... louco...

—Não duvido, a prõva tenho-a em ti.

—Eu?! talvez... mas que feliz que eu sou, tenho o seu amôr e que quero mais?

—Fala mais baixo, repara que estamos num bonde.

—E' verdade, mas a paixãõ...

—Põi um freio á paixãõ homem!

O tipo sizudo e grave que se sentara ao lado do Ferreira, começava já a se interessar pela palestra dos amigos e, de quando em quando, lançava um olhar furtivo sobre os dois.

—Amigo (continuou Ferreira) hoje a minha dama me concede uma entrevista vou ser ditozo, vou ser feliz, Borjes!

—O' Ferreira não sejas indiscreto, fala mais baixo! esse teu habito inda te ha de prejudicar um dia!

—Qual Borjes aqui não ha ninguem suspeito estou descañãdo... hoje não me é permitido desconfiar de ninguem, estou alegre, vou ser feliz!

—Mas Ferreira seja mais comedido (baixando a voz) você ainda não me disse quem é essa Dulcinéa, se é solteira ou cazada ou...

—E' cazada (disse o Ferreira velando a voz, não tanto que os vizinhos não ouvissem).

—E' grave, então, homem!...

O homem carrancudo lançou um olhar terrivel, apavorante, sobre o Ferreira e mostrou-se mais interessado pela palestra.

—Borjes, você é inexperiente, mostra que não tem pratica, se as cazadas são...

—Fala mais baixo, Ferreira.

—Que mania! você é um medrõzo e eu torno a dizer a minha adorãda é cazada!

O homem sizudo applicou mais o ouvi-

do como se não quizesse perdêr uma sílaba siquôr.

Ferreira continuava alegre: —é casada e...

—Onde mora?

—No fim desta rua.

O vizinho impenetravel lançou outro olhar sobre o Ferreira, capaz de gelar fogueiras.

—Como se chama Ferreira?

—Roza. Eu a chamo Rozinha, é mais meigo, não é?

Nos olhos do homem grave chispavam clarõs de furor.

—Ferreira, e o marido?

—O marido é um estúpido, um brutamontes que eu não conheço, não devo e nem quero conhecer.

O homem taciturno horrivelmente transfigurãdo, brandindo uma pezada bengala, que mais parecia um cajado, levantou-se solene e grande, com a mesma solene gravidade talvez com que Meneláu recebeu a noticia da fuga da bela e venturõza Hêlena e trovejou numa voz que fez tremer o bondinho:

—Vai conhecê-lo agóra miseravel! e a primeira bengalada deceu rapida, zunindo, rumo das costas do Ferreira.

Borjes quiz intervir, mas o homem ameaçadõr, sanhúdo, alçara de novo o cajado.

Ferreira de um salto, atirou-se fóra do bonde e se estaleou no calçamento, enquanto o homem tresloucado, ferõz, barba bradava:

—Canalha! difamadõr! cachorro!

No bonde o reboliço era enorme, ataques, gritos de protesto e mesmo alguns murros e o Borjes achou prudente seguir a tatica do Ferreira e saltou tambem.

O rolo foi serenando pouco a pouco com a saída de dois principaes personagens, o homem esgazeado ainda, sentou-se praguejando, o cocheiro apitou como um contra regra suado e ativo e o cano deceu lentamente...

A trajédia findãra.

Aõs trancos o bonde poz-se de novo em marcha e a cidade encheu-se do acontecido.

O pezo esmagante de trez longos mezes caíam já sobre o esçandalo do bonde, apagando-o.

E' na praça João Lisbõa á tarde, passam senhorinhas elegantes *senhorinhos* *smarts* e gente ventrada, burgueza.

—O' Borjes!

—Ferreira!

—Você andou por fóra?

—Qual! estava aqui mesmo nesta droga.

—Não o vêjo ha tempo!

—E' desde aquele maldito dia.

(Com um sorriso escarninho, —E' verdade, que me diz você do amôr?)

—O amôr?... estou com você Borjes: o amor é uma pinóia que quando não acaba na bençãõ nupcial termina na bençãõ do cajado numa... esquina...

—Ou faz a gente se atirãr de um bonde baixo! concluiu a rir o Borjes.

S. Luiz I de VI de MCMXVII.

Reis Perdigão.

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Joaquim Vieira da Luz—Presidente
 Mariêta Fortuna—V. Presidente
 João Vitor Ribeiro—1.º Secretario
 João Kubrusly—2.º Secretario
 Ester Fortuna Pires—Tezoureira
 Belarmino Borgneth—Bibliotecario
 Maria Lira Pessôa
 Jozé M. Reis Perdigão } Comissão de
 Jozé Padua Fortuna } revizão

Assinatura anual 1\$000

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

Antonio Lôbo

Dois anos são passados que o dia de hoje, outrora tão alegre e risonhamente festejado, era para a familia idolatrada de Antonio Lôbo, para os amigos leais e para os alunos tão queridos, uma data de alegria, uma data de festa em nossos corações.

Foram-se com o Mestre que partiu para o alem, as rizonhas esperanças da mocidade. A êle que nos falava á alma, despertando em nossos corações adormecidos sentimentos; a êle que se não cançava de incentivar as novas gerações ao cumprimento nobilitante de seus deveres civicos em prol do Saber, estava confiada a nossa rejeberação ou pelo menos o estancioamento da nossa dejenerecencia mental.

Quem escreve estas linhas breves, teve, desde o começo do seu entendimento, verdadeira idolatria á grande mentalidade que constitua o saber de Antonio Lôbo e, apesar de o não ter tido como mestre, nos bancos escolares, desde que o conheceu procurou sempre, não obstante sua pequenez, demonstrar-lhe o quanto o admirava.

Hoje que o Mestre (mesmo daqueles que não foram seus alunos) está para sempre de nós separado, que não o temos ao nosso serviço, com a expontaneidade e eloquência da sua sabedoria, é bem justo que orvalhemos numa lagrima de recordação e eterno agradecimento a sua memoria imorredora.

Confundiam-se na sua tenda de trabalho a familia, os representantes da mocidade e os compendios onde estudava, tendo a todos verdadeira idolatria.

Sempre ao lado do anjo de adoração que era sua filhinha, distribuia aos amigos e alunos palavras repassadas de interesse pelo nosso porvir.

A'quêle que ensinava, com amôr, a mocidade da sua terra, que muito queria, as grandes lições; áquêle que sempre se revelou defensor do plebeu, dos fracos e oprimidos; áquêle homem que, mais do que outra qualquer coisa, foi grande no saber e na sua independencia, rendamos as mais francas homenajens sintetizadas no pranto veemente que se emana da fonte perene da nossa saudade.

4-7-17.

Joaquim Luz

Petit cinema

IV

Rubem Almeida

S. Luiz—film.

Sob a luz da verdade, hinos cantando
 Ao Todo Poderoso, entre maristas,
 O talento mostrou,—grandes conquistas
 Prometeu, horizontes enchergando.

Entre nós, a lutar, fundou revistas,
 Humorismo na lira foi mostrando,
 E, sempre a batalhar, segue marchando
 Para um posto mais alto ás nossas vistas.

Um coração perfeito e bem formado
 Generoso possui, e para o lado
 Atrai o que lhe pôde causar mal...

Para as môças não conta seus sorrisos,
 Para nós, seus trabalhos são prezicos
 A' frente d'«O Jornal».

V

João Henrique

Rio—film.

Lente em punho, estudando a medicina
 No Hospital de Marinha, êle descobre
 «Ophthalmias», microbios e o que encobre
 A garganta e o nariz,—rendoza mina !...

—E' chic requintado. Um pôrte nôbre
 Exibe *footing*ando sempre em fina
 Linha da moda, sem rival, supina,
 Quando lhe chamam «Príncipe»... (sem cobre).

—Em cada bairro, Lemé ou S. Cristovam,
 Tijuca, Andarahy, (todos aprovam)
 Dá sóta e áz nas coizas de namôro...

Si é noivo não sei, mas desconfio,
 Porque cazar não quer aqui no Rio,
 O que faz nas *Beldades* grande estouro !

Rio.—1—1917.

H. Ferrári.

Os novos dirijentes

O mez alegre de julho iniciou-o a nossa sociedade com o solene empossamento da nova diretoria eleita em 3 de junho.

Mais uma vez a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» tem os seus destinos norteados pelo timoneiro diligente, experimentado e esclarecido que é Joaquim Luz, companheiro infatigavel que se tem batido com brilhantismo marcante pela cruzada santa e nobre do levantamento da nossa sociedade. Foi, pois, com alegria intensa que os seus consocios o elegeram para tão espinhózo pôsto.

Mariêta Fortuna que vem servir na gestão que vai decorrer, como Vice-Presidenta, é uma jovem intelijente e emprehendedôra de quem muito esperam os consocios que em tão boa hora a elegeram. Tendo exercido já com proficiencia o arduo cargo de tezoureira, foi a sua candidatura gostosamente aceita.

A's 20 horas, em sessão solene foi esta diretoria empossada, prestando o compromisso regulamentar.

Nessa mesma sessão foram lidos a mensajem da Prezidenta e os relatorios dos seus auxiliares.

Depois de investido do posto a que o levou a vontade dos seus consocios, o novo Presidente Joaquim Luz leu um bello discurso propondo sabias medidas e salientando faltas. Seguiu-lhe com a palavra a Vice-Presidenta que em palavras buriladas agradeceu aos consocios a distincção com que a honraram.

Foi então posta a palavra á dispozicão de quem dela quizesse uzar, e como ninguem mais se quizesse manifestar, foi pelo Presidente encerrada a sessão a que compareceu farto numero de socios e representantes do Tiro 47 e da «Revista Maranhense».

Rejisto Elegante

Carmen Pontes—Reiistamos em 1º o natalicio desta nossa distinta associada que, pelos seus inumeros dotes e qualidades excelsas merece a estima de todos que a conhecem.

Os nossos cumprimentos extensivos aos seus.

Henriette Bricotte—Tambem em 1º transcorreu o aniversario desta nossa intelijente consocia, filha da grande patria de Hugo, que, com fulgor inexcitavel vem ilustrando «O Ateniense» e com interesse maximo, nos prestando o auxilio possivel para o nosso progredimento.

Rejubilando-nos, saudamos a distinctissima professora da lingua de Lamartine.

Aniversariou-se em 3 a senhorita Diti-nha Reis.

Aniversariar-se-ão, em 7 a nossa consocia Cristina Vinhais atualmente no Rio; em 10 o sr. Joaquim Martins e em 21 o jovem Vicente Luz.

“O Ateniense” enlutado

No dia 3 deste, cobriu-se de crepe o lar do Sr. Major Tiago Torres, pelo inesperado falecimento de sua desditosa espôza D. Amelia Fortuna Torres, senhora de nimias virtudes.

A extinta que contava grande circulo de amizade era mãi da nossa distinta consocia Ana Amelia Torres e do nosso amigo farmaceutico João Torres, irmã do nosso socio benemerito Alfredo Fortuna, do Sr. Alberto Fortuna, Exms. Sras. DD. Antonia Fortuna e Jozéflina Fortuna Bitencourt e tia dos nossos companheiros Ester, Hilton, Djalma, Jozé, Mariêta, e Esveraldina Fortuna.

A' familia enlutada, apresentamos sinceros pezames.

Luiz Jozé de Melo

Faleceu em 15 de maio passado, na avançada idade de 87 anos o decano dos jornalistas maranhense, Diretor proprietario do semanario «Jornal de Caxias».

Conhecemos de perto o bom velhinho, muito pilherico e um tanto metodico.

Todas as manhas após o seu passeio habitual lá estava lendo os órgãos de todas as parís, e de onde colhia as curiosas «diversas noticias» e outras transcrições interessantes para o seu jornal.

O seu desaparecimento grandemente sentido pelos que o conheciam, abriu sensivel lacuna na sociedade caxiense.

O nosso preito de homenagem, apesar de tardia, ao veterano confrade e pezames á sua familia illustre e amigos

O Ateniense

BIBLIOTHECA PUBLICA Organ da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

ESTADO DO PARANÁ

Maranhão, 18 de agosto de 1917

Num. 73

Primeiro Lustro

Mais um ano de existencia marca hoje a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco».

Este fato é motivo de muito prazer e orgullo para nós que aqui, sob a figura lembrada e querida do grande morto, trabalhamos com todas as nossas minguadas energias em prol do levantamento das tradições de nossa raça e glorificação das letras.

Viver um jornalzinho durante cinco annos fatigantes e prometer conserva-lo em nossa terra tão cheia de dezanimo, é uma empreitada difficil que só podem fazer aquelles que vivem, como nós viveimos, empolgados pelo luma grandiozo de uma victoria, tendo apenas por diviza —traballar para vencer.

Palissy queimou todos os seus bens materiaes, tudo o que possuia de combustivel para obter um pouco do esmalte que o encantava; nós dispomos de todas as energias do que valemos; empreendemos o impossivel nessa campanha contra o entorpecimento vital a que se atrain as nossas coizas.

A gloria lucida dos nossos veneraveis antepassados nos tem servido de muito e hoje olhamos ufanos o nosso passado que, si é pequeno a outras vistas, para nós é, incalculavelmente, grandiozo.

Neste dia de jubilo a nossa alma se revigora do exaustivo labutar, rejuvenece-se satisfeita e na manifestação orgulhosa do nosso contentamento rendemos o culto humilde ao guia que patrocina a nossa orientação, aquêle que a Patria adora e delê se orgulha, ao saudoso chanceler que foi o maior dos brasileiros.

O Barão do Rio Branco é o traço luminoso que nos mostra o caminho a seguir. Sob a sua angusta figura sentimo-nos mais fortes, mais unidos e não hezitamos em avançar.

Ele é a bandeira do nosso pensamento.

Amanhã, quando maior for a nossa obra, quando



a sociedade a que nos dedicamos espalhar com mais vida os seus raios bemfazejos, nós os obreiros de hoje, ficaremos ainda mais ligados á soberania immaculada do saudôzo Mestre.

E já que invocamos o nome idolatrado do simbolo da fraternidade, fazemos um apelo á mocidade em geral afim de que se filie na obra de engrandecimento do Maranhão. Somos poucos e si todos quizessem se ligar num unico elo de trabalho, a nossa ação seria mais decidida.

As esperanças da nossa terra estão depositadas em nós mesmos. Ela espera do nosso braço, confia em nossa energia.

É de nós que depende o seu despertar.

Si não batalharmos em comum para reagir contra o embrutecimento que tolhe tudo entre nós, que será do Maranhão?

Não, não é possivel ser assim. Não podemos continuar nesta dubia situação.

Ou somos fortes e temos ideais ou então que a grilheta do indiferentismo tome

para sempre o nosso pulso.

Corajem!

Lutando como devemos, haveremos de vencer. O que é preciso, porém, é que lutemos com intrepidez e que sejamos unidos.

«O Ateniense» é o será o farol das idéas novas, enquanto ainda existir um só do nosso núcleo.

Sonhamos com a victoria e ela não está lonje. Já nos sorri bem perto.

Congratulêmo-nos, pois, com os verdadeiros e bons amigos da mocidade, que levantam com bizzaria o balsão rubro da revolta contra o abastardamento das nossas letras, e, rendamos uma homenagem tão sincera quão saudôza á memoria impolúta do preclaro filho, que muito poupou o sangue forte de seus irmãos e muito alevantou os credits do paiz querido:—Jozé Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco!

Dezoito de agosto



temos a obrigação moral de apoia-los. Portanto eis-nos ao lado dos empreendedores confrades, com a solicitude com que sempre acudimos aos chamados dignos e elevados. Unamo-nos, em um gesto, e immortalizemos o mestre querido com o levantamento do seu bronze na praça onde terminou os seus dias.

Quando voltamos os olhos, perscrutando o que havemos feito nestes cinco anos de tarefas arduas e espinhosas, já enxergamos alguma coisa que dignifica e eleva uma classe. Nas colunas deste jornalzinho, que é o nosso motor principal, já se fizeram sobressair do circuito humilde e sinjelo em que se envolviam, diversas intelctualidades, e podemos contar muitas ainda em começo que poderão luzir mais tarde, com o afinco que as caraterizam.

Tem sido a nossa diviza a força de vontade, o nosso fanal o estudo.

Eis toda a nossa vida: estudo e trabalho, iniciativa e modestia.

Sob a memoria augusta do maior dos brasileiros de todos os tempos, o Barão do Rio Branco, estão os deznios da nossa cruzada, e por mais que a elevemos não conseguiremos honrar como deveramos tão sagrado nome do brasileiro que soube, mais do que ninguem, elevar e distinguir a nossa Patria, pelo Direito, pela Paz e pelo Talento.

A par d'esse exemplo bendito, que nos sabe dar Silva Paranhos, temos, para nosso timoneiro, nesta jornada, dignificante, o Maranhão passado, sintetizado na trilogia veneranda e extraordinaria que se ficou nas dobras do preterito—Gonçalves Dias, João Lisboa e Odorico Mendes.

Hoje, que a atenas brasileira revive das suas proprias ruinas, temos para nos oferecer a mão, quando fraquejarmos, essa pleiade de intelectuais, que beberam luzes em Antonio Lobo, e que hoje formam a seleção mental da «Academia Maranhense».

O Maranhão é o mesmo de outrora, a prioridade intelectual nunca deixou de pertencer aos seus filhos, ai temos a prova mais flagrante.

E o voto que formulo hoje, de lonje embora, é que os meus confrades de «O Ateniense» saibam trabalhar com dendo, tendo sempre em lembrança o exemplo do Mestre querido, para que possamos, no futuro, ser uteis a nós mesmos e servirmos de faról ás gerações vindouras.

Fortaleza.

Djalma Fortuna.

Uma palavra

Pedis para o numero d'«O Ateniense» que deve comemorar o 1º lustro da fundação da nossa Sociedade, uma palavra minha.

Aceitando vosso honroso convite para socio honorario, puz ao vosso dispôr minha boa vontade; já agora, sem felonias, não posso furtrar-me ao vosso apelo.

Mas que dizer?

A memoria cansada não sabe mais achar nas velhas gavetas onde outrora guardou algumas joias de valôr, perolas finas pescadas no séio revolto do oceano da literatura; nem as flôres mimosas e

olentes das boas letras, colhidas na estação primaveril; mas, hoje murchas e secas, no outono da vida. O turbilhão das coisas positivas, o continuo manuzear de devêres graves, as exigencias por vezes tão prozaicas e chatas da existencia, gastaram o entusiasmo que inspira, roubaram as tintas, a imaginação que pinta, e deixaram a inteligencia como arvore desfolhada na rijidez de seus galhos retorcidos a bracejar para o céu...

E fico lá com a pena em riste, sem saber o que escrever!...

Li ha poucos dias algumas estrofes de um meu colega no Episcopado, que traziam a sugestiva epigrafe: *A' Mocidade*.

Esses versos ficaram-me no espirito a sacudir os guizos harmoniosos de sua metrica impecavel, e a deslustrarem-me a mente com o rutilo brilho de seus fulgôres perigrinos. Veem de molde para esta circumstancia e dizem o que sinto, mas como eu nunca o saberia dizer tão bem. Releem-me se lhes tomo emprestados para «O Ateniense».

Moços! que sois as peregrinas flôres
Deste dezerto laerimozo e rudo,
Donde banis os tetricos horrores,
Pondo um sorriso cor de roza em tudo
Vós, que entreabris os olhos cismadôres
Como duas corolas de veludo,
Interrogando a vida desde a bôrda
Do bérco azul onde vossa alma acôrda!

Moços! cujo olhar sereno e puro
Como um nimbo de cristal ardente,
Por entre o caos do seculo procuro
A luz dessa Esperança que não mente,
Vós, que sois o sorriso do Futuro
A sintilar nas sombras do Presente
Como uma estrela d'alva debruçada
Sobre a fronte gentil da Patria amada.

Argonâutas do Ideal, soltai as vélas
Ao doirado baixel das esperanças!
Que brilhem para vós milhóis de estrêlas
E cantem sobre o mar as brizas mansas!
Vogai ao som das harmonias belas
Desse Orfeu misteriozo das bonanças
Levando alma o pensamento lito
No eterno velocinio do Infinito!...

Sim. Soltas as velas ao baixel doirado das esperanças, caminhe sempre para o alto, impavida e altiva a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» em busca desse sonho do Ideal que lhe vem nor-teando a rota desde cinco anos!

São os votos do obscuro socio honorario.

22-7-17.

† Francisco. Bispo do Maranhão

O lapidario

Ide a Holanda. Notareis em Amsterdam a maior limpeza nas ruas, mal se desprende uma folha de uma arvore, e logo instintivamente apanhada. Nos frontespicios das casas vereis a sinjelesa em harmonia, com tudo; dentro só encontrareis moveis, utencilios indispensaveis, todos os moradores occupados no seu trabalho. Não vos estenderão as mãos mendigos, porque ha a perfeita intuição dos dias máus, da necessidade da economia. As instituições inspiram confiança, são serias, o peculio do trabalhador não é arrebatado pelo auflaz aventureiro.

Vêde o mister de grande numero de seus habitantes; bem o sabeis—é a lapidação do diamante.

O mineiro colhe a pedra tosca; examinada pelos banqueiros ou millionarios, reconhecido o seu valor real, faz-se a compra e, é essa riqueza confiada a um simples operario, a um homem pobre.

Este, paciente, laboriosamente, a transforma, fazendo aquelas facetas, aqueles polygonos, polindo a sua superficie e dahi aquelle brilho, aquellas facinações de cores e combinações de realce. Tanto trabalho para chegar a este fim!

Mas esse trabalho trouxe a abundancia aos operarios, augmentou a fortuna do rico e creou o bello—sim o bello, transformou-se o que era feio e informe nessa pedra cheia de brilho e valor.

Assim é a criança. Suponho ter lido ha bastantes anos, em Rousseau, no seu Emilio, que a educação do infante começa no berço.

Erram pois os paes que o deixam crescer cheio de vontades e defeitos!

Deformae o organismo, deixae a arvore crescer torta e endireitae-a depois!

E' preciso torcer as más vocações, cortar a tempo os defeitos, é preciso lembrar que se forma um homem para a sociedade, para o trabalho e para a felicidade.

Entregae, mães, á patria homens que a elévem, que a saibam amar e vivão para a virtude, sejam quaes forem os sacrificios.

Mais tarde o professor receberá a criança e como outro lapidario, ele começa pacientemente a dar-lhe a instrução de que vae precisar na vida pratica.

Insinua naquele pequeno cerebro noções de couzas, ensina-lhe a leitura, as linguas, as sciencias, a musica, as bellas artes, a escultura.

Se comparades agora este homem com aquele que era ao nacer, vereis dois seres bem diferentes, muito afastados um do outro.

E se essa creatura, assim burillada, empregar o esforço da sua intelligencia culta em beneficio seu, da sua familia e da collectividade, será uma força e não um zero social, só, sem valor relativo.

Tudo assim é na vida, tudo depende do esforço humano. Creio ter Carlos Magno aprendido a ler aos 40 annos, e elle foi um grande imperador.

O arado prepara a terra e ella produz. Vendo campos floridos, pomares riquissimos, terrenos cobertos das mais variadas producções, desconhecereis aquelles lugares estereis que ali jasiã.

Oh! lancae mão da alavanca, do martello, da serra, da pena, do pincel, do buril; lancae mão do vosso instrumento, daquelle que sentis poder manejar, não vos desloqueis do lugar que a vossa aptidão vos marca; sereis fortes, trareis a vossa pedra para o grande edificio social.

E vós, moços cheios de esperanças, que labutaes na imprensa, tende a sacratis-sima missão de fazer o pão espiritual; como um farol espalhaes raios de luz; com amor levae aos pobres e humildes a boa leitura, que lhes santifique e purifique a alma.

Sêde sobretudo altivos, doutrinae sempre o bem, defendei os perseguidos injustamente, evitae a facinação da grandeza das cortes; não tenhaes amor ao que deslumbra, mas só á virtude, amae sempre a alvura do vosso carater e da vossa consciencia.

José Augusto Corrêa

Joaquim Luz



Hoje que o nosso orgam conta vitoriôzo mais um ano de existencia, fazendo a devida justiça aos que muito têm trabalhado, «O Ateniense», rende com imonsa alegria um culto grandiloquo e significativo ao estimulo, na pessoa do nosso simpatico prezidente Joaquim Luz.

Quem lêr a nossa historia através de 5 annos arduos de sacrificios depara, a cada passo, entre o nucleo forte que sustenta nosso ideal, com o nome de Joaquim Luz, esteio poderôzo colocado na arquitetura invejavel da nossa organização.

Muito moço ainda, no rebento viçozo dos seus 23 annos, no impulso espontaneo de suas aspirações elevadas, todas as suas enerjias se concentram nesta tenda litteraria que, bem se pode dizer, lhe deve a vitalidade.

Decidido e sonhador, intelijente e esportivo, ele não olha os obstaculos do caminho e marcha á frente, seguro de vencer.

Embora vivendo no meio comercial que, infelizmente, em nossa terra é acanhadissimo, e pegado as leis da burguezia, Joaquim Luz, nas horas que lhe sobram do estafante convívio dos «balanços», se entrega, infatigavel, ao serviço das letras e do intellecto.

Aqui na «Rio Branco», tem occupado os mais elevados cargos de direção e em todos se tem revelado á altura do seu merito.

Naceu em Caxias e honra dignamente o renome dos seus irmãos de berço.

Estudiôzo, da escola vibrante dos Azevedos, armazena seus conhecimentos para suplantar o bolôr do ambiente da classe a que pertence na vida laboriôza. E' bem conhecida a historia daqueles que vencem pela vontade e sendo o nosso companheiro e prezidente um digno membro desse nucleo, aqui lhe tributamos a nossa humilde homenagem como galardão eloquente ao seu valôr.

A «Rio Branco» se orgulha em vê-lo sempre a sua frente e «O Ateniense» espera que continue como o obreiro mais valorôzo desta colmeia intellectual, batalhador invencivel, sustentando com o seu braço forte a organização litteraria da gente contemporanea.

«Labor omnia vincit.»

Cariócas

Tenho a alma inundada e fremente de entusiasmo. Meu coração vibra mais forte e o sangue parece afluír doidamente nas minhas veias...

E' que meus olhos acabam de assistir o mais bello espetaculo da comunhão fraterna entre nações!

Jamais me esquecerei desse dia formôzo que se gravou poeticamente na minha memoria.

O ruflar cadente dos tambôres, o gorjeio metalico dos clarins ainda os oiço através da meu pensamento! Aquella bizarraria de tropas e aquelle entusiasmo de apoteoze serão sempre lembrados todas as vezes em que ouvir o acorde guerreiro dos quartéis.

Ali na Avenida, no coração da Patria, entre milhares de espectadores febris, a França, fez mostrar a sua candura cor-deal, a America a sua majestade, a Inglaterra o seu valôr, o Brazil, —ô sim, o Brazil! —ô quanto é grande e o quanto espéra de seus filhos...

Cada soldados que desfilava o meu coração marcava uma pulsação!

Quatro nações amigas de braços dados mostraram que são fortes quando fala o direito e exige o amor pela humanidade!

Os Francezes tinham na frente vizivelmente estampada a comoção forte que lhe cauzava o cor-deal «viva!» das nossas encantadoiras patricias; os Americanos recebiam as flôres viçozas que lhe attiravam como preito de admiração; os Inglezes agradeciam num sorrizo a simpatia geral que não se podia esconder e os nossos, os da Santa Cruz, rejubilavam-se desfilando garbôzos no sólo do nosso paiz!

Formozo espetaculo!

Amanhã, talvez, esses mesmos homens que nos cauzaram entusiasmo na grande parada, estarão juntos no bivague, cobertos de pó, estonteados de fumaça, e recordarão com saudades esse lindo dia de julho, de tanta fraternidade!

Aos outros camaradas que batalham pelo Direito da humanidade eles contarão o esplendor entuziastico com que as quatro bandeiras se confundiram no sólo brasileiro.

E viva a vitoria!

Rio

Hilpafor.

18 Goût 1913...18 Goût 1917

«O Ateniense» n. 73

Du numéro 27 de l'«O Canhôto», au numéro 73, de l'«Ateniense» l'allure littéraire a bien changé. Une des causes du succès de l'«O Ateniense» est incontestablement le souci qu'il a toujours eu de suivre son auditoire et de perfectionner sa note d'année en année. Les premiers lecteurs de l'«O Ateniense» sont aujourd'hui de vrais collaborateurs.

Les quatre années dont nous célébrons le souvenir représentent le temps de semailles et le printemps littéraire de la Société «Barão do Rio Branco». L'été s'annonce; la récolte sera belle: gerbes de plumes alertes, faisceaux de talents divers, s'apprêtent pour chanter sur tous

les modes le cantique de la jeunesse maranhense: En avant!

Les fondateurs de la Société Littéraire «Barão do Rio Branco» ont su choisir leurs patrons, depuis Gonçalves Dias jusqu'à Vespasiano Ramos parmi les morts et Coelho Neto, Olavo Bilac, D. Luiz d'Orléans, Domingos Machado, José Augusto Corrêa le vénéré Don Francisco, évêque du Maranhão et tant d'autres personnalités qui constituent le cadre honorifique de la «Rio Branco».

Nous ne devons donc nous étonner du progrès de la société puisque l'exemple vient de haut. Les sociétaires ont surtout besoin de force de volonté et d'énergie pour suivre avec succès le chemin où le «saudoso» et inoubliable Maître Antonio Lobo les a conduits pour la plupart.

Le désir et la valeur ne leur manquent pas.

Je me souviens de la fête Gonçalvine du 3 de Novembre 1914 où le cher président d'alors Hilton Fortuna récitait—avec quelle âme!—la poésie dont il était l'auteur:

.....
Somos filhos da terra que cantaste

.....
Ao teu canto, poeta, nós vivemos
Embebidos no belo e sempre temos
Um hino de respeito!

.....
...Nós, os moços, que juntos batalhamos
Pelas letras amadas e que amamos
Com tão grande ventura,
Contemplando o teu vulto a rebrilhar,
Não podemos deixar de nos curvar
Numa homenagem pura.

Je pourrais citer la poésie entière; mais les Maranhenses la connaissent.

Je me rapelle aussi, à cette même fête, le beau discours de João Vitor Ribeiro, délicieuse page de littérature digne de l'«Atenas Brasileira». Parlant au nom de la «Rio Branco», il disait de cette société:

«Em todo o seu percurso encontrou sempre a aceitação geral, aplausos e poderosos incentivos do publico ilustrado e com isso continuou fervorosa e incansável em superar obstaculos, redobrando fadigas e sacrificios para enobrecer sua cruzada com recordações honrosas para a historia literaria e artistica da nossa S. Luiz.»

Dernièrement encore, nous avons eu le plaisir d'apprécier la plume érudite du président actuel, surtout dans l'article de reconnaissance sincère dédié au Maître Antonio Lobo. Et il n'y a pas de doute que la nouvelle présidence de Joaquim Luz au destin de la «Rio Branco» marque en caractères indélébiles l'existence de la société dans les annales littéraires du Maranhão.

Je n'oublie aucun des autres collaborateurs qui viennent illustrer les colonnes de l'«Ateniense» et font de la société une association d'élite. Mais pour en dire ne fût-ce que quelques mots il faudrait tripler ou quintupler l'«O Ateniense».

J'ai seulement voulu laisser ici la meilleure expression de l'intérêt sincère que je porte à la «Rio Branco».

France-Brésil

Paraná, agosto de 1917.

Vizões

A lua majestosa e louçã, banhava o balcão do infinito de uma luz muito clara e adamantina. Instintivamente, na necessidade automatica de um repouso para o meu espirito excitado, procurei a poetica praça Gonçalves Dias.

Ali o espetáculo era majestoso. As vagas roçavam mansamente a beira da praia; ao largo da baía barcos deslizavam docemente com as velas desfraldadas ao vento suave e as suas luzes esparsas pareciam um bando de bulgozinhos pirilampus num continuo piscar. A lua derramando a sua luz de prata tornava mais luzentes as alvas espumas que borbulhavam, se desfazendo no lençol da fina areia; a aragem deliciosa espalhava-se brandamente e as folhas das arvores, num sussurro, como um bando de pombas a mariscar, combinava com o haloçar farfalhante das palmeiras que, como grandes cirios, ladeavam o marmoreo do imortal cantor dos Timbiras.

Ainda assim, rodeado de tanta poesia, sob a ação da natureza, recebendo o oxigenio saudavel do mar e iluminado pelo astro sublime inspirador dos poetas e consolador dos infelizes, o meu intelecto permanecia vazio, hermeticamente vedado a qualquer idéa, estupidamente embrutecido, ameacadoramente prestes a se aniquilar completamente.

Um turbilhão de idéas lúgubres me povoava o cérebro e numa dansa macabra perturbavam-se-me todos os sentidos.

Uma saudade imensa me invadia a alma doentia: toda a minha vida passada, toda minha revolta presente contra as baixezas perpetradas nas coisas da vida, todas as idéas futuras, como numa tela cinematografica, desfilaram diante dos meus olhos:—os campos verdejantes do meu sertão, lá onde no verdor dos anos eu fruí, indiferente, os primores infindos da natureza; o recolher do gado à malhada, quando os ultimos raios solares se encobriam no baixão do cocal; os rústicos sertanejos recolhendo-se às suas palhoças, contentes e felizes, a abraçarem os filhos inocentes e gorditos; as moçoilas voltando do banho matinal, frescas e joviais, cabelos esparsos ao vento, espaduas nuas, seios relezados, arfantes na plenitude maxima da inocencia, alheias da volupia que estonteia e acende lavas nos corações, ou regressando do roçado onde colhiam o milho verde e o inhame para a ceia succulenta com o mel da tiúba; o vozorio alacere da grande família sertaneja nas noitadas da farinha; o dezafo à viola; o capoeira na sua agilidade de tigre; o vaqueiro empunhando, com gaudio, a vara de ferrão e o laço para domar o toiro arisco; as cantigas, as modinhas, e o samba na latada do terreiro; o canto estridente da inhúma e da araponga; a juriti, a nambú e o sabiá,—tudo, numa diversidade imensa, formando a grande orquestra da simplicidade, que faz palpitar a alma do sertanejo, desconhecedor dos artificios.

A casa onde eu nasci, a beira da estrada, a lembrança de meus pais, de meus irmãos, o cemiterio onde dormem, sob os braços de uma cruz solitaria, os despojos de meus avós,—ai! quanta saudade me despertam todas estas passagens da minha vida de outrora, quanta saudade!

Pobre desterrado me encontrava ali naquêlo recanto da praça, tão só, tão falto de um coração anigo, de uma alma que me compreendesse, cercado de uma natureza magnifica sim, mas tão diversa daquela onde vivi, onde passei os meus felizes e despreocupados dias de infancia.

No aniquilamento exaustivo das ultimas energias, as minhas lagrimas, que outrora tinham como poizo o regaço de minha mãe, ou como linitivo os sorrisos de minha irmã, derramaram-se muito tremulas e muito brilhantes sobre a lajem fria!...

Um alivio imenso se operou em todo o meu ser ao mesmo tempo que feria os meus ouvidos um hino grandiloquo:

«Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida;
Viver é lutar...»

E'ra o poeta que do seu alto trono marmoreo me aconselhava corajem para a luta.

Contou-me, então, a sua vida de desterrado, a saudade da patria dos palmares, quando, distante, nas marjens serenas do Mondego, a sua alma cheia de poesia e dôr esvoaçava para alem do oceano descortinando, em sonhos, o verdor dos nossos campos, o azul do nosso céu, o gorjear de nossas aves, todo o esplendida natureza incomparavel dos sertões do seu Brazil muito amado.

Pai, mãe, irmãos, amigos para ouvirem as confidencias do seu coração amargurado, tudo, tudo lhe faltava. O seu amor, o seu grande amor, todo o poema da sua vida, era indiferente àquêle povo que o recebera como hospede, mas não podia compreender a saudade que o cruciava.

E' bem diferente, é muito diferente a saudade que sentimos de tudo quanto é nosso, quando a Patria está lonje bem lonje, quando nos encontramos em outros continentes, separados pela imensidade dos oceanos.

—A minha desdita foi muito penosa e longa, jovem patricio meu. Quando divizei as primeiras tintas doiro da alvorada da minha terra, quando o meu peito era estreito para conter a alegria que me convulsionava, que me fazia arder em febre, o mar que agora admiro, abriu as suas entranhas, sorvendo-me impiedosamente. Debatí-me contra infortunios; venci grandes impecilhos para regressar à patria, o mais ardente sonho da minha vida, mas o destino fero impediu que pizasse ainda uma vez no seu solo!

Agora, nas horas caladas da noite, o meu espirito chega até ao marmore que me perpetua a memoria e daqui, impedido de decer mais, contemplo o meu tumulto, choro a minha desgraça e consolo os que de mim se aceream.—Onde estão os grandes espiritos de hoje que te não saciam a alma sequioza de saber?

—Como tú, poeta augusto, foram-se os amigos da mocidade, os que conheciam as nossas aspiraçoês e nos ajudavam a erguer os primeiros vãos para o grande ideal.

Antonio Lobo, o grande mestre que nos ensinou a te amar, a teus pares, a patria brasileira e ao torrão maranhense, o ultimo rebento de uma geração sadia, deixou-nos na orfandade, vitimado pela

fatalidade e pela ingratidão que lhe enegreceu os últimos dias.

—Onde batermos agora?

Todos cerram-nos as suas portas; a mocidade se debate num tremendo regresso moral intelectual, sem haver quem a detenha; o estímulo já não lhe é ministrado; quem nol-o podia dar vive indiferente à nossa existência, não compreende as aspirações; dos que entram no mundo das lutas, não atende aos nossos rógos, não se compadece dos nossos queixumes, não tropida em nos deixar resvalar para o ignoto...

Somos olhados com indiferentismo pelos nossos intelectuais; os nossos trabalhos são desclassificados torpemente e os nossos ideais fraquejam diante de ingratiões tamanhas.

Os condôres que esvoaçam pelas alturas, que vivem nos grandes centros, afastados da vida provinciana, são indiferentes à nossa existência e quando imprudentemente nos queremos fazer lembrados e pedimos uma palavra sua, um gesto que nos encoraje, temos como resposta o silencio que nos espezinha a alma e rouba o ultimo alento...

Como um dobre de finados batiam, numa terre lonjinha, as 12 planjentes badaladas da meia noite e a lua empaldecendo escondeu-se atraz de uma densa nuvem, deixando a praça mergulhada em amortalhado silencio.

Justino Léssa

Coordenando

Despertou-me um certo interesse a admiravel eloquencia de um rapazito de seis anos com quem os meus habitos matutinos me familiarizaram de tempos para cá.

Todas as manhãs quando a cidade ainda vem despertando para o bulicio vital de todos os dias, eil-o que passa invariavelmente, na contrição do cumprimento de um dever, sobraçando uma pequena bolsa escolar, ao lado da irmanzinha, mais nova do que ele.

Esse pequeno fardo, seu companheiro inseparavel, contem um livro, um caderno e um lapis, que constituem o precioso tezoiro daquelas duas creaturinhas jovias e boas.

Quantos desvelos têm eles em conduzir aquela carga sublime, o depozitario bendito de todo o seu futuro!

A sua doce fisionomia de crianças deixa traduzir fielmente a candura de suas almas immaculadas, revestidas dessa virgindade sã que nos assiste os verdes anos—a innocencia.

Admiro essas eriancinhas, e o seu esforço espontaneo, em busea do saber, essa luz maravilhosa que desfaz o negror do analfabetismo, o terrivel haratro que ainda hoje absorve grande parte de nossos irmãos.

Entretanto, ninguem seria capaz de supor que os meus interessantes amiguinhos, tão felizes na sua quotidiana tarefa, de pequenos heróis, estão ai, coitaditos, sob as privações de uma cruel orfandade.

O pai, um pobre industrial, unico arrimo daqueles anjinhos, fôra vitimado por uma cruel enfermidade que em breves dias o abatera para sempre, deixando o seu modesto lar a mercê do infortunio.

A pobre mãe, para encobrir as necessidades se fizera tecelã e aquelas innocentes crianças, sem outra mão caridoza que lhes pudesse prodigalizar as caricias que a sua infancia exige, foram confiadas a cuidados estranhos.

Fiz camaradagem com elas e todas as manhãs temos o nosso dedinho de proza sob a minha janela e nunca é sem piedade que eu admiro a resignação desses orfãos em cuja fisionomia ha sempre mostras de uma alegria expontanea e sem macla.

E' comovente de ver como eles se unem tanto e o zelo inefavel com que eles cuidam daquele relicario de sabedoria, o tezoiro comum que os parcos recurosos de sua mãe não permitiram dobrar para sua melhor aprendizagem.

Ha, todavia milhares de crianças, moços mesmo, que vivem na abastança, no melhor conforto possivel, sem que ao menos tenham a inclinação expontanea de saber, de sêr gente.

E aquele pobrezinho cazal que tão cedo se viu privado dos recursos paternos ai está como um grandiozo modelo, a braços com a sua orfandade, labutando para a vida.

Como são dignos de louvor esses dois irmãozinhos.

Irbério.

Carta aberta

Ao Jorira

Antes de mais nada, meu caro confrade, não penses que eu sou antimilitarista e que vou combater a classe angusta de Ozorio e Floriano, classe tão distinta onde fulgurou, com brilho tão intenso, a espada maseula de Bonaparte.

O militar culto é quasi uma divindade que devemos acatar, como uma parcéla da garantia da nossa dignidade perante o mundo civilizado; o militar de curso é um pedaço da alma nacional que passa entre nós, merecendo a continencia respeitosa não só dos seus pares como tambem de todos nós que sabemos compreender a grandeza do seu valor.

O que me preocupa, caro confrade, é como os dias atuais fazem a farda compativel como o analfabetismo, constituindo isso um ato de menosprezo ao nosso pavilhão auri-verde. O Brazil é, numa proporção assustadôra, formado de filhos que não receberam a luz espiritual que nos ensina a beber, nas paginas fluentes dos livros, a educação, o preparo, a instrução e a formação do nosso carater. Não se compreende um analfabeto que possa ter integridade ou um carater escoreito. Afirma alguém que o carater é um sentimento nacente da alma de cada entidade e a construção psiquica molda esse sentimento e solidifica um carater sem jaça para o homem, embora obscurecido pelas trevas nocivas, da falta de instrução. Eu não sou doutrinator (ainda sinto tão longe a idade aprazada) mas não vacilo sem discordar com semelhante opinião que vac de encontro aos mais ru-

dimentares principios da construção moral de cada povo. Um analfabeto não pode ter carater formado, é um homem sem vontade, afeito e pronto para interprete das mais hediondas cenas de bantismo, que a cada dia se sucedem.

Corre as tuas sagazes vistas para a historia dos crimes passados e presentes, e depois dize se os seus autores não são individuos obscuros de saber, e que não receberam a divina luz da instrução, donde emana, brilhante e benefica, a luz da formação moral de cada homem.

Daí, meu caro confrade, a justificativa bázica da minha asserção de fazerem a farda compativel com o analfabetismo.

O soldado ignorante é um elemento nocivo à segurança da integridade e da honra nacionais.

A primordial qualidade de um bom soldado é o patriotismo, e o analfabeto não o pode ter, absolutamente.

Amôr à Patria não se ensina como se ministram as evoluções ao som do tambôr e ao mando da cornéta. E' um sentimento filho do carater o só um povo iluminado pode concebe-lo puro.

Dar educação física a um homem sem educação moral é domesticar uma fera, pronta para tudo-fazer e à ordem de quem mais dér...

Cerrem-se as portas dos quarteis aos analfabetos; deem-lhes antes de tudo alguma luz de instrução e veremos a Patria honrada, garantida e vitorioza.

Tú, meu dilêto companheiro de jornada, que honras uma das nossas linhas de tiro, emprestando as tuas qualidades de carater puro para a formação da garantia nacional, dize-me, com a completa izenção de animo que caracteriza os bôlos espirito dos moços como tú, se o assunto desta carta pode encontrar guarida nos espiritos progressistas como o teu.

Abraça-te o confrade

Dante Faria

Fortaleza.

Palavras de estímulo

A intelectualidade maranhense é um fenomeno para nós mesmos curiozo, por assentar unicamente na tradição e em certas condições historicas aparentemente insignificantes; nem mesmo temos a respeito uma formula explicativa, segura. Valendo-se da opinião de Corte sobre a relativa autonomia do mundo ideológico em relação ao sociológico, deu-nos Antonio Lobo um principio de explicação; e só.

Embora! é um fato e mais nos importam as suas consequencias.

A fé com que servimos a cauza sagrada, a predileção, o pendor irrezistivel que arrasta sempre um pujilo de moços para as lides do estudo e da fantasia, é dezinteressada e quasi injenca. Muitos lhe tem, mais ou menos, sacrificados interesses e até deveres. A vocação, porém, os ompolga; as voações tem quasi sempre um carater passional, é conhecida a atração lendária dos seres malignos e fabulosos...

Nessa nobre lide, porém, os jovens atenienses são sujeitos a tropeços que

Continúa na pag. 8

Inspirações Femininas

Realidade

A' amiguinha Janóca Muniz

Em Belem, ao nascimento de Jezus, surgiu na aboboda celéste uma nova estrela, cujo brilho feria a retina dos habitantes, estrela essa que veio anunciar a vinda do Messias e encaminhar os viajantes ao logar onde reclitava o onipotente. Assim, ha de chegar o tempo em que nós também haveremos de ser, por uma força estranha, levados ao caminho da verdade, que é o Real.

Embrenhamo-nos em uma floresta e, distraidamente caminhando, chegamos ao meio da mesma. Paramos; é que, neste ponto, ha uma encruzilhada.

Olhamos para todos os caminhos, sem nos decidir a tomarmos um qualquer. Então, uma força maior vem tirar-nos desta abstração e entromete-nos por um dos caminhos.

Fazemos tentativas para retroceder mas somos impelidos.

Emfim, chegaremos ao fim da estrada e, de um modo admirativo, fixamos a vista, em tudo que nos cerca.

Então, absortos, interrogaremos: que significa tudo isto?

Alguem nos responderá não compreendéis e tendes razão, pois a vida é um misterio! Ouve pois: aquela estrada, que penetraste é a vida; os caminhos, que se cruzam representam o crime, a injustiça, a infamia, a inveja, a vingança, a intriga, a hipocrisia, a perdição e assim por diante, enfim todos estes caminhos reunidos representam «a vida iluzoria» e esta estrada que seguiste, como que levado, por certa mão bendita representa «a vida realista».

Ai o ar que se respira não é aquele contaminado pelo mal, que respiramos ha pouco. Não; o ar, que ora respiramos é o ar puro, é a realidade.

—Qual será esse dia?

—A! esse dia será aquele, em que baixarmos á terra e então iremos descansar dos esperar unicamente o Juizo Final.

M. F.

Diario de Cyra...

Perpassando por acaso os olhos nos papeis espalhados sobre a secretária de Cyra, deparei com uma pajina solta do seu diario.

Epigrafando-a, lia-se em caracteres góticos, caprichosamente traçados, os dizeres: «Frazes a Ivan»...

Na minha curiosidade indomita de ciumento e egoista, devorei sofregamente as palavras vazadas do coração insubmisso de uma mulher á quem se ama, com a intenção de penetrar no misterio insondavel de um segredo que me martirizava.

Eis o que li:

—E' a hora em que os espiritos do mal vagueiam na terra e os fantasmas da nossa imaginação, tomando formas distintas nos aparecem nas dobras misteriozas das brumas veladas do assombro...

Era meia noite.

Tudo na aldeia tranquila e despovoada tinha uma transparencia de terrôres vagos e triste dezalento.

O silencio grandiozo, parecia harmonizar-se com a suavidade dôce da noite, clara e vaporosa como a alma das quiméras juvenis...

Como um concerto majistral de sublimidade indeserita, o murmurar do rio nas pedras que o marjeavam unia-se ao cantar lonjinho dos galos...

Como é saudozo ouvir ás altas horas da noite, quando nossas almas sombrias como as proprias sombras, engolfam-se em tetricos pensares; como é saudozo ouvir o cantar dos galos, evocando saudozas reminiscencias, de um passado que talvez não mais volte...

Foi precisamente nessa ocasião que, á luz branca e bemfazêja da lua, que desperta as mortas iluzôis, eu li pela ultima vez a tua carta; trago-a gravada na memoria, mas procurarei com ardôr apaga-la.

Deixa que se desvanêça da minha alma a impressão que ela me cauou como se desvanee pela influencia do tempo o perfume das flores...

Recorda-a comigo, se acazo um dia leres estas linhas e, apóz, esquece-a para sempre... e nunca mais teus labios se abram para explical-a a outrem; que o mundo inteiro ignore esse segredo; basta que que o saibam os nossos coraçôis.

Recordal-a-ei pela ultima vez, depois... nunca mais!... Eil-a:

«Tuço está acabado! Eu, a Deus jurei que te amaria sempre e hei de cumprir a minha promessa.

«Reconheço que nada valho e que és digna de ser muito e muito feliz, o que não te poderia eu fazer porque não tenho futuro.

«Sacrificar-me-ei para que a felicidade seja contigo... Deixar de querer a ti nunca!

«Apezar do que soffro, meu coração palpita por ti, enquanto num soluço teu formozo nome me sae dos labios em prece que ha de sempre subir aos céus.

.....«Tudo ruiu por terra, e, somente no meu peito habitará sempre esse amor sincêro que era o meu futuro, o meu sonho doirado, o formozo ideal de minha mocidade! O meu amor! uma orôza que o vento desfolhou e que sómente o perfume o fará lembrado!...

.....«Conserva esta carta; as palavras que «ai vão, partiram do intimo de minh'alma, onde tu estás bem gravada, no bronze indestrutivel de minha saudade «imorreidora...»

.....«Depois de lér essa missiva tão cheia de idéas desencontradas, como si seu autor ao elaboral-a fosse prêzo de uma excitação magoadá, dorida, fiquei-me a ruminar uma vingança...»

Depois, pauzadamente, silenciozamente, fil-a em pedaços e dispersei-os no

ar, para que a briza fresca e perfumada da tarde, levasse aquelas palavras para os espaços azues onde esvoaçam as esperanças vãs...

...Que nova pajina trará hoje o album de Cyra?

Naturalmente, em frazeado piégas e rendilhado, decantará a minha ingratição, porque, destruindo a pajina por ela dedicada a Ivan, destrui também a unica esperança que acalentava e essa era possuir, para mim somente, o coração, o pensamento e até as pajinas do diario de Cyra...

Agora, porém... já não a amo...

917.

Butterfly.

A Bandeira

Salve a nossa bandeira!

Tú que és a amiga inseparavel dos bons soldados, que és sempre cantada com ardôr no peito dos patriotas, que com tuas côres sedutoras dá corajem aos soldados para a guerra, ajuda-nos a batalhar contra os inimigos, afim de sairmos vitoriosos, e sermos condecorados com a valióza medalha do triunfo.

Devemos saudar a nossa bandeira por dois motivos: primeiro porque ela é o guia dos militares e o amor da mocidade brasileira; segundo porque suas belas côres simbolizam: o amarello, o desespero e a sofreguidão que temos de combater contra os nossos inimigos; o azul, o ciúme que temos da nossa amada bandeira, o verde a esperança, que temos de rever o nosso lar, a nossa familia querida, e finalmente, o branco, sintetiza a paz que com o auxilio da esperança nos ajudará a aniquilar a maldita guerra que devasta ha trez anos a civilização dos seculos!

Salve, pois, o pavilhão, gloriôzo da nossa patria!

Anid.

Sonhemos...

Vagando pelo palz dos sonhos diamantinos embeveceu-o uma doçura indefinivel e quazi ignota...

Mas era só e era triste...

Dominado por santo enlévo, como que embalado por vizôis que lhe falavam e sorriam divinamente, deixa que do povoado céu da sua imaginação febricitante, escape esta magua cuja voz o éco repercute intensamente:

—Coração, para onde ides?

Talvez animado por alma sonhadora, irmã da sua, torna o eco a repetir calorosamente:

—Em procura do vosso!

E ele serenamente replicou:

Sonhemos!...

Alba.

Inspirações Femininas.

Suplica...

Em uma bela noite de luar, Carlos apaixonadamente vagava pelas ruas desertas, sem ter uma pessoa amiga que amenizasse as suas mágoas.

Chegando exausto em uma praça, assentou-se para descansar e dar expansão ao seu sofrimento.

Embevecido em suas meditações, procurava quem pudesse levar uma mensagem à sua bem amada auzente há tanto tempo e para tão longe...

De repente, erguendo os olhos aos céus e deparando com as belas nuvens, dirigiu-lhes esta suplica:

—Nuvens errantes, para onde ides assim tão apressadas? Não vedes como estou carpindo amargamente as minhas dores? Para que sois tão insensíveis?

Se nessa vossa trajetória, virdes essa que amo e por quem sofro, dizei-lhe por piedade:

Ele vive mergulhado na dor e atravessa atualmente o labirinto negro da saudade...

Fany.

Maio

Desmaiam luzes... Feneceem flores...
Inflama, ó Virjem, nossos amôres.

Jamais consintas que, ao fim de Maio,
As nossas almas sofram desmaio.

Os cantos cessam... Esvai-se o incenso...
Dá-nos constante fervor imenso.

Jamais consintas que, ao fim de Maio
As nossas almas sofram desmaio.

Fecha-se o templo... Desertas praças...
Abre nossa alma, enche-a de graças.

Jamais consintas que, ao fim de Maio,
As nossas almas sofram desmaio.

Findou-se Maio... tão puro e santo!...
Guarda-nos, Virjem, sob teu manto!

Jamais consintas que, ao fim de Maio,
As nossas almas sofram desmaio.

(Dos *Corjeios*).
Ceará — Itapipoca, 917.

Eglantina

Continuação da paj. 5

vêm agravar a geral pequenez do meio, e a tolerante indiferença ou vaidade indulgente com que trata a S. Luiz os seus escritores, e que é um prolongamento da com que o burgez, sanluizense trata os móveis da sua sala...

Assim é bom que os já libertos da faze de iniciação, os que já cruzaram pela primeira vez as maréas da publicidade, assistam com indicações ou conselhos os que ainda se estão iniciando junto à plaga natal.

A outros mais do que a nós assentaria ta lministerio. pela autoridade que lhes reconhecemos; a nós assenta apenas por pertencermos à mais recente geração.

Por um lado, não vemos conveniência

em se prescrever esta ou aquela forma de atividade espiritual.

Isto não impede, porém, que se salientem aquelas cujo exercício mais eficiente se pode tornar, nas condições do meio. E estas são, por um lado, a poesia e, pelo outro, os estudos sociais.

A atividade científica experimental encontra estreito o campo e nenhuma corrente de tradição a estimula-la.

Os generos literarios em proza não estão mal representados pois não encontram publico, e o campo de observação é relativamente pobre.

A poesia, é uma das formas tradicionais da produtividade literaria maranhense e não vemos razão para que não se continue a estirpe espiritual dos nossos poetas.

E, porém, para os estudos sociais e em geral o «humanismo» que é preciso voltar a atenção dos jovens atenienses.

A cultura classica foi, a par da faculdade poetica, o dote mais louvado do grupo romantico maranhense.

A obra historica de um João Lisboa, é um exemplo salutarissimo; os mesmos poetas eram humanistas completos.

E' preciso, porém, não nos atarmos á tradição, vejetando rançozamente no latinoria e na gramática. O vasto campo da historia, da etnografia, do direito, da economia, da geografia humana e outras disciplinas está aberto a nossa atividade em condições de relativa facilidade, e estamos certos de que a sua exploração dará á intelectualidade maranhense uma vitalidade e eficiencia notaveis.

Raimundo Lopes.

Aluizio Azevêdo

A patria maranhense tem, de um modo pouco louvavel, descansado demaziadamente nesta questão dos despojos do saudôzo e masculo artista de *O Mulato*.

O nosso gloriôzo representante da Camara dos Deputados, o rutilo autôr de *A Conquista*, como coestadano de Aluizio Azevedo e maranhense que tem sabido honrar altamente a fama granjeada pelos feitos brilhantes dos seus irmãos de outrora, tratou, com vivo interesse, do assunto, quando a embaixada Rui foi nos representar nas festas do centenário da independencia da Arjentina, no ano passado.

A palavra de Coelho Neto movimentou de certo modo a trasladação dos ossos de Aluizio, mas houve tal descanso, quando regressou o «Barrôzo», que permanecem eles ainda na capital portenha, ameaçados á promiscuidade da vala comum.

Não ha muito o eazo foi novamente ventilado da tribuna da camara, pelo Deputado Dr. Luiz Domingues, que fez ver estarem os restos mortais do autôr de *O Homem*, ameaçados com as reformas do cemiterio ende estão, em Buenos-Aires.

Não sabemos a que atribuir tal indiferença dos podêres competentes, nesta ultima homenagem devida a um tão illustre filho do Brazil.

Quer nos parecer que ha um joguete em que a União não quer chamar a si a incumbencia, esperando que se movimentem a Academia Brasileira, de onde Alu-

zio era membro e esta, por sua vez atribuir a *Atenas* tal missão.

Seja como for é urgente e necessario uma decisão imediata. O Brazil teve em Aluizio um diplomata exemplar que occupou diversos cargos consulares no exterior; a Academia não poderá escorecer o quanto foi util, às letras patria, a vida do soberbo escritôr de *O Cortiço* e o Maranhão, agradecido, não pode deixar de ser solidario nestas idéas aquêles podêres.

E' portanto mistér que os nossos representantes se entendam, em nome do povo culto do Maranhão, e acordem com o Governo e a Academia a imediata solução do problema.

A' Gonçalves Dias temos pago, condignamente, o tributo devido, perpetuando-lhe a memoria no marmore que se eleva na mais encantadoira das nossas praças; Odorico Mendes, alem de uma praça sua, tem o seu busto em bronze e teve os despojos trasladados de Londres; de João Lisboa mandamos vir os restos mortais de Lisboa e, a ser inaugurada, temos a sua estatua; Benedito Leite igualmente recebeu a prova de agradecimentos pela sua obra e ali na praça de seu nome está a sua estatua altiva e no cemiterio os despojos mandados vir de Hyères na França. A Academia Maranhense vai erigir um busto a Artur Azevedo e, com o seu apoio, sob a iniciativa da União Estudantal «Silvio Romero», fraternizada com a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», «Revista Maranhense» e o povo culto da nossa terra, trata de perpetuar tambem, num busto bronzeo, a memoria de Antonio Lôbo.

Gonçalves Dias foi o maviozo cantor dos Timbiras, que elevou muito alto, como nenhum outro, a poesia brasileira; Odorico Mendes traduziu Virjilio, e legou uma grande obra á lingua portugueza; João Lisboa nos deixou o jornal do *Timon* e outras grandes paginas de rutilo valôr; Benedito Leite desenvolveu, o quanto pode, o ensino no seu estado natal, que representou e governou com inexcêdível carinho e proibidade; Artur Azevedo foi um opulento escritor teatral e nos legou uma obra vastissima; Antonio Lobo, alem das paginas brilhantes que nos deixou, foi o grande amigo da macidade e o farol que vinha, ultimamente, guiando este nucleo de novos que agora se debate nas trévas.

Foram todos altos vultos intelectuais e salientes na nossa historia literaria.

—E Aluizio Azevedo? Teria sido, por acaso, algum médiocre? Teria cometido alguma falta gravissima que mereça o castigo que ora ameaça a sua memoria?

—Não, absolutamente não! Aluizio Azevedo nos legou verdadeiro tezoiro literario. Foi brilhante jornalista, batalhador pelos grandes ideais e sustentou campanhas valorozas; foi um servidôr abnegado da patria, emprestando-lhe o valôr de seu erudito saber, como nosso representante em diversos paizes, vindo a falecer no exercicio do cargo de consul em Bueno-Aires; foi o escritôr soberano que, nas paginas eloquentes da sua obra grandioza, representada pela coleção selecta de *O Mulato*, *O Cortiço*, *O Homem*, *O Livro de uma sogra*, *Caza de pensão*, introduziu na literatura brasileira o naturalismo vitoriozo em todos os paizes cultos, creando uma nova escola realista,

que mereceu encomios dos altos espiritos do Saber, repercutindo no estrangeiro a fama original da sua pena fértil, opulenta e majestôza.

Foi ainda Aluizio Azevedo o escritor brasileiro que, pela sua fecundidade em sabias observações das paizagens da vida íntima e altos estudos psicologicos, apanhando flagrantes os costumes do nosso povo rústico e as imperfeições do nosso meio social, corruído pelo microbio da hipócrizia e outros tantos males, formou, com Emile Zola e Eça de Queiroz, uma trilogia grandiloqua entre os propagadores da doutrina de Tolstoi e Gorki.

Estabelecida, pois, a comparação dos seus feitos com os demais illustres filhos do Maranhão passado e presente, Aluizio Azevedo merece uma homenagem significativa, eloquente e verdadeira porque representa, incontestavelmente, uma das mais alevantadas glorias nacionais.

Joaquim Luz

Saudade...

A Didica, alma de minh'alma.



Ainda se ouvia ao longe o reboar planjente dos velhos bronzes do campanario que acabava de anunciar a hora sagrada do Anjulus.

As tintas rúbricas do ocidente, num desmaio triste e pauzado listravam o firmamento de uns rastilhos tenues de luz que aos poucos se esvaecia.

Era a hora trágica do fenecer do dia em que a natureza se curvava na languidez monotona de uma tristeza imensa,

A briza, suave e fresca, enrespava numa leve caricia a lizura das aguas que em pequeninas ondas iam morrer lonje, na areia da praia.

Pouco e pouco as sombras da noite iam decendo sobre a terra e pelo azul desbotado do céu pequeninas estrelas começavam a luzir, ainda palidas e dispersas.

E todo aquêle lígubre poema fazia soluçar uma alma sonhadora, ávida de um sublime conforto á inconstida magna de uma infinita saudade...

Um vulto cismador, cheio de vida, em pleno vigor da mocidade, sã, se embevecia na admiração dos merencórios encantos daquêle quadro vivo e comovente.

Algun constrajimento íntimo abatia aquêla envergadura sadia e fáta de juventude.

Seu coração num triste murmúrio de amor se debatia no dezalento de um grande vácuo que o pensamento unicamente vencía, para reproduzir numa fugaz iluzão a imagem idolatrada de alguém que estava ausente.

Naquêla alma ardente, cheia de saudade erguia-se um santuario onde se aninhavam as crencas fagueiras de um grande afêto fielmente correspondido, pela deusa de seus sonhos.

Todas as tardes ali estava ele na muda contemplação desse panorama sentimen-

tal, na beatidade de um elevado culto, a interrogar o infinito, na recordação suave dos dias felizes em que ao lado de sua estremecida noiva ele assistia o desdobrar majestôzo daquêla cenã da natureza...

Como são longos os dias de saudade !...

Em parajens lonjiquas e talvez aquêla mesma hora, a contemplar aquêlo mesmo quadro, uma alma de mulher, candida e pura, imersa em profundas meditações buscava iludir o seu tormento, no murmúrio de uma prece bendita.

Era o idílio cásto de dois corações apaixonados que um só pensamento enlaçava num estreito amplexo de amor e de saudade...

J. Ribeiro

O nôvo monólogo de Hamlet

de

J. Santos Chocano

(TRADUÇÃO DE ANTONIO LOPES)

Ama-me ou não ?.. Será de indiferença
Esse seu frio resplendor interno
Que os polares crepusculos condensa,
Ou é de carinho embriagador e terno
O semblante que, lânguida, a pupila,
Lívido mostra, como um sol de inverno ?
Ama ou não ama ? O coração oscilla,
Ennubla-se a razão... Desejo insano,
No amor a consciencia ter tranquillada,
O amor nunca foi lago, e sim oceano !

O taciturno principe sombrio,
Que pelas scenas imortais passeia,
Pôde, a alma louca de tormenta cheia,
Dos scepticismos ao fatal desvio
Ir ter... A beira do sepulcro frio
Pôde um cráneo colher—um grão de areia
Que, ao desligar-se, abandonára o rio
Que a outros rios de rios se encadeia...
Busque soiver o principe o obscuro
Problema eterno desse eterno oriente,
De onde desponta a aurora do futuro
Que refractam os cimos do presente...
Pense, presa das garras da agonía,
O torvo Hamlet na Noite—abismo horrível—
Que é para muitos o infinito dia !...
Eu não: eu, que o árduo exame agora empreendo
Do mistério de amor dess' alma esquiiva,—
Preliro, para essa filosolia,
A um cráneo morto, uma cabeça viva.

Oh ! sua airosa cabecita ! O vago,
Fúlgido nimbo que a rodêa,
Num raro brilho e misterioso afago,
De degencanto seriyria ao Mago
Que fôsse empós da Venus Citeria...
Que sonho alentará ? Que pensamento ?
Que flores brotam lá ? Que ave papeia,
Gazil, e o vôo nesse céu eleva ?
Que amor é sol, para esse firmamento,
E que preocupação será a treva ?...
Como o poder saber ? Debalde a fixação,
Pensar me entrego e desvendá-lo tento.
Toda beleza é um ven' neveento,
Além do qual ha um Deus, como um arcano !

Lutar ! Vencer ! Exausto e vacillante,
Sentir franquezas vis de pigmeu...
Mas, balar-se com êstos de gigante,
Abrir caminho para os sóis da glória,
E ter, sempre, a roer-nos a memória,
A águia negra e voraz de Prometeu !
Encher toda uma página da História,
Para humilhar sonho e lauréis ante uma
Mulher, que nos confunde com a escuria...
Como se humilha um sol diante da bruma !
O' nesca humilhação ! Mas é da vida...
Onde a justiça para cada orgulho ?
Que flor pôde dizer: não fui capulho,
Que homem pode afirmar: nunca fui lódo ?
Seja uma estupidez mal compreendida,
Embora ainda com ela confundida
A estulticie imbecil do mundo todo !

Vencer !... mas para quê, se todo encanto
No mistério reside ? Ah !... Quantas vezes
No amor, após tanto martírio, tanto,
Não se tem por primícia o que são fôzes !

Fôze, na mesma angústia me torturo
Talvez a essa mulher, traga á memória—
—No amor não ha moderna e antiga história—
Minha paixão, outra paixão mentida...
E, em vez de abrir a rôta que proeuvo,
Recato a mesma estrada percorrida !

Ah ! quem me dêra achá-la! Aberto o pano,
Dos sonhos meus, de balde não empenho
A caravela ás cóleras do oceano;
Cristo e Colombo, ante o rebanho humano,
São duas redencões sobre um só lenho...
Que importa que, em meu luto desvario,
Ao achar meu amor de visionário,
Dá-hau o lenho frágil e erraño
Se transforme no lenho do Calvário ?..

Mas, ai ! E' justo, acaso, o que deseja
O homem, em tantas insídias sublimado ?
Justo é que quem dissipa o amor se veja
Pela inconstância femil burlado.

Para que meditar ?.. Belo ou sombrio
Seja o futuro que esse amor defenda !
Se navegar é a sina do navio,
Quero lançar-me em busca desse mundo.
Deixando atraz inapagável senda !...
Longe das velhas plagas o fastio !
Quero o mar largo, e o vento vagabundo
Contando á vela-panda uma legenda !

Amando-a, saberei se o amor a inflama,
Ou se o desdém a torna muda e fria...
Quero fundi-la na paixão imensa
Que a alma me oprime, e cresta, e desvaria !
Quero abrasá-la aos êstos dessa chama,
Para poder pensar o que ela pensa,
Para dizer, enfim, se ama ou não ama !

Perigo de confiar-se

em estrangeiros

Outro ra certo agricultor mandou sua filha, com uma consideravel soma para pagar ao proprietario, que morava distante, a renda da herdade, que habitava.

Em caminho, foi ella surpreendida, por um camponio de bluiça, que lhe perguntou onde ia e á quem, com a simplicidade de sua innocencia, narrou sua commissão. Este diz-lhe então ir para o mesmo logar e poder mostrar-lhe um caminho mais curto.

Ella seguiu-o e, depois de terem caminhado algum tempo, chegaram a um logar eseuço, onde havia um poço profundo. Nesse interim, exijio-lhe o camponez que a menina lhe entregasse o dinheiro, sob pena de lançal-a no precipicio. A pobre rapariga supplicou-lhe não o fizesse e preparou-se para entregar-lhe a importância, quando o ladrão, prezumindo ouvir um rumor, volta-se para ver o que seja, a pobrezinha, com ináudita presença de espirito, immediatamente investe sobre ele e, com todo seu vigor, precipita-o, no abismo. Alarmada com o que praticou, corre á aldeia mais proxima em procura da Assistencia para tirar o homem. Quando, porém, chegaram, estava morto e logo se descobriu ser elle um criminozo escapó á deportação. Tomai cuidado, queridas eriaças: não vos confieis em estrangeiros.

12-8-917.

D. M.

(Trad. do inglez.)

Meus netinhos...

O tempo fechou,
O Periquito, por graça ou traquinagem,
apagou a luz, deixando o vasto ambiente
em trevas.

O Macaco que no pulo não tem rival
agarrou-se fortemente ao pescção da sogra
e começou a executar a serie illimitada
de taponas em seco.

José Augusto Corrêa

Dois antigos

Aos Mestres, áqueles que, com o fulgor dos seus espiritos elevados, sabem compreender as necessidades dos mdoes e mandar o auxilio grandioso de que carecem, em pãginas de verdadeiro brilho, onde fala á alma, ao coração e ao espirito a experiencia adquirida nos embates da vida, devemos, sempre que nos ofereça oportunidade, prestar homenajens as mais distintas.

Partindo, pois, deste principio que é sadio e dignificante para quem o pratica, nós daqui cumprimos o nosso dever saudando, na sinjeleza destas linhas, o querido Mestre José Augusto Corrêa, pela passagem do seu natalicio em 3 do corrente.

Render homenajem ao grande educa-

dor, que é, dentre os nossos inlezuais, figura de real destaque, constituiu para nós mais que um dever.

José Augusto Corrêa que aqui ceu, prontamente, ao chamado que lhe fizemos; muito tem concorrido, com a sua pena erudita, para que a «Rio Branco» assinala, com as ultimas edições d'«O Ateniense», uma nova era brilhante, influenciada pelas suas palavras revestidas sempre daqueles belos ensinamentos tão proveitosos e necessarios para nós outros que vimos nos sentindo combalidos pela falta de estímulo dos grandes espiritos da nossa terra.

Daqui, pois, ainda que tardiamente, mandamos as nossas saudações ao Mestre querido.

Rapozinha, a mais elegante, mais linda e mais educada de toda a vila, exercia agora o elevado cargo de capacho.

Tatú o bonito, meigo, delicado, trabalhador e honesto empregado publico, empizou-se, como por encanto.

Era de fazer rir a critica posição do cazalzinho Camaleão, encolhido debaixo de uma meza, sobre a qual o garbozo Galo com seu canto suave e harmonioso fazia cessar toda aquêla pataquada dezenfreada, levando prezo os dois perturbadores da ordem publica e desorganizados dos festejos alheios.

O reboliço foi assombroso. Gritos, herros, uivos de solene protesto, partiam de todos os lados.

O Galo, que compria o seu sagrado dever, a nada deu credito...

Foi assim que terminou a festinha do Camaleão, o coronel da vila.

A porta da cazinhola do delegado rançou, para dar passagem ao interessante grupo, á trindade augusta, que fez os *encantos* da festinha do Camaleão.

Era uma pequena sala. Ao centro, uma secretaria, onde recostava o corpo fidalgo do Leão, o destimido e piramidal delegado da vila. Ao lado direito via-se uma janelinha, atravez da qual percebia-se a fem, muito alem do capinzal, a cazinha branca, onde momentos antes solenizava-se com ardor, as bôdas de prata de um cazalzinho feliz.

Ao lado esquerdo, sobre o sofá dormitava como inocente criança o sarjento Abutre, secretario particular do Leão.

O Galo adiantando-se levou a mão ao gorro e disse:

—Promto á seu delegado».

Esse individuo, essa *individua* e sua filha... viraram a caza po coronel em *freje*.

O tempo fechon e eu *truve* tudo prezo.

—Não, á seu delegado»—diz o Macaco—essa *individua*, que infelizmente é minha sogra, sem mais nem menos, applicou-me mela duzia de bofetes e eu...

...E' mesmo, á seu delegado», disse a Rapozinha—o meu marido, quo não tem sangue da barata, reajiu na forma da lei.

—Eu tenho razão,

—Tu não, eu sim, porque sou mãe.

—Patifaria! Canalha—diz por fim o Leão—Quem rezolve o cazo sou eu.

Mestre Gato, quãdresse o recolha o Macaco a xadrez, a pão e agua até segundo ordem. (E' excuzado dizer que o Leão, o destemido e piramidal delegado da vila, tinha gana do Macaco)... E as senhoras duas tratem de crear juizo para não pasarem por semelhante vergonha.

.....
E lá se foi cabisbaixo, a cata de percevejos o traquejado Macaco, áprezo por dizer *sim*, prezo por dizer *nao*...

O avô de vocês...



Petit cinema

João Vitor

VI

S. Luiz—film.

«As armas e os barões assinalados»...
—Perdão, que me enganei...—Vou começar:
Este *zinho* que então vos vou mostrar
E' grande por seus feitos alcançados!

—Professor de talento, a revelar
Atravez de seus olhos doirados
O brilho sem rival dos literados,
Quer faça proza ou versos de encantar...

—Nanorou... (tempos idos...)—fez titinhãs...
—Seu caubengo de moço tem *cozinhos*
Que valem muito mais que camafeu!

—Quer entrar para o rol da seriedade
Trocando a troça pela austeridade
Das lagos sacrosantos de Himmeu!

Luiz Viana

VII

Rio—film.

O mozinho é pequeno e seu talento
E' grande quer estude a medicina,
Quer escreva *Do Rio*, e quer com fina
Maneira de *escolhar* demarque um tento...

Na «Pacôta» revela entendimento
De um pouquinho de tudo; e na supina
Coluna onde faz proza superlina
Mostra e que vale um filho de São Bento.

Aqui *nô chit*, é pronto, na Avenida;
Lança olhares ás *zinhos* de fujida
Por não gostar de amôres á Pelronio...

Este ano ele terá o anel no dâdo,
Os loiros na cabeça—(isto é segredo):
E talvez se devote ao matrimonio...

Rio.

H. Ferraci,

Lauro e Fabricio eram, ambos filhos de uma mesma terra, em que gozavam de uma simpatia especial, e todos d'essa pequena cidade, os estimavam e consideravam. Desdê a infancia começaram a estudar no mesmo colejio.

Distinguiam-se dos seus condicipulos, pelo seu bello procedimento, pela admiravel inteligencia de que eram dotados e pelo devotado amor ao estudo.

Eram por assim dizer, uns meninos ajuizados e bondozos.

Decorridos alguns anos, foram obrigados a separarem-se.

Lauro teve de seguir a sua carreira literaria, porque assim o dezejava e seu pai tinha meios suficientes para mandar educá-lo.

O mesmo, porém, não aconteceu com Fabricio, pois, seu pai era pobre e não podia satisfazer os seus dezejos.

Assim este teve de se empregar e seguir uma carreira, onde cessava a cultura de sua inteligencia em beneficio da de sua construção fizica.

Estava, assim terminado o estudo em que Fabricio se revelou uma inteligencia superior, circunscrita e prejudicada prematuramente, pelos poucos recursos de que dispunha seu pai.

Neste ponto Lauro, menos ajuizado que Fabricio, encontrou posses, para, se assim o entendesse, levar ao termo, a carreira que promissoramente iniciara.

Conseguiu matricular-se na academia de Direito e cursar com brilhantismo pouco vulgar, os trez primeiros anos.

Lauro possuia uma solida base de matematica, a que se reunia um racional principio de filozofia e estava, por isso, habilitado a conquistar os mais estonteantes loiros, que por ventura, se possa almejar.

Os haveres de seu pai, para que somente tinha as vistas voltadas, afastaram-no desse ideal.

O mundo deparara-se-lhe com as suas seduções multicores capazes de iludir os mais argutos espiritos, como um paraizo onde o gozo era o supremo ideal.

Isto infiltrou-se de tal maneira no animo frazil de Lauro, joven inexperiente, que, aos dezoito anos, quando cursava já o quarto ano foi, levado pela abastança, obrigado a abandonar a aureola com que lhe acenava a academia, pelas seduções prejudiciais tremeluzentes do mundanismo.

Não havia duvida, era o destino que mais uma vez afirmava a realidade do fatalismo, castigando um pai, pela satisfação de todos os dezejos de um filho, ao mesmo tempo que se opunha ao futuro egoismo, do pai de Fabricio, que sempre se vangloriava com o porvir satisfatorio da carreira de seu filho, zombando deste modo da fortuna do pai de Lauro.

Antonio Sodré.



O despertar da mocidade

Toma um carater real e dignificante o movimento de civismo de esse punhado de mdoes que compõe o Tiro «Coronel Rondon», n. 344.

Silvina Pianchão

Não ha rizo sem pranto e não ha luz sem trevas, assim como não ha rozas sem espinhos. Tudo nos sorria, tudo nos era encanto e vitoria, tudo se nos afigurava, até bem pouco tempo, um paraizo, onde passavamos, inebriados nos nossos sonhos, esquecidos das maguas que nos são infalíveis na vida real.

Turyaram-se porém os nossos horizontes e sangraram os nossos corações desde o golpe fatal de 24 de junho de 1916 que, vitimando Antonio Lobo, nos deixou num dezérte imenso, sem luz que nos alumie e sem sombra que nos acoberte das agruras inclemente do sol do indiferentismo que nos caustica e ameaça de completo aniquilamento.

Cobrimo-nos de luto e, no nosso quadro honorario, na patria maranhense e na literatura nacional, ficou demarcado um vinco indelével.

Hoje a nossa dor não é menor, não é menos sentido o nosso pezar.

Hontem dezaparecia um lutador, talvez cansado pelos embates da vida, hoje dezaparece um coração, uma alma pura e juvenil, um intelectual partiu para o além nos deixando paginas de saber, e agora deixa-nos uma alma de donzela no vigo dos anos, enlutando toda uma sociedade, todos os corações que têm a intuição perfeita do quanto é proveitoso ao mundo uma virjem de coração bem formado e perfeito.

Silvina Pianchão, que nos emprestou a sua graça infinda, desde os nossos primeiros passos, partiu para a eternidade deixando a sangrar o coração da sua familia, e a nós que admirávamos a perfeição de que era formada a sua alma, perfeição transluzida na plaidez do seu olhar, que se afigurava sempre perdido em cismares e dores.

A familia enlutada mandamos os nossos votos de sentido pezar e sobre o seu tumulto depositamos um ramo de flores.

Ha sempre em nosso meio, o dezanimo e a descrensa em tudo e, ao ser fundada esta novel tenda onde se cojita de habilitar a mocidade para a defeza da integridade nacional, ninguém formulou juizo otimista. Pénsava-se que o fim colimado era tão somente acarretar embaraços ao progredimento do Tiro Maranhense (47) deste núcleo de moços nossos patricios, também valorozos e sonhadôres do verdadeiro civismo adormecido no nosso meio.

A criterioza direcção das duas linhas de tiro e o modo como se tem conduzido os moços que as compõem, têm proyado, numa fraternização digno de todo aplauzo, o quanto ia de erraneo no bestunto do pessimista que nos queria macular os bons intentos e interromper a verdadeira orientação traçada para um ideal nobre, elevado e dignificante.

O garbo, a inteliçencia e a diciplina dos moços do «Rondon», são provas insufismáveis de que não se trata senão do cumprimento de um dever para com a patria e para a dignidade da mocidade Maranhense.

Nós que escrevemos estas linhas pertencemos ao «Rondon» e, fiéis aos ensinamentos do briozo oficial Manuel Candido Fernandes, nosso instrutor, não podemos ter, para com os nossos companheiros de armas, que são nossos irmãos e que são valorozos e entusiastas como nós, senão o mais cordial e respeitozo culto de fraternidade.

Lux

Gonçalves Dias

A immortalidade recebeu para sempre o nome do grandiozo Maranhense, cujas glórias passadas enchem de encantos as paginas da nossa historia.

A oito dias transcorreu a data natalicia do majestozo bardo Gonçalves Dias e nada mais alem destas linhas se fez de homenagem á memoria desse eminente patricio.

A familia literaria do Maranhão já foi

mais prodiga, e já dispensou mais desvelos seus filhos.

Hoje vemos com certo pezar lejióis numerozas de rebentos da nova geração que levados por esse sentimento intimo de saber se erguem num vô incerto para os horizontes literarios e logo são atirados impiedozamente ao descazo de seus irmãos mais velhos.

Falta-lhes o germen do incentivo, a mão protetora dos mestres que lhes dêem o elemento precizo para a florecencia.

E, por essa fatalidade, alheios ás eventualidades literarias de sua terra, vivem numa abstração inaudita.

O 10 de agosto que devia ser comemorado com grande entusiasmo decorreu frio e esquecido.

Foi a perfeita reprodução daqueles tempos fúscos em que a individualidade de Gonçalves Dias, olvidada e implume, se debatia nas garras da miséria aos impiedozos solavancos do destino.

A posteridade ahí está muda e nem sequer uma saudade ela depõe naquêlê augusto padrão que demarea a soberania de um genio, a immortalidade de um nome.

A nós seja dada a gloria de registrar em «O Ateniense» a passagem desta aurea data, exprimindo assim o cumprimento de um sagrado dever que a nós mesmos impuzemos.

Cruz Vermelha

A mulher maranhense não podia continuar, por mais tempo, entregue ao indiferentismo, em face do problema da defeza nacional. Assim é que, diversas senhoritas do nosso escol, num gesto sublime, estão ajindo, com a espontaneidade peculiar ao coração feminino, compenetradas dos seus deveres de civismo, para crear um corpo de assistencia de Cruz Vermelha, anexo ao Tiro «Coronel Rondon», n. 344, da Confederação.

A idéa, além do requintado chic de que se reveste, é dignificante para as nossas patricias, que a levam á effecto.

As adezões têm sido amplas e podemos

assegurar que no proximo raid, em 26 do corrente, terão as 3 forças que não tomam parte, os cuidados e desvelos de gentis enfermeiras.

Com os nossos parabens ao Tiro «Coronel Rondon», pelo incentivo honrozo e que seja coroado do exito dezejado a idéa dignificante, mandamos nossos votos de amantes do Bêlo, do Progreso e dos sagrados deveros que nos impõem a consciencia e a Patria.

Não deem agora os atiradores para pregar antes do tempo!...

Rejiste Elegante

Aniversariaram-se em 1º o Sr. Jozé Andrade; em 2 a Exma. Sra. D. Ladra Pontes, mãe da nossa distinta consocia Carmen Pontes; em 3 a Exma. Sra. D. Liberata Luz, mãe do nosso companheiro Joaquim Luz, em 12 o nosso distinto conterraneo Clarindo Santiago, quintanista de medicina da Academia do Rio e brilhante poeta; em 14 o Sr. Manoel Rodrigues; em 15 o jovem Mario Valente e em 18 a Exma. Sra. D. Filomena Muniz.

Aderia Valadão

Passou em 1º a data natalicia desta nossa distinta consocia e competente professora normalista. Das suas inumeras amigas naquêlê dia se encheu o seu lar.

Zulima Costa

Esta competente professora e nossa consocia vio também, na alegria ao seu lar, transcorreu em 12 a sua data natalicia.

Parabens a todos.

Alzira Fortuna

Transcorre hoje o aniversario natalicio da Exma. Sra. d. Alzira de Padua Fortuna virtuozza esposa do nosso verdadeiro amigo sócio benemerito, coronel Alfredo da Silva Fortuna.

A veneranda aniversariante que conta inumeros e reais qualidades que adornam os seus meritos inquebrantaveis, tem sido até hoje um verdadeiro idolo de nossa admiração pelos inegaveis desvelos que voluntariamente presta á nossa agremiação.

Muito grato é para nós registrar aqui sincera a expressão do nosso mais elevado reconhecimento, juntando a ela os nossos efuzivos e cordeais cumprimentos pela passagem do tão auspicioza data, estendendo-os aos seus dignos filhos e nossos confrades, Hilton, Djalma, Jozé, Estêr, Marieta e Esyeradina Fortuna.

João Kubrusly

Em 28 festejara o seu natal este nosso novel companheiro, que vem prestando relevantes serviços na atual Diretoria e é, incóntestavelmente, um batalhador pelo grande ideal de cultivo do espirito.

Os nossos antecipados abraços ao companheiro illustre.

Santinha Vasconcelos

A inteliçente Chon... (perdão, não queremos descobrir).

Festejara em 30 o seu natal a inteliçente senhorita Santinha Vasconcelos, nossa associada que muito se tom distinguido e nos auxiliado.

Os nossos antecipados cumprimentos extensivos a sua familia.

"O Ateniense"

LITTERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOSO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n.º 53—Maranhão

Joaquim Vieira da Luz—Presidente
 Marieta Fortuna—V. Presidente
 João Vitor Ribeiro—1.º Secretario
 João Kubrúsky—2.º Secretario
 Ester Fortuna Pires—Trezoureira
 Bibliotecario—vago
 Maria Lira Pessôa
 José M. Reis Perdigão } Comissão de
 José Padua Fortuna } revisão

Assinatura anual 1\$000

As assinaturas terminam sempre em dezembro.

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

AGOSTO

239 S. Agapito, Sta. Clara, S. Lauro 135

Crescente à 25

18

SABADO

1912—Em S. Luiz do Maranhão criou-se a Sociedade Literaria «O Canhoto» e fundou-se a Sociedade Jornalística «O Canhoto».
 1913—Passou aquella sociedade a se denominar Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», tendo como organ «O Canhoto», mas tarde (n.º 215) «O Ateniense».

Aos nossos assinantes

Pedimos a quem tenha tomado assinatura do nosso jornalzinho, por intermedio de nossos socios ou socias, para tal encarregados, e que não estejam recebendo com regularidade, o especial favor de nos avizar,—indicando com quem foi tomada a assinatura,—para providenciarmos, afim de que seja correspondida a delicadeza que tem para conosco. Também ás associações e órgãos de imprensa que quizerem lhes seja remetido «O Ateniense», poderão solicita-lo.

Os imortais

O General Dr. Lauro Muller tomou posse, em 16, da cadeira vaga na Academia pelo grande defensor da Paz—Rio Branco,
 Segundo nos informa o noticiario telegrafico, o discurso do novo academico foi uma bela apoteoze á memoria de Rio Branco.

Modestia de um jovem

Um mancebo, que prestara grande atencção a seus estudos e consequentemente tinha feito rapidos progressos, foi uma vez levado, por seu progenitor, a um jantar, em companhia de literatos.

Depois da refeição, a conversa veio naturalmente sobre literatura e classicos.

O rapaz escutou, com a maxima atencção, porem nada proferia.

Voltados á caza, o pai perguntou-lhe porque houvera permanecido silencio, quando tinha-se-lhe proporcionado otima oportunidade para patentear seus conhecimentos.

—Tive receio, meu querido pai, diz o mção, de começar a falar, sobre o que sei e ser inquerido, sobre o que ignoro.

Andaste bem, rapaz, acrescentou o velho, ha, muitas vezes, mais perigo em falar, que em ficar calado.

(Trad. do ingles)

D. M.

Homens illustres

O acumulo de collaboraões injentes determinou o atrazo desta secção obrigando-nos a dar referencias a mentalidades literarias cujas datas remissivas transcorreram em abril.

Sendo grande o numero desses vultos destacamos o grande escritor serjipano Silvio Romero de quem a mocidade literaria comemorou a data natalicia a 21 de abril.

Emitir comentarios a respeito desse nome é tarefa que por melhor que facemos não satisfaz a mais diminuta parcela do que tem dito as autoridades literarias do paiz. Apontamos entretanto sua obra prima HISTORIA DA LITERATURA BRAZILEIRA, o mais importante e ampliado trabalho no assunto.

—A 22 do mesmo mez registámos a data natalicia do emérito filologo maranhense Sotero dos Reis, o esforçado educador que deixou no ultimo seculo um luminoso rastro; o fanal grandiozo de muitas gerações.

A mocidade estudiosa tem na sua obra sobre a nossa lingua uma valioza herança.

—No dia 1º de maio decorreu tambem a data natalicia do eximio escritor cearense José de Alencar a quem devemos parte do tezoiro que constitue a nossa literatura.

Como Gonçalves Dias deu-nos a conhecer os segredos de nossos verdadeiros irmãos, lustrando-os cada um no seu estilo fulgido e soberbo.

No proximo numero proseguimos com mais adiantamento.

"O Rejisto"

Recebemos os numeros de 5 e 12 de agosto, deste interessante colega que nos visitará todos os domingos.

A sua leitura é proveitosa e atraente e alem de boa proza e versos; E. Rocha giza com o seu lapis os nossos homens e coizas. Gratos pela visita.

28 de julho

O torrão maranhense festejou mais uma vez a data da azeção á independencia nacional ocorrida em 28 de julho de 1823.

Filiados assim aos altruisticos sentimentos de todos os brasileiros nobres os nossos patriocios não poderiam de modo diverso acolher a patriótica embaixada de Cockrane, mais tarde marquez do Maranhão.

Era quazi desnecessaria a mensagem que da nossa metropole nos veio, por intermedio desse grande homem, amigo do Brazil, pois, não haveria ai, em todo esse litoral quem não experimentasse um desejo imenso de ser livre, salvo individualidades estranhas ao nosso sangue, o que efetivamente houve.

Nós brasileiros, devemos sempre nos ufanar por esse elevado gesto de patriotismo de Pedro I, o empreendedor da nossa emancipação.

14 de julho

Decorreu solenemente na patria brasileira a data comemorativa da libertação dos poyos.

A derruição da horrozoza Bastilha foi um passo gigantesco que o universo inteiro avançou, desfazendo-se assim de uma grande nodoa que turvava o seu empreendimento de civilização.

A historia tem nas lendas desse gloriozo feito uma valorozissima pagina que a posteridade deve admirar com delirio.

Por uma feliz coincidência encontraram-se nas nossas aguas diversas esquadras aliadas, entre elas a americana, cujo paiz tem tambem nessa data uma importante comemoração.

Como um estreito amplexo de fraternidade, as diversas tripolações constituiram uma brilhante parada sob o comando de um dos nossos marinheiros, o que provou mais uma vez a distincção em que é tido o Brazil no seio desse elemento grandiozo de civilização.

A sessão de hoje

Realizaremos, como está determinado, ás 20 horas, uma sessão solene, comemorativa do nosso primeiro lustro.

Estão inscritos diversos oradores, dentre os nossos associados.

O luto que nos envolve, priva-nos de comemorar a data de hoje, como desejavamos, com um sarau artistico, oferecido ás nossas distintissimas e gracios socias.

Por ter nos chegado ás mãos, tardiamente, fomos forçados a collocar bem contra nossa vontade, nas ultimas paginas, trabalhos de alguns dos nossos illustres colaboradores, á quem aprezenhamos, por essa falta, as nossas desculpas.

do.
ESTADO DO MARANHÃO

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 6.º

Maranhão, 30 de setembro de 1917

Num. 74

Séte de Setembro

Foi uma festa devéras brilhante essa com que a nação brasileira comemorou o gloriôzo evento de sua emancipação.

Trezentos e vinte e dois anos eram já decorridos depois que Cabral num arrojo imprevisito do acazo desvendára do seio da America este vasto torrão onde hoje flameja o auriverde estandarte da nossa estremecida patria.

Durante todo esse periodo de desenvolvimento, era o Brazil uma dependencia comum do governo portuguez, fliado a seus grandes dominios, debaixo de seu pavilhão de tantas glórias laureado.

O seu territorio, como ainda hoje, era um vasto repozitorio de inestimavel tezoiro, alvo da cobiça de povos de alem-mar, que se não fartavam de empreender investidas ferozes de exploração a nossas riquezas.

Por muitas vezes, os luzitanos tiveram de pegar em armas para defender a propriedade desse uberrimo quinhão de terra que o acazo fez reunir às suas possessões.

Era isso a imajem fiel de um paiz sem representação propria, exposto ao litijio de quantos queriam gozar de seus elementos naturais.

Era, portanto, mister que o nosso povo tivesse a sua independencia e essa cauza deu logar a incessantes lutas.

Houve muita gente idealista, como Tiradentes, que procurou emancipar o Brazil, porém, não lhe auxiliou a resistencia; o nosso patriotismo era ainda pequeno para enfrentar coizas dessa ordem.

Digamos mesmo, não tinhamos elemento pessoal para semelhante empreza.

Felizmente a rejenca confiada a D. Pedro I, trouxe-nos as mais fagueiras esperanças de um futuro mais prospero e não foi isso uma simples iluzão.

Mais tarde, em 1822, «um brado retumbante ecoou pelas marjens placidas do Ipiranga» e o Brazil teve a sua liberdade e o seu pavilhão.

Em 95 anos de independencia ele tem demonstrado algum progresso, se bem que ainda haja muito a labutar para chegarmos a um expoente positivo de perfeição.

Hoje que bem se pode avaliar o que poderia ser o Brazil de outr'ora, sem individualização, vemos com orgulho e contentaminar desse elevado sentimento que deve predominar em todos os bons brasileiros—o patriotismo.

A mocidade vem despertando desse enorme pezado que a distanciava do sagrado dever de servir a sua patria.

Não é mais desdenhozo envergar a tunica de soldado em busca dos rudimentos marciais que nos hão de tornar, a nós bra-

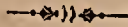
zileiros, a vanguarda glorioza do nosso legitimo torrão.

O militarismo já é entre nós uma honroza profissão e bem poucos brasileiros ha que se pejem de empunhar a carabina e frequentar a cazerna.

A prova mais patente dessa realidade ficou rejistada com a nota saliente das grandes paradas de 7 de setembro ultimo.

Em todas as capitais os nossos Estados foi entuziasticamente comemorada essa data glorioza da nossa historia, destacando-se dentre os soldados que participaram da formatura geral—os paredros da Confederação do Tiro Brasileiro, esses môços patriotas que estão concorrendo com a sua boa vontade para o levantamento do nosso nome.

Salve a patria Brasileira!



Os Ateniadas

Canto primeiro

XXXI

Escrito estava então que se daria
Uma grave zoadá na Alemanha,
Que todo o mundo se intrometia
Nessa extraordinária façanha
Em que grandes vitorias ganharia
Todo o povo aliado da Bretanha,
Para que se gravasse na memoria
Essa alterosa pajina da historia.

XXXII

Quiz Guilherme (48) o universo ter guindado
E assim brigando, ego, em campo razo (49)
Pretendeu ser um dia proclamado
O dens da terra e logo marcou prazo
Para ser de Pariz o arco escalado
E declarou assim findado o cazo,
Mas, até hoje os seus os olhos pregam
Nas vitorias sem fim que nunca chegam.

XXXIII

Sustentava contra ele a parentela (30)
Uma luta terrivel e herculana (31)
Para evitar que a heroica sentinela (32)
Fosse abatida por tão ru te gana,
Mas o lobo servil dessa querela,
A serpente odiosa e dezumana,
Devastou torpemente a floritina
Nação que em gloria a todos predomina.

XXXIV

Estes fatos puzeram de alcaiteia
Toda a gente por onde o sol se estende
E contra a Guilhermina centopeia (33)
Inda hoje grande massa se defende
Buscando supplantar essa colmeia
De nocivas abelhas, que nos prende
Os recursos vitais que se encarecem
E na mais baixa escala permanecem.

XXXV

Qual um féro tufão em noite escura
De fantasmas cruéis arremetida
Quebrando as leis da boa compostura
Numa furia terrivel, dezabrada,
Brame a Europa na grave conjuntura,
Rompem-se relações, vende-se a vida,
«Tal andava o tumulto alevantado»
Entre os reis que governam do outro lado.

Camonflo.

(48) Wilhelm II—imperador d'Alemanha—aza negra do Universo.

(49) a torto e a direito.

(50) os reis da Inglaterra, Belgica e o czar da

Russia, primos de Wilhelm II.

(51) possante, sem trognas.

(52) a Belgica, que foi a primeira defeza da

França.

(53) os aliados da Alemanha.

Carta abérta

Bravo, meu caro D. F!

Li o teu «Com ares de cronica» e não imaginas como dentro em mim vibrou o coração, de entuziasmo.

As tuas lindas palavras são ditadas por esse sangue novo e estuante que tambem me corre nas veias. Somos, como todos os moços do Maranhão, filiados aos mesmos ideais, e nesse conjunto forte que, eles, certamente chamarão de idiôta, tão somente por aspirar um pouco de vida, é, que estão as esperanças da nossa terrinha, já farta de só possuir o nome de «Atenas das palmeiras»...

Sim, meu caro D. F., precisamos reformar, levantar, reviver tudo no nosso berço. Ele nada possui de progresso.

As velharias que encontraram os nossos avoengos ainda escandalizam os nossos olhos sonhadôres.

A alavanca poderosa do empreendimento jamais passou, de leve ao menos em nosso Estado.

A sociedade vive acanhada, emperrada no recesso enfadôno e escondido do car-rancismo. Tudo respira bolôr e no governo das nossas coizas, ainda, infelizmente para nós, predomina o amôr ao interesse proprio.

Quando um ergue o pavilhão das boas intenções, vem logo o sópro da discordia e «ainda uma vez, adeus...»

Esta é a mais amarga das verdades:

Somente o Maranhão será aquele que nós dezejamos, quando a mocidade se unir irmãmente e reagir com denodo contra formas até então uzadas por quem cumpre zelar pelos nossos interesses.

Esse movimento digno, já se observa ao lonje. Alguns moços se levantam para derrocar o sistema rotineiro da nossa engrenagem social, vida cidadina e progresso material.

Um dos nossos conseguiu introduzir o escotismo que parece vingar beinfazejamente.

Nós, da colonia aqui, para começar, dirijimos aos moços em geral um apelo incitando-os a agir contra o parazitismo social que é o travão degradante da marcha progressiva da nossa terra.

Tu, com tuas frescas ideas, lançaste a lembrança de convidar o escól social para a vida mundana a qual é uma utopia em nossa gente.

O intendente da cidade, espirito moço e forte, promete dar-nos para breve a luz que tanto precisamos. Assim cada qual vai correndo para o ajitamento maranhense promovendo

Eu sei que a divulgação de tudo e com todos quantos salidades onde rezamos de dezejamos.

O G—Todos os seus brilhar esplendorôz, benemerito, serão abatida a politica com a mensalidade

PARNAZO

Na liça

Ao Joaquim Luz

I

Conjure contra mim o mundo traçoceiro
o velho mundo, audaz, de vermes asquerosos,
embóra... eu seguirei com desprezo allanceiro
allivo desprezando aos perrós invejózos.

Que me importa lutar sozinho contra inteiro
exercito de vis sicários sanguinózos,
si eu tenho dentro d'alma um vulto sobranceiro
ao prêmio a me incitar como «peans» gloriózos!

Rija panópia de aço o corpo me abroquela
com furia de ciclópe arrojando-me á peléja
ao clangor marcial de rude charamela...

Na luta se eu cair como o mundo dezeja
feliz da humanidade, e se ao contrario, ai dela!
pois meu odio é cruél e como o ráio flameja!

II

Levanto a vista e vejo a campina virente
de cavaleiros cheia, as lanças acerradas
luzem, chispam ao sól, doirado, comburento,
inundando de luz vilas, selvas, estradas...

Montado num corcéll eletrizado, ardente,
invisto com o furor das eras recuadas,
lança em riste, velóz, tendo um nome na mente
nome real do amor que celebro em baladas.

O escudo geme ao embate impetuozo, forte,
já lombam ao rubro chao os montantes parlidos
e sobre tudo estende a aza letal, a Morte...

No entanto eu vivo ainda e vejo além ruidos
os carcereiros que alroz me rezervava a corte
de arpias, de chacacs, de serpes e bandidos!

S. Luiz, X—VII—MCMXVII

Reis Perdido.

Tú

Tu és, pra mim, augusto relicario
Onde eu vejo, estampado no teu rizo,
Primicias ideais de um paraizo,
Constel çóis de amor e bom fudario.

O teu meigo perfil, quando o divizo,
Na candura sem par como um sacario,
Faz-me esquecer as horas do tao vario
Passado sem prazer e sem sorriso.

Evocas-me momentos de bondade,
De amor, de luz, de encanto e mocidade,
Prazères que já vão além dispersos...

Coloco-te no altar dos meus amôres,
Cercada de carinhos e de flores,
Num turbilhão de beijos e de versos!

S. Luiz, 4—915

Hilton Fortuna.

Açucenas Alemãs

O Norte exclama: Desgragada França!
Pariz é velha meretriz devassa,
Magra «cocolé» que estrebuxa e dança
Sobre o cadaver da latina raça.

Berlim, ó! essa, a capital augusta
Nunca um só beijo lhe roçou nos labios!
Burguezia honesta, colossal, robusta,
E' mãe fecunda dos herois, dos sabios.

Sim, Alemanha, és grande, és virtuosa!
Deixa que a França, a velha escrofulosa
Na podridão se enterre e se aniquile!

Mas, no fim disto tudo, o que me espanta
E' que os teus reis, Germania sacrosanta,
Vão procurar espôzas no Mabile!

Guerra Junqueiro.

A' uma criança

Rejina Sá

Vejo-te sempre assim, nessa expansão graciosa
De sonhos infantis, tão cheios de pureza,
Em que tua alma em flôr, rizonha e pressuroza,
Vive sempre a brincar, em grande sinjeleza!

Como eu gosto de ver-te, ás vezes, caprichoza,
No teu porte gracil, de candida princeza
A dezenhar na face anjélica e formoza
Os recamos sutis de nma injenna aspreza!

Nos lindos olhos teus ha tanta luz radiante,
E' tão sublime a flôr do teu casto sorriso,
Escrinios perenais de májicos encantos,

Como, talvez, no céu, no reino deslumbante
Arcaño algum possua, em todo o paraizo
Mais belos, mais gracios, mais puros e mais santos.

Fran Junior.

Porque ?

Ris, se digo que és má; e se te digo
Que és boa, tens um ar de indiferença;
Fojrs, num gesto lasso de descrença,
Quando afirmo serei teu muito amigo...

Se de tuas promessas te desligo
Zangas; mas, é fatal ar de desavença
Se te falo da gratidão imensa
E do respeito meu para contigo!

Se as mãos te beijo, cêdes; mas, fremente,
Se a procuro—essa boca me reziste--
Enfado-me, gargalhas loucamente...

Não sei, porem, se alta razão te assiste,
Se a attitude é de sabio ou de demente,
Quando, ao jurar que te amo, ficas triste...

Goulart de Andrade.

jem de aconchegos escandalozos e ambição de poder. O trabalho fecundo é o unico meio por onde poderá chegar a seiva que engrandece os nossos irmãos do sul e do norte.

Eia, avante!
Abraça o teu

Hilton.

Rejisto Elegante

Aniversariaram-se, em 7, o nosso amigo Clovis Castro e a senhorita Zelia Viana, irmã da nossa inteligente consocia Luiza Viana; em 12 o dr. Juvencio Odorico de Matos; em 13 o sr. Jozé Vasconcelos e o dr. Oscar de Barros, Director do «Instituto Maranhense», que recebeu de seus alunos e amigos, ignificativa manifestação e homenagem do nosso colega «O Colejial»; em 14 o professor Gilberto Costa, lente do Liceu Maranhense; em 25 o innocente Alfredo Fortuna, filho, e em 29 o sr. Jozé Rodrigues.

Cezaltina Botelho—Transcorreu a 16, o natalicio desta nossa distinta associada a quem mandamos especiais parabens, assim como pelo seu enlace matrimonial, ontem, realizado, com o nosso prezado amigo sr. Placido Camões, a quem igualmente cumprimentamos.

Jozé Zorcastro Vieira—Transcorrerá em 4 de outubro o natalicio deste nosso inteligente e operoso companheiro. Fazendo jus a brahma, mandamos-lhe o nosso abraço de felicidade, e parabens a sua familia.

Aniversariar-se-ão ainda, em outubro: a 6 as nossas distintas consocias e inteligentes professoras normalista El-Zuila Souza e Roza Castro e na mesma data Erotildes Rodrigues; a 7 o nosso prezado amigo Marcos Guimarães Rios; a 9 nossa assignante de Itapipoca Adelia Primo Caxilê; a 11 a senhorita Ginú Luz diléta irmã do nosso companheiro Joaquim Luz, a 12 a exa. srana d. Corina Ferreira e nossa distinta consocia Noemi Souza; a 13 a senhorita Ana Amelia Torres, filha do nosso prezado amigo major Tiago Torres e nossa consocia; a 15 o nosso estimado assinante de Itapipoca, sr. Jozé Bruno Ferreira; em 18 Hilton Goiabeira; a 20 João Bona; a 24 a senhorita Aldenora Sá; a 25 o sr. Artur Bêlo; a 30 a galante Lucina Fortuna e a nossa distinta consocia Odija Nogueira.

Parabens a todos.

D. Francisco—Partiu para o Rio o Exm^o. Revdm^o. D. Francisco de Paula e Silva, bispo do Maranhão e nosso socio honorario.

Desejamos breve regresso.

João Silva—Vizitou-nos, de passagens para Caxias, este nosso socio representante no Ceará.

Gratos.

Djalma Fortuna—Volveu, em 16 deste, de Fortaleza, onde serviu com proficiencia na repartição dos telegrafos daquela capital, este nosso inteligente companheiro, depois de 14 mezes de ausencia.

Sobejos motivos de contentamento

para nós traz este fato, pois com o forte elemento que é Djalma Fortuna, novos ventos hafejarão a nossa existencia.

Reiteramos os nossos cumprimentos da boa vinda ao ilustre companheiro.

Fran Paxéco—De regresso da Europa, onde se encontrava no desempenho de elevado cargo junto ao governo portuguez, regressou em 14 deste o ilustre homem de letras e consul da republica irmã, que muito tem trabalhado pelo Maranhão.

Reiteramos os nossos cumprimentos de boa vinda e agradecemos as palavras de carinho que nos dirijiu.

João Nascimento—Foi distinguido com a sua promoção a Conferente da Alfandega deste Estado o nosso bom amigo, o simpatico serjipano João Ferreira de Lima Nascimento, que com inabalavel criterio desempenha a espinhoza comissão de Inspector Fiscal dos impostos de consumo no Ceará e Rio Grande do Norte.

João Nascimento, que pelos seus bons serviços prestados á Fazenda, foi o primeiro a ocupar o alto posto de Conferente no meio de seus colegas de concurso em 1905, durante sua estadia aqui soube se impor como perfeito *gentleman*, sendo ainda hoje uma das figuras mais queridas do meio social Maranhense.

Como politico é intranzigente nas suas convicções e muito se tem batido, como bem poucos, pelo partido simpatico do dr. Artur Moreira, um dos mais conceituados dos nossos representantes.

Fazemos votos para que o sincero ma-

ranhense pelo coração volte a prestar os seus serviços á nossa aduana onde tem verdadeiros amigos, votos esses que envolvemos no mais significativo abraço de felitações.

Duas festas

Manhã de anciedade e dezuzado movimento a de 26 de agosto. Os curiosos, em massa, afluíram ao F. A. Club aguardando a chegada das forças que tomariam parte no *raid*. A séde, o pateo e as adjacencias do Fabril achavam-se já apinhados de familias, as mais distintas, officialidade do exercito, marinha, autoridades cavalheiros, representantes da imprensa, associações e de todas as classes sociais, quando a seção do 48º Batalhão de Caçadores fez, garboza, alto no portão de partida. Momentos depois chega, entuziasta, a seção do Tiro Maranhense, 47.

As 5 horas formada a seção do Tiro «Coronel Rodon», n. 344, no centro daquelas, na disposição de partida, rompeu, á ordem «ordinario marcha» do Tenente Coronel Comandante Jozé Candido Rodrigues, a seção do 48º, ao som da Canção Militar; 15 minutos mais tarde partiam garbozos, sob o comando do sarjento Telemaco Ataíde os jovens que compunham a seção do 344 e ás 5,30 sob o comando do sarjento Humberto Fousêca da seção do 47.

Cavaleiros e automoveis acompanharam as forças que acabavam de partir, salientando-se as nossas distintas patricias da Cruz Vermelha do Rondon, que iam no desempenho da seu mister, contentes e compenetradas do dever dignificante a que se arrojavam.

Novo fremito invadia a assistencia aumentada ao aproximar-se a hora do regresso.

Com 2 horas justas e 4 baixas faz alto a seção do 48º; o 344 com 4 baixas e 2 horas e 10 minutos e o 47, com 2 baixas e 2, horas e 7 1/2 minutos.

Entuziasmo indescritivel se apossa de todos que, intimamente, bradam vivas aos vencedores e aos vencidos gloriosos, que chegam estafados de fadiga e carregados de pó, ao som de marchas, militares.

Aos cuidados da Cruz Vermelha do Rondon ficaram os heróes que esgotaram o ultimo alento naquêlles ensaio de resistencia.

Quadro dignificante e comovente atrá, de coração oprimido, a multidão! Uma dama da Cruz Vermelha, rico ornamento do nosso escol, traz nos regaço, inaminado, o verdadeiro herói do *raid*—Tercio Teles—que marchou com os companheiros, para honra do Rondon, enquanto teve alento, até cair sem sentidos com forte síncope. E com tão comovente epizodic, dispersou-se a multidão, enquanto a medicina ministrava os seus cuidados áquella vitima do Dever e do Patriotismo.

Os jovens escoteiros que em 26 de agosto se limitaram dar guarda ao partirem e chegarem as forças do *raid*, em 7 de setembro, formaram a dianteira da parada, demonstrando o quanto podem o entuziasmo, garbo, disciplina e patriotismo da alma mãe do brasileiro de sangue forte.

Escoteiros, Aprendizes Marinheiros, Artífices, Tiro «Coronel Rondon», Policia, Tiro Maranhense, 48º Batalhão de Caçadores e Cruz Vermelha Rondon, formaram no pateo do quartel Federal e desfilaram pelas principais ruas da cidade, onde o povo assistia com agrado e entuziasmo, o garbo e disciplina mantidos na parada deveras brilhante.

Terminando os festejos comemorativos da grande data da independencia, formaram a tarde no F. A. Club as duas linhas de tiro; o 48º e os escoteiros que prestaram continencias as autoridades.

Depois da cerimonia da entrega dos premios, ás seções vencedoras do *raid* de 26 de agosto, foram cantadas as canções militares e do soldado e, ao arrear o pavilhão auri-verde, os atiradores do Rondon entoaram, apresentando armas, o hino da independencia.

Ao anoitecer, deixando a mais grata impressão, recolheram-se a seus respectivos quartéis as forças que tomaram parte na formatura da tarde.

Lux

Coronel Colares Moreira

Cauzou geral consternação o passamento, em 12 deste, do ilustre homem publico Coronel Alexandre Colares Moreira, junior, membro de uma das principais familias do nosso meio social e figura de real destaque na politica e na administração da nossa terra.

Pezames a familia enlutada.

Sociedade Literaria

«Barão do Rio Branco»

MOVIMENTO DE JUNHO A SETEMBRO:

Conforme o honrózo officio que já publicamos, respondeu o nosso aceitando o cargo de socio honorario S. Exa. Revdm.º D. Francisco de Paula e Silva, bispo do Maranhão e nosso mais erudito orador sacro.

Sessões ordinarias: Em 3 de junho teve logar a sessão ordinaria mensal, realizando-se a eleição para os cargos de Presidente e Vice-Presidente, no 2º semestre deste ano, obtendo maioria de votos os socios sr. Joaquim Luz e senhora Marieta Fortuna.

Em 9 de agosto realizou-se a sessão ordinaria para prestação de contas do movimento de julho e em 22 de setembro para o de agosto.

Sessões solenes: Em 24 de junho realizou-se á noite, a sessão solene comemorativa do primeiro aniversario do passamento de Antonio Lôbo. Presidiu-a o ilustre professor Domingos Affonso Machado, ladeado pelo ilustre tribuno Domingos Barboza, que, apoz João Vitor Ribeiro e Joaquim Luz, que disseram o sentir de seus corações cheios de saudade pelo Mestre, incitou os môços da «Rio Branco» para cooperarem com os da «Silvio Romero» na ereção do busto de Antonio Lobo, no que poderiam contar com o apoio da Academia Maranhense, que então representava.

Em 18 de agosto, prezente grande

numero de socios, familias, representantes da «Silvio Romero», «Revista Maranhense», «Renascença Maranhense», Tiro Coronel Rondon, «Postal» e pessoas gradadas do nosso escol, realizou-se a sessão comemorativa do 5º aniversario da nossa fundação. Presidiu-a o propecto educador Domingos Afonso Machado que se fez ouvir apoz os oradores João Vitor Ribeiro, Maria Lira Pessôa, Jozé Perdigão, Leonor Muniz, João Kubrusly, Santinha Vasconcelos, Marieta Fortuna, Raimundo Lopes, José P. Serêjo Mendonça e Joaquim Luz, nesso presidente.

Romaria: Tambem realizou-se em 24 de junho, ás 16 horas, a romaria ao tumulo de Antonio Lôbo, onde falou a consocia senhorita Santinha Vasconcelos e o Sr. Dr. Luiz Serra, que produziu real joia de saudade á memoria do maranhense illustre.

Sessão de posse: Realizou-se em 1º de julho a sessão solene de posse da nova diretoria, cleita em 3 de junho.

Após a posse do Presidente Joaquim Luz e Vice-Presidente Marieta Fortuna, foram nomeados João Vitor Ribeiro, 1º secretario; Estér Fortuna Pires, tészoureira; João Kubrusly, 2º secretario; Belarmino Borgneth, bibliotecario; Jozé Perdigão, Maria Lira e Jozé Fortuna, comissão de revizão, sendo todos, em prezença de grande numero de socios, representantes de agremiações e pessoas gradadas, empossados com as formalidades protocolares.

O novo presidente promoveu a efetivos os socios Jozé Zoroastro da Silva Vieira e João Kubrusly.

A senhorita Maria Lira, que terminava o seu mandato leu bem cuidada mensagem historiando as ocurrencias durante a sua gestão e elojiando o modo por que se houveram os seus auxiliares.

Eliminações: A pedido foram eliminados os Srs. Marcos Guimarães Rios, João Kubrusly, Belarmino Borgneth, Anaxágoras de Carvalho e Achiles H. da Silva Moura e por infrações regulamentares Torquato Guimarães Rios, Gonçalo Moreira Lima e João Bona.

Admissão Foram admitidos para socios representantes os Srs. Souza Bispo, em Belem; Manoel Boavista da Cunha, em União, Piauí, Jozé Fernandes, em Cururupú; Gumercindo Pedroza, em Ponte Nova; senhoritas Maria da Silveira, em Itapipóca, Ceará e Maria Vitoria de Azevedo em S. Jozé de Ribamar e para colaboradores João F. de Lima e Nascimento, Jozé Alvares Mendes, Manuel Travassos, Americo Marinho, Fuljencio de Souza Pinto, Florentino de Lima e readmitido Djalma Vasconcelos.

Estatutos: Em sessão de 9 de agosto foram aprovados, em aditamento aos Estatutos os seguintes dispozitivos:

Art. 5—Os socios serão assim distribuidos:

.....
f) representantes.—em numero indeterminado, aceitos por propostas regulamentares, aos quais competirá a incumbencia de promover a propaganda da sociedade e a divulgación de «O Ateniense», nas localidades onde rezidirem.

Art. 6—Todos os socios, exceto os honorarios, benemeritos, senhoritas e representantes, serão obrigados a concorrer com a mensalidade de 2\$000 etc.

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Joaquim Vieira da Luz—Presidente
 Mariêta Fortuna—V. Presidente
 João Vitor Ribeiro—1.º Secretario
 Estêr Fortuna Pires—Tezoureira
 2.º Secretario—vago
 Jozé Padua Fortuna—Bibliotecario
 Djalma Fortuna
 Maria Lira Pessôa
 Jozé M. Reis Perdígão

Comissão de
 revizão

Assinatura anual 1\$000

As assinaturas terminarão sempre em dezembro.

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

Em 25 do corrente esta sociedade publicou, nas ineditoriais da «Pacotilha», um repto de honra ao sr. Belarmino Borgneth, o qual transcrevemos abaixo:

«Tendo o sr. Belarmino Borgneth, ex-membro desta sociedade de letras, dirigido à mesma um pedido de eliminação, em termos insultuosos e atentatorios contra os mais rudimentares principios de civilidade, e como o mesmo sr. diz-se injuriado por inumeras infamias assacadas contra a sua dignidade pessoal, a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» vem, representada pela sua directoria, convidar o mesmo sr. Belarmino Borgneth a declarar em publico, por intermedio do jornal mais lido da terra e em nome da sua hombridade e da inviolabilidade do seu carater, quaes as injurias atiradas contra a sua pessoa e quaes as infamias forjicadas, para lhe manchar o nome, pelos membros mais em evidencia desta associação.

Para argumentação flagrante do direito, para maior segurança da nossa repulsa, antes de formularmos o repto de honra que hora fazemos, o Presidente desta sociedade dirigiu ao sr. Belarmino Borgneth um apêlo, em carta, para que comparecesse na séde da nossa agremiação, afim de dar explicações cabais e francas do conteúdo do seu pedido de demissão, dizendo-nos, de viva voz quaes os seus detratores, afim de expurgarmos os elementos nocivos que nos cercam, uma vez provada a veracidade das suas queixas.

O sr. Belarmino Borgneth negou-se, porem, a comparecer na sessão convocada (e realizada em 22-9) para ser discutido o seu requerimento, fora dos termos regulamentares e fora ainda dos principios mais comezinhos de cortezia e de altivez.

E uma vez que o môço que ora nos obriga a um repto de honra, deixou de comparecer na nossa séde social para se livrar das calunias que diz lhe assacamos, com o prezente repto formulamos duas hipotезes, claramente aqui explicadas:

Ou o sr. Belarmino Borgneth foi efetivamente injuriado, sensibilizado nos seus brios de môço distinto pelos principaes socios desta agremiação, e assim virá, certamente, em publico, acudindo ao nosso apêlo, livrar-se das infamias e citar os

nomes dos detratores que conta no seio desta sociedade, ou então, no cazo contrario, o sr. Belarmino Borgneth fujirse-à de contarverdade, e ficará êle, assim, tido como incorreto; e reverterão, intactos, para a sua pessoa leviana, todas as injurias com que pretendeu manchar o carater dos que aqui trabalham.

S. Luiz do Maranhão, 24 de setembro de 1917.

A Directoria.»

Motivou este dezafo formal o fato de haver o mesmo sr. dirigido a este gremio uma petição insultuosa que, para conhecimento dos interessados e do publico inteligente e justiceiro, transcrevemos abaixo, sem acrescimo de uma virgula sequer (apenas com alguns grifos nossos, em beneficio da lingua):

«Exmo. Sr. Presidente e mais membro da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco».

Venho cumprir um dever de honra.

Tem portanto, este officio dois fins: o primeiro, é suplicar-vos com a maxima urgencia possivel a minha *eliminação* do quadro social; o segundo, é protestar contra o excesso de infamias, que de balde, pretendem *manchar* a minha reputação social, e isto partido justamente do amago da S. L. B. do R. B.

Sinto-me devêras ferido, porque, pela primeira vez em minha vida fui *entitulado* de *entrigante*

E' duro, é duplamente duro, mas de ciladas desta natureza, ninguem se pode *conesederar* livre.

Nunca esperei receber da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» semelhante *desparate*. No entretanto, acho-me lecionado, porem, a mira foi errada, o tiro não me alcançou nem ao menos *ao leve*, e nem me alcançará em tempo algum.

Do que já se considera *desassociado*

25-8-17

Belarmino Borgneth.»

Antes de protestarmos pelas colunas da «Pacotilha», o Presidente desta associação fez chegar ás mãos do sr. Borgneth a carta que abaixo estampamos e nem assim, convidado naquêles termos, o sr. de quem nos ocupamos quiz comparecer na nossa séde social:

«Illm.º Sr. Belarmino Borgneth

Realizando-se amanhã nesta sociedade a primeira sessão depois do vosso pedido de *climinação* eu vos convido, em nome da honra e dignidade que naquele pedido exaltaes, a comparecerdes na referida sessão afim de dar explicações indispensaveis e cabais sobre assunto de relevante importancia para a nossa associação e para a vossa dignidade.

Certo de que não recusareis a comparecer no campo de honra onde estaes sendo chamado para esclarecimentos de que necessitamos, eu me antecipo agradecido e vos saúdo.

12-9-917

Joaquim Luz

Presidente.

Ao contrario do que esperavamos—uma resposta clara ao nosso repto—veio o sr. Belarmino Borgneth, pela «Pacotilha» de 27, com um artigo cheio de habozeiras e novos insultos com que procurou justificar o seu procedimento incorreto e leviano para com esta associação de pessoas que teem a devida responsabilidade dos seus atos. Fui-se de explicar-nos a verdade e, na mais infeliz das evazivas, dezencadeo sua cólera contra a pessoa do nosso operôzo Presidente, lançando-lhe os labêos e os epitelos mais ferinos de que é capaz um espirito curto e sem luzes.

Com o artigo de 27, o sr. Borgneth, lonie de adquirir algum conceito perante os que lhe conhecem de perto, revelou-se um môço leviano e incoerente, que insultou ao Presidente desta associação, depois de haver mantido com êle a mais estreita camaradajem, considerando-a inalteravel, mesmo depois deste incidente, conforme dissera a alguns dos nossos companheiros.

Procurou dizer no seu artigo de 27 que foi o Diretor da «Rio Branco» o unico cauzador das injurias que dirigiu aos nossos associados na petição acima transcrita; e, depois de fazer entrega do referido requerimento, ouzou ainda, sem a menor reflexão do seu ato, dirigir o seguinte cartão ao nosso Chefe, o qual transcrevemos para mais patentear a altura do seu dislate.

«Amigo Luz

Remeto-te mil réis para uma assinatura d'«O ateniense» para Jozé Salin, coletor de Cururupú.

Do amigo

27-8-17.

B. Borgneth.»

Diante dos despautérios que vimos de citar, onde a incoerencia resalta a olhos vistos, pelo cartão amistôzo feito em data posterior ao requerimento insultuozo, não sabemos o que mais lamentar: se a fraqueza moral do nosso contendôr ou se o triste ridiculo a que se atirou, com suas proprias mãos.

A Directoria.

Erratas

Por descuido de revizão sahu o nosso ultimo numero com algumas incorreções, taes como: nos sonetos «Maldito», versos 4º do 3º soneto, ou *gargalhar sombrio*, por *ou o gargalhar sombrio*; no mesmo soneto, 2º verso da 2ª quadra, *Tambam sobre mim sangrentas maldições*, por *Tombaram*, etc., *maldições*; no artigo «Dezoito de agosto», onde está *afinco que as caracterizam*, leia-se *afinco que as caracteriza*; no artigo «Carta aberta», onde se lê *vacilo sem discordar*, leia-se *vacilo em discordar*, etc.

Alguns artigos compostos, por falta de espaço só sairão no proximo numero, dentre os quais uma apreciação sobre «A Defeza da Patria», do 1.º Tenente do Exercito Ildefonso Escobar.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 6.º

Maranhão, 21 de outubro de 1917

Num. 75

Rocha Pombo

Nós também, humildes pioneiros que calcamos esperançados o mau pizo da in-via estrada literaria, fomos apresentar os nossos saudares ao tão erudito quão bri-lhante literato, cujo nome gloriôzo en-testa estas linhas palidas e que S. Luiz, tem a ventúra de hospedar.

Fomos em comissão, e os nossos cere-bros moços fantaziavam, dada a aureola lucida de glória que lhe nimba o nome famijerado, nome que firma a mais com-pléta e minuciôza historia da nossa pa-tria querida e imensa, encontrar um Ro-cha Pombo com ares doutrinarios de cá-tedra e pruridos de estadear os seus co-nhecimentos profundos de historia.

O Rocha Pombo que encontramos foi completamente outro do que imaginava-mos: amavel e simpatico velhinho, de uma simplêza encantadôra que nos cati-vou de começo, ele sem nos conhecer ainda, pois era a primeira vêz que lhe dirigiamos a palavra, convidou-nos com lhaneza de um perfeito cavalheiro a en-trar para os seus apozentos, onde, depois de nos termos apresentado, declinando a incumbencia que ali nos levava, que era a de o saudar em nome da agremiação de letras que representavamos, iniciamos com com tão illustre e eminente literato, animada palestra.

Louvando a nossa idéa de nos acolher-mos debaixo da proteção do maiôr dos brasileiros do passado, o «Chanceler de Oiro», enalteceu a figura mascula e vi-toriôza do nosso egrejo patrono, depois, sem arrebiques sedições nem tropos cam-panudos, discorreu larga e sabiamente sobre as mentalidades mais flamejantes e gloriôzas da nossa «Atenas» e, referindo-se a João Lisboa, o vibrante e intrépido lutadôr da imprensa no Maranhão, de cuja pena chisparreante a literatura bra-zileira déve os mais primorôzos lavôres classicos que a ézornam, teve palavras de sincéra admiração e carinho, que muito nos envidaram a nós, porque somos ma-ranhenses, porque nacemos na terra ben-dita de tão esclarecido filho.

Falou-nos ainda de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Gomes de Souza, Sotó-ro e muitos outros, com a mesma natu-ralidade, sem preocupação de forma, fa-zendo seguir cada nome consagrado dos acima escritos, dos adjetivos sinjélos que lhe traduzem a admiração, que é também sinjela, porque ele todo respira simplici-dade e bonhomia. Finalmente, teve pala-vras de encorajamento para conôco, fa-zendo seguir cada nome consagrado dos acima escritos, dos adjetivos sinjélos que lhe traduzem a admiração, que é também sinjela, porque ele todo respira simplici-dade e bonhomia. Finalmente, teve pala-vras de encorajamento para conôco, fa-zendo seguir cada nome consagrado dos

com que venceram nas estrefegas incru-entas com a Indiferença e conquistaram a acropole lucilantê da glória que ao de cima do seu murzêlo chapeado e irriqui-êto, não atiram siquer para os pajens e escudeiros iniciandos, um olhar de bon-dade e alento. Esses homens têm como que um cume egoistico de si propprics, dir-se-ia que temem a aproximação, tal-vez porque não rezistam ao perlustrar meticulôzo de um exame; idolos que se alardeiam, muitas vezes, serem feitos de oiro puro, são, no entanto, de kaolino vil e quebradiço, e, só assim, se explica essa aura intransponivel de severidade, que procuram criar em torno das suas indi-vidualidades.

Aludimos então ao Rio de Janeiro, a capital maravilhôza, o grande centro das manifestações inteletuais e artisticas, em que a estezia pujante da nação pompeia complexa em pleno agrago, o cerebro li-terario do gigante Brazil e etc, com a mesma calma e sinjelêza, em uma fraze só sintetizou, definiu, a luta ciclópica, exaustiva em que se têm de empenhar os nóvos para vencer na grande Metrô-pole, que torna defêza as portas da sua prodigalidade aos catecúmenos das letras e artes. Quem para lá vae, moço e ainda desconhecido, embora com muita erudi-ção e talento, encontra em todas as ês-pressôis o enfado e a recuza; vitoriôzo, conquistadôr, bafejado pela gloria, a rôza amavel de um sorrizo sevandija es-correndo adulação, encontra-a em todas as fáces. Os editôres, que outrôra lhe não atendiam as supplicas humildes, dis-putam-lhe com furôr as obras.

O Rio, disse ele: é para os que come-çam, «como a China foi para os inglê-zes, só ha um meio de conquistá-lo—o canhão»:

Sim, o canhão da Arte a vomitar bom-bardas de talento num tiroteio de obras, que se bem que não sejam primôres de-vem no entanto, impressionar, sujestio-nar, subjugar e aí temos conquistada a cidade magnifica; que naceu humilde nas faldas do Pão do Assucar e se estendeu ovante, zombando da resistencia dos morros, grimpando-os, numa sêde de amplitude e luz, como um hino vibrante e altiloquo ao Progrêso e a Civilização.

Palestramos ainda sobre outros assun-tos e já pezarôzos da perda de tão bêla próza, pedimos licença e nos despedi-mos do illustre homem de letras.

Voltamos á nossa tenda humilde, cheios da vibrantidade animadôra daquêlas fra-zes desburiladas mas plenas de energia, que muito nos incorajaram para a luta contra os máus e, aqui neste recanto, para nós sagrado, onde vivemos aguerridos e acobertados dos golpes rudes, inclemen-tes, dos que nos querem esmagar pelos nossos broquéis açacalados, rijos—os li-vros; ou francos, acolhedôres, para os

bons que de nós se acercam anêlando ser-dos nossos, bendizemos esse impulso feliz que nos levou a procurar tão eminente brasileiro.

E' que a impressão que dêle trouxemos foi a mais grata que poderíamos trazer, voltamos encantados de tanta simplêza e amabilidade.

E, dessa mesma impressão suave, re-zultou o pensarmos quão grande mereç-seria para nós o termos um Rocha Pom-bo entre os nossos homens de lêtras aqui em S. Luiz, porque decérto, a mocidâde, que anda dezajudada, a lutar sozinha, o teria como guião á frente da hoste môça, a aquecê-la com o calor da sua palavra carinhôza, a ilumina-la com o esplendôr da sua gloria imensa...

Os Ateniadas

Canto Primeiro

XXXVI

Mas Mavorte que a todos empurrava
Nessa estronzoza e má carniceria,
Ou porque seu mistêr assim mandava,
Ou porque nenhum povo se rendia,
De seu trono de luz, de fogo e lava
Vendo que a luta não esmorecia,
O busto seu erguendo, meio irado,
Fez conhecer seu grande dezagrado;

XXXVII

Então fez reunir a grande entente (34)
Num concilio leal, forte e seguro
Para acabar a ação belijerante
Que fez da Europa um colossal monturo;
E num gesto de rei predominante
Poz o *deus* da Alemanha em grande apuro,
Chamando-o a dar seu voto no tratado
Que lhe ia ser então comunicado.

XXXVIII

E disse: «O' tu Guilherme o teu criterio
Por tuas proprias mãos arruinaste;
Se o dezejo não tens de um novo império
Ir governar a terra em que mandaste,
Se não queres errar no presbiterio
De uma vida infeliz que não sonhaste
Não supports mas tempo o grave aspêito
De tirar desta guerra algum proveito.

XXXIX

«Não vês que é bem funesto o dezenlace
De um paiz como o teu conceituado
Por um capricho sordido e sem classe (35)
De seu rei, ser assim desconjuntado;
Não procures trazer na rêjia face
O desgosto de um *Kaiser* destronado
Pois é macula eterna que viceja,
E não queremos nós que isso se veja.

XL

«Depende pois de ti a rude empreza
Desta guerra estronzoza e mal fadada;
Não busques mais lutar pois é balfeza
Rezistir sem poder nessa emboscada.
Então teu povo em toda a redondeza
Teu nome bendirá, nessa cruzada
E num salmo de glorias desconforme
Não serás um judeu que a lenda informe.

Camonilo.

—os aliados
—seu nome

PARNAZO

BERLINDA

A's almas simples

I

No avarandado espaço
da caza grande, sentido,
vê-se um grupinho mimôzo,
de moreninhas formado.

Diz, Lôlô, com ar dengoso,
num tom de voz delicado,
às companheiras de gozo,
nos folguêdos do eirado:

—Vamos brincar de berlinda!
—Brávos! sim, que bela idéa!
—vaes tú primeiro Florinda...

—Eu!?... Tú, sim, fazes a estrêa...
E vac então a mais linda,
das moreninhas da aldeia...

S. Luiz I-VIII-MCMXVII.

II

Corre a rôda... as companheiras
que lhe invejam a beleza,
comentam, muito lampeiras,
da coleguinha a simplêza.

Depois que crueis, brejeiras,
criticaram da indêza,
em nome de suas parceiras,
fala, Lôlô, com ferêza:

—Está você na berlinda,
porque namôra um fuinha,
porque é delambida e feia.

porque se crê muito linda,
e vive só na cozinha,
temendo perder a ceia...

III

—Escólhe agóra, menina,
das quatro a que te convem,
e não te façás de fina,
não te aborrêças, meu bem!

—Anda! fala agóra, e ensina,
depois a que pra ai vêm,
revelando-lhe ferina,
os seus defeitos também.

Do vexame a póbrezinha,
envólta na escura ceia,
nada diz...—fala, lindinha!

E confuza éla ainda anceia,
mas diz depois coradinha:
—a que disse que eu sou feia...

Reis Perdígão.

Com ares de cronica

Não é precizo que saíamos daqui para
mais lonje. Basta que vámos apenas até
Fortaleza para fazermos um pequeno cal-
culo aproximativo do quanto é ridicula
a nossa urbs.

Passamos uns mezes ali e tudo se nos
afigura tão diferente: os cearenses, ape-
zar de pertencerem a um Estado pauper-
rimo, endividado ao maior ponto possi-
vel, assolado pelas secas sucessivas, e di-
zimado agora pelas enchentes, são mais
ditozos do que nós. Com a influencia di-
reta e nociva das suas modalidades cli-
maticas e seus fenomenos naturaes, onde
nos parece que a Natureza zomba daque-
le rincão, com sarcasmo, nas manifesta-
ções antagonicas, as mais flagrantes, de
seca e cheia, com tudo isso os nossos vi-
zinhos são mais ditozos!

Parece lenda que nós, um povo tão in-
tellectual, intitulados de atenienses bra-
zileiros, nacidos num dos pedaços de
terra mais ricos e fertéis do mundo, sem
ingratidões da natureza, com um solo
cortado de rios navegaveis, ainda este-
jamos entregues a burguezia sordida, que
sem reбуços nos resalta aos olhos. Pa-
rece lendario, mas é, infelizmente, mui-
to verdadeiro.

Os bondes que aos flajelados de Po-
rangaba (suburbio de Fortaleza) já não
prestam serviços, os mais insignificantes,
essas gaiólinhas ambulantes, aleijadas
pelo uzo e miseravelmente antihigienicas,
são adquiridas para o trafego da nossa
cidade! Sentimos vibrar até os ossos
quando saltamos e observamos que os
carrinhos de condução que deixamos
lá em Porangaba e Ipú, fôram trazidos
para cá e singram as nossas arterias na
mais torpe ostentação de miseria, iner-
cia e desleixo.

Quando se fala por ai afora no nosso
Estado, vêm logo á baila os nossos bon-
des, e se um afirma que mandou parar
celere veiculo com o fim de se barbear
ligeiramente, o outro garante que ao che-
gar nas ladeiras tiram-se os burros e sol-
ta-se o precioso carro numa velocidade
de pascar!!!

E quem nos atirou ao ridiculo? as ne-
cessidades financeiras? Penso que não,

porque não ha Estado mais pobre de re-
cursos do que o do Ceará.

Como pode a nossa cidade ter vida,
ganhar terreno no desenvolvimento, se
não temos quem nos transporte desta
para aquela rua e se somos obrigados a
recolher-nos com o sol porque não te-
mos iluminação que nos permita enxer-
gar as pedras que pizamos? E' im-
possivel.

Tantos e tão grandes teem sido os em-
peçilhos antepostos pelos «homens» a es-
ses melhoramentos, que chegamos a avan-
çar que só os nossos bisnetos ver-nos-ão
com luz e bondes.

Pobres de nós mesmos!

D. F.

A Traição

A pitoresca e amena Alemquer habita-
va Eunice, a linda camponia da tez alva e
rozada, dos olhos negros e buliçozos, das
madeixas coracoladas, do porte elegante,
atraente e sedutôr, dotada de extrema
simpatia e generôzo coração.

Ao despontar faustôzo do dia dirijia-se
ela, alegre, cantarolando, ao *atéliér* de
modas donde éra a mais modesta apren-
diz. D. Anjela, assim se chamava a pro-
fessôra, uma senhora idôza e conhecedô-
ra do bem, estimava-a bastante, tratañ-
do-a con.o filha.

Eunice, graças á intelijenca que pos-
suia, conseguiu aprender rapidamente o
oficio, tornando-se assim adjunta de D.
Anjela, que, de dia para dia, a distinguiu
mais, chegando a dizer-lhe:

—Eunice, minha boa menina, quando
eu morrer tomarás conta deste *atéliér*
e dêle te farás applicada professôra.

Foi o bastante para que a empreende-
dora Eunice inspirasse inveja em todas
suas colegas, excêto em Tereza, a quem
tinha como amiga e estimava como ir-
mã. Entre uma e outra, não haviam segrê-
dos; Tereza, sendo mais velha do que
Eunice, esta, votava-lhe respeito e gran-
de confiança.

D. Anjela tinha um filho de nome
Alvaro, que também apreciava Eunice.
Quazi sempre, antes da lição, entreti-
nham os dois jovens animada palestra,

no decorrer da qual Eunice, sendo muito
injenua, não percebia a grande paixão que
atormentava o pobre Alvaro.

Passado algum tempo a innocente apren-
diz dirijindo-se a sua inseparavel ami-
guinha, disse-lhe:

—Tereza, quero que me resolves o
seguinte problema: antigamente o Alvaro
conversava comigo sobre assuntos trivi-
aes; hoje não; ainda hontem, depois de
ter dito que eu era linda e simpatica per-
guntou-me se eu ainda não tinha reparado
que elle... e não completou o senti-
do, tornando-se rúbro. Eu, que nada ha-
via compreendido, dei uma grande gar-
galhada e fui para junto de D. Anjela.
Que quer isto dizer?

Tereza, ao ouvir as palavras de sua
amiga, ficou surpreendida, pois amava
Alvaro e supunha sér correspondida. De-
pois deu consêlhos a Eunice, dizendo-lhe:

—Então não sabes, Eunice, que ele
queria zombar da tua juventude?! Ele
estava escarnecendo de ti. Sabes que de-
ves fazer? Amanhã, quando ele aproxi-
mar-se de ti para conversar, retira-te,
vindo para junto de mim, que ele natu-
ralmente compreenderá e jamais te pro-
vocará. Terminado o consêlho, Tereza
beijou afetuosamente a fronte de Eunice
dizendo-lhe que não esquecesse suas pa-
lavras.

Eunice ia para caza, alegre como sem-
pre, esquecendo o passado, enquanto que
Tereza ia cabisbaixa e dizendo com seus
botôis: ora, eu, que julgava sér amada por
Alvaro, agora acabo de ter a certeza do
contrario! isto é desesperadôr, porem,
ainda não dezanimei, vou fazer tudo para
que ele esqueça Eunice.

Alvaro arquitétava: Será possivel que
Eunice não saiba compensar o amor que
lhe tenho? Qual, não acredito. Hei de
tentar até conseguir.

Certo dia, Eunice dirijia-se para sua
mansão, não tanto alegre como outrora e
sim com a cabeça baixa e a fisionomia de
quem sofre. Alvaro tanto lutou que saiu
vencedôr, passando a viver muito satis-
feito, pois tinha a certeza de que era ama-
da.

Mezes depois Alvaro pediu licença a
D. Anjela para cazar-se com Eunice, ao
que ella acedeu com prazer.

Tereza, desesperada por vêr que os seus esforços foram inuteis, arranhou um trama contra os dois jovens que eram demaziadamente felizes. Encontrando-se com Alvaro, fez-lhe vêr que Eunice não era digna dele, pois em nada honraria o seu nobre nome. Alvaro ouviu tudo isso com indiferença, em nada acreditando.

Tereza vendo o seu plano falhar, resolveu tramar um estratagemma melhor.

Acontecendo Eunice adoccer, Tereza aproveitou-se desta ocasião para fazer uma carta em nome de Eunice despachando Alvaro e outra deste áquela. Alvaro ao receber a dita carta teve uma grande agonia e restabelecido desta, não podia compreender a resolução tomada por aquela a quem adorava; Eunice, tambem, ao receber a carta chorou bastante, agravando, de certo modo a sua doença, emquanto que Tereza ria-se a bom rir do succésso que antegozava.

Diariamente Tereza ia vizitar Eunice, fingindo-se alheia a tudo.

Eunice, quando boa, dirijindo-se a igreja, encontrou Alvaro, magro e palido, não parecendo aquelle de outr'ora. Este, ao dar com Eunice avançou alguns passos, recuando immediatamente, e disse:

—O' Eunice, como pagas tão mal a quem... vive por... (o pranto embargou-lhe a voz). Enchugando as lagrimas que lhe corriam pela face, olhou-a demoradamente. Ela comovida balbuciou:

Estarei sonhando?

—Não, ingrata, estás junto ao sêr que te venêra.

—Alvaro, porque me chamas ingrata, quando foste o unico culpado?

—Eu, culpado? Em que? Ela, tirando da bolça a carta, apresenta a Alvaro. Este tambem tirou a sua, fazendo o mesmo. Desfeito o labirinto em que os envolveram perversamente, chegaram a conclusão de que haviam sido traídos. E por quem? Por aquela que Eunice supunha sua amiga!

Eunice então, exultante de alegria, apertou a mão do noivo, dizendo:

—Estou certa de que não devemos confiar em amigas, Alvaro, voltemos á igreja e vamos dar graças a Deus pelo nosso encontro e pedir perdão para aquela leviana que, conduzida pela invêja, teve coragem de nos trair.

M. F.

Lingua Portuguesa

I

Senão—Nas frases negativas se emprega *senão*, nas afirmativas: *apenas, só, somente.*

«Não faz *senão* chorar»
«Só faz chorar»

II

Senão—Constitue dois elementos distintos: *se não*, ligando clausula adverbial de condição, oração latente.

«Estuda; *senão*, não te levo á festa».

«Estuda; *se não* estudares, não te levo á festa»;

III

Por *exceto*, a não ser, salvo.

«Não diz outra coisa, e não ser, salvo, *senão* lamurias».

«Não diz outra coisa *exceto* lamurias»;

IV

Com o valor do pronome relativo *que*.

«Não quero *senão* livros»;

«Não quero outro coisa *que* não sejam livros, ou as quaes cousas não sejam livros.»

V

Com o valor da conjunção *que* comparativa do adverbio *mais*

«Não vejo *senão* aves»;

Não vejo *mais* do *que* aves»;

VI

Com o valor de *mas*, conjunção adverbativa.

«Não se enriquece na ociosidade, *mas* trabalhando»;

VII

Com o valor de *mas, como, e*, correlativo do *não só*.

«Não só Pedro *senão* Augusto»;

Não só Pedro, *mas* ainda Augusto»;

«Não só Pedro *como* Augusto»;

«Pedro *e* Augusto.»

José Augusto Corrêa.

Ninhos dos passaros

de

Chateaubriand

(TRADUÇÃO DE DINAH RIBEIRO FREIRE)

Uma admiravel providencia se faz observar nos ninhos dos passaros. Não se pode contemplar sem ficar comovido esta bondade divina que dá a industria ao fraco e a providencia ao descuidado.

Logo que as arvores desenvolvem suas flores, mil operarios começam seus trabalhos. Estes trazem longas palhas ao buraco dum velho muro, aquelles edificam cazas nas janelas duma igreja; outros furtam uma crina a um cavallo, ou o fio de lâ que a ovelha deixou suspenso num espinheiro.

Ha lenhadores que cruzam ramos no cimo duma arvore, ha fiandeiras que recolhem a seda num cardo. Erguem-se mil palacios: é um ninho; cada ninho vê metamorfoses encantadoras; um ovo brilhante, em seguida um pequeno coberto de penujem. Este se cobre de penas; sua mãe lhe ensina a se levantar em seu leito. Dentro em pouco ele vai até se inclinar sobre a beira de seu berço, donde lança um primeiro olhar sobre a natureza.

Admirado e encantado precipita-se entre seus irmãos, que não viram ainda este espetaculo; mas, chamado pela voz de seus paes, sae uma segunda vez do seu leito, e este joven rei dos arês, que traz ainda a corda da infancia em torno de sua cabeça, ouza já contemplar o vasto ceu, o cume ondeante dos pinhos e os abismos de verdura abaixo do carvalho paternal. E contudo, enquanto as florestas se regozijam recebendo seu novo hospede, um velho passaro, que se senta a-

bandonado de suas azas, vem cair perto duma corrente d'agua: ai resignado e solitario, espera tranquilamente a morte na beira do mesmo rio, onde cantou seus amores e cujas arvores trazem ainda seu ninho e sua posteridade harmonioza.

Marina

A' interessante Niomar Pereira Rego

Personagem—JULITA, 6 anos

Monologo

Eu ganhei uma boneca!
(Boneca, não, uma môça.)
—E' muito linda! E' de louca!
Os olhos remexem, assim...
—Qu'zi sempre de manhá
E'la chora e manhá faz,
Vira os braçinhos pra traz
E me chama de Mamã...

—Ora, eu, Mamã, nesta idade,
Tão criança e pequenina!...
—Mas quero bem a Marina,
Que é o nome bello que eu puz;
—Para em caza não ficar,
Levei-a hontem a passeio,
Mas não sem grande receio
De um deazastre lhe matar!...

—Comprei-lhe um saco de balas!
—Coitadinha, éla não come...
parece morrer de fome,
Nem agua bebe a Marina!
—Fica sentada no berço,
Tão muda e socegadinha,
Que até parece velhinha
Rezando sempre o seu terço!

—Mas... estou contando tudo
Na minha simples franqueza;
Si querem vêr que beleza,
Esperem que eu vou busca-la!
—Vou trazê-la para cá...
—Reparem bem no vestido!
—No sapatinho polido!...
—Esperem que eu volto já.

Rio-917.

Hilton Fortuna.

Explicações

(Matematica)

Numero—é uma coiza que indica a quantidade de coizas que existe em uma coiza qualquer.

Um numero é:

Inteiro—quando arrecada todas as coizas de uma coiza e tem grande utilidade na vacaria.

Quebrado—quando tem menos coiza em uma quantidade de coizas; quando leva contrabando nos bolsos e finalmente quando nos bolsos nada leva.

Mixto—quando tem todas as coizas de uma coiza e mais alguma coiza da dita coiza; quando indica um tipo exoterico e cheio de protuberancias e quando não tem um sexo determinado.

Abstrato—quando só, não gostando que coiza alguma o acompanhe; quando tem passa-porte para o reino da Lua e quando não quer compreender de forma alguma os credores.

Par—quando indica varias coizas terminadas em um certo numero de coizas e quando indica a louca fuzão matrimonial de dois *abstratos*.

Complexo—quando tem, alem da cara metade, ramificações do almejado enlace.

Primo—quando indica uma coiza que só pode ser dividida pela dita coiza ou por uma só coiza, e quando indica, sob a mascara do parentesco, o «prologo» de uma futura asneira.

Prof. Hellst.

"O Ateniense"

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Joaquim Vieira da Luz—Presidente
 Mariêta Fortuna—V. Presidente
 João Vitor Ribeiro—1.º Secretario
 Estér Fortuna Pires—Tezoureira
 2.º Secretario—vago
 Jozé Padua Fortuna—Bibliotecario
 Djalma Fortuna { Comissão de
 Jozé M. Reis Perdigão { revisão

Assinatura anual 1\$000

As assinaturas terminarão sempre em dezembro.

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

12 de outubro

Já não é sem entusiasmo que nós, os brasileiros, aguardamos os nossos dias de festa nacional.

Até bem pouco tempo eramos um povo indiferente às nossas datas e mui raramente nos importavamos com a sua comemoração.

Hoje, porém, que em todas as veias circula um quer que seja de entusiasmo, esperamos com interesse esses dias de gala, com a convicção de um acontecimento qualquer que desperte o nosso obscurantismo.

A 12 deste mez decorreu a data comemorativa da descoberta da America, o que rejistou na historia universal a grande gloria do genovez Christovão Colombo, que conquistou assim os louros de seu almirantado.

Antigamente os descobridores eram agraciados com esses incentivos que tinham por fim estender a civilização por toda parte.

Christovão Colombo foi um destes heróis e a sua historia vale um grande tezoiro de privações e desgostos com que êle marchetou o caminho gloriôzo de sua missão.

Devemos a êle a nossa inserção continental e entretanto cinco seculos já se vão escoando depois desse grande dia sem que se façam à sua memoria as homenagens que ela merece.

Oito anos mais tarde era o nosso Brazil arvorado na gloria triunfal de um novo almirantado, que immortalizou o nome de Pedro Alvares Cabral.

Não devemos, portanto, ser indiferentes à data que os nossos antepassados buscaram registrar com solenidade.

Esse nobre dever de que pouco nos percebiamos é hoje fielmente cumprido graças ao patriotismo que vemos germinar em todos os brasileiros.

As nossas datas comemorativas não decorrem mais sob aquêla grande frieza de outros tempos.

Ha um mez vimos o esplendor com que os brasileiros festejaram o aniversario de sua independencia e ultimamente notamos que o 12 de outubro teve tambem a sua solenidade.

As corporações militares dos Tiros 47 e 344 numa entuziastica parada percor-

reram as nossas ruas despertando o patriotismo atravez do garbo majestozo com que envergavam a glorioza farda dos defensores da patria.

O Maranhão se orgulha por ver que os seus filhos se vão compenetrando do sagrado dever que lhes compete cumprir, cultivando esse sentimento nobre, esse apanajio de glorias a que chamamos—o amor da patria.

A Defeza da Patria

Devido a nimia gentileza do nosso conterraneo Pedro Mendes tivemos ensêjo de apreciar a bela conferencia realizada pelo 1º Tenente do exercito Ildefonso Escóbar, na Associação Cristã de Moços, no Rio, em 31 de maio de 1917.

O conferencista revestindo-se da maxima modestia disse que o soldado «adaptado ao estampido do fuzil e ao son vibrante do clarim, que anuncia a formação para o exercicio, ou transmite a vontade do chefe que guia uma coluna de manobras, dia e noite, só cojitando de afazeres profissionais... não pode ser o homem polido e erudito, o *gentleman* de fina educação e maneira distintas, capaz de transmitir o seu pensamento, fazer deleitar e vibrar de entusiasmo em auditorio selêto...» Entretanto, o soldado de tropa, como se disse, pronunciou sobre o tema de que se ocupou, «palavras sinceras e positivas, sem rodeios, sem as roupagens da fantazia».

Mostrou-se o conferencista profundo conhecedor das nossas necessidades e um verdadeiro doutrinador do sagrado sentimento que é o patriotismo.

O nome do Tenente Escóbar é sobejamente conhecido como militar consciencioso dos seus devêres e da sua responsabilidade.

Assim, pois, exemindo-nos de comentar a sua conferencia, aconselhamos aos môços nossos patricios, a sua leitura e que aproveitem os ensinamentos sadios e necessarios, gravados nas rapidas 23 paginas, vibrantes de amor a Patria.

D. Francisca de Paula e Silva

Transcorre hoje a data natalicia de D. Francisco de Paula e Silva, virtuosissimo bispo da nossa Dioceze, e nosso distinto socio honorario.

S. Exc. Revm.ª, atualmente na Capital Federal, tem sido um vivo exemplo de sabedoria e entre nós goza da mais sincera simpatia.

Enviamos-lhe os nossos afetuosos cumprimentos.

Rejisto Elegante

Nascimento:—Tiveram a nimia gentileza de nos participar o nacimiento do seu primojenito o nosso amigo Henrique Champoudry e a exma sra d. Edithe Souza Chapoudry. Ao Alberto, nome que deram ao bebê que aparece, dezejamos inumeras felicidades.

Cazamento:—Honraram-nos com a comunicação do seu enlace matrimonial, ocorrido a 29 do passado nesta capital, o

nosso illustre amigo Placido Camões e a nossa dedicada consocia Cezaltina Botelho Camões, a quem sinceramente almejamos as maiores venturás pelo muito que merecem os nubentes, possuidores de grande circulo de simpatias e relações, em nossa fina sociedade.

Falecimentos

Telegrama vindo de Portugal dà-nos a dolorosa noticia de haver falecido ali a exm.ª sr.ª d. Etelvina Roza de Mello Fernandês, veneranda avó do nosso compaheiro Manuel Lisboa, academico da faculdade paulista.

A finada pertencia a uma das mais conceituadas familias da nossa escol, a quem apresentamos as nossas condolencias.

No dia 12 do prezente mez faleceu a bordo do «Brazil», em Natal o sr. Francisco Xavier Ribeiro Fonseca, conceituado cavalheiro geralmente estimado por quantos lhe conheciam o modo lhano de tratar.

Era socio da importante firma comercial Cunha Santos e Comp. sucessores, da nossa praça e cazado com a exm.ª sr.ª d. Cecilia Fonseca, de cujo consorcio deixa 12 filhos.

Pezames.

O nosso prezado conterraneo Dr. Antonio de Castro Pereira Rego, passou pelo dissabor de perder a sua veneranda genitora, exm.ª sr.ª d. Maria Rego.

Senhora pertencente a uma das mais illustres familias do Maranhão, e tanto aqui como no Rio de Janeiro, onde rezidia, contava largo circulo de relações e amizades sinceras.

Ao nosso prestimozo conterraneo Pereira Rego, uma das figuras mais simpaticas do Maranhão atual, bem como ao seu irmão dr. Raymundo Pereira Rego, advogado da capital da Republica, as expressões das nossas condolencias.

Punje-nos a alma o dolorozo dever de noticiarmos o passamento da exm.ª sr.ª d. Carolina Cantanhede Vaz, extremoza espoza do integerrimo juiz seccional neste Estado, o nosso eminente amigo dr. Jozé Viana Vaz.

A falecida era senhora de peregrinas qualidades moraes, e no dia 7 data da sua morte, a sociedade maranhense perdeu uma das suas figuras mais venerandas e queridas.

Ao dezolado espozo e aos inconsolaveis filhos as expressões sincêras do nosso imenso pesar.

No dia 18 faleceu, às primeiras horas da manhã, o estimado moço Agripino Fonseca, conceituado empregado na Repartição dos Correios, onde contava muitos amigos, pelas suas raras qualidades de carater e destinto modo de tratar.

Deixa 5 filhos e espoza na mais acerba dôr, a quem apresentamos as nossas condolencias, na qualidade e uns dos mustos amigos que contava o extinto moço, empregado publico modelo, que honrava a distinta classe a que pertencia.

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 6.º

Maranhão, 3 de novembro de 1917

Num. 76

O Genio Latino

Dever que nobilita, empreza que engrandece, tarefa que exalta esta a de render culto á memoria do bardo consagrado por todas as gentes como o defensor intranzijente dos nossos aborijenes, como o poeta erudito e espontaneo que nos legou uma obra vasta e fuljente.

Nobilita porque ninguem como Gonçalves Dias produziu, aos 16 anos, versos como os de seus «Primeiros Cantos», cheios de arte, que abriram em nossas vistas novos horizontes; engrandece porque foi ele o purista da lingua de Frei Luiz de Souza, que nos deu «O Brazil e a Oceania», onde os seus vastos conhecimentos de historia dos povos e a admiravel destreza com que manejava o idioma que falamos, fundem-se na mais perfeita comunhão de

saber e de engenho; exalta porque o épico de «Y-Juca Pyrama» nos discortinios de sua imaginação privilejiada mostrou-nos o quanto foi nobre, altiva e poderosa a raça dos nossos avós, empunhando, naquele poema imortal, as mais arrebatadoras e empolgantes estrofes da lingua portugueza, o cétro da arte e da harmonia.

Feliz como a palheta de Eduardo de Sá, quando imaginou na sua tela admiravel o quadro da morte do poeta, onde o selvajem acolhe os seus despojos, agradecido e reverente, foi a pena de Alexandre Herculanio quando fez a critica do vate de «Ainda uma vez, adeus!» dando-lhe as honras a que fez jus e os encomios que granjeou com sua arte, seu talento e seu éstro.

Ora cantante e harmonioza, como o murmurio da fonte, ora forte e estriçulante, como o ribombar da trovoadá infrene, foi a sua lira, donde arrancou os acordes sublimes e cadenciados do metro empolgante e sugestivo.

Cada ano que passa, lonje de ser um punhado de poeira atirado ao nome augusto de Gonçalves Dias, é mais uma voz que se levanta, é mais um grito que estridula, é mais uma corôa de loiros que lhe tecemos, numa trilojia vitorioza de orgulho, gratidão e gloria. A poeira do tempo, esse poderoso fator de destruição que apaga tudo sobre a terra, desde o intelecto que se elevou aos paroxismos da ciencia até ao carater que deceu aos meandros da depredação, essa poeira não passará nunca, nem de leve, pelo nome do genio da raça latina, porque nós o sabemos honrar e nos temos feito sentinela patriotica das suas glorias.

Hoje e amanhã ele é e será o mesmo que ontem foi: o biblico, o lirico amoroz, o historiador, o dramaturgo, o etnografo, o linguista, o sociologo dos nossos primitivos incolas e o libertador da poezia portugueza



do classicismo.

Graças á iniciativa brilhante de Henriques Leal, e benemerito conterraneo que publicou o «Panteon Maranhense», temos a effigie do poeta na praça das palmeiras, eternizada no marmore da sua estatua.

Olhando o mar que o roubou á terra, ouvindo o trinar do sabiá nas palmeiras viçozas que circundam a sua estatua, está ele, o martir do amor, o vate sentimental que tanto elevou toda uma raça.

Henriques Leal, esse mesmo maranhense que nos deu a lér o que João Lisbôa escreveu, que é hoje o nosso mais honroso padrão de glorias, deu-nos tambem a conhecer a vida do autor de «Boabdil», nos seus mais minuciozos detalhes, onde conta o padecimento agro do

poeta a quem o amor tanto fez sofrer.

Não que a vida de Gonçalves Dias não fosse conhecida por nós, pois estava toda ela estereotipada no marmore dos seus versos, sincera e franca.

Ele apenas fez gravar os seus feitos, salientar suas benemerencias, erijindo no seu «Panteon» um altar de glorias ao genio latino que tanto orgulho traz ao nosso passado, porque formou, com Odorico Mendes, João Lisbôa, Sotero dos Reis e Gomes de Souza o nosso mais augusto pedestal de glorias e tradições nobres.

E porque o estilista cantor da poezia indiana foi a figura mais luminosa daquele tempo e continua a ser, representado pelo monumento da sua vasta missão intellectiva na terra, hoje o mestre das gerações que lhe succederam, é que aqui, no Maranhão, terra do seu berço, nunca passou despercebido o dia 3 de novembro, quando, em 1864, passou á vida subjectiva o maior dos maranhenses de todos os tempos.

No ano de 1900, a Oficina dos Novos, associação literaria dos rapazes daquele tempo, fez a primeira romaria ao pedestal de Gonçalves Dias, e, desde então, ela se vem efetuando anualmente, cada vez mais pomposa e brilhante.

Em 1914 pertenceu á Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», ajudada pelas demais associações que naquele ano existiam, a organização da grande romaria civica, a qual foi uma das mais brilhantes até hoje efetuadas ao marmore do poeta, na praça do seu nome.

Este ano, cabe á «União Estudantal Sylvio Romero» a direção da tradicional romaria á estatua do grande imortal, e o nosso desejo é que ela seja tão brilhante, quanto as outras que se têm feito e de tanto fulgor como a memoria excelsa do dramaturgo de «Leonor de Mendonça», que completa hoje 53 anos de morto.

PARNAZO

Vizão

(A Cruz Vermelha do Tiro Coronel Rondon, 344)

No fragôr da campanha, uma bala certa,
Rubra, infernal, cortante, os ares maculando,
A trincheira transpôz, aos silvos, fumegando,
E um soldado feriu, na espadau entrando inteira!

O sangue aos borbotões de golpe foi jorrando;
A dôr fê-lo tombar de um lodaçal á beira,
E a morte aterradora, horrífica e traçoira,
Já bem de perto andava o corpo seu rondando...

Entanto, o moribundo, ao divinal calor
De um beijo fraternal, transbordante de amor,
Abre os olhos e vê:—redentora missão!

Um vulto de mulher, carinhoso e perfeito,
Pensava-lhe a ferida, acalmava-lhe o peito...
—E êle morreu beijando a bemfazeja mão!

Rio

Hilton Fortuna.

Soneto

Baixel veloz, que ao humido elemento
A voz do nauta experto afoito entrega,
Demora o curso teu, perto navega
Da terra onde me fica o pensamento!

Enquanto vais cortando o salso arjento,
Desta praia feliz não se desprega
(Meus olhos, não, que amargo pranto os rega)
Minha alma, sim, e o amor que é meu tormento.

Baixel, que vais fujindo despediado
Sem temor dos contrastes da procela,
Volta ao menos, qual vais tão apressado.

Encontre-a eu gentil, mimosa e bela!
E o pranto que ora verto amargurado,
Possa eu então verter nos lábios dela!

Gonçalves Dias.

Esperança

Uma esperança eu tenho. Uma esperança,
que ao meu triste viver minóra as maguas,
tão pura como uns olhos de criança,
tão verde como um verde lençol d'aguas.

Companheira liál que se não cança
de seguir-me na vida toda fragoas,
é a esperança que eu tenho: essa esperança,
que ao meu triste viver minóra as maguas.

Bem dita sejas tu! que esta minh'alma,
das vertijens do mundo arrédas calma,
livrando-a dos seus leitos de Procusto.

Esperança que é:—de ao fim da vida
sorrir á humanidade corrompida
e morrer docemente como um justo.

Reis Perdigoão.

Poeta

Mais uma dobra do peplum poento do
tempo cae, procurando numa porfia vã
soterra-la, sobre a data inapagavel na
memoria de todos os brasileiros, eterna e
profundamente entalhada na alma de to-
dos os maranhenses, dada a tristêza e
luto intensos que lhes trouxe, data em
que deixou de pulsar o mais brasileiro e
o maior plectro que, por gloria nossa,
ha soado em hinos maravilhosos, sobre
a terra imensa de Vera Cruz.

Gonçalves Dias, poeta altiloquo e ge-
nio surpreendente, envergadura que as-
sumia as proporções heroicas de um ci-
clópe quando em assomos dignos dos
nossos ascendentes acobreados, livres, se
remontando ás éras primévas, quando a
patria era virjem e natia, nos conta entre
o rubro estridôr das inubias de guerra e
o revoltar macabro dos tagapemas en-
riçados, os feitos alevantados de valen-
tia desmedida, de bravura esparciata dos
nossos avós das selvas, ou a galantaria
bizarra da sua estilística tóscas, que cu-
mulava o vencido de carinhózos afágos
para, em seguida, vibrar-lhe impiedózo
e barbaro o golpe letal.

Poeta meigo, alma de sabiá ézúl ferido
pelo viróte acerado da saudade, lá nas
palças floridas do Mondêgo, com a sua
capa de estudante ao vento, solta a quei-
xa sentida de sua alma torturada pela
nostalja agriçôce das suas palmeiras
esveltas, fidalguitas do grande imperio
da floresta, de palmas picotadas
farfalhantes ao zéfiro, onde os seus ir-
mãos os sabiás, que sabiá ele o era, des-
cantan, ao lento decer do velarium da
noite, enquanto lá no alto céu muito es-
campo e muito dóce, a estrela vespéral so-
nha suavemente enlevada nas dolencias
opiáceas daquelas cavatinas paradiziacas.

Sob, a influencia dessas recordações
ágras o genio não ascenda em remijos
aquilinos a escrever poemas de luz e se
ia aninhar alanceado, mimózo num cali-
ce de cencem, para escrever versos deli-
cados como as petalas do bogari cheirózo,
meigos como o turturinar de um casal
de juritis amantes.

Eis ai pois, os dois aspectos principaes
sob que se nos apresenta o genio: ora
titã a brandir montantes, ora menestrel
enamorado a soluçar rimances. Quer

num quer noutro aspecto êle foi unico e
inatinjivel!

Gonçalves Dias!?... Quem é que te-
nha chgado a maior potencial de gloria
que lhe possa acazo fazer sombra?...

Ninguem, que genios são como os me-
teóros fugazes lucilantes, de milenios a
milenios riscam o azulino do céu de um
traço de luz e se abismam no nada final;
dos meteóros celestes o lucido rastro es-
mae e some ao término da sua trajecto-
ria; dos meteóros da terra a senda d'ouro
incendido que trilharam vitoriózos, per-
dura impoluta, mercê aos novos, que lhe
não deixam deslustrar o pizo agosto e
como as Vestâes de Roma pagã, alimen-
tam com devotado carinho, com relijiózo
respeito o lume transluzente que alumia
a memória veneranda dos seus fúliidos
fatóres,—os genios da humanidade.

Nada mais tocante, nada comóve tan-
to como ouvir ao som marcial e vibrante
do hino da nossa patria, os versos encan-
tadôres em que Gonçalves Dias, poeta
ainda estudante, vazou toda a sua este-
zia magnifica sob o aguilhão da saudade:

(Do que a terra mais garrida)
«Teus rizonhos lindos campos tem mais flores»
«Nossos bosques têm mais vida»
«Nossas vidas (em teu seio) mais amôres».

Escritos em Coimbra, quando lutando
para se fazer grande, Gonçalves Dias,
passava entre a indiferença fria daquêle
povo que não era o seu, naquêla patria
que não era a sua as provações mais for-
tes que é dado a um homem passar, vi-
vendo as êspensas dos colegas seus con-
terraneos, estes versos despretençiózos
sinjêlos souberam tanto aos coraçóis bra-
zileiros, que todo o Brazil os decorou e,
mais alto ainda subio esse primeiro lam-
pêjo do talento do poeta: o hino da pa-
tria, o segundo simbolo depois da ban-
deira que a personifica, foi busca-lo de
simples canção emotiva saudóza que era,
e fê-la o mais lindo trêcho dessa peque-
na patria armonica, que é o hino Nacio-
nal. E' que a «Canção do Exilio» faz
parte integrante do nosso Brazil querido!

Que importa hajam garabulhas que
num afã chârro de criticar, tenham ten-
tado depreciar-la?

Ela é, hoje que alguns dos seus ver-
sos mimózos soam dulcidos nos acentos
melódicos do hino da patria, mais que
emocionante e sublime,—é santa!

Não irei aqui enumerar a relação bri-
lhante e êstensa das produções do genio,
pois não me permite isso os cânones de
um despretençiózo artigo, em que procu-
ro inhabil com o meu buril rudé fazer re-
saltar do Páros da minha proza insulsa, a
figura varonil e grande do maior e mais
genuino bardo americano, que, para hon-
ra e gloria nossa, quiz a bondade da sor-
te, nacesse em terras maranhenses. Não
me ézimirei porém ao dezêjo que me
aguilhôa de joeirando tão vasto e rúti-
lo monumento, destacar dentre as gemas
de primeira agua que são as obras do ge-
nio o poemeto maravilhosos «Y-Juca Py-
rama», talvez a mais arrojada e gigan-
têsca concepção poética da alma ameri-
cana.

Biblia luminóza de dignidade e bravú-
ra, catecismo de dezassombro e firmêza,
com esses surpreendentes versos Gon-
çalves Dias conseguiu para a literatura
brazileira em algumas centenas de ver-
sos sonantes, impecaveis, o que para
consequillo na literatura sanserita, Val-
miki poeta facundo escreveu os 50.000
versos do Râmayama:—o nosso poeta es-
tereotipou a alma das selvas no oiro da
língua luza.

O grande etopeu das florêstas patrias,
sintetizou com sua arte magnifica numa
epopéia esplendida, toda a altaneria e
nobréza do Brazil Virjem.

Nem uma facêta que não irradiasse
feixes de luz tóve o fúlgido diamante, a
álma do grande poeta, e, nada mais alto
fála aos coraçóis brasileiros, que o final
alta e lindamente patriótico da sua lapí-
dar poezia «O Gigante de Pedra.»

«Porém se algum dia fortuna inconstante
Puder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, ó duro gigante!
Inunda estes montes, desloca este mar!»

Nada mais se pôde aerecentar sôbre
tão alta mentalidade de tão esclarecido
espírito.

Orgulharmo-nos de o termos por con-
terraneo, cultuar-lhe a formóza memoria
abroquelarmo-nos na grandêza da sua
glória e seguir-mos fortalecidos pelo seu
êzemplo, eis o que resta fazer e que,
graças aos deuzes, temos feito confian-
tes que o brilho do seu nome, como um
fanal amigo, nos guiará ás muralhas rijas,
agressivas, da Hierozolima da Vitória, e
que sua fama flamejante, será o ariete
d'ouro com que derruindo essas muralhas

sembrias, que são de indiferença e Inveja, penetraremos vitoriosos para gozar a doçura de repouzar com honra.

Reis Perdigão.

Gonçalves Dias

A compreensão nitida de um dever, é a tarefa mais dignificante que impõe a educação civica e moral de um povo, e feliz do povo que tem esta compreensão e dever a cumprir.

Passem-se anos, escoem-se lustros, amontoem-se seculos, a compreensão permanecendo, permanecerá, insufismavelmente, o dever e o seu desempenho será cumprido.

O viver sem ideal para o futuro e sem recordações do passado é tarefa que se coaduna tão somente com os míseros de espirito inteiramente divorciados dos principios de saber e entregues á escuridão sem limites do analfabetismo, apegados, dezastradamente, ao ideal da ambição, do crime e da miseria moral.

Quanto é magnifico o recordar do passado, mesmo não sendo de alegrias e de flores; quanta beleza e quanta saudade empolga a alma o folhearmos as paginas da historia da nossa vida de privações, do nosso sonho de felicidade, muitas vezes desfeito pelo capricho infindo da sorte; quanta sensibilidade rejuvenece a alma dos nossos avós ao derramarem lagrima de saudade pelo filho que tomou heroicamente no cumprimento de um dever dignificante; quanta poesia se diviniza na languidez choroza do semblante da mãe querida que vê partir o filho idolatrado para os campos de morte, em defeza da patria, da familia e da dignidade enxovalhadas pela arrogancia do inimigo vil ! ?

Assim é a humanidade, assim é a vida do artista, assim é a angustia do poeta: colhendo, nos charcos de sangue de seus irmãos, as flores olentes orvalhadas pelo pranto de avós, pai, mãe, noiva, irmãs...

E' esta a palma que ornamenta, e que agalardôa a frente dos heróis.

Foi assim, vitimado pelos mais acerrimos desgostos da vida, pelo indiferentismo estonteante dos da sua epoca e pelo desprezo escarninho dos despotas e egoistas da sua era, que Gonçalves Dias, afrontando tudo e todos, tornou-se a mais soberba e a mais alevantada gloria da nossa terra.

Qual Cristo numa nova Jeruzalem, em paga de tanta amargura, de tanto sofrimento inflinjido pelo orgulho da mulher que amou, da terra que lhe não deu o valor do seu merito, dos homens que lhe negaram a subsistencia para a vida, legou, de lonje, do exilio, o monumento que orgulha e envaidece as gerações que lhe sucedem.

A' memoria do grande artista sofredor, daquêle que tinha na sua imaginação, a lhe encorajar a vida dezolada, todo o fulgôr do nosso ceu de anil, das aguas romurejantes dos nossos caudalozos rios, o verdor dos nossos bosques, o trinar das nossas aves e o amor ao nosso berço imenso—o nosso preto sincero, imorredoiro, o nosso amor, toda a nossa gratidão !

Joaquim Luz

Os Ateniadas

Canto Primeiro

XLI

Isto escutando o *kaiser* tenebrozo
Soltando maldições, não aderiu
O tratado, que disse, vergonhozo,
Para um povo que nunca se oprimiu;
E assim não se quiz dar por desditozo
E sem mais atenção se despediu
Com seus graves e rudes cumprimentos,
Buscando os imperiais acampamentos.

XLII

Enquanto reina a grande polvorozza
Nos dominios do velho continente,
A nossa gente sempre bonança
Encara a luta calma e indiferente;
Mas num gesto da sanha bilioza
Do bruto—montes (56) barbaro e inclemente,
A teuta esquadra em furia arremeteu
Contra trez vazos nossos (57) que abaten.

XLIII

Tão sensatos os homens governavam
Que mediram o grandissimo perigo
A que esses atos vis nos arrastavam
Se a tais afrontas dessemos castigo,
E as relações, então que nós ligavam
A esse povo infernal do tempo antigo,
E que o governo apenas conservava
Foram cortadas como se esperava.

XLIV

Então Bilac, a grande encarnação
De todo o bem que em versos aparece,
Com palavras ardentes de afeição
Pelo nosso Brazil, numa aurea prece
Fez despertar em cada coração
O amor da patria que ora se enaltece,
Combatendo a modorra atroz e inava
Em que a nação de ha muito dormitava.

XLV

E logo a mocidade que o atendia
Sem mais outro conselho se aquartela
Na mais franca e leal filantropia,
Formando a glorioza sentinela
Que ha de ser nossa eterna garantia
Se algum dia nos virmos em querela:
Centenares de moços afluíram
A's cazernas que outr'ora os confranjiam.

Camonilo.

56)—o *kaiser*.
57) «Paraná», «Tijuca», e «Lapa» navios brazilleiros torpedeados pelos alemães.

A innocencia

Palestra intima entre Ester, Carmen, Laura.

Ester—Ah ! sim, ha a innocencia fisica e a moral.

A 1ª é um dever de educação; a 2ª é a pratica desse dever, só a degenerada não a mantem, mas, si a levamos ate á ignorancia absoluta da realidade da vida, a minha já não sei ha quantos anos a perdi.

Vês o arroio que corre silenciozo, ma-apercebemos o murmurio das suas aguas ? Vês as aguas que se despenham ruídozas das cachoeiras ?

Ou como o arroio vagarozo, quasi silenciozo, ou como a cachoeira impetuoza, a realidade das couzas vae transparecendo, vae-se insinuando no nosso espirito.

Laura—Certamente que temos ouvidos, olhos, intelligencia.

Tudo que nos cerca, mostra a vida tal qual é: uma irmã cazada, a propria mãe, os livros, os teatros, os cinemas, os animaes que vivem em nossas casas: tudo são revelações, si dissessemos o contrario, seriamos idiotas ou hipocritas.

Temos pudor é outra couza, guardarmos conveniencias sociaes, e o respeito devido a nós mesmos—isso sim.

Carmen acode com um rizo argentino—Ah ! sim, innocencia. E' o nome da preta nossa lavadeira, aquela megéra que vocês conhecem.

E depois a meia voz diz com reticencias: «assim como a bonina, que cortada antes do tempo foi, candida e bela, o cheiro traz perdido e a cor murchada, tal está morta a palida donzela...»

Sabem vocês o que mais ?

Ai vem gente. E' preciso mudar de assunto.

Falemos em Eurico, em Jocelyn, em Nossa Senhora de Paris—sim sempre no nosso eterno tema—o Amôr.

E as trez meninas já praticas da vida passaram a falar no misterio que as cercava santamente, candidamente, castamente.

José Augusto Corrêa.

Explicações

(Portuguez)

Notações—são impertinentes espirros de letras que trocam as bolas de varias palavras cauzando serios prejuizos.

Tais são:

1º—A *cedilha* que fazendo passar por processos quimicos um pobre *cancão* das nossas matas, obtem uma produção poetica; de uma *panca* do Seridó, faz um assiduo frequentador da caza dos «trez anjos divinaes», e da *roca* com que trabalha a petizada, faz um vasto terreno cultivado.

2º—O *til* que converte: a *ancia* de um futuro rizonho em uma velhinha, triste passado; os carinhosos *pais* de um bebê em o seu principal alimento, e as *capitais* dos estados de uma nação em uma bateria de graduados servidôres mudos.

3º—O *acento agudo* que transtorna: uma *sêca* tormentoza e mortifera em paulificante palestra dos faladôres dezocupados; a mais antiga das partes do mundo em constante azedume de estomago, e faz o pacato *vôvô*, depois de arriscada operação, mudar de sexo.

4º—O *acento circumflexo* que reduz um *mólho* de varas verdes, com auxilio da carne e agua, em principal bebida para doentes; que de uma *doze* limitada de coizas faz um coletivo partitivo e reduz o soberbo *cóco* de uma dama, á expressão mais simples...

Prof. Josforsk.

Rocha Pombo

Foi muito festejada a passajem do grande publicista Rocha Pombo por esta capital, não só pela classe dos literatos como tambem pela mocidade e demais apreciadores de erudito historiador patricio.

A «Academia Maranhense» recebeu-o em sessão solene e brilhante e os consagrados academicos Dr. Justo Jansen e Domingos Barboza saudaram o homem de letras que ali estava como socio da Academia, proposto a aceito por unanimidade de votos.

O homenajeado respondeu aos brilhantes discursos com palavras cheias de fé nos literatos maranhenses e referiu-se, com a precisão propria dos historiadores impecaveis, ás nossas tradições de povo nobre e culto, invocando a imagem de Vieira, o grande e inesquecivel jezuita

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Joaquim Vieira da Luz—Presidente
 Mariéta Fortuna—V. Presidente
 João Vitor Ribeiro—1.º Secretario
 Estér Fortuna Pires—Tezoureira
 2.º Secretario—vago
 Jozé Padua Fortuna—Bibliotecario
 Djalma Fortuna { Comissão de
 Jozé M. Reis Perdigão { revisão

Assinatura anual 1\$000

As assinaturas terminarão sempre em dezembro.

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

que aqui fez os mais belos dos seus sermões sacros.

A União Estudantal «Silvio Romero» também efetuou uma reunião para receber o grande homem de letras como seu socio honorario, e o brilhantismo das orações dos socios daquela união, Raimundo Lopes e Rubem Almeida não desmereceu do alto valor intelectual do maior dos nossos investigadores do passado.

A Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» dedicou a pajina de honra da ultima edição de «O Ateniense» ao insigne publicista e o socio Joaquim Luz fez a proposta do nome de Rocha Pombo para socio honorario, o que muito nos honrará, vindo formar no nosso quadro social, junto dos seus irmãos de classe: Coelho Netto, Olavo Bilac, D. Francisco de Paula e Silva e muitos outros que temos a honra de contar como membros honorarios.

O sertanejo

Quem vê um homem de altura mediana, tez morena bronzada, olhos pretos e brilhantes, cabelos da mesma côr e lizos, quase sem bigodes, labios grossos, corpo direito e musculoso, hombros largos, camiza curta de algodão, calças de riscado azul quase sempre enroladas na perna, pés descalços, cinturão de couro do qual pende um facão, chapéu de carnaúba e empunhando um cacete, com o qual, com arte e destreza, joga uma especie de esgrima de um efeito agressivo e defensivo extraordinario, reconhece logo nele um dos nossos sertanejos.

Os sertanejos gostam geralmente de aguardente e depois que a bebem ficam dispostos a brigar e não raras vezes para isso provocam os companheiros à luta, da qual rezulta muitas vezes um crime.

Mas os sertanejos não são malvados, têm pelo contrario, quase sempre, um bom coração. Não fosse a aguardente seriam com certeza, os homens mais ordeiros e trabalhadores do mundo.

Habitam casinhas feitas de palha, as quaes têm duas varandas, uma que dá para o quintal, e a outra na frente da casa onde geralmente fazem as suas festas.

As suas diversões preferidas são a dança ao som da viola, os desafios e o jogo do páo.

Ignéz Leal Frazão.

Autofotografias elétricas

IV

Jamais ocupar-me-ei cauza amoroza. Minha encantadora namorada disse enfastiador sou.

Dinamo.

Dois géstos nobilitantes

Numa terra onde escasseiam géstos que dignificam, cantam-se hozanas aquêles que seriam comuns em outra qualquer parte, onde não se aceitam encomios pelo cumprimento de um devêr de consciencia.

Salientemos, pois, já que somos pobres em géstos elevados, este da Colonia Siria contribuindo monetariamente com o necessario para a Mulher Maranhense, representada pela Cruz Vermelha-Rondon, oferecer ao Tiro 344, uma bandeira Nacional.

Mais elevado é este gésto porque veio confortar o insucesso obtido pelas gentis Damas entre o nosso comercio nacionalista.

Revelando nenhuma compreensão do que é dever de civismo, cazas houve que não contribuíram e foram até incortezes.

Sem comentar esse primeiro gésto, passemos ao outro:

O Sr. Jaime da Mota, proprietario da loja «A Exposição», revelando outra educação civica que não a de muitos homens, deu plena liberdade aos seus zelozos auxiliares a trabalharem fardados e a saírem do estabelecimento, antes de encerrado o expediente, quando tenham de comparecer aos exercicios, nas linhas de Tiro.

Garantiu, ainda, aos mesmos seus auxiliares, no cazo de necessitarem partir para a guerra, o lugar, se regressarem, e metade dos vencimentos, às suas familias, enquanto durar a auzencia nos campos de honra, em defeza da Patria muita amada nossa!

Felicitemos esse Homem e façamos votos para que às suas pégadas sigam, senão todos, mais muitos dos patrões de atiradores.

D. Voltaire

Voltou a colaborar conosco o nosso antigo companheiro de lutas, e brilhante bardo que modestamente esconde o seu nome debaixo do pseudonimo D. Voltaire. Foi outrora um braço forte da nossa cauza, razão por que todos nós em fileira batemos palmas pela volta à caza antiga de um dos mais esforçados lutadores nos tempos idos, em que o nosso jornalzinho tinha o nome de «O Canhoto».

O voto que formulamos é que a saudade que teve, durante o tempo de auzencia desta caza, lhe seja um incentivo para voltar com mais ardor às nossas fileiras.

Parabens a todos os que aqui trabalham.

Bibliotéca

O nosso illustre e prestimozo conterraneo dr. Fernando Mendes de Almeida ofertou à nossa bibliotéca 3 obras da sua lavra: «Semana Politica», «O cazo do Estado do Rio de Janeiro no Senado Federal» «Carta que aos eleitores do Maranhão dirijiu, depois de ter tomado posse da cadeira de Senador Federal pelo periodo de 1912—1920».

Oferecidas pelo seu autor, Sr. Dunshee de Abranches, recebemos as seguintes publicações: *Rio Branco, Carta Oficial ao Presidente da Republica, Pela Italia, Contra a Guerra A Alemanha e a Paz, O Brazil e o Arbitramento, O Maior dos Brasileiros, Brazil, O A. B. C., O Crime do Congo, A Administração da Republica e a Obra financeira do Dr. Rodrigues Alves, Projeto Dunshee, A Cultura do Arroz e o Proteccionismo Agricola, Necrolojio Politico do Barão do Rio Branco, A Lagôa Mirim e o Barão do Rio Branco.*

Taes obras, que não desmerecem o alto valor intelectual dos eruditos conterraneos, veem enriquecer ainda mais a nossa bibliotéca, fonte onde bebemos a luz com que nos alumiamos nesta jornada árdua.

Agradecemos a gentileza.

Palestra—Com uma dedicatória amistoza, feita por um dos seus autores—o conceituado farmaceutico sr. Roberto Gonçalves—temos em nossa meza de redação um soberbo trabalho filozofico—cientifico com o titulo de «Palestra». Consta esse bem organizado trabalho de uma serie de perguntas feitas pelo talentoso confrade Euclides Marinho Aranha, e que são respondidas pelo farmaceutico Roberto Gonçalves em considerações traçadas com sabedoria e inteliencia. Ambos os autores revelam-se ali profundos conhecedores da ciencia de Barthez e Alan Kardec, além de doutrinarem com proficiencia a filozofia, discutindo-a com discernimento e retidão.

E', portanto, o folheto que ora possuímos, não uma «Palestra», como dizem os seus autores, mas um livro util e de leitura scientifica assás agradável.

Discurso sobre o montepio estadual—O erudito cauzidico dr. Georgiano Gonçalves teve a nimia gentileza de nos ofertar um folheto contendo o belissimo discurso que proferiu numa das sessões do Congresso Estadual, na mesma ocasião em que apresentou um projeto sobre a criação do montepio para empregados estadoais.

O discurso é uma bela peça feliz e bem eserita, que vem-aumentar ainda mais o alto grau de estima que temos pelo erudito advogado. honra insigne do fóro maranhense.

Aos nossos assinantes

Esperamos que os nossos distintos assinantes, que tão bem atenderam ao nosso apêlo, se dignem mandar reformar as assinaturas do proximo ano, para que não haja interrupção na remessa do nosso jornalzinho.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 6.º

Maranhão, 17 de dezembro de 1917

Num. 77

Ruy Barboza

Está na linha dos comentários patrióticos do momento nacional a figura simpática e admirável do eminente tribuno patricio, Ruy Barboza, cujas palavras repassadas da mais fina cultura genial cónstituem um soberbo evangelho de doutrinas sãs e verdade superiormente incontestáveis.

Entre as imorredoiras glorias em cujo trono assenta o sagrado pendão das tradições historicas do nosso idolatrado Bra-

zile, está o nome imaculado desse invicto juriconsulto onde se encerra o orgulho altaneiro do seu Estado natal.

A progressiva admiração que a todos inspira é a mais sincera homenagem que os brasileiros podem render ao seu invejavel talento.

Em todos os continentes é o seu nome respeitadamente proferido como o coeficiente maximo da intelectualidade brasileira, uma das mais opulentas de todo o Universo.

Os anais da historia patria estão ai prenches de feitos maravilhosos e no estrangeiro ha elementos inofismaveis de superioridade intelectual, destacando-se o grande congresso internacional de Haya, onde Ruy Barboza representou com inegualavel proficiencia e governo do nosso Paiz.

Como devotado civilista, empreendeu em 1910 a luminosa campanha contra o militarismo, motivada pela contenda eleativa da eminencia executiva da republica.

Foi uma faze brilhantissima que rejistrou nos anais da politica nacional um feito heroico pela valorização dos creditos administrativos do Paiz.

Mas, apesar da emancipação pacifista que ele carolozamente defendia, encarnava-se nele a seiva vibrante do mais elevado patriotismo, o que hoje se admira em todo territorio nacional.

Reflete-se naquela personalidade illustre, onde se choca a pequenez do vulto com a grandeza e inviolabilidade do genio, a elevada comunhão do sentimentalismo e do dever.

Naquele tezouro de sabedoria onde ha a superioridade da ciencia e a opulencia do direito, ha tambem a supremacia do



amôr da Patria, o salmo sacrosanto dos grandes povos, a doutrina inquebrantavel da boa razão.

No momento atual em que o Universo inteiro se debate nas agonias sangrentas da conflagração, o direito internacional marcha a passos largos para o abismo da nulidade.

O Brazil que desde o começo da guerra se acobertára sob o reposteiro da imparcialidade, essa barreira tenaz que im-

pedia a sua intervenção na contenda do velho mundo viu desfeitas todas as suas precauções e o seu glorioso pavilhão acremamente insultado pelo vandalismo germanico.

E justamente, neste momento angustiozo a figura já proeminente de Ruy Barboza veio conquistar mais uma ruídozamanifestação de simpatia.

A sua palavra autorizada ergue-se vibrante e patriótica para seus irmãos mostrando com precisão o verdadeiro caminho da honra e do dever.

Foi mais uma gloria que se foi juntar ás muitas que ornã o seu nome e mais uma perola engastada nas pajinas d'ouro da historia nacional.

A sociedade literaria «Barão do Rio Branco» que tambem participa dos vinte e cinco milhõis de almas que cultivam esse glorioso personagem da Patria brasileira, vem agora patentear a sua homenagem ao poderoso genio que todos admiram.

«O Ateniense» publicando o seu retrato na edição de hoje viza cumprir um dever que, embora tardio, encerra um gesto de felicitações pelo dia 5 de novembro, em que o eminente brasileiro viu transcórre o seu aniversario natalicio.

Se bem que esta homenagem se revista da sinjeleza propria de pequenos obreiros como nós, tem algo de nobre e honroso, pois, é a memoria do nosso augusto patrono, o saudozo Barão do Rio Branco, padrão de glorias imorredoiras que em vida foi o timoneiro genial dos nossas créditos internacionais, a saudar o heroi invencivel, o defensor denodado da Patria e da Civilização.

Ave, Patria !...

Quarenta e sete anos decorreram depois que o golriozo Brazil cruzou as suas armas com as de Solano López, numa luta horoica em que um gesto de Chico Diabo concorreu eficazmente para o seu término.

O abençoado auriverde pendão, esse emblema sacrosanto onde se refletia a imagem querida da nossa Patria, no desbotado de suas côres queimadas ao sol das cruentas batalhas, trouxe incolumes os vitoriosos brazõis do seu povo que num salmo vibrante de entusiasmo rendeu-lhe as mais puras homenajens.

O soldado brasileiro deixou patentes para a historia patria os feitos heroicos do seu patriotismo como um relicario sagrado de glorias, um evenjelho doutrinario de seu alto valor.

Ha quase meio seculo as nossas armas repoizam na santa tranquilidade da constituição nacional, guardando esses troféos que tantas vidas arrastaram para a elevação de nossos créditos nacionais.

Hoje, porém, o grave incidente da conflagração européa chegou até nós, num dezafoi barbaro para a luta.

Mais de uma vez o nosso augusto pavilhão submerjiu-se nas profundezas incertas do oceano, levando consigo alguns dos nossos irmãos que buscavam nas plagas de alem-mar o desenvolvimento comercial do nosso paiz.

Dezenlaces dessa ordem, ocorridos pela influencia diréta do imperialismo germanico, foram graves insultos aos nossos brios e ás nossas armas, cuja repulsão era um problema indiscutivel a que todos os bons brasileiros deveriam aderir.

O nobre gesto do nosso Presidente, resolvendo a atitude que deviamos tomar, não poderia encontrar melhor acolhida no animo de seu povo do que essas adezõis patrióticas em que transparece a grandeza individual da nossa raça.

E' preciso que o Brazil, por seus filhos, tenha o seu lugar de destaque como um dos empreendedores da derruição dessa Bastilha contemporanea que ai está ameaçadora e barbara a macular a civilização.

Ha bem pouco tempo em todo o paiz se comemoraram solenemente algumas datas historicas e se viu com orgulho o desfilar majestozo de grande numero de soldados que num maravilhoso entusiasmo conduziam desfraldado e belo, o sublime penhor do nosso aféto, essa bandeira sagrada que tanto devemos amar.

Pois bem, é preciso que todos esses entuziastas, portadores dos mais elevados e patrióticos sentimentos, sejam tambem na luta, os mais devotados defensorés desse estandarte que tanto os orgulha condu-

PARNAZO

De lonje

A. D. D.

Para as bandas do além, tú foste, Amor... chorando eu me liqui, sozinho a carpir minha sorte, e quando a noite cae, das saudades o bando vem vizitar minh'alma e me trazer a morte.

Quando voltas, Amôr, aos braços meus, vibrando na alegre comoção de revêr em meu rosto, todo o afêto que êzul eu vou d'aquí rimando, um poema riá como um luar de Agosto ?

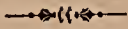
A primavera êsplende e toda a terra canta, inverno vem sombrio e o céu escuro chora, verão pompeia, Amôr, e só minh'alma implôra, porque tú voltas brêve, ó minha etêrea santa !

Auróra tinje o céu de rózea e alêre luz, dezabrêcha ideal um majico sorriso... e em tudo que branqueia e tudo que reluz, dentro de uma aura d'oiro o teu rôsto divizo...

zir sob a harmonia vibrante das fanfar-
ras marciais.

As nossas tradiçôis devem ser em toda a linha mantidas e respeitadas, para que jamais possamos corar ante a elevação dos feitos de outras armas sem que tenhamos também com que concorrer a essa mesma glória.

Brazileiros, corramos ao nosso dever e honremos a nossa bandeira.



Coordenando

A terra, esse vastissimo planeta onde vivemos, ao tempo da creação era um misterio insondavel e abruito onde só a ciencia superior de Deus podia penetrar e compreender.

E para que ela não fosse eternamente uma inculta materia, o onipotente ai montou uma maravilhoza officina e se dispoz a organizar o universo.

Em um instante as densas trevas foram dissipadas ao efeito do «*Fiat lux*» e esse foi o primeiro passo daquela grande obra.

Houve a luz, a grande luz que penetra nos mais reconditos segredos e aclara os mais rudes espiritos e desse ponto de partida tudo *Ele* fez com admiravel pericia.

A' successão dos seculos a ciencia humana, ramificada dos principios universais, ampliou e procurcu completar a grande obra do primeiro operario, desenvolvendo com invençôis originais o problema da luz.

Por um extraordinario capricho do eterno artista, ficou ao homem rezervado o encargo de proporcionar ao mundo os meios de distinguir os objêtos durante o periodo em que estivessemos privados dos raios d'oiro do astro-rei e das cintilaçôis arjentinas da rainha dos astros.

Essa creatura moldada á semelhança de Deus, empenhou todos os elementos scientificos para chegar a um rezultado definitivo.

A flora lhe deu a seiva de suas arvores e foi assim o primeiro ensaio da iluminação das cidades.

Porém, ainda era muito grotesca essa

Partiste. Era manhã... foste para o nacente, buscando as catedraes de neblina do senho e eu me liqui aqui, neste ferál poente, dentro de agra clauzura, anelante e tristonho.

Foste buscando, Amôr, essa fatál mirajem de glória, que do além nos sedúz a sorrir, Com seus cabelos loiros atraí-nos á vorajem, Com seus olhos de céu convida-nos a ir.

Volta, que essa iluzão fantastica, mendaz, que te levou de mim para a carreira louca, Com que a váes a seguir inconciente atraz, Nunca te deixará signer beijar-lhe a boca.

Volve, Amôr, a sorrir ao apelo da minha Saudade imensa, fêra, impiedôza... a aldeia Em que nacemos nós, dorme recolhida... Vem contemprar comigo a branca lua cheia !

Abandona o irreal palacio da quimêra, Vem comigo erijir, do místico palôr da lua e raios de sôl da flora primavera, O alvo templo pagão do nosso puro Amôr.

S. Luiz, X—XII—MCMXVII.

Reis Perdigão.

Auzente

Minha mãe, tanto tempo é já passado, Tanto tempo já faz que te deixei !... E não sei, minha mãe, inda não sei, Quando possa voltar para o teu lado !

—Quando eu parti, teu labio que beijei, Num adeus, tremulando amargurado, Murmurou: «vac, meu filho idolatrado, segue com Deus !» —E eu, sem querer, chorei.

—Chorei, sim, minha mãe, e agora o pranto Orvalha os olhos meus, e sinto tanto Como senti, partindo, ao te abraçar !...

—Recordo o teu carinho sempre terno, O teu grandioso amôr todo materno, Que só tu, minha mãe, me podes dar !...

Rio

Hilton Fortuna.

o lugubre aspêto de um anfiteatro taciturno e funéreo.

Mais tarde, as exploraçôis minerais facultaram elementos mais eficazes contra a escuridão.

O petroleo veio então ocupar lugar de destaque nessa grande empreza.

Enfim um grande cientista empreendeu a rezolução final desse problema e hoje ha por toda parte o melhor quinhão de luz cuja orijem ainda não achou classificação definida em nenhum dos três reinos da natureza.

A electricidade superiormente estudada por Edson, o grande operador das mais perfeitas invençôis, transportou para o dominio da ciencia a applicação desse fenomeno da creação.

Os grandes centros da civilização já adotaram esse ramo de progresso, a oitava maravilha do universo, cuja imitação se tem pelejado para introduzir em nosso Maranhão.

Parece, entretanto, que vamos ter de vez e na pura realidade esse elemento tão necessario ao nosso desenvolvimentto.

S. Luiz, que tem sido cotinuaemente perseguida por uma terrivel praga que o humorismo local determina por «*cabeira de burro*», tende a se libertar desse pezado horrendo, com ação benefica das energias de Edson que lhe vão ser seriamente applicadas.

E' fato para nos congratularmos reciprocamente por tão notavel acontecimentto, excluida a harmonia cacofonica deste periodo.

Irbério.



Em proveito da classe

Você, illustre confrade e amigo Jozé Leopôlido, no «*Revista Maranhense*» de setembro-outubro, produziu um magnifico artigo combativo ás «*Vizôis*», modêsto e despretenciôzo trabalho, que publicámos nestas colunas, em 18 de agosto.

Mandamos-lhe os nossos parabens pela empreza nobilitante que chamou a si, de defender os nossos intelektuais e Mestres, das asserçôis que lhes fizemos.

Es... mos... em discordancia e não

nos podemos calar, porque não possuímos o mesmo otimismo ou felicidade que nas suas linhas resaltam.

Vejamos:

Daqui, da nossa tenda humilde, temos recorrido diversas vezes áquelles que «*sempre atendem aos nossos rógos e compadecem-se dos nossos queixumes*» e quazi, senão sempre, os nossos apêlos nem só deixam de ser atendidos, como ficam no esquecimento, sem uma linha, uma palavra, um gêsto sequer de desculpa.

—Solicitamos, para não irmos rebuscar passado muito remoto, o concurso mental de todos os intelektuais que estão na atividade da nossa vida literaria e dos que estão lonje daqui, no apojêu da gloria, para honrarem a nossa edição de 18 de agosto ultimo, quando comemoramos o primeiro lustro do nosso modesto jornalzinho, e, a não sêr Jozé Augusto Corrêa, Domingos Machado, D. Francisco de Paula e Silva, Antonio e Raimundo Lopes, todos os demais nem sinal deram das cartas que lhes dirijiu a mocidade que aqui se congrega sob o patronato da memoria excelsa de Rio Branco.

—Seremos filhos bastardos para nos sêr applicada semelhante dóze de indiferentismo ? Ou seremos orgulhózos mendigos que não imploram a caridade com insistencia ?

Não nos temos naquêla conta e nem somos orgulhózos mendigos; somos apenas uma particula da mocidade que tem ideal e que carêce dos ensinamentos dos Mestres, ao mesmo tempo que, não os importunando, espera o seu auxilio paternal e espontaneo.

E' justamente da falta de espontaneidade que são orijinadas as nossas queixas e porque choramos a morte do Mestre Antonio Lobo, que nunca a recuzava áquelles que batiam á sua porta.

Regrêso moral intelectual, infelizmente, ha no nosso meio estudioso, porque o nosso idéal se desmorona enfraquecido diante da recusa constante com que nos presenteam áquelles que só deviam nos encorajar, nem só atendendo ás nossas solicitaçôis, como procurando incentivar os animos meio combalidos e ainda crendo novos núcleos.

Joaquim Luz

Como preito de justa homenagem, dedicamos esta página ao talentoso ateniense Joaquim Vieira da Luz, que dirige esta Sociedade de Letras, emprestando o melhor dos seus serviços ao seu progredimento. O nosso Presidente é o exemplo do trabalho personificado e bem poderiam os seus empreendimentos e o extraordinário impulso que deu á nossa associação servir de escudo para todas que aqui moirejam.

Assumi as redeas presidenciais em um tempo de verdadeira decadência para a «Rio Branco», e logo se fez sentir a sua ação benéfica e a sua vontade de ferro.

É com a consciência limpa e clara pela luz da justiça que lhe tecemos estes encomios, porque ainda mais merece e as nossas frases serão sempre palidas para quem tudo faz pelo nosso ideal, não enxergando empecilhos, sejam os mais intransponíveis, quando se trata do interesse da nossa coletividade, em tão boa hora confiada á direção benemerita de Joaquim Luz, um dos jovens intelectuais maranhenses que mais se tem imposto pela força do seu trabalho e pela operosidade da sua inteligência que tudo alcança e tudo vence.

A S. L. «Barão do Rio Branco», até então dirigida por estudantes e empregados publicos, precisava mostrar que no meio comercial também existem intelectuais, muito embora o labor quotidiano,

desde a hora em que o sol nasce, até a em que desaparece, desvie os moços do cultivo das letras, exigindo deles todo o esforço de que são capazes.

Foi então que buscamos Joaquim Luz para a nossa tenda, e hoje, para muita honra dele e nossa, o nosso homenageado cumpre lá os seus deveres de empregado modelar, ao mesmo tempo em que aqui se tem distinguido como um jovem intelectual de futuro e largos conhecimentos.

Ao constituir a nossa bancada honorária, o nosso Chefe, atendendo a sua predileção e simpatia pela escola naturalista Azevedo, tomou para seu patrono o nome do autor de «O Mulato», e muito se tem distinguido, pelas colunas de «O Ateniense», já pelo seu estilo escoreito e delicado e já pelos discortínios da sua inspiração sadia, em contos impecáveis.

É a terceira vez que sobe á presidência deste gremio, depois de ter ocupado os principais cargos da Diretoria e sempre dando provas flagrantes do seu genio de inovações praticas, as mais proveitosas para o nosso orgam de imprensa, ilustrando-o com *clichés* executados em importante oficina do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que deu o aspeto elegante que ora tem «O Ateniense», mandando imprimi-lo na melhor tipografia da terra.

O nosso jornal, humilde limoneiro das nossas idéas e incansavel propugnador

das nossas doutrinas, muito deve aos doctes creadores de Joaquim Luz, que o fez espalhar por todo o Brazil e estrangeiro, onde também já conta assinantes, em número animador.

Carater sem jaca, que soube lançar na lama de sua desdita um espirito pequenino que ouzou perturbar a paz no seio da nossa colmeia, é o nosso Presidente, que, interpretando o sentir de todos, quantos fazem parte desta associação, firmou artigos pela imprensa diaria, mandando que recuasse o agressor para o terreno dos reptis, de onde saíra, e provando, com baze e lojica, que a S. L. «Barão do Rio Branco», enquanto tiver no seu comando moços de hombridade como Joaquim Luz, passará ileza de todos os aviltamentos e iniquidades dos néccios que encontrar em frente.

E porque o nosso homenageado de hoje reúne todas as qualidades morais e intelectuais de um bom Chefe, ao par de ser um amigo particular leal e franco, é que todos aqui lhe admiram e estimam, tanto quanto merece.

No dia de hoje, data do seu natalicio, receberá certamente as provas inequivocas da distincção com que é tido entre os seus confrades, que outra coisa não: almejam do que á sua felicidade pessoal, para que o possamos ter sempre em evidencia na nossa cruzada em beneficio das letras pátrias.

Documentemos ainda:

—Quando a «Rio Branco» comemorou, com uma romaria ao tumulo de Antonio Lóbo e uma sessão na sua séde, o primeiro aniversario do passamento do Mestre, apesar de convites e divulgação antecipada pela imprensa, apenas naquella compareceu o dr. Luiz Serra e néssa Domingos Machado e Domingos Barboza!

—Onde estavam os outros intelectuais, onde estavam os moços dicipulos que ainda deviam ter os olhos orvalhados pelas lagrimas da saudade?

—É assim, com tamanho indifferestismo, que provam os môços estudiosos não estarem resvalando *num tremendo regresso moral intelectual* e que os Mestres *nos ministram o estímulo?* Não, absolutamente!

—Procuraram os obreiros desta tenda ocupar o lugar que lhes éra e é devido na «Associação de Imprensa» e não puderam transpôr as barreiras levantadas, porque o officio que para lá mandaram, com um representante seu, foi lido e comentado com desdem, segundo nos constou, e ficou sem resposta; entretanto—pareçam duras ou filhas do despeito as nossas verdades—lá estão verdadeiros nulos que, entrando pelas portas do servilismo, da bajulação e da intrujisse, occupam, sem nada representar, lugares justamente devidos a portadores de algum merecimento.

Talvez nesse ponto sejamos orgulhosos porque, se não atacamos, também não ovacionamos nulidades e nem nos curvamos senão, respeitozinhos, ao Talento justiça.

Pequeninos ou nulos, como queiram nos julgar, temos orgulho em conservar, intacta a nossa sanidade moral.

Não queremos, de modo algum, polemizar e nem ofender suscetibilidades de companheiros e Mestres, mas, nesse trilhar, doutrinando o que se não pratica, atenta-se contra a Verdade, esse pendão que devemos empunhar, galhardo, para a vitoria do nosso ideal: a luta incessante, sem artificios, sem pavonadas.

Devemos procurar os Mestres e eles não se devem recusar a satisfação dos nossos apêlos, ao mesmo tempo que não devemos seguir exemplos máus, julgando-nos grandes—com exhibições ficticias de efeito bombastico—quando apenas começamos a lutar contra a nossa mediocridade.

Subamos por merecimentos proprios e não nos habituemos a adquirir, por meios ilicitos e pouco seguros, consagração *in nomine*, como os nulos que se pavoneam sem nada terem feito.

Nós não escurecemos, José Leopólido, o rial valór dos nossos intelectuais; acompanhamos, na nossa pequenez, toda a sua historia e nos curvamos, reverentes e ufanos, diante da evolução progressista do seu saber; sabemos que não nos falta onde bater para pedir auxilio e lenitivo para a nossa jornada árdua, mas, em nome da verdade que professamos, sejam permitido dizer que, quasi sempre, na porta silenciosa onde chega a nossa voz pedinte, nem o «Deus lhe favoreça» ouvimos...

Justino Lésa

Vida obscura

Lucidio Freitas é um poeta novo. Novo porque é ainda joven, mas não nos parece novo, atravez das suas rimas, porque conhece a poezia até aos mais reconditos meandros do seu segredo. Ele sabe dizer, mas dizer bem, com mestria e *donaire*.

Devido á gentileza da autorização que deu ao sr. Criszostomo Souza para nos ofertar um exemplar do seu livro «Vida obscura», temos em mãos o seu trabalho valiozo; e que encantadoira preciozidade nos veio enriquecer a Bibliotéca! É um opusculo valiozo e cheio de alma. Lá está todo o sentimentalismo de uma lira bem tanjada, e todos os vãos amplos e altos de um espirito culto ali então.

Lucidio sabe sentir e sabe dizer; tem ele o segredo, a majia de saber dizer em verso, com arte e graça, aquilo que uma proza não diria, por mais rica e galharda que fosse.

É o verso meigo, cadente, inspirado, graciozo, que ali está todo estereotipado no cristal das suas rimas ricas e sugestivas.

O livro de Lucidio que ora nos occupa, está destinado a lhe firmar o nome de intelectual para todo e sempre, porque ha muito a poezia brasileira não tinha uma página tão brilhante, tão inspirada, tão erudita como esta, traçada, com letras doiro, pela pena artistica do joven poeta da terra de Felix Pacheco.

Muito gratos pela oferta do seu livro, pelo qual lhe mandamos mancheias de flôres ao seu renome e á sua gloria de intelectual.

"O Ateniense"

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Joaquim Vieira da Luz—Presidente
 Mariêta Fortuna—V. Presidente
 João Vitor Ribeiro—1.º Secretario
 Estêr Fortuna Pires—Tezoureira
 Djalma Vasconcellos—2.º Secretario
 Jozé Padua Fortuna—Bibliotecario
 Djalma Fortuna
 Jozé M. Reis Perdigão { Comissão de revizão

Assinatura anual 1\$000

As assinaturas terminarão sempre em dezembro.

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

Pela cazerna

Nunca as nossas festas nacionais tiveram consagração mais pompoza do que as deste ano. E' que a mocidade começa a compreender quais os seus verdadeiros deveres civicos e toda ela unisona se congrega, sob um mesmo palio, comungando dos mesmos sentimentos patrioticos.

Foi de um efeito deslumbrante e encorajador a formatura de 15 de novembro, onde tomaram parte todas as nossas classes armadas e ainda o guapo e mimozo grupo de escoteiros, os futuros e destros defensores do Brazil quando a idade lhes permitir.

Os moços do Tiro Coronel Rondon, alem das inumeras e irrefutaveis provas do que é capaz o seu valor civico, quizeram ainda estereotipar no coração maranhense toda a confiança que os seus brios e suas imperterritas qualidades de patriotas impõem ao povo do Brazil e tomaram assim a frente das festas com que, alias tão fulgurantemente, foi comemorada a tradicional e nobilitante data de 15 de novembro.

A inauguração do retrato do grande brasileiro Coronel Candido Rondon, no salão nobre da casa onde funciona o Tiro disciplinado e galhardo, cerimonia que se revestiu de um esplendorozo brilho, foi uma idéa altruistica e feliz que lhes povoou a mente, tanto assim que encontrou apoio em todos os associados daquela agremiação patriotica.

As datas de 18 e 19 foram igualmente comemoradas com brilho e fulgor, pelas classes armadas, com formaturas especiais, sendo içada, no dia 19, a bandeira nacional, em todas as repartições publicas, ao meio dia, debaixo de manifestações calorozas e espontaneas do Povo em massa que acudiu á patriotica cerimonia.

O calor, o gosto e a espontaneidade com que os atiradores envergaram, orgulhosos, a sua farda honroza, dão-lhes a certeza de que aqui, nos descampados, repletos de vejetais e flores odoriferas, como lá, nos campos minados de metralhadouras e asfixiantes, a sua corajem, o seu ardor e o seu patriotismo serão sempre os mesmos.

Avantes, patriotas!

João Lisboa

Afinal, depois de seis anos que foi collocada a baze para a ereção do monumento a João Lisboa, vai ser, debaixo de toda a solenidade, inaugurada a estatua em bronze do imortal maranhense cuja obra é o nosso mais augusto padrão de glorias e tradições liberaes.

Um dos primeiros atos do governador atual, Cel. Antonio Bricio de Araujo, foi mandar que se efetuasse a ereção do monumento, e esse seu gesto patriotico é digno de todo o louvor, já porque gera no coração maranhense um sentimento de admiração ao seu governo feliz e já porque resgata uma divida sagrada que contraímos com o grande e erudito jornalista do «Timon», ao mesmo tempo que lança uma esponja sobre o dezenrolar dos fatos que até agora nos vinham aviltando e amesquinhando.

Os motivos que detiveram a estatua de João Lisboa debaixo da escada da casa do Governo, sem que lhe fosse dado o fim a que se destinava, constituem uma faze muito triste e humilhante para os nossos brios de povo livre, pelo que nos abstemos de comentar o vandalismo que os determinou. Não que nos detenham preconceitos quaisquer, porque sempre pugnamos pela verdade; mas é que a consciencia nos dóe e a pena nos foje a tratarmos de assunto tão triste.

Bemdito seja o ato do Cel. Governador do Estado que ordenou a elevação do monumento ao lucido critico da «Vida do Padre Antonio Vieira», e em 1º de janeiro, data da inauguração do monumento, estaremos todos nós maranhenses a render o culto que lhe é devido e que lhe tem sido tão negado.

"O Ateniense"

Recebemos pela 1ª vez: «O Caraubense», excelente periodico que se publica em Caraubas, no R. G. do Norte; o n. 11 de «O Telescopio», interessante colega manuscrito de Grajaú. Traz uma chifozza caricatura na primeira pajina e é farto de leitura proveitoza e boa.

Devido á gentileza da nossa distintissima consocia mlle. Henriette Bricotte, já conheciamos a «Revista catolica das familias», que se publica em Recife, e agora temos sobre a nossa meza de trabalho o n. 20, repleto de leitura atraente e sadia. Agradecemos as honrozias referencias com que nos distinguiu a digna confrade.

Relativo aos mezes de outubro, novembro e dezembro, temos em mãos o n. 158 de «A Estrela», mimozza revista dirigida brilhantemente pela poetiza Antonieta Clotilde, que se publica ha onze anos em Aracati-Ceará. O presente numero traz luxuozas illustrações e um editorial escolhido e atraente.

Recebemos, e incluimos na lista das boas revistas que permutam conosco, o n. 4 de «A Aspiração», mensario oficial da Sociedade Litoraria e Cientifica do Colegio Militar, do Rio de Janeiro. E' uma revista de aspêto elegante e contém verdadeiras preciosidades literarias e brilhantes artigos de penas amestradas.

Rejisto Elegante

João Nascimento—Volveu de Fortaleza, onde se achava em comissão do governo federal, acompanhado de sua exma. familia, o nosso amigo e admirador João Ferreira de Lima Nascimento, competente e estimado conferente da nossa alfandega. Damos ao digno e dileto amigo os nossos parabens de boas vindas, extensivos á sua familia.

D. Francisco—Volveu do sul do Paiz o nosso illustre consocio honorario, sua exc. revina. D. Francisco de Paula e Silva, virtuozo e conceituado bispo desta dioceze.

O recém-chegado, que é uma figura venerada não só no meio catolico, como tambem em todo o seio da sociedade maranhense, pelas suas altas qualidades de espirito, foi recebido, ao desembarque, por crecido numero de amigos e admiradores.

A Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» muito se honra em saudar seu nobre e digno membro honorario.

Enlace Ribeiro-Souza—Consortiam-se civil e reljiozamente, em 27 do corrente, o nosso brilhante confrade e companheiro de trabalho João Vitor Ribeiro, competente e zelozo Escriuario da Delegacia Fiscal e a exma. senhorita Raymunda Moura de Souza, gentil ornamento da sociedade do Maranhão.

Aos jovens nubentes, ambos nossos consocios, auguramos perenne lua de mel ao par de um porvir bonangozo e feliz.

Luiz Dominguez—Em vizita ao seu torrão natal, que muito extremece e ama, chegou a 10 do corrente nesta capital o eminente parlamentar Dr. Luiz Antonio Dominguez da Silva, que foi recebido festivamente pelo Povo maranhense, que tanto o admira e acata.

Incontestavelmente o illustre patricio é uma das figuras mais simpaticas do Congresso Nacional, e nós que muito lhe admiramos as qualidades de intellectual e patriota, temos o pr zer de apresentar a sua exc. as nossas sandações de boas vindas.

Esveralina Fortuna—Rejistamos, com imensa alegria, em 12 deste natalico desta nossa distinta associada, um dos mais belos ornamentos do nosso escol e, incontestavelmente, um dos principais espiritos de saber.

O brilhantismo com que concluiu o seu curso secundario no Colejo da Imaculada Conceição, dirigido pela alta competenci da Exma. sra. d. Zaira Campos, obtendo distincão em todas as materias, muito nos envaidece e alegra.

A' inteligente universariante e diplomada, assim como a sua Exma. familia, mandamos mancheias de flores, de olente perume para lhe ornarem o verdadeiro mérito e as suas perigrinas qualidades.

Domingos Barboza—E' para nós, o aniversariante de 28 de novembro, o grande sol que esparje, em raios brilhantes, as luzes do seu saber fidalgo e majestozo.

Dicipulo-mestre de Antonio Lôbo, vem sendo, o autor dos «Contos da minha terra», um dos mais elevados sustentaculos das nossas tradições de Atenienses. A sua pena amestrada derrama nas suas cronicas cintilantes as frazes da mais bela forma e o seu verbo fluente empolga e faz vibrar os que o escutam.

«O Dominó Vermelho» e «Os Mozaicos» são obras valorozas que bem atestam as suas altas capacidades de artistas galhardo.

Em breve nos oferecerá o «Lucas Sampaio» e certamente teremos um romance nos moldes perfeitos de Eça de Queiroz, de cuja escola é Domingos Barboza o mais elevado apreciador.

Cumprimentamos, efuzivamente, o illustre patricio e amigo da mocidade estudiosa, rendendo esta humilde homenagem.

Manoel Travassos—E' um rapaz novico entre nós. Para aqui veio impellido, mais pela curiosidade que pelo desejo de trabalhar para as letras. Basta, porrem, a prerrogativa de ser novo e inteligente, para dele muito termos a esperar. Apenas 17 janeiro já lhe floriram na existencia.

Mandamos, pois, ao companheiro, pelo seu natal, em 21 do passado, os nossos abraços e esperamos que o seu espirito novo se entregue com ardôr ás lutas que fortalecem o espirito e que enrijam o caráter na linha réta da Vida.

Os nossos assinantes

Esperamos que os nossos distintos assinantes, que tão bem atenderam os nosso apêlo, se dignem de mandar reformar as assinaturas do proximo ano, para que não haja interrupção na remessa do nosso jornazinho.

O Ateniense

do
ESTADO DO MARANHÃO
Organ da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 7.º

Maranhão, 1.º de janeiro de 1918

Num. 78

João Lisboa

Faz as honras da nossa pajina de hoje o nome do erudito jornalista João Francisco Lisboa, cuja obra grandioza e utilitaria constitue para o Maranhão o mais brilhante pálio de glórias e tradições liberais que ele já possuiu até os dias que correm.

Desde muito que o impecavel purista da lingua portugueza tem o seu altar erecto no coração do Brazil, já pelo fulgôr rarissimo da sua vasta missão intelectual na terra e já porque foi o batalhadôr intranzigente da liberdade do povo e do pensamento, doutrinas que professava e defendia com uma firmeza de caráter que muito lhe engrandeceu o nome immaculado e augusto.

Hoje, além da sua presença na alma Brasileira, pelas suas obras, efetua os maranhenses uma das suas mais justas aspirações, levantam-lhe, na praça do seu nome, um monumento em bronze, artistica e cuidadosamente burilado a capricho.

A hora da inauguração do monumento a João Lisboa, estará presente, com certeza, todo o povo desta terra a quem tanto amou e cuja liberdade foi um dos mais sagrados estandartes do seu labor quotidiano, quer pelas colunas dos inumeros jornais que fundou e quer pelas paginas cintilantes das obras em panfletos e volumes que publicou.

Todos nós lhe levaremos hoje as flores da nossa gratidão e as palmas da nossa saudade; gratidão pelo muito que fez pelo futuro da sua terra, e saudade porque a sua morte abriu uma lacuna impreenchivel no jornalismo maranhense, roubando-nos a figura altaneira do maior dos filhos da Atenas brasileira que, dos 51 anos que viveu, 31 foram todos de bons serviços á santa cauza das tradições liberais do nosso povo.

Aos 20 anos, quando lançou á luz da publicidade o seu jornal de estréa, já era um criterioso pregadôr de doutrinas sans e tão ilibada era a sua êvergadura moral, que não exitou um instante em abandonar um cargo que a politica de então lhe dera mais tarde—porque precisava dos seus serviços—trocando as considerações e homenajens devidas a um secretario da presidencia, pela admiração e louvores tributados áqueles que se batem pelos nobres e altruisticos ideais de um povo que a tirania oprime. Daí em diante, desde o assassinato do chefe do partido liberal em Caxias, foi João Lisboa desgostando-se da vida de provações da politica, e d'ela se retirou, de cabeça erguida, fundando então o «Jornal do Timon», onde se revelou o literato de escol, o historiador sem par, dando-nos soberbas paginas uteis e eruditas, vazadas em conceitos criteriosos, buriladas num estilo raro e castiço.

Modesto a toda prova, tão despido de vaidades que lhe foram encontrar nos alfarrabios os autografos da «Vida do Padre Antonio Vieira», esse colossal arruibo do seu espirito investigadôr, que por si só bastaria para firmar-lhe o nome de historiador e biografo, foram encontrados esses autografos com os dizeres: «estes papeis devem ser queimados»!

Aparêlhado com todos os cabedais da intelligencia para a vitoria completa das suas idéas, aninhavam-se no seu espirito todas as qualidades morais de um homem completo.

A politica, que corrôe o moral e vicia os homens, não logrou abalar o seu caráter e certamente não o conseguiria se continuasse na luta encarniçada que encetou e que só deu por finda com a sua retirada por completo da vida politica, motivada por contrariedades que a isso o levaram.

Discutia e falava com altivez e eloquencia, sem que a sua pena decesse á lama do insulto e a sua palavra se levantasse para propugnar por uma idéa que não fosse luminosa.

E' esse, nos traços gerais, o homem que por todos os titulos merece e merecerá perenalmente o culto sagrado da nossa gratidão eterna, porque muito trabalhou pelo Maranhão e porque enriqueceu a literatura patria com obras de valor real e fulgôr incomparavel.

A Estátua de João Lisboa

Inaugura-se hoje, enfim, a estátua do galhardo campeão da imprensa maranhense no 1.º imperio, o facundo, o soberbo, o primorôzo escriptor da «Vida do Padre Antonio Vieira», o heleno historiador da terra nossa, o liberal convicto e ardorôzo, o abnegado e formidavel paladino do direito e da justiça que encheu de luz serena e pura toda a inapagavel serie de anos que vae de 1812 a 1863.

Quatro anos de olvido criminôzo e degradante passou-os o bronze de Magrou, bronze que perpetua a plastica do nosso gloriôzo conterreneo, no vestibulo do Palacio do Governo a ouvir o calão irritante da guarda e a contemplar ao de cima da sua soberana retidão de caráter e da sua circumspecta nobreza de sentimentos os palacianos que trazem a cauza do governo em perene, ininterrupto e eterno assedio.

Artúr Azevedo, o eminente patricio, a mais fuljida e simpatica figura das nossas letras contemporaneas, astro que ainda não esmaeceu nem esmaecerá nunca, pezar de um provinciano cronista afirmar muito injenuamente o contrario, lançou em uma das suas magnificas «Palestras» a idéa chisparreante de erijir ao mais genuino e famijerado dos nossos escriptores, uma estátua ante que os novos viessem

todos os anos, em enobrecedora romaria civica, curvar a cabeça sonhadora e haurir alento para prosseguir na estraféga gigantesca em que se empenham hodiernamente contra o indiferentismo magoante dos que, bafejados pelas auras da immortalidade, lhe não concedem o apoio a que tem direito.

Era luminosa e grande a idéa mas não logrou logo plena aceitação em S. Luiz. Quando, porém, empunhava as redéas do poder do estado o fulgurante tribuno dr. Luiz Domingues foi, por uma lei do Congresso, cujo projecto coube ao faguhante jornalista, deliciôzo conteur e vitoriozo comediografo dr. Viriato Corrêa apresentar; autorizado a mandar esculpir em bronze a figura altaneira e mascula do Timon maranhense.

Ta finalmente o povo do Maranhão patenteiar a sua gratidão ao compatriocio que tanto o elevou e a gratidão do povo se concretiza na rejidez perpetuadora do marmore dos monumentos ou na mudez eloquente dos bronzes das estátuas.

João Lisboa ia ter, que por muitos titulos a merecia, na praça do seu nome a sua estatua e a população da «Atenas» se vangloriava já de tão auspiciôzo evento.

Os tempos começavam a apagar na alma inconstante do povo, as primeiras vibrações de entusiasmo pela linda idéa, quando foi rudemente sacudida por um safanão brutal a pitorésca cidade das laideiras e bôndes velhos: corrêra a noticia de que a estátua abandonada nos armazens da nossa aduana ia ser levada á hata publica.

Verberou contra tal procedimento, indignada e altiva, a população tão pacata e ordeira e foi a «Pacotilha» o porta-voz vibrante deste protesto.

Merece a tais reclamações foi a estátua transportada para o vestibulo de palacio onde continuou estoica e hirta a ler paciente e filozoficamente o seu livro de bronze e a sofrer sem uma recriminação sequer a sua negra odisséa de hospede do governo e companheiro da guarda.

Quatro anos passou-os a pobre estatua lá; e a não serem os môços e só os môços, porque só eles o faziam dezassombrada e dezinteressadamente, ninguém mais levantou a voz para perorar contra o sacrilégio que impunemente se praticava contra todo o lucido passado literario da «Atenas Brasileira», que tanto nos enche de orgulho, abandonando conciente e propozitalmente a effije do seu mais representativo e vitoriozo fatôr.

E a mocidade que sempre leal e animada se houve na v. guarda de todos os idéas nobres, elevados, não desmereceu desse conceito e se manifestou eloquentemente, já pela imprensa estudantal, já se congregando em núcleos, já fundando uma associação cujo nobilitante escôpo era colocar na praça do seu nome a estátua do soberbo publicista.

PARNAZO

Muza impoluta

Gasta como tú és, de corpo e de alma casta nos sonhos e no olhar, dessa ampla astral branca, o próprio orvalho, a própria luz dos sonhos basta para manchar-te o corpo e manchar-te a alma pura!

No mundo, onde o desejo as almas, máu, vergasta e enlaza tudo como a serpe da Escritura, fazes, limpa, lembrar, na fé que ao bem te engasta, um lírio que sorri sobre uma cova escura...

Não te seduz o mal com os seus vis resplendores... Vives sem culpa como a alma que se desliza, ás benções do luar, do coração das flores!

Jamais roçou-te a fronte a aza irial dos vícios, e nunca os joelhos teus dobraram-se na oblata, nem morderam-te o corpo os prégos dos cilícios!

Maranhão Sobrinho.

Profissão de Fé

Nua, branca e marmórea, ante um altar prostada, Cabelos em lençol sobre o dorso redondo, Tereza, humildemente, um voto vai depondo De castidade aos pés da Virgem Imjaculada.

Paíta o silencio em tudo. Austeridade impondo Surje Madre Abadessa... --A virgem recurvada Em contrição suprema, ólha ruborizada, E beijo a Irmandade á testa lhe vai pondo.

Ante a esbelta nudêz de fôrmas peregrinas, Tudo se queda enlao: as rozas, as boninas, Os goivos, os jasmíns, os lírios, as verbenas...

O próprio sól, luzindo, ardente nos vitrais Da-lhe banhos de luz qual beijos sensuais; E éla recuza, orando, as tentações terrenas!

Rio

Hilton Fortuna.

...d'Alma

Minha mãe! Na existência doloróza, O teu filho, por ingremes caminhos, --Viador perdido em selva tenebróza, Chora, á falta de luz dos teus carinhos.

Lonje de mim, tu vives lacrimóza, Nem te pareces mais com os passarinhos, Fonte de bem, misericordioza, Nesta gruta de lagrimas e espinhos.

Eu não sei mesmo o que de mim seria, Que seria de mim, vencendo ab'ólhos, No mar terrível desta noite fria,

Sentindo, a todo instante; a vida incalma, Se quando lonje vivo dos teus ólhos, Não te sentisse péto de minh'alma.

Vespaziano Ramos.

Foi a «Oficina João Lisboa», que em romaria cívica foi até onde se achava a estátua e a envolveu, com carinho desvelo, em uma bandeira do Maranhão tentando ocultar das vistas impiedozas dos que chegavam a ignominia que tanto lhe revoltava a alma joven e tanto aviltava a terra maranhense.

Empenhava-se na transladação da estatua quando Antonio Lôbo, o amigo saudôzo dos moços, rompendo em franca oposição ao governo, estigmatizou pelo jornal que dirigia, talvez mais com intuito de fazer política que de melhorar a sorte da infeliz obra d'arte, o descázo infamante de que esta éra vítima; fazendo com tal yeemencia e tão dezabridamente que predizpoz o então chefe do Estado contra qualquer manifestação em favor da malfadada estátua.

A mocidade continuou, porém, no seu firme propozito e sendo repelida duas vezes silenciou o seu intento, mas não o alijou nunca; escondeu-o esperando melhores dias para fazê-lo refuljir com o mesmo esplendôr dos tempos primeiros á luz doirada de um sol amigo.

Era agora a ocasião propicia e já começava a se aprestar para isso, quando, ó ironia da sorte! o Governo do Estado incumbe a «Academia Maranhense» de conduzir a maltratada estátua, para a praça a que foi destinada.

Os moços do Maranhão pasmaram.

Em todo caso, se bem que a Academia nada houvesse dito em pról da escultura do grande historiador, por ser a primeira associação de letras do Maranhão, dada a reconhecida competencia dos que a compõem, bem poderia a éla caber a honroza incumbencia e os moços concordaram plenamente com a escolha, esperando que a douta associação ao menos lhes concedesse nos imponentes festêjos inaugurais, o lugar que lhes cabe e que muito garboza e arduamente conquistaram nêssa campanha renhida que foi a remoção da Estátua de João Lisboa dos baixos de Palacio.

A mocidade assim o esperava, e qual não foi o seu desapontamento ao vêr que a Academia, num egoísmo que se não justifica, no pograma dos festêjos solenes da inauguração não incluiu sequer um representante que lhe interpretasse o júbilo, o justo, o intenso, o santo jubilo, alegria boa de quem vê o triunfar da cauza porque tão denodada e rijamente se bateu, alegria sã que nasce com a victoria.

A «Academia», soberana senhóza de cenho carregado e vóz grave, não lhe permitiu esta inofensiva expansão, indeferindo a reclamação dos seus direitos, que fez por nosso intermedio.

Seja tudo pelo amor de Deus.

Os moços guardarão absoluto, esfínjico e relijiozo silencio ante o vulto do maior, do mais leal, do mais justo e do mais talentozo homem de letras que o Maranhão ha possuido e só lhes resta, como desforço, uma ciscunstancia que intimamente hemdizem: é que João Lisboa, o João Lisboa que éles agora monopolizam, penetrante observador e profundo psicologo, passou quatro anos na porta de Palacio e quatro anos ouviu, irritando-se, talvez, com o calão torpê, as palestras revelôzoras da guarda...

Galicismo

O galicismo pode ser de palavra, phrase ou construção. Considera-se defeito, quando delle não ha absoluta necessidade, porque afinal nos servimos de material alheio, tendo o nosso proprio. Eis alguns exs: Abatjour (Quebra luz), abordar em vez de começar a tratar de um assumpto, Bouquet (Ramalhete), Chalet (Chalé), Corbeille (Cesta), Deboche (Depravação), Debutar (Estrear), Detalhe (Minucias), Legenda (Lenda), Madame (Madama).

Destes alguns já ganharam foros de cidade e não ha meios de os banir.

Meu pae aparecendo (Aparecendo meu pai), Golpe de vista (Lance de olhos), Em quanto que (Emquanto), Se faz muitas coizas (Fazem-se muitas coisas), Rôbe de chambre (chambre ou roupão). Julgo condenaveis os seguintes galicimos de construção:

1) Que la volonté de Dieu soit faite! Que a vontade de Deus seja feita.

Mas a tradução portugueza é: seja feita a vontade de Deus.

2) Vous avez cueilli des fleurs. Dizem-Vos tendes colhido flores.

Em portuguez: Colhestes flores.

O tempo composto em portuguez ordinariamente exprime ação repetida e não fato unico.

3) On doit respect à la vertu. Se deve respeito á virtude, Mas deve ser: «deve-se respeito a virtude, porque as particulas obliquas não começam frases em portuguez.

4) Mes cousines sont les demoiselles les plus vertueuses (Minhas primas são as moças as mais virtuosas) (Minhas primas são as moças mais virtuosas).

5) C' est le seul de tous les hommes qui est veu sans faiblesse.

(E' o unico de todos os homens que viveu sem fraquesa).

Os verbos devem ficar no mesmo tempo. Fôï o unico etc.

Nul homme n'a exercé sur son siecle un impere aussi extraordinaire.»

«Nenhum homem não exerceu». Suprima-se a 2ª negativa, Il commanda à l'un de ses disciples d'arracher un tout petit arbre.

Ele ordenou a um de seus discipulos de arrancár um arbusto.

O verbo ordenar é transitivo e pede obj. directo: ordenou que arrancasse.

Au reste on a vu dix vaisseaux.

«De resto viu-se dez navios.

Finalmente, viram-se dez navios.

Nous venons de lui dire. Nós vimos de o dizer.

Nós acabamos de o dizer, porque vimos exprime movimento.

Traiterent en ennemi.

«Trataram em inimigo. Diga-se: como inimigo.

Quand Paris devint une grande ville, que les moeurs se modifierent.

Quando Paris se tornar umag rande cidade e que os costumes se modificarem.

Quando e que é galicismo.

Deve ser: quando Paris se tornar uma grande cidade e os costumes se modificaram ou—e quando os costumes etc.

Quand on est officiel.

Quando se é oficial. Se não pode ser sujeito.

Quando somos officiaes.

Pendant que Colbert faisait, la France riche.

«Emquanto que Colbert fazia a França rica.

Emquanto, e não em quanto que.

Eut a luter. Teve a lutar.

Em portuguez teve que lutar ou teve de lutar.

Que des raisons! Que de razões!

Nada disso: Quanta razão!

José Augusto Corrêa.

O Brazil precisa de soldados e alistae-vos!

Dois poetas

Da geração moderna destacavam-se, pelo fulgôr de seus espiritos, dois vultos eminentes da sublime arte de Voltaire: Maranhão Sobrinho e Vespaziano Ramos, poetas verdadeiramente conscienciosos e espontaneos, que deixaram imensas preciosidades no tezoiro tradicional da nossa historia litteraria; Maranhão Sobrinho era o artista sequido das glórias a que fazia jús, enquanto Vespaziano Ramos, sem atender outra voz, apenas vazava, da sua alma apaixonada, os queixumes que um sentimento indomito lhe absorvia a vida.

Ambos artistas e ambos boêmios, aquê le pelo verdadeiro temperamento, este pela necessidade de derramar as suas lagrimas lancinantes somente nos seus versos intimos, abafando, o résto da sua desdita na boêmia aparente—unico recurso para não deixar tombar a alma de artista—atravessaram a curta trajetoria da vida, sem poizo e sem preocupação material. Voar como as andorinhas da primavera e cantar com as cigarras do outono, eis a sua vida errante.

Maranhão Sobrinho rebuscava nas lendas e nos costumes de outros povos e nos môdes de outros artistas, o oiro com que matizava, com a forma sua e tão somente sua, a epopéa da sua obra grandioza e, no afan da gloria que buscava com veemencia, e que alcançou facilmente, dado ao seu rial valôr, entregou a historia, esta sublime trindade—*Papeis Velhos, Estatuétas e Vitórias Réjias*—relicario sublime da sua alma de artista.

Entretanto, Vespaziano Ramos, tão artista quanto ao seu companheiro de infortunio, do muito que tinha esparso, somente por insistencia de seu irmão Heraclito Vespaziano Ramos—tambem poeta na faze brilhante da *Oficina dos Novos* e hoje homem do trabalho—e para atender amigos que o admiravam, reuniu, em um volume—*Coiza alguma...* os seus melhores trabalhos e, depois de, indifferente, receber a mais verdadeira consagração da sua estréa fuljida, impedido pelos mesmos encantamentos que prendiam Maranhão Sobrinho, embrenhou-se pelo caudalôzo Amazonas, admirando o roldão das suas aguas escuras e o esplendôr das floréstas majestozas, e incultas, como, que encontrando naquêla imensa solidão o balsamos sacrosanto da sua vida ou procurando o fim das amarguras que lhe torturavam a alma.

E, chorando a falta dos carinhos maternais e do céu azul de sua terra, unicos confôrto da alma que tanto soffria e unicos merecedôres do seu grande amor, sem se embriagar pela ultima vez na epopéa de luz e de carinhos que anhelava e que cantou com imenso sentimento puro, correu, cêlere, impellido por tal fascinação e estacou, entre estranhos, sem um raio de luz embriagante e sem um afêto carinhôzo, na caverna escura e tenebrôza que lhe roubou a vida, em 26 de dezembro de 1916, como um tufão estilhaça a frajil jangada sem tripulantes.

Résta de tudo uma saudade, uma nuvem angustioza nos nossos coraçôis, uma lagrima de mã, rezignada, tremulante, pura, sublime...

Joaquim Luz

Domingos Machado

Não é esta a primeira vez que nos ocupa a personalidade muito querida para nós do professor Domingos Afonso Machado, o intemerato amigo da mocidade estudioza, por quem tudo faz e a quem guia na veréda ingreme da educação moral e intellectual.

Passa êle agora a dirigir os destinos da nossa agremiação e eis que se inicia uma nova faze de progresso para os nossos ideais, que encontraram no querido Mestre o mais invencivel batalhador, audaz e destimido.

Com as luzes das suas liçôis de intellectual e autoridade da lingua que falamos e os sabios conselhos que sempre tem para os que se batem pela santa cauza das letras patrias, seremos fortes, e breve, se formos fieis aos seus ensinamentos, seremos vencedores.

Dentre das idéas felizes que tem tido a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», essa a de eleger para seu Presidente o illustre e erudito educador maranhense, foi a melhor, já pelos reais meritos que aúreolam a fronte veneranda do Mestre respeitôzo e já pelo lugar de destaque em que êle se colocou no coração dos moços, solícito e paciente nas suas liçôis luminosas.

E, fieis às nobres qualidades de espirito do estimado educador Domingos Machado, entregamos os deznignios do nosso gremio à sua sabia orientação, homenajando os seus meritos reais e satisfazendo uma das nossas mais lejitimas aspiraçôis.

Carta aberta

Ao Dante Faria

Não espéres, meu caro confrade, da minha pena incolôr e sem mestria, uma resposta concludente ao assunto que abordaste na carta eloquente que me fizéste de Fortaleza e que a minha incapacidade—que a tua bondade chama modestia ou timidez—tem deixado sem resposta.

Os elevados discortinios das tuas idéas de saber, calaram no meu espirito uma impressão benéfica e suáve, apesar de estarem além da alçada do meu espirito obscuro.

Na época em que me escreveste éramos simplesmente espectadores da tremenda luta que ensaguenta a civilização dos povos e devasta a obra grandioza de muitos séculos; hoje, compartilhando nós dêsta catastrophe que enche os lares de fome e de lagrimas, que deixa orfãos innocentes e que trucidada os nossos avós, as nossas filhas, as nossas irmãs, as nossas noivas e os nossos filhos, aquêlas idéas que manifestaste, deverão ter um curso muitissimo mais elevado e amplo.

Não somente as portas dos quartéis devem ser cerradas aos analfabêtos, não; devem tambem ser cerradas á pobreza de caráter dos nossos homens de saber viciado, ás portas dos cargos de responsabilidade para que só possam ser ocupados pelos que saibam colocar acima dos interesses pessoais e dos favôres pequeninos e illicitas tranzaçôis, os verdadeiros interesses da Nação, o verdadeiro progresso que aquinhõe, na expressão

maxima da igualdade, a todos em comum.

O grande mal que emperra o nosso passo para o progresso, que nos envolve cada vez mais nos meandros da obscuridade, é bem verdade decorrente, não somente do analfabetismo, mas da instrução vicioza que recebemos.

Diz Guerra Junqueiro, na imensa sahedoria da sua alma majestozas:

Roubar-vos da voss'alma a vossa crença antiga
Seria como se roubasse u uma mendiga
As tres achas que leva á noite para o lar!

Eu penso, meu caro confrade, como o poeta, que, arrancar os nossos homens rúdes e as nossas crianças innocentes das garras tremendas do analfabetismo para arrojá-lhes ás não menos horriveis deste saber viciado, onde o espirito se eleva e o caráter se amesquinha, é perpetrar um crime hediondo, imperdoavel.

Tenhâmos para os nossos miserandos analfabêtos uma instrução completa e precisa ou então deixemo-los na sua ignorancia sem mácula e, até certo ponto de vista, preferivel.

Não opino, confrade muito illustre, que se deem azas ao analfabetismo; opino, porem, que não seja êle combatido com a instrução deficiente, sem preparação solida do caráter para receber, espiritualmente, as luzes do saber.

Em vez de Academias e de Liceus onde, por diletantismo, vão os nossos môços aprender frases bonitas, a cata de um gráu ou de um titulo que lhes garanta um cargo lucrativo para atravessar a amente folgada, e sem espirito de complacencia para os pequenos, para os despretejidos da sorte, instaurem-se esôlas praticas onde, ao mesmo tempo que se aparelham, espiritualmente, recebam a noção do trabalho, para que a industria, a lavoira, a mecanica, a enjenharia, todas as artes, enfim, sejam providas de profissionais competentes e laboriozôs, ao par de uma educação moral afeita ao trabalho e a modalidade do caráter.

A criança que desde o bérço recebe dos páis uma educação moral izenta de caprichos viciozos, chegando, nos mesmos moldes, a esôla pratica para receber as primeiras noçôis do espirito, galga a escola superior e afeição-se a uma educação completa, moral e intellectualmente, e, quando dâli sair, descortinará não o mundo das orjias e das inutilidades e sim saberá empregar, utilmente, o seu saber, trabalhando, honestamente, para si, para a Patria e para a coletividade.

E' da deficiencia da educação completa, iniciada no bérço, que vem a indolencia nos empreendimentos que deviam tornar forte e soberanamente grande o nosso paiz, grande e soberanamente vasto; é de lá que võem o sentimento incompleto e fraquejadôr das coizas sérias e que a idéa do patriotismo não tem como na lavoira, na industria e nas artes, em cada brazilgiro um só ponto de vista: a luta intrépida, a impavidéz, o sacrificio.

Dê-se o golpe de môrte decizivo no analfabetismo e ministre-se, com o rigôr da diciplina, a educação intellectual ao par com a educação moral e civica e teremos, em pouco espaço de tempo, homens verdadeiramente valorôzos, comprehendôres intranzijentes dos verdadeiros devê-

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Domingos A. Machado—Presidente
 Joaquim Luz—Vice-Presidente
 João Vitor Ribeiro—1.º Secretario
 Estér Fortuna Pires—Tezoureira
 Jozé Zoroastro Vieira—2.º Secretario
 Jozé Padua Fortuna—Bibliotecario
 Djalma Fortuna
 Jozé M. Reis Perdigoão } Comissão de
 Djalma Vasconcelos } revizão

Assinatura anual 1\$000

As assinaturas terminarão sempre em dezembro.

“O Ateniense” será enviado à imprensa mediante permuta.

res de cidadão, na alta elevação do caráter e da honradez.

Feito isso desaparecerão os preconceitos orgulhózos e a deusa da Justiça, serena, majestozza, sublime, abençoará a verdadeira fraternização, vendo, em vez de oprimidos e opressóres, de vitimas e algózes, somente irmãos!

Dirás tú, meu caro confrade, fraquejando das nossas idéas demais elevadas para a nossa raça imensamente corrúta, que perdemos o nosso tempo, que nada conseguiremos...

—Que impórta porem que não nos oíçam e que nos não atendam? Fraquejar das nossas idéas é que seria um aviltamento, seria a promiscuidade com a corruptéla dezentreada que tudo asfixia.

Confórte-nos a alma ao menos, a pedra que colocamos, com as nossas idéas, no momento sonhado da nossa rejeneração moral.

Abraça o teu

Jovira.

D. Pedro II

A memoria do nosso imperador é dignissima de homenajens sincéras e eloquentes, porque alem de tudo, foi o venerando monarca o mais devotado amante desta grande terra de onde foi banido com a queda do rejime de então.

Lá no exilio, com a alma amargurada pela dôr atróz da saudade, nos mandou, antes da sua morte, em Paris, no dia 5 de dezembro de 1891, as mais carinhosas provas de muito amôr ao nosso Brazil.

Rendamos, pois, ainda que tardiamente o nosso preito humilde ao avô de D. Pedro II, nosso socio honorario, que tam e n vive exilado da patria muito querida.

Olavo Bilca

Passou em 16 de dezembro a data natalicia do Principe dos poétas Brasileiros, o grande propugnador do patriotismo no seio da mocidade patricia.

O prólogo da sua obra sublime começou na conferencia realizada em S. Paulo, na Academia de medicina e desde então a

sua palavra fluente e a sua pena de oiro não cessaram um momento de trabalhar na obra meritoria que tem despertado o mais vivo soerguimento deste povo altivo e grande pelos elevados feitos do nosso passado gloriozo.

Mandamos, com a expressão elevada do nosso respeito, ao grande patricio que honra o nosso quadro social, os mais sincéros parabens.

A sessão de hoje

Efetua-se hoje, no salão nobre da nossa agremiação a solenidade da posse, da nova Diretoria em cuja sessão prestará também o compromisso do cargo de vice-préizente o nosso consceio Joaquim Luz, um dos maiores lutadores de que dispomos, e que, a contento geral, exerceu, no período que se findou hontem, o cargo de Presidente, tendo trabalhado com ardor e afinco pelo engrandecimento deste gremio em tão boa hora confiado á sua direção.

“O Ateniense”

Recebemos as seguintes linhas de um nosso apreciador de Fortaleza o que nos envaidece incentiva:

“Ilm. Sr. Redator d’O Ateniense.

Saudações.

O fim desta é pedir-vos que aceiteis o humilde artiguete que escrevi sobre o vosso brilhante jornalzinho.

Aproveitando o ensejo, peço ao illustre Redator que façais publicar em o vosso organzinho estas toscas linhas que se seguem juntamente com esta.

Assim fazendo, peço-vos mais uma vez o obzequio de me enviardes o numero do jornal em que sair o meu humilde escrito, pelo que vos ficarei eternamente grato.

A’s vossas ordens.

“O Ateniense” é o titulo de um brilhante jornalzinho que se publica em S. Luiz, capital do Estado do Maranhão.

Forte pelos seus idéas o pequeno paladino vem granjeando grande acolhimento em o seio do nosso jornalismo.

Repleto sempre de bons escritos, ele se torna agradável pela sua leitura. O seu estilo é masculino, fluente, grandiozo.

Seis anos de existencia para um jornal literario são seis anos de trabalhos e de progresso, entre os quaes parece não ter havido ainda o menor dezanimo por parte dos seus Redatores. “O Ateniense” ha feito muito e muito nos seis anos de vida que tem no seio da imprensa.

Tenho ás mãos o numero 73 dessa folha, do dia 18 de agosto de 1917. Esse numero assinala a fundação do “O Ateniense” que teve lugar no dia 18 de agosto de 1912.

São pois, seis anos de uma luta literaria.

Em a sua primeira pagina traz um brilhante artigo da Redação e um cliché do grande brasileiro que foi o Barão do Rio Branco, que é o patrono dessa Sociedade Literaria.

O numero 73 do “O Ateniense” conta 12 paginas, algumas repletas de inspirados versos e outras de magnificos escritos.

Muitos são os esforços dos Redatores desse sublime orgam, que lutam para fazer com que o seu jornal continúe a proseguir o bom caminho que vem trilhando ha seis anos.

Avante!

Rubens Falcão

Fortaleza.

A Sociedade de Letras «Alvares de Azevedo», de S. Paulo, teve a nimia gentileza de nos dirijir uma carta de saudações, acompanhada dos ns. 3 e 4 de «Atlante», otima revista, orgam daquele gremio, que vem repleta de boa colaboração em proza e verso, encerrada em elegante opusculo de 16 paginas. Também nos foi enviado o n. 7 de «Germinal», orgam bimensal dirijido sabiamente pelo confrade Jozé Rodrigues do Prado. Alem dessas ofertas valiozas, cativou-nos a mesma sociedade com um exemplar dos seus estatutos, por onde se vê que é uma agremiação bem orientada e de fins os mais utilitarios para as letras patrias.

A «Revista Maranhense» desta capital é uma publicação que já se impoz no meio culto e intelectual, não só pelo capricho na escolha das suas produções, como também pelo reconhecido gosto artistico do encarregado da sua organização. O n. 19 presta justo preito ao abalizado educador Oscar de Barros e o n. 21 traz excelentes artigos de estudo á individualidade imortal de Gonçalves Dias. Alem disso, dão-nos os esperanças confrades da «Revista» mimosas produções em verso e proza que muito lhes recomendam o renome futuro.

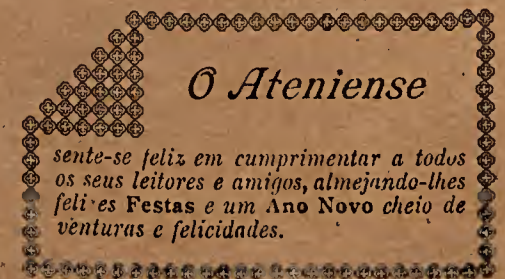
Com imenso prazer temos sido vizitado constantemente pelo graciozo confrade «O Postal», interessante mensario que tem feito o nome de Luiz Silva como um dos nossos modernos cultores da muza. Farto de leitura agradável e erudita, visitou-nos em formato aumentado, em 25 de novembro.

Em setembro proximo passado appareceu em Parnaíba o bi-semanario «O Imparcial», dirijido pelo nosso confrade dr. Nestor Véras. Basta o nome do seu diretor para lhe garantir um lugar de destaque na imprensa indijena. Traz boa leitura e não descure principalmente dos interesses daquele rincão futurozo do uberrimo Piauí.

No mesmo mez de setembro veio á luz da publicidade, no Rio de Janeiro, o quinzenario «O Popular», destinado a defender o povo e as instituições republicanas. E’ muito bem impresso e vem cheio de boa leitura, util e agradável.

—Do sr. A. M. Gondim, habil e conceituado proprietario da officina de canteiro e marmorista, sita á rua do Sól, n. 15, recebemos elegante folhinha de parede para 1918, que muito agradecemos.

Gratos, permutaremos.



O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 7.º

Maranhão, 10 de fevereiro de 1918

Num. 79

Rio Branco

O chanceler de oiro!...

Avolume-se a poalha imponderavel dos tempos no afan vandalico de tudo soterrar, trabalhem as catapultas das horas na febre inglória de tudo destruir e o vulto sereno e grande, ilibado e altivo de José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, se alçará sempre dentro do sagrado panteon da nossa historia, mais garbôzo, mais altaneiro, mais esplendidamente cheio de glórias.

E' que se não destrôe o que é eterno, e o que é eterno emerge de cada estrafaça rude em que se empenha com o tempo, mais magnificamente reluzindo nimbado pela aura rútila da vitória.

—Barão do Rio Branco—eis um nome imortal, da memoria nossa inalijavel e até hoje unico na historia da terra brasileira.

Bacharel, abolicionista, escriptor, historiador, diplomata, e diplomata como ainda niguem o foi em nossa terra, ê atravessou a vida gloriôza a engrandecer, como ardente patriôta que era, o seu Brazil querido, seu Brazil imenso, de quem defendeu sempre com denodo e garbo as fronteiras amplas, reavendo-lhe territorios que lhe queriam delapidar.

Ninguem ha que brasileiro sendo, não tenha uma palavra de louvôr justa, uma fraze de veneração merecida a ajuntar-lhe ao formozo nome em se tratando desse extraordinario vulto.

Varão enclito que Plutarcio não hezitaria um só momento em incluir entre os conspicuos da sua famijerada galeria, Rio Branco deixou a vida entre as lamentações sinceras de todo un paiz, a sua patria, que, perdendo-o, via dezaparecer-lhe um dos seus mais devotados filhos.

Das terras onde ha néve do sul, ás terras onde ha sempre só do nôrte, das praias onde o mar soluça, ao sertão onde as florestas murmuram, num movimento unisono, sem uma só dissonancia a se destacar insólita gritante pela temeridade de se elevar contra tôdos, a terra de Santa Cruz chorou o filho augusto.

Foi em Fevereiro de 1912 que se alou, buscando em remijios potentes as claras regiões onde a vida é eterna e os gozos não têm fim, o espirito de eleito desse grande brasileiro, o maior dos brasileiros...

Sobre a patria que tanto perdia com a morte do egreije filho, caiu o lutuôzo crepe que entristece tudo e o F de Janeiro, a «Cidade Magnifica», sentio con-franjir-se-lhe a alma inquiéta; aquêla sua alacridade



genuina e intensa, a sua casquinada costumeira, jovial, estrangulada a um soluço de dôr; pezarôza, enlutada, triste, viu passar o solene, o majestôzo prestito funebre do Barão.

Era a deslumbrante apoteoze do homem moderno.

Antigamente, nos réjios tempos de Roma, a Roma das purpuras esplendentes, dos senadôres venerandos e dos templos pagãos, quando um general voltava vitoriôzo de uma campanha cruenta em que destruiu idolos, incendiara cidades, talara campos e esterminara barbaros a «Cidade Eterna» lhe concedia um triumpho. Era o triumpho do valente sanguinario, a sua pompôza glorificação; e nada mais deslumbrante, nada mais maravilhôzo, que a sua entrada triunfal, coroado de loiros, na sua quadriga aurilavrada, que uma parelha ardega de ginêtes alvos tirava a passo curto...

Era a apoteozê do homem antigo.

Hoje, nos nossos tempos, o homem moderno temna na morte, e muito mais nobre e justa, porque menos filha do entusiasmo momentaneo, é essa homenagem postuma, verdadeira, comovente e triste.

Se ha alguém que em nossa patria tenha feito jús e recebido uma consagração d'estas, foi sem duvida José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco.

Imenso, imponente, magnifico foi o cortejo que o acompanhou á necropole dezerta e muda.

Seguia a multidão compacta, silencioza, descoberta, cheia desse respeito imperiôzo, intuitivo, que se tem ante uma imajem santa, quando, em surdina, os metais abafados, a charanga dos marinhoiros nacionaes rompeu a tocar a serenata de Schubert.

A massa popular freuiu, vibrou emocionada ao ouvir aqueles sons dolentes, evocativos, tristionhos...

Era um dezêjo do Barão, dezêjo que lhe traíu a bêla alma de artista.

Aquêlas notas melancolicas atiradas para o espaço pelos cornetins doirados punham no ar d'aquêla tarde, já de si tão lutuôza, laivos de tristêza roixa.

Dir-se-ia o ultimo adeus do grande homem, do grande lutadôr que tombara, não vencido que a morte o não subjugara, pois vive eterno e luminôzo no coração de todo o brasileiro.

E assim a nossa patria perdeu um dos seus mais puros e gloriôzos filhos e perdemos, nós brasileiros, o mais leal, carinhôzo, nôbre e esclarecido irmão.

O chanceler de oiro!...

PARNAZO

Carapuça.

Um cão d'estima e outro vagabundo
Acazo se encontraram,
E, sobre varias couzas d'este mundo,
Então dialogaram.

Nedio, bem nedio, aquele se exhibia.
Devido ao tratamento.
O segundo mais mumia parecia
E era um cão pitento.

«Colega, diz o gordo, com desdem,
E's mesmo um bacalháu.
Poderá, por ai, supol-o alguém
E assim passar-te o páu.»

«E' isso, diz o outro humildemente.
E' isso, na verdade.
Não menos que existir, mas muita gente,
Como tu, na cidade.»

«Gordo embora, tu és um linguarudo
Mas não passas de cão.
Como os taes de dous pés, metes em tudo
Tua lingua ferrão.»

«Melhor é recolher a lingua aquele
Que possuir ferina;
Pois indino é cortar d'algum, na pele,
Raça humana ou canina.»

«Um cachorro ter pira, com certeza,
E' couza natural.
Tal não deve cauzar tanta estranheza,
Como a pira moral.»

«Aquele Deus a dá, a quem merece
Por peccado talvez...
Esta o demo solícito fornece
Ao falador soez.»

D. M.

Soneto.

A alguém

Admiro-te as formas palpitantes
O olhar divino que a sorrir desprendes,
Admiro-te os gestos e os ondulantes
Cabêlos bastos que com graças prendes;

Admiro-te as mãos, as mãos constantes
Borbolêtas que poizam se as estendes
Por sobre o coração e o côlo arfantes,
Com arle e graça que tu não comprehendes;

Admiro-te toda: és sonho aládo
De um saudózo poeta desligado
Dos caminhos de flôr que o amôr nos medra;

E's idolo, não és amôr, és crença:
Eu te fito, mulher, com a indiferença
Com que contemplo um mulher de pedra!...

D. Voltaire.

Fóra da barra.

(Para o Dante Faria)

...Eis o farol. Alem, naquêla ponta,
Outra luz fagulhante a noite corta;
E' do berço natal a amada porta
Que o coração palpita nos aponta...

Quanto é bom o chegar!—Nossa alma morta
De anciedade por tudo que desponha
Espiraee revendo, esvoaça tonta
Da sadia alegria que confôrta...

...Mas, é noite. Somente de manhã,
Quando a auróra florir rosea e lauçã,
Poderemos entrar lá na cidade!...

—Esperemos um pouco, um pouco ainda!
—Como a noite parece que não finda,
Quanto cresce e maltrata esta saudade!

Rio

Hilton Fortuna.

Somente

(A Arlette de Giovanni)

...E quantas vezes fui assim...
Um perdido,
Um louco destemido.
E tudo, enfim,
Por corações...

Esses: sem crenças, sem orações.
Corações diversos,
Corações dispersos
Desta vida
Fementida...

Amei-os todos
E com receios...
Asqueozos e feios,
Carcomidos de lódos,
Magros, mirrados e nos fizicos
A palidez sombria de tizicos...
Pobres corações!

Sem luz, sem crenças, sem orações!...
Mais hoje que me fiz um pensador
Liberto,
Trazendo ainda nalma a dôr,
Extravazei do livro aberto
Da fé, da crença a forma divinal
De um coração;
Coração meigo, terno e espiritual,
Que vale por si só um poema, uma canção
E esses versos de agora...
O vosso coração, senhora...

Gentil de Granada

Rio

Aluizio Azevedo

Em 31 de janeiro de 1913 perdeu o Maranhão um dos seus mais illustres e brilhantes romancistas, senão o mais brilhante e illustre.

Creador emerito do naturalismo no Brazil, legou-nos genial dicipulo de Eça de Queiroz e Emilio Zola, soberbos e imortaes monumentos que por si sós, glorificariam toda uma raça.

Pertencente a uma familia de intellectuas, a dos irmãos Azevedos, Aluizio fundou a sua escola na literatura patria, crevendo com seu genio creador, o sobrinho «O Mulato» e o imortal «Livro de uma Sogra», que ao lado das muitas outras que produziu tanto nos honram as tradições e o nome de Atenas brasileira.

Em homenagem á inapagavel memoria do gigantesco vulto do saber que foi Aluizio Azevedo, a Sociedade Literaria Barão do Rio Branco, que tem uma das suas cadeiras honradas pelo seu nome, e occupada atualmente pelo nosso inteligente confrade Joaquim Luz, ardorozo admirador e dicipulo do grande maranhense, a nossa agremiação deliberou dirigir ao poder municipal uma mensagem pedindo que seja dado a uma das nossas ruas o nome aureolado do autor de «Caza de Pensão».

Ficará, assim, sempre lembrado ao povo maranhense o nome do romancista de alto quilate que tanto nos honra e tanto nos eleva.

Cariócas

A noticia da inauguração da estatua de João Lisboa, na mais bela praça de S. Luiz, cauzou aqui, entre os da colonia, o mais indescriptivel contentamento. Todos saborearam com delcete a novidade. Sim, que já não era sem tempo.

O lindo bronze de Magrou já deveria estar farto de ócio sob os degraus palacianos, ouvindo o calão dos militantes policiaes, e a alma de João Lisboa, grande e luminosa, já deveria viver ralada com essa injustiça revoltoza de semelhante abandono.

As estatuas, segundo disse um meu amigo, e com muita justeza, foram feitas para ficar á luz meridiana, batidas pelos ventos...

Eis uma verdade que o sujeito mais pirracento não é capaz de sonegar...

Pois bem;—sentenciou o mesmo meu dito amigo,—deixar uma estatua izolada num corredor, sem ar e servindo de cabide para soldados irreverentes, lonje da luz do sól, é uma barbaridade sem nome digna somente dos espiritos pequeninos e dezamorados...

Aqui está uma outra verdade sem contestação.—Como eu estava dizendo: a noticia da definitiva instalação do monumento ao grande jornalista, foi motivo de jubilo. Os aplausos serão poucos para manifestar tanto contentamento.

Os jornaes que vinham pelos correios eram devorados por todos com avidez. Eram lidos com entusiasmo.

O que destoou um pouco, descambando para o ridiculo, foi a tal questão da posição da estatua.

O plebécito aberto pelo «Jornal», produziu um efeito comico. Uns a quererem o João Lisboa com a frente para os fadres do Carmo; outros opinando para que éle não tirasse as vistas da farmacia de Marques;—uns dezejando que o jornalista espiasse, por entre as arvores, a Caza Nunes da rua, do Sól, e, finalmente, outros, em solidariedade com os Pargas, que o bronze demorasse as vistas para a Companhia das Aguas...

Ora já viram que coiza interessante?... Até poderia dar motivo a uma revista de teatro!... Parece incrivel!... A questão inflamou-se em votos para as quatro posições e até agora não sabemos aqui qual foi realmente a vencedora.

Aquele meu amigo sentenciador disse, aliás com muito espirito, que o melhor meio de agradar os votantes, seria reformar a estatua e fazel-a com quatro faces perfectamente iguaes... Assim todos ficariam satisfeitos e sem zangas...

Parece troça mas foi uma idéia batuta, pela qual meu amigo não pretende nenhuma recompensa...

Enfim, seja como fór, o Maranhão satisfiz uma aspiração antiga e grande.

«Petit à petit, l'oiseau fait son nid».

Faltam agora: a luz, os bondes, os esgotos, os calçamentos, o porto e tudo mais.

Esse atrazo é justo por cauza da guerra, sempre a guerra!...

Hil

Coelho Neto.

De um telegrama do Rio consta que será excluído da chapa oficial nas futuras eleições para a camara dos deputados o nosso patricio Coelho Neto, a quem Benedito Leite, pensando em reservar uma das cadeiras da camara para um literato eminente, filho do Maranhão, fizera eleger, alguns anos antes da sua morte.

Esta idéa grandioza; partida de um cerebro culto como era o de Benedito Leite foi respeitada até hoje, mantendo-se o notavel escritor brasileiro-naquele lugar, mas já cansaram, e é preciso excluir do nosso parlamento aquele brilhante.

Não ha duvida, o Eça tinha muita razão criando o inolvidavel tipo do grande Paxeco: é isso que serve. Enxotem dali Coelho Neto, Barbosa Lima, Rui e mais outros.

Ha muito que leio as obras de Coelho Neto, atrevo-me a dizer que ninguem hoje escreve portuguez melhor do que ele; a sua imaginação é de uma criação fértil, inexgotavel.

O seu Sertão, o seu Rajah de Bendjab, batem-se com as produções fantasticas de Hoffman; o seu Album de Caliban não é menos malicioso e encantador do que os contos de Catule Mendes; nem dou preferencia ás produções de Guy de Maupassant, e de Zola como conteurs sobre as de Coelho Neto.

A proza poetica do seu Romanceiro faz lembrar Chateaubriand, A. Herenlano, Lamartine.

Que mimos, que encantos são os seus dois livros Balladilhas e Rapsodias!

Não cabe na estreiteza desse artigo apreciar talvez uma centena de livros com que ele enriquece a nossa literatura.

Esse homem sim, esse é imortal, mas é preciso que sofra as necessidades que aflijiram Gonçalves Dias, Camões e tantos homens illustres, até mesmo o grande Conte, que foi o revelador dessa imortalidade só devida aos grandes homens.

Diz a camarilha que ele fala pouco e não é prestavel. Eu compreendo: ele não serve para moço de recados; fala pouco, é certo, mas cada discurso de Coelho Neto é uma obra prima, é uma joia engastada no firmamento da nossa patria.

Não creio absolutamente na eleição entre nós; julgo inutil uma reação e Coelho Neto só não será excluído se os poderosos o quizerem manter.

É o caso de dirigir uma supplica a esses homens, para que conservem ali aquele farol, aquele homem superior, já conhecido em todo o Brazil, homem sagrado pelo seu saber, que só pode trazer lustre á bancada maranhense.

O! Evite-se este erro!
Não mostremos espirito inculto condenando o que temos de mais belo, condenando o que temos de mais valor:

Já muito nos humilhava ver a estatua do grande João Lisbôa no corredor de palacio, já muito nos humilhava ver o grande Timon tão maltratado, tão desprezado. Estas ações são crimes contra o patriotismo, são atentados que deprimem o carater das nações.

Haja um recuo, faça-se outra acomodação politica, mas conservemos no Congresso quem tanto nos honra, quem tanto merece!

José Augusto Corrêa.



Oswaldo Cruz

Uma das maiores preocupações dos obreiros desta tenda tem sido o culto ao merito e a glorificação ao genio.

Não conhecemos tarefa mais nobilitante e grandioza do que esse myster sagrado e honroso de cultivar os que merecem e cantar lóas aos que as reclamam.

Com discernimento e criterio temos distinguido daqui as personalidades dos grandes homens que nos orgulham, porque foi aqui, na terra do cruceiro, o seu berço.

Entra agora para o rol dos que merecem as nossas lóas sinceras o nome aureolado de Oswaldo Cruz, o genial bacteriologista e homem de ciencia a cuja dedicação e raro alcance intelectual tanto deve o Brazil e especialmente este rincão esquecido e abandonado que é o Norte da Republica.

Aqui, na extrema rejão da terra de Ruy Barboza, onde a civilização penetra em dozes homeopatas, teve o grande clinico um largo palco para os seus altos estudos científicos e bacteriológicos. Sangou os estados nortistas, extirpando deles as febres malignas que tanto corroem e aniquilam não só os brasileiros do sul que aqui veem atraídos pelas riquezas amazonicas, como tambem degladiam os estrangeiros que nos procuram para exploração comercial dos tezoiros que guardamos debaixo e na flor do nosso solo.

O brasileiro que o sabe ser não pode absolutamente olvidar o que nos fez Oswaldo Cruz, não só a nós como tambem ao futuro da ciencia moderna no Brazil.

Foi um dos luminares das sumidades medicas em todo mundo, porque aqui como lá, por onde corria a sua justa fama de cientista, era tido como um genio estudioso, uma estrela de primeira grandeza a fulgir incessante no firmamento da sabedoria, pelas suas descobertas pasmosas, produto de um estudo acurado, e pelas suas arrojadas applicações de medicina, nacidas da sua habilidade profissional e do seu arrojado talento.

Oswaldo Cruz nunca deixou de estudar, investigando, tanto quanto permitia o seu genio empreendedor, as mais reconditas sinuozidades da ciencia de Engelbert, onde conquistou para o Brasil a verdadeira palmaria, foi ali que a vida, de Coroatá as bases de um sindicato moderno, a nossa lavoura.

É um relevante serviço que ele e os seus companheiros de tentamen prestam ao Maranhão, que tanto carece de quem vol-

enveredava pela senda do estudo, continuando, com mais denodo ainda, na sua santa missão de bemfeitor da hamanidade.

Ao mesmo tempo que distribuia aos homens o balsamo para as suas dores, dava-lhes uma louvavel lição de civismo, porque a caridade foi sempre o seu braço.

Do dia 12, data da sua morte, nós, brasileiros, não lhe podemos negar um gesto de gratidão, repassado de uma lagrima de saudade.



... Duas Borbolêtas

(Ao meu irmão Luiz Augusto)

...E o velhinho, todos os dias ao cair da tarde ia sempre para o jardim com a netinha, entretel-a com historias... e lembrar seu passado de criança... Muitas vezes ao tel-a assentada em seus joelhos, ela em rizo anjelial passava-lhe a mão as mãos franzinas nas velhas cans... e enquanto a briza levemente saudia-lhe as tranças de seus cabelos negros, o velhinho contemplava-a, soltando sorrisos amenos e achava aquela quadra de innocencia e candura um perfume de flor emurcheida...

—Vovô, tú hoje estás muito mau, p'ra mim, dizia-lhe a netinha em voz de choro.

Já não m'o contas mais as lindas historias...aquelas: de barba azul.

—Aquelas: de barba azul, respondia-lhe o velhinho, arremendando-a e acari-ciando-a. Então gostas muito de historias?

—Gosto, sim. Respondia-lhe a netinha mais alegre.

—Olha, quem conta historias de dia cria um rabinho, como o do tatú.

—O', vovô, então não as conta, não. Eu tenho medo...medo de ver o vovô de cauda. Deve ficar muito feio... E a netinha com medo se escondia por entre os braços do velhinho, quasi chorando: O vovô de rabo...

Ele, sorrindo e achando bela a innocencia da netinha, dizia-lhe:

—Não, Odessa. Que tolinha!... Então achas que eriarei rabo?...

Vou contar-te uma historia.

—Não, vovô, não m'a conte. Vovô fica de rabo, assim respondia-lhe Odessa, já com os olhos orvalhados de lagrimas.

—Isto era brinquedo meu, disse-lhe o velhinho. Vou contar-te.

Era um dia...

—Olhe, vovô... Bonita!... Bela!... Espere-mé um pouco... Mas mamã ha de zangar-se por eu ficar cansada. Mas hei de apanhal-a.

...E Odessa, fujindo-se dos joelhos do velhinho, corria veloz atraz da borbolêta de azas azues que ha pouco lhe beijara a face meiga e doce.

Vendo-a já cansada de tanto correr, o velhinho seguia atraz de Odessa, chamando-a... e Odessa corria mais por entre as flores do jardim.

Corria... Corria... E a borbolêta brincando e em ela, baixava o vôo, mostrando-lhe as azas de diferentes cores...

Ó fim, Odessa, já fatigada de tanto parar, gritou com meiga voz, pulando e batendo os dedinhos:

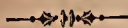
—Vovô! Vovô, m'a pegue. Dou-te um beijo...

...E o velhinho, de longe, sorrindo, dizia:

—Doidinha!... Meu Deus! São duas borbolêtas!...

Bahia.

Gentil de Granada



Sociedade Literaria

“Barão do Rio Branco”

MOVIMENTO DE OUTUBRO A DEZEMBRO

Sesões ordinarias:—Relativas aos mezes de outubro e novembro houve 2, em 25 daquele mez e 5 d'estê, sendo a segunda em continuação da primeira que foi suspensa, sob a prezidencia do primeiro secretario João Vitor Ribeiro, em virtude da auzencia da vice-presidente, por faltar numero para rezolver, entre outros assuntos, a renúncia que, em mensajem, apresentou o prezidente Joaquim Luz; na segunda sessão, sob a prezidencia da senhorita Mariêta Fortuna, resolveram-se todas as medidas apresentadas á discussão, sendo negada, unanimemente, a renuncia aludida e retomando o seu posto o socio Joaquim Luz, depois de obter de seus companheiros protestos de solidariedade e ação conjunta e necessaria para a boa marcha da sociedade e da administração.

Sessão de eleição:—Procedeu-se, em 2 de dezembro, a eleição para Presidente e Vice-Presidente, para o semestre que se inicia, sendo vitoriosos, respectivamente, o illustre educador Domingos Afonso Machado, nosso socio honorario e o então prezidente Joaquim Luz.

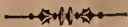
Sessão de posse:—Em sessão solene foram empossados em 1.º de janeiro, ás 19 horas, para o que foram convidados todos os socios, autoridades civis e militares, intelectuaes, associações militares, artisticas, literarias e imprensa, os dirigentes eleitos e os demais membros que compõem a Diretoria, nomeados pelo Presidente.

Admissões:—Dos novos membros aceites para o quadro social, ultimamente, officiarão aceitando Jozé Alvares Mendes, Manoel Travassos, Fuljencio Pinto, (para colaborar) e senhorita Maria Vitoria de Azevêdo (para representante).

Para o quadro de honorarios foram aceites o illustre historiador dr. José Francisco da Rocha Pombo e professores José Ribeiro do Amaral, drs. Antonio B. Barboza de Godóis, Oscar Galvão e Exma. sra. D. Maria da Gloria Parga Nina, e ainda para colaborar o sr. João Pedro Mendes.

«O Ateniense»:—Tem circulado, regularmente, uma vez por mez.

Bibliotêca—O nosso distincto conterraneo sr. Amadeu Aroz teve a grande fineza de nos ofertar seis ricas obras de autores estrangeiros, por cuja gentileza nos confessamos sumamente gratos.



Combater o analfabetismo é o dever de todo bom cidadão Brasileiro.
Combater o analfabetismo é o dever de toda Patria grande, rica e poderosa.

Rejisto elegante

A absoluta falta de espaço com que temos lutado ultimamente tem nos obrigado a cometer grandes faltas; para com os nossos consocios mesmo temos sido injustos.

A pequenez das nossas pajinas e a abundancia de materia são as unicas culpadas das faltas que, desde novembro, vimos cometendo. Mas, certamente, não de nos desculpar os confrades, amigos e assinantes, porque dagora em diante esta seção será publicada regularmente, dando a lista de aniversarios, como tambem de todos os acontecimentos que se forem passando pelo escol social.

No mez findo comemoraram seu natalicio: em 1.º a exma sra d. Zaira Campos, espôza do prof. Raimundo Campos, competente e abalizada diretora do colejio da Imaculada Conceição; em 3, a veneranda senhora d. Genoveva Beleza, o nosso amigo capitão Vicente Ferreira, funcionario publico federal e o dr. Jozé C Berreêdo Lisboa, habil cirurjião dentista; em 6, a exma. sra d. Ignez Rodrigues, extremada genitora da nossa gentil consocia Benedita Rodrigues e a talentoza senhorita Herminia Moreira; em 15, o nosso amigo dr. Carlos Marques, habil enjehneiro e conceituado farmaceutico, o sr. Emiliano Braga, atualmente em Belem, onde desempenha importante cargo na Estrada de Ferro de Bragança e a nossa esforçada socia correspondente em Itapipoca—Ceará, a intelijente senhorita Maria da Silveira; em 24, o nosso assinante e amigo sr. João Matheus, residente no interior do Ceará; em 26, a nossa digna confrade exma. sra. d. Izabel Araujo Caldas, atualmente no Brejo; em 27, o virtuozto sacerdote conego João Chaves, zelozo e esforçado vigario da Matriz da Conceição, e em 28, a gentil senhorita Marieta Domingues, delicado ornamento do nosso mais alto escol social, filha dileta do nosso bom amigo Cel. Virgilio Domingues da Silva.

Agenor Santos—Em 2 do andante passou o natalicio do nesso distincto e intelijente consocio Agenor Alves dos Santos, habil e conceituado radiotelegrafista diplomado pela Escola Marconi do Rio de Janeiro.

Companheiro sincero, que dedicou uma grande soma de serviços em beneficio da nossa agremiação, ao tempo em que estudava humanidades aqui, na sua terra, nunca esquece um instante o nosso «O Ateniense,» já cooperando com as suas produções bem cuidadas para o fulgor do nosso editorial, e já mandando de lá os belos planos que concebe em pról do aperfeiçoamento dos moldes do nosso gremio de letras.

Agora faz-nos o Agenor uma boa surpresa: manda-nos esplendidas produções em verso, genero que até agora ainda não tinha explorado. Pois vão ver os nossos leitores como o nosso illustre confrade é tão bom poeta, com prozader.

Os nossos parabens a tão distincto confrade. — Comtos sinceros de um futuro definitivo me.

O grande jornalista, foi o grande aplausos serão poucos para tanto contentamento. Os jornaes que vinham pelos co. Eliezer foram devorados por todos com capital Eram lidos com entusiasmo. reito,

posto que conquistou com o seu trabalho denodado, sua dedicação e seu merito.

O prezado conterraneo que hoje homenageamos é um amigo decidido da mocidade da sua terra.

Basta citar a sua gentileza para com o nosso orgam e afirma-se cabalmente o que dissemos.

Em 1915, endereçamos ao eminente majistrado, como fizemos igualmente a varios patricios no Rio de Janeiro, um exemplar d'«O Ateniense». Poucos foram os que dispensaram sua atenção para o fruto querido do nosso trabalho.

S. S.ª, não. Olhou-nos com ar paternal, leu as nossas lucubrações e no primeiro correio a nossa redação era honrada com a missiva que tem um lugar saliente em nossos anaes.

Escreveu êle;

«Patricios e amigos d'«O Ateniense».

Recebi e agradeço o exemplar n. 57 d'«O Ateniense», que dedicastes a bem celebrar, em grandes surtos de intelijencia, dignamente assim comerando, a passajem do 3 de novembro, que a memoria de humanos filhos dessa terra abençoada, do nosso querido Maranhão, jamais olvidara.

Como eu me sinto bem com o coração em me associar á homenagem prestada a essa figura de brilho eterno, como um Sól que não se põe a iluminar o firmamento das letras patrias, a maior da nossa constelação, Gonçalves Dias.

Como eu quizêra estar convôscos nessa data, e na mesma tenda de trabalho e em todas as manifestações ao poeta dos Timbiras!...

Daqui, deste recanto, onde mora o meu corpo e do gabinete donde vos escrevo, pejada a meza de autos a despachar e de livros que me orientam a viagem nos mares forenses, eu vos envio, nobres maranhenses, dignos decedentes do imortal Dias, patricios e amigos, o meu aperto de mão, com as minhas vivas saudações.

Rio, 915.

Eliezer Tavares.»

Estas palavras foram como um canto ameno, vindo de muito longe, atravez de muito confôrto, bater ás cordas sensiveis de nossas almas.

Se todos os homens que se impõem pela pozição e pelo intellecto soubessem falar tão carinhosamente ao coração da juventude que se levanta a caminho de um ideal nobre e brilhante, seria uma ventura o esforço pela vitoria.

Assim e que em cada um de nós desta Sociedade tem o Dr. Eliezer constituido um amigo forte e admirador constante.

A bondade é o simbolo dos grandes espiritos.

Ainda este mez, comemoram seu natal os seguintes amigos: em 1.º, o capitão Ignacio Ribeiro dos Santos, calafate em Cururupú; em 3, a travessa e intelijente menina Maria Jose Braga, nossa garrula leitora; em 4 a srta. Zenaide Lopes, um dos brilhantes ornamentos artisticos e intellectuaes do meio social carioca, e mlle. Maria Jozé Muniz, nossa gentil apreciadora; em 8 a talentoza e delicada srta. Consuelo Arozo, pertencente a uma das familias mais distintas do nosso meio social e gentil ornamento do nosso escol, e a professoranda Leonor Muniz, nossa esforçada consocia; em 12, o sr. José Ca-

Afim de tomar parte nos trabalhos do Congresso Legislativo do Estado, onde é figura de real prestígio, chegou a esta cidade, em 25 do passado, o prestimoso e querido Dr. Antonio de Castro Pereira Rego, uma das figuras mais simpáticas do Maranhão de hoje.

Cavalheiro de fino trato e homem publico de democracia de escól, tem voltados para a sua personalidade illustre os olhares de todos quantos estimam e sabem querer este rincão nortista que ele tanto estremece.

Pelas suas elevadas e raras qualidades de carater e pelo empenho denodado com que se bate pela cauza santa do progresso da sua terra, está ele hoje de posse da estima geral e das simpatias que lhe cercam o nome respeitoso e acatado.

Quanto aos moços, o Dr. Pereira Rego tem para eles a melhor das suas afeições, e não há maranhense, aqui e na Capital Federal, que o procure e que não seja recebido de braços abertos, na maior e mais sincera demonstração de carinho e proteção, qualidade essa que lhe tem feito subir alto e bem alto na estima de seus conterraneos.

Agora acaba o Dr. Pereira Rego de ter a prova mais flagrante e irrefutavel do quanto é distinguido pelos seus patricios, desde as mais elevadas posições politicas e sociaes até á mocidade, essa pleiade de almas sinceras que só batem palmas a quem verdadeiramente as merece.

Na nossa justa homenagem ao coestadano querido, se bem que ela seja despida inteiramente de toda e qualquer feição politica e partidaria, não podemos calar o brado espontaneo que nos foje do intimo do peito e que eleva, bem alto, o nome do empreendedor apostolo do trabalho denodado, porque nele vemos, muito clara-



Pereira Rego

e sincera, toda a nossa garantia do futuro, pelas suas aptidões de homem publico, moral e intelectual, e pelo amor e carinho com que recebe e ampara os moços e suas aspirações.

De toda parte onde ha maranhenses que se interessam pela grandeza de sua terra, partem brados de justiça aos meritos do eminente conterraneo cujo retrato honra a prezente pajina de «O Ateniense».

Os nossos coestadanos de Minas Geraes e os de diversos municipios deste Estado têm se manifestado em favor do Dr. Pereira Rego, dirijindo telegramas para a Capital da Republica, solicitando, ou melhor lembrando o seu nome para uma das

oria absoluta de votos, no pleito de 1.º de agosto.

No dia 3 do corrente, data natalicia de sua exc. os seus amigos e admiradores prestaram-lhe carinhosa prova de estima e consideração, oferecendo-lhe uma bela festa no edificio do Palacio do Governo, constante da entrega de uma custozza estatuetta em bronze e um sarau dansante, que findou alta madrugada.

A comissão foi prodiga de gentileza aos convivas e a todos cauzou otima impressão aquela tão brilhante quanto justa homenagem.

«O Ateniense» agradece penhorado á comissão promotora a honra de convite com que foi distinguido e almeja a sua exc. os melhores votos de feicidade pessoal.

Joaquim Luz—Em 19 de janeiro partiu para o interior do Estado onde se demorará alguns dias, o nosso companheiro de agremiação Joaquim Vieira da Luz, que ocupa o alto cargo e Vice-presidente efetivo deste gremio.

O nosso confrade, dicipulo abnegado do trabalho sem treguas e incansavel propugnador pelo desenvolvimento agricola do nosso Maranhão, foi ali com o fim principal de instalar nas uberrimas terras de Coroatá as bases de um sindicato, cujo fim capital é explorar, pelos processos modernos, a nossa lavoura.

E' um relevante serviço que êle e seus Comparheiros de *tentamen* prestam ao Maranhão, que tanto carece de quem vol-

nossas cadeiras na representação federal, ao mesmo tempo em que os maranhenses do Rio ajitaram-se em torno da sua personalidade simpática e querida, organizando manifestos patrióticos e expontaneos, no que foram secundados pelos amigos do brio militar aqui, em numero superior a duzentos.

Ao partir do Rio para o seu estado natal foi alvo o Dr. Pereira Rego de significativa mostra de distinção e apreço, no caes de embarque, orando pelos manifestantes o nosso companheiro de jornada, o poeta Hilton Fortuna, ofertando, em nome dos manifestantes uma rica braçada de flores naturaes, em mimozo e artistico bouquet.

Alem das demonstrações expontaneas que recebeu ao saltar, com uma recepção pompoza, os seus amigos ofereceram-lhe um lauto banquete no Cazino Maranhense, comparecendo o Maranhão official, nas suas mais altas autoridades, e uma parte dos seus admiradores, tendo sido ofertado ao Dr. Pereira Rego um custozo estojo, contendo uma artistica lamina de prata, gravado o cardapio do banquete, homenagem dos ofertantes daquela prova eloquente de admiração e simpatia.

Ao Dr. Pereira Rego os nossos mais sinceros votos de boas vindas, com a garantia da nossa mais franca estima e desinteressada simpatia.

«O Ateniense» agradece penhorado á comissão organizadora da festa a honra do convite com que o distinguiu, e apresenta as suas desculpas por não ter podido comparecer, devido a uma imprevista enfermidade de ultima hora na pessoa do nosso Presidente, Prof. Domingos Machado, escolhido para nos representar no banquete brilhante.

xilé, nosso assinante e figura de destaque no meio cearense de Itapipoca; em 17 o nosso membro benemerito tenente coronel Alfredo da Silva Fortuna, conceituado escrivão da Justiça Federal neste Estado, de quem esta agremiação tem recebido inumeras e imensas distinções de admiração e simpatia, e a senhorita Letizia Bangoim, dileta filha do nosso amigo Tenente Bangoim, figura de real destaque no Exercito brasileiro; em 21 a distinta senhorita Yayá Vinhaes, dedicada e caridoza dama da Cruz Vermelha anexa ao garbozo Tiro Coronel Rondon, e a simpática mlle. Maria Moura, obediente filha do nosso amigo Dr. Benjamin Moura, conceituado Chefe da Alfandega cearense; em 26 a exma. sra. D. Edith Souza Chapoudry, virtuozza espoza do nosso amigo sr. Henrique Chapoudry; em 27 o nosso admirador e amigo Torquato Rios, há pouco chegado do Rio de Janeiro.

A todos os nossos mais sinceros e ardentes votos de felicidade pessoal e vida longa.

Senador Urbano Santos—Chegou a esta capital, vindo do Rio de Janeiro, sendo recebido festivamente pelos seus amigos e admiradores, sua exc. o dr. Urbano Santos da Costa Araújo, maranhense abnegado que pelo seu alto valor de eminente politico, occupa o elevado cargo de Vice-presidente da Republica.

Dentro em breves dias deverá assumir o exercicio do cargo de Governador do nosso Estado, para que foi eleito por mai-

va as suas vistas cuidadosas para os seus produtos naturaes, que constituem a nossa principal riqueza e capital via do progresso.

Fazemos votos ardentes para que o Jovira seja muito bem sucedido na sua empreza e almejamos, com mais ardor ainda, que seja breve o seu regresso, porque as saudades já nos começam a perseguir...

Natal—Tiveram a imensa bondade de nos felicitar pelas *Bóas-Festas* e pela entrada do *Ano-Novo* os seguintes amigos, gentileza que muito nos sensibiliza e penhóra: sr. Manoel S. Couto de Souza, estimado telegrafista da nossa estação; sr. Honorino Alvim d'Aguiar e Silva, conceituado gerente do «Correio do Codó»; o sr. Jozé M. N. Vinhaes, aplicado estudante de preparatorios, e os sr. J. Pires & C., habeis proprietarios da tipografia do mesmo nome, sita a rua da Palma, n. 6.

A todos esses amigos e admiradores retribuimos gostozosamente os parabens e auguramos um *Ano Novo* feliz e ridente.

Carnaval—Evoé! Evoé! Momo sempre rizonho e eternamente festejado!

Passem-se os anos, felizes turados, sucedam-se as c pre o Momo que eloqu triunfante do nosso falsete classico e alacre e farfalh

O Carnaval para os cult chore, nr

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Domingos A. Machado—Presidente
 Joaquim Luz—Vice-Presidente
 João Vitor Ribeiro—1.º Secretario
 Estér Fortuna Pires—Tezoureira
 Jozé Zoroastro Vieira—2.º Secretario
 Jozé Padua Fortuna—Bibliotecario
 Djalma Fortuna
 Jozé M. Reis Perdigão } Comissão de
 Djalma Vasconcelos } revizão

Assinatura anual 1\$000

As assinaturas terminarão sempre em dezembro.
 «O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

step, rig-time, maxixes de Duque e até o tango aristocratico, a valsa terá sempre o seu lugar de honra, será sempre a preferida. Só éla encanta e faz-nos voar; só éla provoca os galanteios sinceros, só éla brilha, como brilham as estrelas.

Pois é assim o Carnaval para nós, sempre tem palmas, sempre vibra, canta, saltita, treslouca.

Venham todas as crises, as depredações pela guerra, os mosticínios pela cataclismo que nos ameaça nesta hora em que o Mundo todo se debate, o Carnaval nos surge cantante, e nós acudimos ao seu chamado, tão loucos e desvairados como hontem!

Salve, Momo feliz, salve, tú que abres um parenteze na nossa vida de amarguras para nos dizer que é preciso rir, mas rir muito, às escancaradas, desbragada e demaziadamente!

Só tú nos podes dár a mais perfeita idéia do que é a humanidade:—finjir; enganar, fantasiar...

Momo, dizem que quando chegas veem contigo a mentira, a voz em falsete, a ilusão! Mintira. Só tu nós falas a verdade, porque dizes bem o que somos, dás a mais completa e perfeita confirmação do que é a humanidade: um eterno Carnaval!

Evoé! Evoé!

Os Ateniadas

Canto Primeiro

XLVI

As manifestações pela bandeira
 Foram mui velozmente apercebidas,
 Dos Estados da Patria brasileira
 Milhares de adeções foram expedidas;
 O governo levado pela esteira
 Das circumstancias bélicas mantidas
 firmeza se em guerra e andou muito prudente
 autores estranhos a nossa gente.
 nos confessame XLVII

Cometidos aliados,
 Cometer o analfabé sucedidos
 todo bom cidadão Brazilencidos
 Cometer o analfabetismo ados,
 Patria grande, rica e poderondo.

XLVIII

E enquanto da metropole mandavam
 Que os brazileiros todos respeitassem
 As pessoas e os bens desses que andavam
 Pedindo a Deus que as raças se acabassem,
 Os maranhenses todos se ajitavam
 Para que os literatos procurassem
 Sanar do Estado uma tão grande falta
 Contra um genio que o nome seu exalta.

XLIX

O cazo é que habitava penitente
 Ha muito tempo, exposto á fancaria
 Dos soldados da guarda permanente
 Do portal do governo, a apolojia
 Com que o povo da terra, assaz elemento,
 Quizera demonstrar a alta valia
 De um vulto cujas glorias hoje enfeitam
 Da historia as aureas lendas que se estreitam.

L

Entre os homens de letras que cuidavam
 Do progresso da lingua e entre os que tinham
 Nome feito nas lides em que andavam
 Havia alguns que agora nos convinhão:
 Fortes heróes que á terra o nome davam
 E que grande talento em si continhiam;
 E como taes bem fóra o onicente
 João Lisboa (58) que a historia não desmente.

LI

Depois de um longo prazo ter passado
 Talvez sofrendo tanto como Christo,
 Como um mizero e triste condenado
 Que aos olhos de todos é mal visto;
 Eis que um novo governo (59) que dotado
 De um sentimento digno de rejisto,
 Logo ordena que o pedestal se apronte
 E que a estatua domine o horizonte.

LII

Ante esse gesto seu, logo cuidámos
 De efetuar a majestosa entrega
 Ao nobre povo, enquanto nisso andamos
 A Academia (60) em permitir se nega
 Que a mocidade, de que parilhámos,
 Se manifeste, e logo se encarrega
 De promover festejos colossaes
 Guardando á si as glorias triunfais.

Camonilo.

(58)—João Francisco Lisboa, exímio jornalista maranhense, do século 19.
 (59)—Coronel Antonio Bricio de Araujo, em cujo governo se inaugurou a estatua de João Lisboa.
 (60)—Academia Maranhense de Letras, que negou o concurso da mocidade nas festas em honra a João Lisboa.

Patriotismo de Brazileiro

(PATRIA E LIBERDADE)

O Patriotismo é o amor da Patria.

A Patria é o Brazil, é a Nação Brazileira; A Patria é a mãe commum de todos os Brazileiros; é o conjunto de nossas leis, de nossas instituições, de nossos habitos, de nossas riquezas, e a nossa terra, nossas cidades; é a nossa historia, nossos antepassados, nossos heroes, nossas glorias, nossos deveres; é o nosso commercio, nossas aspirações; é a nossa familia; é a nossa HONRA.

Falecimentos

A digna familia da nossa colega senhora Alice Lebre, passou pelo dissabór de perder o seu illustre chefe sr. Filomeno Lebre, em 9 do mez findo.

O lutozo acontecimento encheu de pezar toda a familia maranhense, onde contava o extinto inumeras relações de amizade.

Aos seus parentes e amigos «O Ateniense» apresenta as suas mais sentidas condolencias.

—Na capital pernambucana faleceu a 30 do preterito, o coronel Antonio Joaquim Corrêa de Araujo, sogro do nosso hom amigo sr. Alfredo Nogueira, que pertencia a uma das mais illustres familias de Pernambuco.

A familia Nogueira, especialmente á nossa consocia Odija Nogueira, neta do finado, as expressões do nosso sentido pezar.

—Aos 41 anos de idade succumbiu na Capital Federal, vitimado por atrozes padecimentos, aos quaes foram improficuos os auxilios da ciencia medica, o nosso conterraneo Carlos de Brito Baima Belchior, conceituado empregado de fazenda que ali occupava o alto cargo de guarda-mor da Alfandega.

Contava largo circulo de relações sinceras aqui, onde rezidiu até 1905, e lá, onde emprestava toda a sua atividade intelectual em beneficio da classe a que pertencia, pelo que foi a sua morte geralmente sentida.

Ao nosso socio honorario, professor Jozé Augusto Corrêa, como aos demais membros da familia enlutada, os nossos profundos pezames.

“O Ateniense”

Do Tiro Br. zileiro de Viana, por intermedio do seu Secretario, sr. Gôncalo Noronha, recebemos uma circular, com data de 31 de outubro, comunicando a sua fundação.

Fazemos votos para que os jovens patriotas vianenses sejam imitados pelos moços dos demais recantos do Maranhão, afim de que possamos fornecer á União o numero de soldados que forem exigidos pelo sr. Ministro, de acôrdo com o bene merito Presidente da Republica.

—Da União Caixeiral Caruarense recebemos delicada circular que comunica o resultado da eleição da diretoria que tem de gerir os trabalhos daquela associação util, durante o ano corrente.

—O Núcleo Naturista Maranhense, simpatica instituição fundada aqui recentemente, teve a bondade de nos enviar um exemplar dos seus estatutos, por onde se vê que é uma sociedade cujo escopo é o mais util possível para os que se contentam somente com os vejetaes...

—Por intermedio do seu Secretario, o bravo militar Francisco Lins (202) o Tiro Maranhense comunicou-nos, por muita bondade sua, que foram empossados nos respectivos cargos os membros do Conselho Diretor e da Comissão de Contas que têm de gerir os trabalhos daquela patriótica e utilissima instituição, durante o ano andante.

—Fomos mimozeados com a oferta de um facieulo contendo o discurso pronunciado pelo talentozo deputado dr. Luiz Domingues na tribuna da Camara Federal, sobre a fixação da despeza da Republica em 1918, onde o erudito maranhense defende brilhantemente os interesses do seu Estado natal, com a justeza de conceitos e a beleza de estilo que lhe são peculiares.

—Gratos a todos aqui se confessa «O Ateniense».

A janela e o sol



—«Deixa-me entrar,—dizia o sol—Suspende
A cortina, sobre-te ! Precizo
O iris tremulo ver que o sonho acende
Em seu dormido virjinal sorriso.

Dá-me uma fresta só do paraizo
Vedado, se o ser nele inteiro ofende...
E eu, como o eunuco, extatico, indecizo,
Ver-lhe-ei o rosto que na sombra esplende.»

E, fechando-se mais, zeloza e firme,
Respondia a janela : «A !, que estouvado !
Eu deixar-te passar ! eu, necia, abrir-me !

E esta que dorme, sol, que não diria
Ao ver-te o olhar por traz do cortinado,
E ao ver-se a um tempo desnudada e fria ? !.»

Alberto de Oliveira



BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

O ATENIENSE

Orgem da Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco"

EDIÇÃO ESPECIAL DEDICADA A

Coelho Netto



SUMARIO



Coelho Netto	Redação
Porque amo a minha terra	José Augusto Corrêa
Carta aberta	Hilton Fortuna
Professor Fernandes	{ Redação
Rio Branco	D. Voltaire
Irmãs Gemeas	J. Ribeiro
Sotero dos Reis	José Augusto Corrêa
O falso	Redação
João Lisboa	Justino Lésa
Vizões ou vizadas ?	Reis Perdigão
Celso Antonio	Camonilo
Os Ateniadas	{ Redação
Americo Cezar	Joaquim Luz
Adelmiro Costa	D. F.
Um livro util	Redação
Com ares de cronica	Coelho Netto
Hilton Fortuna	Reis Perdigão
{ Ser mãe	D. Voltaire
Na-Li	Reis Perdigão
Aspirações	Hilton Fortuna
Ao Luar	Americo Cezar
Delirio	Julio Dantas
Deus	Edmundo Calheiros e
Feia	Manoel de Souza Pinto
Coelho Netto.	Hilpafor
Amor e calo (monologo)	Luz
Mozaicos	
Dr. Antonio Leite	
J. M. Reis Perdigão	
Rejisto Elegante	
O 21 de abril	{ Redação
Belfort Vieira	
Masaqroniçismo	Androniço
E' de tal n. 1	Escrevente
Coelho Netto, poeta	Ruben
Noticias, etc.	Redação

Diretoria



Domingos Affonso Machado
Joaquim Vieira da Luz
João Victor Ribeiro
Jozé Z. Silva Vieira
Esthér Fortuna Pires
Jozé R. Padua Fortuna
Djalma Fortuna
Jozé M. Reis Perdigão
Djalma Vasconcellos.

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco»

ANO 7.º

MARANHÃO, 30 de abril de 1918

NUM. 80

BIBLIOTECA PÚBLICA

do ESTADO DO MARANHÃO

Coelho Netto

A abençoada terra do Maranhão experimentou, ha bem pouco tempo, a suprema ventura de estreitar em seu seio fecundo de filhos geniaes o luminôzo escritor que pelo seu maravilhôzo talento só lhe tem dado orgulho e glorias imorredoiras.

As tradições literarias de nossa historia estão aí marchetadas de loiros inumeraveis e por élas-se pôde valorizar o grande nome que os nossos antepassados souberam granjear a esta terra de luz e sabedoria.

Se o progrésso! material não tem estendido seus tentaculos reformatôres sobre a organização e os costumes de nossas plagas, temos, para honra de nossos irmãos, um incalculavel tezoiro de subidas pedrarias personificadas em milhares de homens que representam o progrésso intellectual deste recanto do Brazil.

Coelho Netto, cuja soberania de genio tem atraído as mais elevadas homenagens de seus infinitos admiradôres re presenta no século que habitamos o grande e luminôzo fanál das letras pátrias, e o mais vigorôzo esteio da officina literaria maranhense.

Afastado de seu estremecido torrão ha cerca de dois decenios, êle dezenolvia nas rejiões metropolitanas do paiz a sua benéfica atividade, pondo em relêvo suas admiraveis qualidades de homem de genio e promovendo desse modo o engrandecimento do Maranhão.

O orgulho que exalta os nossos brios de genuinos maranhenses melhor se deve accentuar entre os nossos patriôcos que mais estreitamente estão ligados a esse grande escritôr e que, como êle, viram, nos seus primeiros dias, rebrilhar o sól formôzo da gloriôza Caxias, de onde têm saído tantos homens illustres.

Suficiente se torna salientar o nome do maior dos nossos poétas cuja immortalidade está engastada no mármore de uma palmeira etérna e em cujo cimo se destaca altaneiro e dominadôr o vulto majistrando do cantôr de nossa raça.

Gonçalves Dias ali está a proclamar para a posteridade, a glória literaria de seu século, esse mesmo século que nos deu Coelho Netto, o supremo obreiro da nossa bibliotéca.

Não é sem vibrações de grande entu-



ziasmo que nós, pequenos e intrépidos viandantes dêsse caminho de glórias, por onde trilháram todos os nossos grandes homens, registamos em nossos anâes o extraordinario evento da passagem pela sua terra do maior dos nosso literátos, a vergontea pujante que tanto tem enobrecido a nossa história, com as pérolas preciózas de seu maravilhôzo talento.

Breves dias estêve êle conosco, porem, grandissima foi a admiração que lhe tributámos, enlevados pelas belézas majistrâes de sua palavra sábia, leal e fecunda que nos trouxe extaziâdos e cativos.

Era a primeira vez que o ouviamos e para maior orgulho nosso, tivemos a gloria de o ter no nosso próprio recinto a escutal-o no seu aprimorado estilo de fino oradôr.

Não falamos aqui do mistér politico que o trouxe ao Maranhão; externamos unica e exclusivamente a nossa homenagem em quilate literario, pois é êsse o liame que nos aproxima de Coelho Netto, cujo nome figura entre os membros honorarios de nossa corporação.

Assim explicitos, que mais poderemos adiantar sobre o que já díssemam as sumidades intellectuaes do nosso meio?

O conceito que emitimos sobre sua elevada personalidade irá apenas concorrêr em diminutissima escala á opinião geral dos nossos maiores.

Mas, não seja isso obstáculo formal para que nos deixemos silenciar, sem um vestijio, humilde ao menos, de havermos participado das grandes e ruidôzas expressões de admiração e respeito que a

mocidade maranhense tributou ao eminente escritôr que muita honra nos faz.

Embóra nos faltem os requintes de uma alta homenagem que corresponda aos méritos de Coelho Netto, a presente edição de "O Ateniense" traduz a sincéra e expressiva manifestação dos obreiros da sociedade literaria "Barão do Rio Branco" ao insigne propagadôr da literatura brasileira.

Outra não deveria sêr a nossa atitude, pois, admiradôres, como somos, dos grandes empreendimentos literarios, vemos em Coelho Netto um desses herôes legendários, de feitos brilhantes, cujo nome se perpetúa atravéz de todas as gerações, com respeito e veneração.

Que se rejeste, pois, a nossa homenagem e que o Maranhão, sempre se possa ufanar de ter entre seus filhos homens da tempera de Coelho Netto.

* * *

A sua visita

Vizitou-nos Coelho Netto, nosso socio honorario, o divino artista da frase rebrilhante, o soberbo fantazista de paizagens sempre novas. Foi uma grande alegria para os seus consocios daqui essa visita honroza, porque aqui moirejamos tão somente como a meta dignificante de exalçar a literatura patria, na pessoa e na memoria dos seus grandes vultos, e incontestavelmente Coelho Netto é o maximo expoente da cultura mental do nosso povo, o mais fecundo e artista dos escritôres brasileiros.

A nossa tenda de trabalho, de tão acanhada e humilde que éra, tornou-se grande e orgulhoza com a presença do Mestre festejado, e uma nova atmosfera, mixta de orgulho e alegria, povoou, naquê dia ditôzo, a nossa sala de redação, como que se alargando para caber a grandeza do querido brasileiro que nos veio trazer os conselhos da sua palavra fulgente e carinhoza, num vigoroso brado sincero e expontaneo de—avante!

Enquanto, durante a visita do emérito creador de "Sertão", nós nos esforçamos para conter o orgulho que nos invadia, a nós mesmos, sentiamos que, na estreiteza destas quatro parêdes humildes,

tudo era nôvo, tudo renacia, tudo brilhava: os nossos alfarrabios, relicarios do que foi o Maranhão de outrôra, de esmaecidos que éram, tornaram-se niveos aos olhos do distinto consocio, como que mostrando que êles estavam ali, tão vivos e vigorozos como na memoria de oiro de Coelho Netto estão vivas e vigorôzas as nossas tradições literarias e liberaes que naquêles alfarrabios se continham; os nossos livros riam, e como que saltavam na estreiteza das estantes, para saudar o vizitante, o mais intimo dos seus amigos, porque Coelho Netto, desde a meninice, quando levantou esse vôo que tão alto lhe elevou, tem os livros como o mais fiél e intimo dos seus amigos, ao par de serem êles o mais poderozo e mais refuljentes dos seus instrumentos de luta intellectiva!

E quando tudo éra novo, renacia, vibrava... despediu-se Coêlho Netto, deixando apenas, para consolo nosso, uma saudade imensa, sentida, da sua vizita tão agradável quanto honroza nesta caza.

E agora, que começamos a dezanimar em meio do caminho, a vizita do grande artista nos deixou nalma a mais viva e lejitima das esperanças: é que não pode combalir, fenecer, no campo de luta quem recebe a solidariedade decidida e o apoio franco como os que nos veio trazer Coêlho Netto, pessoalmente.

A sessão no Centro Caixaerial

Coroadada de um exito vibrante e animadôr foi a sessão solene com que a Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco" recebeu o seu socio honorario Coêlho Netto, no dia 3 de março.

Na falta de um vasto salão que pudesse conter a grande massa popular de familias, literatos, estudantes e demais admiradôres do grande brasileiro que certamente haveria de assistir á nossa festa, pedimos o salão nobre do Centro Caixaerial, no que fomos prontamente atendidos pela sua digna e prestimoza Diretoria.

Com a venerada efijie do Barão do Rio Branco, nosso patrono, dominando, do cimo da parêde principal da sala, toda aquela harmonia de arte, luz e flôres, onde se salientava a prezença brilhante e gentil do bêlo sexo, teve inicio a sessão, prezidida pelo nosso querido chefe, prof. Domingos Machado, na mesma ocazião em que partia, de todos os recantos da sala uma vibrante e expontanea salva de palmas e aclamações ao homenajeadado, nosso distinto socio honorario, Coêlho Netto, a quem éra oferecida a festa.

Ao encetar os trabalhos, dando inicio á solenidade, o nosso Presidente dirijiu nos presentes as seguintes palavras:

"Respeitavel auditorio:

Reune-se hoje a Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco" para receber Coêlho Neto, seu socio honorario, gloria, não direi maranhense, mas nacional.

A mocidade desta terra, em geral, acolhendo-o carinhosamente, já lhe rendeu o devido preito.

Neste momento, a sociedade "Rio Branco", em particular, cumpre esse dever.

Presidente desta associação, mais por

bondade de meus jovens consocios que por meus merecimentos proprios, aqui me acho, como sempre, ao lado da mocidade estudiôza.

Identificamo-nos ha trinta e cinco annos. O seu pensar é o meu. Os meus sentimentos são os déla. Não ha força que possa quebrar o élo que nos une.

Mas... eu não vim aqui para falar de mim.

.....

O ambiente desta sala é purissimo. Respira-se aqui um ar não infeccionado pelo microbio da politica, essa ciencia de fazer grandes nações, mas que, não raro, dejenera, em arte de anarquiza-las, definhando-as, aniquilando-as, por fim.

.....

Temos a facultade, nós os brasileiros, de nos pabular (perdôem a expressão) da grandêza do nosso paiz e assim, dizemos: êle ocupa 1/15 da superficie do glôbo, 1/5 de toda a America e pouco mais da metade da America do Sul.

Estende-se de Oyapock ao Chuy, e do Atlantico á Tabatinga.

Mas pode uma nação ser grande sem ser uma grande nação.

A Russia, mau grado a sua estensão territorial, resvalou do autocratismo na anarquia, ao passo que a Suissa, com uns tantos milhares de quilometros quadrados, é uma grande nação.

Portugal, não obstante sua pequenez, na Europa, é sempre grande, nas ocaziões dificeis.

Sua aliada secular tentou arrancar-lhe Lourenço Marques, mas êle, num esforço heroico, inspirando-se no valôr de seus antepassados, enfrentou-a e assim não se consumou a rapina.

Portanto, a grandêza de um paiz, vê-se, depende mais da capacidade civica de seus filhos que de qualquer outra coisa.

E felizmente o Brazil, e felizmente o Maranhão, ainda possui homens, como o homenajeadado, capazes de conduzirem os destinos desta nossa amada terra.

Salve, Coelho Netto!"

Ao terminar a sua oração, o conceituado e venerando mestre foi muito aplaudido pela numeroza assistencia que se acotovelava no salão, suportando, mais com prazer do que com paciencia, o calor sufocante que ali dominava.

Teve então a palavra o oradôr official, o socio Reis Perdigão, que disse:

"Ave Mestre! os meus companheiros mandam que eu te saúde.

Ave Poéta! a Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco" manda que eu te fale a ti, gloriôzo decendente da gloriôza familia dos homerides, que nos seus textugos altisonantes desferiam, para gáudio e proveito dos homens fôrtes, os seus cantos magnificos, evocadôres das heroicas pugnans de antanho...

Mas como te poderei eu saudar condignamente?

Como te dizer com inteirêza do nosso contentamento em receber-te, se a mim me falecem idéas e fórma, que de arte careço eu para laborar o oiro da fraze, fazendo-a prefuljir como fazes, para transformar os meus sentimentos, os senti-

mentos da Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco"; em periodos tão suaves, tão meigos, tão de arminho, como um niveo punhado de brancas camelias ilibâdas, com que te florisse a fronte altaneira de triunfadôr das letras, olimpico Cezar da esplendente Roma das bêlas lêtras.

Perdôa, pois, Mestre, a medriocridade das minhas frases que não soam. Perdôa a minha pobreza de vocabulos, desses vocabulos enerjicos, fôrtes, que cintilam como diamantes ardentes, tú, que dêles és um extraordinario nabábo... Perdôa.

Nunca a Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco" pensou em experimentar tal jubilo como o que hoje lhe sacôde a alma com a sua vibratilidade, recebendo em sessão solene como seu socio honorario que és, o mais fuljido escritôr do Brazil hodiérno, o artista soberano que em tintas vivas, gritantes, insolitas, nos traçou um painel barbaramente divino que é — REI NEGRO—, a tí, Mestre, vitoriôzo evocadôr das belêzas da nossa naturêza luxuriante que pompeia eternamente em pleno agraco, do viver simples, calmo, sem ambições, e sem revoltas, das gentes roceiras que vivem em suas alvas chôças de pindôba humilde, lá onde o dia é saudado pelos loiros sabiás canôros e a tarde ao cair nostalgico, lento... lento do velarium roixo do crepusculo, as cigarras chirriam nervôzamente, sentidamente, saudozamente...

E a nossa modesta associação de môços assim se expande alegre, porque ti recebendo recebe o maior vulto das letras maranhenses, o mais proeminente escritôr das letras patrias.

Ao Maranhão, Atenas nossa amada, nunca, mercê de Deus, nunca, lhe faltou filhos que o illustrassem o nome venerando e lhe garantissem o lucilante e justo titulo que o exorna.

Grande foi a pleiade dos antigos, em que avultam e fulguram chisparreantes de talento e glória os vultos gigantescos de João Lisbôa, o vibrante jornalista do TIMON, o impecavel historiadôr da "Vida do Padre Antonio Vieira" o potente buriladôr da próza portugueza e Gonçalves Dias o maravilhôzo poéta das emoções, que de quando em quando, trocava a citara planjente, suave, pela lira alta de sete cordas de oiro, em que os aédos celebravam os herôes, para cahtar em versos fôrtes a trajédia das selvas nativas, para clamar em estrôfes grandiloquas incizivas, contra a covarde destruição das tribus livres, contra o derruir mendaz da altiva nação americana. Depois veio a hôste revolucionaria dos contemporaneos, alçando um lábaro guerreiro rubro como um pedaço purpúreo, ensanguentado de poente de verão.

Cheia de viço, irriquiéta, bebendo inspirações em fontes cantantes de agua puras, seguiu triunfadôra e garbôza rumo da Hierolzolima da gloria que depois de brilhante assedio, triunfalmente penetrou.

E' nela que te vamos encontrar, Mestre, idealista, apaixonado seduzido pela esplendencia azoinante do oriente, recor-

tando a buril no Paros da lingua luza, florões bizantinos, volutas corintias, rendilamentos góticos, toda essa serie imensa de maravilhas de arte que são os teus livros.

Fuljiste ao lado de Aluizio e Artur Azevêdo, duas grandes almas e dois talentos de escól. Aluizio guapo mancêbo de olhar franco, penetrante, pesquisadôr, foi o corifeu do romance naturalista no Brazil, o ardorôzo pregão nas terras sagradas de Santa Cruz, das teorias novas que ajitavam a velha França, de Chateaubriand e Hugo, dimanadas majistralmente do calamo lucido dos Goncourts e de Zola.

Artur, poeta sinjêlo e bondôzo, humorista fino, espontaneo, foi o grande etopeu do nosso teatro, o mestre supremo da arte dramatica no Brazil.

Muitos mais poderia eu citar, o que o não faço, porque seria demaziado longo e aberiaria dos canones sevêros de um discurso de saudação.

Eses eram os que mostravam eloquentemente na—cidade-maravilha—, que é a capital do paiz, que o Maranhão continuava a merecer o honrôzo titulo que leal e lindamente conquistára, de —Atenas Brasileira.

No entanto nesta nossa modesta S. Luiz, tambem florescia bizarramente um punhalo souhadôr de verdadeiros artistas, desse cenaculo que esplendia aqui em Atenas, manda a saudade que eu destaque dois nomes, Antonio Lôbo e Maranhão Sobrinho.

Antonio Lôbo, o erudito escritôr, jornalista de rija tempera, de quem nunca a mocidade do Maranhão se ha de deslembrar, nunca, porque no coração da mocidade a sua imajem bondôza, vive impressa cairelada da mais violácea, da mais sentida, da mais justa e mais profunda saudade.

Maranhão Sobrinho, o poeta mais poéta que ATENAS para sua glória ha possuindo, Maranhão Sobrinho, o boémio magnifico que escreveu SOROR TEREZA, Maranhão Sobrinho, o artista insaciado que escreveu ROZAS, á! esse ha de viver eternamente dentro da alma, sensível como um sistro grêgo, de toda a geração de poetas que surjiram em nossa terra, cultuado, lido, por todos os artistas do verso, que abrolharem, nas plagas benditas do Norte.

Não mais direi dos homens de letras de—ontem.

Mestre, o meu intuito ao fazer essas incursões no paiz cinéreo e frio do passado, recordando essas figuras masculas desse tempo de glorias que se foi, outro não era senão o de fazer réalçar ainda mais o teu vulto olimpico, tú, que és o ultimo dessa lejião incendida que passou, deixando na historia literaria da nação um largo, um doirado, um relumbrante sulco de glorias ilibadas.

Um a um foram heroicamente caíndo na estrefega tremenda da vida, um a um se alaram, livres dos cenozos fuzis terrenos, para as rejões jaldes do ideal onde os anjos entoam canções dôces, aos solu-

ços magoados de aurilavradas harpas eolias.

—E quem resta ainda dessa companhia brilhante?

—Quem ficou para honra e gloria nossa?

—Coêlho Netto—

E's tú, Mestre, quem continúa de pé, formidavel na peleja literaria, como um destemerôzo granadeiro da velha guarda, abroquelado no teu enjenho e na tua erudição vastos, a combater ainda na ancía de mais triunfos, na sêde de mais vitórias.

Ficaste, ainda, poeta fecundo como o Valmiki o exuberante cantor do Ramayama, a repolir e sublimar a fráze como perfeito e torturado artista da forma que és atirando prodigamente para encanto e deslumbramento dos teus patricios essas vivas e requintadamente trabalhadas centelhas de talento, de genio que são as tuas obras.

Depois de tantos anos de auzencia que passaste, lá nas terras do Sul, ajitadas pelo bulicio enervante da civilização, voltas poeta do norte, á terra fecunda, quiéta, suáve, maravilhôza, a reçumar poezia, que te vio nacêr.

Caxias! o ditôzo rincão de terra maranhense, que se pode envidar com justa altaneria pois que ao nosso querido Estado, ao nosso paiz imenso, deu as duas mais gigantescas envergaduras literarias, Gonçalves Dias, primeiro poeta brasileiro, Coelho Netto, primeiro prozadôr do Brazil.

Caxias, o torrão sagrado em que tives-te o berço te vae revêr em breve, a tí, dilêto filho seu, ouvir, com os olhos nadando em lagrimas de alegria e gôzo a tua palavra majica, fagulhante, evocadôra, fuljida.

Foi lá que bebeste, em largos haustos, a inspiração do teu mais formidavel livro—SERTÃO—e é para lá que agora voltas para repouzar como os formôzos herôes da lejenda na suprema ventura da glória, em noite macia, perfumada, em que Astaroth esvelto bergantim de prata, singra docemente o lago escampo e azulino do Céu, onde estrelas se debruçam com a nostalgia enigmatica das cegonhas tristes e Phtat, em dias claros de verão ardente, pompeia gloriôzo e alaere, como uma altaneira vitoria réjia de oiro.

E quem sabe se como ao poeta souhadôr que foi Alfrêdo Musset, a tua muza excelsa te não aparecerá como em —La Nuit de Mai—a interromper o teu repouzo, a te conceitar como ao romantico cantôr francez:

—«Poète, prends ton luth et me donne un baiser;
La fleur de l'eglantier sent ses bourgeons éclore,
Le pretemps nait ce soir; les vents vont s'embraser,
Et a bergeronnette, en attendant l'aurore,
Au premier buissons verts commence á se poser,
Poète, prends ton luth et me donne un baiser...»

E tú, Mestre, correndo ao apêlo destes versos dôces, que êle é imperiôzo para os esclarecidos, de cértio nos deslumbrarás em breve, com a esplendencia estonteante de outro rutilo poema em que passe brilhando, num cenario bucolico, com lampejos loiros de sól e ondulações virentes de campinas, mujidos tristes de gado e casquinadas brejeiras de fontes, a alma

nova do Maranhão, a celsa alma da tua terra que, como me orgulha dize-lo, minha tambem o é.

Que assim sêja, queiram os Deuses propicios.

Muito já me alônguei eu, abuzando da tua benevolencia, se me faz precizo terminar, e o faço, tendo na alma a contristadôra certêza de que te não disse bem o nosso imenso jubilo.

No entanto resta-me a satisfação intima de que me perdôaste já a van audacia...

Mestre, eu e os meus colegas nos sentimos bem em receber-te em termos a honra nimia da tua presença neste recinto.

A Sociedade Literaria “Barão do Rio Branco” exulta.

Avé gloria das glorias da minha terra.”

O nosso distinto consocio teve as suas ultimas palavras abafadas por uma centena estrondôza de palmas, provocadas pela formôza eloquencia que imprimiu no seu discurso, tão digno de quem o fez como do homenajeadado, que, ao terminar, agradeceu e elojiou a sua fulgurante oração.

—Dada a palavra á intelijente senhorita Creuza Castro, essa gentil e formôza conterreana que, com a sua palavra fluente, tão bem representa e honra a mulher maranhense, pronunciou com clarêza de espirito e voz firme, a seguinte e mimôza allocução, ofertando, em nome de suas irmãs, que abrilhantam o quadro feminino do nosso gremio, um artistico ramo de flôres naturaes:

“Ilustre patricio.

Uma poezia ingleza narra uma béla histórieta:

Um mancêbo perguntava á uma menina: quantos irmãos tendes? E ela respondeu:

—Senhor, nós somos sete; dois irmãos viajam, dois moram noutra terra e dois jazem no cemitério.

Mas, como, menina, eu quero saber quantos são?

Já disse, senhor, que somos sete; olhe, eu faço meias junto da sepultura dos meus irmãos; aí trabalho com minha mãe; aí comemos muitas vezes; com êles continuamos a viver.

E, senhor Coêlho Netto, assim como na sinjêla linguaagem dessa menina, os irmãos mortos continuavam a viver no seu coração, assim são os grandes homens que nunca morrem na memória das nações.

Quando se fala da Grecia antiga, logo a-códe o nome de Homéro; quando da Italia o de Virgilio; quando da Hespanha o de Cervantes; quando de Portugal o de Camões; quando da França o de Victor Hugo.

De igual modo não se poderá falar do Maranhão moderno, sem ocorrer logo o nome de Coêlho Netto. Ele se i mortalizou já nessa multidão de livros que são verdadeiras joias literarias, onde os mais sabedores têm sempre muita couza que aprender.

Creador fecundo de assuntos que de-

zenvolve com mão de mestre, conhece logo a pobreza do nosso vocabulário e enriquece a lingua de Camões, enfeitando-a de diamantes, de esmeraldas e de safiras; dilatando o nosso lexico, como que formando um novo idioma vernaculo.

Não sois somente uma gloria maranhense, não; sois uma gloria nacional. Por toda a parte onde penetra a luz da civilização aí é conhecido o vosso nome. Permitti, senhor Coelho Netto, que nós que trabalhamos pela cultura se bem que sejamos fracos e incertos caminheiros, vos venhamos eu e minhas irmãs ofertar esas flôres que são certamente belas, que são certamente odoríferas, como são as que saem dessa pena diamantina que tanto lustre tem dado á terra que teve a felicidade de vos ver nacer e da qual sois o orgulho, a reliquia, e a mais formozoa joia, o mais nobre brazão!"

Cessadas que foram as ovações do auditorio pela brilhante saudação ao Mestre feita com tanta expressão pela simpatica senhorinha Creuza Castro, subiu em uma cadeira uma flôr viçôza, tendo nas mãos outras flôres, suas irmãs, que dirigiu a sua palavra de creança a Coelho Netto, entregando-lhe um artistico bouquet natural. Foi essa flôr a applicada aluna do colejo do Sagrado Coração de Maria, a garrula e meiga menina Lucina Fortuna, que disse, na sua vóz innocente e fraca de creança:

"Salve, mestre querido, que tens a fronte sempre altiva e o coração sempre aberto para receber o sorriso da infancia! Salve, digno maranhense, o que mais nos honra o nome e mais eleva a raça!

Quando falas, Coelho Netto, com essa tua vóz que penetra e domina corações inteiros, tudo quêda, desde o ancião até á creança, para que não percam o teu gésto que seduz, a tua mimica que arrebatava e a tua fraze que encanta.

E' o jornalzinho "O Ateniense" quem me manda aqui trazer-te este ramallete de flôres, porque só as flôres podem servir para aureolar a cabeça dos genios como tú.

Aceita. São flôres; puras como a tua alma de artista e irradiantes como o teu talento de genio!"

O Mestre, já tão cercado de flôres, recebeu mais aquelas, beijando a menina Lucina com alegria e agradecimento.

—Eis que um surruo de anciedade se espalha por todo o ambiente. Coelho Netto começa a falar e toda a assistencia contem a respiração para não perder "o seu gesto que seduz, a sua mimica que arrebatava e a sua fraze que encanta", como bem disse a menina que falou antes dêle.

Começou agradecendo a brilhante festa que lhe oferecíamos, ao mesmo tempo que ficava penhorado ante a seleção da assistencia que o ouvia, onde se salientava a presença do belo sexo. Quando se via assim, cercado de tantas flôres, suas conterraneas, sentia-se tão bem, ficava tão jubilôzo, que só tinha vontade de cantar abemoladamente hinos de ternura, ante a graça bondôza das suas conterraneas. Sentia que todo o ardôr combativo que

inspirava os seus discursos nos meetings da praça publica, ali se afastavam, para fazê-lo o Coelho Netto lirico, submisso e quizi de joelhos. E como não sabia cantar, pedia permissão para recitar uma novela da sua lavra, que ali dedicava á mulher maranhense—"O poeta Feridun"—joia literaria que o Mestre supremo da fantasia bordou com as mais vivas rendas do seu estilo arrebatadôr e inimitavel. Com arte e expressão, ilustrando a palavra com a majia da sua mimica impécavel, rebuscando os mais reconditos segrêdos do gésto, Coelho Netto deu-nos com "O poeta Feridun" a mais linda, a mais mimôza, a mais artistica das novelas que já conhecemos.

Foi assim que o homenageado terminou a sua brilhante oração, provocando cinco minutos consecutivos de palmas francas, estrondôzas e entuziastas de todos os convivas que eletrizados o ouviam.

Em seguida o prezidente, prof. Domingos Machado, agradeceu a comparencia de todos, convidando para assinarem o livro de presença, dando por terminada a brilhante solenidade em honra ao mais artista e mais erudito dos escritôres brasileiros, que ilustra com o seu nome o quadro honorario da Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco".

Foi uma festa artistica e brilhante que promovemos em dezempenho do nosso programa, e cujo exito muito nos anima a trabalhar para vencer.

Porque amo a minha terra

No Maranhão ha tudo quanto se pode dezejar para ser feliz.

A mais saborosa agua, os frutos mais deliciosos, as mais belas flores, as mulheres mais intelijentes e meigas, os homens mais dignos e illustres, o clima mais ameno.

No vasto horizonte intelectual temos tido oradôres sacros como o Bispo de Olinda e o conego Purificação dos Santos Lemos, oradôres parlamentares como Paula Duarte, Gomes de Castro e o brilhante e fecundo Coelho Netto, tribunos como Antonio Lobo e Domingos Barbosa, eruditos como Candido Mendes de Almeida e Raimundo Teixeira Mendes; e calando por brevidade qualquer distincção, aí está essa brilhante lejião de onde se destacam, entre muitos outros, Sotero, Luiz Carlos, Almeida Oliveira, Odorico Mendes, Antonio Henriques Leal, José da Silva Maia, Arthur e Aluisio Asevêdo.

Quereis, porem, prodijioza fertilidade no r mance, no conto, na literatura em geral? Tendes tudo em Coelho Netto com a sua grandioza produção de 75 volumes.

Dêle direi que o nosso dever é exaltalo, glorifica-lo, pois é o nosso orgulho, um dos mais poderôzos expoentes da in-

telijencia humana, e é dolorôzo que se procure esmagar o mais bello brilhante da constelação maranhense.

A êle o meu mais sincêro preito, a minha mais ardente homenagem e admiração.

Salve Coelho Netto! Salve o grande vulto! Salve o mais nobre, o maior maranhense, Salve!

José Augusto Corrêa

Carta aberta

Meus bons colégas

Não podem avaliar os meus prezados companheiros o grande prazer que experimentei sabendo pel"O Ateniense" da escolha da veneranda pessôa do illustre professôr Domingos Machado para prezidir os destinos desse nucleo esperançozo que é a Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco". E foi ainda maior o meu contentamento ao assumir êle, de fato, o posto para que o elejeram.

Si eu tambem aí estivesse em trabalho conjunto, com certeza iria depositar na urna o meu voto ao querido amigo da mocidade, que mesmo fora da sociedade já lhe dava um apoio dos maiôres e dos mais sinceros.

O ato dos meus colegas, tão nobre e tão elevado, nada mais é, portanto, do que o complemento dessa estima justa que todos os moços do Maranhão devotam ao velho mestre experiente e bom que se impõe á estima dos seus discipulos pela bondade incomparavel de pedagogo dedicado e pela maneira afetuôza de amigo em particular.

Eu me sinto bem dando meu aplauzo aos colégas por essa excelente escolha.

Não ha, creio, em nossa terra, nenhum moço que não tenha passado pelos bancos estudentaes do Professor Machado, e lá não tenha recebido uma parcela bem viva de illustração no fulgôr intelectual do venerando mestre. No seio da "Rio Branco" todos ou quizi todos os obreiros gozaram dessa ventura. Eu, por mim, recorde sempre com muita saudadé as lições sabias que êle, o mestre amigo, ministrava quotidianas á nossa classe. Nunca me esquecerei do que lá aprendi. O mestre ficará gravado na minh'alma e eu me orgulho em prestar-lhe sempre o tributo humilde, porem grandiozo da minha gratidão.

Para êle, fatigado e amargurado das injustiças do mundo, agora que as causas respeitaveis lhe branqueiam a cabeça trabalhadora, será um grande conforto essa união com a mocidade que êle tanto quer e com a qual passou em communhão toda a sua existencia.

Felicitos pois os meus colegas pela excelente escolha que fizeram e a todos abraço de coração satisfeito.

Ao querido mestre peço que em meu nome apresentem as homenajens do meu respeito e maior estima.

Hilton Fortuna

Professor

Fernandes

Rio Branco



Ao lado de Antonio Lôbo trabalhava, em benefício do aparelhamento da mocidade para as grandes lutas, um espírito altamente nobre e um coração expansivamente carinhoso: era o simpático prof. Joaquim Alfrêdo Fernandes, roubado do nosso convívio em 14 de março de 1916.

Ao morrer já as neves da velhice lhe cobriam fartamente os ombros, e o pézo das vicissitudes da sua vida pobre lhe alquebravam as energias de ancião que já era, mas nunca, nunca se curvou para sacrificar as ilhas que mantinha puras e limpas como pura e limpa, foi toda sua vida de batalhadôr audaz.

Foi um martir dos revezes, mas foi também um herôe do carater.

Quando levantava a voz eloquente em defesa dos seus principios, tinha sempre para os môços palavras de uma solicitude afavel, guiando-os para a rôta do verdadeiro homem, que não recua ante a ameaça e nem se deixa tombár para minorar o martirio.

Vivia mais para os seus livros e seus alunos do que para a sociedade com seus esplendôres e suas miserias, e foi por isso justamente que sofreu a dôr de ser puro até aos ultimos extertôres.

Em quazi todos os jornaes do Maranhão escreveu com a pujança do seu talento de escôl, e, por ultimo, nas vespéras de morrer, ainda moirejava em "A Tarde", jornal de combate encarniçado á politica de então, onde fez publicar uma série de artigos, os quaes ditava para que outrem escrevesse, porque a molestia já lhe tolhia o movimento dos braços.

Foi o prof. Fernandes quem fundou a Oficina "João Lisbôa", gremio de môços, com o fim quazi unico de levantar a estátua de João Lisbôa, na praça do mesmo nome. Logo que desapareceu o intemerato lutador, ruuiu por terra o poderôzo alicerce que sustentava a Oficina "João Lisbôa" e ci-la aí, aos boleos, já sem existencia, deixando que a Academia Maranhense monopolize o bronze de João Lisbôa e o faça colocar em cima de um tôsco mauzuleu á guiza de pedestal!

Fazendo esta censura, em meio das linhas que dedicamos á memoria do inesquecível amigo da mocidade, sentimos muito bem com a nossa consciencia, porque não pode haver maior ingratidão da parte dos môços da Oficina "João Lisbôa" do que aquêlê atentado, que ali se enxerga na praça publica, contra as idéas luminôzas que conduziram o inesquecível professôr Fernandes a fundar aquêlê gremio.

Por sobre o túmulo do grande maranhense, no dia 14 de março, as flôres roixas da nossa infinda saudade.

Assinala a efeméride do dia 20 de abril o nascimento do maior dos brasileiros de todos os tempos: o inesquecível e grandioso chanceler de oiro que se chamou José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco.

Salientar a imensa soma de serviços que lhe servia de escudo e que honra a sua memoria é tarefa que muito nôs enjubileceria, mas a que nos poupamos, porque todo o brasileiro sabe que o imortal Barão foi a garantia mais perfeita dos nosso credits perante o mundo culto, onde sabia manter o Brazil em honroso lugar de destaque, pela sua diplomacia de escôl e pelos elevadissimos dotes de talento e moral que lhe formavam o carater adamantino.

Muito deve o Brazil a tão nobre filho que tão alto lhe soube elevar.

Nós, que aqui nos reunimos sob o pálio sagrado da sua memoria de brasileiro abnegado, não lhe regateamos as flôres e os hinos do nosso fiél respeito e perene reconhecimento, flôres e hinos que se vão juntar aos de todos os brasileiros que amam as suas tradições de povo livre, e que sabem honrar a memoria daquêles que em vida se impuzeram ao culto de todos os seus patricios.



Irmãs Gêmeas

Ao Reis Perdigão

A mesma alcôva ouvira-lhes o primeiro vajído e o mesmo leito sentira-lhes os primeiros movimentos, enquanto o mesmo seio maternal e puro, alimentou-lhes o primeiro sangue...

E assim brotaram flôres anjélicas, transplantadas do Eden para as torturas da Terra, Beatriz, mimôza, meiga franzina, loira e sensível como a róza casta e Dulce, esbélta, fórte, encantadora, travessa como a borbolêta, a desprender dos labios carminados, sorrisos brandos de encantar as flôres...

O lar paternal e amigo, vivia cheio da alacridade estonteante de Dulce e dos melancolicos suspiros de Beatriz... E assim viveram, gêmeas ao nacer e gêmeas na felicidade, gozando as delicias supremas dos seus caprichos de filhas adoradas...

Derramavam os céus raios divinos banhando numa cascata de luz, saudada pelo canto da passarada alegre a saltitar nos galhos viridentes, a Terra sorridente, qual espôza castissima a receber o beijo de paixão ardente do adorado espôzo, numa atmosphera de perfumes embriagantes que se desprendiam das rozas orvalhadas... E nessa primavéra em flôr, em que resplandecia a ostia sagrada do sól, de luz suave e quente, sentiram, Beatriz e Dulce, o primeiro grito que déra a excelsa Natureza, para, de anjos que eram, fazê-las virjens castas e imáculas, que despertassem aos encantos fantasticos do amôr e ao sonho grandioso e supremo de ser mulher!

Cazara Dulce, e Beatriz mimôza, num beijo casto de virjem tímida, demonstrava-lhe a alegria de sua alma e o alvorôto de seu coração de noiva que o seria em breve...

Flôres de laranjeiras, brancas, corôavam a fronte da venturôza espôza a realçar o rosto amorenádo, fino, na castiça brancura das roupas de noivado, epilogando, assim, com o cazamento, essa historia infindavel que os noivos contam...

Depois, Beatriz cazara; das suas véstes de franjas e bordados, realçava a beleza de santa enlanguecida, tendo a aurora dos sonhos estampada nos olhos supplicantes!

Felizes os que vivem na ventura da comunhão divina de uma vida honéstia!... Felizes, embôra o destino amáro lhes levante o cadafalso eterno da desventura...

Felizes viveram, quando um raio funebre de dôr, golpeando o coração de Dulce, fê-la chorar o estremecido Armando.

Beatriz chorou amargamente, não só pela dôr que partilhava, mais ainda, pelo sonho que lhe povoava o espirito decente e fraco, de se separar num golpe certo e rude de traiçoeira mão, do espôzo sincero e apaixonado. E mezes depois, cruel desdita! o sonho aparecendo á tela pura da verdade, trazia morto sobre o esquifê tristonho e nêgro, para o vae insondavel do Nada, o cadaver lívido de Albérito.

E Dulce e Beatriz, de volta ao lar paterno, na alcôva que lhes ouvira o primeiro grito de irmãs gêmeas, em frente ao mesmo leito que lhes sentira os primeiros movimentos de recém-nacidas, num amplexo forte, unidas pela mesma dôr, saudades tristes fanadas em pleno viço pela magua, como doloridos gritos dos corações partidos, sentiram decerem-lhes pelas faces tristonhas e macilentas, duas grandes lagrimas, as da deslita, lagrimas que ainda uma vez cazaram num só sentimento, esses dois seres bêlos e infelizes, que gêmeos fôram ao nacer e que gêmeos se terraram no caminho lutozo da viuvez...

D. Voltaire.

Sotero dos Reis

A efeméride histórica do Maranhão registou a 16 de janeiro a data do falecimento do sublime filólogo patricio Francisco Sotero dos Reis, uma das imorreitoras glórias que no ultimo século firmaram a era da nossa renascença literária.

Com os primeiros albôres do século XIX fez êle sua aparição no nosso planeta e toda sua vida foi uma série ininterrupta de trabalho e de verdadeiro amôr ás letras pátrias.

Aos dezoito anos, exercendo já consideravel influencia no seio literário do Maranhão, de cujos filhos foi um dos mais afamados latinistas, tornou-se alvo da admiração de seus conterraneos e o seu nome digno de menção.

Empregando sua atividade no desenvolvimento da lingua vernácula, legou á mocidade studiôza que girava sob a influencia superior do seu luminôzo talento o fruto de suas vijilias sabiamente contido nos compendios que fez publicar e que a posteridade guarda no relicário selêto das boas obras.

Na epopéa dos homens illustres, proficuamente cuidada pelo não menos illustre conterraneo dr. Henriques Leal, lá está através das páginas brilhantes do *Panteon maranhense* a história majestôza de Sotero dos Reis, ao lado das de João Lisbôa, Gonçalves Dias, Odorico Mendes e muitos outros filhos desta terra, que souberam conquistar a si a immortalidade do nome e ao Maranhão o triunfo brilhante de um torrão genial.

Superior a essa homenagem nada mais se viu, entretanto, que justificasse a gratidão de seus irmãos pelo esforço intelectual empregado em prol do progresso literário de seu Estado natal.

Apenas na sinjêla expressão de um pávido tributo fizeram gravar sua effigie na baze que sustenta o monumento historico a Gonçalves Dias.

Partindo dos elevados pincípios de gratidão, não se devia resumir nêssa simples homenagem a attitude dos maranhenses, porque não está éla em relação aos méritos de um poderôzo genio como o foi Sotero dos Reis.

Gonçalves Dias—foi o expoente mais elevado da cultura lirico-poética do seu tempo e por esse motivo ali está êle, perpetuado no marmore, a dominar o horizonte revôlto do oceano que foi o seu esquite; a imortalidade envolveu seu nome num circulo de glórias.

Odorico Mendes foi o maravilhôzo poeta e tradutôr que enriqueceu a literatura com radiantes parçelas de seu talento; seu nome está igualmente immortalizado em um monumento que a posteridade lhe fez erijir.

João Lisbôa, o eminente jornalista, acabava de receber do povo maranhense uma homenagem digna de seu alto valor, promovendo sob os auspicios do governo, a trasladação de sua estátua para o lugar que lhe foi destinádo, no ample coração da cidade.

Des que ladeiam o monumento de Gon-

galves Dias, ainda faltam receber o tributo de gratidão, que lhes é devido, Sotero dos Reis e Gomes de Souza.

Sotero—o dedicado batalhador que durante longos anos emalteceu a escola maranhense com as sábias lições de seu aureo talento, o que se encontra veridicamente firmado nos anais do velão Liceu, onde ha o rasto luminôzo de sua passagem: Gomes de Souza—o emérito matematico que nos curtos anos que viveu teve logar de destaque entre seus contemporaneos e granjeou igualmente a gloria de concorrer para o engrandecimento de seu berço natal.

Justo é portanto, que nós os maranhenses, busquemos homenagear os genios de nossa historia, perpetuando com gesto nobre o nome de nosso gloriôzos antepassados, fazendo com que todas as gerações conheçam os detalhes de nossa vida literaria.

Esse é o nosso dever, pois, de outro modo, tempo virá em que apenas um limitado circulo de maranhenses conhecerá os escaninhos luminôzos de sua historia.

O 22 de abril veio lembrar a data natalicia de Sotero dos Reis e para que êle não passe sob a influencia de um pezado silencio oriundo do provavel esquecimento dos nossos conterraneos apresso-me em o registar, firmando assim a minha admiração por todos esses homens grandes no saber em cujo numero figurou aquele notvel filólogo cuja memória adotei como paraninfa na sociedade "Rio Branco".

J. Ribeiro



O falso

Aí está esse homem, todo mezuras, todo cortezias. Mas sede um pouco observador, olhae-o bem, notae-lhe o risc amarello, adocicado, a humildade hipocrita.

Ele sabe guardar segredos e tem composturas, sabe fazer-vos interessar e por ele, lembrar-vos o que vos deve, o que aprende convosco ou pelos vossos livros.

E vós que sois um injenuo e simples, credes que ali está uma alma, e não uma mascara.

Consegue o reptil subir a um escombro, já vos vê em baixo, julga pisar sobre diamantes, e se lhe chegaes a descobrir o olhar aí surpreendeis o odio, o orgulho, a vingança.

Odio porque? Porque valeis mais do que ele. Orgulho porque? Porque o mentecapto que atinje ao alto, pensa que vale muito, que os que ficam abaixo, o admiram, vêm na gralha penas de pavão.

Vingança porque? Porque esse nulo não tolera a verdadeira superioridade, que só dão o espirito e o carater.

Ele, que tudo praticou para subir um degrau, lá pode sofrer a virtude que a tudo reziste!

Ele, afidalgando-se com titulos banaes, lá compreende que o vosso titulo seja o vosso nome immaculado e culto!

Ele vos trairá, vos deprimirá, a todos

fará crer que nada vos deve, que nada valeis, e que só subiu pelo muito merecimento de perú.

O falso! Beija-vos a mão, mas na esperança de haver aí uma ferida, deposita com a sua baba o veneno com que vos quer recompensar.

Hoje vos deve tudo, amanhã vos não conhece, faz ares de vos desprezar!

Roja-se como reptil em um outro altar, donde espera colher novos beneficios, que nunca acabam de encher a sua maldita sacola.

Pobre do homem que sabe evitar o logarto, a pantera, mas que raramente evita o dente aguçado do falso.

José Augusto Corrêa



João Lisbôa

Registou o calendario, em 22 de março, o 106º aniversario do nascimento de João Lisbôa, dêssa figura homérica que ha de atravessar radiante a nossa historia literaria pelo muito que a engrandeceu na sua curta trajetoria.

Viriato Corrêa, proferindo, no Congresso Estadual, em 8 de abril de 1911, eloquente discurso, pedindo fosse inaugurada a estátua do jornalista do *Timon* em 22 de março de 1912, assim terminou:

"Se Gonçalves Dias é o Jupiter da poezia crioula, João Lisbôa é o Jeová da proza brasileira. E para o ano, meus senhores, vae fazer um século que ali á beira do Itapecurú, num lugarêjo que só vale por ter tido a graça de ser berço do maior prozadôr nacional, vae fazer um século que ali, em Pirapemas, nasceu João Lisbôa.

E' sempre nestas épocas determinadas, quase cem anos depois, quando a história póde prestar justiça, é sempre nêssas épocas que os povos costumam render homenagem aos seus herôes. Chega o momento de fazer a João Lisbôa o que êle merece, de, em memória dêle, se fazer o que nos manda o nosso devêr, o nosso agradecimento e o nosso orgulho de brasileiros. Essa estátua não será uma das figuras de retórica, feitas apenas para embair papalvos. Será um simbolo das éras' atualizadas,—o simbolo do esplendor que fomos, tecido pelo reconhecimento do que hoje somos, o simbolo do sol, levantado pelas sementes fecundas. Essa estátua não será uma figura de retórica. Será um monumento de civismo, para mostrar ao mundo o quanto estremeceamos aqueles que foram grandes,—será um monumento de estimulo, que virá mostrar á gente que hoje trabalha e á gente que vae trabalhar, no futuro, que o Maranhão não se esquece daquêles que concorrerem para a sua grandeza e para o seu fulgôr. Virá mostrar a todos que hoje passam pela existencia, e a todos que amanhã por éla vão passar, que a vida se não resume apenas nêssa coiza brutal que se chama viver, mas noutra mais dôce, mais luminoza, mais consoladôra e mais divina, que é o viver depois de

morto, dentro do coração dos povos, e que nós todos devemos ser grandes, para que seja grande também este pedaço de pátria que é a nossa terra, este pedaço de terra que é a nossa pátria."

Os desejos de Viriato Corrêa, contra toda expectativa, não foram satisfeitos senão seis anos depois. Todos sabem a história amargurada da estátua do malogrado historiador.

Trasladando para aqui as palavras de Viriato Corrêa temos em vista o confronto das mesmas com o embargo imposto pela Academia Maranhense, negando tomássemos parte nas homenagens do Povo á memoria excelsa do jornalista do Timon.

A mocidade não será a parcéla mais legítima do povo? Decerto que sim porque a éla compéte assegurar as nossas tradições, honrando-as e deixando-as sem mácula aos nossos porvindouros.

Nós que aqui moirejamos sempre estamos em convívio e se as nossas homenagens são palidas e incomplexas é tão somente pelo abandono a que vive atirada a mocidade que se ilustra.

Felizmente, no cumprimento do dever de honra que nos impõe o nosso programa, sabemos sempre transpôr as barreiras que pretendem embargar os nossos passos, já levando a efeito os nossos intentos, já protestando com veemencia contra os detentores egoistas e invejosos dos nossos passos.

Prestando as devidas homenagens ao másculo historiador que escreveu ha 80 anos a *Cronica Maranhense*, registamos nésta mesma coluna dois acontecimentos da nossa historia: o seu nascimento em 22 de março de 1812 e o seu passamento em 26 de abril de 1863; 106 anos são passados que appareceu aquêlê sól rebrilhante e apesar de onze lustros já completos que deixou de viver ainda hoje resplende, venerada, a sua memoria grandióza.

Fran Paxêco, o laborioso escritôr luzo e jornalista maranhense de coração, empenhado, melhor que qualquer dos verdadeiros maranhenses, realizou, nessa ultima data, uma conferencia, da série—*Curso livre*—recentemente iniciada, sobre a individualidade do escritôr da Vida do Padre Antonio Vieira.

Congratulemo-nos, orgulhózos, com os espiritos sadios que exalçam sempre as grandezas da nossa historia.



Vizões ou vizadas?

Você, Jozé Leopoldo, sem a mínima comizeração da nossa pequenez, empan-turrou-nos o quanto poude de "tautologia", "psicologia", "psíquico", etc, tudo quanto havia de rebarbativo na sua alentada e esclarecida cachimonia...

Quando escrevemos, as *Vizões* tinhamos, como deviamos, dado o caso nenhum valôr mental, afastado qualquer

pretensão de subsidiar a historia literaria, dando lições de purismo de lingua, de estilo, de psicologia ou psiquiatria: fizemos, a esmo, umas vizões ou "vizadas", como queira classificar a sua alta sabedoria, para... eicher espaço.

A nossa erudição não permite fazer, você bem o sabe, inteligente e futurôzo confrade, um trabalho que analizado sem a complacencia de mestres verdadeiros amigos nossos, que nos ensinem em vez de nos entregar á irrizão, ficasse izento de falhas, de contradicções, de puerilidades.

Foi, pois, subordinados a esse ponto de vista tímido, sem nenhuma pretensão que escrevemos as *Vizões*.

Podemos mesmo dizer, confessando a imensidade da nossa incompetencia, que não as publicaríamos se soubessemos que teríamos (o que de certo modo nos ênvai-dece) analizadôres tão rigorózos. Não fossem élas, porem, umas insignificantes *Vizões* e estariamos embaraçados, de armas entregues, verdadeira e humildemente vencidos. Mas, as *vizões* são *vizões*, Jozé Leopoldo, e quem escreve fantasia, por diletantismo ou mesmo a titulo de ensaios, como fazemos, e não como pajinas de arte e valôr para atravessarem a historia enriquecerem a literatura, não merece condemnação acérba como a que nos quer inflinjr o erudito e iluminado confrade.

—Ha senões nas nossas "vizadas"?

—Não o duvidamos. Deixemos, porem, para outro artigo a gigantesca pretensão nossa de justificar a não possibilidade da "lei de relatividade" e os demais erros de que nos acuzam autôres para com o "nosso mundo psíquico" e voltemos, pela ordem cronologica ou inversa dos nossos artigos, ao *Em proveito da classe*. Precizamos de tempo para meditar, e, nos poucos momentos que nos sobram da faina quotidiana, colijir, nas pajinas poentas e amarelecidas dos alfarrabios preciózos, lições que nos animem ao rebate ou nos aconselhem a depôr as armas e portanto nêsse ponto, que é de palpitante atualidade, talvez sejamos mais felizes.

Antes, porem, devemos dizer ao erudito confrade, que não nos aborreceremos, mas, pelo contrario: somos-lhe muito gratos pelas lições preciozas e advertencias sensatas que nos servirão para, futuramente, sermos mais comedidos e cautos na emissão de idéas não conhecidas e não nos metemos mais em terríveis "camizas de onze varas" ou mesmo trêze, como esta em que nos meteu o nosso fulgurante contraditôr...

—No artigo "Em proveito da classe" ficamos em duvida se eram os confrades da "Revista" mais felizes ou se eram apenas mais otimistas do que nós.

Agora, porem, temos a certêza de que são simplesmente humildes: contentam-se com qualquer migalha, pois, qual mendigos desejando riquezas incontaveis ao esmolêr orgulhózo que descuidado dispender *dez reis*, acham que a compariencia, por méro acaso, de um ou dois membros da nossa intelectualidade em

uma das muitas festividades que realiza a mocidade sonhadôra, num periodo de muitos mezes, é solidariedade e prestijio bastante para nos alentar e incentivar.

Pequeninos como somos—talvez seja muito orgulho ou pretensão nossa—preferimos inteiro descazo a tão infimas esmólas e aplicando bem o rifão dizemos deziludidos do prestijio almejado: "antes só que mal acompanhados"...

—Não omitimos o nome—de saudoza memoria—do professor Fernandes, não!

Muito a propozito não lhe colocamos, como de justiça, ao lado do de Antonio Lôbo, porque aquêlê, quando tudo se dispunha a fazer, foi abandonado, em plena atividade, pelo grupo de môços que tão espontaneamente prestijava. Fizeram os aludidos môços com o professor Fernandes o que nunca fez a mocidade devêras possuida de idéas elevadas com o Mestre Lôbo, e o que fazem hoje, com a mocidade em geral, os representantes da nossa alta intelectualidade.

Regrêso moral intellectivo, dezassombradamente repetimos agora, ha e desde a nossa mais alta camada: os nossos imortaes.

Ontem éra a vaidade da Associação de Imprensa cêrrando as suas portas a um representante nosso, a Academia Maranhense recuzando que se fizesse ouvir a nossa palavra de contentamento pela inauguração da estátua de João Lisbôa; hoje é a inércia, o intraduzível gésto dos seus fulgurantes defendidos, Jozé Leopoldo, silenciando dezairozamente a vizita de Coêlho Netto, á sua terra!

Não se limitando, pois, os representantes lócaes da nossa intelectualidade a deixar em abandono os que sonham pela defêza das nossas tradições e pela nossa grandêza futura, distendem muito alem os procêssos destruidôres: com o pretêsto de não prestijarem, politicamente o espoente maximo da nossa literatura contemporanea, este esclarecido genio que é Coelho Netto, atitude aliaz que não condenamos porque a seguimos, em obediencia aos nossos estatutos, calaram-se medrozos e de modo insofismavelmente injustificavel ante o homem de letras.

—Que traduz isso?

Não acreditamos que os nossos intellectuaes, os seus fulgurantes defendidos Jozé Leopoldo, temessem ficar ofuscados pelo verbo fluente e arrebatadôr de Coelho Netto, porque, felizmente, poderá faltar nos nossos homens corajem e independencia de carater, destemôr e ouzadia para afrontar conveniencias, colocando-se ao lado do Direito oprimido, mas, erudição para ouvir e compreender Coêlho Netto e talento para lhe falar e serem comprendidos, para empolgar, satisfazer, orgulhar e equiparar-se mesmo á mais alta sumidade da intelectualidade brasileira, mercê aos céus, ainda temos e sobejamente!

Nós, os obreiros da "Rio Branco", com toda a nossa pequenez, com toda a nossa dezorganização, sem contarmos

com nucleo fôrte e elevado—porque toda a nossa mocidade, dezamparada, sem nôrte, sem idéal, sem escola, se vac combalindo dezastradamente— destemerosos, confiados na benevolencia do Mestre que tudo sabe aquilatar, prestamos-lhe as nossas homenajens; os môços da “Silvio Roméro”, num entusiasmo irreprimido, transpondo os limites de seus estatutos, levaram alem o seu gesto: collocaram-se solidarios com a atitudo politica daquêle que promete empregar o seu imenso cabedal de sabedoria ao ser viço da nossa regeneração moral e civica; a mocidade em geral, o commercio, o pôvo vibraram ante o fulgôr do genial patricio!

Entretanto, os seus eruditos e esclarecidos defendidos, Jozé Leopoldo, feriram as letras nacionaes, as nossas tradições de povo culto e independente, com a mesma frieza como nos veem ferindo.

Nós somos muito pequeninos, illustre confrade, para assim falar dezassombradamente, mas, já não é somente a nôssa pequenez quem fala e nem o dezêjo ardente e inquebrantavel de defendêr a nossa sanidade moral: é o Direito, é a Verdade, de quem somos sérvos mui humildes e mui reverentes.

Justino Lésua



Celso Antonio

Foi por uma tarde macia como uma caricia de pluma.

Listrava ainda o horizonte lonjiquo uma faixa muito loira de sol poente...

Eu decia despreocupado a gozar o encanto daquêle entardecer lento, cheio da alegria cabritante das senhorinhas que passavam rapidas, saracoteando alacres, a comprimentar com elegancia aos *senhorinhos* têzos, empertigados, que subiam a passo curto, enchendo o ambiente da praça João Lisbôa com as suas casquinâdas barbaras a perturbar a páz do crepusculo.

Um grupo de rapazes, estudantes, estacionava num angulo da praça.

Em breve eis-me com eles, e uma vez lá, tôca a passar em revista analizadôra todo o *set* que *footinga* e toda a burguezia suada que se recolhe.

Tudo inalteravel: os mesmos tipos, as mesmas *mlles*, os mesmos patrões, nada de novo... á! eis uma figura estranha que passa.

—Quem é ? ...

—Não sei ...

—E você ?

—Não conheço, não...

Seja quem fôr, acrecentei eu; o que indica o seu ar bizarro, orijinal, é que é um artista...

Não me enganara felizmente!

Era um rapaz insinuante, cabelos negros encaracolados, trajando com apuro e elegancia cariocas, a voltear a bengala fina lá subia, sobraçando uma brochura, rumo da “Pacotilha”.

Dois dias depois ao fechar-se o velarium verde sobre o ultimo quadro do

“Natal”, lá no vasto e sombrio cazarão do Seminario, eu era apresentado pelo pintor Moraes áquêle que tão acertada e justamente classificára como artista.

Era o Celso Antonio, o joven escultôr maranhense, que Coelho Netto, o fuljido escritôr conterraneo, apontava ao de cima da sua glória, como um candidato á gloria.

E de então data o meu conhecimento com Celso.

Foi por uma tarde ainda que eu fui pela primeira vez ao improvisado atelier de Celso Antonio, lá para os lados quitéos da Avenida Gomes de Castro.

Ia ver, que ha muito a curiosidade me aguilhônava, o busto do grande homen que foi Antonio Lôbo, e que, conforme os jornâes cá da terra, Celso modelara com uma perfeição admiravel, revelando-se possuidôr de uma êxecução segura e um talento superior.

Cheguei.

Com aquêle seu modo franco, afavel, Celso nos recebeu a mim e ao Moraes, que era ainda ele quem me levava a admirar a magnifica arte de Celso.

Conversamos.

O busto estava sobre um cavalête de escultura, velâdo por um pano humido.

Ainda sob o tecido daquêle pano discreto, eu reconhecia a figura do mestrê e me impacientava por vê-la ao descoberto.

Enfim o escultôr retirou o véu e eu pasmei ante o busto êsplendido, cheio de êspressão, a deixar entrevêr uma pontinha de amargura, da amargura dos ultimos tempos, através da curvatura leve, suave, dos musculos zigomáticos.

Era bem de Antonio Lobo o busto ainda humido.

E data daí a minha admiração por Celso, a admiração que eu tenho por toda essa lejião de artistas divinos, que arrancam o marmore bruto, frio, rude e nêle cinzelam com alma, ebríos de genio, hinos impereciveis á suprema belêza.

Artistas divinos escrevi, porque para ser artista é precizo ter a centêlha do céu e mais propriamente cabe este titulo aos poétas da pedra, porque só eles, á maneira de Deus, com um pouco de arjila vil, grosseira, modelam primôres de forma e graça...

Que ha de mais augusto e terrivel e olimpico que esse colossal “Zeus” que Phidias cinzelou.

Que ha de mais trajico, de mais angustião, de mais intensamente êpressivo, que esse estupendo “Laocoonte” cujo autor se perde na poalha apagadôra dos tempos?

Emfim, que de mais sublime, que toda essa galeria imensa de arte potente, sobria, graciôza, imortal, em que se perpetuou o genio grêgo?

Nada!..

Ainda na antiguidade encontramos, em Roma mesmo, magnificos especimens de escultura classica que citar seria longo.

Com a Renacença irrompeu por toda a Europa, intensificando-se, localizando-se porem, na Italia a arte soberana, e temos

aí essas figuras proeminentes de genio: Miguel Angelo, Benevenuto Celline etc.

Depois pouco a pouco a arte foi evoluindo rumo do escôpo almejado e inatinjido - o Ideal, - e temos para o norte, para lá dos Alpes, em França, a escola moderna em que avultam com brilho: Carpeaux, o artista de: “La Danse”, “Le Triomphe de Flore”, “Ogolin et ses enfants”; Falguière, o meticulôzo e esplendido buriladôr de: “Combat de Bacchantes”, “Source”, “La Femme au paon”, e, culminando, a revolucionar toda a arte da estatuaría, esse êstraordinario, esse magnifico Rodin que foi o “Victor Hugo do marmore” e legou á arte de que foi maximo sacerdote *chef-d-oeuvres*, taes como: “Le Baiser”, “Frère et Soeur”, “Le Printemps”, “La Faunesse”, “Desespoir”, “L’Emprise”, “Amour Fugit”, “La Pansée”, “Eve”, “Balzac”, “L’apel aux arme”, “La belle Heaumiére”, etc.

Esses são (quem contesta-lo ouza?...) os artistas senhôres da grande arte, que nada é mais grosseiro inexpressivo bruto que a pedra e no entanto é nela que eles vão gravar, com mão nervoza e cerebro ardente, os seus poemas de forma, a traços finos elegantes, fidalgos, como os de Falguière ou a traços largos, Impetuôzos, com todas as asperêzas e com todos os encantos de uma arte nova, insubmissa, ouzada, quente, como os de Rodin.

S. Luiz do Maranhão, “Atenas Brasileira”, só o era pelo fulgôr literario dos seus filhos, verdadeiros helenos no culto da poezia e das belas letras, mas, infelizmente, pouco ateniense no culto da plastica em marmore.

“Atenas Brasileira” não tinha escultôres, não tinha frizos, não tinha Parthenon.

E porque “Atenas” se resentisse disso, muito mais é de louvar o aparecimento do seu primeiro escultôr que promete hobrear com os seus poétas.

E eis porque eu auguro, ao distinto patricio que tão lindamente se levanta, um futuro brilhante, e, atravez destas deza-primoradas linhas, como môço e para orgulho e vaidade minha tambem maranhense, lhe rendo uma humilde e sincera homenajem.

Reis Perdigão



Os Ateniadas

CANTO PRIMEIRO

LIII

Nesse gesto egoista se mostrou Fortadora de rustica ambição, Sem prever que com isso violou Cs sagrados preceitos da união. Diante dessa afronta que importou Num descazo formal, numa agressão, Sem mais outro argumento ou atavio Protestâmos a hem do nosso brio.

LIV

Se bem que atualmente não gozamos
De nome algum notavel, se assinala
Que no sec'lo de luzes, em que andamos,
Alguem ouza impedir que venha a fala,
Onde as letras teem luzidos recamos,
Um pujilo de môços que se embala
Na alvorada da gloria e que assim fique
Rejistado esse injusto e máu debique.

LV

E já que pelos rutilos anaes
Andei da nossa historia, resplendente,
Avançarei, portanto, um passo mais
P'ra rejistar no meu expediente
Um fato d'entre fatos marciaes,
Que na grande nação vão largamente
Progredindo de forma benfazeja
Graças ao patriotismo que viceja.

LVI

Desde que nesta terra se fundou
Uma seção da grande infantaria
Do Tiro Brasileiro, se notou
Como em tudo, uma grave revelia
Que dentro em pouco os moços dispersou.
Eis, porem, que a européa rebeldia
Fez corar a republicana face,
Na ameaça de um franco dezanlace.

LVII

A mocidade forte e patriota,
«Com estranha alegria e não cuidada»,
Pela extensa cazerna então se bota
Em defeza da Patria ameaçada.
Em cada atirador jamais se nota
Um sinal de dezanimo ou parada,
E a esse exemplo vivo se mexeram
Muitos outros que os brios removeram.

LVIII

Já no «Quarenta e sete» (61) se alistavam
E no Tiro Rondon (61) para as doutrinas,
Que os deveres da patria lhes ditavam,
Beberem, para as lutas peregrinas;
E com tamanho acerto nisso andavam
A manejar as patrias carabinas,
Que quando a gente menos esperava
O primeiro dos Tiros já nos dava

LIX

Uma turma de socios bem cuidada
Que a nação na rezerva colocou.
Isso toi na aurea data da alvorada
Do ano corrente, quando despontou
A oitava e rizonha temporada
Do nosso itinerario e se empossou
Entre grande e geral cortezania
O grão mestre da nossa idolatria (62)

LX

Era o tempo em que as couzas dezandando
Pelas camaras altas, soberanas,
Renovar o mandato precisando
Dos seus pares, nas rodas veteranas
Da politica o nucleo majistrando (63)
Tanjendo as rigorozas durindanas,
Nova chapa formou, que dezatino
Promoveu no circuito citadino.

LXI

Longos anos passaram docemente,
Durante os quaes na Camara exercia
Um logar entre os sete, que da gente
Do Maranhão tem nobre mordomia,
O notavel Coelho (64) decedente
Da formozza Caxias e eis que um dia
Por um jogo fatal que não percebe
O bilhete selado (65) então recebe.

LXII

Sabida a nova chapa o parafuzo
Da politica eterna e esquadrinhada,
Começando a girar, na forma do uzo,
Traz ao cazo feição falcetruada.
E logo da metropole, confuzo
Co'essa brusca e estrondoza retirada,
O Coelho se abala e então dizia:
«Será isso algum sonho ou vilania?»

LXIII

E diz tambem «que a hidra malfazeja
Setenta e tantos livros seus não lê,
Esse forte padrão que ella apedreja
Por um principio vão que se não creê».
E ainda bem não chegára, uma peleja
Onde glorias futuras antevê,
Faz contra o chefe (66) desses que o tiravam
Dentre os sete e seu nome bloqueavam.

LXIV

E combatendo assim sua expulsão
Por toda a parte ele se ouvir fazia:
«Patricios meus, a tôrpe conjunção
Da acastelada e rude oligarquia,
Vale bem para mim a maldição
Dessa gente enojosa e sem valia;
Mas nesta terra nossa, poderosa,
Hei de ter a vitoria suntuosa.

LXV

«Contra esse vil e grande vituperio
Tenho a minha coluna rezistibil,
Com que hei honrado o culto presbiterio
Que nas letras busquei, incorrutibil;
E não fazendo então disso misterio,
Por ter grande certeza irremovibil,
Quero aqui do triunfo no apojeu
Mostrar aos meus patricios quem sou eu.

LXVI

«Deste reduto elevo alto e num mito
Os livros que compuz, na latea via
Das glorias de um renome alto e infinito
E que essa gente venerar devia.
Se o verbo meu, como já tendes dito
Encanto tem e intermina valia,
Mostrai que sabeis dar sincero abrigo
Ao vosso irmão de patria e vosso amigo».

LXVII

Isto dizendo invoca os assistentes
A derrocar as rudes imposturas
Dos «tubarões» ferozes e inclementes
Que a politica em suas escrituras,
Segundo diz, tem fortes e tementes,
E tendo assim tentado (67) as creaturas
Que de sua palavra eram escravas
Para a luta empunhou fortes aljavas.

Cânonilo

- 61) Tiros de Guerra n. 47 e 344.
62) Professor Domingos Affonso Machado, lente catédrico do liceu e presidente da sociedade «Rio Branco».
63) P. R. C. maranhense.
64) Henrique Coelho Netto, grande escritor maranhense, deputado federal, retirado da chapa.
65) exclusão da chapa.
66) Dr. Urbano Santos, vice-presidente da Republica, governador eleito do Maranhão e presidente do respetivo P. R. C.
67) atraído.

Americo Cezar

(Página retrospectiva)

Rejistando o 6º aniversario do falecimento do artista sinjélo que foi Americo Cezar, em 26 de março, trasladamos d'«O Canhoto» n.º 18, de 23 de março de 1913, o seguinte, que a respeito então dissemos:

«Passa, a 26 do corrente, o 1º aniversario da tranzição, d'esta para a vida de além-tumulo, do dulçurozo poéta, que foi Américo Cezar.

Não é um nome desconhecido do nosso meio, por isso, que durante, seguramente um decênio andou aí pelos diarios hebdomadarios, revistas etc. a subscrever mimózas produções poeticas que só mimózas o são, porque não teem, a castigar-lhes plástica sentimentalista o cançado espartilho da Féрма torturante.

Não é um nome desconhecido, sim. Mas um nome que passou sempre esquecido dos seus patricios, porque Américo Cezar nunca transpôz o circuito de oiro da sua sinjelêza, para ir bater á porta do cenáculo de beletistas histryões, que se vão glorificando, mutuamente, nos banquetes dos constantes pregões, que, da sua balôfa sabença publicam e descaradamente fazem.

O nome do autor do *Martha, A' minha mãe* e *Ao meu coração*, conserva-se ainda esquecido pelos seus ingratos patricios, porque nunca serviu, em letras garrafaes, de pompozo titulo a noticias encomiásticas, que a miúdo, se nos deparam, nos nossos jornaes, e em que se exalçam os pseudos méritos dos literatos de encomenda, que se guindam, embóra não passem do réz do chão, ás alturas em que pairam condôres

Mas, nem por tudo isso, será completamente esquecido o nome do poéta da *Oração á tarde*, porque, em torno das fulgurações do seu talento, se acham ainda alguns rapazes que, desprezando, por dignidade, o despotismo de talentos pachisbeques, fojem por lhes fazer asco, aos setários do pessimismo grassante nesta terra, para somente cantar lóas a tudo que louvôres merêça.

E o nome de Américo, mais vivo ainda ficará, si a familia do poéta envidar esforços no sentido de entefixar, em livro, o que êle nos deixou, brilhantes versos, que são o mármore em que se gravou o seu nome, para atestar, a quem o livro perlustrar, que, no simples homem, que não se deve esquecer, havia coizas de mais util e admiravel, que se deve relembrar.

E é por isso mesmo, que, noticiando o 1º aniversario do passamento do poéta, relembramos-lhe o nome, não, porem, cheios de saudade, que Américo Cezar não morreu, intelectualmente:—Vive, gloriôzo, no doirado sólio, que êle mêsmo construiu, dos seus sinjélos versos harmoniôzos.

—Êle não morreu.

Não! Nem jamais a parca temeraria
Conseguio ensonbrar es fulvos brillos
Dos talentos daquêles que são filhos
Das muzas,—numa campa funeraria.

Não conseguiu jamais... prêza aos atilhos
Do verso, o poeta, a alma em luminária,
Deixa, e, da rima embôra secundária,
O nome prende aos fujidos cadilhos.

E tú cisne de canto brando e têrso,
Tu tens a vida, sonhadôr, gravada
No mármore das rimas do teu vêrso.

Morreste, sim, mas que te importam prantos,
Si vives si o teu nome existe em cada
Estrofe azul dos teus mimosos cantos!...

* * *

Seis annos são passados que perdemos
o cintilante poeta e pena é que os nossos
augúrios não se tivessem realizado. Ape-
nas Apolinario de Carvalho editou um
pequeno folhêto contendo 4 sonêtos do po-
êta môrto e 5 seus—torneio—diversão—
intitulado "Deus".

Nada mais reunido temos do poeta,
o que entretanto não torna esquecido o
seu nome de artista.



Adelmiro Costa

Um dos melhores amigos de que "O
Ateniense" podia se orgulhar em possuir
é o delicado joven Adelmiro Costa, que
ultimamente servia como radiotelegra-
fista a companhia baiana de vapores.

Todas as vezes que o bom Adelmiro
passava pelo nosso porto, no exercicio da
sua profissão, nunca deixava de vir até
á nossa Redação, trazer-nos os protestos
da sua estima e os incontidos dezejos de
ver "O Ateniense", como dizia na sua
voz delicada, figurando no rol dos me-
lhores e mais conceituados jornaes do
Brazil.

O seu trato delicado e a sua educação
sulista não logravam esconder das suas
feições que êle ao par de ser ainda muito
jovem, tinha uma alma de ancião, tristo-
nha e combalida, em cujo intimo o seu
maior amigo, nosso colega Agenor San-
tos, talvez não tivesse conseguido pen-
trar.

Acaba de falecer na capital baiana o
Adelmiro Costa, quando ainda começa-
va a viver, tendo em sua frente um lar-
go e brilhante futuro de môço.

Lonje da familia, lonje da sua Alagô-
as, tendo para unico consolo na sua
passagem á vida subjetiva, os carinhos
e cuidados fraternaes do seu leal amigo
Agenor Santos que o acompanhou nos
sofrimentos, amigo esse que conquistou
com a sua alma grande e a sua educação
aprimorada.

"O Ateniense", onde o inditozo Adeli-
no contava sinceros e reaes admiradores,
envia sentidamente as suas condolencias
ao Agenor Santos, porque perdeu o me-
lhior dos seus amigos, á companhia bai-
ana de navegação, porque perdeu um dos
mais competentes dos seus radiotelegra-
fistas, e á sua digna familia, porque com
a morte do Adelmiro tudo perdeu.

Um livro util

Dentre as ruínas que infestam cala-
mitozamente tudo e todos, apesar do des-
cazo a que vivemos atirados e da manei-
ra quazi sempre pessima que os guardas
dos departamentos publicos applicam
no dezempenho de seus cargos, mercê
nossa, ainda se encontram verdadeiras
surpresas e verdadeiros devotados pelo
trabalho, procurando meios de bem ser-
virem os interesses publicos, ainda que
ordinariamente vejam os seus esforços
e bôa vontade desprotejidos e mios-
prezados.

Refiro-me a um trabalho incontestavel-
mente digno de maxima atencão do
exm° sr. Secretario da Fazenda—"A
Carteira do Coletôr"—da autoria do sr.
Manoel Hermenegildo Muniz, encarrega-
do da coletoria do Rozario. É um tra-
balho talvez sem fórmula e sem estilo, sem
requintes de literatice sem pavonada de
exibicionismo, mas um trabalho utilis-
simo produto de uma férrea bôa vontade
de bem dotar o Estado com um livro de
grande necessidade e que, quem poderia
talvez melhor confecciona-lo, nunca em
tal pensou.

O autôr enfeixou no seu modêsto tra-
balho modêlos de: *Escrituração das Cai-
zas* (geral e de estampilhas) *Resumo
dos mesmos, Balançete mensal, Livro
de inscrição da divida ativa do Estado,
Livros de escrituração dos generos de
produção do Estado, Petições e despachos,
Retirar e contar as porcentajens,
Lançamentos de todos os impostos co-
brados por meio de lançamentos, Livro
a que é obrigado todo estabelecimento
agricola*; regulamentos de: *Taxa de expe-
diente, Sêlos, Executivo fiscal etc; De-
crêtos e Regulamentos de transmissão
entre rivos e cauza-mortis; Mapas de ge-
neros de produção do Estado* e tudo
mais que se relaciona com as repartições
fiscaes do interior do Estado.

Este trabalho, que o autôr remeteu, em
4 de janeiro, para a apreciação dos pode-
res competentes e que tive a ventura de
apreciar, ainda que ligeiramente, merêce
um acurado estudo dos nossos homens
de governo, pois muito terão a luerar os
61 coletôres do Estado, facilitando enor-
memente os ajustes de contas com a Se-
cretaria da Fazenda, e tendo, alem de
um serviço facilimo e em ordem, muito
e muito aumentadas as rendas publicas.

Digno, pois, de louvôr é o trabalho do
sr. Muniz e mais apreciavel se torna
porque nele está encerrado todo o esfôr-
ço de um lutadôr intemerato dezinteres-
sado e, acima de tudo, zelozo, competente
e criteriôzo funcionario, que honra o seu
cargo bem dezempenhando-o e incitando
seus companheiros a seguirem suas pe-
gadas.

Que o livro a que nos referimos merêça
a atencão a que faz jus pela grandêza
que encerra, são os votos de quem aqui
vem batalhando estigmatizado pelo in-
diferentismo dos homens.

Joaquim Luz

Com ares

de cronica

Higiene—ladeiras—posto de ulcerados.

No outro dia, quando aquêle viajante
ranzinza que ocupava o segundo banco do
bonde (perdêm o epíteto...) dos Remedi-
os, entrou a criticar de modo tão despre-
zível as nossas ladeiras ingremes e traba-
lhôzas para os tranzeuntes, tivemos von-
tade de dar um aparte; franqueza que ti-
vemos, caro leitor.

Estivemos por um fio a falar-lhe, mas
de um modo um tanto austéro, ao mesmo
tempo em que nos occorreu á mente o fato
autentico, veridico, genuino, de que a Re-
partição de Higiene está afastada dos
seus mistôres para confeccionar uma util
e seria estatística da mortandade em
1904, pela peste bubonica!..

Naturalmente ha de perguntar o ledôr,
um tanto intrigado: mas que têm as la-
deiras com a Higiene e sua estatística?

Nós, que não esperamos pela pergun-
ta bisbilhoteira, explicamos: que seria
de nós, moradores duma cidade onde a
herva agreste medra pelas ruas a esmo,
a ponto de poder esconder entre sua fo-
lhagem um homem mais alto do que o
celebrado Sumaca; moradôres de um
burgo infêcto repleto de baixos de so-
brado habitados, donde o asseio fujiu
prá nunca mais voltar; de nós, que te-
mos essas ruas por aí afôra todas chei-
as de brócôtos e verdadeiras furnas ca-
pazes de entrincheirar uma divizão em
pé de guerra? Que seria de nós se não
fossem essas benemeritas ladeiras que
fazem escoar as torrentes pluviaes que
nos são tão abundantes, levando na po-
tencia da sua caudal essê matagal vir-
jem que se levanta atrevido pelas ruas,
escondendo nas sarjêtas os vermes e até
os sapos?!

Certamente que S. Luiz não teria ma-
is 50.000 almas, porque o impaludismo,
as intermitentes e a infecção já teriam
dizimado a nós todos. E se não o fizeram
ainda, devemos exclusivamente as ladei-
ras, que no seu declive saneam a nossa
urbs e resecam os nossos pantanos,aju-
dadas pelo sól bendito do meio dia, que,
Deus louvado, nunca nos nega a sua luz
que queima, é verdade, mas que não sabe
fazer estatísticas...

—E já que aqui falamos em epidemias,
entendemos oportuno tratar desses po-
bres semimorfeticos que por aí se arras-
tam, coitados, exibindo chagas purulen-
tas, mal cuidadas e fetidas. Infelizes ir-
mãos que pernoitam nos passeios e que
pela mauhá, sem pão, descubrem as cha-
gas para atrair as esmolos.

Falou-se da criação de um posto para
esses ulcerados; foi lançada a idéa, se-
cundada unanimemente pelos bons espí-
ritos, como sóe acontecer com todos os
empreendimentos novos; por um dos po-
deres publicos foi posta á disposição
dos dirijentes uma sala e seus apetrechos
E depois? Qual foi a instituição que o-
poz o primeiro obice á luminôza idéa?!

Milton Fortuna

A nossa edição de hoje, a contragosto nosso tardia, é dedicada a Coelho Netto e esta página a Milton Fortuna; áquêle pela vizita honróza que nos fez; a este pela sua data natalicia em 28 de fevereiro.

São duas homenagens, ambas sincéras, justas, eloquentes e grandíozas, embóra sejam os nossos homenajeados artistas que muito se distanciam. Aquêlê, o emérito buriladôr da fraze, o mestre dos mestres, o campeão da literatura patria, o orgulho das letras contemporaneas, o nababo de sabêr e erudição; este, humilde, desconhecido ainda nos anaes literarios, mas operario que se inicia fórte, convicto, cheio de esperanças e de fé, tendo a guiar-lhe os passos uma férrea vontade e uma exuberante inteliçencia, a se preparar com segurança, lentamente, para os embates das lutas, já pode, sem constranjinmento, ser colocado ao lado do Mestre supremo.

Coelho Netto, o idolatra da mulher, a quem sabe falar com alma de artista, que empolga e extazia, todo bondade, todo carinho, todo complacencia, todo submissão, estamos cértos, não nos recriminará pelo parenteze que abrimos nesta página, que não torna incomplexa a nossa homenagem, pois sabendo como sabe, aplicar uma grande parcéla da sua alma para cultuar a mulher, esta divindade sublime que constitue a alegria e a felicidade da nossa vida; sabendo falar como fala á criança, á alma juvenil, que é todo o encanto da nossa existencia, saberá tambem—todo bondade, todo carinho, todo complacencia, todo submissão—dispensar, sem prejuizo, rendendo preito á justiça, uma parcéla, embora minguada, ao artista humilde, á mocidade sonhadôra, aos espiritos que, arrostando insuperaveis barreiras, vêm se batendo tenazmente, cheios de fé e confiança no seu esfôrço proprio, pelo ideal sublime, pela ventura imensa, pela paixão dominante de se elevar na plenitude maxima do Sabêr e da Verdade.

E' assim, pois, sem remórsos pelo peccado que cometemos e sem temer deslustrar a homenagem que prestamos ao Mestre, que colocamos ao lado do seu espirito incomensuravel, o nome humilde ainda, mas promissôr, do nosso companheiro.



Não é o pigmeu ao lado do colosso e nem o plebeu ao lado do fidalgo; é o dicipulo ao lado do mestre, acolhendo-se á sua sombra homérica e animadôra, fórte, sadia e rezoluta.

O oiro é o mesmo; a jazida que produzio o minéreo tornado em joia d'arte, apreciada e valiôza, que é o autôr da "Mirajem", produzio igualmente o modesto, humilde e talentôzo autôr de "Nossa terra", belissimos versos recitados no *Jockey Club*, em 28 de julho de 1916.

.....
*Foi lá, na terra amada, que sentimos
A corajem da vida e lá que ouvimos*

De nossa mãe o canto;

*Foi lá que, pequenitos, nós passamos
Inocentes de tudo e que estudamos*

A magua, o rizo, o pranto.
.....

Ambos, partindo das mesmas plázgas, humildes e pobres de outros bens que não a vontade e a inteliçencia, sulcaram as mesmas aguas em demanda a officina aperfeçoada, e o buril que engastou, rebrilhante, a joia inestimavel que tanto nos orgulha, está empenhado em môldar, com o mesmo senso artistico e com a mesma segurança, a que promete o espirito joven e florecente de Milton Fortuna.

Coelho Netto partiu da humildade e a fôrça do seu talento, se fez grande e admirado; Milton Fortuna, cheio da mesma fé, dotado de sobêja inteliçencia para o seu fulgôr, professando os mesmos ideaes de saber e empunhando o seu humilde instrumento de artista, lonje da terra e da familia, ferido no coração pela cruêza da sôrte, bebendo no grande conservatorio as mesmas lições ministradas ao pujilo brilhante constituido por Gonçalves Dias, o cantôr inimitavel da raça

americana, Humberto de Campos, o glorificado de "Poeiras", Aluizio Azevêdo, o observadôr sublime e maximo naturalista de "O Cortiço", Viriato Corrêa, este magnifico contadôr das paizajens do nosso sertão, e tantos outros, galgará, decérto, majestôza e altaneiramente a mesma escada sublime que conduzio ao nosso panteon gloriôzo apueles fórtes do passado que admiramos, e a êles se juntará no presente para sustentar no futuro as nossas tradições, a nossa vitoria!

As convicções magnificas de Milton Fortuna, o seu aprimorado gôsto pelas coizas de arte, amôr ao bêrço muito amado, de envolta com o sentimentalismo revelados na sua "Ultima página".

.....
*—Sorria a Primavera (inda me lembro, ó
sim!)*

*—Flôres por toda parte, e tudo era um
jardim!*

*A poesia brotava airozamente em tudo
O dia era epopéa, a noite um verso mudo!*

.....
*—Eu era então feliz, e tinha tal grandeza
Como se a mim cantasse em fésta a natu-
reza;*

*O meu viço de môço, o meu sangue fer-
vente,
Despertaram-me á vida e eu amei terna-
mente!...*

.....
*—O' dias do passado! O' louca mocidade!
De tudo que se foi, só resta-me a saudade;*

.....
*—O' como é triste a dôr, quanto abate
o viver,
Neste inferno terreno onde é tudo sofrer!*
.....

dão-nos uma idéa exuberantemente animadôra do muito que é capaz para aumentar a nossa já riquissima bagagem literaria e lirica.

Poderíamos ainda, para patentear mais autenticamente a justiça da homenagem que prestamos ao companheiro leal e dedicado, citar muitos e muitos trechos da sua já avultada coleção artistica se não bastassem esses e a intima e cordial admiração que lhe tributamos como premio ao seu talento grandíôzo.

E' o quanto basta.

Punje-nos a alma dizermos que foi a Higiene, por meio de uma polemica iniqua, sem proveito, quem intercepu a efetividade da idéa caridoza... Pouco importa a esses infelizes endemicos que á sua enfermidade seja ou tenha o nome de ulçera de Baurú ou venha rotulada por qualquer titulo, o que nos entristece e o que os mata moralmente é este modo

dezumano de os deixar apodrecer na rua, sem conforto, sem pão, como a um cão vagabundo dado ao pasto dos urubús!...

Pois foi o que se deu: desviaram-se as atenções dos iniciadores do "posto" para a malfadada polemica científica e em vez da idéa ser posta em pratica, burlou por completo, ficando abafada por arti-

gos maçudos e sem proveito utilitario de especie alguma para o tentamem.

Eis como, no Maranhão, se aniquilam as boas iniciativas, que fenecem ao inicio, provocadas por quem justamente deveria apoiar-las, fomentando-as e cercando-as de todo o apoio.

Infeliz terra de Gonçalves Dias!

D.F. 1

Ser mãe

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração ! Ser mãe é ter no alheio
Labio, que suga, o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor cantando vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se litra
Sobre um berço dormido ! E' ser anceio,
E' ser temeridade, é ser receio,
E' ser força que os males equilibra !

Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho !

Ser mãe é andar chorando num scrrizo !
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada !
Ser mãe é padecer num paraizo !

COELHO NETTO

Na=Li

(Lenda niponica)

A' D. D.

E' no paiz azul do sól nascente,
Na-Li com olhos de ave do paraizo,
n'um quiosque de laca, docemente
olha as flôres da ameixa num sorriso...

Na-Li cazou-se agóra, delijente,
da alegria apagou vizo' por vizo,
o «saké» é cruel e o olhár luzente,
é preciso velár com um véu de sizo.

Chóra Na-Li, morreu-lhe o companheiro,
triste maguado tem o olhar faceiro
e em funebre quiomo se amortalha...

E' que a lei, féra, impõe:—olhos ardentes
quando môça, cazada olhos tementes
viuva olhar sem luz de escura grálha.

S. Luiz X-III-MCMXVII

REIS PERDIGÃO

Aspirações

Já tive aspirações tão grandiozas,
Todas cheias de encantos e beleza:
Transformei esta grande Naturêza
Em uma alcôva de petalas e rozas...

Fiz do amôr forte culto: a idéa preza
A's sensações sublimes, capitozas;
Fiz de faces sem côr, faces formozas,
Anjos puros d'amor e de grandêza !...

Hoje essa grande aspiração suprema
Se resume em conjunto em o dôce léma
De uma vida d'amores, bem modêsta

Entre os rizos sincêros de ventura,
De uma espôza gracil, rizonha e pura
E um bebê a trazer-me o lar em fésta !...

S. Luiz, 31-3-18

D. VOLTAIRE

Ao luar

Para o D. VOLTAIRE

Novembro.
Noite macia, perfumada,
tudo
a me falar das coizas que eu relembro,
no seu aspêcto mudo...

Amada !
porque não vens com o rizo teu divino
roubar-me ao tédio que me afoga e mata,
nos labios teus a gorjeiar um hino
fresco como um murmúrio de cascata ?
Porque ?...

Alta, palida, fria, a lua, enorme,
fantastica sonambula
a rolar pela trêva imensa, informe,
como arjentina ambula,
anda a unjir o ceu num êxtranho rito
com o oleo santo da melancolia,
espalhando no espáço, no infinito,
a roixa nostalgia,
que nutre a alma subtil dos sonhadôres,
desses de quem os sonhos não têm métas
alma de sofredôres,
coração de poétas...

Saudade !
doce tortura amarga, deliciôza;
que impiedade !
não me firas assim, cruél, irôza,
em barbaro furor de sanha antiga,
qual se não fôras minha amiga...

Embebo os olhos na noite silenciôza,
toda branca de lua,
recendendo um perfume bom de rôza,
que triunfante em tudo se insinúa...

As arvôres parecem,
iluminadas de luar,
enormes rozas «Paul-Neron» de prata,
que abotoam, sorriem, resplandecem,
no jardim ideal de um magnata,
nesse jálde paiz porque vivo a sonhar.

No ar da noite, quente,
do teu hábito sinto o sopro olente,
sinto na luz macia
da lua,
uma caricia doce, fujidia,
dos teus olhos de mága,
enquanto além flutúa,
uma tristêza morbida, prezaga...

Cala-te, minha lira,
porque saudozo assim suspira
o teu suave coração ?
Não vês
que a noite passa,
celeremente,
e o vento frio da desgraça,
nesta perda solidão,
uiva como um chacál funereamente ?

Julgas viver dentro de um brêve sonho ?...
Não te iludas assim,
olhos fecha ao irreal, olha o abismo profundo,
da tortura infernal que infindavel suponho...

Cala-te, minha amiga,
unico bem que eu tenho neste mundo;
que seria de mim
Se os homens máus ouvissem tra cantiga ?

Invejôzos, cruéis,
Eles de mim te arrancaríam,
que essa lejião de zeros poderôzos,
não pode tolerar os menestréis,
E assim, torvos, irôzos,
sem respeito, sem dó, te levaríam...

Cuidado !
que nenhum golpe máu te fira,
pois se caisses, ao teu lado
a minha triste álma cairá;
por Deus ! tem mais cuidado
—Cala-te minha lira !...

REIS PERDIGÃO

S. Luiz, X-IV-MCMXVIII.

Delirio

Quero subir bem alto ! E lá de cima olhando
Quero vêr a meus pés da vida o rodopio;
A miseria do mundo, o imenso desvairio
Como infernal fogueira, insensata, abrazando !

—Na vertijem do espáço, tremendo em calefrio,
Quero olhar para tudo,—e tudo penetrando,
Quero vêr a paixão das gentes palpitando
Nos espasmos da dôr.—Quero vêr o martirio.

—E quando tudo vir dessa altura tão linda,
Ante o espetáculo monstro, eu deslumbrado ainda,
Sentindo essa loucura á luz que se descerra,

Quero cair, tombar, rapidamente, inerme,
E ter, depois de pó, a pequenez de um verme
Para morder, gozar, das podridões da terra !

RIO.

HILTON FORTUNA

Deus

Basta !... P'ra que teimar si tão descrente
Da existencia de Deus te fazes, quando
Até mêsmo o bom senso está mostrando
Que existe um Sér, aos homens excedente ?

O que queres que eu faça si fechando
Os teus olhos te pões ? Si na corrente
Dos impios vaes decendo lentamente
E pouco a pouco a fé vaes conjurando ?...

Amigo, acalma a Musa que delira
E depois me responde si a existencia
De Deus—é uma verdade ou si é mentira !

Deus existe !... E. máu grado os versos teus,
Abre os olhos á luz, que a conciencia
De certo te dirá que existe Deus !...

6—junho—910.

AMÉRICO CEZAR

Feia

Não te amei. E porque ? Porque não ha em ti
A graça que perturba, o sorriso que enleia :
Porque eu sou cêgo, filha, e porque tú és feia;
Porque te olhei, amor, e porque não te vi.

Foste minha e—vê lá—nunca te conheci.
A tua alma, tão bêla e tão nobre,—ignorei-a.
Quiz belêza, frescura,—e construí na areia :
Só comeci a amar-te, hoje, que te perdi.

Amor espiritual, amor sem esperança,
Amor que não dezêja e, por isso, não cança,
Amor conrito e puro, arrependido e triste...

Hoje estou convencido, ó minha glorioza:
A paixão sem belêza é a mais perigoza;
O amor por uma feia é o maior que existe.

JULIO DANTAS

Coelho Netto

Poucos serão talvez os leitores que conhecem, no Maranhão, a individualidade literaria de Manuel de Souza Pinto, autor fecundo do "Terra Moça", livro de impressões brasileiras.

Ao seu eminentíssimo poder de observação e ao encanto sugestivo da frase, elegante, tersa e carinhosamente burilada; aos lavôres do descritivo e a minuciosidade verdadeira dos cenários devemos, os brasileiros e os portuguezes, senão o livro mais completo dentre os que contam o Brazil com flagrante actualidade, pelo menos um dos mais lúcidos e de mais sincera perfeição.

A Terra, os homens e as coisas do Brazil tiveram, em Souza Pinto, um fervoroso extaziado, e aquêles que o lêrem, não poderão deixar de dedicar a esta maravilha, quarta parte do mundo, o mais entranhado amor e a mais justificada admiração.

Proponho-me vir apresentá-lo, por causa de Coelho Netto, a quem a Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco", dedica este numero d'"O Ateniense".

Se quizesse, como fôra o meu desejo, atirar audaciosamente ás túrbas o meu juizo crítico sobre a obra do immortal brasileiro; se quizesse, por melhor, manifestar a profunda e religiosa admiração que lhe dedico, jamais o faria ao ponto de relativa perfeição que um trabalho desses exige.

Falece-me a erudição, falecem-me o fôlego e a competencia.

De Coelho Netto e da sua obra nada conheço que mais de perto no-los descreva e é por isso e na mais santa das intenções que lanço á popularidade o grandioso capitulo do "Terra Moça" e o nome emerito de quem o escreveu.

Edmundo Calheiros

* * *

Coelho Netto

Logo que meus olhos extaziados, em que a visão magnifica de Guanabara não pudera gravar-se até que de lá partiram a vez primeira, relancearam o assombroso prodígio dessa imensa natureza de cyclopicos panoramas, beberam com seu sol deslumbrador o seu deslumbramento, um desejo, que toda a viagem acalentara e afervorara com a maior das sympathias, tornou-se-me em ancia imperioza e absorvente.

Sobre o espectáculo da terra moça esplendorosa, d'essa filha formosa da Europa envelhecida, um nome palpitava e pairava fiel, constante, indescartadamente, como esventesia uma bandeira de posse sobre um castello almejado, como uma divisa circue um brazão, como num dominio afflora um titulo, ou num burgo se proclama um potentado.

Imaginação tão equal achou o exis-

tente ao sonhado, tão exacta fôra a copia que lhe haviam fornecido, que a realidade, a envolvente realidade deslumbrante, ainda mais exaltava o artista soberano, o mago evocador, que melhor a fizera entrever.

Ante a paizagem hallucinadora, mais se admirava e recordava o seu paizagista hallucinante.

Conhecê-lo, fallar-lhe, ouvir da sua bocca os segredos que aos seus livros escaparam, vê-lo alli senhor da portentosa selva que desvaria, depor a seus pés a nossa ignorancia, para que êle a redimisse, tê-lo, a esse iniciador genial, como guia nesse estupendo labyrintho, que nos escanearava, confuza, simultaneamente, com portas á tentação, era a aspiração mais teimosa.

Nós, os que ás letras nos affazemos, temos esse confessado ou dissimulado sestro de vêr os grandes artistas sobrepor-se quasi ás suas pátrias, de fitar primeiro a litteratura para depois nos enfermarmos no paiz. Que criminoso litterato poderá demandar a Hespanha sem no limiar resurgir Cervantes? Que barbaro chegou á Italia sem mentalmente reverenciar o Dante, ou desembarcou no Tejo esquecendo Camões? Ao visitar Lisboa, nenhum brasileiro culto deixa de reviver o Eça, como o menos illustrado dos estrangeiros não ausentará da memoria, ás portas de Pariz, Daudet, Zola, Maupassant, Flaubert, Anatole France, Verlaine, ou outro, que mais funda lhe tenha dado e calçado a impressão da cidade irresistivel.

Somos assim: as paginas antecipam-se aos kilometros. De resto, creio que não é preciso escrever ou produzir para experimentar esse gostoso sussulto da lembrança, que é uma forma gentil da gratidão. Basta ter lido. Qualquer leitor, por menos litteratescamente viciado, acordará em Roma com Tito-Livio na mente, sonhará na provincia franceza com Emma Bovary, ou despertará em Florença—ditoso despertar!—com Madame Martin-Bellême, ou com a Beatriz. A's vezes, não commoverão seus duros miolos as obras-primas; mas, ainda nesse caso, sentirá nas visceras cerebraes as coegas charras e insistentes das obras más, serão os lances montepinescos, as pilherias de Kock, as somnecas de Cantú, ou os destemperos historico-polonezes de Sienkiewicz.

Sem questionar a sua qualidade, o livro, bom ou mau, a scena, torpe ou bella, acudirão e impressiona-lo-hão, na razão da quantidade emocional que um dia lhe transmittiram, e d'elle, do cerebro obscuro ou do cerebro alumiado, se reapossa e commanda e orienta as primeiras vistas.

É uma prova excellente para as obras, essa da força de verdade e de duração que manifestam ante a verificação dos seus scenarios e caracteres. A palma caberá ao escriptor que aos olhos do visi-

tante mais vezes lhe assome á memoria; será melhor a emoção que se converta agora em mais exata sensação, fosse embora sorvida num misero folhetim de dez reis.

Para mim, as impressões mais fortes que recebera em toda a arte brasileira, as que mais em tropel me resuscitavam então no espirito, eram devidas, comprovava-o bem, esse prodijioso artista, que buscava obsediantemente, Todos d'elle me fallavam com respeito e com carinho, todos concordavam em seu valor, e asseguravam a sua affabilidade; mas onde encontra-lo, onde procura-lo?

Ir bater-lhe á porta intempestiva, exigentemente, parecia-nos uma tremenda indelicadeza—se bem seja assim, hoje em dia, que os fieis abordam as suas devoções. A' nossa, no entanto, sorriam uns dias de noviciado, d'espectativa, de prova, que mais purificassem a hora solemne e appetecida. Nanja que receiassemos essa desillusão vulgar do artista que se sonha um, atravez da obra, e sahe outro, em pessoa—castigo frequente de damas sonhadoras, que Flaubert em vão avisou de que "se não deve tocar nos idolos: fica o dourado nas mãos".

A nossa admiração tinha a necessaria fé, para que o artista fosse como fosse, magro ou gordo, careca ou encabellado, sisudo ou risinho, desleixado ou elegante—esses nada alheios á arte, que tantos desenganos causam ás referidas e desocupadas senhoras—nos não desilludisse, não pudesse de modo nenhum desilludir-nos.

Começamos por confiar ao acaso, quasi sempre propicio aos viajantes, essa missão nobilissima de no-lo deparar, sem preambulos, sem aviso, sem hora marcada, em a tremebunda premeditação do cerimonial. Espreitámos pelas livrarias, pelos jornaes, pelas ruas e pontos principaes. Nada; não apparecia. Ninguém o vira: não era provavel; podia ser, mas não davam a certeza...

Enquanto o acaso, prejudicando seus meritos, ia assim perdendo a occasião d'um feito louvavel, iamos vagamente cogitando dos habitos do artista, afastado, recolhido, laborioso como um benedictino, productivo como uma rotativa.

Vendo, porem, ahontoarem-se os dias, sem que o desejo, já enfurecido, se satisfizesse, impuzemos ao acaso um *ultimatum* mais quarenta e oito horas, e, se elle se não decidisse a fazer o que lhe pediram, e agora lhe ordenavamos, fallamos nós, exautorando-o, sem mais contemplações. Era terminante. Mas o acaso não se decidiu...

Fartos de esperar, de provocar, de palpar, com amigos a nosso lado para a apresentação, o casual encontro, expirado o prazo excessivo da nossa impaciencia, resolvemos precipitar o jocundo acontecimento, e enfiamos um dia pelo *Jornal do Commercio*.

O porteiro, attencioso, inquire do nosso fim.

—O Snr. Armando Erse está?

—Não senhor. Isto é, pôde ser que seja, porque eu não o conheço.

—Então V. não conhece os redactores cá do jornal?

—Conheço muito bem. Mas esse nome que o Snr. diz não é cá da casa.

—Essa agora! E o Snr. *João Luso*, está?

—Ah! esse, sim senhor.

—Pois é elle mesmo que eu procuro.

—Lá isso agora é outra coisa. O outro nome que o Snr. disse é que não sei quem é.

E' o Snr. *João Luso*.

—Não me parece. Só se elle tem algum aleunha...

E subo a escada apressadamente, pensando na popularidade do pseudonymo d'esse excellent prosador, que lhe faz do verdadeiro nome um desconhecido. *João Luso* acolhe-me em bom camarada, interrompendo a sua tarefa.

Expondo-lhe o meu casa arrelhiador, a perseguição em que tenho audado a um homem que não apparece. Com toda a sua bondade, e dadas as suas optimas relações com o artista, apraza-me para, na noite seguinte—ainda um dia ancioso!—o aguardar no Largo do Machado, e irmos então até á tranquila morada onde labora o mestre, incansavel e insatisfeito.

Escusado será dizer que, na noite imediata, esperei uma boa meia hora por *João Luso*, que no emtanto foi pontual como um inglez... da Louzã, sua distante patria. O relógio, ganhado pela minha pressa, adeantara-se esfalfadamente.

Conversando, trocando impressões sobre o artista que iamõs vêr, vagarosamente nos encaminhamos por amplas ruas silenciosas e plantadas, até á Rua do Rozo. *João Luso*, terminando um episodio, que viera narrando, pára a uma esquina, deante d'uma casa de risinho aspecto, mettida dentro d'um jardim gradeado e diz-me:

—E' aqui.

Era allí finalmente! Como se me apontassem um monumento, encaro demoradamente as paredes que guardam a intimidade invejavel do artista, o baluarte agraciado do seu sonho. Allí, distante da barafunda, tranquilo, num bairro escolhido e repousado, onde só o affligem os toques marciaes d'um quartel proximo, elle compõe e e burila o encanto vertiginoso das suas paginas, gera as suas figuras estranhas, tece, quasi brincando, essas suas phantasias vigorosas e scintilantes—e parece que no ceu claro, ao di-reito do seu telhado, paira vigilante uma estrella, de guarda.

Entramos familiarmente para a saleta de jantar, e dentro d'alguns minutos, elle chega affabilissimo.

—Ora aqui tem V. o Coelho Netto—exclama *João Luso*.

Ei-lo enfim o grande nome querido! E é com orgulhoso prazer reverente que eu aperto aquella mão nervosa e forte, que o artista prasenteiramente me estende,

num á vontade desaffectedado, que captiva de chofre.

João Luso conta-lhe as diligencias por mim empregadas para o vêr, e Coelho Netto, sensibilizado, desculpa-se, condoe-se, como que envergonhado, pezaroso de não haver apparecido, vindo a increpar-me por o não ter logo procurado directamente, visto que, para mais, umas ligeiras relações litterarias a proposito do *Sertão* nos faziam amigos de velha data.

A esposa de Coelho Netto, distinctissima companheira do escriptor, alma devota da arte, apparece nesse momento, e a conversa desvia-se para coisas varias, para as minhas impressões, para a paisagem, para os primeiros passeios. Coelho Netto, com uma grande predileção pelos homens e pelas coisas de Portugal, esforçando-se por fazer esquecer toda a sua individualidade, modestamente, salteadamente, me interroga sobre isto e sobre aquillo, como que esquivando-se ao elogio e á referencia á sua obra.

Subimos ao gabinete do artista. *João Luso* está com pressa, tem affazeres, o jornal á espera, e, vendo a familiaridade que o artista começa a dispensar-me tão generosamente, pede licença e retira-se. Fico só, allí naquelle confortavel aposento, entre o prosador glorioso e amabilissimo e sua esposa, que, depois de entornar na conversa o encanto do seu intelligente commentario, chamada pelos seus carinhosos deveres de boa mãe d'alguns pequerruchos, se retira tambem.

Vem o cafésinho, o café convivial, o café da paz, indispensavel, como um tributo devido ao hospede, na casa brasileira—e a conversa, inolvidavel conversa!, prolonga-se até tarde, até muito tarde, naquella sala clara, em cujas estantes a obra do escriptor, uniformemente encaernada em vermelho vivo, dá a ideia d'um solido bloco de rosado marmore, inscripto a oiro, a reponza, crescendo sempre.

Espero que me não façam a injuria de suppor que eu vá aqui sujeitar Coelho Netto, o originalissimo talento a banalissima banalidade d'um *interview*. Por muitos motivos, por todos os motivos e mais um, pelo respeito devido ao seu altissimo valor e ao seu odio sincero do bombasticismo, elle fica-lhe superior. Mesmo, porque, se tivesse de reduzir a escripto as suas conversas, precisaria de um inteiro volume, visto que, desde essa noite inicial, obtive licença, tive de comprometter-me a voltar—e sempre que o remorso de roubar á litteratura bellas paginas affrouxava, e campeava o egoismo de me dar horas bellas eu corria á tranquilla e hospitaleira morada da Rua do Rozo, e só a barulhenta meia-noite, desancando o bronze, conseguia acordar-me da seducção maravilhosa e intraduzivel da conversa de Coelho Netto.

D'essa abusiva frequencia com que eu defraudei, por vezes, as letras brasileiras, devo aqui pedir-lhe perdão, e invocar como attenuante a gentilissima bondade de D. Gaby Coelho Netto, que, desejosa de poupar o artista, seu marido ao excesso continuado de trabalho a que

se entrega, me recommendava que o fosse distrahir.

Coelho Netto, que é o maior prosador brasileiro, é o mais inspirado, insinuante e irresistivel dos conversadores. D'elle se pôde dizer com verdade que volta sem que o tempo o sinta a ampulheta das horas. E' inteiramente fascinante.

Dos seus labios escorre brilhante, viva, imaginosa, essa prosa em extremo imaginosa, brilhante e viva, que as suas paginas condensam. A sua bocca é tão rica como os seus volumes, e, depois de ouvido, dir-se-hia que, para tão bem escrever, a sua penna nella se vae molhar.

A palavra sahe-lhe facil, fluente, fresca, feliz, desenrolando no ar, como num jogo mysterioso de sons, as suas facetas, erguendo poderosa os edificios maiores, as mais arrojadas architecturas, cavando abysmos ou desenhando paraizos, gizando pittoresca os typos mais diferentes, caricaturando alegre, criticando incisiva, evolvendo aerea aladas phantasias, esboçando passageiras figuras apagadas, projetando nitida salientes vultos, evocadora, feiticeira, aurea.

A impressão desconcertante e deliciosa que eu sempre trouxe ao deixar Coelho Netto, era a de um perdulario requintado, partindo para seu deleite chapas preciosas de crystal com um martello de prata.

As suas conversas, coloridas, prendentes, capazes de entreter um relógio, são quasi sempre esplendidos capitulos fallados. Coelho Netto tem entranhadamente, o culto, o amor, quasi a superstição da palavra. Adora o termo como a mais bella das fórmas.

A lingua portugueza, essa "doce e corrente ribeira derivada da fonte classica que cantava á sombra das collinas de Roma", que elle tão preclaramente celebrou num brinde divulgado, é como uma sua amante, predilectamente eleita, a quem o artista se não cança de offerter, de adornar de joias novas, de vocabulos virgens, de termos desenterrados, de palavras sonoras como crotalos, luzentes como pedrarias ou suaves como balsamos aromados. E' a sua deusa e é a sua musa.

Tendo tão fervorosa e arreigada, a a paixão, a admiração pela palavra Coelho Netto collecciona com disvelo os seus mais variados cofres, os mais opulentos estojos em que ellas se guardam. A sua officina é completissima em dictionarios, em vocabularios, em phrasearios e em classicos. Elle nutre como niuguem a curiosidade insaciavel de todas as expressões que o homem tem usado e inventado, das indigenas, como das vernaculas, das velhas linguagens emmudecidas, aos modernos, activos, idiomas.

Ainda assim, esse immenso arsenal não o satisfaz, não lhe basta á phantasia torrencial, e então bate elle, na sua forja possante, moeda, palavras do seu cunho. D'ahi que o vocabulario de Coelho Netto, onde, de quando em quando, aponta uma tentativa fallhada, uma que outra palavra de mau toque, que elle é o primeiro a engeitar, seja, em comparação com o de qualquer dos maiores escriptores das mai-

ores linguas, talvez o mais rico e abundante.

Comtudo, Coelho Netto, hoje, não ama a palavra pela raridade, pela velhice ou pelo exotismo—a palavra pela palavra—ama-a pela clareza, pela exatidão, pela precisão, por essa força imitativa e dize-precisão, que o tem feito crear numerosísimas e expressivas onomatopeias.

Sendo, de tão accentuado modo, um amator convicto e entusiasta da palavra, Coelho Netto não é um rhetorico, nem um declamador. Elle estima e preza a palavra como corpo magnifico da ideia, como flôr cuja semente germina no cerebro. Não é, por isso, um vasio e empolado arengador, em quem a palavra pegue de estaca na bocca, e saia espumante, como um producto dos labios, a de sinquietar as turbas. Não ama na palavra apenas o barulho que ella faz como os histriões amam os guizos da gargalheira. Ninguém mesmo repudia com mais asco a oratoria tamborilesca, a pyrotechnia verbosa—esses excessos de secreção sãlivar. Não será, por conseguinte, nessa esguellada e oca accepção, Coelho Netto, um tribuno, ou um discursador, mas é, no mais nobre, no mais sobrio e no mais bello significado do termo: um eloquente—já que melhor qualificativo não sei para essa sua surpreendente e encantadora arte de escrever fallando.

As fallas caudalosas dos loquazes, dos palradores, dos tagarellas, mais ou menos solemnemente, lembram, como o evangelho ao homem, á palavra que é pó, cinza d'uma fogueira breve. As divagações primorosas d'esse artista exuberante ensinam que o vocabulo é d'ouro perduravel, e que só um Cressus inexgotavel se atreya a atira-lo, a engeita-lo assim, a punhados fartos.

A Coelho Netto poderiam attribuir-se certas palavras do Bobo do *Pelo Amor!*—uma das suas obras preferidas:—“Uma couza me tem sempre preocupado: para onde vão as palavras que os homens pronunciam? desfazem-se, desaparecem... a palavra é a poeira do pensamento. O homem que mais falla é o que menos produz. Nos idiotas ha uma brisa perenne que levanta torvelinhos...nos loucos são formidaveis cyclones que arrastam densas nuvens de poeira... Que produz a poeira? anda solta no ar, não fica junto de uma raiz, cega, atordôa e mata e, levada de déo em déo, para onde vae a poeira? Eu conheci um mudo que fallava, não que a sua lingua esteril produzisse mas, escrevendo, arranjou com as paginas outras tantas linguas que fallam até hoje e que hão de fallar enquanto houver dois olhos que passeiem sobre caracteres... Ah! mas os que apanham as palavras e calmamente as depuram e amassam e as levam ao fogo que é o genio, esses fazem da poeira inutil monumentos eternos. Que é o barro? terra vermelha e arida, nas mãos de Deus é o homem. Ha palavras que não tocam o solo, tão leves são, caem das linguas e logo vão pelos ares fóra como o “amo-te” das mulheres e a “consciencia” dos juizes... Poeira...”

Trabalhador insigne, o mais disciplinado e pontual dos manejaadores da pen-

na, Coelho Netto é naturalmente um isolado, um concentrado, que se não prodigaliza, nem se anda a mostrar, gastando as horas. Com uma certeza herculea de si proprio, cego de confiança nos seus inexauriveis recursos, Coelho Netto vive exclusivamente para asua obra e para a sua arte, despresando fidalgamente o applauso, a popularidade, a corte. Tudo isso é nelle, porem, o producto de uma titanica força de vontade, d'uma abrazada fé litteraria.

Na intimidade, elle é outro inteiramente, e eu nunca conheci ninguem, que tão immediata e irresistivelmente impuzesse a sympathia, suscitasse o afeto, forçando, sem a minima violencia e sem o menor exhibicionismo, a admiração.

Essa sua desvairante eloquencia, que é como um thesouro d'uma das suas biblias, *As Mil e Uma Noites*, não doutorisa, nem pontifica. E' espontanea, franca, captivante, como as lições do extraordinario e lucido professor que elle foi, na cadeira de historia da Escola de Bellas Artes ainda hoje lembradas, ou como os seus cursos litterarios em Campinas, cidade onde elle deixou, como o verifiquei, a mais unanime e saudosa das venerações.

Coelho Netto tem o dom raro e preciosissimo da conversa, essa fórmula oral esplendente da litteratura. Não falla para deslumbrar, deslumbra porque falla, porque tudo quanto diz é interessante, porque tudo elle sabe dizer encantadoramente. Nada ha mais communicativo que o amor, e Coelho Netto ama communicativamente a phrase. Ella brota ao acaso de seus labios, e elle, sentindo-a chegar, estremece, sobressalta-se, segue-a, abandona-se-lhe, acaricia-a, enfeita-a, dobra-a apalpa-a, busca-lhe todos os segredos, aclara-a em todos os mysterios, e vae-os dizendo á medida que elles acodem, como pensando em voz alta, como se vissemos funcionar um cerebro atravez d'um cranio de vidro.

Ouvindo-o, occorrem as palavras de Guyau: “Raciocinar é caminhar, é subir, é conquistar”, e presente-se o artista dominado pela ideia de Maupassant: “Seja o que fór que se pretenda exprimir, não ha senão uma palavra para o dizer, um verbo para o animar e um adjectivo para o qualificar”.

A palavra perturba-o, hallucina-o, arremessa-o, alheia-o, a um torvelinho incessante, em que transborda e esfusua essa sua impetuosa ris improvisadora, que faz com que, nas suas acclamadas conferencias, elle, ganhando calor ás primeiras paginas, abandone por completo o texto que tem sob os olhos, e se deixe levar pela inspiração, embriagado pela phrase nova, suggestionado pelo capricho do momento, dando ao auditorio fascinado outra conferencia diversissima da que escreveu.

Em Coelho Netto, o escriptor e o orador são gemeos. O vocabulo gravado, pousado, quieto, parece-lhe uma estagnação, que elle pretende reanimar, remexer, purificar, com a intromissão de outros vocabulos vivos moveidos, como um pantano

se depura com uma corrente recémvinda. No *Momento Litterario de João do Rio*, livro indispensavel a quem busque familiarisar-se em a litteratura brasileira, tem Coelho Netto esta confissão, cujo thema varias vezes lhe ouvi: “Tenho a respeito da palavra uma theoria: a palavra fallada é a palavra-viva, livre, solta de todas as cadeias, capaz de por si só definir, pintar, colorir; a palavra escripta é a palavra agrilhoadada, morta, sem a expressão immediata. A primeira tem a intenção, que é tudo, e a inflexão, que é a realidade da intenção. Toma por exemplo a palavra Deus. Deus tem uma côr no juramento solemne, outra no auge do pavor, outra na ironia, tem todas as ambientes do sentimento, graças á inflexão e, ás vezes, apesar de sagrada, falta-lhe moralidade, como quando uma rapariga, comida de beijos pelo amante, murmura tremula—meu Deus!”

Depois, Coelho Netto é um espirito galhardamente independente, fóra de seitas, de cenaculos, de camarilhas. Tem uma vigorosa coragem de apreciações e uma rude franqueza de commentario. Não fere com deleite e mesquinhez, mas, sem rancor vil, ataca e fustiga o que o irrita e desagrada. D'ahi, um ar captivante de irrespeitosa mocidade, que mais o favorece. Elle detesta as consagrações, as honnarias bolorentas, as petrificações da celebridade. Pertence á Academia Brasileira de Lettras, constituida, no molde da franceza, por quarenta immortaes, mas, como Anatole France, raras vezes lá vae, tendo, ainda ha pouco, a proposito d'uma ingenua reforma orthographica que a mesma Academia votou por grande maioria, sidô dos primeiros a ataca-la, e a interceder humoristicamente pelos direitos do k e do y, banidos pela immortalidade, como veneraveis e hellenicis columnas da lingua, lindas fórmulas da Grecia veneranda, augustas como vestaes e amaveis como bacchantes, nos sonoros vocabulos velhos, que Coelho Netto tanto gosta de resuscitar. O “medalhão”, que é termo felicissimo que os brasileiros empregam para designar o celebre, o inamovivel, o consagrado, tem em Coelho Netto um bem humorado inimigo, e por isso, apesar d'elle ter escripto, em 1894, no distico das *Balladilhas* “Com este livro finda a primavera de minh'alma”, o seu espirito viceja ainda numa perenne primavera, ou, se elle não consentir que assim se diga, num exuberante verão triumphal.

Coelho Netto tem uma apparencia modesta e singela, desataviada, burgueza, que nada indica o seu extraordinario valor. Quem por elle passar na rua póde notar o seu ar prescrutador e trespassante, a mobilissima inquietação da sua cabeça, com o pescoço fino a emergir dos largos collarinhos baixos, muito abertos, mas, julgando-o talvez um homem preocupado que apressoado se dirige para o seu trabalho, não suspeitará que alli vae o narrador insigne, o plethorico phantasia.

Baixo, magro, com um pallido aspecto doentio, o seu rosto encovado, energico,

onde um farto bigode se planta hisurto, e asperas sobrançellas, eriçam, coroado pelo espinhado da sua cabelleira aparada em escova, proemine num nariz forte de palpitantes narinas ageis, sobre seus labios grossos de sensual, contrahidos num tregeito entre doloroso e scismador. Muito myope, atravez das suas fortes lunetas de aros grossos, como fulvos leões presos, faiscam-lhe os olhos penetrantes, "esses seus vivissimos olhos pardos, fulgurantes como os dos tigres", bravios provocantes, inspecionadores, olhos teríveis de analysta, frequentemente adocados por um vago entreaberto de sonho; olhos impressionantes de visionador, sabios olhos sem receio.

A sua mascara de masculos lineamentos, assim parada, sósinha, no silencio, tem um cunho voluntarioso, obstinado, duro, quasi talvez aggressivo, que lembra os bustos rebeldes dos barbaros, esculpidos pelos romanos. Acorde, porem, o escriptor para o convivio, desperte para a interrogação, descerrem-se-lhe os labios, que são as portas do seu templo, mova-se-lhe a palavra, tome-o o enthusiasmo, e essa face ágreste, essa rigida face, transformar-se-ha por completo, anima-se, illumina-se, abre-se, entra de seduzir, ao faiscar de seus olhos, que parecem aguias altas acompanhando a idea.

Coelho Netto, além de todos os segredos da palavra, tem toda a sciencia do dizer. E' portentoso o seu poder de evocação, de criação, de resurgimento, e maravilhosas as suas faculdades descriptivas, e imitativas. Contando um caso, elle não se limita á narração; contrafaz, copia, reproduz os varios typos, as suas attitudes, as suas inflexões, os seus modos, os seus termos e a sua pronuncia.

Os seus gestos variam infinitamente e a sua conversa é então sobremodo pittoresca. Se referir d'um homem de bôa vista, Coelho Netto começará por tirar as lunetas, para lhe arremedar o rosto, e ageitar-se-ha completamente ao feito do outro, coxeando, se elle é coxo, gaguejando, se elle fôr gago, dispensando um braço se o outro o não tiver. Lembra ás vezes um actor consumado, exceptuando a esplendida superioridade do seu espirito, que logo que a personagem se cala, reaparece com todo o seu brilho.

Foi assim, em magistraes conversas longas, que eu ouvi a Coelho Netto pedaços curiosissimos da sua vida, aventuras interessantes, episodios comicos ou dolorosos da sua carreira litteraria, a historia dos seus livros e dos seus amigos as suas opiniões e os seus projectos. Impossivel me seria reproduzi-las, mesmo em parte minima, porque, todo entregue á seducção do escriptôr, me limitava ao doce prazer de escutar sem ter animo nem artes de o acompanhar com um lapis tachygraphico, e porque o papel não comporta a technica prodigiosa e colorida d'esse incomparavel interprete.

Henrique Maximiliano Coelho Netto nasceu nessa "Provença dourada do Brasil, que é o Maranhão, terra de sonhadores onde as lendas pullulam e a poesia é a linguagem commum dos que vivem nos campos largos, á grande luz do sol

ou ao pallido luar sem nevoa". D'essa natureza feraz e supersticiosa, recebeu elle as primeiras lições d'arte, segundo seu proprio testemunho:—"Para a minha formação litteraria, não contribuíram autores, contribuíram pessoas. Até hoje soffro a influencia do primeiro periodo da minha vida no sertão. Foram as historias, as lendas, os contos ouvidos em criança, historias de negros cheias de pavores, lendas de caboclos palpitando encantamentos, contos de homens brancos, a phantasia do sol, o perfume das florestas, o sonho dos civilizados... Nunca mais essa mistura de ideaes e de raças deixou de predominar, e até hoje se faz sentir no meu eclectismo. A minha phantasia é o resultado da alma dos negros, dos caboclos e dos brancos. E' do choque permanente entre esse fundo complexo e a cultura litteraria que decorre toda a minha obra, e d'ahi *Balladilhas*, *Rhapsodias*, livros de uma factura absolutamente especial". (*O Momento litterario*, pg. 53).

A vocação de Coelho Netto não se revelou logo para as letras. O seu primeiro e intenso desejo era o mar. queria ser marinheiro, e ainda hoje olha com ternura essa vida errante dos nautas. O pae dissuadiu-o e impoz-lhe a medicina. Foi Coelho Netto para a escola, "mas diante do primeiro cadaver, no amphitheatro, o meu estomago protestou com tanta energia que resolvi abandonar o escalpello e o esqueleto e atirei-me á balança e á espada". Deixando a medica aprendizagem, como Bilac, ante os repugnantes escorchamentos da anatomia, matricula-se Coelho Netto em direito, como o acabava de dizer.

D'essa sua estada em S. Paulo, datam as suas primeiras tentativas litterarias, publicadas alli no *Diario Mercantil*, jornal fundado e dirigido pelo actual Visconde de S. Boaventura. Toma-o então a paixão da arte, para sempre, e, sobre as suas leituras de creança, elle principia a assimilar essa vastissima e erudita cultura, que, dispondo da mais fiel e ductil das memorias, tão esplendida e obedientemente o serve, permitindo-lhe citar de cór, sem vacillação, os mais diversos trechos, os mais oppostos autores, os mais raros nomes. *As Mil e Uma Noites* formaram a primeira iniciação, iniciação completada pelos deslumbrantes poemas velhos, pelas homericas epopeias pelas historias maravilhosas, por Flaubert, por Eça de Queiróz, pelos mythos mediterraneos, que tão fortemente haviam de transmitir ao seu espirito eleito esse accentuado amor do orientalismo, do pomposo, do exotico, do archaico, tão persistentemente dominadores na sua obra. Plutarcho e o *Dom Quixote* são, ainda hoje, seus favoritos e inseparáveis; e poucos conhecerão tão integralmente Shakespeare, outro seu preferido, como o poeta do *Pelo Amor!*

Chegado ao terceiro anno juridico, Coelho Netto, com a violenta decisào que sempre o caracterizou, atira ao ar as Pandectas e as Ordenações, e, sem a menor certeza, ou garantia, com mil sonhos na alma, atraca ao Rio de Janeiro. Elle

sentia que ali era o seu mundo, que estava alli o seu triumpho, a batalha a travar, a lucta decisiva.

E' a sua epocha mais atormentada e difficil, cheia de miseria e de esperança, em que a fortuna adversa e teimosa teria destruido, baldado todo o seu valor, se Coelho Netto se não armasse d'essa sua invencivel vontade, que nunca lhe permitirá uma derrota. E' a phase agitada e pittoresca d'*A Conquista*, que elle deixou estereotypada, com franqueza, espirito e exatidão, no livro que lhe consagrou. E' a quadra da boemia, da fecunda e alegre boemia, que no riso afoga as dores para que não impeçam a avancada, que ás arremettidas brutaes da sorte oppõe os golpes bravos do talento.

Coelho Netto foi um bohemio em toda a linha, mas bohemio d'essa bohemia valorosa e agri-doce, que conhece a fome, a falta d'abrigo, as privações, o soffrimento. Pertenceu a esse grupo luzido e celebre que formaram Olavo Bilac, Aluizio Azevedo, Pardo Mallet, Luiz Murat, Paula Ney, Raul Pompea, o delicadissimo estylista d'esse livro unico que é *O Athenaeu*, ainda outros, e esse incorrigivel Gaimarães Passos, o ultimo dos bohemios, que um dia, desesperado por uma parte da noiva distante, que ia esposar outro, lacrimoso, funebre, entrava num café e pedia uma garrafa de "Guinness".

—Vacs tomar cerveja preta? perguntou-lhe Coelho Netto.

—Vou: estou de luto, so como feijão preto e não bebo bebidas brancas.

Pobre, roto, esfomeado, em companhia de Aluizio Azevedo, Coelho Netto sonha no entanto, com phantazias colossaes, imaginossimos aleijões, um "deslumbrante" poema em prosa, *Guanabara*, "mytho da criação do mundo americano", em que o arco-ires, por exemplo, passava a ser "o cordão umbilical da natureza" e o sol "um aneurisma de chammas" —o que o romancista experimentado d'*O Mulato* achava, com certa razão, um excitado fructo do delirio da fome, aconselhando-o paternalmente: "antes de tomar o buril procura um taller, em vez de pó de diamante, atira-te á farinha secca".

Depois Coelho Netto entra para a *Gazeta da Tarde* de José do Patrocínio, essa fera amoravel da tribuna, que deixa para passageiramente arcar com toda a feitura do *Diario Illustrado*, e tornar, com José do Patrocínio, á *Cidade do Rio*, depois de collaborar na ephemera *Vida Moderna* de Luiz de Murat.

Coelho Netto, que já em S. Paulo se declarara abolicionista convicto, e planeava as mais arriscadas evasões de escravos, toma no Rio parte activa no humanitario movimento da redempção dos negros, que foi a gloria suprema e purissima de José do Patrocínio, heroico impulsor d'essa avalanche de piedade que, rolando ameaçadoramente até ao throno da Princeza regente, se convertia subito nesse luminoso decreto de 13 de Novembro de 1888— dia memoravel e atoador que, no ultimo capitulo d'*A Conquista*, Coelho Netto enternecidamente archivou com animado vigor.

Se, como bohemio, a biographia de Coelho Netto tem capitulos interessantissimos, as suas aventuras de *frondeur* arrebatado e temido, em que a sua eloquencia resoou vibrante e o seu murro se descarregou certo, não lhe ficam inferiores.

Em 1890, Coelho Netto, a quem o triumpho tão lealmente conquistado entrou de sorrir, cuja collaboração os jornaes começavam a disputar, abre, com o seu casamento, uma nova epocha em sua vida, a do artista, a mais bella.

Data de 1891 o seu primeiro livro—*Rhapsodias*. E é d'um presagio significativo, o facto d'esse artista, que viria cantar, ebrio de perfeição, os mais harmoniosos periodos, levar a sua prosa a virgens cumiadas do estylo, estreiar, pessoalissimamente, o seu estylo, como um velario novo ao sol grande da arte, ter começado a sua obra, gravando nas primeiras paginas do seu livro, como solenne compromisso de toda a sua carreira ascendente e florida, escrava da fórma, um hymno a ella, á musa, á deusa, á Fôrma.

“Por ella o meu sangue, toda a minha alma para resguarda-la—é o meu amor, é o meu ideal—a Fôrma.

“Para mim ella é a synthese, a concretização de tudo que é bello, tudo que é puro, de tudo que é grande.

“Teve o seu berço no Paraizo—foi feita de luz como todos os astros e creada tornou-se o modelo de todas as obras primas que tem sabido do altissimo *atelier* onde Deus trabalha ha millenios.

Assim perorava elle nessa rhapsodia inicial, fechando o arrebatado trecho com a mesma alevantada profissão defé:

“Por ella o meu sangue, toda a minha alma para resguarda-la—é o meu amor, é o meu idolo, é o meu ideal—a Fôrma”.

Hoje, á distancia de dezoito annos de infindo labor e insana porfia,—e sabem artistas como o tempo altera— Coelho Netto não desmentiu, no minimo desvio, o seu credo. Na sua obra posterior, como na sua obra actual, ha sempre esse maximo escrupulo plastico que elle annunciava, a que elle se compromettia na vidente tirada, prophesia gloriosamente cumprida. Essa vibrante legenda da portada, póde, sem se lhe alterar uma virgula, ser o distico grandioso da cupula, em sua obra, maravilhosa e esplendente como uma basilica oriental. De pouquissimos escriptores, se poderá dizer outro tanto, que se tenham assim tão certamente e completamente adivinhado, já que a eterna reacção da vida e da obra dá frequentemente, quasi invariavelmente, variantes formidaveis de roteio.

Decerto que a ellas se não furtou Coelho Netto, pois que a sua malleabilidade e a sua ancía não o deixaram indolentemente no principio do caminho, ou esteiramente a refazer sem mudança as mesmas pisadas. Elle, com a sua desbordante phantasia e o seu vigorosissimo talento insatisfeito e sonhador, tem abordado varios generos e conhecido varias manei-

ras, mas num campo ou nos outros, no romance d'imaginação, na novella sertaneja, no conto breve, na chronica rapida ou nas ficções realistas, o escriptor não descura, não esquece, conserva-se fiel a esse juramento do seu primeiro livro, mantendo fervoroso e ardente, como na hora primeira em que se lhe revelou, esse amor ardorosissimo da fórma.

A obra de Coelho Netto é demasiadamente vasta e notavelmente diversa, para que eu me atreva a pretender conta-la neste já longo capitulo. A' dignidade e valia de tão summo e fecundo auctor, mal quadraria o salteado descosido d'um livro d'impressões viageiras. Empenhei-me eu vos dar a figura do artista, a intimidade, as maneiras do homem. Ligeiramente vos indicarei agora, folheando-os apenas, os titulos numerosos dos seus numerosos volumes, que esses, todos, melhor do que eu, podem fallar-vos do seu valor.

Tenho aqui sobre a meza, precioso autographo, num rol pormenorizado, que enche tres largas folhas, com essa sua letra equalissima e clara, denunciadora da serena regularidade do seu disciplinadissimo trabalho, a extensa lista dos volumes de Coelho Netto. Devo-a á inapreciavel generosidade do artista eximio, que, com desprerenciosa modestia, a denominava, a essa assombrosa destrinça d'uma das mais vastas e pujantes actividades da litteratura moderna—*manifesto de carga*, Com a desataviada simplicidade d'um artifice que, ao embarcar num porto a sua obra, assim a timbrasse, fica sobejamente caracterizada a honesta tempera da mão que a laborou, e, com a sua irrefutavel voz volumosa e rica, encerra-se então a obra preclara de alçar erguidamente, jubilosamente, o grande, paterno nome.

Eis a magnifica folha d'arte:

RHAPSODIAS, contos—1891. A CAPITAL FEDERAL (*Impressões de um Sertanejo*), narrativa humoristica—1893. BALLADILHAS, contos—1894. BILHETES POSTAES, chronicas ligeiras—1894. FRUCTO PROHIBIDO, contos—1895. O REI FANTASMA, romance—1895. MIRAGEM, romance—1895. SERTÃO, novellas—1897. AMERICA, narrativa escolar—1897. INVERNO EM FLÓR, romance—1897. PELO AMOR! poema dramatico em 2 actos—1897. ALBUM DE CALIBAN, contos facetos (seis fasciculos)—1897. O PARAIZO (*Excelsa Fantasia*), romance—1898. O MORTO *AMemorias de um fusilado*, romance—1898. A DESCOBERTA DA INDIA, narrativa historica—1898. ROMANCEIRO, contos e fantasias—1898. LANTERNA MAGICA, fantasias—1898. SEARA DE RUTH, contos e divagações—1898. A TERRA FLUMINENSE, leitura infantil, de collaboração com Olavo Bilac—1898. HOSTIA. ARTEMIS, libretos de operas—1898. O RAJAH DE PENDJAB, romance—1899. A CONQUISTA *Episodios da Vida Literaria*—1899. POR MONTES E VALLES (*Ouro Preto e Vassou-*

ras), excursões—1899. SADUNES, acção legendaria em tres episodios, em verso—1900. TORMENTA, romance—1901. THEATRO, 1° vol. (no prelo)—1901. MEMORIA SOBRE A ARTE BRASILEIRA, no *Livro do Centenario*—1901. PATRIA BRASILEIRA, narrativas para os jovens brasileiros, com Olavo Bilac—1901. PAINEIS, contos e fantasias—1902. MO-SAICO, fantasias e critica—1902. FAGULHAS, commentarios humoristicos—1902. MARAVILHAS, fantasia e critica—1902. VIDA NOMADA, excursões—1902. Estes seis volumes acham-se em mãos do falido editor Domingos de Magalhães. VIAGEM D'UMA FAMILIA AO NORTE DO BRASIL, descripção para uso escolar—1903. FIM DE SECULO, com o editor Mofreita, em S. Paulo—1903. THEATRO, 2° vol.—1903. A BICO DE PENNA, chronicas—1904. APOLOGOS, contos para creanças—1904. O MYSTERIO DO NATAL—1904. PASTORAL, —1904. CONTOS PATRIOS, para os alumnos das Escolas primarias, com Olavo Bilac—1904. AGUA DE JUVENTA, contos—1905. CURSO DE LITTERATURA BRASILEIRA—1905. O TURBILHÃO, romance—1905. TRÉVA, novellas sertanejas—1905. THEATRO INFANTIL, com Olavo Bilac—1905. INNOCENCIO INNOCENTE, novella humoristica—1905. THEATRO, 3° vol.—1905. MELUSINA, novella fantastica—1905. CAVACOS, contos—1905. CURSO DE LITTERATURA GERAL—1905. ESFUMINHOS, contos—1905. A AGUA, O FOGO, conferencias—1906. FABULARIO—1907. JARDIM DAS OLIVEIRAS, scenas dialogaes—1907. QUEBRANTO, comedia em tres actos. NUVEM, sainete—1908. Formam o Vol. 4° do THEATRO. ESPHINGE, romance—1908. FÉ, novellas sertanejas—ano preloq. OS BARBAROS, romance.—A AVENIDA, *chronicas da actualidade*, estes dois ultimos em preparação.

Leram? Parece uma bibliotheca, uma bibliotheca pacientemente juntada com escolha. E' a obra d'um só, pedestal enorme e radioso d'um nome, que nunca a lingua portugueza, que elle estremece e abandona, abandonará.

No entanto, por muito longa e opulenta que seja essa notabilissima nota bibliographica, ella ainda não compendia inteiramente todo o trabalho litterario do fecundo, assombroso, mestre. Coelho Netto tem colaborado assiduamente na maioria dos jornaes do Brasil, commentando o facto, o homem, a obra do dia, discutindo as questões mais palpitantes, derramando a flux, prodigalizando sem reserva, o seu estylo esplendido e a sua phantasia millonaria. Os seus artigos do *Commercio de S. Paulo*, d'*O Pais*, d'*A Noticia*, a sua brilhante collaboração nas maiores revistas, como na extincta *Renascença* de Rodrigo Octavio e Henrique Bernardelli, na *Kosmos*, em outras paginas, forneceria com abundancia optimo material para varios volumes. A isso teria de acrescentar-se a serie numerosa dos seus discursos, allocuções e a propo-

sitos, e os trechos alados e substanciosos das suas muitas conferencias, no Rio e em todo o Brasil, que elle tem percorrido entre louvores, em viagens litterarias, como o mais galhardo e victorioso dos emissarios da palavra.

Coelho Netto, num paiz essencialmente commerciante e burocratico como o Brazil, teve, e foi o primeiro, o inaudito arrojo de arrear em profissão, em unica profissão, a carreira das letras. A sua penna, a sua fulgida penna poderosa, foi a primeira que ousou, em terras brasileiras, proclamar os seus direitos sagrados ao trabalho remunerador, renegar da arte passatempo, da arte recreação, da arte para amadores, e fazer, sem transigencias, d'essa arte o seu ganha-pão. Coelho Netto, que apenas tem consentido ás vezes em professorar, conseguiu, na sua terra, viver das letras. E' certo que conheceu as mais atormentantes angustias, que lidou com a fome, e tratou com a indigencia; mas hoje, pobre como começou, vive desafogadamente da sua arte, e, se não tem o luxuoso passadio que ás celebridades se outorga em outras patrias, não calça, apezar d'isso, senão meias de seda.

Esse seu bem estar presente representa, como a mais ufana das victorias, a mais constante, a mais suada, a mais heroica lucha d'um espirito, talhado sem repouso, a toda a hora, á força de talento, o seu merecido logar. D'essa enumeração das suas obras, que acabaes de ler, teréis deduzido a multiplicidade de aptidões que ao artista, se tem exluido, a diversidade de trabalho a que lhe tem sido forçoso recorrer. Já pela volubilidade do seu claro espirito, Coelho Netto; mesmo que a vida lhe consentisse, nunca seria o escriptor d'um só genero; todos os generos, o conto e o romance, o theatro e a chronica, a historia e a critica, o verso e a prosa, o idyllio e a tragedia o tem tentado e attrahido. Sobre essa natural, variavel tendencia, as exigencias duras da ardua carreira sem subsidios, vieram ainda obriga-lo a uma dispersão maior, a uma mais espalhada multiformidade.

Essa quotidiana e colossal exploração do minerio abundantissimo do seu espirito, tem-no ás vezes, prejudicado, obrigando-o a violencias e precipitações, que imprimem uma notoria desigualdade á sua obra, em que ha, d'onde a onde, paginas que reclamariam mais serena e trabalhada factura. O publico, exigente e banal, obrigou tambem, em poucos casos o escriptor ao seu gosto passageiro, á corrente do momento, a contemporisações, de que, felizmente, sempre o seu talento, seguro de si, se refez de prompto.

Vista em conjuncto, comtudo, é bella esda sua obra, variada, desigual, defeituosa molle da sua obra, variada, desigual, defeituosa talvez, aqui ou além, mas nunca banal, nunca desprezivel, nunca aleijada. Como Camillo, de quem a fecundidade o approxima, Coelho Netto tem sido obrigado, pelas invenciveis contingencias do seu mister de todos os dias, a produzir forçadamente obras apressadas, que o escriptor não quereria fazer. E' o doloroso

suplicio da exgotante profissão: esse das paginas obrigatorias.

Coelho Netto tem conhecido esses curtos periodos de desanimo, vulgares para a delicadeza rara d'um artista tão perfeitamente lucido e tão requintado, ante a urgencia atropellada, do serviço. Numa caria de ha tempos, escrevia-me elle: "Trabalha-se e como não se póde fazer obra de artista, porque a vida é exigente, vae-se fazendo a taréfa de um jornalista activo. Eu, infelizmente, posso dizer com o poeta que, dos meus sonhos e das minhas visões: *Le meilleur demeure en moi même*".

Sahida decerto num transitorio instante de descrença, a desgostosa queixa do artista não corresponde, ditosamente, á admirada realidade da sua obra fascinante. Nella está, nella ha de morar, para ella vóa sempre, o melhor do seu auctor, d'esse auctor sincero e entusiasta, que, d'essa prodigiosa actividade a que as letras o sujeitam, tem sabido tirar as melhores lições para o seu estylo. Realmente, eu não conheço ninguem que realise mais rapidamente, cuja inspiração tão immediata se communique á penna. Coelho Netto escreve, com essa sua letra a-primoarda e certa *de calligrapho*, com uma rapidez que a maioria dos seus romances tem sido escripta, dia a dia, sem copias nem emendas, para varios jornaes, como o *Rajah de Pendjab*, magnificamente esmaltado d'aventuras, para a *Gazeta de Noticias*, como *A Capital Federal*, *O Rei Phantasma*, o *Turbilhão*, como ainda ultimamente *A Esphinge*, publicados no *Paiz*. Coelho Netto conquistou assim uma notavel certeza em seus processos; raras vezes emenda; os seus manuscritos são limpos, nitidos, sem rasuras. Ha obras suas, que estão perfeitamente como sahiram no primeiro rasgo; nem sequer contam ás vezes com a revisão, porque são impressas longe do auctor, como acontece com a reedição que de toda a sua obra com a reedição que de toda a sua obra vêm fazendo, com intelligente iniciativa e relevante merito, os editores Leve e Irmano.

De toda essa obra, que vae do orientalismo bizarro das *Rhapsodias*, das *Baladilhas*, da *Scara de Ruth*, em que ha o celebre conto *Magdala*, queimado pela igreja, por nelle figurar, nua e apaixonada, a Magdalena, attraíndo Christo com sua carne capitosa, ao humorismo sabroso d'*A Conquista* e d'*A Capital Federal*, publicados, como outros, com o pseudonymo de *Anselmo Rivas*, das theses scientificas do *Inverno em Flór* e da *Esphynge*, ao realismo triste do *Jardim das Oliveiras*, da phantasia exuberante do *Paraíso*, á leveza brilhante das chronicas e dos perfis, da grandezza lyrica da *Pastoral* e do *Pelo Amor!*, ás scenas impressionantes do *Quebranto*, da *Tormenta* ao *Turbilhão*, titulos que definem—d'essa obra insigne, eu prefiro, com a mais solidada das convicções, esses dois estupendos e imorredouros volumes sertanejos, que são *Sertão* e *Tréva*.

Ahi Coelho Netto enfeixa inegualavelmente todos os seus recursos, a sua phan-

tasia e a sua observação, o seu pantheismo e a sua religiosidade, o seu forte poder de concepção e a sua magica força evocadora. São os livros feitos pelos varios escriptores, que se revezam no auctor. São obras—primas.

Sertão—quem o não conhece?—é d'um deslumbramento paizagistico extraordinario. Imbuído e pleno de um sentimento são e vigoroso da vida da selva, da natureza da floresta e da campina brasicas, assimilando com perfeita e vidente exactidão a alma barbara e selvagem do negro, inculto, supersticioso, devasso, Coelho Netto, amator potente d'esses scenarios formidaveis de selva, uberrimos, pujantissimos, ultra-creadores, consegue, a-travez das paginas d'esse preciosissimo livro, numa realidade que só a suma arte póde dar, fazer viver, fazer sentir e latejar, esses quadros coloridos, sensualissimos, quentes, do torrão esbrazeado do sol que os illumina.

Poderão esses contos ferirem á primeira vista uma sensibilidade inhabituada por um sabor velho de entreecho rebuscado, de notas acumuladas, que, para alguem ignorante da vida outra que lá se faz, parecerão de uma óca falsidade ou de um macabro dado com esforço, mas são trechos impetuosos, vibrantes, plethoricos, flagrantés d'uma observação rigorosa. Os seres que nelles surgem, para europeos incompreensiveis e estranhos, mulatos bebedos e feiticeiros, homens rudes e maus, filhos purissimos d'essa primitiva natureza, calida, brutal, d'uma bizzaria extrema, d'um diferente e incalculavel encanto, são os habitantes naturaes, logicos, d'esse sertão, quasi virgem, indesbravado, vegetando numa miseria mental de antepassados remotos, rudimentares, quasi apenas instinctivos.

Surprehendem esses enredos, como surprehendem essas velhas negras, que fumam melancolicamente o seu cachimbo, como chocam os habitos estrangeiros esses "tejupás" da roça, essas "gias" molles que gosam o sol junto dos pantanos, esses "urubús" da morte, como maravilham retinas não afeitadas essas "paineiras" altas ou os "aracarys" que tarallham chocarreiros.

E' preciso que o leitor se amolde a pensar que está deante d'uma paizagem inédita, feita para inditos seres, e, só então, avaliará o valor d'esse artista original, inédito tambem, em cuja penna ha arte para erguer a seus olhos, com tal poder, a mais poderosa, variada e ignorada das naturezas.

No *Sertão* ha, entre os sete primores que o constituem, dois retalhos de prosa acabada, fogosa, reluzente e magnifica. São a *Praga* e a *Tapera*. Nestes dois contos, sobre todos os outros, a paizagem é dada com uma perfeição tal que toca a maravilha, e tão intensa é a sua força que é ella que cria a acção. A *Tapera*, por exemplo, é unica e exclusivamente uma paizagem vivida; os proprios seres são postos de maneira a completa-la em todo o seu conjuncto. Na *Praga*, impera tambem despoticamente a paizagem, principalmente na vertiginosa, offegante e tersi-

sima prosa que nos estonteia, fugindo, nessa vertiginosa hallucinação de Raymundo, campos em fóra, como uma visão de Pôe, que se passasse na ardente plenitude d terra brasileira.

Se o *Sertão* é essencialmente um livro de assombrosas paizagens, em que os proprios homens são como arvores, *Treva*, outra estupenda serie de novellas sertanejas, que poderia formar o seu segundo volume, é eminentemente o livro das almas bravias do matto, e as mesmas arvores avultam alli como seres. *Sertão e Tré-va*, gemeos portentos, completam-se e explicam-se. Ficou nelles, definitiva, perduravelmente fixada, pela primeira vez, a colossal psycologia da selva, e inalteravelmente retratada a sua gente agoureira e mesquinha, barbaras, primevas creaturas, até agora distantes da arte. *O Treva* compõe-se de cinco novellas, publicadas anteriormente em jornaes e revistas: *Bom Jesus da Matta*, *Os Pom-bos*, *Segundas Nupcias*, *Assombramento e Fertilidade*, *Assombramento e Fertilidade* são dos melhores trechos do visionario perturbante do *Paradoxo Contemporaneo*. A primeira é, em todo o seu horror supersticioso, com miraculosa evocação, um tragico episodio da vida na roça. *Fertilidade*, uma tela genial e possante, em que ha um *taurobolium* dado com o mais intenso dos coloridos, com a mais colossal e epica visão, é verdadeiramente digna de, recorrendo á velha imagem, se dizer gravada em paginas de oiro.

Dentro d'essa sua excelsa arte de crear o sertão e a sua gente, prepara Coelho Netto mais um volume de novellas intensamente brasileiras, que terá este curto e enorme titulo—*Fé*. A seguir, num dia glorioso, dar-nos-ha elle um romance que ha muito tempo esboça e medita, *Os Barbaros*, feito sobre os dramas da immigração dos nordicos em S. Paulo, e que, se trazer, como certamente trará, toda a côr esplendorosa, toda a vida fascinante, todo o fascinante esplendor verbal, com que Coelho Netto, numa inegalavel noite, ergueu ante meus olhos attonitos as suas scenas maravilhosas, será, na obra extraordinaria d'esse tão extraordinario escriptor, a mais extraordinaria obra-prima.

—Era numa noite de Natal ardente e clara. No lar transitorio da fazenda, os polacos loiros, com saudades do fogo, evocavam amorosamente a neve, a sua neve do Natal, distante. Subito, do grupo entristecido, que a força da crença parecia enregelar uma figura de mulher se destaca extasiada, aos companheiros o milagre da vista, branquejava o cafézal em flôr, e aquella alma surprehendida gritava alto, extasiada, aos companheiros o milagre da neve, da neve da sua saudade, que cahira, neve do sul olorosa. Era Natal...

Não vale divulgar nem macular a deslumbrante, promettida obra. Deixemos no silencio fecundo o artista querido.

Manuel de Souza Pinto

Amor e calo

Monologo

Ao Anibal d'Aguiar

Eu ando bem desgostôzo
Com esta minha cabeça,
E si contar o inditôzo,
Meu fado tão cabulôzo;
Talvez compaixão mereça.

Eu éra um bom estudante
Muito simplorio e pacato,
Não tinha do amôr vibrante
Conhecido o mal andante
E me orgulho deste fato!

Meti-me, então, de amizade
Com certo meu companheiro,
O qual, com toda verdade,
Pintado na realidade,
E' mestre de amôr inteiro.

Deu êle tais vira-voltas
Aqui na simples caixóla,
Que vive meu peito ás soltas
Batendo com tantas voltas
Como quem já não tem móla.

Louco de amôr eu me embrenho
Nas matas de uma paixão!...
—A linha já não mantenho,
Pois a pequena que tenho
Dominou meu coração!...

Amo-a, e amado, de certo,
Por éla sou eu tambem...
E quando déla estou aberto
Meu peito, todinho aberto,
Só lhe chama de—"meu bem"!...

E'la sorri satisfeita
E endeixas de amôr murmura,
A luz que dos olhos deita
E' tão forte, e tão perfeita,
Que até parece ventura!...

Mas eu penso: não demóra
(Só de falar tenho medo!...)
De um fatal desmancho a hora,
Encrenças surjam, embora
O doce se torne azedo!...

O cazo é que a Felismina
Escolheu para morar,
Numa ladeira supina
No alto de uma colina,
Um quarto do quinto andar!...

Eu sou fraco, e, certamente,
Não rezisto tal canceira;
Embora de amôr ardente
Não poderei, francamente,
Transpôr tamanha ladeira!...

Si éla, porem, morasse,
Por exemplo, ali na Gloria,
Talvez inda demorasse
Tanto amôr, e então cantasse
Na Pretoria a vitoria!...

Mas, assim, não posso mais,
A fadiga me domina,
Tenho calos colossais,
Sinto dôres infernais
Só de ir vêr a Felismina!...

Rio

Hilpafor.

Mozaicos

ZULEIDE:—Não é com as mãos transbordantes de flôres e de polvilho de oiro, por vos esparzir toda e como mereceis, e nem com a phrase incendiada da eloquencia—a minha ingrata de sempre—que vos venho beijar a fimbria do vestido e depôr aos vossos pés o preito mais sincero e mais respeitoso do meu parabem...

Era assim que eu devêra fazer; prefiro, porem, vir tal qual sou, um triste mendigo da lenda, que nada tem e tudo pede, mas que ao chegar junto de vós estremece, sonha, fréme, palpita e vos diz, com a religiozidade de uma prece, vos diz baixinho, para que ninguem oiça: "Vive!—a estrada da tua vida resume em si toda a pujança da tua primavéra; Sôla!—a escada da chiméra não foi por ti ainda ascendida; estás no átrio; não te detinhas! Vem!..."

Isto vos diria eu sem os atavios de um fantazista e sem vos proferir uma só palavra e seria comprehendido de sobêjo...

A alma da Mulher que sempre foi, e será a eterna Esfinje incompreendida, raramente encontra um Nostradamus que lhe rende o incompreendido; em compensação, quando nasce já nos conhece inteiramente, porque a Natureza, a nossa Mãe indefenivel, a dotou de todos os secrétos prazeres da videncia...

Coração, alma e sentimento sempre fechados á nossa curiozidade de psicólogos ou de amozos, nunca se nos mostra em toda a sua real nudez: olha-se e não se comprehende; palpa-se e não se sente; e se nos fala, o inebriante da sua muzica nada nos deixa entender...

E' por comprehender isto e saber que não érro, que blasfêmo e me purifico na blasfêmia, e que vos digo estas ensôssas palavras ao mesmo tempo que vos beijo as niveas mãos e vos dezejo, hoje, que fazeis anos, a mêsse de felicidades de que sois merecedôra...

14-3-1918

Luiz

Dr. Antonio Leite

Punje-nos o coração de maranhenses o dolorôzo dever de rejistar o prematuro e sentido passamento do nosso illustre conterraneo Dr. Antonio Pires Ferreira Leite, filho do grande politico maranhense, Dr. Benedicto Pereira Leite, já falecido, a cujos dotes patrios de filho abnegado tanto deve a nossa terra.

O falecimento do Dr. Antonio Leite veio abrir no seio da sociedade e da politica maranhenses uma impreenchevel lacuna, atendendo ás peregrinas qualidades do extinto, de cavalheiro lhano e politico inicial na honróza e brilhante fileira do seu falecido pae.

No trijezimo dia do seu dolorozo passamento, a 26, os seus amigos mandaram celebrar solenes exequias na igreja da Cathedral, onde compareceu o nosso alto mundo social e politico, em cujo seio era o dr. Antonio Leite carinhosamente estimado.

A' digna familia do extinto as expressões do nosso profundo pesar.

Rejisto

Elegante

No mez de março findo comemoraram seu natalicio os seguintes consocios: em 4 a gentil *mle* Bibi Rodrigues, intelijente segundanista do Liceu; em 5 a simpatica srta. Branca Vinhaes, um dos mais cintilantes ornamentos do escol carioca; em 15 a exma. sra. d. Esthér Fortuna Pires, que com pericia e denodo desempenha o cargo de Tezoureira desta associacão, onde é geralmente querida pelas suas elevadas virtudes, e a 30 a prendada *mle* Otamires Santos, gentil e educado fatôr do mais elevado escol maranhense, onde conta reães e sincéros admiradôres das suas altas e perigrinas qualidades.

Ainda em março, não nos podemos esquivar ao dever de rejistar o natalicio dos seguintes amigos: em 2 o capm. Arthur Almeida, zelôzo e acatado administradôr dos correios, neste Etsado; em 12 o nosso bom amigo Raul Vianna, competente funcionario da mesma repartição postal; a 14 a formôza srta. Neuza Bangoin, delicado e querido ornamento social; a 17 a amavel *mle* Bembem Pereira, obediente filha do nosso bom amigo dr. Alvares Pereira, atualmente em viagem de recreio na Capital Federal; em 23 a travessa e garula Amalia, gentil filhinha do nosso diléto amigo dr. Benjamin Moura, estimado Inspecôr da Alfandega cearense, e a 29 a meiga e interessante Alzirinha, graciôza filha do cel. Alfrêdo Fortuna, nosso ilustre socio benemérito.

Durante o corrente mez de abril, temos na nossa galeria elegante, cercados da nossa admiracão e estima, os nomes dos seguintes aniversariantes: em 1º a preparada e distinta professôra Alice Costa, intelijente membro efetivo deste gremio literario; a 3 a delicada e elegante *demoiselle* Amelia Macieira, extremôza filha do nosso amigo cel. Macieira, acatado comerciante da nossa praça; a 7 o revmo. padre Francisco Xavier, talentôzo socio benemérito da S. L. B. R. B, atualmente em defêza da cauza da civilizaçã, operando na frente da Italia, donde é extremôzo e reconhecido filho; a 9 o capm. José Maria de Jesus, competente funcionario aduaneiro e a graciôza senhorinha Dorilea Castro, cativante e educado conjunto das mais belas qualidades de coração; a 13 as nossas gentis consocias sritas. Vicentina Goiabeira e Bebê Reis, formôzas e encantadôres brilhantes do nosso diadema social; a 14 o nosso bom amigo dr. Lourenço Hollanda, honra da nossa magistratura, cuja integridade mantem tão pura como o seu carater ilibado e escoreito; a 16 a nossa esforçada companheira nas letras, *mle* Doquinha Azevêdo, possuidôra de raras qualidades espirituas, aliadas á sua educaçã sem jaça e o simpatico joven Oswaldo Pereira, zelôzo funcionario dos Correios; a 18 a nossa digna consocia professôra Luiza Vianna, simpatico e formôzo conjunto de virtudes,

intelijencia e educaçã, e a gracil Herminia, querida irmã do nosso colega Henrique Caldeira; a 20 a exma. sra. d. I-gnez Perdigão, virtuôza consôrte do nosso amigo Domingos Perdigão, cuidadôzo diretôr da Biblioteca Publica e extrema da genitôra do nosso companheiro José Perdigão, um dos mais abnegados redatôres d'"O Ateniense"; a 24 a distinta professôra Alice Lebre e o dr. Oscar Galvão, digno diretôr do Lyceu Maranhense, e a 28 o nosso dedicado apreciadôr sr. Oscar Barrôzo, figura largamente estimada em Itapipôca—Ceará.

A todos esses consocios, leitores e amigos, "O Ateniense" estreita no mais sincero e franco amplexo de congratulaçôes.

Um artista

Existe entre nós, todo cercado da natural modestia que envolve os principiantes dos grandes homens do futuro, um joven artista cheio de esperança e que muito virá orgulhar o Maranhão do porvir.

É esse artista o simpatico moço Evandro Rocha, um dos mais privilegiados talentos que cultuam a arte e por éla sentem pendor que chega ás raias de paixão. Com todas as aptidões para um exímio dezenhista, esse nosso intelijente contrraneio, sem haver cursado outra escola que não fosse a do pintor Paula Barros, mostra que a sua imensa vocaçã pela arte de Vinci, nos belos quadros que traça com alma e firmeza, os quaes, pela sua vontade, só seriam vistos e admirados pelos seus amigos intimos e colegas do Lyceu. Tal a sua modestia. Evandro Rocha teve a nimia bondade de nos oferecer um quadro, majistralmente traçado com perfeiçã e nitidez, contendo o retrato do nosso patrono, Barão do Rio Branco, tela que depois de convenientemente emoldurada a capricho figurará no nosso salão nobre de sessões solenes. Poderá êntão af ser admirado por todos quanto sentem saudades de Rio Branco, porque allí, no lapis de Evandro, o Barão está quazi a nos falar, vivo, austero e perfeito.

Evandro Rocha de familia pobre de recursos pecuniarios, bem merece que o Estado lhe conceda uma pensã para aperfeiçoar os seus estudos nos meios adiantados, porque mais tarde, certamente, o Maranhão verá o seu auxilio monetario recompensado com a gloria de te-lo como filho.

Orestes Mourão

Lá pelos recantos mais reconditos do nosso sertão, onde ainda não chegou a descoberta de Gutenberg, tambem se levantam espirites dignos de verdadeira admiracão.

Uma vez por outra recebemos, com agrado, e lemos com sofriguidão, em papel almaço, manuscrito em 4 paginas de 3 columnas o "Telescopio", de Grajahú, pu-

blicacão devida a I. Gomes Ferreira e Orestes Mourão.

Tanto mais apreciável é a obra dos dois conterraneos sertanêjos quando a vemos brotada do esforço verdadeiramente gigantêsko, em luta contra a falta dos caracteres em chumbo que ainda não invadiram aquélas plagas quiétas sopradas pela viraçã das matas virjens e embalsamada pelo perfume das flôres camprestres e pelo canto maviôzo do passarêdo, para dar curso desenvolvido ás aspiraçôes ali alevantadas.

Não se deixam, porem, vencêr os môços e proseguem na sua luta, contrastando com espiritos pequeninos dos meios civilizados, que desprezam os elementos que veem ao encontro de aspiraçôes que deviam ter curso vertiginôzo, espalhando benéfico proveito.

Nós que aqui lutamos, protegidos de melhor sôrte, cercados de companheiros indiferentes, a quem censuramos, rendemos ao brilhante confrade o nosso mais eloquente voto de congratulaçã, mesmo pondo de parte o seu programa, que vae alem da cultura literaria, se embrenhando, num arremêso de colera inata pelos meandros da politica.

Oréstes Mourão, deixando as plagas sertanêjas, honrou-nos ha pouco tempo com a sua vizita, em nome d'"O Telescopio" e a sua figura insinuante muito nos cativou, colocando-o alem da admiracão já nutrida pela sua obra admiravel.

Permita-nos, pois, o ilustre confrade, que façamos ponto a estas plidas linhas transcrevendo os seus promissôres versos *Indecizos*

*"Senti meu peito palpitar agora!
Reccio, porem, amar. Mas como sôis
livina, e pura, e candida, senhora,
Quero adorar-vos! Accitae-me, pois.*

*E' grande, imenso o amôr que me devôra!
Mas vos reccio falar, porque depois
Posso ficar deziludido, embôra
Mostréis que amôr existe entre nós dois.*

*Recebo transmissão-as rossas a-esmo!...
Compreendo tudo... olhres... Mas me
esquivo
De fallar o que estou por vós sofrendo.*

*Adoro-vos, porisso, oculto mesmos
—Quero viver, morrendo como vivo...
Não quero a morte como estou vivendo.*

Dr. Pereira Rêgo

Deve seguir pelo paquete "Bahia" com destino ao Rio de Janeiro, onde é figura de proeminente destaque social, o nosso ilustre conterraneo Dr. Antonio de Castro Pereira Rego, deputado ao Congresso Legislativo do Estado e um dos candidatos mais votados nas eleiçôes de 1º de março para exercer o mandato de Deputado Federal.

Os seus amigos d'"O Ateniense", onde conta o operozo e abnegado coestadano inumeros e leaes admiradores, abnejam-lhe bonançoza viagem.

J. M. Reis Perdigão

José Perdigão é, incontestavelmente, dentre os fortes da pleiade que aqui se bate em prol da defesa dos nossos ideais e do rejuvenescimento mental do Maranhão, uma das figuras mais salientes e de esperanças as mais promissoras e amplas.

Temos senegado ao paredro brilhante encomios, porque não os barateamos como o fazem franchinotes que andam por aí a fóra.

Tributando-lhe hoje as homenagens ha tanto devidas, cumprimos tão somente impulsos de um sentimento genuinamente sincero e justo. Não o fizemos ha mais tempo porque não poderíamos imprimir senão um cunho mixto de justiça e benevolencia.

Foi, pois, propositadamente que guardamos para momento realmente oportuno as referencias a que o Perdigão, sem delas fazer caso e se preocupar, tanto tem feito juz nos ultimos tempos da nossa vida literaria. E' que o modo filozofico e despreocupado com que encara a existencia material da nossa tenda, de envolta com as suas preocupações de bom estudante, não lhe permitiam prestar-nos inteiro concurso.

Hoje, porem, mais folgado, tendo a nortear-lhe outra orientação mais segura, graças ao muito interesse com que sempre encarou o seu preparo mental, sem despreza-lo—porque continúa, com a mesma sede de saber, a embrenhar-se nas paginas preciosas dos compendios de seu curso—já pode dispender do seu precioso tempo alguns momentos para, com o fulgôr da sua pena cintilante de prozadôr sadio, forte, independente e ativo e de poeta sinjelo, maviôzo e positivista, nos ajudar a levar de vencida, por estrada limpida, a cauza a que nos propuzemos: render preito á memoria dos grandes da nossa historia e conservar bem alto a fama que possuímos de *Atenas Brasileira!*

Bem poucos dos que aqui moirejam e bem poucos dos nossos jovens conterraneos, sem daqui sairem, deste campo o-

primido e impregnado de burguezia a que estamos reduzidos, chegaram a possuir, aos 18 anos, como José Perdigão, convicções tão assentadas e preparo tão realmente elevados.

Aproveitando, pois, a data festiva de 19 de abril, quando o nosso fulgurante confrade completou apenas 18 anos, esta idade de sonhos de grandêza e de triunfos, entendemos oportuno o momento para registrar nesta pajina, com a sinjelêza das nossas palavras, que outro valôr não tem senão o de serem sinceras, o quanto nos sentimos envaidecidos e orgulhózos.

Não nos faltassem meios para melhor nos expressarmos e não temessemos sensibilizar a modestia do nosso joven companheiro, proseguiríamos, o quanto nos permitisse a estritêza desta coluna, em considerações demonstrativas da justiça do conceito que emitimos á personalidade do chisparreante autôr de *Por favor...*

Li, dona, os seus versinhos e sustento .
Alegrei-me, gritei, quazi enjouqueço
Lendo elojios, que sei, não os mereço
Eu quazi por um triz, dona, arrebento.

Tenho mêdo de si, do seu talento:
Da sua grande audacia não me esqueço
Eu, dona, tenho medo, e lhe confesso
Que a senhora me peça em casmento.

No seu soneto me acha bonitinho,
Elegante, cortez, um tipo estoque
Amavel, delicado, engraçadinho...

Não me chame essas coizas, não me toque,
Olhe eu sou menino inocentinho,
O' dona, por favor, não me provoque!

versos cheios de graça e humorismo, de veras admiraveis, com que nos mimozeou em 1915, quando era ainda, pode-se dizer, um poeta infantil.

Outros versos, como *Berlinda*, cheios de graça e sinjelêza, *Maldito*, cheios de revolta e verdades dúras e sonhos de artista que se quer libertar das aljemas entibiadoras da mentira e da hipocrizia que assoalham a sociedade, poderíamos citar. Não o fazemos, porem; limitamo-nos a mostrar como o artista dulcissimo

de *Berlinda* se transforma em artista arrebatadôr com estes versos de fogo:
Na liça

I

Conjure contra mim o mundo traiçoeiro
o velho mundo audaz, de vermes asquerózos,
embóra... eu seguirei com desprezo altaneiro
ativo desprezando aos pèrros invejózos.

Que me importa lutar sozinho contra inteiro
exercito de vis sicarios sanguinozozos,
se tenho dentro d'alma um vulto sobranceiro
ao prelío a me incitar como «peans» gloriózos!

Rija panóplia de aço o corpo me abroquêla,
com furia de ciclôpe arrojô-me á pelêja
ao clangôr marcial de rude charamêla...

Na luta se eu cair como o mundo dezêja
feliz da humidade e se ao contrario ai déla!
pois meu ódio é cruel e como o ráio flameja!...

II

Levanto a vista e vêjo a campina virente
de cavaleiros cheia, as lanças acerçadas
luzem. chrispam ao sól, doirado, comburente,
inundando de luz vilas, sélvas estrada...

Montado num corcél eletrizado, ardente,
invisto com o furôr das éras recuadas,
lança em riste, velóz, tendo um nome na mente
nome real do amôr que celebro em baládas!

O escudo geme ao embate impetuôzo, forte,
Tombam já sobre o chão os montantes partidos
e sobre tudo estende a aza letal, a Morte...

No entanto eu vivo ainda e vêjo além ruidos
os carcereiros que atróz me reservava a coorte
de arpias, de chacáes, de scrcps e bandidos!

E quem é enciclopedico na muza e na próza, no teatro pequeno *Teatro electrico* e outras peças ineditas) e na oratoria (discurso a Coelho Netto, que mereceu palavras de verdadeiro carinho do mestre excelso, e tantos outros), como José Perdigão, de mais não precisa, senão das boas disposições que possui, para atingir o gráu maximo da perfeição e da glória.

Ao brilhante confrade que ha publicado na nossa imprensa diaria e em quazi todos os jornaes e revistas literarias de grupos estudiozos e que não custará decerto a se notabilizar com trabalhos de maior vulto e realce, todo o nosso apoio, todo o nosso concurso e toda a nossa admiração.

Sociedade Literaria

“Barão do Rio Branco”

Movimento de janeiro a março de 1918

SESSÕES ORDINARIAS—Reuniram-se em sessão ordinaria os membros desta associação, nos dias 17 de janeiro e 22 de março, sendo a primeira para tratar de assuntos literarios e a segunda para prestação de contas dos mezes de janeiro e fevereiro.

SESSÕES SOLENES—Em primeiro de janeiro teve lugar a sessão solene de posse da nova diretoria que ficou assim

constituída: Presidente—professôr Domingos Machado, vice—presidente—Joaquim Luz, 1º secretario—João Vitor Ribeiro, 2º secretario—Jozé Z. da Silva Vieira, tezoureira—Ester Fortuna Pires, bibliotecário—Jozé de Padua Fortuna, comissão de revizão—Djalma Fortuna, Jozé Perdigão e Djalma Vasconcellos.

—Em 3 de março efetuou-se na sede do Centro Caixaerial a sessão solene de recepção do brilhante escritôr Maranhense—Coelho Netto, á qual compareceu grande numero de socios, familias e representantes de todas as classes. Falou em nome da associação, Jozé Perdigão que em resposta teve uma rica peça literaria, profe-

rida pelo nosso talentôzo socio honorario Coelho Netto.

ADMISSÕES—Foram admitidos para socios colaboradôres: Telemaco de Matos Ataíde e Raimundo Gomes de Farias e readmitido o sr. Edmundo Calheiros e para representante o sr. Constantino Néri Camêlo, do Codó.

ELIMINAÇÕES—Foram eliminados sr. Zildo Fabio Maciel e Francisco de Souza e Silva, por falta de pagamento.

“O ATENIENSE,—Circulou em 78º e 79º edição em 1º de janeiro, dedicado a João Lisboa e a 10 de fevereiro, ao saudôzo chanceler nosso patrono “Barão do Rio Branco”.

O 21 de abril

Decorreu a 21 deste mez a data commemorativa da execução do patriarca da independência brasileira, José Joaquim da Silva Xavier, o *Tiradentes*.

Quando o seu corpo ocilou nas rudes trevas do cadafalso já ficavam para o povo brasileiro as sementes da emancipação nacional e d'aí em diante esse germen de patriotismo começou a se propagar em todos os animos.

Já era tempo do Brazil se dezapegar da tutela luzitana e se libertar mesmo de certas dissensões que a sua condição de protetorado o impedia de debelar.

Foi então que o evento que demarcou o início do rejimen imperial do Brazil, veio trazer a todos os seus filhos o orgulho de serem livres e independentes a partir de 7 de setembro de 822.

Não devemos, portanto, deixár de exprimir á memoria do inimitavel heróe da inconfidencia mineira, os nossos sentimentos de gratidão, pois, do martirio que êle sofreu foi que surtiu a imagem altaneira e luminóza do nosso padrão nacional.

Belfort Vieira

Não fossemos nós, habitantes deste secular planêta, sujeitos aos rejimens da mortalidade, veríamos com entusiasmo decorrer hoje a data natalicia de um grande conterraneo, que muito trabalhou para o engrandecimento de nossa maride guerra e do nosso estremecido Brazil.

O intrepido marinheiro que se chamou Manoel Ignacio Belfort Vieira, foi uma das muitas glórias deste fecundo Maranhão.

Decendente de importante familia maranhense, aos 17 anos, alistou-se na Escola Naval, donde saíu a 27 de novembro de 1873 com o posto de 2º tenente, obtendo as immediatas promoções na seguinte ordem: 1º tenente a 24 de dezembro de 1875; capitão tenente a 9 de dezembro de 1879; capitão de corveta a 8 de janeiro de 1890; capitão de fragata a 2 de janeiro de 1901; capitão de mar e guerra graduado em 28 de dezembro de 1904, sendo confirmado nesse posto a 25 de abril de 1906; contra almirante a 7 de junho de 1911, em cujo posto foi nomeado, a 11 de janeiro de 1912 para ocupar o cargo de ministro da marinha e vice-almirante a 4 de dezembro do mesmo anno, tendo sido reformado no posto de almirante por decreto de 30 de julho de 1913.

Durante a sua aurea carreira, exerceu numerosas comissões, tendo sido algumas vezes afastado d'ella para ocupar o cargo de governador do Maranhão deputado estadual e senador federal pelo mesmo Estado e pelo do Amazonas em diversos periodos.

Mais fecundos teriam sido seus trabalhos á nação se tenaz enfermidade lhe não ceifasse a existencia em 1º de agosto de 1913.

Entretanto, o Maranhão experimentou a ventura de, no dominio da Republica, vêr um de seus filhos elevar-se pelos merecimentos e, se ninguem, além de seus parentes, se lembrou desta data, ela de certo não passará despercebida, porque "O Ateniense" na sua faina, quazi desvalida, em nome do Maranhão, rende esta pávida homenagem á memoria do benemerito patricio que tão bem soube honrar a sua farda e o seu torrão natal.

Nota.—O Almirante Belfort Vieira foi cavalleiro da ordem de Aviz e agraciado com uma medalha militar de ouro, pelos serviços prestados á patria.

Masaqro- niquismo

I

Era uma goiza titânica
Uma luta antijeniça,
A grande gauza ipogreniça
Da nossa grafia organiça.

Palavras de oriçe eleniça
Tínhamos nós entre a qliniça
Da grande lingua latiniça
Desta republiça ateniça.

Mas uma idéa anaqroniça,
De uma entidade zirqoniça,
De sapiencia tribuniça

Deu-nos a grafia soaiça
Jenuina e rizotoniça
Entre as outras grandes e uniça.

Androniço.

Faculdade de Direito

do Maranhão

Teve logar ante-hontem, na bibliotéca do Estado, uma reunião de fortes elementos locais para a organização de uma empreza que tivesse por fim fundar aqui uma faculdade de direito.

Cordealmente enviamos aos nobres empreendedôres de tão nobre idéa, a nossa mais efuziva solidariedade, pois nada ha de mais necessario entre nós do que uma caça de ensino superior, que facilite aos nossos conterraneos a obtenção de um pergaminho genuinamente maranhense e semelhante em todos os pontos a esse que muitos vão conquistar em Estado estranho e a braços com as maiores dificuldades.

Folgamos em registrar esta nova e esperamos que dos projéto á sua realização não se leve muito tempo, pois, como é sabido o tempo tudo destá e em nada será agradavel vermos desaparecer entre nuvens de poeira a propagação de tão louvavel empreendimento.

Aguardamos a organização definitiva do nucleo docente e o immediato inicio dos trabalhos academicos.

E' de tal n. 1

O Dr. Isqueiro Cha Vier, Juiz Rural do 3º bastão da V. N. desta terra.

Faz publico aos que o presente virem, lerem e cheirarem, que no despontar da aurora do dia que está correndo na folhinha, na ajencia de leitões, no Mercado Grande, sob *taxinhas* do agente Fôgo, serão a ré matadas as mercadorias abaixo descritas, pertencentes ao finado Dr. Tiberio, a requerimento dos inventariantes Dr. Mariano Castro e Leme Vi Ana, ex-professôres do falecido defunto.

ANDANTES

Um fraque, gola de veludo, côr de burro quando foje, construido no tempo de Pio VI, méindo de prôa a ré 3 mis e 50 cts, de brim forrado de estôpa da India, contendo bolsos para lenço, bolso para cobre, bolso para pontas de charutos, bolsos para "candieiros que não espuludem", malas de viagem, bolso para ferramentas de funileiro e 18 bolsos vazios alugado presentemente ao Manjô varridô, avaliado por \$ 320.

Uma lunêta, branca, sem aro dando ao proprietario um aspecto de puxador de bonde, servindo de defeza na Linha de Tiro, avaliada por \$ 120. Essa lunêta, presentemente alugada ao Zé Vinh Ais, foi construida no tempo da Inquizição por 3 dos seus inumeros primos: General Pots, Marechal Grêts e Conde de Méltis.

Uma cabeleira, preta, medindo cada fio 2½ mets, servindo de corda de rede prima de viôla, espanador de livros, mata-borrão, etc., avaliada por \$ 060, estando alugada presentemente ao Já Pipa-rassú.

Um rico bigode, preto, já em estado de putrefação, irmão-gemeo do *Abaixa*, ornando presentemente a caça de um Dr. dentista, avaliado por "gratis".

Um anaconerético nariz vermelhão, com uma bolota na ponta, servindo de chapéu de sól, macêta de bambo, rôlha de champagne, avaliado por "Deus me livre", alugado presentemente ao Vaz com Sêlos.

Quem nas ditas mercadorias quizer lançar (dinheiro) pode-lo-á fazêr, no dia e logar já designados.

E, para constar, mandou fazer publicação deste *E' de tal* que será pregado nas costas do Carlos Teixeira (que é mais grosso) e publicado 3 vezes no livro de versos do Clemente Guedes.

Aqui, tanto de tal disto mesmo.

Eu, *voçê sabe quem sou eu?*, escreven-te ajumentado no exercicio do escrivão.

Isqueiro Chá Vier

Estava selado com estampilha avacalhada com a assinatura supra dita já mencionada da qual se fala.

O lá de cima

Escrevente

Coelho Netto, poeta

Esta edição d'O Ateniense é toda ela dedicada a Coelho Netto, socio honorario, da Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco", de que é orgam, o escritôr patricio, que no nosso meio passou 14 dias, que foram da mais aceza campanha politica e que valeram por 14 mezes de ação, campanha certamente das mais brilhantes de quantas se tem ferido até hoje, no nosso Estado, não só pelo valôr e temeridade do chefe, como tambem, e principalmente, pela rapidez de tempo em que foi feita e pelos frutos que brevemente dará Bem é, portanto, que cada um, na medida dos seus cabedacs, diga alguma coisa sobre a personalidade de vulto tão em destaque, que deixou o Rio de Janeiro, seu campo de ação, e aqui passou duas semanas conosco, entretendo-nos, quazi todos os dias, com os seus magnificos discursos e as suas formozas historias.

Multiplas são as esféras em que se desenvolve o seu talento, porisso que abranje todos os ramos da literatura, e em todos êles brilha, assim como vasta, vastissima é a sua obra.

"O mais copiozo dos escritores brasileiros de todas as épocas", como bem o classificou Reis Carvalho, (1) ou "escritor universalista", como o chamava Silvio Romero, Coelho Netto tem a atestar o seu valôr essa columna formidavel de 73 livros, expressão sua no segundo discurso pronunciado nesta capital, columna que lhe valeu não só aquêlê titulo, como estoutro, gloriozo, conferido pela voz insuspeita da sabia Academia Franceza, de "escritôr mais completo de toda a America do Sul. Coelho Netto é, para o Brazil, o que Camilo é para Portugal. Este, morrendo com 64 anos, deixou essa muralha invejavel de 262 volumes (2); aquele, apenas com 54 anos apresenta já uma bagagem de 73 obras. Nessa marcha belissima, não será, pois, para estranhar que dentro em breve o publicista patricio leve vautajem ao luzitano.

No terreno da fantasia, do sonho, é unico, quazi que se pode dizer, na lingua portugueza. Sem buscar nos seus tomos, sem querer citar *Baladilhas e Rapsodias*, livro de estreia, *Romanceiro*, *Fabulario*, *Jardim das Oliveiras*, *Versas* e outros, em que á maleabilidade do seu talento se junta a inesgotavel fantasia rendilhada e o lavôr do estilo, basta pegar a esmo um desses centenaes de contos por aí espalhados em jornais e revistas, os quais têm tanto de formozos quanto de *mignons*.

Querendo comprovar, podemos citar o ultimo talvez que escreveu e que se encontra no numero de natal do ano passado da *Revista da Semana*. Tem o titulo *O Talisman*. Fê-lo a instancias de Carlos Malheiros Dias, diretor daquela publicação, o qual, possuindo uma bonita tricromia, queria aproveita-la para aquêlê numero. Representa um bufari-nheiro arabe em conversa com trez mu-

heres algerianas e uma tuniziana, sentados todos sobre espaçozo tapete. Tomam chá. Jogados pelo chão, vêem-se lenços multicôres, pandeiros, sapatos, bujigangas. Ao lonje, as aguas do Bosforo azulam, muito mansas, evocadôras, quazi a se confundirem com o azul do ceu. E as cupolas das mesquitas alvejam ao sol poente, muito brancas, escorregadias, na sua forma bizarra de meias—laranjas.

Coelho Netto, accedendo ao convite de Malheiros Dias, adaptou ao interessante quadro de R. Leiniveber um mimozo conto de 30 linhas, em que conta a historia de quatro mulheres que depois de haver passado sete dias e sete noites ajoelhadas na montanha de neve, com o talisman nas mãos, como em uma concha, oferecendo-o aos espiritos da natureza que erram, inviziveis, no ar, foram encontradas por um caçador de antilopes, mortas, com as mãos levantadas para o céu, em ofertorio, hirtas como estatuas, lividas, d'olhos muito abertos e maravilhados e um sorriso que parecia se lhes haver gelado no rosto.

Contista dos mais psicologos, mimosos e atraentes, aí estão os seus trabalhos em *Sertões*, *Apologos*, *Jardim das Oliveiras*, etc

Como oradôr, pede o seu nome, sem benevolencia, ser posto ao lado dos grandes vultos da oratoria no Brazil, pela facilidade e clareza da linguagem, pela eloquencia, pela precisão dos gestos, pela voz potente e persuaziva, por todos os segredos, enfim, da arte difficil: Nabuco Alencar, Bonifacio—o Moço, Maciel Monteiro, Rio Branco, Torres Homem, Rebouças e tantos outros.

Esfinje, *Mirajem*, *Inverno em flôr*, *A Conquista*, *Rei Negro*, são alguns dos seus melhores e mais conhecidos romances.

Para o Teatro (3) tambem ha contribuído com cinco volumes.

Isto sem falar no jornalista, afeito á vida da imprensa, e a cuja pena se deve uma multidão de artigos, cronicas, criticas, etc, que andam espalhados nos quatro cantos do paiz, á vista de qualquer.

Mas não é desses feitos do artifice que agora nos queremos ocupar.

Outros falem do fantazista, outros digam do *conteur*, outros aplaudam o orador, outros deem palmas ao romancista, outros aclamem o dramaturgo, outros encomiem o jornalista. Quanto a nós, deixarmos-nos ficar admirando apenas uma face de Coelho Netto, a menor talvez—o poeta, mas o poeta de uma só poesia, linda entre as lindas, formozas entre as mais, qual é *Ser mãe*.

O poeta tomou para tema Mãe, Mater, esta dôce palavra que se pronuncia a cada momento da vida, a primeira silaba arrastada num vajido, o ultimo apêlo suspirado no estertôr da hora final. Mãe, este ser quazi divino, esta tutôra economica, palavras de Dupouy, cujo coração,

no dizer de Gaillard, é uma obra-prima de amôr, e cujas graças ninguem poderia contar, na fraze de Ducis. E Lá Chatre doutrina: De todos os sentimentos humanos, é a maternidade o mais poderôzo, como de todos os afêtos humanos, o amôr do filho para a sua mãe é o mais sincêro e o mais puro. Este duplo fenomeno de ternura, este mutualismo de afetos, a parte de todas as outras ternuras e todos os outros afetos, começam com efeito no berço para ir mais lonje mesmo que o tumulo.

Curiôzo parenteziar aqui que em todos os paizes e em todas as épocas, o papel da mãe foi particurlamente respeitado. Na India, a espôza que dava á luz, tinha o apelido de *djajate*, aquela que faz renascer. Entre os judeus depreende-se, pelo ato extraordinario de Raquel, que imenso papel representava a maternidade no destino da consôrte. Na Grecia, a mulher recentemente cazada era tão severamente vijada como as virjens; desde, porem, que tinha um filho, cessava a reclusão. Em Roma, a maternidade outorgava á espôza o direito de herdar, não somente do seu marido, mas ainda de um estrangeiro.

Pois bem. E' esse periodo importante na existencia da mulher que Coelho Netto celebra no seu sonêto admiravel.

Diz o poeta, começando:

*Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração!*

Se quizesse, podia ficar aqui. A fraze vale por uma definição. E' acudir a todas as necessidades do filho. E' dar-lhe, moêda a moêda, toda a fortuna, se tanto for preciso para a integridade da sua honra. E' esgotar o calice da amargura, gota a gota, até a ultima, sem queixa nem blasfemias, consciênte de que cumpre um devêr. E' despojar-se de todos os bens, quer mundanos quer naturaes: Quereis um exemplo? E' Fantina, aquela personajem dos *Miseraveis*, do divino Hugo, a qual, depois de ser virjem formozissima, caiu na prostituição, chegando a esse extremo horrorôzo mas estoico de cortar a sua linda coma para vendê-la pela miseravel quantia de dez francos, consentiu que um barbeiro lhe arrancasse as duas palhetas, a trôco de dois napoleões, tudo por amôr da sua inocente Cosette, impiedozamente criada pelos Thernadier. Fantina é o exemplo mais sublime do quanto pode chegar o amôr maternal.

Ou então é aquela pobre mãe da historia, que, tendo a morte levado o filho seu, cantou á Noite todas as canções que cantava ao seu filho, aqueceu de encontro ao peito o matagal gelado cujos espinhos e silvas lhe dilaceraram o peito, desatou num pranto tão profundo que os seus olhos, transformados em duas perolas, se destacaram das orbitas e caíram no fundo de um lago que a tamanho sacrificio a obrigara, trocou a sua esplendida cabeleira negra pelos cabelos curtos e

brancos de uma velha feiticeira.-- tudo para reaver o seu doce filhinho levado pela Morte, por uma calijnoza noite de dezembro, para uma estufa encantada onde fora transformado num açafraeiro.

Continuando:

...*Ser mãe é ser re alheio:*

*Sábio, que suga o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor cantando vibra*
Isto mesmo. Ser mãe não é apenas fruir os prazeres do amor, *douce, sainte et parfaite monnaie*, sonhado pelas brancas noites de luar, entre sonhos, promessas e carícias mutuas, mas também receber e criar o fruto desse mesmo amor, e criar com o seu proprio sangue, dando-lhe a bebê, durante mezes a fio, mal tem o filho os olhos para a luz abertos, o leite, branco como a hostia; é transmitir a sua vida á vida do filho, é sorrir satisfeita, cheia de uma santa beatitude, admirando enlevada a avidez com que suga o petiz, como outrora ainda menina, admirava enlevada, pelas fazendas, os nedios bezerros aos solavancos nos ubres fartos, peçados de leite, das grandes vacas mansas, que, retribuindo, lhes alizavam os pêlos, cheias de amor dos animaes, lambendo-os com a lingua lixenta.

Não só.

*Ser mãe é ser um anjo que se libra
Sobre um berço dormido!*

Em verdade. Ante um bêrço perfumôzo e enfeitado de fitas multicores, de cujo fundo acolchoado e sedozo sobe um imperceptível respirar de creança adormecida, não ha mãe, por mais leviana, que se não quede extaziada, absorta, protegendo como um anjo da guarda, com as suas brancas azas tutelares, o sono do innocente, afastando qualquer inseto que por ventura lhe venha perturbar o repouzo. Nessa ocasião, a mãe é, portanto, um anjo que se libra sobre um berço dormido.

Mais.

..... *E' ser anccio,*

Quantas noites de longa vijilia junto ao bêrço do filho enfêrmo, onde

geme... a criancinha

Que não fala, não anda e já padece imprecando aos céus:

Penas assim cruéis por que as merece

Quem mal entrando na existencia vinha! pedindo para si a enfermidade:

O' melindroso ser...

Se os ceus me ouvissem...

Gozo me fora a dor que te espezinha, e, por ultimo, dando a razão por que

Deus que é bom, Deus que é pae, Deus que é perfeito,

não extermina a angustia que lhe aperta o frajil peito: porque

Se viu morrer Jesus como homem feito, Nunca teve uma filha pequenina!

E' ser temeridade, é ser receio,

A mais pura das verdades. Quando mãe, a mulher é um conjunto de sentimentos opostos, de contradicções as mais exquzitas, como só as sabia descrever nas suas tragedias magnificas aquele genio fecundo de Stratford-upon-Avon, que foi Shakespeare. Se antevê perigo imminente para o filho, a mãe fica como louca, é capaz das maiores temeridades, das audacias

mais inêrveis, como aquela mulher que Raimundo Corrêa conta em seis quadras formozas: Sedenta e famelica, bramava, vagando pelas ruas de Florença uma leôa brava. Estabelece-se o panico. Todos correm, menos uma mulher debil e enfêrma, quase sem vida.

Em frente á fera, no estupor do assombro, Não já por si tremia ela, a mesquinha, Porem porque era mãe, e o pezo tinha Sempre caro pr'as mães de um filho ao hombro.

E que faz ela?

... O olhar desfeito em perolas celestes,

Crava no animal que pára e hezita

Aquele olhar de supplica infinita

Que é só proprio das mães em tranzes destes.

De supplica, diz apenas o poeta, quando o seu olhar devia ser um olhar terrível, tresvairado, de supplica, sim, mas ao mesmo tempo de ameaça, de desafio. Era a temeridade aliada ao receio.

Mas a leôa, como se entendesse

O amor da mãe, incolume deixou-a...

E' que esse amor até nas feras vê-se!

E é que era mãe, talvez, essa leôa!

E' aquela temeridade de Agripina, que tanto

...ao bravo Nero adora

que, sendo avizada de que se seu filho chegasse a vestir a tóga lhe assentava tirar a vida, respondeu que fosse imperador ainda que a matasse. E, diz o poeta baiano João de Brito Lima:

A finêza da mãe que o mal despreza

E do filho cruel a antipatia

Deram ambos assombro á natureza.

Por extremo um e outro se avalia:

Em Agripina, da maior frieza,

Em Nero, da mais impia tirania.

E' ser força que os uales equilibra!

Nos dias maus da vida, quando a nuvem sombria da desgraça vem pairar sinistramente sobre o lar feliz, vezes muitas o pae sucumbe ao pezo do infortunio e acontece tomar a mulher o seu lugar.

Simbolo da fraqueza, ela se torna a força mesma: manda, desmanda, provê a todas as necessidades, e, ainda, lhe sobra tempo para consolar o espôzo aflito, conseguindo dessarte equilibrar os males.

Reza o 1º tercêto:

Todo o bem que mãe goza é bem do filho,

Espeelho em que se mira afortunada,

Luz que lhe põe nos olhos nôvo brilho!

Vende o filho chorar, a mãe chora também; vendo-o rir, ei-la que ri. Dir se-ia dois corações com o mesmo pulsar, dois peitos com o mesmo arfar, dois cerebros animados dos mesmos sentimentos, dois corpos, enfim, com os mesmos gostos, as mesmas dores, as mesmas emoções, o mesmo eu. Olhando para o filho pequenino, a mãe nele revê toda a sua infancia; olhando-o, ela divulga como que o futuro distante—o filho, crescido, tronco de uma nova familia, de onde, por sua vez sairá uma outra, e assim por diante, nesse eterno circulo de vida que é o emblema de tudo no uíverso.

Ser mãe é andar chorando num sorriso!

E'. E' sentir lagrimas humedecerem-lhe

os olhos quando no meio da alegria mais expansiva. E' o sorrir—chorar, o rizo mesclado á dor. Ri pelo que vê no presente, chora pelo que pode advir no futuro.

Ainda:

Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!

Sim. Um filho vale por um mundo. Mas vale um mundo para a sua mãe. Para os outros, que é que vale? Quantos os que vão, piedozamente, por essas cazas santas de recolhimento pedir filhos alheios para criar? E pensar-se que ha mães capazes de crime tão grande, imperdoavel, qual o de abandonar os filhos na orfanidade, enjeitando-os, renegando-os, como se fossem por acazo um fardo pezado, dispensavel, que se deixasse ir levado pelas aguas para um oceano tumultuozo e insndavel—o oceano da vida!... Mães?! Não. Decem-se-lhes nome mais adequado, epiteto mais infimo, mais mesquinho. Outros, não o de mães, que esse não o merecem elas. Pois que? As cadelas, quando estão criando, repelem com enerjia a presença de qualquer estranho, protegendo assim os seus leõeszinhos; as galinhas, seguindo os versos de Racine, enquanto Le pere vole au loin chercher dans la

campagne

Des vivres qu'il rapporte a sa tendre compagne,

... La tranquille mere, attendant son secours,

Rechauffe dans son sein le fruit de leurs amours;

o pombo, simbolo da mansidão, toma ares de fera quando lhe tocam nos filhotes; o pelicano, imajem da ternura maternal, despedaça as entranhas, segundo a lenda e arranca o proprio coração, vivo, pul-sando, para com o seu sangue nutrir a ninhada; e o maximo Guerra conta de um melro que depois de haver quebrado as garras, depenado as azas, tentando inutilmente torcer os ferros de uma gaiola, em que jaziam encarcerados os seus implumes, mata-os a todos seis e matou-se também, "maior do que Catão", compara o poeta, trespassando quatro vezes o proprio coração com um ramo de veneno. Pois se os animaes são capazes de exemplos tão sublimes, como chamar de mães as que, não os podendo imitar, são incapazes de exercer o seu "divino officio" bela definição de Ulpiano, o joven e brilhante poeta maranhense? Impossível! Condoamo-nos dessas infelizes, prdoemo-las como o Gallilen á adultera do E-vanjelho.

Por ultimo, como chave de ouro, num sonêto de perolas, temos que

Ser mãe é padeccer num paraizo!

Admiravel! Ser mãe é isso mesmo, é só isso. Tem um lar modelo. Honra-o o marido com o seu exemplo, honra-o a mulher com o seu trabalho. O filho—não o culpemos—na idade das paixões comete um desvairio qualquer; fere um outro em duelo, porque tentou merecer o afeto de nma mulher a quem dedica amor ilimitado. Chega a noticia á caza. O pae, quase sempre severo, quer castigá-lo. A mãe inter-venem, supplica o perdão, debulha-se num vale de lagrimas. Ela bem que lhe sabe per-

doar a falta. Mas as outras? Que dirão? E essa duvida a acabrunha. E chora, chora...

Ou então é a guerra que lhe leva o filho adorado para as fileiras do exercito.

E á noite, pelos serões cheios de tédio, recordam o filho auzente. Pergunta a mãe ao pae:

—Embrias-te quando era pequeno? Andava por aqui, de gatinhas, por debaixo dos moveis, sorrindo, brincando, descuidado e feliz. Agora, por onde andará ele? As noites nos campos de batalha, devem ser tão frias, tão gélidas... Quem lhe cuidará das feridas. Quem velará junto á sua cama? Se morrer, que mãos piedozas lhe cerrarão as palpebras? Meu Deus, por que o levaste?

O pae, talvez por ser o mais forte, não tem o que responder. Sacode apenas a cabeça, lenta, afirmativamente. E ambos, mãos enlaçadas, entram a chorar. enquanto lá lonje, talvez, a um hospital de Cruz Vermelha chega um ferido coberto de sangue mas também coberto de gloria...

Muito se teria ainda a dizer sobre estes 14 versos. Muito mesmo. Mas o espaço é restrito e as palavras, desnecessarias. Basta a leitura do soneto. Ele tudo diz.

Como, porem, a edição d'O Ateniense é dedicada a Coêlho Netto, e fomos convidados a dizer algo sobre a sua individualidade, aqui ficam estas frases incoloras, que quando outra coiza não vaiham, valem—e tanto basta—como significação da grande admiração que lhe consagramos, como conferaneo e como Mestre.

O que já é muito.

Ruber

(1) *A Literatura Maranhense*—Antonio dos Reis Carvalho—Biblioteca Internacional.

(2) *V. Historia da Literatura Portuguesa*, de Mendes dos Remedios.

(3) Em 1915 escreveu José Verissimo para a sua *Historia da Literatura Brasileira* "Com crassa ignorancia ou estolidio menosprezo da nossa historia literaria, estão agora mesmo tentando criar um "tetro nacional" *ab ovo*, como se nada se houvesse feito antes. As amosiras até agora apresentadas desta tentativa, não autorizam ainda, acho eu, alguma esperanca no seu bom successo.

Hoje em dia, não se devem repetir estas galavras de critico sincero. Porque si é verdade que ainda não temos um teatro nacional, nosso, *ab ovo*, não podemos deserer de que ele seja uma realidade num futuro muito proximo. Pelo menos Arthur Azevedo e Coelho Netto, para citar os mais conhecidos, são dois nomes a quem muito deve o Teatro brasileiro. Quem ouzará contestá-lo?

"O Ateniense"

Por motivo das grandes dificuldades da carestia atual, o material de tipografia aumentou de preço consideravelmente, o que nos obrigou, muito a contragosto

nosso, a retardar o presente numero, que deveria ter saído em março e que no entanto só agora pudemos fazê-lo.

Essa falta se justifica com a demora sofrida, devida á falta de transporte, pela nova maquina "Linotipo" dos srs. J. Pires & C^a, a qual só agora entrou no seu perfeito funcionamento, depois da grande dificuldade no seu transporte dos Estados Unidos para cá e no seu aparelhamento aqui.

Assim é que contratamos, por um preço relativamente mais modico, a confecção de "O Ateniense" na nova maquina de aperfeiçoada composição, ao mesmo tempo em que temos o prazer de felicitar aos nossos leitores por mais esse aperfeiçoamento do nosso jornalzinho.

Uma vez justificada a razão principal por que "O Ateniense" até hoje de publicação regular, o que muito o tem distinguido dentre os outros jornalzinhos literarios da terra, deixou de circular em março, pedimos desculpa aos nossos assinantes pela falta involuntaria, apresentando-lhes a prezente edição especial que certamente compensará a falta que a carestia do momento nos obrigou a cometer.

Outro sim, atendendo aos motivos a cima, pedimos encarecidamente aos nossos assinantes da capital e do interior a especial fineza de mandarem reformar as suas assinaturas, afim de que não fiquem privados da remessa do nosso organ, porquanto este numero será o ultimo que enviamos aos assinantes que não reformarem as suas assinaturas para o corrente ano.

Pelo Radio

Brevemente: livro do poeta João Teixeira intitulado: "espiraes reconcavas das sinuozidades torcicolozas".

—Consta nas rodas politicas, aliás literarias, que a Academia Maranhense suspendeu seu funcionamento, até que fique claramente provado que Coêlho Netto não voltará mais em S. Luiz, o que será anunciado pelo jornal da "Silvio Romero" a sair *brevemente*...

—O Beletrista Estrela d'Alva (pseudonimo que mal encobre o nome de um dos nossos mais simpaticos intellectuaes) aproveitando o linotipo do Pires, vae publicar um trabalho científico, produto de um estudo acurado sobre si mesmo, onde provará, por $a \times b$, que a doutrina de Darwin não teve ainda o seu total aperfeiçoamento.

O momentoze Livro te á o titulo "Os quadrumanos atravez dos seculos".

Os nossos torcicolozos aplauzos (com licença do "Juca") ao joven cientista. —Quazou qontentamento nas qorrentes qolejiaes de Qaxias a quioza qomunica-são de qê um dos qatedros do Lisen Qaxiense qazualmente enqontrou qem inventou o trabalho... matando o qom um qasête qomprido qê qonduzia...

"O Ateniense"

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO

S. LUIZ—Rua 28 de Julho, n. 53—MARANHÃO

Domingos Affonso Machado—Presidente
Joaquim Vieira da Luz—Vice-Presidente
João Victor Ribeiro—1º secretario
Jozé Z. Silva Vieira—2º secretario
Esthér Fortuna Pires—Tezoureira
Jozé R. Padua Fortuna—Bibliotecario
Djalma Fortuna
Jozé M. Reis Perdigão } COMISSÃO DE
Djalma Vasconcelos } REVIZÃO.

Assinatura anual 1\$000

As assinaturas terminarão sempre em dezembro.

"O Ateniense" será enviado á imprensa mediante permuta.

Lanterna majica

(VERSOS DE PÉ QUEBRADO)

Consta que um fidalgo «bacuráu», docúto darco doiro, que quando fala espalha chispas e iluminuras de cristal, comeu a sessão que a Academia Maranhense ia oferecer a Coêlho Netto...

(DAS RODAS DE PALESTRA)

10.^a FIGURA

Essa figura que passa
Tem talento em profuzão,
Veio fazer na Academia
Uma grande confuzão...

A primeira vez que o Coêlho
Por esta terra passou,
Poeta por toda a parte
Naceu, levantou, brotou!

Discurso de todo o lado
Aqui, ali, acolá,
Ante a palavra do Mestre,
Caída como maná...

Durante o tempo de auzente
A fita continuou...
Agóra, o tempo prezente,
Enfarruscado, *encrencou!*...

—Deixemos que o Netto venha
Satisfeito com sua sina;
—Aqui *ninguém é de ferro*
Nem sua cauza patrocina...

Talento é coiza bonita
Mas deve ficar pra trás...
Pança cheia é coiza boa.
Quem não *cava* não se faz...

Foi assim que a "Academia
Maranhense" se *encrencou*,
Cafu por terra, coitada,
Calada, se avacalhou...

Dante

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 7.º

Maranhão, 28 de julho de 1918

Num. 81

D. Francisco

A sociedade do Maranhão recebeu, no dia 1.º de junho, o punjentíssimo e sentido golpe cauzado pelo falecimento inesperado do seu pastor virtuozo e chefe espiritual, d. Francisco de Paula e Silva, querido e estremo bispo da nossa diocese.

E foi bem sentida e incera a cruciante dôr que a familia maranhense sofreu com o desaparecimento de tão lejitimo bemfeitor, porque d. Francisco era bem uma entidade venerada e querida, não só pelas ovelhas fieis do rebanho cristão que carinhosamente dirijia, como também por todos quantos lhe conheciam de perto as suas raras e imaculadas virtudes espirituaes, sem distincção alguma de crença e de fé.

Muito cruciantes foram ás lagrimas com que a familia maranhense humedeceu o seu tumulo, como gratidão aos seus meritos de dicipulo de Christo, submisso e fiel aos preceitos que pregava, porque chorando a sua morte tão cedo, chora a familia catolica maranhense a bussula certa que guiava os seus passos pelo caminho das boas ações e da doutrina santa. Era ele o cuidadoso pregador de conselhos ás criancinhas, essas almas tenras que ele envolvia num só amplexo, como a uma parte da sua familia, na terra que habitava, dando a essas avezinhas, da fonte do seu amor e carinho, o pão espiritual que as fazia obedientes e firmes no caminho incerto da juventude. Era com a doçura da sua palavra e a firmeza dos seus argumentos que aprendiamos a suportar as agruras e as vicissitudes da vida, na esperança de gozar um dia daquela reconfortante paz que ele nos apontava das portas niveas do tabernaculo sagrado da sua fé.

E não é só o coração da familia maranhense que chora a perda irreparavel do seu chefe estimado, do seu bispo virtuozo, é mais ainda; o luto não é só do coração é também do espirito. Sim, do espirito e do intellecto, porque as letras maranhenses perderam quem, honrando-as e elevando-as, tanto lustro lhes deu com as luzes do seu espirito erudito e completo nos diversos conhecimentos do saber humano.

Na imprensa, sem decer á improficuidade da polemica religioza, quasi sempre sem resultados como todas o são, muita honra fez ás letras, tanto quando dissertava sobre a historia como da flozofia, da relijião e da literatura, quando queria estimular os que se entregam ás lutas do saber.

A tribuna catolica desta terra per-

peu o mais rutilante dos seus luminares no prezente seculo, essa mesma tribuna que ouviu nos tempos de outrora o verbo arrebatador e celebrado do genial Antonio Vieira. Nela, d. Francisco tinha a majia sublime de arrebatador o auditorio, empolgando-o e convertendo-o; não com palavras de ferro que ribombassem estridulas com estampido vibrante, mas com o arminho doce, cadenciado, lindo dos seus periodos de veludo, na sua voz doce e meiga como a sua fe, que invadia os nossos ouvidos como o gorjeio melodiozo de uma ave celeste.

D. Francisco, nasceu a 21 de outubro de 1864, em Minas Geraes, e em 1907 veio para o Maranhão, cuja diocese vinha dirijindo com a luz fuljida do seu talento genial, e aqui, entre as ovelhas obedientes do seu rebanho edificante, fez o seu novo berço, dedicando todo o amor do seu coração puro e virtuozo aos maranhenses, que viam nele o exemplo mais perfeito de um homem de bem, venerando e respeitoso.

O incansavel bemfeitor da igreja maranhense, teve as suas derradeiras palavras de carinho para esta terra, pedindo, em hora extrema, que fosse sepultado entre os seus «amados filhos», no que foi satisfeito plenamente. O seu enterramento, efetuado a 4 do junho, teve lugar na igreja da Cathedral, séde do bispado, ficando os seus depoijos inhumados em uma das catacumbas da capela do altar mór, junto ao leito eterno dos outros bispos do Maranhão que aqui tem morrido.

A familia piauiense de Parnahyba, onde faleceu d. Francisco e de onde veio transladado para cá, portou-se do modo o mais carinhoso para com o seu honroso hospede e o seu desaparecimento cauzou geral consternação ali, tendo vindo uma comissão até S. Luiz, trazer os restos mortaes do pranteado dicipulo de Christo, entregando-os á familia maranhense que os recebeu sob o mais sentido, comovente e copiozo pranto.

Na igreja, por ocasião de ser dado o corpo á sepultura, o espetaculo foi o mais triste que se pôde conceber. Choravam todos: as criancinhas soluçavam a perda do seu delicado e meigo amigo, que tanto lhes queria e tanto lhes sabia conduzir para a felicidade da boa doutrina; as senhoras, mesmo as de idade avançada, levaram comovidas aos pés do corpo inanimado do seu querido e santo bispo, as flôres roxas da sua saudade e as lagrimas sentidas da sua gratidão; o clero, o honrado clero, que d. Francisco

dirijia com intelijencia e firmeza, estava inconsolavel.

Nunca a morte de um sacerdote foi tão sentida como a de d. Francisco. E' que ele não era simplesmente o bispo que não transpõe o circuito luminoso da sua missão de sacerdote para falar á Lei, á Patria, á Ciencia, ele era mais, era o abnegado cidadão brasileiro, que, ao primeiro apelo dos moços da Confederação do Tiro, acudiu pressuroso para lhes dizer firme «que o soldado cristão não tem medo do sacrificio nem mesmo do da propria vida, porque antes de dezejar e ter a nobre ambição de suspender do peito a cruz de honra, ele a traz, de há muito, no coração; porque ele sabe que seu Christo lhe deu o exemplo divino, chorando sobre as ruinas proximas de sua Patria, infiel, e... morrendo por ela...» (conferencia realizada por iniciativa do «Tiro Maranhense», a 14 de março de 1917). Mais ainda, quando se tratava de uma idéa altruistica ou de uma coletividade de fins utilitarios, d. Francisco era o mais firme dos seus apostolos, o mais batalhador dos seus lutadores, para que aquela idéa vencesse.

A «O Ateniense», nosso humilde periodico, o virtuozo prelado emprestou muitas vezes o brilho da sua pena impeccavel em artigos brilhantes que honram os nossos anaes e que são edificantes exemplos a seguir pelos moços.

Logo que a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» teve noticia do infausto passamento do seu membro honorario, decretou luto por 15 dias e deliberou que a prezente edição do seu orgam fosse, em parte, dedicada ás justas homenagens que lhe são devidas.

Sobre o tumulo de d. Francisco, nosso illustre e dedicado consocio, pranteado amigo e virtuozo antistite, a nossa corda de saudade muito sentida.

No dia 14 do passado, a nossa associação de letras, ainda sob o pezo do luto oficial, decretando pelo nosso Presidente, promoveu uma sessão magna em honra á memoria santa de d. Francisco.

A referida homenagem teve lugar no salão nobre do Centro Republicano Portuguez, ás 20 horas, sendo prezidida pelo nosso querido Diretor Domingos Machado, ladeado pelas pessoas de alta representação social que se achavam presentes.

O orador oficial, nosso consocio João Ribeiro, pronunciou um brilhante discurso, onde estudou rapidamente a personalidade intellectual do nosso pranteado socio honorario, falando, com justiça

PARNAZO

Satanica

Quando a morte viér buscar-me deste mundo,
em que vivo, em que sófro e do rubro sacrario,
do peito meu, tentar, qual hisurto cicario,
roubar-me o coração ehagado e moribundo,

eu lhe hei de contar o meu sofrer profundo,
da minha crua dôr o lugubre rozario,
e decérto verei seu rosto funerario
demudar-se e fugir-me o seu perfil imundo.

Ha de fugir-me sim; pois ante a desventura,
que acerada e cruél minha alma dilacera,
quem ha que não se atêrre e não sinta tristura?...

Um sêr, uma mulher, uma feroz quimêra,
existe que sorri desta grande amargura,
com um frio sorriso, inhumano, de féra!...

S. Luiz, 13--6--1916.

Reis Perdígão.

Delirio (*)

Quero subir bem alto! E lá de cima olhando
Quero vêr a meus pés da vida o rodopio;
A mizeria do mundo, o imenso desvaírio
Como infernal fogueira, insensata, abrazando!

—Na vertijem do espaço, envólto em calefrio,
Quero olhar para tudo,—e tudo penetrando,
Quero vêr a paixão das gentes palpitando
Nos espasmos da dôr...—Quero vêr o martírio.

—E quando tudo vir dessa altura tão linda,
Ante o espetaculo monstro, eu deslumbrado ainda,
Sentindo essa loucura á luz que se descerra,

Quero cair, tompar, rapidamente, inerte,
E ter, depois de pó, a pequenez de um verme
Para morder, gozar, das podridões da terra!

Rio

Hilton Fortuna

(*) Reproduzido por incorreções

Lua de mel

A' DIDICA

Depois daquela quadra venturoza
De primores e encantos de noivado,
E que num templo sacro o novo estado
Fomos tomar, em prece fervorosa,

Não mais na minha citará extremoza
Pude entoar um salmo aprimorado,
Nem mais um verso meu, apaixonado
Consagrei a tua alma afetuosa.

Más, não penses, querida, que em meu peito,
Alguns dos sonhos meus se hajam desfeito,
Como na vida as dôces ilusões,

E' que inda reina o idílio sempiterno,
Do noivado ideal, de amor superno
Dos nossos dois ditozos corações.

J. Ribeiro

e clareza de conceitos, da sua obra benemerita no seio do clero maranhense, do fulgor da sua palavra brilhante que sempre se levantava em prol da sã doutrina e dos sãos principios, e terminou por dedicar aquella sincera homenagem á familia maranhense; de quem d. Francisco foi carinhozo protetor, e ao clero, de quem foi audaz e brilhante sustentaculo.

Em seguida levantou-se a figura veneranda de s. exc. rvm.^a monsenhor Galvão, que, yizivelmente comovido, agradeceu, em nome do honrado clero, aquella carinhoza prova de amor e justiça prestada á memoria de D. Francisco pelos moços da Sociedade «Rio Branco», ao mesmo tempo, em que louvava calorozamente esse gesto nobre em honra á memoria de quem foi para a igreja e para a familia maranhenses o mais fiel dos protetores.

Encerrando a solenidade, falou o professor Domingos Machado, que leu algumas palavras dedicadas á memoria do querido bispo que tanto soube captar a estima dos maranhenses, pelo seu fulgor intelectual, pelo seu coração virtuôzo e pela sua valioza obra de benemerencia no seio do clero brasileiro.

O vasto salão achava-se repleto de pessoas gradas, notando-se a presença de altas autoridades civis e militares, do clero e muitas familias.

D. Francisco de Paula e Silva

A sociedade vive tão cheia de ficções que de ordinario se dá valor a cousas que só brillam por causa da nossa cegueira e vaidade.

Tenha alguém dinheiro, bem ou mal adquirido, seja embora um máu coração, por menos que seja instruido, por pior que fale, por menor prestimo que revele, é sempre alvo de muita consideração e atençaõ, muitas vezes chega até á ser admirado!

Erro fatal!

Nem o talento, nem a illustração, nem as sintilações do saber merecem preito, veneração, se não são circumdados por um carater nobre e altivo, pela virtude, pelo bem.

Mas, quando a uma intelligencia culta, a um espirito, cuja argamassa é feita de vastos estudos enraizados em um cerebro superior, se vão reunir um coração bem formado, a piedade pelos orfãos da felicidade nesta triste vida, então sim nos devemos curvar, então sim devemos bendizer quem faz tão formosa ceifa, quem respira frutos tão dôces.

Tal foi d. Francisco, bispo do Maranhão, ha pouco falecido. Era brando, suave, bondoso, amava a humanidade.

Qual outro frei Bartholomeu dos Martires, ele tambem tinha o exercicio continuo das virtudes mais belas, e por isso era pobre; o dinheiro que recebia, ele sabia repartir com os necessitados: aqui prestava auxilio para a educação de orfãos, ali socorria a velhice abandonada, alem levava o conforto para enxugar lagrimas, para desterrar de corações ulcerados dôres e desesperos.

Viveu santamente, viveu amado, todos o choram, todos bendizem a sua memoria.

Foi feliz, porque soube ser bom, morreu rico das benções dos pobres, muito rico das lagrimas que por ele todos derramam.

Oh! Ele tem a verdadeira gloria—só assim se eleva, só assim se engrandece esta fragil terra, que se move por instantes e depois cae.

Não são sumptuosos monumentos que fazem a grandeza dos mortos, são as suas açõs, são as suas virtudes:

Simple é a lapida do jasigo do conego Raymundo Alves da Fonsêca, mas a inscrição, que ali se lê, é tocante, enterneced; assim se dará com o querido bispo, que conquistou o amor, o respeito, a veneração de uma população inteira.

Trago-lhe tambem o meu preito de admiração, e orno igualmente a sua sepultura de goivos e saudades.

José Augusto Corrêa.

D. Francisco

Desde alguns dias páira sobre a Diocese do Maranhão uma nuvem de tristeza; já não é mais do numero dos vivos d. Francisco de Paula e Silva. O que ele foi entre nós está na lembrança de todos. D. Francisco era um justo.

Quando, ha onze anos, fui eu chamado para apresentar-lhe em nome da Diocese as congratulações pela sua vinda entre nós, descrevi sua missão como a de um martir e apresentei-lhe o caminho a trilhar cheio de espinhos e de cruces. D. Francisco aceitou corajozamente as cruces de seu apostolado. As angustias que curtiu durante esses dez anos passados, com a grandeza d'alma que todos lhe conheciam, ele as dá a entender, de leve, em sua pastoral do ano passado, porem essas angustias que só podem ser compreendidas, por corações de apostofos, jamais lhe fizeram desaparecer a serenidade da alma nem o sorriso dos labios. Alem da mansidão nunca desmentida, o que caracterizava sobretudo d. Francisco era a nimia bondade. D. Francisco era bom. A ele podem ser applicadas as palavras de S. Pedro: *Transiit benefaciendo*. Viveu semeando o bem.

Que o digam os alunos do Seminario, as meninas do Azilo, mantidos por ele, apesar de muito pobre; que o digam familias pobres, suas pensionistas e os que jamais a ele se dirijiam inutilmente.

Não cabe neste pequeno escrito, descrever as virtudes de D. Francisco; seria preciso um livro, e o povo, que o conheceu de perto, tem motivo bastante para cobrir-se de tristeza e de luto.

Relativamente ao Maranhão, ele amava-o do entranhado amor. Prestes a exalar o ultimo suspiro, ele deu provas desse grande afêto oferecendo o sacrificio de sua vida por seus filhos espirituales e pedindo com insistencia que o fizessem repouzar no meio deles.

Se é grande a dôr de todos quão imenso é o vacuo que sentimos, nós, seus companheiros de caça, que com ele conversavamos e privavamos, testemunhas

Antonio Lôbo

Dois anos caíram já com o seu pezo esmagante, iconoclasta, de tempo, sem conseguir apaga-la ou sequer esmaecê-la, sobre a data lutuosa em que desapareceu do gremio luzido dos intelectuaes de S. Luiz o Méstre esclarecido e bom, que foi Antonio Lôbo.

Tão viva, tão grande, tão intensa foi a saudade que este illustre maranhense deixou no coração da mocidade, que agora, como sempre, pela sucessão infinita dos longos anos afóra, o seu nome querido será lembrado com veneração e carinho.

E' que Antonio Lôbo, envergadura invulgar de riço lutadôr, espirito cultissimo de homem de escôl, alma hondoza de poeta, foi, enquanto viveu aqui em Atenas, o incentivadôr dedicado de todos os tentames que surjiram em prol do soerguimento das nossas letras, tão famigeradas e gloriozas, reunindo com desenvêlo marcante, os que se aprestavam para as luminosas conquistas do talento.

Foi êle o principal promotôr da fundação da «Officina dos Novos», agremiação de môços que deixou um rastro aurifulente, evidenciando a sua época com parentesis de oiro, «tenda fulva do sonho» onde se armaram cavaleiros da arte muitos dos que hoje andam vencendo com gallardia na liça das letras, por esse mundo além.

Méstre, dos mais illustres, ao de cima da sua cathedra discorria, com a proficiencia e brilhantismo que lhe eram peculiares, sobre os mil intrincados e penumbrosos pontos da sua diciplina.

De logica era a cadeira que ocupava no majisterio secundario do Estado, nêsse lejendario Liceu, por sob cujas arcarias venerandas, passaram sobraçando fastijozos compendios de mathematica, gordos dicionarios latinos e o classico «Luziadas» tantas e tantas gerações



de iluminados, que vieram prefuljir com irradiações vitoriozas na grande historia politica e literaria do paiz.

Diretôr do Liceu Maranhense e inspetor da instrução publica, eram os cargos elevados que ocupava, quando foi do seu rompimento com a politica dominante.

Espirito insubimisso, afeito á luta, sem a temer nunca e sem vacilar jamais, êle aceitou o combate dezigual, ciclópico, em que caiu para não mais se erguer.

Morreu quando no acêzo da luta.

O inimigo não o abateu, vitimou-o.

Ao esturjir agudo e dezabrido do cornefim de alárma, todos os seus nêrvos delicadissimos vibraram, prêzos da commoção electrica da luta iminente.

A necessidade de defender-se com bizzarria e superioridade, mais lhe afetou o sistema nervôzo, extremamente vibratil.

Depois vieram as estrafégas quotidianas, o estafante mistêr de não descurar do inimigo, as noites passadas em claro,

no silencio pezado do gabinete, curvado sobre a meza de trabalho, a lançar febrilmente sobre a brancura das tiras hirtas os libelos formidaveis, ou as defezas esplendidas.

A exaltação que o dominou foi enorme.

Os seus nervos sensibilissimos de neurastenico, não suportaram a pressão intensa.

Sobreveio o colapso fatal.

Antonio Lôbo, o Méstre, o jornalista, o amigo, quebrou então o fio já delgado da sua existência, com um golpe tão tragicamente sombrio, que o coração de Atenas contrau-se de horrôr, quando foi da sua morte imensamente sentida, sinceramente chorada.

Dois anos decorreram já sobre o triste passamento de tão saudôzo homem de letras e a mocidade que nunca o esquecerá, pelo muito que lhe deve, continúa a ir em romaria civica ao seu tumulo que uma significativa pintura exorna, lá sob os ciprestes esgalgados, funéreos, melancolicos, render justissimo preito ao esclarecido espirito do batalhadôr convito e destemerôzo.

Deante daquela sepultura humilde, os atenienses do Maranhão foram no dia 24 do passado mêz a molde dos atenienses de Atenas, a glorioza cidade da Grecia magnifica, levar as horarias devidas ao morto illustre.

A Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», que o contava no seu quadro de socios honorários, tambem aqui mais uma vez das colunas do seu modesto orgam, vem relijiozamente cumprir o dever sagrado de lhe prestar a homenagem que merece, como testemunho da sua grãnde, da sua imensa, da sua dolorida saudade!...

das virtudes peregrinas de sua alma adamantina!

Nossa dôr é grande e o golpe foi tão duro e tão inesperado, que ainda não nos podemos afazer a realidade da separação.

C. Alvaro Lima.

Rocha Pombo

Do brilhante homem de letras, cujo nome encima estas linhas recebemos e fazemos publicar com grande satisfação a carta que se segue:

«A' generosa e brilhante mocidade da Barão do Rio Branco, em S. Luiz do Maranhão. Apresento cordiaes saudações. Cá de longo nunca me esqueço dos poucos dias de conforto moral que passei nessa glorioza terra; e é sempre com prazer e viva alegria que recebo dahi algum novo signal dessa grande alma dos Maranhenses. E a prova é que escrevo estas linhas aos jovens e nobilissimos amigos e confrades da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» para dizer-lhes que já li os exemplares de *O Ateniense* que tiveram a bondade de

remeter-me, e que lhes sou por mais esta fineza muito grato. E tanto mais quanto é certo que vejo no n. 76 uma nota que me é muito honroza. Como é que lhes hei de exprimir o meu enternecimento por mais esta demonstração de tanto carinho, fazendo me seu consocio depois de tudo que ahi me fizeram?

Offereço-lhes, pois, singelamente o meu coração, que não é tão joven e radioso como o dos moços. a quem me dirijo, mas que é ainda capaz de vibrar, como o delles, pelas coizas bellas e santas.

Vejo ainda no n. 80, dedicado ao nosso grande Coelho Neto, um aviso, escrito a penna, pedindo-me resposta a um officio, que infelizmente não recebi. Si se pôde pedir desculpa de uma falta não cometida, aqui o faço, mas sempre lamentando que não me viesse ás mãos, para o meu eserinio sagrado, o officio a que alludem.

Reitero as minhas saudações e agradecimentos a todos, como

Confrade e amigo grato

Rocha Pombo.

Rio, 25 de Maio de 1918.

R. Jockey Club—155.

Astolfo Marques

Em 28 de Maio findo, faleceu nesta cidade o celebrado escritor maranhense Raul Astolfo Marques, o festejado autor de «Nova Aurora» e muitos outros trabalhos de inestimavel valor.

Os recursos da ciencia foram improffucios ante o adiantado mal que lhe corroia as entrânhas, e o Maranhão perdeu, com o seu passamento, um dos intellectuaes mais trabalhadores que já moirejaram nesta Athenas.

Astolfo Marques, dotado de extraordinario poder de observação, possuia a suprema arte de saber descrever os tipos do seu torrão natal, tão vivos e coloridos, como se estivessemos vendo aos nossos olhos, fitando-os. Escritor de estilo fino e maleavel, empregava a sua atividade toda em beneficio da literatura do Maranhão, dotando-a de bons trabalhos e rebuscando para deixar á posteridade o que de exemplar e proveitozo encontrava na vida dos nossos intellectuaes já falecidos, trabalho que lhe custava insanas noites de vijilias, sem dezanimo, numa disposição toda especial e carinhoza.

Tomou parte ativa na imprensa maranhense, tendo dirijido, por longo tempo,

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORISTICO E NOTICIOZO -

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Domingos A. Machado—Presidente
 Joaquim Luz—Vice-Presidente
 João Vitor Ribeiro—1.º Secretario
 Estér Fortuna Pires—Tezoureira
 Jozé Zoroastro Vieira—2.º Secretario
 Jozé Padua Fortuna—Bibliotecario
 Djalma Fortuna
 Jozé M. Reis Perdigão } Comissão de
 Djalma Vasconcelos } revizão

Assinatura anual 1\$000

As assinaturas terminarão sempre em dezembro.

«O Ateniense» será enviado à imprensa mediante permuta.

«O Jornal», e fazia parte da Academia Maranhense de Letras e ainda de outras agremiações locais.

A' dezolada viuva e inditozos orfãos, «O Ateniense» apresenta sentidas condolencias.

João V. Ribeiro

Há 6 anos que o temos aqui ao nosso lado, sempre o mesmo companheiro fiel que nunca dezanimo. Sofrendo conosco as agruras que passamos ou compartilhando prazenteiro dos nossos louros, ele é sempre o mesmo irmão—alegre, folgazão e batalhadôr. Nunca o dezanimo logrou aninhar-se no recesso do seu espirito positivamente superior, esse mesmo dezanimo que a tantos dos nossos companheiros tem prostrado vencidos no caminho árduo da nossa tarefa nobilitante, posto que injenté.

A Sociedade «Rio Branco» deve ao João Vitor uma grande parte da sua existencia, porque tudo quanto diz respeito ás lutas do espirito encontra nêlé o mais acendrado dos apóstolos.

Aparelhado superiormente para os grandes surtos do intellecto, o nosso Camonilo é um dos moços da nova geração que mais teem elevado os nossos creditos de Athenas brasileira, quer na imprensa, onde batalha e tem largo campo de ação, desde 1907, como na cathedra, preparando novas leções para o cultivo intellectual e ainda na tribuna, onde nós tem dado a ouvir discursos e conferencias de real valor e distinto proveito.

Irberio, ao par de ser um orador futurozo, de larga discortínio e perfeita dição, é um poeta simples e prometedor, cheio de sentimentalismo e arte, como o atestam plenamente «Patria» (belissimo sonêto) e outras inúmeras produções poeticas que por si sós engrandecem o seu nome.

Onde, porem, o espirito creadôr deste escôrreito prozador de matizes sempre novas e estilo caprichozamente castiço, se revelá mais amplo e admiravel é na sua soberba creação poetica «Os Ateniadadas», versos camoneanos e cheios de arte que encantam e empolgam.

Ai o nosso genial Camonilo, parodiando arrojadamente «Os Luziadas», dá-nos ao fino sabor os seus versos impecaveis e limpos, ora applicando-os com fino humorismo aos fatos da actualidade, salpicando-os com a graça hilariante do seu espirito franco, ora revestindo-os da austeridade pompoza de quem quer falar ás massas!...

Melhor do que as nossas palavras e mais alto do que o nosso conceito, fala a voz dos leitores de «O Ateniense» que nos leem desde o principio, nos tempos saudosos de «O Canhoto» e aos que ainda não saborearam «Os Ateniadadas», convidamos a fazê-lo, afim de que melhor seja julgado o alto valor do distinto e querido companheiro, cujo apoio inconcusso tanto nos honra e engrandece.

O dia 15 do passado, data do seu natal, veio encher de franco jubilo a todos que aqui trabalham, que lhe fomos levar os nossos estreitos abraços, estendendo as nossas homenajens aos seus dignos pais e virtuozos espoza, nossa illustre consocia, exm.ª sr.ª d. Raymunda de Souza Ribeiro.



Prof. Machado

A mocidade que estuda nunca pôde esquecer o dia 5 de julho, data feliz do natalicio do melhor e mais dezinteressado dos seus amigos, cujo nome venerando e querido é pronunciado por ela como o mais sincero e illustre dos seus padrões de riqueza intellectual. Todos o amamos, porque ele é capaz de todos os sacrificios pela mocidade, todos o veneramos, porque a sua alma candida e a sua palavra carinhoza e boa vêm sempre em defeza das cauza nobres, ele que pela nobre cauza da instrução é e sempre o foi seu mais audaz timoneiro de victoria.

Amigo dos que mais prezamos, mestre dos que melhor se impuzeram á nossa amizade, o prof. Domingos Machado tem nesta cauza, cujos destinos lhe foram entregues em tão luminoso momento, verdadeiros amigos e denodados admiradores das suas virtudes peregrinas e do seu coração bem formado.

A Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», cujo contentamento nesse dia atinge ao auge, muito se orgulha em vendo transcórre a data feliz de 5 de Julho e almêja ao seu digno Presidente, dos mais intimos refolhos dalma, um cordial abraço, franco e sincero.

Coelho Neto

O illustre escritor patricio, Coelho Neto, nosso socio honorario, agradecendo a 80.º edição de «O Ateniense», a êle consagrado, endereçou-nos ás honrozadas linhas que orgulhozamente transcrevemos:

«Rio—6 de Junho de 918. Meus jovens patricios. Para retribuir a vossa gentileza collro a primeira flôr do meu **canteiro de saudades** e aqui vol-a remetto. Com o coração muito agradecido sou vosso patricio, que muito vos quer,—**Coelho Neto**. 79—Rua do Rozo».

«Se foi acautelado o viajante, perdido na savana, recorre á provisão de côca e, mascando-lhe as folhas, consegue diludir a fome e a sede.

«Na travessia longa em que andei peregrino quanta vez me vali de identico socorro!

«Sem gota d'agua e sem miga de alimento, com a fome roendo-me as entranhas e a sede a requemal-as, salvaram-me as folhas da arvore do Paraiso, folhas que se chamam ilusões, entre as quaes desabrocham as flôres da Poesia.

«Ainda que esmarridas não perdem as folhas da côca a sua virtude; as da arvore paradisiaca são umas se as colhemos antes que o sol as creste; outras, se as tomamos á tarde emurchidas.

«Frescas, reçumam esperanza; sêcas, só nos dão o amargor da saudade.

«São destas ultimas as que restam na minha taleiga e, em vez de as enganarem, mais, muito mais me agravam a fome e a sede.

Do Canteiro de Saudades.

Coelho Netto.

Bilhete

ALZIRA,

Já não me escreves mais!
 —Outr ora
 Não passava-se um dia
 Que eu não visse
 Um bilhete de amor,
 Embôra
 Pequeno e ligeiro,
 Sinjelo e perfumado
 Com meiguice,
 Trazendo-me uma flôr!
 E, quando eu recebia
 Essa joia eloquente
 De afeto,
 Punha me a soletrar
 Com alma e coração
 O bilhetinho inteiro,
 Esse objeto
 Onde a ternura casta se espelhava
 R' fletida por ti...
 --Deixava-me ficar
 Completamente
 Entregue á fantasia!...
 Decorava
 Palavra por palavra;
 E, d' pois, lonceamente,
 Repetia
 Sozinho na iluzão,
 Como repito aqui
 Em pensamento ardente,
 A suprema bondade
 Que vem
 Desse olhar, desse riso, dessa boca
 Que muita vez me disse em confissão
 Amar e querer bem!...
 --Como em gozo, querida, recebendo
 Teu bilhete de amor!...
 Já não me escreves mais
 E assim fazendo
 Deixas que eu sofra da saudade
 A dôr!...

Rio.

Hilton Fortuna.

O Ateniense

Orgam da Sociedade Literaria "BARÃO DO RIO BRANCO"

Ano 7.º

Maranhão, 18 de agosto de 1918

Num. 82



O 18 de agosto

Heroicos decorreram esses seis longos anos que hoje se recolhem á eternidade, durante os quaes o corajozo blóco da sociedade literaria «Barão do Rio Branco» sustentou com denodo a pezada laje de um grande monumento.

Heroicos, e porque não ?

Todos nós conhecemos com precisão o desenlace comum que constitue o epilogo de quasi todos os nossos idéaes.

Nos dias que correm, bem se pode chamar de heróes áquelles que com uma responsabilidade como a nossa se arrojam a sustentar uma associaçã de letras, com gigantesco esforço para que ela se não esborde de encontro ao temível fraguêdo da decadencia.

Quando entre nós surjiu a idéa da fundação de um «club» literario, ninguem sonhava com esses espantalhos ordinarios que sempre se postam na estrada acendente do triunfo.

Apenas circulava um entusiasmo geral oriundo dessa influencia tradicional que em tudo se infiltra aos primeiros ensaios.

A mocidade se levantava de um só impulso e assentava numerózos arraiões no vasto campo literário, num arroubo sonhador de loiros e de glórias.

Contando com um pequeno e animozo elemento, fundámos igualmente a nossa tenda, a qual demos o nome immaculado do notavel estadista e primeiro chanceler brasileiro, Barão do Rio Branco.

Iamos tambem cultivar as letras, em busca de um nome, e como propagador da nossa crenga adoptámos «o Canhêto» que desde um ano antes vinha circulando sob feição recreativa.

Estavamos então em 18 de agosto de 1913.

O novo horizonté que começámos a fi-tar logo nos fez chegar á grande realidade.

Aquela influencia que prezidira a primeira investida, foi minguando gradual-

mente e sentimos pezar sobre os hombros o fardo de uma tarefa para cuja execução urjia não dezanimar.

Reduzidos quasi a uma meia duzia de socios vimos enfreitando com denodo a todos os obstaculos e graças a isso a sociedade «Barão do Rio Branco» ainda se pode apresentar no mundo literario.

Já em 1915, buscando melhor interpretar os nossos idéaes, fizemos substituir por «O Ateniense» o nome do nosso jornal, o que de algum modo traduz o ensejo de seguirmos os dogmas tradicionais do nome intelectual que conquistara o nosso torrão.

Era notavel o progresso que então se operava no nosso paladino; quando os efeitos do cataclismo europeu chegaram até nós.

Começamos a encontrar dificuldades, quasi sempre vencidas, na confecção d'«O Ateniense», acarretando isso irregularidade na sua circulação.

Os avanços gigantescos da grande crise elevaram afinal as taxas comerciais, aji-do consideravelmente sobre o papel, órgão principal da circulação dos jornales.

Tem sido essa a cauza primordial dos claros que se têm registado entre as ultimas edições do nosso jornal.

Os recursos financeiros de que dispomos, por maiores que sejam, serão insuficientes para facear o custeio editorial d'«O Ateniense».

Ante esta circustancia rezolvemos interromper oficialmente a sua publicação, prometendo aos nossos amaveis leitores e assinantes dar-lhes edições indeterminadas até que restabelecida a ordem universal possamos dar execução cabal á nossa tarefa.

O mesmo não faremos, entretanto, pelo lado social, pois continuaremos a labutar com afinco, para que se não deslustre a memoria do inolvidavel patriocio, cuja augusta effje hoje publicamos como um pujante incentivo para as nossas pugnas.



Ruy Barbosa

«O Ateniense» sente-se pequeno na estreiteza das suas colunas para render homenagem á figura mais representativa do presente seculo, ao vulto altaneiro que é hoje a personificação mais legitima da nossa garantia nacional, ao iniciador do vôo amplo do Brazil de hoje, e o ponto luminoso donde irradia para nós, brasileiros, como de um novo sol de liberdade, toda a nossa garantia do futuro.

Ao vêr passar o dia do jubileu da Aguiã de Haya, a maior mentalidade da America latina, todos nós, que sentimos nas veias as pulsações heroicas do sangue de Ozorio, Caxias, Falcão, Tiburcio estan-



tos outros heróes da espada e da honra, vibramos de jubilo incontentido, porque incontestavelmente já não é um simples homem quem recebe as nossas ovações aos seus meritos inconfundiveis de talento e illustração, é um genio; um genio que se impoz perante o mundo civilizado como a maior e mais elevada das glorias de um povo, que se deve julgar ufano em o possuir como patriocio e dos mais denodados.

Politico de evoluçã a mais brilhante, jurista mestre dos mestres, tribuno firme e empolgante, parlamentar de rija tempera, diplomata conciente e zelôzo, literato escoreito e castiço, patriota abnegado, ninguem o excede, porque Ruy Barbosa, ao par de todas as qualidades intellectivas que lhe servem de fanal, é sobretudo um patriota de açã ponderada que tem sabido guiar o Brazil em os seus tranzes mais dificeis, collocando-o em proeminente destaque entre os paises cultos do velho e novo continente.

O dia 12 do presente mez marca uma data nacional, porque fazem 50 anos que o brasileiro emerito fez o seu primeiro discurso em prol da grandeza do seu povo; e daí em diante a vida de Ruy Barbosa tem sido uma série ininterrupta de exitos sublimes, sucessos para o padrão ilibado de glorias que brilhantemente lhe aureola o nome e triunfos para o seu Brazil muito amado, cujos filhos lhe trazem no coração como um simbolo relijiozo de honra, civismo e talento.

O Maranhão, como todos os Estados da confederaçã, festejou dignamente o dia do jubileu do insigne patriota que foi o principal propugnador pela entrada do Brazil no cataclismo mundial, entrada já de si tão triunfante, porque assim, cultuando a figura sagrada do maior dos brasileiros vivos, cumpriu para com a Patria o mais lidimo dos deveres.

E se nos fosse dado, a nós, mocos que aqui trabalhamos, beijar de perto as mãos de Ruy Barbosa, nesse dia, fallamos como se estivessemos a beijar o escudo da bandeira do Brazil !

A um artista

Artista, o teu buril empunha rezoluto!
Eis a materia prima: o marmore alvaceito.
—Esculpe co' expressão, revela o sentimento
Dessa tua alma em flôr, desse teu olhar arguto!

—O modelo te falta?—A idéa não te ajuda?
Hezitas de escolher um motivo ao trabalho?
—Então reflêta um pouco antes de dar ao talho
Esse marmore branco.—A natureza estuda.

Penetra pela Historia: aqui demora o olhar;
Ali distende a vista e por tudo medita.
—A fama dos heroes, os loiros de uma dita
Não te emprestam valor para com arte obrar?...

A cada qual, no mundo, é bem diversa a vida;
Ora um fausto desvenda, ora aponta a desgraça!
—Estuda, atentamente, um romance onde a graça
De uns olhos de mulher fez sangrenta ferida.

—Não são do teu feito esses dramas banais?
—Queres erguer mais alto o espirito orgulhoso?
Procura então buscar no circulo misterioso
Das sensações do Alem, as que te agradem mais...

—Es cético e glacial, artista inpenitente,
De informe paladar difícil de entender!
Tudo o que já te expuz não queres conceber
Quedando-te no vago a tudo indifferente!

Não sei que possa dar para que então comeces
Essa obra de valôr, estética e desvelo,
Obra que ao Mundo seja um sublime modelo
De encanto, de conjunto ao nome que mereces.

Confesso-me esgotado em face da exigencia
Do teu imaginar ardente que delira;
Não sei como arrancar, como tirar da lira
O que atraír consiga á tua intelligencia!

O poder de admirar...

(EXCERPTO)

É seguramente uma grande illusão, um como deslumbramento do vosso senso humano o que interrompeu, com a desmedida eclosão espirital do occidente, a obra que se vinha fazendo das profundezas da antiguidade oriental. Não era, aliás, a primeira vez que a arvore symbolica da Biblia fazia desvairar a creatura—e uma creatura, mais que todas as outras, idonea para perder-se, porque é exactamente a que mais se ufana da salvação.

Todo o caracter agnostico da cultura moderna é oriundo dessa illusão em que cahimos e afundamos, desvanecidos de haver apauhado em flagrante, e como de surpresa, uns quantos phenomenos em que vimos logo o fim, em vez de ver os primeiros signaes do universo novo em que vamos entrar.

Disseram-nos então que tudo no passado—no dominio das idéas, das religiões, das philosophias, de toda a vida moral já vivida—nada mais é que pura chimera...

E persuadiram-nos de que só o ignorante admirou, e de que só quem admira é que adora...

Rocha Pombo.

Rio—Julho—918.

...Talha a imagem da Dôr, põe-lhe um cravo no
[peito,
No olhar o pranto acerbo, aos labios um soluço;
Esculpe o sofrimento, e faz livre de embuço
Nos folhos de tua alma o padrão mais perfeito!

—Avante! Estuda bem quanto é grande o sofrer,
E estampa com vigor a inagua que se aferra
Num coração que sofre e nêle agudo enterra
O suplicio, o penar, como brazas a arder!

Si quizeres, porem, vêr um quadro mais vivo,
Em cada porta bate e vai pelos recantos
Onde a miséria lavra, onde fenecem tantos
Filhos de Deus sem pão a que o prazer é esquivo.

—E lá, tú encontrarás feita mulher a Dôr;
E' a mãe que sem poder dar ao filho o conforto
De um pedaço de pão, lança o olhar absorto
Aos céus, na muda prece, e sem mostrar rancôr!

Que imponente expressão, que divina grandeza,
Resplendem nesse olhar dorido que traduz
O pranto de Maria amargo ao vêr Jesus
Morrer sedento e nú, exposto á Natureza!

Dá-lhe toda a paixão de fórte intensidade,
Talha sem hezitar a grande Dôr Materna,
E assim terás a gloria, e assim terás a eterna
Ventura de te impôr, artista, á humanidade!

Rio

Hilton Fortuna.

Si eu quizesse...

Si eu quizesse chorar já não podia,
Não podia chorar, nem que quizesse;
Pois a dôr infinita que em mim crece
Fez que esgotasse o pranto dia a dia.

Nos meus ólhos cavados, si eu pudesse
A lagrima verter, esta seria
De sangue e de saudade; nostalgia
Do tempo que se foi como uma prece!

Foi sonho de ventura o meu passado:
—Vivi, gozei, sorri e agora o fado
Transformou-se mostrando-se revel...

—Tenho nalma o veneno dos amôres,
No peito a cicatriz de muitas dôres
E de beijos nos labios trago o fél.

Rio.

Hilton Fortuna.

Canario

Como eu te invejo, assim, lindo canario
Teu canto desferindo bem trinado!...
Embóra sob o jugo, aprisionado
Do mesmo modo cantas, poeta vário!

—A manhã tem teu chilro abemolado;
Alegrias gorjejar é teu fadario;
E quando desce a noite num sudario
Saltitante; a cantar, não estás cansado!

—Como te invejo assim!—Tristonho e quêdo,
No mundo, peregrino, em meu degrêdo,
Si cantares deslizo: é só de dôr...

—Tú cantas prazenteiro, passarinho;
Eu de saudade soffro eterno espinho...
—Sou recluzo, canario,--tive amôr!

Rio.

Hilton Fortuna.

Lingua portugueza

TRANSFORMAÇÕES SYNTAXICAS

É um estudo que revela quanto é maleavel uma phrase; quantas construeções se pôdem fazer sem alterar o sentido.

Ao mesmo tempo mostra-nos isto a impertinencia de certos professores que só acceitam uma definição, só um modo de dizer ou expressar.

Ao alumno é muito conveniente exercicio que faz a sua penna facil e o habita a uma redacção prompta, aproveitando até uma palavra ou expressão que lhe saía da penna e sabendo completar o sentido, sem riscar, nem alterar.

Tomemos as palavras de Camões:

E as mães, que o som terrivel escutam,
aos peitos os filhinhos apertaram.

Deste trecho fórho os seguintes:

1.º E as mães, *ao escutar* o som terrivel,
aos peitos os filhinhos apertaram;

2.º E as mães, *escutando o som terrivel*,
aos peitos os filhinhos apertaram;

3.º E as mães, *quando escutaram* o som terrivel,
aos peitos os filhinhos apertaram;

4.º E as mães aos peitos os filhinhos apertaram,
porque o som terrivel escutaram;

5.º E as mães aos peitos os filhinhos apertaram,
por ter escutado o som terrivel;

6.º E as mães escutaram o som terrivel
e aos peitos os filhinhos apertaram;

7.º *E aos peitos foram os filhinhos*

apertados pelas mães por quem o som terrivel foi escutado.

O erudito professor Luiz Carlos Pereira de Castro habituava muito os seus alumnos a transformações de phrases, e este jogo de palavras parece-me muito proveitoso.

Bem se vê que fiz completa abstracção de verso.

Vejamos outro exemplo:

«Assim como a bonina, que cortada antes do tempo foi, candida e béla, o cheiro traz perdido e a côr murchada tal está morta e palida donzella, séccas do rosto as rosas e perdida a branca e viva côr com a dôce vida».

1.ª Assim como a bonina, que cortada antes do tempo foi, candida e béla, o cheiro traz perdido e a côr murchada, *assim* está morta a palida donzela, séccas do rosto as rosas e perdida a branca e viva côr com a dôce vida;

2.ª *Qual* a bonina, que cortada antes do tempo foi, o cheiro traz perdido e a côr murchada, tal está morta a palida donzela, séccas do rosto as rosas e perdida a branca e viva côr com a dôce vida;

3.ª Assim como a bonina, *cortada antes do tempo*, candida e béla, o cheiro traz perdido e a côr murchada, tal está morta a palida donzela, séccas do rosto as rosas e perdida a branca e viva côr com a dôce vida;

4.ª Assim como a bonina, que cortada antes do tempo foi, candida e béla, o cheiro traz perdido e a côr murchada, tal está morta a palida donzela com as

rosas do rosto sêcas e com a branca e viva côr perdida com a doce vida;

5.^a Assim como a bonita, que cortada antes do tempo foi candida e bêla, o cheiro traz perdido e a côr murchada, tal está morta e palida donzela; tendo as rosas do rosto sêcas e a branca e viva côr perdida com a doce vida.

Depois de uma série continuada destes exercicios, o alumno terá mais facilidade de redação, penso eu, salvo melhor juizo.

José Augusto Corrêa.

Os Ateniades

Canto Primeiro

LXVIII

As ruas da cidade, então, de gente se apinham, que as seções contenciosas Procura, para dar o concorrente Voto que ha de levar as carinhosas Pelegas, aos varões da alta patente Das duas grandes cazas frutuozas Que leis fabricam á população Desta rizonha e prospera nação.

LXIX

E quando o rei planêta demarcou Do grande dia o meio movimento, Segundo manda a lei, se rejistou O solene e pompôzo passamento Do governo do Estado, ao que ganhou Das mãos do pôvo o nobre provimento, Mas sendo o contramestre da officina (68) Que o vice eleito assumia, determina.

LXX

Chega-se a noite e a densa escuridão Não se opõe ao valente eleitorado, Que se desdobra em grande turbilhão, Pelo interesse intermino levado De conhecer de pronto a apuração Do vigorôzo pleito disputado, Que como extraordinaria loteria Ó triunfo ao mais forte levaria.

LXXI

Tamanha foi a réjia potestade Do partido que a Coelho excomungou Que este mesmo co' a grande validade De seu aureo talento, não logrou Chegar á triumphal prioridade Entre os outros que a chapa abençoou E do partido, assim, no dezabrigio Jurou que lhe daria um bom castigo.

LXXII

Passada essa alteroza travessia Do boqueirão politico, temido, Por um dever da nossa idolatria Ao seu grande talento, apercebido, E por mostrar a intermina valia, Em que na «Rio Branco» o Coelho é tido, Numa sessão de nobre ajuntamento Recebemol-o em gran contentamento.

LXXIII

Tendo o meu calendario ateniiano Um successo notavel omitido, Venho anotar o tranzito silvano Pelo nosso torrão, do destemido Autor do grande livro, dezumano: **Gladios ensanguentados**, o nutrido Relicario onde em glorias se abrazava O soberbo Galiza (69) de alma brava.

LXXIV

Depois de grande fama ter gozado Como autor de aventuras fabulozas, Que em versos relatou ao leitorado Atravez de vizões misteriozas, Sumiu-se o nosso vate deste Estado, Com seu farnel de idéas tenebrozas, E como quem a pensar bem começa, Foi ajustar as molas da cabeça.

LXXV

Pela vida ganhou tal interesse, Que não tardou em abandonar a arte De versejar e, para que tivesse Com que manter-se em toda e qualquer parte, Pediu que o collocasse quem pudesse, E assim, como o afamado Malazarte, Entrou para o telegrafo o maganô E em Maracassumê, foi soberano.

LXXVI

Voltando agora ao plano já traçado Rejisto a cerimonia comovente A que o povo assistio maravilhado, Na praça do quartel, c'a mesma gente Com que em novembro foi, no ano passado, Quando ao Tiro Rondon se fez presente De uma rica bandeira em seda feita, Essa imajem da patria, assaz perfeita.

LXXVII

Como um bravo e sizado miliciano Que bem soubera ser no a pojeu Da campanha em que a furia de Solano (70) Fez cruzar nosso ferro contra o seu, O Aniceto, um valente veterano, Tal como um respeitavel corifeu, Foi portador de um lábaro querido Ao Tiro Maranhense oferecido.

Gamonilo.

(68) Vice-presidente da Republica.
(69) João Batista Gonçalves Galiza, poeta que floreceu no principio do seculo XX.
(70) Francisco Solano Lopes, ditador paraguaio e inimigo do Brazil.

Pajina solta

.....
—E' o mais interessante de todos os que aqui temos, ajuntou Soror Superiora, indicando-me com o dedo uma figura de homem que, acororado a um canto, parecia dormitar, de olhos abertos, fixos. E numa voz de comando, mixto de severidade e doçura:

—Então isto são modos de receber as vizitas?

—Perdão, Irmã, para que incomoda-lo? Não vale a pena... , intervim.

—O sr. não repara, não é assim? desculpava-se ela, não ha maneira de ensinar-lhe as regras da etiqueta. Pobrezito! suspirou, abanando a cabeça num gesto de profunda compaixão. E' sempre assim, sempre.

—Dizia a Irmã, ha pouco, que era o mais interessante...

—Sim. Porque está toda hora a repetir a mesma historia, a unica que conta desde que aqui chegou. Já lá se vão sete mezes...

—A! conta historias?

—Conta. Uma só. E com os olhos meiocerrados, piedozamente voltados para o chão: Uma historia de amor...

—De amor?!

—Vezes muitas tenho ficado a pensar se fala a verdade ou se é apenas mera fantasia do seu espirito alucinado.

A estas ultimas palavras; ergueu-se o louco, de vagar, e veio sentar-se junto de nós, em um banco, olhando-nos, interrogando-nos mudamente.

A sua fisionomia era a de todos os doentes: magra, palida, macerada; os cabelos louros, crespos e revoltos, tinham alguma couza de artistico. Nela, porém, o que atraíam eram os olhos, verdes, parados, cheios de uma doce melancolia, lembrando apostolos e perdões. Adivinhava-se, logo á primeirã vista, que em outros tempos devia ter sido um belo rapaz. As mãos alyas, muito finas, de dedos esguios, eram aristocraticas;

—Ela morreu em maio, quando a natureza toda abotava em flores...

Era o louco quem falava.

—Ouyê? fez a Irmã. Vai agora contar-lhe a sua historia. Começa sempre assim: O sr. é que, talvez, não está disposto a escutã-la...?

Com um aceno fiz compreender á Irmã que sim, que dezejava ouvi-la. Num gesto de extrema gentileza, Soror Superiora deixou-nos então a sós.

O louco continuou:

—... Em maio, o mesmo mez que a viu nacer...

Fixou um momento o chão, como a se recordar, e continuou:

—Era uma noite de luar, a mais linda de quantas já vi, quando vivia. As flores que se abrem á noite quando o sol, rubro de sangue e gloria, anda a pincelar pelo horizonte, como artista incontentavel, cenarios magnificos, as flores enchiam a atmosfera clara de um indefinido perfume que parecia decer do céu, tão fragran-te subia. Era o prezajio da morte que algumas vezes, para afujentar o mau cheiro que se desprende de si, uza perfumar-se tambem com as mais embriagadoras essencias, á semelhança da mancenilha ou dos tumulos adornados de rozas, de cravos, de jasmims...

Fez uma pausa. Estas poucas palavras como que já o tinham cansado. Respirou fortemente. Continuou:

—Ninguém era capaz de pensar que ela se fosse por uma noite assim tão linda, de lua cheia, de astros tão brilhantes que pareciam cada vez mais lustrados pelas brancas nuvens que lá em cima passavam pela altura escampa, açoitadas pela briza.

Como acompanhasse as palavras de um gesto apontando o céu, as mangas de seu chambre deixaram a descoberto um dos pulsos, onde se via uma fina pulseira. Tão depressa quanto percebeu o meu olhar indiscreto, resguardou-o novamente, embaraçado, balbuciando a tremer, como numa desculpa:

—Era dela. Roubei-a do caixão. Pelo amor de Deus, pelo amor da mulher a quem ama, não vá dizer que sou ladrão, não conte... Pelo amor de Deus! O senhor é porque ainda não perdeu uma pessoa amada, não sabe, não pode avaliar... Eu era capaz dos maiores crimes nessa noite.

E erguendo os braços tremulos, mãos crispadas, apunhalando o espaço:

—Eu era capaz de...

Mais não disse. O esforço cançara-o demais. Deixou-se cair no banco, soluçando surdamente, convulsivamente.

No pulso novamente a descoberto, continuava a luziz a pulseira, uma pulseira fina de ouro, em que haviam engastado uns fios de cabelos negros, muito negros, muito sedozos, muito de mulher bonita...

Ruben.

Pequena pajina

Mote:

«Viver contigo é sofrer;
Viver sem ti é morrer».

Gloza:

A vida é só dôr ingrata,
Tudo me aponta o penar;
A magua vibra e arrebatã
Minh'alma triste a chorar.
Não canto mais, que na lira
Acordes não posso ter;
Meu peito, louco, delira:
—«Viver contigo é sofrer!»

Deixa que eu parta, querida,
Pra muito lonje daqui;
Talvez que folgue na vida
Pensando somente em ti...
—Mas, não! — Não posso deixar-te
Na dôr preliro viver;
Deixa que eu lique a adorar-te
—«Viver sem ti é morrer!»...

Hilton Fortuna

“O Ateniense”

LITERARIO, HUMORÍSTICO E NOTICIOZO

S. Luiz—Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão

Domingos A. Machado—Presidente
 Joaquim Luz—Vice-Presidente
 João Vitor Kibeiro—1.º Secretario
 Estér Fortuna Pires—Tezoureira
 Jozé Zoroastro Vieira—2.º Secretario
 Jozé Padua Fortuna—Bibliotecario
 Djalma Fortuna }
 Jozé M. Reis Perdigão } Comissão de revisão

Vizões ou vizadas?

Francamente, Jozé Leopoldo, você não se arreceia das más consequencias do que escreve, tanto assim que, no ultimo numero da «Revista», nos mandou umas linhas sem nexos, completamente desorientado, como que dezejózo de fugir ao dever de tratar, com seriedade, sobre coisas sérias.

Você, Zé, perdeu uma boa ocasião de ficar calado.

Escreveu uma lenga-lenga: Demorei! Muita ocupação! Cheguei! Aqui estou! Vou ler escritores sagrados! (leia sozinho; nós agradecemos, mas não aceitamos esse meio para nos formar). Até logo!

—Que disse você, Leopoldo, depois de tão longo repoizo?

—Qual é o seu ideal tão grande, tão alto, tão seguro, que renega proteções?

Fic-se nas leituras de escritores sagrados, sem procurar quem lhe ministre os ensinamentos rejuvenecedôres do espirito e veja onde irá esboroar-se o seu ideal gigantesco e a sua ferrenha vontade.

Você diz não precizar de proteção, basta termos vontade. Resta saber se você não precisará de proteção para aprender a ter vontade.

Ouçá, Jozé: nós temos dito que os intellectuaes não nos prestijiam, mas no dia em que eles a tal se dispuzerem, aceitaremos, contentes, o seu prestijio; e você, deve também aceitar as suas lições, porque esta vontade que você aproga suficiente para a sua jornada, é uma vontade que só lhe tem impedido a fazer tolices.

Acha você que só nós encheremos regresso moral intellectivo nas pugnas da mocidade. Não seja ingrato e mordaz; não julgue os seus leitôres injenuos e tólos! Aquêl seu ultimo artigo não é uma prova irrefutavel, um libelo palpitante desse regresso moral intellectivo a que aludimos e que tanto nos deve apavorar, a nós da Atenas?!

Se você tivesse, como nós, o dezejo de que os seus defendidos intellectuaes se interessassem pela nossa vida literaria, pelo nosso ideal, e nos acompanhassem os passos; si tivesse, realmente, como disse, quem lhe aconselhasse, quem, lendo o relendo as suas produções as corrigisse; sempre, não encontraria um só que lhe permitisse a publicação daquilo.

E' que você, Zézé sobre ser ingenuo, é teimozo!

Você, antegozando a vitoria pelo nosso silencio, quanto as suas «tantolojias», «psycologia», «psyquico», atirou-nos a quélas reticencias de... era uma vez...

O! Zuca, não seja assim; si lhe prome-

temos voltar ao assunto, porque duvidou de nós, com tanta impaciencia?

—Admirou-se você como estando nós sem idéas, podemos contar as impressões recebidas no nosso excitado passeio á praça Gonçalves Dias.

Idéas, Zezinho, não são impressões. Há entre as duas expressões, e o que elas representam, quazi um abismo; e você, desconhecendo-o, atirou-se dezastramente nêle.

Um homem pôde não ter idéas, como você, Jozé, mas lhe é permitido impressionar-se, ainda como você se impressionou, e tanto, com as nossas inocentes e despretenciozas vizões, que entrou a tresvariar perdida e lamentavelmente.

Não é de cauzar estranheza, pelo simples fato de estarmos sem idéas para concepções intellectuaes, o modo por que chegamos á praça; foi êle o mais simples e natural possível. *pedes calcantes*.

Você decerto não se vai impressionar novamente com este latinzinho de aljibeira, mas é que foi mesmo caminhando o pizo longo da rua Rio Branco, que você certamente tem palmilhado muitas vezes, bem a contra gosto, é verdade, mas... que diabo! os electricos não chegam...

Limitando-nos ás nossas fantazias esmaeciadas, nunca tivemos a estulta mania de analizar os trabalhos bons ou máus da «Revista» ou de quem quer que seja. Não temos pretensões a criticos. Você, entretanto, Zé, esquecendo-se do proloquio antigo, «sapateiro a tocar rabecão», meteu-se a tocar... queremos dizer: apontar defeitos nas nossas vizões, e depois—santa e ouzada ignorancia—dissertar sobre psicolojia, do que não tem, talvez, sequer uma pequena noção. Você, Zé, como nós, não é um psicologo, perdão! sabemos que a tal não se arrogou, mas quiz alardear uma sabençazinha, talvez colhida, imperfeitamente, numa palestra rapida e alcandorada de doutos. Felizmente, para nós, e, infelizmente, para você, não foi bem sucedido na estréia.

Aconselhamos-lhe paciencia e lhe asseguramos a nossa sincera comizeração!

O! Jozé, para que se afoita assim?

Si você tivesse procurado um tratado de psicolojia, um só, de Herbert Spencer ou Th. Ribot, Condillac ou Hermanu Lotze, Malebranche ou Wundt, em vez de confiar dezastradamente na sua sabença, ou mesmo se conhecesse, de rapida leitura de almanaque, uma definição, uma só, de psicolojia, não teria cometido a imperdoavel cecidade de se atirar, sem boia nem salvavidas e sem saber nadar (o que é mais lamentavel) a um pélogo tão agitado e misteriozo, onde tem sossobrado tanta mentalidade vigorosa, como é a psicolojia.

Diz Cousin definindo-a: «*La psychologie est le comte que l'on se rend à soi-même de se que se passe dans l'âme, dans la conscience, que est la scène visible de l'âme*». Ora si tem você, meu caro Leopoldo, uma definiçãozinha que, se a conhecesse, não teria cometido a tolice que perpetrou.

—Que conta vae você prestar agora da sua alma, Zéca, do seu espirito, «da parte mais vizivel» do seu eu, depois de tê-lo exposto a ridiculo tamanho, com o fim unico de atemorizar-nos com duas ou trez referencia pseudas dogmaticas e

dois ou trez termos que você, injenuamente, julga, talvez, transcendentaes?

—Quer você um conselho, Jozé? Atire-se á leitura dos escritores sagrados. Compre um catecismo que é o *ba—ba* da religião. Mas, procure um professôr, e pague-lhe adiantadamente, porque aquêl cortejo luzido que lhe aconselha, que «lê e relê as suas produções e corrige-as, sempre», não se condõe, ao menos por espirito de humanidade, de lhe entregar á irritação.

Não provoque mais, Jozé, quem nunca se apercebeu da sua vida e quem sempre admirou o esforço e a abnegação da «Revista», com a sua pleiade de sonhadôres do grande ideal de vermos na Atenas atual a mesma fulguração de sempre. Não faça mais estas investidas de cavalleiro andante a cata de aventuras.

—Sim? Você promete não nos perturbar mais?

Prometa, Zequinha, seja rozoavel!

Justino Léssa

Por cauza do nosso despretenciozo artigo sobre Antonio Lobo, inserido n'«O Ateniense» ultimo, publicou a nossa veneranda coléga quotidiana, a «Pacotilha» uma localzinha entestada por um apavorante e burguez—Pela Verdade—.

Refere-se a injenua local ao ponto do nosso trabalho em que afirmamos que Antonio Lobo foi o principal promotôr da fundação da officina dos Novos e arrogantemente reclama essa honra insigne, ao illustre escritôr Fran Paxêco, abroquelando-se, para justificar-se de tal exigencia, em alguns trechos dos *Novos Atenienses* do Mestre.

Fôra de duvida é que Fran Paxêco foi o incentivadôr incançavel e ardorozo da mocidade luzida daquele tempo, mas, por modestia, cuidadosamente ocultava o seu nome; a Antonio Lobo, porém, não menos entuziasta e não menos ardorozo, pouco se lhe dava de aparecer como tal.

Com séde na Biblioteca Publica, a Officina estava pois acolhida sob o tecto do grande templo do saber, de que Lobo era então diretôr. Ele, carinhosamente franqueou aquêl estabelecimento. Os recursos materiaes em coisas literarias, aqui em nossa terra, são o problema principal.

O ser promotôr não vae só em idéa-la, consiste em fornecêr ou angariar meios para a execução e bom êxito da idéa. E Antonio Lobo hondozamento os forneceu.

Não dissemos nós que foi élé o unico promotôr, e se o taxamos de principal, é porque aqui em Atenas, onde as idéas proliferam êxuberante e espantozamente, só é principal quem tem alguma coisa mais que ideas.

Em verdade estamos nós a gastar tinta, papel e tempo, pois de nada aumenta ou diminué a gloria do Mestre Antonio Lobo, o ter sido ou não principal fundadôr da Officina dos Novos; em todo o eazo sempre é bom mostrar a gente, a quem nos importuna com puerilidades maliciozas, que não andamos ás apalpadelas e que conhecemos o terreno em que pizamos.